



- Aminuddin Mohammad -

مُحَمَّدٌ  
رَسُولُ اللَّهِ  
وَسَامِعٌ  
بِأَمْرِ اللَّهِ

# Muhammad

O Mensageiro de Deus



- Aminuddin Mohammad -

# Muhammad

## O Mensageiro de Deus

apoio cultural:



**CENTRO DE DIVULGAÇÃO DO ISLAM PARA AMÉRICA LATINA**

Caixa Postal 242 - CEP: 09725-730

São Bernardo do Campo - SP - Brasil

Fone: (055) 11 - 4122 - 24 00 / Fax: (055) 11 - 4332-2090

e-mail: [cdial@islambr.com.br](mailto:cdial@islambr.com.br)

Portal: [www.islambr.com.br](http://www.islambr.com.br)

Está é uma publicação do departamento religioso do Centro de Divulgação do Islam Para América Latina, que tem como objetivo educar, esclarecer e divulgar a crença, a prática e os ensinamentos da religião Islâmica.

Editor Responsável  
Ziad Ahmad Saifi

Produção Editorial  
Editora Makkah

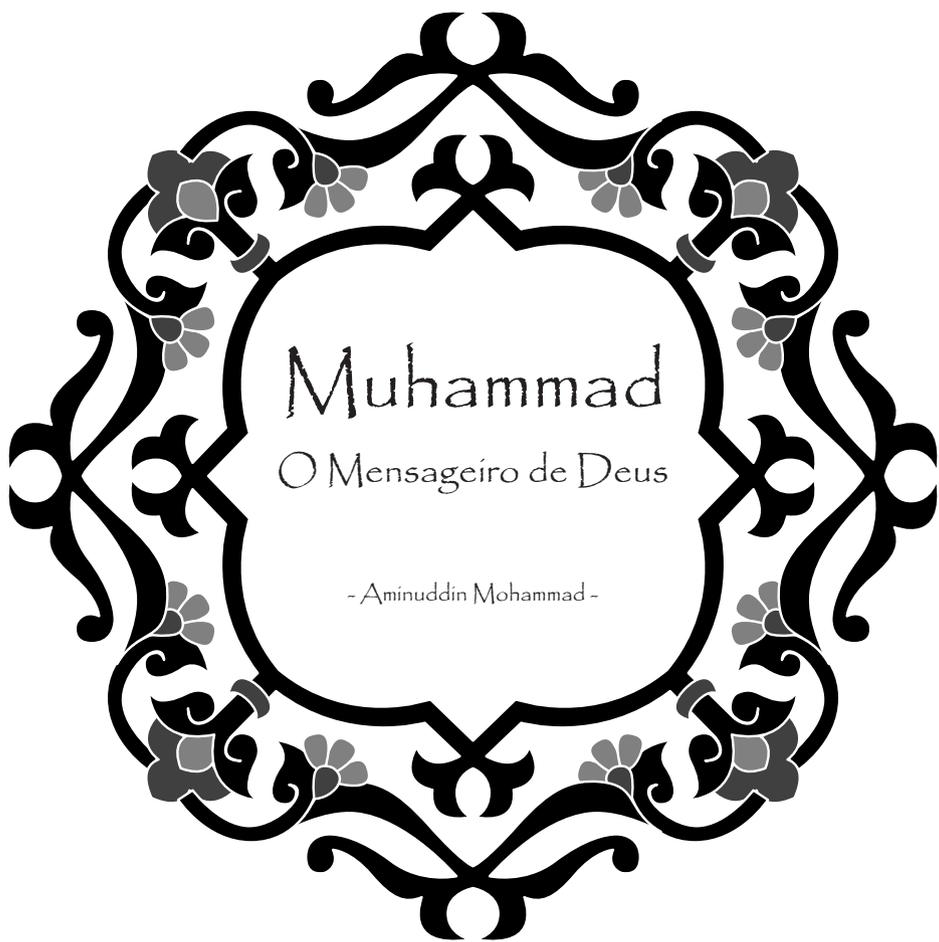
Projeto Gráfico e Capa  
Editora Makkah



EDITORA MAKKAH

2012  
IMPRESSO NO BRASIL





Muhammad

O Mensageiro de Deus

- Aminuddin Mohammad -

## APRESENTAÇÃO

Louvado seja Deus, que com as Suas dádivas concretizam-se as virtudes e atesto que não há nenhum exceto Deus.

Deus, o Senhor Supremo, depois de criar o *Bani Adam* (ser humano) enviou vários Profetas e Mensageiros e todos eles tinham como missão principal transmitir os princípios de *Din* (fé) e orientar os homens, na sua Prática. Deus lembra-nos que: Não houve nenhum povo para quem Ele, Deus, não tenha enviado um Mensageiro.

E para encerrar este ciclo de Profetas, Deus enviou o Seu último Mensageiro Piedoso, o Profeta Muhammad, para salvar a humanidade do fogo do Inferno.

Portanto, Muhammad - a paz e bênção de Deus estejam com ele - dedicou toda a sua vida, em solteiro como em casado, antes e depois de receber a profecia, como esposo ou pai, dentro ou fora de Masjid (Mesquita, em árabe), como líder e companheiro, mesmo em campo de batalha e perante o inimigo, ao cumprimento das obrigações para com o seu Senhor, este que nos diz: Tendes vós no Mensageiro de Deus o melhor exemplo.

Desejo nesta obra registrar os meus mais profundos agradecimentos ao meu irmão e, amigo, o Eminentíssimo Sheikh, Qari (indivíduo que instruiu-se na leitura do Sagrado Alcorão) e Hafiz (indivíduo que tem todo o Sagrado Alcorão memorizado) Aminuddin Mohammad, natural de Moçambique, e graduado pelas universidades de Teologia Islâmica de Karachi em Paquistão e de Madinah (Medina) na Arábia Saudita, homem de fé e figura destacada na vida cultural dos Muçulmanos de Moçambique e Portugal, bem como o meu reconhecimento para a apresentação pela primeira vez desta obra, que será sem dúvida um registro de notável apreciação, cujo contributo inestimável irá preencher a lacuna que se faz sentir na literatura islâmica em língua portuguesa.

Escrever não é uma tarefa das mais fáceis. E no caso presente quando se trata de componentes da Constituição Islâmica, cuja base assenta no Alcorão e Hadith, as dificuldades se agigantam numa maneira espetacular.

Estou esperançoso que Deus dará ao autor um espírito superior e mais coragem de continuar o difícil e honroso trabalho de publicar, com o intuito de levar a cabo a grandiosa missão de divulgação para o engrandecimento do nosso Din.

Encerro como iniciei: em nome de Deus rogando que conceda graça, oferecendo a Sua Bondade, a Sua Generosidade e as Suas Dádivas e que a Sua Bênção caia sobre o meu irmão Aminuddin, o homem que merece todo o nosso respeito.

***Assalaamu 'alaykum warahmatullahi wabarakatuh***

(Que a Paz, as bênçãos e a misericórdia de Deus estejam sobre vocês)

SHEIKH ABUBACAR H. M. ISMAEL

Secretário-Geral do Conselho Islâmico de Moçambique

Maputo, 24 de agosto de 1987.

## PREFÁCIO

Começo em nome de Deus que enviou os profetas e Mensageiros para guiarem a humanidade e mostraram a homens e mulheres, ricos e pobres, de todas as raças, um caminho fácil, sem tortuosidade, simples e reto para chegarem até Deus, assim como para dirigirem uma vida verdadeiramente feliz e cheia de paz neste planeta.

E que infinitas bênçãos e saudações estejam com o último Profeta, o selo dos Profetas, MUHAMMAD, a respeito de quem Deus diz no Alcorão:

***“Dize: Se verdadeiramente amais a Deus, segui-me; Deus vos amará e perdoará as vossas faltas, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.”*** (3:31)

Sem seguirmos o caminho dele não é possível chegar a Deus; por isso Deus diz:

***“Realmente, tendes no Mensageiro de Deus um excelente exemplo para aqueles que esperam contemplar Deus, deparar-se com o Dia do Juízo Final, e invocam Deus frequentemente.”*** (33:21)

Bênçãos também para os seus familiares e discípulos que o seguiram com grande devoção e demonstraram a todo o mundo que o êxito está no seguimento do caminho dele e que, qualquer outro caminho só dirige à destruição e ruína.

Este trabalho da Biografia do Profeta Muhammad destina-se a esclarecer a grande maioria dos muçulmanos de expressão portuguesa, em especial jovens, acerca da vida de um Homem que, no momento conturbado dos nossos dias; deve servir de exemplo a “todos os que chamam a si mesmos muçulmanos.

Notei que o muçulmano reivindica crer e seguir a Muhammad, mas ou nada sabe a respeito dele ou muito pouco.

Ler a biografia do Profeta Muhammad é necessário e indispensável para todos os muçulmanos. Porque é uma aplicação prática do Islam, que hoje é a crença de um bilhão de homens aproximadamente, habitando vastas áreas deste nosso planeta, em todos os continentes, mesmo nas mais distantes ilhas.

Por isso hoje é inadmissível para alguém, particularmente muçulmano, não ter conhecimento sobre Muhammad e a religião que ele veio pregar. A vida de Muhammad encontra-se gravada na história como jamais homem algum teve.

O leitor poderá conhecer através deste livro, a realidade inteira do Islam que não é só uma filosofia mas sim um código de vida completo e poderá ver as

provas dá veracidade da Profecia de Muhammad, adicionadas com frequentes citações da Bíblia.

Tentei resumir o máximo possível, porque para escrever sobre a biografia toda do Profeta Muhammad precisamos de vários volumes; o Profeta Muhammad é um modelo para todo muçulmano; falando de Muhammad como Profeta e chefe de família, como administrador, líder, marido, pai, amigo, adorador, general, comerciante, vizinho, enfim não há aspectos da vida em que ele não nos tenha guiado.

As qualidades distintas que os Profetas anteriores possuíam individualmente, achamos todas elas, coletivamente, inseridas na pessoa de Muhammad.

O sucesso extraordinário que Muhammad teve na sua missão durante a vida, nenhum outro Profeta antes dele teve, mesmo sem enfrentar tanta resistência; toda a sua vida foi uma guerra contra os descrentes; mas mesmo assim todas as batalhas foram vencidas por meios naturais e por sua personalidade gloriosa; os seus grandes inimigos, finalmente, entraram todos para o Islam.

Vou citar aqui um Americano cristão chamado Dr. Michel H. Hart, autor do livro “The 100 ranking of the most influential persons in history” em que juntou os cem maiores homens do mundo por ordem de mérito e, apesar de ser cristão, colocou Muhammad como primeiro maior homem do mundo.

E outro filósofo Inglês George Bernard Shaw diz: “Eu deduzi acerca da fé de Muhammad que ele será aceito no futuro como está sendo aceito hoje em dia pela Europa. Os eclesiásticos medievais, ou por fanatismo, pintaram o Mohammadanismo (ISLAM) com as mais negras cores. Eles foram de fato instruídos para odiarem tanto Muhammad como homem como a sua religião; para eles Muhammad era anticristo. Eu estudei esse homem extraordinário, e em minha opinião, longe de ser um, anticristo, ele deve ser chamado “O SALVADOR DA HUMANIDADE”. Eu acredito que se um homem como ele assumisse o poder do mundo moderno, teria sucesso em resolver os problemas do mundo, que teria a tão ambicionada paz e felicidade”.

Para terminar agradeço a Deus por me ter dado força e coragem na preparação deste nobre trabalho, e agradeço, também, sinceramente a indispensável e valiosa contribuição de todos aqueles que, com os seus esforços tornaram realizável este trabalho.

Que Deus o aceite de nós e nos recompense da melhor forma; e beneficie a todos aqueles que o leiam, de forma a seguir-se os passos deste grande Profeta Muhammad (S), Amém.

AMINUDDIN MOHAMMAD

Lisboa , Rabi' Al-Awwal, 1408. (Novembro, 1987)

## O MUNDO EM GERAL

Um pouco antes da profecia de Muhammad, todos os países, estavam totalmente degradados, política, religiosa e moralmente. Todos os aspectos da vida estavam corrompidos e necessitavam de uma reforma geral.

### ASPECTO POLÍTICO

Os séculos seis e sete d.C. foram um período de ditaduras, perturbações e anarquias. Certas famílias ocupavam o poder das nações cujas constituições, em vez de estarem baseadas na justiça, assentavam na injustiça, exploração e corrupção. Os governos eram formados à base da força e a aniquilação total dos opositores era considerada perfeição política. Quase todo o mundo estava envolvido nisso, como por exemplo: Pérsia, Império Romano, China, Índia, etc., cuja consequência natural eram as guerras civis, a anarquia e a desordem.

### CONTEXTO MORAL E SOCIAL

Neste aspecto também o mundo estava muito por baixo. A sociedade, ao dividir-se em várias etnias, raças, castas, etc., perdeu a sua força conjunta. As doenças morais fizeram do homem um corpo sem alma; enquanto um grupo gozava a vida, desfrutando de todo tipo de privilégios, o segundo era alvo da opressão dos governos, e preso nas correntes da escravatura, forçado a passar uma vida pior que a de um animal. Enfim, a corrupção, a desorganização e a opressão estavam espalhados por todo lado.

**O REGIME GOVERNANTE:** O grau mais importante da sociedade humana era a dos componentes do regime; os ricos e os príncipes. Podia-se depositar alguma confiança nesse nível de pessoas para utilizar a sua influência e poder, a fim de minimizar os males da sociedade. Mas, infelizmente eram eles mesmos os autores e cabecilhas desses males sociais.

Eles é que faziam as leis que lhe conviessem, achavam-se superiores às leis e só pensavam no luxo pessoal e na vida de burguesia. O sacrifício não era para eles. Por exemplo, o rei da Pérsia «Cosroes» tinha muitas mulheres e muitos cavalos de raça pura, ouro, joias e todo o tipo de luxo, difícil de imaginar. O seu palácio era alguma coisa de extraordinário.

Os impostos eram insuportáveis e geraram a luta de classes; os privilegiados pensavam que todo bem era seu direito. Para isso faziam leis para privarem os outros; e, automaticamente, criaram-se classes que ainda hoje existem em

certos países e, no caso particular da Índia, onde até os empregos já estão definidos. Ninguém podia mudar a sua profissão e para a sua conveniência até diziam que estas classes foram estabelecidas divinamente. Por exemplo, na Índia, «os brâmanes» podem cometer qualquer tipo de crime, mas eles nunca podem ser condenados à morte.

Se alguém da classe superior cometer adultério com uma mulher da classe inferior, isso não é considerado crime; se alguém da classe baixa bater na da classe superior, devem ser cortados os seus órgãos; se insultar, deve ser cortada a sua língua. Dizem que algumas pessoas foram criadas a partir da boca de Deus, que são os «brâmanes», para serem autoridade religiosa; outros a partir dos braços de Deus, que são os «Kshatrias» para combaterem (exército e polícia); outros a partir das pernas de Deus, que são os «Vaishiyas» para serem agricultores; outros a partir dos pés de Deus, que são os «Shudras», que não têm profissão definida. Estes são os ensinamentos dos hindus que se encontram no seu livro «MINU SHASTAR».

## ASPECTO MORAL

Moralmente estavam muito em baixo; na Pérsia não havia restrições nas relações sexuais, haviam movimentos que consideravam o casamento proibido, deixavam as suas próprias filhas e irmãs em casa para relações sexuais, e achavam que todas as mulheres eram lícitas para o homem.

Bebiam até embriagarem-se ao máximo e depois não distinguiam a mãe, irmã, filha, etc., tendo relações com todas.

## A MULHER

A mulher não era considerada na sociedade; não a tratavam por igual, era só um objeto de prazer. Uns matavam as filhas; na Arábia, enterravam-nas vivas; noutras partes queimavam viúvas vivas, as mulheres nem podiam ler livros religiosos. Os homens casavam quando queriam, divorciavam-se delas quando lhes apetecia e casavam com o número de mulheres que queriam. Na Grécia fechavam as mulheres em casa; nas igrejas cristãs tomavam as mulheres como irmãs, isolando-as da vida prática.

Na “Enciclopédia Britânica” existe o estatuto legal da mulher na civilização romana. “Na lei romana a mulher era completamente dependente; se casasse, a sua propriedade passava para o poder do marido. A mulher era uma mercadoria adquirida pelo marido; e como escrava, adquirida só para o seu be-

nefício; a mulher não podia exercer nenhuma função pública ou civil, não podia ser testemunha, avalista, professora, curadora, não podia adotar nem ser adotada, nem podia fazer testamento ou contrato”.

Mesmo na lei inglesa a situação da mulher não era nada famosa; ela era privada dos seus direitos básicos.

Só no ano 1870 a situação começou a melhorar relativamente; até hoje, a mulher no ocidente, ainda continua a lutar pelos seus direitos. No Islam o caso já não é assim. O Islam ensina que a origem do homem e da mulher é da mesma essência, possuem a mesma alma, e que, foram equipados com capacidades iguais para os méritos intelectuais, espirituais e morais, e considera os direitos da mulher sagrados.

## **ASPECTO RELIGIOSO**

Antes da profecia de Muhammad, as religiões que existiam no mundo em geral eram o Cristianismo, o Judaísmo, o Budismo, o Hinduísmo, o Magismo (Xamanismo; Ocultismo), e o Zoroastrismo (adoradores de fogo).

Os persas adoravam o fogo e acreditavam que o mundo estava sob controle de dois deuses, deus do bem e deus do mal. A influência destes ia da Pérsia até às fronteiras da Índia. O cristianismo era praticado pelos romanos. Havia sempre guerras entre estes dois impérios que eram considerados as superpotências de então. A última das guerras entre eles foi a que está mencionada no Alcorão, capítulo “Ar-Rum” (os Romanos).

O Hinduísmo era praticado na Índia e à sua volta. O Budismo era praticado na Índia, Tibete e no sul da Ásia.

O Judaísmo não tinha um local concentrado.

O Cristianismo e o Judaísmo já estavam deturpados. Portanto, no século sete d.C., na superfície da terra não havia nenhum povo que podia ser considerado justo. Não havia governo cuja base fosse a justiça, não havia religião que fosse autêntica.

## **OS ÁRABES - NA ERA DA IGNORANCIA**

Há várias razões a respeito da nomeação desse povo por árabes. Os linguistas são de opinião que arab e árabe quer dizer “ser eloquente”. Como os

árabes, com a sua eloquência, orgulhavam-se e inferiorizavam os outros, por isso chamavam a si «arab» e a outros povos do mundo «ajam» mudos.

Alguns são de opinião que arab era nome do filho de Qahtan, identificado com o Joctan Bíblico, descendente direto de Sam, filho de Noé. Depois quando Ismael e a sua mãe se radicaram em «Paran» e aparecer o poço de ZAMZAM, e os filhos de Jurham radicaram-se nessa região, então a descendência de Ismael foi conhecida por «arab». Outros são de opinião que a palavra Árabe era derivada de Arabah, que na língua semítica significa deserto, e, como a maior parte da Arábia é deserto, por isso chamam a todo o território de «árabe». Há também outros motivos para esse povo ser chamado «Árabe».

## ASPECTO GERAL DA ARÁBIA

Um olhar para o mapa antigo convencerá o leitor que a península conhecida por Arábia - a maior península do planeta - ocupa uma posição única em relação aos outros continentes. Arábia está situada na Ásia, mas mesmo assim só o estreito mar vermelho separa-a da África, enquanto que pelo canal de Suez se está no mediterrâneo e na Europa, portanto está quase no centro dos três continentes.

Contudo está situado à parte destes. Está cercada de mar por todos os lados exceto uma faixa estreita de terra ao norte. No oeste tem o mar vermelho, o Oceano Índico ao sul e a sueste o golfo Pérsico e o Eufrates ao noroeste. Os Árabes chamam-lhe «JAZIRATUL-‘ARAB» que significa literalmente «A Ilha Árabe». Mas, esta terra cercada por todos os lados pela água exceto ao norte, não tem rio nenhum. A sua superfície é de um milhão e setecentos mil quilômetros quadrados, encontra-se atravessada no meio pelo trópico de câncer.

As civilizações e Impérios antigos prosperaram na Pérsia, Egito e em Roma mas, eles nunca pensavam em conquistar toda a Arábia; a causa do desinteresse pela Arábia estava no fato de, com exceção da província do Iêmen e algumas aldeias situadas em Najd e Hijaz, que tinham terra fértil, serem desertos, montanhas e vales sem condições agrícolas, ou então, só cultiváveis quando havia água de chuva, e quando essa água secasse a população tinha que emigrar para outra zona. A maior parte das pessoas viviam nas tendas e eram nômades.

Houve antigamente alguns reinos em Iêmen como o reino de «SABÁ», assim como consta no Alcorão capítulo «SABÁ» e na Bíblia capítulo 10 no «primeiro livro dos reis», cujos vestígios ainda existem em «MARIB»; O principal vestígio é a grande barragem de «MARIB» que ruuiu no Ano 543 da era cristã;

atualmente apenas subsistem os contrafortes de 18 metros de largura, e o reino de «HIMIAR».

Mas naquela época o sistema tribal predominava na Arábia toda.

O meio de transporte vulgar era o camelo. Mesmo assim nesse deserto Deus construiu, para sempre, a casa espiritual para toda a humanidade; - a «Ka-aba» em Makkah (Meca) - o centro de atração, o centro de abnegação, o centro de amor, o centro de união humana e de espíritos Divinos.

O clima da Arábia é extremamente seco, com exceção em algumas zonas costeiras e locais com água; a tâmara é a fruta principal e a sua população dedica-se mais ao comércio.

## A LÍNGUA

O que distingue a Arábia de todos os outros países do mundo é a língua árabe, uma das línguas do grupo semita. O latino e o grego por exemplo, são altamente inflexíveis, mas o árabe não só é flexível mas tem outra particularidade, que muitas línguas não possuem; no árabe todas palavras, exceto as partículas, os nomes próprios, os nomes dos pássaros, dos animais e das coisas para os quais só pode haver uma palavra, são derivadas de uma base que podem ser moldadas para expressarem todo o tipo de significado que pela base pode expressar.

Deste modo, a língua árabe permite uma imensa expansão sem qualquer aumento na sua base e pode expressar-se numa palavra o que as outras expressam em duas, três ou quatro palavras. Parece que os árabes ao terem pouca agricultura e poucas construções, dedicaram toda a sua energia na construção e desenvolvimento da sua língua.

Poucos historiadores prestaram atenção para a enorme influência da língua árabe na vida dos povos da Arábia, fator de grande importância em todos os assuntos que dizem respeito aos árabes.

## RELIGIOES DA ARÁBIA PRÉ-ISLAMICA

Antes do Islamismo as pessoas na Arábia estavam totalmente perdidas. Uns eram ateus e sobre eles o Alcorão diz:

*“E dizem: Não há vida, além da terrena. Vivemos e morreremos, e não nos aniqui-*

*lará senão o tempo! Porém, com respeito a isso, carecem de conhecimento e não fazem mais do que conjecturar.” (45:24)*

Outros acreditavam na existência de Deus mas, negavam a ressurreição. A respeito desses o Alcorão diz:

*“E Nos propõe comparações e esquece a sua própria criação, dizendo: Quem poderá recompor os ossos, quando já estiverem decompostos? Dize: Recompô-los-á Quem os criou da primeira vez, porque é Conhecedor de todas as criações.” (36:78-79)*

Outros acreditavam em Deus e na ressurreição, mas negava a profecia e os profetas. Eles pensavam que os profetas não podiam ser humanos, mas sim anjos. A respeito desses, o Alcorão diz:

*“E dizem: Que espécie de Mensageiro é este que come as mesmas comidas e anda pelas ruas? Por que não lhe foi enviado um anjo, para que fosse, junto a ele, admoestador?” (25:7)*

*“Que foi que impediu os humanos de crerem, quando lhes chegou a orientação? Disseram: Acaso, Deus teria enviado por Mensageiro um mortal?” (17:94)*

Mas em geral a maioria era idólatra, embora não acreditassem que as imagens e os ídolos eram deuses, diziam que eles eram a via para chegarem a Deus, assim como acreditam os cristãos (católicos) de hoje.

*“Não deve, porventura, ser dirigida a Deus a devoção sincera? Quando àqueles que adotam protetores, além d’Ele, dizendo: Nós só os adoramos para nos aproximarem de Deus. Ele os julgará, a respeito de tal divergência. Deus não encaminha o mendaz, ingrato.” (39:3)*

Eles tinham vários ídolos para várias ocasiões e para cada tribo. Por exemplo o ídolo “Laat” estava em Taif e era adorado pela tribo Saqif; “Uzzaa” estava em Makkah e era adorado pelas tribos Qurayshi e Kinanah; “Manaath” estava em Madinah e era adorado pelas tribos Aus, Banu Khazraj e Banu Ghassan. Assim havia outros como “Wadd”, “Suwa’”, “Laghusa” e “Lauqa”. O maior ídolo era o “HUBAL”. Estava colocado em cima do terraço da Kaaba, e era invocado pelos Qurayshitas na época da guerra. O fundador da idolatria na Arábia foi Amr Bin Luhai, cujo nome genuíno era Rabiah Bin Harissa. A conhecida tribo Khuza’a da Arábia é da sua descendência.

Uns historiadores acham que a idolatria começou antes, ele apenas foi a

pessoa que introduziu ídolos na Kaaba.

(Vide pormenores sobre idolatria no livro “Al-Milal Wan-Nihal”).

## CRENÇA EM DEUS

Apesar de serem idólatras, os árabes reconheciam, ao mesmo tempo, que Deus é o Criador.

*“E se lhes perguntas: Quem criou os céus e a terra e submeteu o sol e a lua? Eles respondem: Deus! Então, por que se retraem?” (29:61)*

*“Quando embarcam nos navios, invocam Deus sinceramente; porém, quando, a salvo, chegam à terra, eis que (Lhe) atribuem parceiros.” (29:65)*

A Kaaba que tinha sido construída para ser utilizada para adoração de um só Deus, tornou-se num centro de idolatria. Já tinham sido colocados nela 360 ídolos, um ídolo para cada dia do ano lunar e tinham feito também imagens de Jesus e Ismael para serem adorados. Além de ídolos também adoravam os astros, especialmente a lua.

Igualmente havia muitos adivinhos, bruxos, curandeiros, astrólogos, que reivindicavam saber o passado e o futuro das pessoas. Faziam sempre mau augúrio do corvo cuja presença pensavam ser a causa de separação, por isso em árabe o corvo chama-se “ghuraab” e a partir daí chamam à viagem “ghurbah” e ao viajante “gharib”. Achavam que por causa do corvo a pessoa separava-se e viajava; também faziam mau augúrio da coruja. Pensavam que a voz da coruja causava a morte e desertação. Quando morria alguém, os seus familiares batiam as suas próprias caras, puxavam e arrancavam os seus cabelos, as mulheres descobriam os cabelos, deitavam areia por cima deles e assim seguiam o funeral. Por exemplo, na Índia, em luto cortam os bigodes, a barba e o cabelo. Os árabes antes do Islamismo chamavam as mulheres e pagavam-nas para chorarem em voz alta. Depois do enterro punham a mesa e davam de comer a esses que participaram. Com o Islamismo acabou-se tudo isso, mas infelizmente os costumes resultantes da ignorância ainda continuam entre alguns muçulmanos. Comemora-se o 3.º, 10.º, 40.º dia, 6 meses e um ano com comidas.

Também acreditavam muito nos demônios, gênios e espíritos; matança das filhas e jogos de azar. Estas coisas e a superstição não estavam só na Arábia mas em toda a parte, no Império Romano, Pérsia, China e etc. Em resumo, quando o Profeta chegou, o mundo estava afogado na escuridão, não havia orien-

tação nenhuma, e Deus para orientar o mundo escolheu o ponto de partida a Arábia e daí expandiu a orientação (luz) para todo o Mundo.

## **PORQUÊ A ARABIA E NAO OUTRO PAÍS PARA O ÚLTIMO PROFETA?**

A melhor resposta para essa pergunta é:

**1.º** - Em qualquer parte do globo em que aparecesse o último Profeta, essa pergunta subsistiria. Porque tinha que aparecer só num local e numa região, então, outros automaticamente privavam-se da sua presença.

**2.º** - Quase todos os outros países conhecidos do mundo, pelo menos uma vez, tiveram a oportunidade de progredirem e chegarem ao topo e até colonizarem outros povos direta ou indiretamente à base da sua ciência, tecnologia e civilização. Portanto, se o último Profeta aparecesse num país além da Arábia, que já tivesse colonizado outros, então, a missão desse Profeta não teria tão grande sucesso, porque pensar-se-ia que isso também é uma manobra para se impor acima dos povos colonizados, pelo poderio da língua árabe.

Portanto, para o Profeta ser uma orientação completa, teve de ser numa língua perfeita, e num país que nunca fora colonizado nem colonizara os outros, e isso tudo aplica-se a Arábia. Por isso, Deus escolheu a Arábia, porque os árabes eram indiferentes e neutros; para eles, todos os países eram iguais.

Quando saíram para difundir a religião da Espanha até à China todos para eles foram iguais; e como a civilização árabe nunca tinha evoluído nem demonstrado o seu valor verdadeiro, esta religião Universal tornou-os, de repente, na mais civilizada Nação - culta, servindo-se de guia dos povos em todos os aspectos da vida, e isso tudo, foi através da Religião Islâmica.

## **OUTRAS RELIGIÕES NA ARABIA ANTES DO ISLAM**

Do Cristianismo, Judaísmo e Magismo, não se sabe ao certo quando é que entraram na Arábia, mas a verdade é que já estavam divulgados entre algumas tribos, mesmo em Makkah. Por exemplo, «Waraqah Bin Nawfal» já lia o evangelho em Hebraico e algumas tribos como Rabia já tinham convertido quase todo a Madinah e Khaybar para a sua Religião. As narrações dos adeptos do livro já eram vulgares em Makkah, onde quando era revelado alguma parte do Alcorão ao Profeta Muhammad, uns diziam:

*“Bem sabemos o que dizem: Foi um ser humano que lhe ensinou (o Alcorão a Mohammad). Porém, o idioma daquele a quem eludem tê-lo ensinado é o persa, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe.” (16:103)*

Mas o Alcorão repudiou esta suspeita deles. Havia também uns que eram “Hanifes” e que não adoravam os ídolos; acreditavam num só Deus, e reivindicavam seguir Abraão.

Apesar de existirem todas estas religiões - Cristianismo, Judaísmo, Magismo e outras - nenhuma delas trouxe qualquer reforma na sociedade árabe; as bebidas alcoólicas, os jogos de azar, o enterro de meninas vivas, o casamento com as próprias irmãs, a poligamia sem limite, o adultério, a imoralidade e todas as maldades estavam a ser praticadas, não só na Arábia mas quase em todo o mundo. Portanto, nesta situação, será que não havia necessidade duma iluminação da parte de Deus para os tirar da escuridão?

## **PARTICULARIDADES DOS ÁRABES**

Apesar destas corrupções existentes em todos os aspectos no seio do povo árabe, havia dentro deles certas qualidades boas também.

### **GENEROSIDADE**

Generosidade não quer dizer dar alguma coisa de comer ao pobre depois de já estar satisfeito, mas, generosidade quer dizer, a pessoa própria ficar com fome e dar a outro de comer, e julgar que isso é um êxito para ele como se à tivesse alcançado o seu objetivo.

Por exemplo, uma passagem de Hatim, chefe da tribo «Tai», muito conhecido por sua generosidade, ele só guardava duas coisas: arma e cavalo, o resto oferecia aos outros.

Uma vez num inverno, aconteceu que havia fome na sua casa. Ao anoitecer, quando as crianças dormiam, apareceu uma senhora com seu filho e disse ao Hatim que ela e o seu filho estavam esfomeados e que, como já era meia-noite, nem ela, nem o filho conseguiam dormir devido à fome.

Mal a mulher acabou de falar, Hatim levantou-se, foi degolar o seu querido cavalo, acendeu lume e deu a faca à mulher dizendo-lhe: come tu e o teu filho. Ao mesmo tempo, chamou todos os pobres e disse-lhes que foi degolado um cavalo e, portanto, que viessem comer.

A esposa de Hatim conta que, num instante toda a carne tinha acabado, restando apenas os ossos. Mas, Hatim, sua mulher e filhos continuaram com fome, conforme estavam antes, não chegando a tocar nem um bocado da carne.

Há muitas outras passagens da generosidade dos árabes. Orgulhavam-se e concorriam para essa generosidade. Eles não degolavam cabritos, ovelhas ou galinhas porque isso para eles não tinha valor nenhum, com a exceção dos camelos. Outra particularidade dos árabes era a valentia, homens de palavra, pois detestavam quebrá-la, eram guerreiros bravos.

## DESCENDENTES DE ISMAEL

Os historiadores árabes dividem os árabes em três grupos: 1° - Árabe Baida; 2.°, Árabe Ariba; 3.°, árabe Mustariba.

1 - Árabe Baida, era todo o grupo descendente de Laz, filho de Sam, filho de Noé; era dividido em tribos Ad, Thamud (que o Alcorão mencionou), Tasm, fudais, entre outros. Temos muito pouco conhecimento a respeito de Árabe Balda.

2 - Árabe Ariba, eram considerados os árabes puros, descendentes de Qahtan. Era o povo de Iêmen e dos Ansar. Na altura do nascimento do Profeta Muhammad, os filhos das tribos de Qahtan eram dos mais fortes. Ainda hoje a maior parte da população da Arábia é descendente de QAHTAN.

3 - Árabe Mustáriba. Quando Ismael se radicou em Makkah, à volta daquele Santuário vivia a tribo Banu Jurham que era árabe e Ismael casou-se nessa família. Por conseguinte, os filhos que nasceram daí foram conhecidos por Árabe Mustariba (povoadores, colonos). Estes eram árabes da parte da mãe, não do pai, porque o pai Ismael não era árabe, aprendeu a língua árabe ao conviver com a família da mulher. Neste momento a maior parte dos árabes são descendentes deles. O Profeta do Islam e mesmo a história do Islam, está totalmente ligada a essa última corrente, pois o Profeta Muhammad é descendente de Ismael, filho de Abraão através de Qedar e a doutrina que o Profeta Muhammad divulgou é a mesma que divulgou Abraão conforme diz o Alcorão:

*“Credo de vosso pai, Abraão. Ele vos denominou muçulmanos.” (22:78)*

## COMO ABRAÃO CHEGOU A ARABIA?

Há quatro mil anos havia um rei próspero na terra agora chamada Meso-

potâmia. A língua lá falada não era árabe, mas sim um tipo de pérsico antigo. As pessoas adoravam ídolos. Nessa altura, nasceu lá uma criança chamada Abraão, descendente de Noé. O pai dele chamava-se Azar (Ezra), que era carpinteiro, escultor e fabricante de ídolos. Mas o filho não seguiu o caminho do pai, rejeitou adorar os ídolos e astros, porque sabia que tudo isso estava submetido a outro poder Superior, e ídolos não falam, não ouvem e não comem.

Deus quis fazer dele Patriarca da Religião Verdadeira, Religião essa que Deus refere no Alcorão:

*“Credo de vosso pai, Abraão. Ele vos denominou muçulmanos.” (22:78)*

A missão de Muhammad é a continuidade da Doutrina de Abraão, unir os cristãos e judeus debaixo da Bandeira do Islam (submissão voluntária a Deus). No Alcorão constam estas palavras:

*“Disseram: Sede judeus ou cristãos, que estareis bem iluminados. Responde-lhes: Qual! Seguimos o credo de Abraão, o monoteísta, que jamais se contou entre os idólatras.” (2:135)*

*“E quem rejeitaria o credo de Abraão, a não ser o insensato?” (2:130)*

*“E quando o seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou, disse-lhe: “Designar-te-ei Imam (chefe) dos homens.”” (2:124)*

Foi este, Abraão, que foi obrigado a abandonar a sua terra Natal, assim como relata o Alcorão:

*“E menciona, no Livro, (a história de) Abraão; ele foi um homem de verdade, e um profeta. Ele disse ao seu pai: Ó meu pai, por que adoras quem não ouve, nem vê, ou que em nada pode valer-te? Ó meu pai, tenho recebido algo da ciência, que tu não recebeste. Segue-me, pois, que eu te conduzirei pela senda reta! Ó meu pai, não adores Satanás, porque Satanás foi rebelde para com o Clemente! Ó meu pai, em verdade, temo que te açoite um castigo do Clemente, tornando-te, assim, amigo de Satanás. Disse-lhe: Ó Abraão, porventura detestas as minhas divindades? Se não desistires, apedrejar-te-ei. Afasta-te de mim! Disse-lhe: Que a paz esteja contigo! Implorarei, para ti, o perdão do meu Senhor, porque é Agraciante para comigo. Abandonar-vos-ei, então, com tudo quanto adorais, em vez de Deus. Só invocarei o meu Senhor; espero, com a invocação de meu Senhor, não ser desventurado.” (19:41-48)*

Quando o Rei soube o caso de Abraão, mandou chamá-lo, assim como

relata o Alcorão no cap. 2 verso 258:

*“Não reparaste naquele que disputava com Abraão acerca de seu Senhor, por lhe haver Deus concedido o poder? Quando Abraão lhe disse: Meu Senhor é Quem dá a vida e a morte! retrucou: Eu também dou a vida e a morte. Abraão disse: Deus faz sair o sol do Oriente, faze-o tu sair do Ocidente. Então o incrédulo ficou confundido.” (2:258)*

Um dia, Abraão, na ausência do povo, foi ao Templo e partiu os ídolos todos para provar ao povo, em prática, que os ídolos não têm poder nenhum. O Alcorão relata esta passagem: - Cap. 21, verso 51 até 71:

*“Anteriormente concedemos a Abraão a sua integridade, porque o sabíamos digno disso. Ao perguntar ao seu pai e ao seu povo: Que significam esses ídolos, aos quais vos devotais? Responderam: Encontramos nossos pais a adorá-los. Disse-lhes (Abraão): Sem dúvida que vós e os vossos pais estais em evidente erro. Inquiriram-no: Trouxeste-nos a verdade, ou tu és um dos tantos trocistas? Respondeu-lhes: Não! Vosso Senhor é o Senhor dos céus e da terra, os quais criou, e eu sou um dos testemunhadores disso. Por Deus que tenho um plano para os vossos ídolos, logo que tiverdes partido... E os reduziu a fragmentos, menos o maior deles, para que, quando voltassem, se recordassem dele. Perguntaram, então: Quem fez isto com os nossos deuses? Ele deve ser um dos iníquos. Disseram: Temos conhecimento de um jovem que falava deles. É chamado Abraão. Disseram: Trazei-o à presença do povo, para que testemunhem. Perguntaram: Foste tu, ó Abraão, quem assim fez com os nossos deuses? Respondeu: Não! Foi o maior deles. Interrogai-os, pois, se é que podem falar inteligivelmente. E confabularam, dizendo entre si: Em verdade, vós sois os injustos. Logo voltaram a cair em confusão e disseram: Tu bem sabes que eles não falam. Então, (Abraão) lhes disse: Porventura, adorareis, em vez de Deus, quem não pode beneficiar-vos ou prejudicar-vos em nada? Que vergonha para vós e para os que adorais, em vez de Deus! Não raciocinai? Disseram: Queimai-o e protegei os vossos deuses, se os puderdes (de algum modo)! Porém, ordenamos: Ó fogo, sê fresco e poupa Abraão! Intentaram conspirar contra ele, porém, fizemo-los perdedores.” (21:68)*

No mesmo capítulo, versículo 71 a 73, consta: “E o salvamos, juntamente com Lot, conduzindo-os à terra que abençoamos para a humanidade. E o agradecemos com Isaac e Jacó, como um dom adicional, e a todos fizemos virtuosos. E os designamos Imames (líderes), para que guiassem os demais, segundo os Nossos desígnios, e lhes inspiramos a prática do bem, a observância da oração, o pagamento do Zakat, e foram Nossos adoradores.”

Ele saiu e foi a Palestina radicando-se lá, e depois foi para o Egito acompanhado de sua esposa Sara, e lá foi bem recebido pelo Rei do Egito que depois ofereceu-lhe várias prendas e uma senhora chamada Hagar.

Ele voltou para o Egito, os dias estavam passando. Sara era estéril. Ele não tinha filhos e precisava de alguém para continuar a sua missão de pregar o Monoteísmo.

Orou a Deus para lhe dar um filho justo, assim como diz o Alcorão, cap. 37, versículo 100: “Ó Senhor meu, agracia-me com um filho que figure entre os virtuosos! E lhe anunciamos o nascimento de uma criança (que seria) dócil.” Portanto, ele casou-se com Hagar e Deus deu-lhe um filho chamado Ismael. Assim como diz a Bíblia também:

*“Sara, mulher de Abraão, não lhe havia dado filhos. Mas ela tinha uma escrava egípcia chamada Hagar.” (Gên. 16:1)*

Ora Sara mulher de Abraão, não lhe gerava filhos, e ele tinha uma serva egípcia, cujo nome era Hagar.

E na cronologia do livro de Gênesis, Deus fez uma promessa importante a Abraão, antes de ele ter qualquer filho; Gên. 12, 1-2-3.

*“O Senhor disse a Abraão: ‘Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu te vou mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra.’”*

E no mesmo livro de Gênesis, capítulo 16, diz que Sara deu a Abraão a serva Hagar para ser sua mulher, na esperança de ela gerar filho para Abraão.

*“O anjo do SENHOR disse: “Olha, estás grávida, darás à luz um filho e o chamarás Ismael, porque na tua aflição o Senhor te escutou.” (Gên. 16: 11)*

Os catorze anos seguintes Ismael era o único filho de Abraão. Segundo Gênesis, Ismael, assim como toda a casa de Abraão, foi circuncidado ainda antes do nascimento de Isaac. Participou assim na primeira aliança de Deus com um grupo humano restrito, aliança de circuncisão. Várias promessas de Deus dizem-lhe respeito. Depois do nascimento de Ismael e antes do nascimento de Isaac, foi repetida a promessa de Deus de abençoar as famílias do mundo através de Abraão.

*“De minha parte, esta é a minha aliança contigo: tu serás pai de uma multidão de nações.” (Gên. 17:4)*

E quando Abraão era de cem anos teve uma boa surpresa, a primeira mulher Sara gerou-lhe outro filho, Isaac. Gên. 21-5.

A Bíblia conta-nos que por causa de inveja, Sara pediu ao seu marido Abraão, para expulsar Ismael e sua mãe Hagar; então, ele foi pô-los no deserto de “Paran”, Gên. 21-21.

## ONDE É PARAN?

Em geral os geógrafos árabes são unânimes que Paran é nome da montanha de Hijaz, (vide “Mujamul-Buldan” que está bastante claro neste aspecto).

E o antigo testamento; sobre o local onde Ismael se radicou diz:

*“Seus filhos habitavam desde Hévila até Sur, em frente ao Egito na direção de Assur. Assim, Ismael estabeleceu-se em frente de todos os seus irmãos.” (25:18)*

Aqui fala-se da terra que está em frente do Egito e essa só pode ser a Arábia, isto porque no Evangelho e no antigo testamento fala-se mais dos filhos de Israel e tentam marginalizar e ignorar os filhos de Ismael. Quase que nem falam deles ou então dão referências não muito claras, mas em verdade chegamos à conclusão de que Hagar e seu filho radicaram-se na Arábia. Aí não há dúvida porque nenhum dos Israelitas, incluindo Jesus, tinham a ver alguma coisa com “Paran”.

Muhammad foi o único da descendência de Ismael através de Qedar que se radicou no Deserto de Paran, Muhammad foi o único Profeta através do qual os árabes receberam a revelação na altura em que as trevas tinham coberto o mundo.

Através dele Deus resplandeceu Paran, e Makkah é o único local onde a casa de Deus é glorificada, cuja alusão encontra-se em Isaías, e foi Muhammad que veio com dez milhares de santos cuja alusão encontra-se no Deuteronomio. Em toda a história não há outro evento deste tipo exceto quando da conquista de Makkah pelo profeta, quando entrou com dez mil seguidores seus vindos de Madinah e reentrou na «Casa da Minha Glória» em Makkah resplandecendo-a desde o monte de Paran.

O Novo testamento, cuja origem os cristãos atribuem a Deus, clarifica na Epístola de S. Paulo aos Gálatas.

*“Com efeito, está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. Mas o filho da escrava nasceu segundo a carne, e o filho da livre nasceu em virtude da promessa. Esses fatos têm um sentido alegórico, pois essas mulheres representam as duas alianças. A primeira, Hagar, que vem do monte Sinai, gera filhos para a escravidão: Hagar representa o monte Sinai, que se encontra na Arábia, mas corresponde à Jerusalém atual, que é escrava com os seus filhos.”*  
**(Gálatas 4:22 até 25)**

Como houve muitas deturpações na Bíblia, não se sabe ao certo qual o texto original, mas o que está claro é que S. Paulo chama Hagar ao monte Sinai. Se ela não tivesse radicado na Arábia, então não havia razão nenhuma de lhe chamar monte Sinai da Arábia.

Portanto a promessa que Deus fez de abençoar os descendentes de Abraão foi concretizada, através de Isaac, segundo filho de Abraão. Dele vieram os Profetas Israelitas, incluindo Jacob, José, Moisés, David, Salomão e Jesus, o último Profeta Israelita. O cumprimento desta promessa através dos Profetas Israelitas é evidente.

Agora, vamos ver se essa promessa foi cumprida através da descendência de Ismael, o 1º filho de Abraão, ou ainda está por ser cumprida?

Primeiro deve ficar bem claro que Deus não contraria a Sua promessa e nem esquece, de acordo com o Alcorão:

*“Meu Senhor jamais Se equivoca, nem Se esquece de coisa alguma.”*  
**(20:52)**

Portanto, baseando nisso só há duas possibilidades:

- 1.º - Que essa promessa que também inclui os Israelitas já foi cumprida.
- 2.º - Ou então ainda está por ser cumprida.

E bem sabido que dos descendentes de Ismael chegou o último Profeta do Monoteísmo, Profeta Muhammad (S), cujos seguidores constituem quase um quinto da população total do mundo, em todos os países, mesmo nas ilhas mais distantes.

Depois de Deus abençoar os descendentes de Isaac, os israelitas possuíam a liderança espiritual por vários séculos, seguidas de muitas rebeliões e lapsos contra Deus. Foi-lhes dada da parte de Deus uma última oportunidade através da missão de Jesus, o último Profeta israelita. Mas, quando Jesus também foi rejeitado, estava já na hora de Deus cumprir a Sua promessa para com a descendência de Ismael, por intermédio da missão do conhecido Profeta Muhammad, descendente de Abraão através de Ismael. Esta mudança da Profecia e Liderança espiritual para os filhos de Ismael trouxe a perfeição da promessa que Deus fez a Abraão de abençoar as famílias do mundo através dele, o Patriarca do Monoteísmo.

*“E quando o seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou, disse-lhe: “Designar-te-ei Imam dos homens.” (Abraão) perguntou: E também o serão os meus descendentes? Respondeu-lhe: Minha promessa não alcançará os iníquos.” (2:124)*

Isto é uma prova suficiente para demonstrar a ligação entre os Grandes Profetas: Abraão, Isaac, Ismael, Moisés, Jesus e Muhammad.

Não se percebe como os leitores da Bíblia não compreendem isto.

As deturpações e más interpretações da Bíblia são responsáveis desta situação. Muitos teólogos bíblicos para excluírem Ismael dessa promessa dizem que ele não era filho legítimo porque nasceu da escrava, mas este argumento não tem base moral lógica nem nos textos das versões bíblicas, porque como já citamos no Gênesis 16, 3 onde diz que Hagar era mulher de Abraão, e, por ser escrava, não a impede de ser mulher legítima. Se eles acham que ela não era verdadeira mulher então pergunta-se, que tipo de mulher era?

Portanto se Hagar é mulher de Abraão não há questão da legitimidade do filho Ismael. Até porque a própria Bíblia considera-o sempre de Abraão e filho dele.

*“Mas também do filho da escrava farei uma nação, por ser descendência tua.” (Gên. 21:13)*

*“Hagar deu a Abrão um filho. Abrão pôs o nome de Ismael ao filho que Hagar lhe deu.” (Gên. 16:15)*

*“Abrão tinha oitenta e seis anos quando Agar deu à luz Ismael.” (Gên. 16:16)*

Embora Hagar fosse escrava, isso não impedia nem afetava os direitos e privilégios do seu filho Ismael. Essa discriminação é contra a moral humanitária e natureza universal da Revelação acarinhada por qualquer crente, e Deus não vai castigar uma criança inocente porque a sua mãe é escrava. Que tipo de justiça Divina é essa? Ainda mais quando se diz (na Bíblia) que a Sara invejava-os e disse ao pai para os expulsar, portanto eram caprichos de Sara.

Mesmo a Bíblia, na Gên. 21:18, diz claramente a respeito de Ismael:

*“Levanta-te, toma o menino e segura-o pela mão, porque farei dele uma grande nação”*

E grandeza para Deus, não é só em número, mas na fé, crença espiritual e liderança religiosa.

## **QUEM FOI O SACRIFICADO ISMAEL OU ISAAC?**

A Bíblia, apesar de já estar toda deturpada e alterada de acordo com os caprichos e interesses pessoais, e por isso eles já tiraram todos os versículos que falam sobre Muhammad, mesmo assim há realidades que ainda provam a verdade, e apesar de a Bíblia designar, claramente, Isaac como o sacrificado com o fim de puxarem toda a virtude para o seu lado, mesmo assim temos provas que ele não foi o sacrificado, nem podia ser:

**1°** - Na religião deles conforme a Bíblia, só era sacrificado o primeiro filho ou animal, conforme consta no Números 8:17:

*“Pois é a mim que pertencem todos os primogênitos israelitas, tanto de homens como de animais. Eu os consagrei a mim quando feri de morte os primogênitos na terra do Egito.”*

**2°** - O privilégio e o direito que o primogênito tinha nunca era anulado, como consta no Deuteronômio. 21: 15 até 17:

*“Se um homem tiver duas mulheres, uma amada e outra desprezada, e ambas lhe tiverem dado filhos, e o primogênito for filho da desprezada, no dia em que distribuir os bens entre os filhos não poderá dar ao filho da amada o direito da primogenitura, em detrimento do primogênito, filho da mulher desprezada. Mas terá de reconhecer por primogênito o filho da mulher desprezada, dando-lhe porção dupla dos bens, pois este é o primeiro fruto de seu vigor e a ele pertence o direito da primogenitura.”*

**3º** - Quando Deus ordenou a Abraão para sacrificar o filho, pôs a condição de sacrificar o filho que fosse único e querido. Gênesis 22:2:

*“E Deus disse: “Toma teu filho único.”*”

Os judeus acrescentaram depois disso “Isaac” mas a realidade desmente isso, porque Isaac nunca foi o único filho. E é conhecido que Isaac nasceu depois de Ismael, assim como diz a Bíblia. Portanto, ele não era o único filho, mas sim Ismael, o primogênito e único filho até aos catorze anos quando Isaac nasceu, assim como diz a Bíblia, Gên. 16-16. Que Abraão era de 86 anos quando nasceu Ismael, e era de cem anos quando nasceu Isaac, Gên. 21·5. Os judeus por inveja inseriram o nome de Isaac porque senão a virtude passaria para os árabes que são descendentes de Ismael.

Os judeus foram sempre invejosos com Ismael, porque eles sabiam muito bem que a convenção feita por Deus foi com Ismael e com a sua circuncisão foi concluída e selada essa convenção.

Foi por esse rancor que os escribas e doutores da lei judaica corromperam e interpuseram muitas passagens nas suas escrituras sagradas, apagaram o nome de Ismael do segundo, sexto e sétimo versículo do capítulo vigésimo segundo do Gênesis e no seu lugar inseriram o nome de «Isaac» deixando o descrito epíteto «O TEU ÚNICO FILHO GERADO» para negarem a existência de Ismael e para violarem a convenção feita entre Deus e Ismael. Outra prova da Bíblia, de que o sacrificado foi o Ismael e não Isaac: No Gênesis 17,16.

*“Eu a abençoarei e também dela te darei um filho. Eu a abençoarei, e ela será mãe de nações; dela nascerão reis de povos”.*

Portanto, na boa nova do nascimento de Isaac diz que ele será Mãe das Nações, quer dizer que terá uma descendência Grande, como então Deus poderia mandar sacrificar esse filho ainda pequeno que estava destinado a ser Mãe das Nações? Antes de ele ter essa descendência Grande? No Alcorão quando Deus fala da passagem do sacrifício de Ismael, e o cumprimento de Abraão à ordem de Deus, para lhe premiar, Deus anunciou certas coisas, uma delas a boa nova do nascimento de Isaac. Assim como diz o Alcorão:

*“E lhe anunciamos, ainda, (a vinda de) Isaac, o qual seria um profeta, entre os virtuosos. E o abençoamos, a ele e a Isaac.” (37:112 e 113)*

Isso quer dizer que Isaac ainda não tinha nascido e o sacrificado é outro e

não ele, e esse só pode ser o Ismael.

Tudo quer dizer claramente que Isaac viverá e terá uma longa vida até ter filhos, portanto como poderia DEUS contrariar as suas próprias palavras e antes disso mandar sacrificar esse filho? Assim, isto não é virtude de Abraão, sacrificar Isaac, afinal de contas ele já sabia que não ia morrer porque ainda havia uma grande geração que estava para nascer dele, portanto neste caso a ordem de sacrifício nem é teste puro e o que Abraão fez não foi virtude nenhuma.

Teste só foi quando Abraão ao sacrificar teve a certeza de que seu filho iria ficar sem vida mas mesmo assim ele cumpriu essa ordem, e este tipo de versículos estão na Bíblia, como por exemplo:

*“E, dirigindo-se a Deus, disse: “Quem dera que ao menos Ismael pudesse viver em tua presença”. Mas Deus respondeu: “Na verdade é Sara, tua mulher, que te dará um filho, a quem chamarás Isaac. Com ele estabelecerei minha aliança, uma aliança perpétua para sua descendência.” (Gên. 17:18 e 19)*

Porque está na Bíblia que quando Abraão quis sacrificar o seu filho, o Anjo bradou do céu, assim como está no Gên. 22, versículos 15, 16 e 17:

*“O anjo do SENHOR chamou Abraão pela segunda vez, do céu e lhe falou: “Juro por mim mesmo — oráculo do SENHOR — já que agiste deste modo e não me recusaste teu único filho, eu te abençoarei e tornarei tua descendência tão numerosa como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar.”*

Portanto vejam, quando se deu a Boa Nova do nascimento do Isaac, Deus disse logo que a descendência dele seria muito grande. Como poderia Deus dar ordem de sacrificá-lo antes de ele ter essa prometida descendência porque esta promessa de multiplicação da sua descendência foi como prêmio do sacrifício que Abraão fez (a Ismael)?

Está provado, mais uma vez, que o sacrificado foi Ismael e não Isaac, porque era o único, o primogênito, o querido, porque nasceu depois de um desejo ardente de Abraão, por isso é que lhe deu o nome de Ismael, que quer dizer “Deus ouviu”, e ele na altura do sacrifício já tinha atingido a puberdade, e antes do sacrifício nunca se tinha dado a BOA NOVA da multiplicação da sua descendência; e está claro à base da Bíblia, também, que Isaac só teve filhos depois da morte de Abraão, ver Gên. 25:11.

E depois, se o sacrificado fosse o Isaac, uma vez que os judeus são descen-

dentos dele, teriam mantido qualquer recordação em memória disso, mas pelo contrário não têm nada. Os descendentes de Ismael e todos os muçulmanos que são descendentes espirituais dele até hoje ainda comemoram esse sacrifício, durante a Peregrinação. Conforme as tradições Islâmicas, até os chifres da ovelha, que depois foi sacrificada no lugar de Ismael, os árabes tinham conservado, até ao tempo de Hajjaj Bin Yusuf, na Kaaba. Só quando houve um incêndio de grandes proporções é que os chifres também se queimaram, ficando destruídos, e sabe-se que Isaac nunca esteve na Arábia, quem esteve foi Ismael, portanto o sacrificado foi Ismael. Além destas, temos várias provas claras no Alcorão e Hadith que indicam que o sacrificado foi Ismael.

E agora, a versão do Alcorão, em relação à chegada de Abraão e Ismael a Arábia. No Alcorão consta o seguinte:

*“Ó Senhor nosso, estabeleci parte da minha descendência em um vale inculdo perto da Tua Sagrada Casa para que, ó Senhor nosso, observem a oração; faze com que os corações de alguns humanos os apreciem, e agracia-os com os frutos, a fim de que Te agradeçam.” (14:37)*

Quando Abraão estava a deixá-los sozinhos no deserto, Hagar gritou para ele dizendo: onde estás a deixar-nos? A pergunta foi repetida três vezes, mas Abraão não respondeu. Então, Hagar perguntou: Foi Deus que te ordenou para que fizesses isto? Abraão respondeu com um sim. Hagar com muita fé e submissão disse: Então-Ele não nos abandonará. Foi nesta altura que depois de já estar longe e fora do alcance da visão deles que ele fez este du’a (oração) acabado de mencionar. E aqui no versículo diz-se: *“PERTO DA TUA CASA SAGRADA.”*

Isto indica que nessa altura já existia a KAABA, construída por Adão, pela ordem de Deus, mas depois do dilúvio na época de Noé, só restou o sinal e a fundação. Foi, por cima disso que Deus mandou a Abraão construir de novo a KAABA, cuja passagem encontra-se no Alcorão.

Depois de os deixar lá, quando começou-lhes faltar água, Hagar começou a correr entre SAFA e MARWA, duas rochas, à procura de água ou então para ver se havia algum viajante a passar por perto. Depois de correr sete vezes sem êxito voltou para ir ver o filho que estava a chorar e a chutar a terra com os seus calcanhares como é hábito nos bebês quando são deixados de costas. Nesse momento de desespero e morte certa, milagrosamente uma fonte apareceu debaixo dos pés de Ismael, e esse poço, foi e é conhecido por ZAMZAM. Até hoje existe esse poço e milhões de pessoas bebem dele e nunca se acaba. Muitos muçulmanos que tiveram a sorte de ir à Makkah em peregrinação ou em visita tiveram a oportu-

tunidade de ver o poço. Esse lugar foi gradualmente crescendo até que se tornou na mais importante cidade da Arábia, Makkah (falaremos a respeito de Makkah mais adiante).

Muitos séculos depois dos descendentes desse bebê chamado Ismael, filho de Abraão, veio o último Profeta de Deus, Muhammad que nasceu em Makkah, uns cinco séculos depois da missão de Jesus o último Profeta israelita.

É interessante notar que as rochas de Safa e Marwa ainda existem, e os peregrinos correm entre as duas como sendo parte dos rituais da peregrinação, isto é, cumprindo parcialmente em recordação da procura de água pela Hagar, Este acontecimento é do tempo de Ismael, muito antes do nascimento de Muhammad.

Agora, depois da versão Alcorânica, vamos ver a versão Bíblica:

No Gênesis 21-9-21, consta que Sara, a primeira mulher de Abraão, estava com inveja de Hagar e seu filho Ismael, e ela não queria que ele herdasse com seu filho Isaac porque Ismael zombava do filho dela, quando os dois brincavam juntos. Isto foi depois de desmamar o Isaac. Assim, Abraão obedeceu a sua mulher que tinha pedido para os tirar de lá.

*“Mas Sara viu o filho que a egípcia Agar dera a Abraão brincando com seu filho Isaac. E disse a Abraão: “Manda embora essa escrava e seu filho, pois o filho de uma escrava não pode ser herdeiro com o meu filho Isaac”. Abraão ficou muito desgostoso com isso, por se tratar de um filho seu. Mas Deus lhe disse: “Não te aflijas a propósito do menino e da escrava. Atende a tudo o que Sara te pedir, pois é por Isaac que terás uma descendência que levará teu nome. Mas também do filho da escrava farei uma nação, por ser descendência tua.”*

## **O DESPEDIMENTO DE HAGAR E ISMAEL**

*“Abraão levantou-se de manhã, tomou pão e um odre de água, que deu a Hagar e lhe pôs aos ombros. Depois entregou-lhe o menino e despediu-a. Ela foi-se embora e andou vagueando pelo deserto de Bersabéia. Quando acabou a água do odre, largou o menino debaixo de um arbusto e foi sentar-se em frente dele, à distância de um tiro de arco. Pois dizia consigo: “Não quero ver o menino morrer”. Assim ficou sentada em frente do menino e chorava em alta voz. Deus ouviu o choro do menino e, de lá dos céus, o anjo de Deus chamou Hagar, dizendo: “Que tens, Hagar? Não tenhas medo, pois Deus ouviu o choro do menino do lugar onde estás. Levanta-te, toma o menino e segura-o pela mão, porque farei*

*dele uma grande nação". Deus abriu os olhos de Hagar, e ela viu um poço d'água. Encheu então o odre de água e deu de beber ao menino. Deus estava com o menino, que cresceu e ficou morando no deserto, tornando-se um jovem arqueiro. Morou no deserto de Paran, e sua mãe escolheu para ele uma mulher egípcia."*  
**(Gên. 21:14 até 21)**

E à frente, no Gênesis 25, 13 - consta que Ismael gerou doze filhos, um deles chamava-se Qedar. Esta foi a versão Bíblica sobre a saída de Hagar e Ismael da sua casa.

Comparando as duas versões, verificamos que, pelo menos, há três similaridades entre elas:

**1°** - Que Hagar e Ismael foram levados da Palestina para o deserto de Paran (que é na Arábia).

**2°** - Que ela teve falta de água e preocupou-se com a vida do filho.

**3°** - Que ela milagrosamente teve acesso a água que deu ao seu filho coma que salvou a vida dele.

E há também diferenças entre as duas versões. Conforme a versão Islâmica, Hagar e Ismael foram levados por instruções divinas, e não por causa da inveja assim como diz a Bíblia, e foram levados para Makkah e não para Beer Sheba (Bersebá, na atual Israel). E este evento foi antes do nascimento de Isaac, e não depois, enquanto Ismael era bebê.

Se aceitarmos a versão da Bíblia, enfrentaremos sérias contradições, porque está claro no Gênesis 16-16, que Abraão era de 86 anos quando Ismael nasceu, e conforme Gênesis 21:5, era de 100 anos quando Isaac nasceu, isto quer dizer que Ismael era de 14 anos quando Isaac nasceu.

Mas a história no Gênesis 21:14-19 diz-nos que Ismael era bebê pequeno, e ainda de acordo com Gênesis 21:14-19, isto aconteceu depois de desmamentamento de Isaac. E os teólogos Bíblicos dizem que o Isaac foi desmamado aos três anos, logo chegaríamos a conclusão que Ismael era de 17 anos quando foram levados (14+3).

Mas na história no Gênesis 21:14-19, diz que ele era um bebê pequeno. 17 anos é bebê?

E a mãe pode carregar um bebê de 17 anos sobre os ombros? Pelo con-

trário ele é que pode carregar a sua mãe porque já é suficientemente forte.

Ao analisar bem estes versículos e estas contradições chegamos à conclusão que a Bíblia tem algumas veridades mas também já tem adições humanas.

Mas no Alcorão a história está bem clara sem qualquer dúvida, que isto aconteceu quando Ismael era pequeno e Isaac nem tinha nascido e que foram para Makkah pelas instruções divinas. No fim falaremos mais e evidenciaremos a veracidade de profecia de Muhammad.

## MAKKAH

Já se falou que Ismael se radicou em Paran que é na Arábia, precisamente em Makkah.

Makkah é uma grande cidade muito antiga. Mesmo no tempo de Abraão já se dizia Al-Baitil-Atiq, a casa antiga (o nome antigo de Makkah é Baca). Assim como diz o Alcorão:

*“A primeira Casa (Sagrada), erigida para o Gênero Humano, é a de Bakka, onde reside a bênção servindo de orientação à humanidade.” (3:96)*

O mesmo nome encontra-se na Bíblia e também nos Salmos 84 no versículo 16: «O qual passando pelo vale de Baca, faz dele uma fonte».

Aí «Baca» é mesmo Makkah, porque no mesmo capítulo 84, as descrições confirmam isto, onde fala-se de «Altar», que é local de Sacrifício. Ainda hoje existe, e os peregrinos cumprem este dever, e também fala-se na Bíblia, «Bem aventurados os que habitam em tua casa, louvar-te-ão constantemente» e isto só se aplica à Makkah onde Deus, a toda a hora sendo louvado.

O autor do livro «Heroes and heroes Worship» Carloil no seu livro diz que, «o historiador romano Sissles, faz referência a “Kaaba” dizendo que é a mais antiga e mais nobre de todas as casas de culto do mundo, e já existia antes do nascimento de Jesus».

O Alcorão fala numa das partes e diz (Cap. Abraão): *“Num vale inculto”*.

Onde deixou a Ismael e depois de algum tempo construiu a Kaaba conjuntamente com Ismael. Makkah está situado na atual Arábia Saudita, na província de Hijaz.

## A CONSTRUÇÃO DE KAABA

Como já se disse no início, o mundo todo estava envolvido nas trevas, fosse na Europa, Índia, Pérsia, China, etc. Não havia nem uma parte onde a pessoa pudesse invocar somente um Deus.

Quando Abraão falou de um só Deus no Iraque queriam-no queimar vivo e em outros sítios teve que enfrentar grandes oposições. Portanto, havia necessidade de um local simples para ser o ponto de início para a invocação de um só Deus, Único. E o lugar mais adequado para isso era Makkah, (apesar de ser deserto) por ser centro do mundo, (mesmo geograficamente a sua localização, está no centro do mundo). Esse é o motivo que depois da vinda do Profeta Muhammad, Makkah tomou-se a capital religiosa e espiritual dos muçulmanos.

Abraão teve muita oposição, quando falou em um só Deus. Teve de abandonar a sua terra natal, deu muitas voltas, foi à Palestina, Egito e Arábia, locais onde a geração de Sam, filho de Noé, estava espalhada. Depois de viajar por várias cidades, Abraão tomou o rumo das fronteiras da Arábia e Síria.

Radicou o seu sobrinho Lot perto do mar Morto, na Jordânia, o Isaac em Canaã (Palestina) e mais à frente em Paran (Makkah) o Ismael, para estarem longe dos povos tiranos e idólatras, e adorarem tranquilamente um só Deus. Esses lugares eram também pontos de passagem de caravanas, de modo, que podia assim garantir a sua subsistência. A esse respeito a Bíblia diz:

*“O SENHOR apareceu a Abrão e lhe disse: “Darei esta terra à tua descendência”. Abrão ergueu ali um altar ao SENHOR, que lhe tinha aparecido. De lá, deslocou-se em direção ao monte que fica a oriente de Betel, e ali armou as tendas, tendo Betel a ocidente e Hai a oriente. Também ali ergueu um altar ao SENHOR e invocou o nome do SENHOR.”(Gên. 12:7 e 8)*

E, no Gên. 13-3, consta:

*“Do Negueb voltou para Betel, de parada em parada, até o lugar onde tinha acampado antes, entre Betel e Hai.”*

Nestes versículos da Bíblia há duas coisas a notar: “Altar” que é o local de Sacrifício, e “Betel”, conjunto de Betel que é “Baitullah” em árabe (casa de Deus).

Estas duas coisas aplicam-se inteiramente à Kaaba, que é a Casa de Deus

onde há um Altar, local de Sacrifício de animal, como a própria Bíblia diz:

“E Deus disse: “Toma teu filho único, Isaac, a quem tanto amas, dirige-te à terra de Moriá.”” (**Gênesis 22:2**)

Moriá é a palavra deturpada de “Marwa” e também como já se disse antes, que neste versículo a palavra «Isaac» é uma acrescentação dos judeus, para desviarem a virtude dos Árabes para os Judeus.

Portanto, Kaaba é uma casa muito antiga que Deus ordenou a Abraão e Ismael renovarem o seu Edifício, de acordo com o versículo do Alcorão:

*“E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa, exclamaram: Ó Senhor nosso, aceita-a de nós pois Tu és Oniouvinte, Sapientíssimo.”* (**2:127**)

Aqui fala-se que eles, Abraão e Ismael, elevavam as fundações da Casa, isto quer dizer que a fundação já existia, para haver uma casa onde se invoca um só Deus.

O nome de “Makkah” uns acham que é uma palavra da língua da Babilônia ou de Kaldan, que quer dizer casa; isto demonstra a antiguidade da Kaaba, e que outros povos além dos árabes já a conheciam.

## **REALIDADE DE HAJJ**

O sonho que Abraão teve, no qual Deus lhe ordenou sacrificar o seu filho, e ele submeteu-se imediatamente dizendo:

*“Eis-me aqui presente (ao teu serviço) ó meu Deus, não há sócio nenhum Teu, todo o louvor e graça pertencem a Ti”.*

Hoje a Peregrinação é uma recordação disso.

Pode-se considerar que Abraão e Ismael foram os primeiros que tomaram Makkah uma povoação permanente; antes deles a história da cidade não está muito clara, mais do que um local de adoração.

Quando Ismael se radicou lá depois de Abraão já ter regressado e aparecido a água milagrosamente, que é conhecida por ZAMZAM, apareceu uma tribo chamada Banu Jurham na qual Ismael se casou e teve filhos. Uma vez Abraão foi visitar o filho e à sua mãe. Ao chegar a casa dele encontrou-o ausente. Perguntou à mulher sobre o paradeiro do marido e ela disse que tinha ido à caça. Ele per-

guntou se ela tinha alguma comida para lhe oferecer, tendo ela respondido negativamente Antes de Abraão regressar, pediu à sua nora para transmitir esta sua mensagem ao marido: Dá-lhe meus cumprimentos e diz-lhe “que devia mudar o limiar (soleira) da sua casa”. Quando a nora relatou isso ao marido Ismael, ele divorciou-se dela e casou-se com uma moça da tribo Jurham, a filha de Mudar Ibn Amr. Esta segunda mulher de Ismael sabia bem como receber Abraão, seu sogro. Quando ele chegou pela segunda vez encontrou-a, e ao regressar deixou-lhe recado: “dá meus cumprimentos a Ismael e diz-lhe que agora a soleira da sua casa está correta”.

Ismael teve doze filhos desta mulher, assim como diz a Bíblia também, no Gênesis 25-13, 14, 15:

*“Estes são os nomes dos filhos de Ismael, em ordem de nascimento. O primogênito de Ismael foi Nabaiot, depois Cedar, Adbeel, Mabsam, Masma, Duma, Massa, Hadad, Tema, Jetur, Nafis e Cedma.”*

Destes doze filhos a geração de Ouedar é a que se expandiu no Hijaz (Arábia), conhecidos como Arab Mustariba; e da geração dele é que deriva o Adnan. O Profeta Muhammad pertence à geração de Adnan. A genealogia do Profeta Muhammad é a seguinte: Muhammad Bin Abdallah, Bin Abdel-Muttalib, Bin Hashim, Bin Abd Manaf Bin Qusai, Bin Kilaab, Bin Murrah, Bin Kaab, Bin Luwai, Bin Ghalib, Bin Fahr, Bin Malik Bin Nadar Bin Kanana Bin Khuzaima, Bin Mudraka, Bin Ilias Bin Mudar Bin Nazar, Bin Maád Bin Adnan.

Imam Bukhari na sua história prossegue a genealogia até Abraão. Depois da construção da Kaaba por Abraão e Ismael, assim como consta a passagem toda no Alcorão, Ismael continuou a administrar a Kaaba e viveu 137 anos, assim como diz a Bíblia Gên. 25-17.

*“Ismael viveu cento e trinta e sete anos e expirou. Morreu e foi reunir-se a seus antepassados.”*

Nesse período, Makkah já se tinha tornado numa cidade importante e Kaaba um Centro Religioso. De entre todos os filhos de Ismael (que se expandiram pela terra para divulgarem o Monoteísmo) só um, Ouedar, ficou em Makkah e tomou a liderança religiosa da Kaaba, mas o poder político manteve-se na mão de Banu Iurham, família da mãe dele, que mais tarde acabou por expulsar os filhos de Ismael de Makkah.

Contudo, essa liderança também não durou muito tempo, porque apare-

ceu a tribo «Banu Khuza'a» que governou Makkah durante cerca de 300 anos.

Na genealogia do Profeta Muhammad no número 11 ascendente está o Fahr, filho de Malik, que também era chamado Qurayshi. Foi assim que toda a sua descendência foi chamada Quraysh. E uns acham que este título vem de Nadr Bin Kinana que se chamava Quarysh, daí a razão porque os seus filhos se chamavam Quraysh.

Durante estes longos séculos depois de Ismael, quando as pessoas esqueceram os ensinamentos de Ismael, vieram vários Profetas Árabes, como Hud (Éber) da tribo de 'Ad, Saleh (Selá) da tribo de Thamud, Shuaib (Jetro) em Madian, e todos eles chamaram as pessoas para o caminho reto e para a adoração de um único Deus, conforme nos relata o Alcorão, mas ninguém lhes prestou qualquer atenção e rejeitaram-nos, e ,por conseguinte, foram todos aniquilados.

Depois, no século IV da Era Cristã surge Quraysh no mapa como uma tribo, mas até meados do século cinco (5) da Era Cristã eles não tinham influência nenhuma nem na Arábia nem no Hijaz,» até a própria Kaaba estava controlada por Banu Khuza'a, já referenciado antes: Quraysh nem influência política tinha.

Surge no seio dos Quraysh, um senhor chamado Zaid, conhecido por «Qusai» filho de Kilaab e de Fátima Bint Saád. Um dos seus netos foi Hashim, bisavó do Profeta Muhammad. Quando pequeno foi levado pela sua mãe da Arábia para a Síria, daí a razão por lhe ter sido atribuído o título de «Qusai» que quer dizer «muito longe» em árabe. O seu pai faleceu quando ele era pequeno e a mãe casou-se novamente com um homem chamado Rabia Bin Haram.

Uma vez, quando já era crescido «Qusai» disputou com um jovem sírio que o chamou de «estrangeiro». Ele sentiu-se ofendido, foi ter com a sua mãe e perguntou-lhe da sua terra natal, e esta respondeu-lhe, dizendo que ele pertencia à tribo Quraysh que vivia em Makkah.

“Qusai” tinha um irmão mais velho chamado Zahra que tinha ficado em Makkah quando da sua emigração para a Síria com a sua mãe.

Quando «Qusai» foi para Makkah na época de Hajj (Peregrinação) encontrou-se com o seu irmão já cego. Terminou o Hajj e não voltou mais para a Síria preferindo radicar-se em Makkah, onde mais tarde veio a casar-se com uma moça que dava pelo nome de Hubbi, filha do chefe da tribo Banu Khuza'a, chamado Hulail Bin Habshia chefe e responsável pela Kaaba.

Quando este morreu. Qusai tornou-se chefe da Kaaba, hereditariamente. Ao ver isto, outros chefes de Banu Khuza'a não aceitaram que um jovem de Quraysh assumisse a chefia da Kaaba, pois esse cargo era considerado uma honra e o posto mais alto, e eles queriam essa honra para eles próprios.

Por conseguinte, eles não o reconheceram como chefe da Kaaba, e tentaram derrubá-lo. Mas Ousai, que já esperava esta atitude, juntou toda a tribo de Quraysh e ainda pediu ajuda dos familiares da sua mãe na Síria. Daí resultaram sangrentos combates entre eles, até que finalmente trouxeram um mediador chamado Iamr Bin Auf, um conhecido intelectual, que depois de analisar o conflito deu o seu parecer a favor de Qusai. Foi assim que Quraysh conseguiu tomar conta da Kaaba e, deste modo, depois de milhares de anos a descendência de Ismael conseguiu apoderar-se de Makkah politicamente e governá-la ativamente.

### **QUSAI BIN KILAAB (480 D.C.)**

Depois de Ousai tomar todos os poderes políticos e religiosos de Makkah, começou as reformas em Makkah e a construção de residências permanentes; criou seções de recepção e serviço aos peregrinos, construiu o Darun-Nadwa, que servia para local de conferências, reuniões, casamentos e serviços sociais, etc. Em geral administrou muito bem Makkah, até que conseguiu unir o Quraysh, sem ter legislação nenhuma. O que ele dizia era lei, contudo sempre respeitou os costumes e tradições do povo; nunca gostou de se intitular rei, nem usou Coroa.

Gostava de consultar o povo nos assuntos e problemáticas da cidade, por isso construiu Darun-Nadwa. Alimentava os peregrinos gratuitamente durante três dias.

Reconstruiu a Kaaba e impôs taxas para os de Quraysh. Deixou o sistema de idolatria continuar assim como a peregrinação. Foi um grande político. Qusai teve seis filhos, quatro rapazes e duas moças: Abdel-Dar, Abd-Manaf Abdul-Uzza, Abd-Qusai, Takhmar e Bara. Morreu com uma idade muito avançada e foi sepultado em Hajun.

Depois do falecimento de Qusai, o seu filho mais velho Abdel-Dar foi reconhecido como chefe e líder no lugar do pai, mas Abd-Manaf era mais popular, respeitado e competente. Por isso quando Abd-Dar morreu houve disputa entre os filhos de Abd-Manaf e os netos de Abd-Dar, Depois da intervenção dos idôneos decidiu-se dividir os postos entre os dois, e assim criaram-se dois departamentos, o de impostos para Abd-Shams, filho de Abd-Manaf e o militar para os netos de Abd-Dar. Abd-Manaf tinha três filhos: Muttalib, Hashim e Abd-Shams e

mais três filhas.

Mas Abd-Shams cedeu as funções dele a favor do seu irmão Hashim, o bisavô do Profeta Muhammad, e assim o cumprimento do pedido (oração-prece) de Abraão estava prestes a realizar-se.

Hashim era o mais competente e generoso entre os árabes. O seu nome original era “Amr”. Hashim tornou-se um título, isto porque uma vez houve seca e fome em Makkah e então ele foi à Síria e de lá trouxe cereais, carregados nos camelos. Depois do descarregamento degolou esses camelos e cozinhou-os juntamente com os cereais e mandou fazer “Sharid” - um prato tipicamente árabe. Foi nessa altura que ele recebeu o título de “Hashim”, porque “hashama” quer dizer esmagar, triturar. Como ele mandou triturar os cereais para cozinhar com a carne, tomou o nome de Hashim, o esmagador, o triturador.

Hashim é que organizou as caravanas de comércio de Quraysh, para as suas viagens exteriores. Morreu fora de Makkah durante uma viagem de negócios numa comitiva de 40 pessoas. Pararam em Madinah para negócios, e aí casou com uma senhora chamada Salma e depois prosseguiu a viagem em direção à Síria onde morreu (em Gaza) e foi sepultado.

De Salma nasceu um filho, que tinha alguns cabelos brancos de nascença, por isso deram-lhe o nome de Shaiba (velho) e Hashim (o pai) tinha ordenado o seu irmão Muttalib a tomar conta do filho Shaiba. Em vista disso, Muttalib foi a Medina buscar o Chaiba. Inicialmente os familiares da mãe não estavam de acordo, mas depois viram que seria melhor que Chaiba fosse com o tio.

Assim, Muttalib levou-o para Makkah. Ao chegar, as pessoas pensaram que Shaiba fosse seu escravo, por isso chamaram-lhe Abdul Muttalib (escravo de Muttalib) e tornou-se mais conhecido por esse nome. E é esse que foi o avô do Profeta Muhammad.

Muttalib, que era mais velho que Hashim, ficou responsável de Siqaya (dar de beber aos peregrinos) e rifada (receber a contribuição, tipo imposto de Quraysh para darem a hospitalidade aos peregrinos). Eram dois postos extremamente importantes e considerados de grande honra para os que os desempenhavam. Mas Muttalib não viveu muito, pois depois de alguns dias foi para o Iêmen e lá faleceu. Depois dele, Abdul Muttalib tomou posse de todos os postos do seu pai Hashim.

O poço de Zamzam já estava destruído, e nem existia qualquer vestígio

dele. A água era trazida dos poços nos subúrbios de Makkah e isto dava muita maçada, especialmente na época da Peregrinação. A destruição foi causada por Mudad Ibn Amr, de Banu Jurham, que encheu o poço com sujidades e outros objetos valiosos, quando os Banu Jurham foram derrotados por Banu Khuza'a, e estes, mais tarde por Qusai. O bisneto deste, que é Abdul Muttalib, foi quem fez este grande trabalho de restaurar o poço. Abdul Muttalib sonhou duas ou três vezes a mesma coisa; havia diferença nas palavras, mas não na essência do sonho. Primeiro foi-lhe dito no sonho «cava a tayyeba», a boa e pura coisa; na segunda noite foi-lhe dito «cava birra», a virtuosa e reta; na terceira noite foi-lhe dito, também no sonho «cava Al-Madnuna», a coisa valiosa a respeitada qual as pessoas são avarentas, não gastam nem oferecem a outros; e na quarta noite foi-lhe dito também no sonho para «cavar a Zamzam»; como sinal do local foi-lhe dito: «entre as fezes e o sangue onde o corvo de patas (ou asas) brancas bater com o bico no chão».

Então, Abdul-Muttalib, com o seu filho mais velho Haris, cavaram e redescobriram o poço. Depois de três dias de sacrifício conseguiram apanhar o furo do poço, onde encontraram as espadas e outros objetos em ouro, que tinham sido deitados por Mudad Ibn Amr de Banu Jurham. Abdul Muttalib levou tudo isso e guardou na Kaaba. Foi redescoberta o poço depois de uns 500 anos, o que facilitou a vida aos peregrinos e facilitou a sua função como Sicaia.

Neste trabalho de cavar o poço, os Qurayshitas não ajudaram em nada a Abdul Muttalib, pelo contrário até troçaram dele. A única ajuda para ele foi a do seu filho Haris. Abdul Muttalib sentia-se isolado e sentia necessidade de ter mais filhos crescidos ao seu lado para o ajudarem a cumprir a sua missão. Para isso ele fez uma promessa (voto) que se Deus lhe desse dez filhos, ele sacrificaria um deles em nome de Deus, junto a Kaaba. O seu desejo foi cumprido e ele teve dez filhos. Quando estes chegaram à maturidade, ele quis cumprir a promessa que tinha feito a Deus.

E como os filhos o queriam ajudar no cumprimento da promessa, foram juntamente com o pai até a Kaaba onde um deles seria sacrificado. Eles aceitaram que os seus nomes fossem escritos em setas consideradas divinas, as quais seriam depois consultadas perante o ídolo Hubal dentro da Kaaba, e o nome que aparecesse na seta que saísse, seria esse o sacrificado. Isto era hábito dos pagãos árabes quando enfrentavam assuntos importantes como este.

E a sorte saiu a Abdullah, o filho mais novo, a quem a família mais amava. O pai quis sacrificar o seu filho sem qualquer hesitação (junto ao poço de Zamzam), assim como tinha feito Abraão ao seu filho Ismael cerca de 2.500 anos

antes. Mas os familiares opuseram-se, e só depois de muita discussão decidiram consultar o astrólogo chamado Shiya, de Madinah. Este, por sua vez, perguntou qual era a indenização de uma vida humana assassinada. E os familiares de Abdullah responderam dizendo que eram 10 camelos. O astrólogo disse-lhes para que voltassem e colocassem duas setas, uma em nome de dez camelos e outra com o nome de Abdullah e consultarem novamente o ídolo Hubal. Cada vez que saísse a seta com o nome de Abdullah eles deveriam acrescentar dez camelos na outra seta e assim sucessivamente. Quando o número de camelos atingiu cem, saiu a seta dos camelos. Os espectadores ficaram contentes e queriam logo sacrificar os cem camelos, mas Abdul Muttalib (o pai) não aceitou dizendo que não estava convencido de que aquilo seria o desejo do seu Deus, até que esse resultado não saísse três vezes consecutivas. Então as setas foram lançadas três vezes e nas três vezes saíram os camelos. Só assim é que ele sacrificou os cem camelos entre Safa e Marwa em vez de seu filho.

Por isso o Profeta dizia que era filho de dois sacrificados: Ismael por seu pai Abraão, em cujo lugar foi sacrificada a ovelha, e Abdullah pelo seu pai Abdul Muttalib, em cujo lugar foram sacrificados os cem camelos.

Mas depois do Islamismo, este tipo de promessas foi proibido.

A título de curiosidade, depois deste evento a indenização da vida assassinada passou a ser definitivamente de cem camelos.

Abdul Muttalib tinha dez filhos e seis filhas; os filhos eram: Háris, Zubair, Abu Talib, Abbas, Asakhra, Hajje Mughira, Dharar, Abu Lahab, Abdil Uzza e Abdullah. Abdul Muttalib teve longa vida. Uns historiadores afirmam que ele tenha vivido até aos 82 anos, outros dizem que viveu até aos 110 e outros ainda afirmam que ele tinha 120 quando faleceu e foi sepultado no Al-Hajun (Jannatul Mu'ala), quando o Profeta Muhammad tinha apenas 8 anos de idade.

Dentre os dez filhos de Abdul Muttalib, cinco ficaram muito conhecidos por se terem convertido ao Islamismo e outros por serem grandes opositores do Islamismo. São eles: Abu Lahab, Abu Talib, Abdallah, Hamza e Abbas.

Depois de sacrificarem os camelos, o pai (Abdul Muttalib) fê-lo

casar com uma moça da tribo Zahra, a filha de Wahab Bin Abd Manaf, que se chamava Amina, e Abdul Muttalib, já com setenta anos de idade, também se casou na mesma tribo com Hala, filha de Wohaib, da qual nasceu Hamza. Depois do casamento, Abdullah foi de negócios (como era habitual na Arábia) à Síria e

no regresso fez uma pausa em Madinah, onde adoeceu e faleceu, apenas com 25 anos. Abdullah deixou como herança cinco camelos, alguns cabritos e ovelhas e uma escrava que se chamava Umme Aiman. O Profeta Muhammad foi o único herdeiro.

Quando Abdullah faleceu, o Profeta Muhammad já estava no ventre da mãe. Além dele a mãe não teve outro filho.

## **ANO DOS SENHORES DO ELEFANTE, 570 DA ERA CRISTA**

A era do governo de Qusai foi nos meados do século quarto da era cristã, quando o cristianismo surgiu reorganizado. A Santíssima Trindade já se tinha tornado parte essencial da fé cristã e Constantinopla já se tinha convertido ao Cristianismo e declarado o cristianismo como a religião oficial. Vários países já estavam sob o domínio e influência cristã como por exemplo a Palestina, a Síria, o Líbano, o Norte da África, a Etiópia, etc.

O Rei Bizantino já tinha enviado ajuda para Qusai, e Hashim deu-lhe a facilidade de os habitantes de Makkah entrarem no seu País e fazerem comércio livremente e conseguiu as mesmas facilidades junto ao Rei da Abissínia (Etiópia) a favor dos árabes de Makkah. Nisto poderia haver um interesse político; assim como religioso; político porque os romanos rivalizavam-se com os iranianos, portanto quiseram simpatizar-se com os árabes, e religioso porque queriam expandir o cristianismo na Arábia. Por isso Abraha, que era um governador cristão no lêmén da parte do rei da Etiópia, mandou construir na cidade central do lêmén, Sana, uma grande igreja, com o fim de desviar a atenção dos árabes de Makkah para o lêmén. E porque sabiam que enquanto existisse a Kaaba eles não poderiam converter os árabes ao cristianismo. Depois de construir a igreja anunciaram para que os árabes fossem ao lêmén e tomassem a igreja como local de adoração e circunção em vez da Kaaba.

Os árabes não gostaram dessa ideia e um deles foi lá e defecou no local mais sagrado da igreja e fugiu voltando a Makkah. Perante isto os seguidores de Abraha perderam toda a esperança de converterem os árabes.

Abraha quis vingar-se dos árabes, destruindo a Kaaba em Makkah. Para isso preparou uma grande tropa com elefantes e marchando chegou e parou num local chamado «Mughmis», à quatro milhas de Makkah. Abraha deu ordens à sua tropa para pilhar todo o gado que aparecesse a pastar fora de Makkah. Nesse gado estavam também camelos e cavalos dos Qurayshitas, entre os quais duzentos camelos de Abdul Muttalib. Antes de fazer um ataque final mandou

uma mensagem aos residentes de Makkah, dizendo: «Nós não queremos destruir os residentes de Makkah, nem queremos fazer guerra contra eles, queremos apenas demolir a Kaaba; e se os residentes de Makkah não interferirem estarão salvos». O portador da mensagem foi o Hanatah Himiari que, quando chegou a Makkah, entregou a referida mensagem ao chefe de Makkah, Abdul Muttalib, este, disse-lhe em resposta:

«Abraha trouxe uma tropa tão forte que mesmo se todas as tribos árabes se juntassem não poderiam combater contra ele. Portanto nós também não queremos fazer guerra contra ele, mas esta casa (Kaaba) não nos pertence, é de Deus, construída por Abraão. Se Deus quiser salvar a Sua casa, Ele próprio a salvará, e se Ele não quiser, nós não temos poder de salvá-la.» Então o portador da mensagem, Hannatah, respondeu que Abdul Muttalib deveria ir pessoalmente com ele e falar com o Abraha. Quando Abdul Muttalib chegou perto de Abraha foi bem recebido por aquele e começou a conversar com ele através de um intérprete.

Abraha perguntou a Abdul Muttalib o que é que ele desejava.

Abdul Muttalib respondeu dizendo-lhe: «A sua tropa levou-me os meus duzentos camelos, quero a sua devolução». Abraha ficou admirado e disse-lhe: «Eu julgava-o muito inteligente e antes estava muito impressionado consigo e julgava que iria falar de qualquer coisa importante, mas falou-me apenas dos seus camelos e é de admirar não ter falado nada a respeito da Kaaba», Abdul Muttalib disse: «Eu sou apenas dono dos camelos e a casa (Kaaba) também tem o seu dono que há de protegê-la». Ao ouvir isto, Abraha ficou muito irritado e disse: «Eu quero ver como o dono dessa casa irá protegê-la». Entregou os camelos ao Abdul Muttalib e este voltou com os seus camelos para Makkah e aconselhou os seus habitantes que evacuassem a cidade e que subissem à montanha para assim salvarem as suas pessoas.

Realmente foi um dia grave para os habitantes de Makkah. Evacuaram a sua cidade e deixaram-na aberta para a destruição por parte de Abraha.

Antes de evacuarem Makkah, Abdul Muttalib e alguns dos seus companheiros foram a Kaaba, agarraram a sua porta e começaram a orar para que Deus salvasse a Sua casa e neutralizasse esta agressão contra a Sua casa. Depois afastaram-se para as montanhas a fim de verem o que se ia passar.

Abraha preparou a tropa para o ataque contra a Kaaba. Na sua tropa havia vários elefantes e um deles chamava-se «Mahmud», que comandava os res-

tantes elefantes. Quando começaram a avançar em direção a Kaaba, de repente o elefante «Mahmud» sentou-se na terra, caindo, e os outros elefantes fizeram o mesmo. Os seus donos tentaram levá-los mas sem êxito. Isso era um aviso da parte de Deus para que Abraha desistisse, mas ele insistia. Quando mudavam o rumo (direção) dos elefantes eles seguiam, mas quando lhes viravam para a direção da Kaaba eles sentavam-se na terra e recusavam-se a seguir. Estavam nessa cena ainda quando surgiram pássaros em bando, vindos do lado do mar, cada um trazendo consigo três pedrinhas, uma no bico e duas nas patas. Estas pedrinhas eram do tamanho do grão da lentilha e onde caíam deixavam o efeito de como se fossem bombas.

Hoje, depois da descoberta do átomo, já não há necessidade de desenvolver este tema das pedrinhas; a ciência só veio confirmar as palavras de Deus. A maior parte dos agressores morreram, mas Abraha e alguns dos seu companheiros conseguiram escapar. Outros morreram pelo caminho. Abraha contraiu uma doença tão grave que os órgãos do corpo se desfaziam constantemente e caíam. Chegou a Sana, onde o seu peito rebentou, saiu o coração e morreu. Esta foi a consequência dos que desafiaram e declararam guerra contra Deus. Esta passagem foi muito importante na história da Arábia. Aconteceu a um mês e 22 dias antes do nascimento do Profeta Muhammad, no ano 571 da era cristã. E porque os agressores tinham utilizado elefantes, os árabes chamam-nos «As-habul-Fil» (senhores dos elefantes) e referem a este ano «Amul-Fil» (ano do elefante). O Alcorão fala desta passagem num capítulo revelado em Makkah com cinco versículos, conhecido por capítulo do elefante:

*“Não reparaste no que o teu Senhor fez, com os possuidores dos elefantes? Aca-so, não desbaratou Ele as suas conspirações, Enviando contra eles um bando de criaturas aladas, Que lhes arrojaram pedras de argila endurecida E os deixou como plantações devastadas (pelo gado)?”***(Capítulo 105)**

## **CONSEQUENCIAS POLÍTICO-RELIGIOSAS DESTE GRANDE ACONTECIMENTO**

**1º** - Criou-se ódio nos árabes contra César Romano e os governos que estavam sob o seu domínio como o de Abraha que era cristão. Por isso, depois de uns 50 anos, quando os romanos foram derrotados pelos persas, os habitantes de Makkah ficaram muito contentes.

**2º** - No lêmén as forças opositoras a Abraha pediram ajuda dos persas para eliminarem os restos da influência de Abraha; e foi assim que o Rei da Pérsia teve oportunidade de penetrar no lêmén e ocupá-lo.

Religiosamente, este grande acontecimento fortificou a fé dos árabes, e chegaram mesmo à certeza de que a Kaaba é a verdadeira casa de Deus e começaram a respeitar os Qurayshitas e considerá-los guardiões da Kaaba.

Mas, se por um lado, esta passagem, que ocorreu no ano de 571 d.C. foi um sinal da vinda do Profeta Muhammad, por outro lado também dificultou a Sua missão, porque, assim como disse que com isto as pessoas começaram a respeitar os Qurayshitas como guardiões da Kaaba, ao mesmo tempo criou-se confiança nos Qurayshitas, de que afinal eles estavam no caminho reto, e pensavam que isso confirmava ser a vontade de Deus, tudo o que os Qurayshitas faziam, Por isso Abu Jahal, o líder de Quraysh na altura da batalha de Badr, disse: “Ó Deus, se isto que Muhammad está propagando é a verdade vinda da Tua parte, então faz chover sobre nós pedras ou traz para nós um castigo doloroso».

Apesar de já terem decorrido uns 55 anos desta passagem, ainda estavam vivos alguns que tinham visto este grande acontecimento.

### **CONFIRMAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS**

Esta passagem dos Senhores do Elefante, se por um lado confirma a palavra de Deus, por outro, era também um grande favor sobre os Qurayshitas, porque eles estavam corrompidos e ultrapassados; mas Deus quis fazer deles reformadores para o mundo e torná-los numa Joia para a humanidade; assim como a passagem dos Elefantes não tem semelhança nenhuma, da mesma forma, torná-los em Joia dos corruptos não tem semelhança.

No capítulo 105, “O Elefante” do Alcorão, Deus conta-nos precisamente:

*“Não reparaste no que o teu Senhor fez, com os possuidores dos elefantes? Aca-so, não desbaratou Ele as suas conspirações, Enviando contra eles um bando de criaturas aladas, Que lhes arrojaram pedras de argila endurecida E os deixou como plantações devastadas (pelo gado)?”*

E isto foi uma realidade, não é como certas mentalidades com complexo de inferioridade tentam desviar sempre a tradução do seu sentido natural, ao dizer que isto foi uma epidemia que surgiu nos agressores e os dizimou. Esses devem saber que nessa altura os Qurayshitas eram mais descrentes que eles, e inimigos que estavam sempre à procura da oportunidade de desmentir Muhammad; se as palavras de Deus neste capítulo não fossem realidade, eles teriam sido os primeiros a desmentir ao Profeta, uma vez que ainda estavam vivos alguns dos que tinham visto essa cena; mas, não há narração nenhuma que nos

conte que os Qurayshitas tenham desmentido este capítulo.

E no capítulo 106, a seguir, consta:

*“Pelo convênio dos Qurayshitas, O convênio das viagens de inverno e de verão!  
Que adorem o Senhor desta Casa, Que os provê contra a fome e os salvaguarda  
do temor!”*

Deus, aqui, conta os Seus favores sobre os Qurayshitas, e diz-lhes para adorarem o Senhor desta Casa e não disse, por exemplo, para adorarem a Deus, mas disse ao “Senhor desta Casa”. Para chamar a atenção deles que foi por causa dessa Casa que os Qurayshitas foram elevados para a liderança dos árabes, e foi por causa de eles servirem os peregrinos dessa Casa que eles tornaram-se queridos em toda a Arábia. Foi também por causa dessa Casa que (enquanto em outros países não havia segurança em Makkah gozavam de segurança, não só durante os quatro meses, mas o ano inteiro; iam onde queriam; e foi na base dessa segurança que eles conseguiram estabelecer duas viagens de comércio, uma no inverno e outra no verão. Enfim, eles tinham muitas vantagens com a Casa de Deus (Kaaba). Por isso Deus diz:

*“Que os alimentou contra a fome e lhes proporcionou segurança contra o medo”.*

## **NASCIMENTO DO PROFETA MUHAMMAD (S)**

De acordo com o Alcorão, Abraão pediu:

*“Ó Senhor nosso, faze surgir, dentre eles, um Mensageiro, que lhes transmita as  
Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique, pois Tu és o Poderoso,  
o Prudentíssimo.” (2:129)*

Jesus disse, de acordo com o Alcorão:

*“E de quando Jesus, filho de Maria, disse: Ó israelitas, em verdade, sou o mensa-  
geiro de Deus, enviado a vós, corroborante de tudo quanto a Tora antecipou no  
tocante às predições, e alvissareiro de um Mensageiro que virá depois de mim,  
cujo nome será Ahmad!” (61:6)*

Jesus disse:

*“No entanto, eu vos digo a verdade: é bom para vós que eu vá. Se eu não for, o*

*Consolador não virá a vós.” (São João 16:7)*

Jesus disse:

*“Quando ele vier, o Espírito da Verdade vos guiará em toda a verdade. Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo quanto tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu para vos anunciar.” (São João 16:13 e 14)*

Moisés disse (no Deuteronômio 18, 17-18):

*“Então o SENHOR me disse: ‘Está bem o que falaram. Suscitarei para eles, do meio dos irmãos, um profeta semelhante a ti. Porei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar.”*

Neste versículo fala-se “Do meio dos seus irmãos” - a definição dos irmãos dos israelitas está no Gên. 16, 12 e no Gên. 25, 18, “que são os Ismaelitas”, e segunda referência é “como tu” (como Moisés), quem é como Moisés? Os teólogos cristãos interpretam que “como Moisés” é Jesus, que é também da descendência de Israel, mas isso é uma interpretação deles. Se fosse alusão para um profeta israelita seria «do seu meio». Até porque na própria Bíblia no Deuteronômio, cap. 34, verso 10, consta: *“Nunca mais surgiu em Israel profeta semelhante a Moisés, com quem o SENHOR tratasse face a face.”* Portanto, desmente assim os que aplicam este versículo para qualquer Profeta Israelita depois de Moisés. Vamos analisar quem é “como Moisés”? Muhammad ou Jesus?

## ÁREA DE COMPARAÇÃO

	<b>MOISÉS</b>	<b>MUHAMMAD</b>	<b>JESUS</b>
NASCENÇA	Normal	Normal	Anormal (Milagre)
VIDA FAMILIAR	Casou e teve filhos	Casou e teve filhos	Não casou
MORTE	Normal	Normal	Anormal
CARREIRA	Profeta Estadista	Profeta Estadista	Profeta
EMIGRAÇÃO FORÇADA	Para Madian	Para Madinah	Não Emigrou
ENFRENTAR INIMIGOS	Foi Perseguido	Foi Perseguido	Não teve algo semelhante
RESULTADO DO CONFRONTO	Vitória moral e física	Vitória moral e física	Vitória moral
ESCRITA DA REVELAÇÃO	Durante a sua vida (Torá)	Durante a sua vida (Alcorão)	Depois dele (Bíblia)
ACEITAÇÃO PELO POVO	Rejeitado mas finalmente aceito.	Rejeitado mas finalmente aceito.	Rejeitado pela maioria dos judeus até hoje.

Nem há semelhança entre Jesus e Moisés, porque, conforme o cristianismo, Jesus é Deus e filho de Deus a quem prestam culto, enquanto Moisés não é Deus nem filho de Deus; e Jesus, conforme o cristianismo, foi amaldiçoado como consta nos «Gálatas» 3, Verso 13.

“Cristo nos resgatou da maldição da Lei, tornando-se ele próprio um maldito em nosso favor, pois está escrito: “Maldito todo aquele que for suspenso no madeiro”.”

Mas Moisés não foi amaldiçoado.

E Jesus, conforme o cristianismo, foi crucificado para resgatar os pecados da humanidade, Moisés não foi crucificado. Portanto, Jesus não é semelhante a Moisés, porque a própria Bíblia que já citamos diz que nos israelitas não houve Profeta igual a Moisés. De certo que essa alusão do Deuteronômio 18, 17-18, é a Muhammad.

Há muitas outras semelhanças entre Moisés e Muhammad. Portanto, «como tu» é referência a Muhammad, por isso chegamos à conclusão que todos os Profetas deram a boa nova de Muhammad.

## O NASCIMENTO DO GRANDE PROFETA MUITO ESPERADO POR TODOS

Ele chama-se Muhammad ou Ahmad, “o louvado”. Os que não o conhecem querem saber a sua Biografia, por isso nas folhas seguinte apresentaremos uma breve Biografia de Muhammad para ficarem a conhecê-lo; e os que já o conhecem tomarem uma lição do seu modelo de vida.

Era noite de obscuridade espiritual e a torpeza moral andava espalhada por todo o lado. A África encontrava-se habitada pelos bestas e homens nus; a Europa, afogada no barbarismo, os assassinatos eram cometidos em nome do Cristianismo. Em vez de “Amai o vosso inimigo” era “Matai o vosso irmão”; era Satanás em vez de Jesus que tinha já dominado os corações dos europeus; o ódio entre seitas cristãs era tão violento e horrível que até as bestas eram mais humanas que os homens. A mulher era oprimida; as religiões encontravam-se já todas degradadas. O Templo da Virtude espiritual fundada por Jesus tinha-se tornado em caverna do Fanatismo desumano; na Europa não havia país que tivesse iluminação, virtude e justiça.

Por outro lado, os árabes já se tinham esquecido da religião dos seus ascendentes, Noé, Abraão, como já foi explicado antes. Assim como relata o Alcorão:

*“E quando estivestes à beira do abismo infernal, (Deus) dele vos salvou.” (3:103)*

Os Persas também estavam desviados do caminho reto, a Índia não estava nada melhor, a China nem sequer conhecia Deus e estava afundada no Materialismo. Quem poderia salvar o mundo desta catástrofe? De fato, Deus fez um grande favor ao enviar o Profeta Muhammad. Toda a humanidade devia-se prostrar perante Deus e agradecer-Lo, sem exceção, porque tanto crentes como descrentes se beneficiaram da vinda dele.

No dia 25 de Abril do ano 571 da era cristã nasceu Muhammad em Makkah; era manhã de 12 de Rabiul-Awwal, o terceiro mês do calendário lunar, no ano do Elefante (quando Abraha atacou Makkah). Os historiadores têm também outras datas, mas a mais conhecida é a de 12 de Rabiul-Awwal. O consagrado astrólogo egípcio Mahmud Bacha e outros teólogos acham que foi na manhã do dia 9 de Rabiul-Awwal, equivalente a 22 de Abril do ano 571 da era cristã, numa segunda-feira. Nasceu órfão, já referido antes, pois o seu pai falecera em Madinah dois meses antes. O avô, Abdul Muttalib, chefe de Quraysh, quando

soube do nascimento do neto ficou muito satisfeito. Pegou-o, foi com ele para a Kaaba e deu-lhe o nome de Muhammad. A mãe, por sua vez, deu-lhe o nome de Ahmad. Tanto um como outro nome querem dizer «o louvado». Estes nomes não eram vulgares em Makkah. Certas narrações constam que a mãe (Amina), no estado de gravidez, sonhou com alguém dizendo-lhe: Nascerá dela um filho a quem deveria chamar por Muhammad (o louvado).

Na Bíblia, S. João, 14, 25-26, consta:

*“Eu vos tenho dito estas coisas enquanto estou convosco. Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito.”*

Na versão grega da Bíblia, S. João, cap. 14, verso 26, a palavra é *“Paraclitos”*, que foi traduzida por *“Consolador”* em Português, mas a palavra grega *“Parakletus”* quer dizer *“o Louvado”*; esta é mais uma evidência da Bíblia sobre a veracidade da Profecia de Muhammad (o Louvado).

Portanto a tradução para *“consolador”* é também uma tentativa de desvio do sentido original.

Paracritos, conforme o dicionário *“Grego”* da autoria de *“Alexandre”*, literalmente e etimologicamente significa *“o mais nobre, famoso e louvável”*.

*“Qu’ou peut entendre de tous les côtes; qu’il esta facile à entendre*

*três célebre, etc.» = Pericleitos, três célebre, illustre, glorieux = Pericleys, três célebre, ilustre, glorieux, de = Kleos, glorie, renommée, cêlêbrite, é composição de «peri» e «kleotis», este último que foi derivado de «Glorificar, Louvar».*

Portanto é exatamente a tradução de Ahmad em árabe *“o mais ilustre, glorioso, louvável”* e é esta a palavra mal traduzida na Bíblia *“por consolador”*; agora só nos resta saber qual a palavra original que Jesus utilizou em Hebraico ou Aramaico.

A revelação alcorânica que diz: *“Jesus, filho de Maria, declarou aos filhos de Israel que ele trazia a boa nova dum apóstolo que virá depois dele, cujo nome será Ahmad”* é uma das maiores provas da veracidade da profecia de Muhammad, e de que o Alcorão é verdadeiramente uma revelação Divina, porque o Profeta Muhammad nunca podia saber que *“Paracritos”* quer dizer *“Ahmad”*. Portanto a autoridade do Alcorão é decisiva e final, ainda mais quando a tradução literal do nome grego corresponde exata e indiscutivelmente a *“Ahmad”*

e “Muhammad”, e é de notar que ninguém entre os gregos ou entre os árabes foi denominado com este nome único, e as qualidades de Paraclitos que Jesus predisse existem integralmente na pessoa de Muhammad.

E no Ageu 2:7 consta:

*“Vou sacudir todas as nações de modo que venham para cá as riquezas das nações e, assim, encherei de luxo esta Casa, diz o SENHOR dos exércitos.”*

O Bispo de Uramia, reverendo David Benjamim Keldani, pregador católico da seita da Uniate-Chaldean, que depois se converteu ao Islamismo e tomou o nome de Abdul Ahad Dawud, diz no seu livro “MUHAMMAD IN THE BIBLE” que possuía uma Bíblia à sua disposição em língua assíria onde o mesmo versículo acima mencionado está assim: «E farei temer todas as nações e virá o «Himada» de todas as nações... e encherei esta casa de “*Shalom*”, Aí as palavras Rimada e *Shalom* merecem consideração. Deus fez uma grande promessa neste versículo. A questão é: a quem se referiria com “*Rimada*” e “*Shalom*”? É natural que está-se a referir a uma ideia concreta, a uma pessoa e à realidade, logo esta profecia foi realizada na pessoa de *Ahmad* e, com o estabelecimento do *Islam*, verifica-se que *Himadah* e *Shalom* têm o mesmo significado, respectivamente, com *Ahmad* e *Islam*.

Uma vez que não existe a Bíblia original na língua falada por Jesus, cada um de entre os cristãos e judeus, conforme as suas conveniências, desvia as palavras e suas traduções como quer, como foi o caso aqui de introduzirem o “*De-sejado e Glória*” no lugar de “*Hlmadah e Shalom*”,

Mas mesmo assim, se tomarmos a tradução portuguesa atual, o Profeta Muhammad também era Consolador, como diz o Alcorão:

*“Diz-lhes (ó Muhammad, em meu nome) ó meus servos que vos excedestes contra vós próprios, não desesperéis da misericórdia de Deus. Na verdade, Deus perdoa todos os pecados, porque Ele é Indulgente e Misericordioso!”*

Eis o Consolador, que veio com a missão de consolar os pecadores para não perderem a esperança em DEUS e na Sua Misericórdia. Houve algum outro consolador que tenha vindo depois de Jesus? Não houve, além de Muhammad.

O Profeta Muhammad ficou normalmente no ventre da mãe 9 meses, apesar de, durante a gravidez, a sua mãe (Amina) ter tido vários sonhos que indicavam que, realmente, o fruto do seu ventre seria uma grande pessoa. Numa

narração, Amina, a Mãe do Profeta, diz: “Desde o dia que eu transportei o meu filho no útero até dar à luz, nunca sofri a mínima dor, nem senti o seu fardo; por conseguinte nem saberia em que estado me encontrava.

Se não fosse o aparecimento dum Anjo depois de eu o conceber, e quando estava quase a adormecer, que me disse: não vês que estás grávida e no teu útero está o Profeta de todas as Nações? Pois fique a saber e (depois quando chegou o dia do parto o Anjo apareceu-me de novo e disse-me), quando deres à luz o teu filho, debes dizer: «Eu imploro a proteção para ele de Deus o Único, contra a malícia do invejoso, e denominá-lo-ás por «Muhammad», que significa o louvado, assim como foi anunciado no Torá e Evangelho, porque ele será louvado por todos os habitantes dos céus assim como dos da terra».

O nome «Muhammad», que o seu avô Abdul Muttalib lhe deu, não era vulgar entre os Árabes, razão por que, quando foi interrogado a respeito desse nome, o avô respondeu: «Para que ele fosse louvado por Deus no Céu, e pelos homens na terra».

De fato, ele foi inspirado a respeito deste nome, para conjugar com as boas novas que já vinham nos livros revelados antes do Alcorão, conforme já foi citado nos versículos da Bíblia. O nascimento de Muhammad deu-se na casa de Abu Talib, e a parteira que ajudou sua mãe a dá-lo à luz foi Ash-Shaffa, mãe de Abdul-Rahman Bin Auf, o conhecido companheiro do Profeta Muhammad.

## **AMAMENTAÇÃO E INFANCIA DE MUHAMMAD**

Primeiro foi a sua mãe (Amina) que o amamentou e depois de alguns dias foi amamentado por Thuwaybah, serva de Abu Lahab, tio de Muhammad.

No entanto, era hábito dos nobres em Makkah, como sinal de luxo e de complexo, as próprias mães amamentarem os seus filhos. Temporariamente, no início, se a criança ficasse em casa, as mulheres da família ajudavam a amamentar a criança, mas depois procuravam uma senhora permanente para amamentá-la.

O objetivo disto era, porque os Qurayshitas amavam a sua língua. Não era reconhecido como líder a pessoa que não fosse eloquente na língua. Por isso, preocupavam-se em melhorar a sua língua logo de infância, mas isso não era possível na cidade, não só por causa dos estrangeiros que se deslocavam sempre para lá em negócios, como também por causa dos escravos não árabes que lá viviam, e porque as crianças misturavam-se mais com eles. Dessa forma, era im-

possível melhorar a sua língua. Por isso os Qurayshitas escolheram certas tribos, cuja língua árabe fosse eloquente, para que as mulheres dessas tribos viessem a Makkah buscar as crianças Qurayshitas a fim de viver com elas nas aldeias. Aí, eram amamentadas por elas, aperfeiçoavam a sua língua e viviam num ambiente impoluto. A questão não era só posta no caso da língua, mas também no caso da saúde. Esta tradição manteve-se até ao tempo dos Omidas, quando o Império Islâmico era enorme.

Portanto, a mãe de Muhammad (Amina) estava à espera da vinda das mulheres da tribo Banú Saad, a fim de entregar a alguma delas o seu filho. Quando aquelas chegaram, Muhammad, por ser órfão, não lhes atraiu muito, porque elas esperavam sempre serem bem pagas pelos pais das crianças e ninguém aceitou Muhammad. Uma delas, era a Halima Bint Abu Zuaib (de Banú Saad) que também recusou levar Muhammad.

A Halima, por estar em circunstâncias de pobreza e ser magra, mãe nenhuma quis dar o seu filho, isto é, tomá-la como ama da sua criança, pois pensavam: Como é que ela poderia amamentar uma criança, se ela própria precisava de leite? Assim Halima ficou sem criança e Muhammad, o órfão, sem ama.

Então, quando todas as mulheres da tribo (Banu Saad) estavam para regressar para as suas casas, Halima disse ao seu marido: “Haris, por Deus! Eu detesto ir-me embora com as minhas companheiras sem levar sequer uma criança para amamentar. Decerto que eu irei outra vez ter com aquele órfão e aceitá-lo”. O seu marido respondeu: “Se tu o levores não haverá censura nenhuma para ti; talvez Deus nos abençoe por tu o levores juntamente conosco para o deserto”.

A própria Halima relatou que desde que ela aceitara Muhammad para amamentá-lo, eles começaram a ter chuva de bênçãos de todo o tipo; o seu gado cresceu mais forte e multiplicou-se e tudo à sua volta prosperou.

Desta forma Muhammad foi amamentado dois anos completos por Halima e durante este período ela notou várias coisas milagrosas de Muhammad. A sua filha Shaima dava de comer a Muhammad. O ar puro do deserto e uma vida aberta fez bem a ele, desenvolvendo-o com saúde. Passados dois anos, ocasião de desmamar, Halima levou Muhammad para Makkah, para o entregar a sua mãe. Mas devido a uma epidemia em Makkah, a mãe dele (Amina) ordenou para que Halima voltasse a levá-lo para o deserto. Ela assim fez. Levou-o de novo para o deserto, onde permaneceu mais dois anos livre da poluição física e moral da cidade.

## A HISTÓRIA DO CORTE NO PEITO DE MUHAMMAD

Já passavam quatro anos que Muhammad vivia com Halima, sua ama, e a mãe estava ansiosa em ver o filho junto dela, uma vez que tinha depositado toda a esperança nesse único filho. Mas, por outro lado, Halima e seu marido Haris estavam habituados a Muhammad de tal modo que não era fácil separarem-se dele. Muhammad continuou a viver na casa de Halima, e todos os filhos dela tomavam conta dele, amavam-no muito e nunca o deixavam só.

Num certo dia estavam todas as crianças a brincar, quando viram que dois anjos com a forma de homens muitos bonitos, com roupa branca e limpa, aproximaram-se e levaram Muhammad para um lado. Ao verem isso, as outras crianças assustaram-se e fugiram para casa onde narraram o evento aos seus pais e logo Halima e seu marido Haris correram para o local. Quando lá chegaram viram que Muhammad estava só e sorrindo, mas havia uma reflexão (radiação) no seu rosto. E perguntaram-lhe: - O que é que foi, meu filho? Quem eram esses homens? Por que é que te levaram e para onde foram?

Muhammad respondeu com tom inocente, contando toda a história: “Eram dois homens vestidos de branco, que me deitaram no chão e a seguir cortaram-me até aqui (mostrando o peito), e depois tiraram-me uma coisa que eu não sei o que é”. Quando Halima verificou o peito de Muhammad e viu que não tinha sinal de nenhum corte, assustou-se, porque os árabes de então acreditavam imensamente nos demônios e superstições; pensou que devia ser qualquer efeito de gênios. Quando a notícia se espalhou, os vizinhos aconselharam Halima a consultar um adivinho ou um astrólogo. Foram ter com um indivíduo judeu, o qual aumentou a preocupação da ama de Muhammad e seu esposo, porque quando ele viu Muhammad começou logo a gritar dizendo: “Esta é a criança que criará uma revolução na Arábia e acabará com as religiões existentes. Portanto, ó homens, se desejais salvar a vossa religião, acabei com esta criança”.

Ao ouvirem isto, Halima e seu marido Haris decidiram levar a criança e entregar à mãe (Amina). Assim fizeram. Levaram-no a Makkah e entregaram-no a sua mãe, contando-lhe o que se tinha passado e depois expressaram a sua ideia sobre o sucedido (de ser efeito de gênio), mas a mãe não deu importância à conversa deles.

Existem narrações nos livros de que, nessa altura, vieram dois anjos na forma humana, e um deles (Gabriel) abriu o coração de Muhammad, tirou dele o centro de maldades e tornou a fechá-lo. Estas passagens não devemos tomá-las muito literalmente, porque nessa altura Muhammad era de uns três anos de

idade, muito pequeno para testemunhar qualquer ato. Apesar dessa passagem estar confirmada pelo próprio Muhammad, depois da proclamação da profecia, e se tomarmos a passagem literalmente, não há nada de estranhar, porque hoje a operação é muito vulgar na medicina, em que o médico abre o corpo do doente, tira o que quer e introduz o que quer, e torna a fechar o corpo sem o doente sentir qualquer dor, tornando-se saudável como se nunca estivesse doente.

Se o homem pode fazer os transplantes de órgãos como é que o Criador do homem, o Onipotente, não o poderá fazer? A ciência só veio confirmar a palavra de Deus. Certos historiadores acham que Muhammad não precisava de qualquer cirurgia deste tipo, porque Deus já o tinha preparado de nascença para receber a Mensagem Divina, e outros, por sua vez, acham que talvez essa passagem esteja baseada na interpretação muito literal do seguinte capítulo:

*“Acaso, não confortamos o teu peito, E aliviámos o teu fardo, Que feria as tuas costas, E enaltecemos a tua reputação?” (94:1 até 4)*

Mas, certamente que nestes versículos o Alcorão aponta para a causa puramente espiritual. Os teólogos muçulmanos que tomaram esta posição têm à sua frente o fato de que a vida de Muhammad era humana de um extremo ao outro e, para provar a sua profecia, o Profeta nunca teve recursos a milagres, como os outros Profetas, que tinham essa necessidade. E isto é confirmado por historiadores muçulmanos que, constantemente, afirmam que a vida do Profeta Muhammad esteve livre de qualquer coisa irracional ou misteriosa, e consideraram que o contrário é incompatível com a posição do Alcorão; que a criação de Deus é racionalmente analisável, que as suas leis são inalteráveis e que os pagãos são culpáveis porque eles não raciocinam.

Muhammad ficou uns cinco anos no deserto com Halima e sua família. A influência dos dias de então, e do ambiente, foi enorme; a vida dura a que se habituou, a resistência à fome e à sede, o trabalho duro, eram coisas que muito pouca gente aguentava. Mas, além disso, ele criou em si o próprio espírito de independência e determinação, únicos em toda a história da humanidade. Aprendeu a língua árabe pura, uma característica importante porque quem não fosse eloquente não tinha voz perante os árabes.

E Muhammad dizia mais tarde aos seus companheiros: «Eu sou o mais fluente entre vós, porque sou um dos Qurayshitas e porque fui nutrido em Banu Saad Bin Bakr».

Estes cinco anos deixaram em Muhammad um efeito permanente. Sem-

pre amou Thuwaybah, a segunda mulher depois da mãe que o amamentou por alguns dias; Halima e sua família foram sempre muito honrados. Ele nunca se esqueceu dos favores que aqueles lhe fizeram.

Uma vez, já depois do Profeta se ter casado com Khadija, a seca tinha assolado a Arábia quando Halima foi visitar Muhammad. No regresso, o Profeta deu-lhe um camelo carregado de mercadoria e quarenta cabeças de gado. Cada vez que ela ia visitá-lo, ele estendia o seu manto no chão para que ela se sentasse em cima dele como sinal de honra e respeito para com ela.

Depois de ter passado os primeiros cinco anos de vida no deserto,

Muhammad voltou para junto de sua mãe. Quando o traziam, perdeu-se nos subúrbios da cidade. Ficaram todos muito preocupados. Abdul Muttalib, o avô, ordenou para que o procurassem. E ele próprio foi à Kaaba orar a Deus até que encontraram Muhammad ao pé de Waraqah Bin Naufal, Quando o avô o viu ficou muito contente, abraçou-o e beijou-o.

Abdul Muttalib tomou o seu neto sob sua proteção e tornou-o no centro de sua atenção. Na altura, o avô era chefe de Makkah e de Quraysh. Como líder dos Qurayshitas costumava sentar-se no sofá, à sombra, junto à Kaaba, e seus filhos sentavam-se à sua volta, no chão e não no sofá, para se distinguirem de seu pai. Mas quando Muhammad estava com eles sentava-se ao lado do avô no sofá. A mãe (Amina) e o avô estavam bastante satisfeitos com Muhammad.

Mas a satisfação não durou muito. Amina já tinha saudades da sua família em Madinah e quis levar o seu filho para o apresentar aos tios e tias maternos. Para isso, levou-o com a sua serva Umm Aiman (a serva deixada pelo pai de Muhammad, Abdallah) a Madinah. Quando chegaram, Amina mostrou a Muhammad a casa onde seu pai morreu e o lugar onde foi sepultado. Muhammad tinha já a noção de que afinal era órfão, e a mãe naturalmente contou ao filho longas histórias sobre o pai, uma vez que ele nem sequer chegou a conhecê-lo, porque falecera antes do nascimento do filho. O Profeta sempre se recordou da sua primeira viagem a Madinah e sempre comentou o seu amor para com ela.

## **A MORTE DE AMINA - MAE DO PROFETA MUHAMMAD**

Depois de permanecerem um mês em Madinah, no Darun-Nabigha, a grande quantidade de judeus que viviam nos arredores já falavam e esperavam pela vinda do último Profeta; os astrólogos, por seu turno, faziam as suas previsões, quando, certo dia, receberam notícias sobre Muhammad (que ainda

era criança). Todos foram ver Muhammad: alguns respeitavam, outros ficavam espantados ao verificarem os sinais do último Profeta nessa criança, e diziam que o último Profeta deveria ser da sua família (israelita). «Como é que nasceu em Quraysh?» Assim eram os comentários. Foi então que Amina recordou-se da conversa de Halima quando esta levava Muhammad ao adivinho judeu, e este gritara para que acabassem com aquela criança, senão traria a revolução. A mãe (Amina) ficou bastante preocupada e pensou logo em voltar. Só ficou um mês e preparou os mesmos dois camelos com que veio e partiram para Makkah. Mas Deus, por outro lado, começou a pôr em prova esta criança órfã (Muhammad). A mãe adoeceu, e assim que a caravana adiantava a doença piorava, até que chegaram a «Abwa», local onde as caravanas repousavam. Aí, Amina acabou por falecer e foi sepultada. Muhammad, agora, ficou só com Umm Aiman, a serva, que O levou a Makkah para o entregar ao seu avô Abdul Muttalib.

Mesmo depois de 50 anos de idade, quando o Profeta emigrou, ainda se recordava desses locais onde a mãe adoeceu e faleceu e o que os judeus tinham dito quando o viram pela primeira vez em Madinah.

Muhammad já tinha perdido o pai e a mãe, enquanto pequeno.

## **A MORTE DO AVÔ ABDUL MUTTALIB**

*“Porventura, não te encontrou órgão e te amparou?” (93:6)*

Quando Muhammad, órfão de pai e mãe, chegou a Makkah, o seu avô Abdul Muttalib abraçou-o e encarregou-se de o proteger. Muhammad já estava muito à vontade e o avô tinha muita consideração pelo neto. Contudo, o avô já estava muito velho. Tinha mais de cem anos; segundo algumas narrações tinha 110 anos e outras diziam que tinha 120 anos; há também uma narração que diz que tinha 82 anos. O avô cuidou do neto apenas dois anos e depois faleceu. Umm Aiman (a serva) conta que nesse dia viu Muhammad a seguir ao funeral chorando. Quando perguntaram mais tarde ao Profeta se se lembrava da morte do avô, ele respondeu que se lembrava muito bem, e nessa altura tinha ele 8 anos de idade.

A morte de Abdul Muttalib foi um golpe duro para a tribo Banu Hashim, Não havia ninguém dentre os seus filhos que tivesse capacidade para substituí-lo no poder, na prudência, generosidade e influência que ele tinha entre os árabes. Abdul Muttalib tinha nove filhos e seis filhas na altura do seu falecimento; mas, como já se disse, eles não tinham capacidade para o substituir. Uns porque eram pobres, outros porque eram aventos de mais, não davam nada aos peregrinos.

Por isso, criou-se a vaga e o CLÃ de Banu Umaia preparou-se para tomar a liderança de Makkah, depois da autoridade que Banu Hashim manteve durante duas gerações, que acabou agora com a morte de Abdul Muttalib.

O pior é que desde a idade de 40 anos até aos 60, Abu Sufyan era um dos maiores inimigos de Muhammad. Primeiro porque Muhammad pertencia à família rival (Banu Hashim), que tinha derrubado seu pai Harb e seu avô Omaia da liderança de Makkah; e segundo, porque Muhammad iria destruir a adoração de ídolos, acima dos quais dependia a grandeza de Abu Sufyan entre os árabes em geral e Quraysh em particular. Esta inimizade reuniu-se com a perseguição de Abu Lahab contra Muhammad, depois deste ter declarado a sua Missão, o que tornou o trabalho de Muhammad extremamente difícil.

Mesmo com esta grande oposição, Muhammad lutou com a coragem porque confiava em Deus, e finalmente teve a vitória.

### **ABU TALIB TORNA-SE GUARDIAO DE MUHAMMAD**

Abdul Muttalib deixou Muhammad ao cuidado de seu tio Abu Talib (seu filho, irmão de Abdal1ah, pai de Muhammad). Abu Talib já tinha muito amor e consideração para com o seu sobrinho Muhammad. Agora esse amor aumentou, pois dava-lhe preferência acima de seus próprios filhos. B de salientar que Abu Talib não era o filho mais velho de Abdul Muttalib.

O mais velho era Al-Haris, mas este não era tão próspero para poder assumir as responsabilidades da casa; por outro lado, Al-Abbas, um outro filho de Abdul Muttalib, era rico, mas não tinha a tal hospitalidade. Abu Talib, apesar de ser pobre, era o mais respeitado por todos, mais nobre e mais hospitaleiro: tinha muita consideração entre Quraysh. Por isso não é de admirar que ele tenha sido escolhido para ser o guardião de Muhammad, e líder de Makkah.

Muhammad tinha, nessa altura, oito anos de idade. O tio Abu Talib não era muito próspero, porque tinha uma família grande para sustentar. Por isso, Muhammad, ainda pequeno, começou a pensar em ajudar o tio a aliviar o fardo das despesas. Mas em Makkah não havia indústrias, nem governo onde pudesse tornar-se funcionário público. E por ser uma terra árida e cheia de rochas, nem podia dedicar-se à agricultura. Nem havia rios. O que havia era gado, único bem considerado como riqueza, na altura. Quem o tivesse, arranjava pessoas para o pastarem. Muhammad também trabalhou como pastor, e muito cedo tomou conta da sua vida e começou a ajudar o seu tio. A inteligência dele, caridade, retidão e boa disposição, aumentou a afeição do tio para com o sobrinho.

## VIAGEM DE MUHAMMAD A SÍRIA

Makkah, apesar de não ter ótimas condições para certas atividades, como a agricultura, sempre foi um local ideal para o comércio. Ali encontravam-se as caravanas de todos os lados; era um centro do qual os Qurayshitas aproveitavam o máximo.

Duzentos anos antes do Profeta nascer, Hashim designou duas viagens de comércio: uma no inverno e outra no verão. No verão as caravanas de Makkah iam para a Síria, onde nessa altura fazia frio, e no inverno iam para o Iêmen e Etiópia.

Abu Talib também fazia negócios. Muhammad tinha já 12 anos, mas mesmo assim o tio não quis levá-lo consigo pensando que ele fosse muito pequeno para aguentar as dificuldades da viagem, sobretudo no deserto. Mas Muhammad, que gostava imensamente do tio, quando o viu partir para a Síria, agarrou-se a ele e insistiu em ir, e o tio, para não entristecer o sobrinho, aceitou levá-lo.

Assim, o tio e o sobrinho partiram juntos para a Síria. Quando chegaram a Busra, no sul da Síria, encontraram-se com um monge cristão chamado Buhira. Os historiadores contam em pormenores como o monge reconheceu Muhammad como sendo o último Profeta, segundo os sinais descritos nas escrituras anteriores. Alguns orientistas cristãos (historiadores), quando chegam a esta passagem, dizem que foi o tal monge Buhira que ensinou a Muhammad a nova religião, aversão pela idolatria, etc. Mas esta afirmação não tem fundamento nenhum, porque se tivesse sido o dito monge a ensiná-lo, como é que Muhammad pregaria o Monoteísmo puro, contra a Trindade em que os cristãos acreditam?

Quando o tal monge reconheceu Muhammad como Profeta, disse logo ao tio Abu Talib para não o levar para a Síria, porque se os judeus o reconhecessem tentariam fazer-lhe mal.

De fato, Muhammad, apesar de na altura ter apenas doze anos, teve uma grande experiência com esta viagem em vários aspectos. Depois disso, Abu Talib nunca mais viajou, manteve-se sempre em Makkah, cuidando dos seus filhos e de Muhammad, que continuou a viver com ele e que o ajudou a servir os peregrinos; era um moço sempre cheio de espírito para servir o seu povo.

Em Makkah, apesar de estar uns 75 quilômetros do Mar Vermelho, é raro chover; às vezes passam-se anos sem chover e outras vezes chove tanto que há

inundações. Uma vez, quando o Profeta tinha dez anos, choveu bastante e houve inundações em Makkah que fizeram estragos nas paredes da Kaaba. Quando mais tarde começaram as reparações, todos os velhos e jovens prestaram o serviço de reparação voluntariamente. Muhammad, apesar de ser pequeno, não deixou de participar num trabalho de tão grande importância, sem se cansar.

Toda a Makkah adorava ídolos. Tinham uma noção muito vaga da doutrina de Abraão, mas proclamavam ser religiosos e guardiões da Kaaba, e era por isso que o resto dos árabes respeitavam-nos, mas essa religiosidade deles já se tinha tornado em politeísmo e superstição. Tinham colocado 360 ídolos dentro da Kaaba (um ídolo para ser adorado em cada dia do ano lunar), e além disso cada tribo tinha o seu ídolo privado a quem adoravam. Era quase impossível para alguém que vivesse numa sociedade como aquela, abster-se da idolatria; mas Muhammad, a quem Deus afastou de todo o tipo de futilidade e deu-lhe seriedade em tudo, nunca adorou os ídolos, nem os tocava como faziam os outros durante o Tawaf (circunção) à Kaaba.

## **A GUERRA DE FIJAR**

Como Muhammad teve experiência no comércio, e na disputa religiosa, Deus quis que tivesse também da guerra. Muhammad tinha quinze anos de idade quando surgiu a guerra de “Fijar”, em que ele alinhou ao lado do seu tio Abu Talib. Esta guerra é chamada “Fijar” porque foi travada num mês sagrado, e a guerra era proibida nos meses sagrados, que são quatro: o primeiro, o segundo, o décimo primeiro e o décimo segundo meses do calendário lunar. “Harbul-Fijar” significa “A Guerra Ímpia». Dentre as guerras tribais, que eram muito normais entre os árabes, esta foi a mais sangrenta, entre «Quraysh» e «Cais»; A participação do Profeta foi superficial. Ele apenas apanhava as setas e as lanças que os inimigos atiravam e entregava-as ao seu tio Abu Talib. Não participou ativamente na guerra, nem matou. Participou porque ele pertencia a Quraysh, e eram os Qurayshitas que tinham razão nesta guerra. O general dos Qurayshitas nesta guerra foi Harb Bin Umaia, pai de Abu Sufyan. A guerra durou quatro anos, mas as hostilidades surgiam e duravam só alguns dias.

## **A ALIANÇA DE FUDUL**

Depois da guerra de Fijar, os Qurayshitas chegaram à conclusão de que as guerras contínuas estavam a dar cabo de muitas famílias, e que a desunião deles estava a causar perda de prestígio entre os árabes. Logo, pensaram em acabar com as guerras deste tipo, no futuro. Então Zubair Bin Abdul Muttalib, tio do Pro-

feta, apresentou uma sugestão de aliança e convocou os representantes de Banu Hashim, Dhuhra e Taim, na casa de Abdullah Bin Judan. Este preparou um grande banquete, no qual fizeram um juramento em nome de Deus, que cada um deles socorreria o oprimido até restituírem o seu direito, fosse quem fosse, grande ou pequeno. Muhammad também participou na conclusão do Pacto, e mais tarde dizia: “Se me dessem camelos vermelhos em troca do pacto de Fudul, eu não aceitaria; mesmo hoje, se fosse chamado para um acordo semelhante eu estaria disposto”. Isto porque, tudo que é bom para a humanidade, o Profeta veio para confirmar.

## RECONSTRUÇÃO DA KAABA

A Kaaba está situada num local baixo, cercado por montanhas. Quando chovia enchia-se de água, e o edifício ficava danificado; a Kaaba inundava-se, as suas paredes caíam. Antes disto acontecer, Quraysh já tinha pensado em reconstruir a Kaaba, porque já não tinha o telhado, e não se podia guardar no seu interior artigos preciosos. Mas, a superstição assustou-os de fazer qualquer alteração na estrutura da Kaaba, porque consideravam que a sua reconstrução era um sacrilégio e proibido. Mas havia necessidade, e reservaram para esse nobre objetivo dinheiro (puramente lícito). E coincidiu que nesses dias um navio quebrou-se ao bater na margem de Jidá.

Os Qurayshitas quando souberam, enviaram para lá Walid Bin Mughira e compraram as madeiras. No navio estava um senhor chamado Baqum, de nacionalidade grega ou romana, conhecedor da construção civil. Os Qurayshitas levaram-no para ajudar na reconstrução. Dividiram o trabalho entre os diferentes clãs de Quraysh, para que todos tivessem essa honra. Primeiro, tinham que começar a limpar os destroços, mas, com medo dos deuses, ninguém quis iniciar. Finalmente, Walid Bin Mughira começou a tirar a parte conhecida por «Ruknul-Yamani»(esquina do Iêmen): os outros ficaram, para ver as consequências da ação de Walid; como nada aconteceu, todos começaram a reconstrução.

Depois de acabarem as obras, a grande confusão começou na altura da colocação da Pedra Negra «Hajjar Al-Aswad». Como era considerada uma grande honra, cada clã queria que essa honra fosse dela. A guerra estava iminente porque não conseguiram chegar a um acordo. Uns até já tinham jurado que não deixariam essa honra passar para os outros. Banu Abduddar levaram uma xicara cheia de sangue (conforme a tradição árabe na altura) e puseram os seus dedos nela, como sinal de que os seus juramentos são solenes e que estão dispostos a dar a vida para isso. Nisso passaram-se quatro dias; no quinto dia, Abu Umaia

Bin Mughira, tio paterno de Khalid Bin Walid, que era o mais idôneo e o mais respeitado entre Quraysh, deu uma solução:

«Iremos fazer de árbitro aquele que amanhã entrar primeiro de «Babus-Safá» (porta)». Todos aceitaram a proposta. No dia seguinte os chefes dos clãs chegaram na hora marcada para verem quem seria o primeiro a entrar. Quando viram que a primeira pessoa a entrar era Muhammad, todos exclamaram: «Eis o honesto (Al Amin), nós aceitaremos a sua decisão.» E contaram a Muhammad a sua disputa, enquanto os seus olhos estavam vermelhos como sangue e cheios de ira. Muhammad refletiu no caso e a seguir pediu que lhe trouxessem um manto. Quando trouxeram o manto, pôs a pedra negra (Hajjar Al-Aswad) no meio dele e disse a todos os chefes dos clãs presentes para que cada um agarrasse uma parte e o elevassem.

Quando chegou a altura desejada, Muhammad, com as suas próprias mãos, levou a pedra e colocou-a no seu lugar, evitando assim uma grande guerra. Quraysh continuou a elevar o edifício (Kaaba) uns 30 pés e pôs a sua porta em cima para deixarem entrar somente a quem desejassem e proibirem a entrada de quem não quisessem (só se pode subir com escadas, mesmo hoje).

Eis a Kaaba já construída, em forma de um cubo com telhado. Mas por falta de fundos lícitos, não foi completamente reconstruída. Deixou-se apenas o sinal marcado na ferra, que indica que essa parte pertence à Kaaba original. Fizeram um pequeno muro para que no futuro, quando houvesse possibilidades, continuassem a reconstrução que se juntará à Kaaba, parte que hoje se chama «Hatim». O Profeta depois quis construir mais, mas ao ver que a maioria das pessoas era nova no islamismo e poderiam pensar mal ao verem uma nova demolição da Kaaba, deixou-a como estava.

Na altura da reconstrução da Kaaba, qual era a idade de Muhammad? Há certa divergência entre os historiadores. Uns dizem que tinha anos, outros dizem 23 anos; Ibn Isaac diz que tinha 35 anos. O que nos interessa agora é que na altura ele gozava de grande prestígio e honra entre os habitantes de Makkah. Porque a honra que todos queriam para si, como fato de terem metido os dedos na xícara de sangue, sinal de que nunca desistiram dessa nobreza, aceitaram entregar a Muhammad. Isso tem certo peso; todos aceitavam-no como líder honesto.

## **VIAGENS DE MUHAMMAD**

Os árabes, especialmente os Qurayshitas descendentes de Ismail, eram comerciantes de profissão, muito antes do Islam aparecer conforme consta na

Bíblia, e no antigo Testamento, Gênesis, passagem de José.

Hashim e Abu Talib eram, de entre os familiares do Profeta, os comerciantes mais denotados e conhecidos. Por isso, quando o Profeta cresceu e preocupou-se pela vida, adotou com facilidade a profissão familiar de comerciante. Como já tinha participado com o tio Abu Talib, quando pequeno, em viagens de negócio, tinha uma certa ideia e experiência. Com vinte anos de idade ele aderiu às caravanas de comércio como agente dos capitalistas de Makkah.

Durante as viagens e as transações comerciais, a sua boa conduta era tão apreciável que a sua fama se espalhou por todo o lado, ficando logo conhecido por Al-Amin (O Confiado ou O Verdadeiro), porque achavam que chamá-lo pelo nome (Muhammad) era faltar com o respeito. Por isso, todos o chamavam pelo título «Al Amin». Era a pessoa em quem todos depositavam a sua confiança, porque nunca quebrou a sua palavra, sempre cumpriu as suas promessas, qualidades louváveis em qualquer comerciante, mas muito raro em encontrá-las, Por isso o Profeta disse:

*“O comerciante honesto estará na companhia dos profetas, dos verdadeiros (no dia da ressurreição)”.*

Isto é uma grande honra para um comerciante honesto. Há uma narração no “Abu Daud” (Kitabut-Adab, Babun-fil-Wade) de Abdullah Bin Abi Al-Hamsa, em que consta que “antes do Profeta Muhammad ter proclamado a sua Missão eu tinha feito uma transação com ele, transação essa que ainda não estava encerrada (completa), quando lhe prometi voltar depois (para encerrar). Acontece que eu esqueci-me totalmente do assunto e da minha promessa de regressar. No terceiro dia, quando passei no local onde tinha feito a promessa, vi que Muhammad ainda estava à minha espera no mesmo local.

Muhammad, sem ficar aborrecido, apenas disse-me: “Incomodaste-me, estou neste local há três dias”. A fidelidade às promessas é uma das qualidades herdadas pelo Profeta de Ismael, seu avô. O Alcorão diz sobre ele:

*“E menciona, no Livro, (a história real) de Ismael, porque foi leal às suas promessas e foi um mensageiro e profeta.” (19:54)*

Em todos os seus negócios e comércio, o Profeta tinha as coisas sempre limpas, e todos que fizeram transações com ele antes da Profecia testemunham isso. Ele viajou várias vezes em negócios para a Síria, Busra e Iêmen, e em todas as viagens teve êxito (lucros).

## CASAMENTO DO PROFETA COM KHADIJA

O nome dela era Khadija Bin Khuwailid Bin Asad Bin Abdul Uzza Bin Qusai; o seu título era “Tahera” (A Pura). Khadija, uma senhora honorável e respeitada, quinto grau da sua genealogia (em dusai), ligava-se à família do Profeta Muhammad. Era habitante de Makkah, tinha uns quarenta (40) anos de idade. Mãe de vários filhos; já se tinha tornado viúva por duas vezes, era muito rica. Quando lhe morreu o segundo marido, várias pessoas nobres de Makkah queriam casar com ela, mas ela sempre recusou. Quando a caravana dos comerciantes de Makkah saía em viagens, só a mercadoria de Khadija igualava-se à de todos os outros comerciantes.

O Profeta Muhammad tinha 25 anos de idade, bonito de rosto, de estatura média, não alto conspicuamente, nem baixo imperceptivelmente, tinha a cabeça ampla, cabelo grosso e muito preto, testa ampla, s sobrançelas carregadas (pesadas), grandes olhos pretos, ligeira vermelhidão nas suas bochechas e pestanas longas, que aumentavam a sua atração; tinha um belo nariz, dentes bem colocados, barba grossa, longo e bonito pescoço, ombros e peito largos (amplos), pele de cor clara, palmas e pés carnudos, ele andava resolutamente com passos firmes; a aparência dele era sempre de profundo pensamento e contemplação; nos seus olhares estava oculta a autoridade do Comandante dos Homens. Por isso, não é de estranhar que Khadija lhe tenha dado o amor e submissão aos desejos dele, ao entregar-lhe totalmente a administração do seu comércio depois do casamento, como já havia feito antes do casamento, a fim de lhe dar vagar para prosseguir uma vida de contemplação.

Não era só um casamento entre Muhammad e Khadija mas sim, união entre a fé e a pureza. A honestidade e veracidade de Muhammad como comerciante fizeram dele uma estrela de Makkah. Khadija depois de se tornar viúva pela segunda vez, precisava, para manter o seu comércio a rolar, de uma pessoa honesta que também tivesse experiência comercial.

Muhammad na altura tinha uns 24 anos, a fama da sua honestidade era enorme e tinha experiência comercial, e Khadija já tinha ouvido isso. Logo, achou que Muhammad era a pessoa indicada para tomar conta dos seus negócios, e, assim, propôs a Muhammad a responsabilidade dos seus negócios, e dar-lhe-ia mais subsídio comparando com o que dava a outros. Muhammad aceitou a proposta e partiu com a mercadoria para a Síria, com o servente de Khadija, de nome Maisara. Passaram pelo mesmo local que o Profeta passara quando tinha a idade de 12 anos; isso recordou-lhe o passado e teve a oportunidade de conhecer melhor a Síria, sua população e a sua religião cristã.

Muhammad comprou mercadorias da Síria para vender em Makkah, conforme Khadija tinha recomendado. O objetivo de enviar o seu servente confiado, Maisara, era também para espiar a conduta de Muhammad, durante a viagem.

Ao regressarem à Makkah, com muito lucro feito, ela ouviu de Muhammad a narração toda e, Maisara também contou a Khadija, a conduta excelente de Muhammad e, as suas virtudes. Tudo isso criem amor para com Muhammad no coração de Khadija. Ela era de 40 anos, mas, agora queria casar com este jovem de 25 anos, cuja conduta e palavras cativaram o seu coração. Ela falou do seu amor para com ele com à sua amiga Nafissa, mas a questão era se ele (Muhammad) aceitá-la-ia ou não? As mulheres, em todo o caso, são grandes diplomatas. Por isso Khadija enviou a Nafissa para conversar com Muhammad para ter uma ideia. Quando Nafissa se encontrou com Muhammad, esta foi a conversa entre eles:

**Nafissa:** O que é que te impede de casares?

**Muhammad:** O que é que eu possuo para poder casar? (Eu não tenho possibilidades materiais para casar).

**Nafissa:** Mas se isso não tiver importância e fores convidado para casares com beleza, riqueza, nobreza e satisfação, o que é que dirás?

**Muhammad:** Quem é essa?

**Nafissa:** Khadija.

**Muhammad:** Como é possível isso?

**Nafissa:** Isso é comigo.

**Muhammad:** Então, eu aceito.

Foi assim que se fixou, mais ou menos, o casamento de Muhammad com Khadija, Muhammad também tinha amor para com ela, mas, uma vez que ela recusou propostas de casamentos de pessoas mais ricas, ele não queria ser o primeiro a enviar a proposta. Agora que a proposta veio da parte dela, ele aceitou-a com grande prazer.

Depois disso, Khadija começou logo a preparar o casamento sem atraso nenhum e marcou o dia em que os tios de Muhammad pudessem vir ter com os familiares dela para fazerem o pedido e outras formalidades. Uns historiadores

afirmam que o pai dela já tinha falecido, outros dizem que ainda estava vivo, mas, a primeira versão é mais correta, e quem tratou tudo sobre o casamento foi o tio dela Omar Bin Asad. Na Arábia, as mulheres tinham a liberdade de tratar o assunto do seu próprio casamento, por isso mesmo na presença do tio, Khadija quase que tratou tudo sozinha, marcou-se a data, e no dia fixado vieram da parte de Muhammad todos os líderes familiares, incluindo Hamza e Abu Talib. Este recitou o Khutba (sermão) de casamento e designou o dote de 500 camelos jovens. (Há alguma divergência na quantia do dote).

E, assim, depois do casamento, Muhammad passou para a casa de Khadija. Começou assim um novo capítulo na vida de Muhammad e de Khadija. Muhammad teve todos os seus filhos com Khadija exceto Ibrahim. Ela viveu mais 25 anos, teve 7 filhos com Muhammad, 3 rapazes, Kassim, Tahir, Tayib, que faleceram ainda pequenos, antes de Muhammad receber a mensagem divina; e quatro meninas, Zaynab, Ruqayyah, Umm Kulthum e Fátima, que viveram casaram-se. Três delas faleceram durante a vida de Muhammad; só uma, a Fátima viveu mais e teve dois filhos, Hassan e Hussein. Enquanto Khadija esteve viva Muhammad não se casou com mais ninguém.

A casa onde vivia Khadija é conhecida pelo nome dela até hoje. Amir Muawia comprou-a e transformou-a em Masjid (Mesquita).

A filha mais velha, Zaynab, casou-se com Abdul Ás Bin Abd Chams; a Ruqayyah e Umm Kulthum casaram-se com Utba e Utaíba, respectivamente dois filhos de Abu Lahab, tio de Muhammad. Quando Muhammad proclamou o Islam, Abu Lahab como tinha rejeitado o Islam, obrigou os seus filhos a se divorciarem das duas filhas de Muhammad. Por isso elas casaram-se depois com Uthman Bin Affan o terceiro Califa, uma após outra e assim Uthman obteve o título de Zin-Nurain, o possuidor de duas luzes. Mas as duas morreram durante a vida de Muhammad.

Fátima, a mais nova, casou-se com Ali Ibn Abi Talib; é a única através da qual continuou a descendência de Muhammad; ela também faleceu logo depois da morte de Muhammad, ou seja seis meses depois.

O casamento de Muhammad foi muito simples. Daí nós devemos tirar uma grande lição:

Se o desperdício e esbanjamento de riquezas que as pessoas fazem em geral fosse bom e recomendado, Muhammad o mensageiro de Deus também não deixaria de fazer. Mas a bênção de Deus está no mais simples possível ca-

samento, e os dois viveram felizes sem nunca terem uma única disputa ou problema durante os vinte e cinco anos que estiveram juntos, apesar da grande diferença de idades entre os dois.

## **VIDA ANTES DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA E ALGUMAS PASSAGENS DISPERSAS**

As disputas entre clãs e o recurso de procurar arbitragem da primeira pessoa que entrasse na Kaaba, provou que o poder público e a autoridade estavam dissolvidas, o poder absoluto de Qusai, Hashim e Abdul Muttalib não se transferiu para nenhuma pessoa de Makkah e a luta pelo poder entre Banu Hashim e Banu Umayyah, (cujos reflexos apareceram muito mais tarde na época de Amir Muáwia), depois da morte de Abdul Muttalib aumentou a confusão e essa confusão de certo que prejudicava a cidade.

A consequência dessa dissolução política foi o notável aumento da liberdade de muitos em exporem os seus pontos de vista religiosos e doutros assuntos; muitos já tinham chegado à conclusão que a idolatria era simples escárnio. Por isso, a tribo Quraysh teve uma reunião na plantação de Tahia, e aí, quatro pessoas levantaram-se e declararam-se livres da idolatria.

São eles: Zaid Bin Amr, Uthman Bin Huwairis, Ubayd-Allah Bin Jahsh e Waraqah Bin Nawfal e proclamaram: «Sabei ó gente! Por Deus, vós não tendes qualquer fundamento na verdade e estais a atuar apenas no erro; o que é que vale nós sentarmos perante, ou circundarmos à volta de uma pedra que não ouve, não vê, não beneficia, nem prejudica, e o sangue da vítima corre por cima dele? Ó gente! Procurai para vós uma outra religião fora desta». Então Waraqah converteu-se para o cristianismo, e dizem que chegou a traduzir algumas partes do evangelho para o árabe; Ubaid Allah ficou sem religião até que mais tarde converteu-se ao Islamismo e emigrou, com os muçulmanos, para Abissínia, e lá, conforme alguns historiadores, ele ficou cristão e morreu. A sua mulher (viúva) Umm Habiba Bint Abi Sufian continuou muçulmana e mais tarde casou-se com o Profeta; Zaid Bin Amr foi de viagem à Síria e Iraque mas manteve-se com ideologia livre, e costumava dizer: Ó Deus! Se eu soubesse como Tu gostas de ser adorado, de certeza que eu faria, mas não sei; e Uthman Bin Huwairis, parente de Khadija, foi a Bizâncio onde se converteu ao cristianismo, tornou-se em favorito do Rei e dizem que quis conquistar Makkah e colocar-se ele próprio como vice-rei Bizantino em Makkah, mas, foi envenenado, por instigação das pessoas de Makkah, que não viram essa ideia com bom agrado. Assim acabou-se a carreira dos quatro dissidentes sem deixarem qualquer efeito na população de Makkah

ou na sua idolatria. Todos morreram, e o Profeta só conheceu Zaid e Waraqa.

Muhammad, mesmo antes da proclamação da Profecia, apesar de estar no ambiente de idolatria, nunca adorou ídolos. Pelo contrário, até tinha começado a condenar a idolatria e proibiu aos seus próximos, com os quais tinha mais confiança, como Abu Bakr e Hakim Bin Hizam chefe distinto dos Qurayshitas, dono de «Darun-Nadwa». Tinha mais 5 anos de idade que o Profeta, e depois de se converter ao Islamismo vendeu Darun Nadwa ao Amir Muawia por 100.000 dirham>s, dinheiro que deu como caridade.

Este Hakim Bin Hizam só se converteu ao Islam no oitavo ano da Hégira, mas mesmo assim manteve sempre amizade e dedicação ao Profeta. Uma vez ele foi a Madinah para oferecer algo ao Profeta, mas o Profeta disse-lhe: Eu não aceito ofertas de idólatras. Se me disseres quanto custa eu posso comprar. Finalmente ele aceitou levar o preço disso.

O Profeta Muhammad era dentre o seu povo o homem com melhor conduta moral, verdadeiro, honesto, sempre longe da imoralidade e maldade que envolvia os outros. Por isso, todos o chamava por Al-Amin, por ele possuir as qualidades distintas, como a prudência, paciência, gratidão, justiça, humildade, castidade, generosidade, bravura, vergonha, etc.

E estas eram as qualidades que até os seus piores inimigos reconheciam nele. Abu Sufyan foi interrogado por Heráclito, Rei dos Romanos, a respeito de Muhammad: «Se antes de ele proclamar a profecia vocês já o tinham acusado de mentiroso, alguma vez?» Abu Sufyan respondeu: Não. Heráclito disse: «Se ele nunca mentiu para as pessoas não pode vir a mentir para Deus». Deus protegeu Muhammad desde criança dos atos de ignorância. Nunca adorou ídolos, nunca comeu daquilo que foi consagrado aos ídolos e outras divindades fora de Deus, nunca bebeu bebidas alcoólicas, nunca fez Tawaf nu como faziam outros, tudo isso mesmo antes da proclamação da profecia.

Muhammad que já tinha uma mente contemplativa, agora entregou-se totalmente na concentração da adoração; procurou um lugar tranquilo, longe das pessoas, para meditação e para obter paz espiritual e assim descobrir o Grande Criador deste Universo para adorá-Lo unicamente, porque acreditar num só Deus e adorá-Lo é a lógica humana e sã. Mas adorar Deus de maneira que a pessoa atinja o progresso e desenvolvimento espiritual e obtenha eterna tranquilidade, é impossível só com o juízo humano, porque este está sujeito a errar, mesmo nas coisas visíveis. Como então podemos basear nele (no juízo) nas coisas invisíveis? Para isso devemos procurar um orientador que conhece o

máximo e o fim da vida humana, que nos possa dizer as coisas através das quais possamos atingir o progresso espiritual e eterno sossego.

A natureza sã de Muhammad também convenceu-o a adorar um só Deus e criou dentro dele a ansiedade disso. Por isso, retirava-se a fim de meditar, para uma caverna, no monte Hira, chamado «Jabalan-Nur» situado ao norte de Makkah. Era um local sossegado, donde se podia ver a Kaaba.

Muhammad costumava passar todo o mês de Ramadan lá, com o mínimo de alimentação; a sua esposa Khadija colaborava ao máximo nisso, preparando a comida com medida, mas conforme o seu cálculo. Quando o Profeta se atrasava no regresso ela preparava mais e ia pessoalmente ou através de um servente entregar a comida. Assim, Muhammad passava os dias, na caverna à procura da verdade e na ponderação das criaturas à sua volta, o sol, a lua, os mares, o céu, as estrelas, e a pensar se a vida e a nossa presença aqui é apenas um acidente? A pessoa nasce e morre, ninguém pode deter a vida ou a morte? Qual a origem das criaturas? O mundo e a sua vida têm leis imutáveis e inalteráveis que não podem ser produto de circunstâncias e muitas outras questões espirituais e psicológicas, em que Muhammad passava o dia a ponderar na sua solidão na caverna de Hira, e via que tudo está subordinado a uma Força Invisível.

Estava em busca da verdade através de todas estas reflexões depois de já ter a certeza que o que o seu povo fazia (idolatria) era puramente falso. Mas, embora não conseguisse chegar a uma resposta concreta destas perguntas e outras, ele não cedeu como fizeram outros. Ele era um homem com determinação de ferro, portanto ele repetia essa experiência de retirar-se na caverna de Hira todos os anos no mês de Ramadan. Embora não conseguisse resolver o mistério, sentia alguma coisa a excitá-lo e pensava que Ramadan só não era o tempo para a contemplação, mas sim a vida inteira dele, não se desligando da humanidade, continuou a servir o seu povo reservando um dos doze meses ao serviço da busca da verdade oculta no Universo.

E depois, chegou a uma fase em que ele não conseguia ver e ouvir à luz do dia, via e ouvia nos sonhos a verdade que procurava, chegando à conclusão que os ídólatras, os judeus, os cristãos, estavam todos no erro. O que ele sonhava, via na manhã seguinte a realizar-se, e sonhava também das coisas que haviam de acontecer no futuro e tudo vinha a acontecer. Contava esses sonhos a Khadija e ela, ao ver isso, encorajava-o na sua procura da verdade. Nessa altura a alma dele estava convencida inteiramente da visão da verdade, que ele tinha visto; a mente dele estava pura e limpa de qualquer ilusão e falsidade; a sua alma estava bem disciplinada com a procura da Verdade. Pode-se dizer que ele já estava in-

teiramente dirigido para a Verdade Eterna. Durante a sua estadia na caverna ele orou dia e noite, jejuou longos períodos, mesmo quando saía de lá para o deserto, o pensamento dele concentrava-se profundamente no mesmo assunto. Esta contemplação durou uns seis meses e ele relatou as suas dificuldades e receios a Khadija, pensando que fosse algum mau espírito que o estava a intimidar. Ele estava a atravessar uma situação anormal. A sua esposa Khadija disse-lhe para não se preocupar porque ele era «Al-Amin» e possuidor de todas as boas qualidades e que os maus espíritos nunca o podiam tocar.

A verdade é que Deus estava a preparar o seu escolhido para o dia da primeira revelação.

## A PRIMEIRA REVELAÇÃO

Quando Muhammad atingiu os seus 40 anos, Deus escolheu-o para orientar as criaturas do mundo inteiro, para tirá-las da escuridão e levá-las para a luz. Foi em fevereiro ou julho do ano 610, depois do nascimento de Cristo, segundo o astrólogo egípcio Mahmud Bacha, era 17 de Ramadan, 13 anos antes de Hégira. Como já se disse que primeiro começou com os sonhos - o que via no sonho, no dia seguinte realizava-se na íntegra -, depois começou a fase da solidão, longe das pessoas, na adoração, baseando-se na doutrina de Abraão e passando dias. Levava consigo a sua comida; quando esta acabava regressava a casa e, depois de levar mais provisões, retornava à caverna de Hira.

Num dos dias quando o Profeta estava na contemplação profunda na caverna, apareceu-lhe o Anjo (Gabriel) e disse-lhe: “Lê!”. Muhammad respondeu: “Eu não sei ler”. Então, ele sentiu como se o Anjo o estivesse a estrangular (apertando-o) e depois libertou-o. Então ouviu outra vez a ordem: “Lê!” Muhammad disse: “Eu não sei ler”. Então Muhammad foi outra vez apertado e liberto, e o Anjo repetiu a ordem pela terceira vez, e Muhammad perguntou o que é que devia recitar. O Anjo disse:

*“Lê, em nome do teu Senhor Que criou; Criou o homem de algo que se agarra. Lê, que o teu Senhor é Generosíssimo, Que ensinou através do cálamo (caneta), Ensinou ao homem o que este não sabia. “ (96:1 até 5)*

Ele recitou, e as palavras ficaram imprimidas (gravadas) na sua mente. Recitava fluentemente as palavras que lhe foram ditadas. Mas quando olhou para os lados e não viu ninguém, então começou o receio dentro dele, e questões como: Onde está o ser que lhe havia ensinado as palavras? E quem era ele? Foi uma surpresa, por isso, ficou em pânico. Até aí só via e ouvia no sonho, mas

agora foi uma resposta direta da sua procura da realidade, mas não viu ninguém ao seu lado e como era um homem de grande coragem e determinação, ele ficou ali mesmo por algum tempo pensando que existia na caverna ou nos arredores alguma coisa escondida. Mas quando teve a certeza que não estava ninguém começou a andar na área à volta da montanha recitando os versículos e perguntando a si próprio, quem seria esse que lhe ordenou a recitar aquelas palavras?

Subitamente, quando estava a andar, ouviu uma voz, a mesma que ele tinha ouvido na caverna, a chamá-lo do céu. Muhammad levantou a cabeça para o céu, e viu um anjo na forma humana. Cheio de medo, quis escapar e fugir, mas para os lados que ele olhava aparecia o mesmo anjo em frente dele. Então, parou no local por algum tempo. Entretanto, Khadija, quando notou o atraso no regresso de Muhammad à casa enviou o servente em busca dele. Este foi para a caverna mas não encontrou ninguém lá. Quando o anjo desapareceu, Muhammad regressou a sua casa, com a primeira revelação, mas ainda com o coração cheio de medo a respeito daquilo que viu; logo ao chegar a casa, disse à esposa: «Cobre-me com a manta. Envolvei-me na manta», repetiu, e Khadija viu que o marido estava a tremer como se tivesse febres altas. Depois quando se acalmou, ele dirigiu-se a Khadija e disse: «Ó Khadija, sabes o que é que me aconteceu?» E em seguida relatou tudo o que tinha acontecido com ele, e o medo que teve (porquê o anjo tinha-o apertado com força), mas Khadija, que sempre tinha encorajado Muhammad, já que estava a conviver com ele há quinze anos e conhecia-o bem, pressentiu logo que alguém, anormal, lhe apareceu na solidão (mesmo nas ocasiões anteriores, quando Muhammad se assustava de qualquer coisa na sua solidão na busca da verdade, Khadija encorajava-o), portanto disse-lhe: «Ó esposo meu, não te preocupes, esteja satisfeito e firme. Por aquele em cuja mão está a vida de Khadija, eu tenho fortes esperanças que tu serás o Profeta deste povo; eu juro por Deus, que Ele nunca te desprezará, porque na verdade tu sempre reúnes relações uterinas (parentescos), és sempre verdadeiro, tu carregas o fardo de outros acima de ti próprio, tu tens a bela conduta que outros não têm, tu honras os hóspedes, tu ajudas as pessoas quando elas estão em dificuldades, dás abrigo aos viajantes, alinhadas e ajudas aos que estão em dificuldade, por causa da verdade e boa ação, Deus não há de impor acima de ti Satã nem superstições. **(Al-Bukhari)**

Depois destas boas palavras de Khadija, Muhammad ficou tranquilo e sossegado, e, por estar muito cansado, adormeceu. Quando acordou, já era uma nova pessoa no mundo, era como quem nasceu recentemente com nova alma e nova vida. Ele já sabia que o Senhor do Universo era Único e que ele era o Seu Mensageiro para transmitir a Sua Mensagem para a humanidade, até aperfeiço-

ar a luz de Deus na terra, ainda que os descrentes detestem isso.

## RESUMO DA PRIMEIRA REVELAÇÃO

Muhammad estava à procura da realidade oculta no Universo, e a Primeira Revelação é o início do seu livro de aprendizagem e, a realidade é o seu Senhor, assim como lhe foi dito, a palavra “Rabb” em árabe significa Nutridor, Criador, Sustentador, Administrador, Dono e Senhor do Universo; a primeira lição começa com o nome do Senhor e porque o homem é o objetivo principal de estudo do homem, aqui é ensinado a Muhammad que o objetivo de Deus em criar o homem a partir de sangue coagulado - uma coisa que é viva, mas diferente de pedras, árvores e vegetais, é para o homem ter o conhecimento, a ciência e a consciência de si próprio, assim como a consciência do Universo que está à sua volta, porque adquirir a ciência (Ilm) é o que distingue o ser humano do resto das criaturas. Noutras religiões o caso é diferente: Por exemplo, no mundo cristão, por vários séculos o desenvolvimento científico foi oposto por autoridades em causa, tomavam medidas duras contra esses que procuravam alargar a ciência, medidas que muitas vezes forçavam-nos a exilar para evitarmos ser queimados vivos, a menos que eles desdissem e mudassem de atitude e pedissem o perdão, como foi o caso de Galileu que é conhecido por todos; ele foi julgado e condenado por ter retomado as descobertas feitas por Copérnico, sobre a rotação da terra. No caso do Islam, já não é assim. O Alcorão incentiva-nos a cultivar a ciência; contém muitas observações sobre os fenômenos naturais e tem explicações detalhadas que são vistas como em total acordo com a ciência moderna; não há semelhança a isto no cristianismo ou no judaísmo.

E nesta ciência adquirida, a caneta é um instrumento principal. Quando o homem pegou na caneta começou a haver progresso nas artes e civilizações. O primeiro atributo de Deus que Ele fez recordar ao homem através de Muhammad é a Sua generosidade. Portanto, do primeiro momento do ensinamento do Islam, ciência (Ilm) e generosidade foram consideradas as bases para o progresso espiritual. Por isso o Profeta diz:

*“Procurar o Ilm é obrigação de todo o muçulmano, seja ele homem ou mulher.”*

O Próprio Deus é o Professor do homem e a ciência (Ilm) pode-se considerar de duas qualidades:

- 1 - Que é alcançada através da experiência;
- 2 - Que está fora do alcance da experiência humana.

Deus encarregou-se de iluminar o homem em ambas as qualidades da ciência.

Por isso a primeira revelação termina com estas palavras:

*“(Deus) Ensinou ao homem o que este não sabia.”*

Noutra parte do Alcorão, Deus ensina ao Profeta para orar desta forma:

*“Ó meu Senhor, aumenta a minha ciência (sabedoria).»*

E Deus diz ainda:

*“O Compassivo ensinou o Alcorão, criou o ser humano e ensinou-o a expressar-se.”*

O homem nem pelo poder da caneta nem por qualquer imaginação que tivesse podia alcançar o que lhe vai acontecer depois da morte, exceto com a informação Divina. Aqui o Alcorão dá-nos essa informação e diz-nos como prepararmo-nos para a vida futura, para a qual esta vida (mundana) é o início, e será na vida futura que o homem terá o que pretende. Mas, esta vida (presente) também é importante porque a próxima depende totalmente desta.

## **OS PRIMEIROS ANOS DA MISSÃO DE MUHAMMAD**

Depois de Khadija tranquilizar Muhammad com as suas ricas palavras, quis também confirmar através daqueles que tinham algum conhecimento a respeito dos Profetas. Porque o que ela acabou de dizer era opinião sua, uma vez que ela não sabia a realidade daquilo que Muhammad viu e ouviu. Mas, como ela já conhecia Muhammad há quinze anos e notou nele todas as boas qualidades da conduta moral e como o amava muito, preocupava-se com ele e tinha a certeza de que não seria qualquer coisa má. Pensou em consultar «Waraqah Bin Nawfal», um familiar de Khadija, um homem que se tinha convertido ao cristianismo e traduzia partes do Evangelho hebraico para o árabe; era já muito velho e cego, mas sabia alguma coisa sobre a profecia, porque lia constantemente o Torá e o Evangelho.

Khadija levou Muhammad para junto de Waraqah e disse: «O meu primo, ouça do filho do seu irmão o que ele tem para lhe dizer». Waraqah perguntou a Muhammad: «O que é que tens?». O Profeta contou-lhe tudo o que viu e ouviu.

Em resposta Waraqah esclareceu logo ao ouvir a passagem toda: «Esse é

o mesmo Espírito (Anjo) que Deus enviou a Moisés (com a Revelação) e tu és o Profeta desta Nação». Continuando, afirmou: «Tu serás recusado, serás ofendido, serás abusado, perseguido e expulso, quando lhes pedires para abandonarem as falsas crenças tradicionais. Se eu vivesse até esse dia, em que o teu povo te irá expulsar, de certeza que eu te ajudaria na causa de Deus, mas eu já estou velho.»

O Profeta quando ouviu que «seria expulso», estranhou bastante, e perguntou: «Eu serei expulso por eles?». «Sim - respondeu Waraqah -, sempre que veio alguém com a missão semelhante à tua, foi tratado dessa forma», conforme relata o Alcorão:

*“E os incrédulos disseram ao seus mensageiros: Nós vos expulsaremos da nossa terra, a menos que volteis ao nosso credo!” (14:13)*

Waraqah disse tudo isso e, depois de algum tempo morreu.

Essa foi a primeira Revelação. Depois disso, houve uma pausa na Revelação por uns quarenta dias que, para Muhammad pareciam anos. O Profeta estava muito ansioso em receber a Revelação; quando viu que demorava, pensou que Deus o tinha abandonado. E sem esse contato com Deus, ele achava que a vida era inútil, depois de já ter saboreado o Grande Favor de Deus. Por isso, quando a saudade da Revelação aumentava. Muhammad subia ao topo da montanha e pensava em atirar-se para baixo a fim de acabar com a vida. Mas logo depois aparecia o anjo a dizer-lhe:

*“Tu és o verdadeiro Profeta (Mensageiro de Deus), não te preocupes.”*

Só assim ele tranquilizava-se e recuava a intenção que tinha. Esta demora foi uma lição de paciência que Deus lhe quis dar e ensinar-lhe que a paciência é um elemento base para o sucesso. O período que vai desde a parada da Revelação até ao aparecimento de novo, da Luz da Religião, chama-se *“Fatratul-Wahy”*.

## REINÍCIO DA REVELAÇÃO

Uma vez, depois de sair da caverna, no regresso a casa, o Profeta ouviu uma voz vinda do céu. Quando olhou, viu que era o mesmo Anjo que se lhe tinha dirigido na mesma caverna pela primeira vez (na Primeira Revelação). Ao vê-lo Muhammad assustou-se ao lembrar-se do que esse Anjo lhe tinha feito no primeiro encontro (tinha-o abraçado e apertado três vezes). Ficou muito preocupado e regressou apressadamente para casa e disse à Khadija: “Envolvei-me

no manto, envolvi-me no manto”, e envolveu-se no manto, deitou-se na cama. Então, Deus revelou os seguintes versículos, onde lhe ordenou seis coisas:

*“Ó tu, emantado! Levante-te e admoesta! E enaltece o teu Senhor! E purifica as tuas vestimentas! E foge da abominação! E não esperes qualquer aumento (em teu interesse), Mas persevera, pela causa do teu Senhor.” (74:1 até 7)*

Desde que a Revelação recomeçou, nunca mais parou até à morte do Profeta. Certas vezes as Revelações atrasavam-se, o que causava intranquilidade no Profeta, mas depois recomeçava, normalmente, como por exemplo: Quando uma vez os politeístas foram perguntar ao Profeta a realidade da alma e o Profeta disse-lhes que os havia de responder no dia seguinte, confiando na revelação. Mas, não disse “INSHA ALLAH” que quer dizer, “SE DEUS QUISE”. Esta falha não agradou a Deus, e a resposta foi atrasada o que serviu de oportunidade aos politeístas para dizerem que o Deus de Muhammad estava zangado com ele. Então, foram revelados os seguintes versículos:

*“Pelas horas da manhã, E pela noite, quando é serena, Que o teu Senhor não te abandonou, nem te odiou e sem dúvida que a outra vida será melhor, para ti, do que a presente. Logo o teu Senhor te agraciará, de um modo que te satisfaça. Porventura, não te encontrou órfão e te amparou? Não te encontrou extraviado e te encaminhou? Não te achou necessitado e te enriqueceu? Portanto, não maltrates o órfão, Nem tampouco repudies o mendigo, Mas divulga a mercê do teu Senhor, em teu discurso.” (93)*

E depois Deus deu uma lição ao Profeta:

*“Nunca digas de coisa alguma ‘farei isto amanhã’ sem acrescentar: Se Deus quiser”.*

Seguidamente, veio a resposta sobre a alma. Atrasos como este

aconteceram algumas vezes, como por exemplo logo após a batalha de Ohud como consta no Al-Bukhari. Mas o atraso mais longo foi este, o do reinício da Revelação que se chama “FATRATUL-WAHY”, depois de um longo período, Deus disse a Muhammad:

*“Ó tu, emantado! Levante-te e admoesta! E enaltece o teu Senhor!” (74:1 até 3)*

Nestes versículos, Deus ordena a Muhammad para que deixe de descansar, que se levante, que inicie a sua missão de advertir e chamar as pessoas para o caminho de Deus. Muhammad começou a pensar, a quem é que iria chamar, e

quem é que iria aceitar, o seu chamamento?

Khadija por seu lado fez tudo para facilitar a tarefa de Muhammad e consolidar-se; ela foi a primeira a declarar a sua fé num só Deus e na profecia de Muhammad. Foi assim que Deus ordenou ao Seu Mensageiro para transmitir o que lhe foi enviado.

O Profeta Muhammad sabia que no cumprimento da sua tarefa tinha à sua frente muitos obstáculos e dificuldades. Se o serviço dele fosse como o de Jesus de só transmitir aos judeus ou como de Moisés de só salvar (evacuar) os israelitas do Egito, seria fácil. Mas, o serviço dele era, ele próprio manter-se são e ao mesmo tempo advertir os árabes e todos os Povos do Mundo; iluminá-los com o islamismo; por isso, precisava de planejar isso com muito cuidado. Portanto, a primeira fase da sua missão era apresentar essa fé em segredo (perigoso na altura) às pessoas mais próximas e confiadas, aos que já tinha convivido com o Profeta. Começou da sua casa. Khadija, a sua esposa, foi a primeira a converter-se, depois foi Ali Bin Abi Talib, seu primo, que vivia com o Profeta desde a sua infância, porque o seu pai Abu Talib tinha muitos filhos e estava numa situação muito crítica, economicamente. Para lhe aliviar o peso, o Profeta pediu ao tio Abu Talib que deixasse Ali viver com ele, na sua casa. E o pai aceitou. Da mesma forma fez Abbas ao levar o Jafar Bin Abi Talib para viver consigo. Portanto, Ali viveu com o Profeta desde a sua infância como se fosse seu próprio filho. Quando chegou a Revelação ao Profeta, Ali não tinha atingido a puberdade, e, como viveu sempre com o Profeta foi também uma das pessoas que nunca adorou os ídolos. Quando chegou a Revelação e Deus ordenou a Muhammad para adorar somente a Ele, o Anjo Gabriel veio e ensinou ao Profeta como fazer a ablução e orar ao seu Senhor. Desde então, o Profeta começou a adorá-Lo, em casa, com Khadija. Ali viu Muhammad e Khadija a prostrarem-se em casa na oração, e com curiosidade, perguntou? Para quem vocês estão a prostrar-se? O Profeta respondeu: «Para um único Deus, Criador do Universo, que não tem pai, nem mãe, nem filho, que está livre de todas as necessidades mundanas, que é Misericordioso e Generoso para toda a humanidade». Muhammad convidou-o, também, para crer no mesmo Deus. Ali disse que primeiro havia de consultar o pai, mas na manhã seguinte disse: «Não há necessidade de consultar o meu pai, porque Deus criou-me sem consultar o meu pai. Por quê então, vou consultar o meu pai para servir a Deus?» E foi assim que ele converteu-se, depois de Khadija, a seguir, foi Zaid Bin Haris, que era um escravo: Muhammad libertara-o e tomou-o como filho adotivo. Era jovem e os pais quando vieram para buscá-lo, ele recusou-se a ir com eles, preferindo a companhia do Profeta, e também a Umm Ayman que era servente do Profeta desde criança. Estes todos (os cinco mencionados) são

os que abraçaram o Islamismo e eram os que viviam ou pertenciam a casa do Profeta. E fora da casa do Profeta, o primeiro a converter-se, foi Abu Bakr Bin Abi Quhafa Bin Amir Ka'ab Bin Sa'ad Bin Taim Bin Murrah Al Tyyimi Al-Qurayshi, amigo do Profeta, antes da proclamação da profecia. Visitavam-se um ao outro e conheciam-se bem. Abu Bakr era um comerciante e conhecido entre Quraysh; conhecia bem e tinha memorizado a genealogia deles; era um homem com grande influência e honra e muito confiado entre os árabes. Quando o Profeta contou-lhe tudo o que viu e ouviu na caverna, e recitou para ele os versículos que lhe foram revelados, convidando-o também para adorar um só Deus. Abu Bakr acreditou nele sem a mínima hesitação e disse: «O meu pai e minha mãe que sejam sacrificados por ti; tu és verdadeiro; testemunho que só há um Único Deus e que tu és o Mensageiro de Deus».

Abu Bakr era rico, generoso, amado pelo seu povo. E com todas as suas boas qualidades era considerado como Ministro do Profeta. Por isso, o Profeta pedia-lhe a sua opinião em todos os assuntos. E nessa altura - com receio de serem maltratados pelos árabes -, ainda o convite para o Islamismo era feito em segredo - o Profeta só convidava aqueles em quem confiava, e desse modo já tinham convertido ao Islamismo várias pessoas de diversas qualidades da sociedade:

- De entre os homens livres, Abu Bakr;
- De entre as mulheres- livres, Khadija;
- De entre as crianças livres, Ali;
- De entre os escravos libertos, Zaid Bin Haris;
- De entre as escravas libertas, Umm Ayman.

Como Abu Bakr era uma pessoa de grande influência na Arábia, muitos dos árabes nobres converteram-se através dele, tornando-se no mensageiro do Mensageiro. Por intermédio dele, converteram-se no Islamismo as seguintes pessoas:

- 1 - Uthman Ibn Affan (mais tarde o 3.º Califa);
- 2 - Zubair ibn Al-Awwam, que ainda era jovem;
- 3 - Abdul-Rahman Bin Auf, (antes do Islam o seu nome era Abd-Amr, o Profeta mudou-lhe o nome para Abdul Rahman);

4 - Talha Ibn Ubayd-Allah;

5 - Ubaidah Bin Jarrah:

6 - Saad Ibn Abi Waqqas, (Conquistador do Iraque).

Quando Saad Ibn Abi Waqqas se converteu ao Islamismo, a sua mãe Hamna Bint Abi Sufyan soube disso, e disse-lhe: “Ouvi dizer que abandonaste a tua religião; por Deus, eu não vou me proteger sob qualquer teto, de qualquer calor e frio e não vou comer nem beber até tu não renegares a Muhammad”. E ficou assim, nesse estado durante três dias. Então, Saad foi ter com o Profeta e contou-lhe a situação da mãe. Foi nessa altura Revelado o seguinte versículo:

*“E recomendamos ao homem benevolência para com os seus pais. Sua mãe o suporta, entre dores e dores, e sua desmama é aos dois anos. (E lhe dizemos): Agradece a Mim e aos teus pais, porque retorno será a Mim. Porém, se te constrangerem a associar-Me o que tu ignoras, não lhes obedexas; comporta-te com eles com benevolência neste mundo, e segue a senda de quem se voltou contrito a Mim. Logo o retorno de todos vós será a Mim, e então inteirar-vos-ei de tudo quanto tiverdes feito.” (31:14 e 15)*

Aqui, Deus diz para o ser humano portar-se bem com os seus pais, sejam eles crentes ou descrentes; mas, se eles obrigarem aos seus filhos a associarem a outros com Deus (politeísmo), não se pode obedecer-lhes; porque não há obediência a criatura alguma quando nisso, está sendo desobedecido O Criador.

Saad recusou o pedido da mãe e quando ela estava muito mal, Saad disse-lhe: “O mãe, se tu tivesses mil almas e saísse uma após outra, mesmo assim eu não deixava de seguir Muhammad.” Quando a mãe notou a firmeza do filho quebrou o seu jejum e o seu juramento.

Quando Abu Bakr conseguia converter alguém ao islamismo ele levava-o para junto do Profeta, este ensinava-lhe o que era necessário saber, especialmente a oração e o modo de orar. Além destes, houve outros também que se converteram, que também são pioneiros, pois todos passaram perseguições e castigos só por terem abraçado o Islam. São eles:

Abdallah Ibn Mas’ud, que adorava ídolos; quando ouviu a notícia da revelação a Muhammad, logo se converteu; e Abu Dharr al-Ghifari, que era nômade, já tinha abandonado a idolatria e adorava Deus à sua maneira. Quando soube da Revelação a Muhammad enviou Unais, seu irmão mais novo, à Makkah

para colher informações. Este quando voltou após ouvir o Alcorão, disse ao irmão as qualidades nobres do Profeta e do seu ensinamento de boa conduta. Mas, ele não se tranquilizou com a notícia que o irmão trouxe e pensou em ir pessoalmente verificar. Chegou à Makkah e como não conhecia o Profeta, também não quis perguntar a qualquer pessoa por saber o perigo que havia para aqueles que se convertiam ao Islamismo.

Coincidiu encontrar-se com Ali e juntamente com ele conseguiu chegar ao Profeta e lá declarou a sua fé. Logo a seguir, foi ao “Haram” e, em voz alta pronunciou a sua fé num só Deus e no Islam. Por essa sua atitude foi alvo de espancamento e maltratado pelos Qurayshitas (Al-Bukhari). Abbas que ainda não era muçulmano socorreu-o e livrou-o. No dia seguinte aconteceu a mesma coisa e foi Abbas que o socorreu.

Dentre os pioneiros no Islam estão também Said Bin Zaid Al-Adwi e a esposa Fátima Bint Al-Khattab (irmã de Omar Ibn Al-Khattab): Umm Fadl Lubaba, esposa de Abbas ibn ‘Abd al-Muttalib; Ibaida Bin Al-Haris Bin ‘Abd Al-Muttalib; Salma Bin Abdallah Al-Makhzum e sua mulher Umm Salma; Al-Arqam Bin Abu Arqam Al-Makhzumi; Uthman Bin Mazun Al-Lambi e seus irmãos Qudama e Abdallah: e Khalid Bin Said Ibn Al-‘As Al-Umawi.

O pai era um dos líderes de Quraysh e quando soube que o filho se converteu maltratou-o e mesmo assim o se irmão Amr Bin Said também se converteu. Todas estas conversões foram secretas, com muito cuidado. Como eram uma minoria e tendo medo da oposição da parte dos Qurayshitas, todos mantiveram a sua fé secreta. Muitas vezes, juntavam-se por coincidência, sem saberem que o outro à sua frente também já se tinha convertido. Quando chegava a altura da oração saíam para fora de Makkah para lá orarem. Uma vez, o Profeta e Ali estavam a orar fora de Makkah e de repente apareceu o tio do Profeta, Abu Talib, que também era pai de Ali e ficou a olhar para eles estranhando esse novo modo de orar.

Quando eles acabaram, perguntou-lhes: Que religião é essa? O Profeta respondeu: “A do nosso avo Abraão”. Abu Talib disse: “Eu não posso deixar a religião dos meus pais”, mas, ao mesmo tempo, disse ao filho: “Continua a seguir Muhammad porque eu tenho a certeza que ele não te desviará”.

E assim, esses homens e mulheres entraram para o Islamismo, sem o Profeta utilizar qualquer espécie de força para os obrigar a converterem-se ao Islamismo; e nem tinha tanta riqueza que pudesse atrair a todos esses para abandonarem a religião dos seus pais; muitos deles eram ricos e líderes de Makkah,

como Abu Bakr, Uthman, Khalid Bin Said, etc., e mesmo assim converteram-se, abandonando todo o luxo. Às vezes até passaram fome e partilharam com os que não tinham nada. Isto tudo foi o resultado de eles terem verificado o Bom Caminho em que trilhava Muhammad e o mau caminho em que estava a sua gente.

Digo isto porque há inimigos do Islam (os orientalistas) que dizem que ele expandiu-se à base da força. Quem utilizou a força contra estes que se converteram em segredo? Os primeiros muçulmanos tiveram que abandonar as suas casas, riquezas e familiares. Até emigraram das suas terras. Foram mortos e sujeitos a todo o tipo de maltrato. Como então pode-se dizer que foram obrigados pela força, a entrar para o Islam?

A boa moral que o Profeta pregava é que atraiu a todos a abraçarem o Islamismo, e o Alcorão diz:

*“Porém, se teu Senhor tivesse querido, aqueles que estão na terra teriam acreditado unanimemente. Poderias (ó Mohammad) compelir os humanos a que fossem fiéis? Em verdade, não é dado a ser nenhum crer sem a anuência de Deus.”*  
**(10:99 e 100)**

*“É possível que te mortifiques de pena por causa deles, se não crerem nesta Mensagem.”* **(18:6)**

Se o Islamismo tivesse se expandido à força, então nos locais onde o Islam governou não restariam pessoas de outra religião; os muçulmanos foram sempre tolerantes, especialmente com os adeptos do livro. Um escritor inglês escreve: Durante o domínio muçulmano não houve uma tentativa organizada para forçar a aceitação do Islam pelas populações não muçulmanas e nem houve perseguições sistemáticas com o fim de extinguir a religião cristã.

Se os Califas tivessem escolhido quaisquer desses meios de ação, eles teriam varrido o cristianismo tão facilmente como Fernando e Isabel varreram o Islam da Espanha, ou Luís XIV “tornou o Protestantismo Penal na França, ou os Judeus foram mantidos fora da Inglaterra durante 350 anos. O simples fato de sobrevivência das igrejas cristãs na Ásia, até aos nossos dias, é uma forte prova da atitude geralmente tolerante dos governos muçulmanos em relação aos súditos não muçulmanos”.

Pelo contrário, o que os cristãos fizeram com os muçulmanos depois da conquista da Península Ibérica, onde os muçulmanos governaram 700 anos? Fizeram as cruzadas contra os muçulmanos (a Inquisição) em nome de Deus para

forçarem os outros a converterem-se ao cristianismo...

Ao darmos uma vista de olhos por aqueles que se converteram ao Islam no início, verificamos que quase todos eram os que já estavam fartos da idolatria e da sua fantochada; estavam mesmo à procura da verdade; muitos deles já nem adoravam os ídolos, e os outros eram os pobres que nunca tinham ocupado qualquer posto importante na Arábia. Portanto, não tinham receio nenhum de que ao converterem-se ao Islamismo iriam perder as regalias. Enquanto que alguns não fizeram o mesmo porque tinham esse receio; por isso quando o Profeta se sentava com esses pobres, os Qurayshitas diziam, em tom de zombaria:

*“São estes os que Deus favoreceu, dentre nós?” (6:53)*

Mas essa é a tradição de Deus, os mais desfavorecidos na sociedade, são os primeiros a aceitarem a fé em Deus; os pioneiros no cristianismo foram os pescadores, Noé também teve os seus discípulos pobres e desfavorecidos na sociedade, como diz o Alcorão relatando o que o povo de Noé lhe disse:

*“Porém, os chefes incrédulos, dentre seu povo, disseram: Não vemos em ti mais do que um homem como nós, e não vemos a te seguir mais do que a nossa plebe irreflexiva; tampouco consideramos que tendes (vós e vossos seguidores) algum mérito sobre nós; outrossim, cremos que sois uns mentirosos.” (11:27)*

Por isso, apesar da opressão e perseguição dos Qurayshitas, eles não conseguiram desviá-los da fé do Islam, e foram essas mãos fracas que mais tarde eliminaram o Império Romano (César) e o Império Persa.

A situação permaneceu assim três (3) anos (conversão secreta); e apesar da fama de Muhammad aumentar e já ser mais falado, Quraysh pensou que, se os convertidos árabes para o Cristianismo e Judaísmo - já uns milhares - nunca lhe fizeram perigo, porquê vão temer os muçulmanos cujo número não ultrapassava uns quarenta (40)? Pelo contrário, eles limitavam-se a escarnecer deles e estavam convencidos que os seus deuses Al-Laah, Al-Uzza, Hubal e outros dar-lhes-iam a vitória final.

Passados três anos, quando o número dos muçulmanos atingiu 40 adeptos houve a necessidade de se unirem num local para o Profeta lhes dar instruções a respeito do Islam.

Até aí, cada um fazia a sua oração individual e secretamente.

Então, começaram a reunir-se no Dural-Arqam, O Profeta continuou a convidar as pessoas ao Islamismo, em segredo, até que Deus revelou a Muhammad os Versículos que lhe ordenavam para advertir os seus familiares próximos.

## **INÍCIO DA PROCLAMAÇÃO DA MISSÃO EM PÚBLICO**

Deus revelou a Muhammad, ordenando-lhe o seguinte (26:214): “E adverte os seus familiares próximos”; portanto já tinha chegado a hora da realização do pedido que Abraão tinha feito a Deus em enviar um Profeta da sua descendência, para o seio deles, que os ensinasse o Livro, a Prudência e purificasse as suas almas.

Eis que é ordenado ao Profeta (Cap. 15, Verso 94):

“Proclama, pois, o que te tem sido ordenado e afasta-te do idólatras”. O Profeta, para cumprir esta ordem, disse a Ali Bin Abi Talib para preparar um banquete e convidou toda a família de Abdul Muttalib, Hamza, Abu Talib, Abbas, Abdul-Uzza (conhecido por Abu Lahab), que era o irmão mais velho do pai do Profeta, e mais rico na família. Todos estavam presentes e o seu número era de umas quarenta (40) pessoas.

Depois de todos comerem, o Profeta levantou-se e quis falar algo acerca da sua Missão. Mas, nem chegou a completar a sua fala, pois Abu Lahab logo lhe cortou a fala ao dizer: *“É muito admirável a magia que o vosso amigo (referindo-se a Muhammad) fez contra vós”*. Quando ouviram a palavra “magia”, fugiram todos. Este foi um ato muito desagradável da parte de Abu Lahab, mas o Profeta não perdeu a coragem e esperança. Depois de algum tempo preparou outro banquete e convidou ainda mais gente; da primeira vez só tinha convidado os filhos de Hashim, mas desta vez incluiu os filhos de Abd Manaf. Assim que acabaram de comer o Profeta levantou-se e disse:

*“Eu estou-vos a transmitir uma mensagem que ninguém na Arábia vos transmitiu. Trago uma mensagem que vos garante o sucesso nesta vida e noutra; com esta mensagem o povo árabe será enaltecido neste mundo e terá sucessos noutro; é uma mensagem de prática, e a prática é que trará o sucesso”*.

Em seguida, chamou a todos pelos seus nomes e convidou-os a aceitarem o Islam. Caso não aceitassem ele não poderia socorrer a ninguém do castigo de Deus. E no fim perguntou:

- *“Quem me ajudará neste assunto?”*.

Era um discurso muito efetivo e cheio de eloquência, todos estavam calados e ninguém tinha resposta, porque, doenças antigas do coração não estavam para sair com tanta facilidade. Nessa congregação o mais velho era Abu Lahab e o mais novo era Ali Bin Abi Talib, que tinha uns doze anos, ainda não tinha atingido a puberdade e estava doente e magro.

O Profeta estava à espera da resposta, mas ninguém falou. Então Ali apenas se levantou e disse:

- *“Apesar de eu ser mais novo e fraco, eu prometo ajudar-te”.*

O Profeta dirigiu-lhe palavras de encorajamento. Ao ver que só duas pessoas se levantaram para cumprirem uma Missão tão grande, Abu Lahab começou a escarnecer deles e, finalmente, as pessoas dispersaram.

## **A VOZ DA VERDADE DE UM MONTE PARAN (SAFA)**

No Antigo Testamento, no Habacuc 3, vers. 3, consta: *“Nosso Deus vem dos lados de Teman, surge o todo santo lá na montanha de Paran (Selah). Seu esplendor cobre o céu, o seu louvor enche a terra.”*

Já foi dito que “Muhammad” significa “O Louvado”. E o Paran que está mencionado, nesse versículo de Habacuc, é Makkah, assim, como consta no Gênesis 21:21, quando fala de Hagar e seu filho Ismael, “que habitou no deserto de Paran; é esse mesmo Paran onde existe um Monte que se chama “Safá”. E “Haram” está situado junto a esse Monte. Muhammad, quando recebeu a ordem de proclamar a Verdade, subiu nesse Monte “Safa” e começou a chamar por todos os clãs de Quraysh, dizendo: O Bani Faha, o Bani Adi etc., a notícia se espalhou, que Muhammad está chamando a todos no Monte “Safa”. O impacto do chamamento foi tão grande que todos vieram. O que não pôde vir, enviou um seu representante para ouvir o que Muhammad, Al-Amin, iria dizer. Quando todos se juntaram, perguntaram-lhe qual era o assunto. O Profeta Muhammad disse:

*“Ouçam, se eu vos disser que há um exército atrás deste Monte que vos quer atacar, vocês não-de acreditar?”. Todos responderam: “Sim, sem dúvida, nós temos experiência contigo, tu nunca falaste mentira”.*

O Profeta disse: *“Então, eu estou-vos a advertir dum castigo severo da parte de Deus. E antes que ele chegue, é melhor vós crerdes”.* O Profeta falou nesse tópico e era provável que isso deixasse algum efeito nas pessoas. Mas o mesmo velho da família de Hashim, Abu Lahab, levantou-se aborrecido e disse:

*“Morte para ti, foi para isso que nos juntaste?”*. E pôs-se a andar. Muhammad ficou muito agitado, com este mau comportamento do tio, mas não disse nada. E como ele (Abu Lahab) era o mais velho da família e tinha autoridade, assim que começou a andar, os outros por consideração, também o seguiram. E a questão ficou por resolver. Foi nessa ocasião que é revelado o seguinte Capítulo, para tranquilizar a Muhammad.

*“Que pereça o poder de Abu Láhab e que ele pereça também! De nada lhe valerão os seus bens, nem tudo quanto lucrou. Entrará no fogo flamígero, Bem como a sua mulher, a portadora de lenha, Que levará ao pescoço uma corda de esparto.” (Surat 111)*

A questão é: Quem os chamou do Monte Safá é o mesmo Muhammad a quem eles próprios deram o título de Al-Amin, a quem eles pediam para que orasse por eles, que pouco tempo antes, com a sua prudência, evitou uma grande guerra entre eles (na altura da construção da Kaaba, quando foi a questão de colocar o Hajjar Al-Aswad). Os defeitos morais da sociedade que Muhammad apontou no seu discurso no Monte Safá, os próprios Qurayshitas tinham a noção disso.

Até tinham feito alianças entre eles para eliminarem toda a maldade da sociedade conhecida por Hilf Al-Fudul, E foi esse mesmo Abu Lahab, tio do Profeta, que quando soube do nascimento de Muhammad ficara tão satisfeito que libertara a sua escrava “Thuwaybah”. E foi essa Thuwaybah que amamentou Muhammad nos primeiros dias. Agora, de repente, por que estavam tão aborrecidos com Muhammad? A resposta é simples: Makkah tinha o seu valor por causa da Kaaba, e os Qurayshitas por serem guardiões da Kaaba tinham uma autoridade religiosa na Arábia.

Assim, eles estavam a desfrutar de proveitos materiais, e para não haver choques entre eles tinham criado vários postos e dividiram-nos entre todos os ramos da tribo Quraysh.

O 1.º motivo: Qualquer povo sem educação, preparação e civilização, a sua particularidade é: quando há qualquer movimento contra as crenças e tradições dos seus pais, eles sentem-se irritados e aborrecidos ao máximo com isso, e a oposição deles não se manifesta apenas verbalmente, mas sim, também, com violência.

Nota-se isto quase em todos os povos que estão nestas condições. No caso dos árabes, eles estavam já há muito tempo a praticar a idolatria. Na Kaaba

(local consagrado a adorar um só Deus), tinham colocado 360 ídolos aos quais adoravam em diferentes ocasiões. O maior entre eles era chamado Hubal.

O 2.º motivo: O Islam veio para eliminar tudo isso num lance, porque não se podia juntar o Islamismo e a idolatria (politeísmo). Mas, como na eliminação dessa idolatria estava também o fim da influência, da grandeza e da autoridade de Quraysh, os Qurayshitas opuseram-se ao máximo ao Islamismo.

Os Qurayshitas, especialmente os que controlavam os postos em Makkah e, portanto, eram ricos, pensavam que a categoria da profecia devia ser incumbida a um dos líderes de Makkah ou Taif (as duas cidades mais importantes da Arábia na altura), por isso disseram:

*“E disseram mais: Na verdade, por que não foi revelado este Alcorão a um homem célebre, de uma das duas cidades (Makkah e Taif)?” (43:31)*

Porque estavam mentalizados que, para liderança, a primeira condição era riqueza e filhos; e o Profeta como não tinha as duas coisas (os filhos morreram ainda pequenos), opuseram-se ao máximo à profecia de Muhammad, pensando que ele não merecia o cargo. Mas, Deus escolhe a quem Ele quer e a quem Ele achar que tem as qualidades para isso.

O 3.º motivo: Os Qurayshitas tinham grande rancor e ódio contra os cristãos porque o Abraha, Vice-Rei da Abissínia, que veio para destruir a Kaaba, era cristão. Por isso eles preferiam os persas (que adoravam o fogo). Quando os persas e os romanos se combateram e os persas saíram vitoriosos, isso regozijou os Qurayshitas. O Alcorão relata a passagem:

*“Alif, Lam, Mim. Os bizantinos foram derrotados. Em terra muito próxima; porém, depois de sua derrota, vencerão, Dentro de alguns anos; porque é de Deus a decisão do passado e do futuro. E, nesse dia, os fiéis se regozijarão, Com o socorro de Deus. Ele socorre quem Lhe apraz e Ele é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.” (30:1 até 5)*

E há muitas coisas comuns entre o Islamismo e o Cristianismo, especialmente nessa altura a Qibla dos muçulmanos era Jerusalém, assim como era também dos cristãos.

Por esses motivos, os Qurayshitas julgavam que o Profeta queria estabelecer o cristianismo na Arábia, portanto opuseram-se Lhe ao máximo.

O 4.º motivo: Eram as rivalidades tribais entre os Qurayshitas. De notar

que entre os Qurayshitas havia duas tribos rivais: a de Banu Hashim e a de Banu Umayyah; e como o Profeta pertencia à de Banu Hashim, foi natural surgir a oposição total da parte de Banu Umayyah. Deixando a guerra de Badr, todas as outras que as encorajou e fomentou foi Abu Sufyan, que pertencia à tribo de Banu Umayyah; e havia outras tribos que também se opunham à de Banu Hashim e simpatizavam com a de Banu Umayyah. Tudo isto era para não deixarem esta grande virtude pertencer à tribo Banu Hashim.

O 5.º motivo: Os Qurayshitas estavam muito degradados moralmente: Mentiras, roubos, enterros de filhas vivas, adultério, etc., reinava entre eles. O Profeta, além de condenar a idolatria, condenava também esses maus hábitos, de harmonia com o Alcorão, nas Suratas Al-Qalam, Al-Muddathir, O que os irritava mais era a condenação da idolatria, quando ouviam versículos como estes:

*“Vós, com tudo quanto adorais, em vez de Deus, sereis combustível do inferno, no qual entrareis, por certo.” (21:98)*

Era de esperar que com a proclamação da profecia comessem logo as guerras sangrentas, mas os Qurayshitas não se precipitaram e aguentaram, porque eles próprios, por causa das guerras intertribais, estavam enfraquecidos. Na altura, em nome do tribalismo, começavam as guerras sangrentas que duravam anos, apenas por motivos mesquinhos. Portanto, conspirar e assassinar o Profeta era mais fácil, mas eles conheciam as consequências. Isso envolveria toda Makkah em guerra, porque o Profeta pertencia à tribo de Banu Hashim e eles também não parariam sem se vingarem.

Além de Muhammad, já havia muitas outras pessoas de outras tribos que se tinham convertido. Portanto, se ser muçulmano era crime, como podiam eles declarar a guerra contra várias tribos simultaneamente?

Enfim, quando Muhammad proclamou a sua Missão começou o fogo do ódio, inimizade e barbaridade nos corações dos Qurayshitas, contra ele. Os Qurayshitas achavam que o seu pão de cada dia dependia da defesa da idolatria, mas a voz da verdade já tinha chegado longe: *“Que não há outra divindade exceto Deus”*; com esse único golpe, todas as algemas do paganismo estavam partidas. As pessoas já estavam livres para acreditar num só Deus, longe dos ídolos, e podiam comunicar diretamente com Deus sem intermediários. Várias pessoas já tinham aderido a este chamamento, mas outros opuseram-se com unhas e dentes, especialmente Abu Lahab, Abu Jahal, Abu Sufyan de Banu Umayyah, e fizeram tudo por tudo para não lhe dar descanso.

## POEMAS ABUSIVOS

Então, começou a campanha antimuhammad, mobilizando os poetas. Estes compunham poemas maldosos abusando de Muhammad e difamando-o, assim como os cristãos fizeram na Europa, chamando maus nomes a Muhammad. Mas, para os que conheciam a verdade e sabiam que Muhammad era honesto e verdadeiro, essas difamações não deixavam efeito nenhum, pelo contrário, aumentaram o fervor e o entusiasmo nos crentes verdadeiros. E os Qurayshitas, quando notaram que falharam inteiramente nisso, pensaram noutra partida: Exigiram milagres de Muhammad:

*“E dizem: Não creremos em ti, a menos que nos faças brotar um manancial da terra, Ou que possuas um jardim de tamareiras e videiras, em meio ao qual faças brotar rios abundantes. Ou que faças cair o céu em pedaços sobre nós, como disseste (que aconteceria), ou nos apresentes Deus e os anjos em pessoa, Ou que possuas uma casa adornada com ouro, ou que escales o céu, pois jamais creremos na tua ascensão, até que nos apresentes um livro que possamos ler. Dize-lhes: Glorificado seja o meu Senhor! Sou, porventura, algo mais do que um Mensageiro humano?” (17:90 até 93)*

Essa gente não estava a exigir milagres para acreditar, mas só para aborrecer e criar disputas porque eles eram puramente materialistas que nem acreditavam na vida futura. A exigência deles era de poder, riqueza ou conversa insolente de trazer Deus e Seus anjos à frente deles; perguntavam: *“Quando será a hora da Ressurreição?”*. E diziam: *“Aviva os mortos, trás os Milagres de Moisés”*. A resposta de tudo isto da parte de Muhammad era: *“Todos os milagres e poderes estão na Mão de Deus, Ele fá-los surgir quando Ele assim o entende.”*

E Deus não faz surgir milagres ao’ pedido das pessoas porque quando eles não acreditam, certamente que os destrói; e Deus não quis destruir os árabes, pelo contrário quis que surgisse do seio. Deles uma Comunidade que guiasse a Humanidade para o caminho reto, o que veio a acontecer mais tarde.

Mesmo assim há vários milagres que chamam as pessoas para ponderarem sobre os mesmos e para os justos esses são mais que suficientes.

1.º - A própria vida do Profeta é um milagre como diz o Alcorão:

*“Dize: Se Deus quisesse, não vo-lo teria eu recitado, nem Ele vo-lo teria dado a conhecer, porque antes de sua revelação passei a vida entre vós. Não raciocinais ainda?” (10:16)*

*“Quer dizer que eu não sou uma pessoa estranha para vós, eu sou um de vós, antes da proclamação da profecia já vivi entre vós, a minha vida está à vossa frente, digam-me lá, nesse período todo alguma vez vocês viram em mim qualquer coisa contra a Verdade e Honestidade?”*

*“Vocês até me deram o título de “Al-Amin””: se nesse período todo não viram nenhuma irregularidade em mim, como é possível hoje eu vir a mentir e ainda por cima contra Deus, quando nunca menti contra homens?”*

Porque se os próprios psicólogos afirmam que os primeiros 40 anos da vida humana são a altura de demonstrar a sua qualidade e conduta real, como é possível uma pessoa até quarenta anos ser honesta e verdadeira e logo a seguir, no quadragésimo primeiro ano, começar a mentir, e também mentir contra Deus, enquanto ele próprio está advertindo os outros contra a ira de Deus e fala sempre de Deus e O teme? A grande prova da veracidade de uma pessoa é a sua vida.

2.º - Outro grande milagre é o Alcorão, que fora da sua eloquência tem nele artigos que desafiam os homens a ponderarem nele. O Universo e cada artigo da criatura de Deus é sinal e milagre. Podeis vós (6 Qurayshitas) ou qualquer ser, criar uma mosca com os seus órgãos maravilhosos? Olhos, asas, pernas e senso? Olhai para o sol, a lua, os astros, a terra, a sucessão do dia e da noite, se o dia se tomar permanente onde podereis encontrar abrigo do calor do sol, ou se a noite se tomar permanente o que será das vossas plantações e produtos?

Pensai em vós mesmos, o vosso sistema de digestão, circulação ou respiração, o vosso juízo, o sistema do mundo, a chuva, a circulação do sol e da lua, mudança de clima, ventos e muitas outras coisas para que o Alcorão nos chama a atenção, quem fez tudo isso; fostes vós ou Deus? E por outro lado o Alcorão desafia os árabes, sendo eles donos da língua, eloquentes, e orgulhosos na poesia, e até pensavam que os poetas deles eram possuídos por seres sobrenaturais; os gênios que lhes ensinavam a poesia. Eles faziam sempre festivais de poesia que duravam dias, em que participavam poetas selecionados de toda a Arábia, especialmente na época de Hajj (Peregrinação), e em que os melhores poemas eram pendurados na Kaaba junto aos ídolos. Agora olhai para Muhammad, que é um iletrado, nunca participou nesses festivais. Vós destes a ele o título de Al-Amin, mas nunca lhe destes o título de «poeta» (Shair), nem «orador» (Khatih): é da boca de Muhammad que estão a sair palavras a respeito das quais ele diz que «não são minhas as palavras, mas sim de Deus, reveladas a mim». Por isso o Alcorão desafia aos que duvidam desta afirmação e diz:

*“E se tendes dúvidas a respeito do que revelamos ao Nosso servo (Mohammad), compõe uma surata (capítulo) semelhante à dele (o Alcorão), e apresentai as vossas testemunhas, independentemente de Deus, se estiverdes certos.” (2:23)*

E este não é só dirigido aos árabes mas a todo o mundo e para todas as épocas. Aqui foi feito um desafio para os duvidosos produzirem um só capítulo mesmo pequeno, como Surat “Al-Kauthar” que só tem 18 letras. Noutra parte, Surat Hud, versículo 13, Deus desafia aos duvidosos a produzirem 10 Suratas; e, Deus, até diz para eles pedirem ajuda a todos quanto possíveis. Por isso, quando ninguém produziu e nem produzirá, o Alcorão deu a sua palavra final a este respeito, dizendo:

*“Dize-lhes: Mesmo que os humanos e os gênios se tivessem reunido para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente.” (17:88)*

Mesmo hoje, quando as pessoas recitam o Alcorão, a sua beleza de estilo e simplicidade, profundidade no significado, vivacidade, a eloquência, cadência, limpidez, cheio de imagens e de metáforas, de beleza quase sobre-humana, fórmulas excessivamente concisas, penetração imediata e efeito duradouro das suas admoestações, são as coisas notáveis que o distinguem do árabe normal, ou de qualquer outra língua.

Por isso, muitos inimigos que vinham com má intenção perante o Profeta, quando ouviam o Alcorão, regressavam corri a fé; ninguém conseguiu produzir uma coisa igual, mesmo os poetas, os eloquentes todos unidos, nem hoje pode alguém produzir. Então não é milagre um homem como Muhammad, iletrado, trazer um Livro destes? De certo que não é da autoria dele mais sim proveniente de Deus.

O maior obstáculo para os descrentes no seu esforço contra Muhammad era o Alcorão, que é o maior milagre. A Muhammad, eles podiam torturá-lo, massacrá-lo e persegui-lo de todas as formas, mas enfrentar o desafio do Alcorão de produzir um capítulo igual não eram capazes. Por isso, como viam que através do Alcorão os maiores oponentes, como Omar, já se tinham convertido, começaram a chamá-lo de mágico, astrólogo, e outros nomes falsos, e acima disso recorrer à violência.

Às vezes diziam que alguém está ensinando a Muhammad, como relata o Alcorão:

*“Bem sabemos o que dizem: Foi um ser humano que Iho ensinou (o Alcorão a Muhammad). Porém, o idioma daquele a quem eludem tê-lo ensinado é não árabe, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe.” (16:103)*

Mas eles não pensaram numa coisa tão fácil que se fosse alguém a ensinar a Muhammad, e uma vez que esse Alcorão está a desafiar-los e eles a produzirem um Capítulo, o mais pequeno possível, sabendo quem está ensinando, e essa tal pessoa a quem eles se referiam era um cristão chamado Jabir, que nem era árabe, residente em Makkah, porque então eles não foram ter com ele e trouxeram um Capítulo, pagando-lhe, para fazer calar a boca a Muhammad?

E uma vez que a profecia é uma grande virtude, como é que o tal Jabir, sendo ele o autor (como reivindicam os Qurayshitas) e professor de Muhammad, deixou passar essa virtude para Muhammad e não a reservou para ele próprio? Portanto, vê-se a falsidade das alegações e acusações dos Qurayshitas, que impediam as pessoas de ouvirem o Alcorão; até pagaram a um senhor chamado Nadr Bin Haris (conhecido na Arábia como relator de histórias dos Reis da Pérsia) para ele perseguir Muhammad, onde quer que fosse pregar o Alcorão. Quando Muhammad começava a recitar o Alcorão, Nadr Bin Haris começava a relatar as histórias da Pérsia dizendo às pessoas: “Eu relato-vos histórias dos antepassados, assim como Muhammad vos relata”. A intenção dele, com isso, era criar distúrbios e impedir que a Voz de Deus fosse ouvida.

Os Qurayshitas quando viram que o Profeta estava a recitar o Alcorão em todos os lados, nos festivais, nos locais públicos, atraindo assim muita gente ao Islamismo, começaram a criar tanto distúrbios que ninguém podia ouvir, como relata o Alcorão:

*“E os incrédulos dizem: Não deis ouvidos a este Alcorão: outrossim, fazei bulha durante a sua leitura. Quiçá, assim vencereis!” (41:26)*

E se algum estranho perguntava o motivo desse barulho, ou faziam objeção, eles respondiam: Porque Muhammad estava louco, às vezes diziam que é mágico, está recitando bruxaria para separar a mãe do filho, marido da mulher, ou a irmã do irmão.

O Alcorão responde -a tudo isso ao dizer:

*“E o vosso companheiro (ó povos), não é um louco!” (81:22)*

*“Nem tampouco é a palavra de um adivinho.” (69:42)*

Essas foram as medidas iniciais que tomaram contra o Alcorão e depois perseguições contra os que creram nele, boicotando-os: obrigaram-nos a deixar a sua terra natal e fizeram guerras contra eles. Tudo isso fizeram, mas produziram um só Capítulo igual ao do Alcorão, em resposta ao desafio, não conseguiram. O que é que isto significa? Não significa que o Alcorão é Livro de Deus e não de autoria de um homem, pois os homens não conseguem produzir igual?

O Alcorão diz:

*“Dize-lhes: Quer creiais nele ou não, sabeis que aqueles que receberam o conhecimento, antes dele, quando lhos é recitado, caem de bruços, prostrando-se. E dizem: Glorificado seja o nosso Senhor, porque a Sua promessa foi cumprida!”*  
**(17:107 e 108)**

Mas sabendo e observando tudo isto, a maior parte dos Qurayshitas não estava pronta a acreditar, porque eram puros materialistas; entregaram-se às bebidas, jogos de azar, adultério e assassinios, por isso eles nem queriam ouvir falar ou pensar na vida futura. Porque a vida futura para tais pessoas é uma coisa horrível de imaginar; eles, para aborrecerem Muhammad, pediam milagres e quando se apresentou este Grande Milagre, e não tiveram resposta nenhuma, pensaram em pregar outras partidas contra os crentes.

O Profeta continuava a sua Missão de chamar as pessoas ao Islamismo; era o 5.º ano da Profecia. Quando os inimigos viram que não conseguiam responder ao desafio, começaram a perseguir Muhammad. Uma vez que não podiam matá-lo, começaram a maltratá-lo de várias formas, quando viram que as conversões ao Islamismo aumentavam e por isso a liderança deles estava em perigo. O Haram, conforme a própria crença dos Qurayshitas, era um local sagrado, não era ali permitido perturbar e maltratar qualquer ser vivo. Mas o ódio contra Muhammad já era tão grande que quando ele entrava na Kaaba, para adorar o seu Senhor, era maltratado. Abu Jahal, uma vez disse: «Se eu ver Muhammad prostrar-se no «Haram» vou pisar-lhe a cabeça com o meu pé». Contudo, não chegou a fazer isso. Mas ‘Uqba bin Abi Mu’ayt, amigo de Abu Jahal, quando viu o Profeta no Haram a fazer orações, levou um lençol e com ele apertou o pescoço do Profeta com tanta força que o Profeta até caiu de joelhos. Coincidiu que Abu Bakr passasse por ali e, ao ver aquilo, afastou Uqba, tirou o lençol do pescoço do Profeta e disse-lhe:

*“Mataríeis um homem somente porque diz: Meu Senhor é Deus, quando vos trouxe provas enviadas por vosso Senhor?”*

Os chefes Qurayshitas costumavam ficar sentados perto da Kaaba. Uma vez o Profeta entrou para fazer a oração e Abu Jahal, quando o viu, disse aos seus companheiros: “No local tal foi abatido um camelo, vão lá buscar as tripas desse animal e ponham por cima da cabeça de Muhammad quando ele se prostrar”. Um deles, o malcriado `Uqba bin Abi Mu`ayt, levantou-se, foi buscá-las e veio pô-las em cima da cabeça do Profeta quando ele se encontrava prostrado. Com o peso das tripas na cabeça, o Profeta nem se podia movimentar. Os outros que estavam a assistir continuavam a rir-se e regozijar-se com isso até que apareceu a filha mais nova do Profeta, Fátima, e removeu essa sujidade da cabeça do Pai. Isto tudo era feito contra ele dentro do Haram, Fora, era pior; colocavam espinhos no caminho dele, de cima atiravam sujidade quando ele passava. Mesmo com esta oposição o número dos crentes aumentava; e o Profeta nunca se lamentou contra ninguém. Pelo contrário, orava a favor deles e tinha a fé e certeza em Deus que Ele faria triunfar a Religião Verdadeira e aperfeiçoá-la. Tentava acalmar os crentes de todos os modos.

O Profeta continuava a sua Missão. Já condenava a idolatria abertamente, o Islam estava a espalhar-se, os Qurayshitas já estavam confusos e perguntavam-se quais as medidas que deveriam tomar contra isso?

Pensaram que a pressão poderia servir. Então, uma delegação chefiada por Abu Sufyan (dessa delegação faziam parte todos os chefes de Quraysh: Utba, Shaiba, Abu Jahal, Walid Bin Mughira, ‘As Bin Wa’il) foi ter com Abu Talib, tio do Profeta, que sempre apoiava o Profeta mas que não se tinha convertido ao Islamismo, e puseram a questão de Muhammad à sua frente. Abu Talib acalmou-os e eles foram-se embora; mas, como o motivo da disputa não tinha acabado, continuava a haver choque e disputa. Então, eles foram novamente ter com Abu Talib e disseram-lhe: *“O teu sobrinho está abusando das nossas deidades (deuses) e considera os nossos pais extraviados; nós não podemos tolerar isso, esperamos que o detenhas”*. O Profeta incitava-os a utilizarem o senso comum e a ponderarem naquilo que faziam:

*“Quando lhes é dito: Segui o que Deus revelou! Dizem: Qual! Só seguimos as pegadas dos nossos pais! Segui-las-iam ainda que seus pais fossem destituídos de compreensão e orientação?” (2:170)*

Outra parte:

*“E quando lhes foi dito: Vinde para o que Deus revelou, e para o Mensageiro! Disseram: Basta-nos o que seguíamos os nossos pais! Como? Mesmo que seus pais nada compreendessem nem se guiassem?” (5:104)*

Outra parte:

*“E quanto lhes é dito: Segui o que Deus tem revelado, retrucam: Seguiremos o que vimos praticar os nossos pais! Segui-los-iam eles, mesmo que (com isso) Satanás os convidasse ao castigo do tártaro?” (31:21)*

Quando o Profeta lhes pedia provas lógicas, eles não tinham mais nada a dizer fora disto: *“Estamos a seguir os nossos pais”*. Por isso sentiam-se ofendidos por o Profeta estar a ofender os seus pais. Então, disseram a Abu Talib: *“Tu és idôneo, nobre e com posição entre nós. Ou impedes o teu sobrinho de fazer isto ou então juntas-te também com ele e vamos à guerra frente a frente, para um de nós perecer e resolver-se a questão”*.

Era uma declaração de guerra por parte de Quraysh contra Muhammad, e nunca pararam até haver o acordo de cessação de hostilidades, no ano sete de “Hégira”, em Hodaybiyyah.

Esta é outra prova contra os inimigos orientalistas que acusam Muhammad de lutar contra Quraysh: Eles esquecem que os Qurayshitas foram sempre os agressores e durante aqueles anos todos Muhammad não tinha outra opção senão defender-se a si próprio e aos seus seguidores.

## **RESPOSTA DE MUHAMMAD A ABU TALIB**

Abu Talib, quando ouviu o que os Qurayshitas diziam, notou que a situação estava crítica, e ele não queria separar-se da tribo Quraysh, porque, nessa altura, já não poderia suportar as consequências disso, nem poderia combatê-los sozinho; mas, por outro lado, gostava de Muhammad mais do que os próprios filhos a quem também não podia abandonar. Portanto, a sua mente estava dividida em duas partes, não sabia o que deveria fazer.

Foi ter com Muhammad e disse-lhe: *“O meu sobrinho, o povo (Quraysh) veio ter comigo e disse-me isto (contou-lhe tudo o que eles disseram). Portanto, tira-me a mim e a ti próprio desta dificuldade e não faças esta questão insuportável para mim.”*

Como Abu Talib era o último recurso de ajuda para Muhammad na terra, e pensando que Abu Talib queria recuar, disse-lhe em resposta: *“Ó meu tio, por Deus, se eles colocarem o sol na minha mão direita e a lua na minha mão esquerda para me forçarem a deixar este serviço, eu não deixarei; continuarei até Deus aperfeiçoá-lo (prevalecê-lo) ou eu morrer nesse caminho.”* Com lágrimas

nos olhos, foi-se embora. Abu Talib chamou o Profeta, quando viu a firmeza do sobrinho, e disse-lhe: *“Ó meu sobrinho, vai e prega o que tu amas (gostas); por Deus, eu nunca te renunciarei por qualquer preço.”* Com esta passagem, fortaleceram-se e consolidaram-se mais os laços entre o sobrinho e o tio, ao contrário daquilo que os Qurayshitas julgavam, que com a ameaça e declaração de guerra, separá-los-iam.

O Profeta continuava a sua Missão. O número dos crentes ia aumentando gradualmente. Por outro lado, as perseguições de Quraysh também não cessavam, pois, estavam determinados em fazerem tudo por tudo para maltratarem o Profeta e os crentes. No início, Waraqah já tinha predito ao Profeta que ele seria desmentido pelo seu povo e perseguido. Mas esta tática de recusar e de desmentir tinha falhado e não foi muito efetiva. Então, eles concentraram-se noutra tática, a de perseguir e maltratar, conforme relata Ai-Bukhari: O Profeta e os crentes foram muito maltratados, torturados e perseguidos, alguns mortos. Os Qurayshitas quiseram tornar a vida absolutamente insuportável para o Profeta e os crentes. Mesmo assim, os crentes, juntamente com o Profeta, estavam a suportar tudo isso com paciência e esta situação ainda aumentava a fé dos crentes.

## CONVERSAO DE HAMZA

Hamza, tio do Profeta, era uns dois ou três anos mais velho que Muhammad. Os dois amamentaram-se da mesma ama, a Thuwaybah. Portanto, desta forma, eram irmãos; e como brincaram juntos, o Profeta gostava muito dele. A perseguição de Muhammad e dos seus seguidores tornou-se tão grave que nem os estranhos podiam ver e suportar; por isso chegou a altura em que os Banu Hashim tiveram de intervir a favor de Muhammad. Um dia, Abu Jahal estava a passar junto de Muhammad e começou a abusar e escarnecer dele, e da sua religião. Os insultos eram com palavras imensuráveis. Muhammad não respondeu nada e foi-se embora; algumas servas de Hamza ouviram e viram esse abuso e foram informar o seu patrão. Este era um homem bravo, forte, ganhava a sua vida à base da caça de animais e aves.

Nesse dia, no seu regresso à cidade, foi à Kaaba mas, conforme o hábito não cumprimentou nem falou com ninguém; foi diretamente para o local onde se encontrava Abu Jahal agarrou-o e deu-lhe uma pancada forte na cabeça. Foi nessa altura que Hamza também se converteu e declarou a sua fé ao Islamismo, e fez a promessa de ajudar Muhammad e dar a sua vida pelo Islam (por ser bravo recebeu o título de «Assadullah» - Leão de Deus). Portanto, a conversão de Hamza no sexto ano da proclamação da profecia era uma consequência direta do

abuso e perseguição de Abu Jahal contra Muhammad.

Por outro lado, os líderes de Quraysh, em geral, estavam muito admirados ao ver como Muhammad suportava todas as torturas, as perseguições e os abusos. Pensaram que, talvez, o Profeta com todo esse sacrifício quiereria alcançar a fama máxima, riqueza, poder, ou qualquer grau mundano elevado. Eles meditavam em tudo isso, sobre o ponto de vista puramente material. Nessa base, fizeram uma reunião, e Utba Bin Rabi'ah, um dos chefes, apresentou uma ideia a propor a Muhammad no sentido de acabar aquela guerra numa vez para sempre.

Todos os Qurayshitas concordaram e delegaram o mesmo Utba Bin Rabi'ah para falar com Muhammad. Este encontrava-se na mesquita quando aquele lhe disse:

*“Ó meu sobrinho, tu tens uma grande posição entre nós. És duma ascendência nobre, mas tu criaste ao teu povo um problema tão grave, com o qual dividiste a tua comunidade. Portanto, ouve-me, pois vou-te propor certos assuntos que talvez aceitarás, pelo menos alguns deles: Se tu, com este teu procedimento, desejas obter riqueza, nós juntaremos para ti tanta riqueza nossa, que fará de ti o mais rico de entre nós; e se tu desejas obter honra, nós faremos de ti o nosso chefe e nunca decidiremos qualquer coisa sem a tua vontade; e se tu desejas ser Rei, nós faremos de ti o nosso Rei; e se isso que vem ter contigo é um gênio que tu não consegues repudiar, nós estamos prontos a gastar a nossa riqueza e trazeremos um médico para te curar; e se desejas casar numa família nobre, nós podemos arranjar para ti a mais bela menina para tu casares.»*

Utba acabou de fazer a sua proposta, e tinha a certeza que o Profeta, sem falta, aceitaria uma das coisas, mas, em resposta, o Profeta começou a recitar o início da Surata (capítulo 41) Fussilat:

*“Há, Mim, Eis aqui) uma revelação do Clemente, Misericordiosíssimo. É um Livro cujos versículos foram detalhados. É um Alcorão (leitura) árabe destinado a um povo sensato. É alvissareiro e admoestador; porém, a maioria dos humanos o desdenha, sem ao menos escutá-lo. E afirmaram: Os nossos corações estão insensíveis a isso a que nos incitas; os nossos ouvidos estão ensurdecidos e entre tu e nós, há uma barreira. Faze, pois, (por tua religião), que nós faremos (pela nossa)! Dize-lhes: Sou tão-somente um mortal como vós, a quem tem sido revelado que vosso Deus é um Deus Único. Consagrai-vos, pois, a Ele, e implorai-Lhe perdão! E ai dos idólatras.” (41:6)*

Utba ficou tão impressionado com a palavra de Deus que tremeu com medo e pediu em nome da relação uterina para não recitar mais. Ele quis subornar Muhammad, mas falhou.

Assim voltou. Mas, já não era o mesmo Utba. Os Qurayshitas perguntaram-lhe do resultado, ele disse: *“Por Deus, eu ouvi palavras que nunca escutei na minha vida; não é poesia, nem astrologia, nem magia, ó Quraysh! Ouçam a minha opinião: Deixai Muhammad no estado dele; se ele tiver êxito é considerado vosso também (porque ele é um de vós), e se ele for morto pelos árabes, vocês também se livrarão dele»*. Quando acabaram de ouvir a opinião de Utba, disseram: *“Muhammad enfeitiçou-te também”* e não aceitaram a sua opinião.

## TORTURAS E PERSEGUIÇÕES CONTRA OS CRENTES

Quando os Qurayshitas viram que não tinham prova nenhuma para apresentar, recorreram à violência; assim como foi perseguido o Profeta, cujas passagens já foram atrás mencionadas, da mesma forma também foram perseguidos os seus seguidores; especialmente os que não tinham familiares ou tribos que os socorressem; esses eram alvos de piores massacres, mas suportaram tudo isso docilmente, uma vez que Deus lhes destinou isso. Por essa razão, nenhum deles se apostatou da sua religião. E, Deus tornou-os firmes nisso até que aperfeiçoou a Sua ordem através deles, que apesar de serem fracos se tornaram Reis da Terra passado algum tempo, como todos podem testemunhar e conforme diz o Alcorão:

*“E quisemos agradecer os subjugados na terra, designando-os imames (líderes) e constituindo-os herdeiros.” (28:5)*

Todos em geral foram massacrados, mas aqui só mencionamos alguns; de entre os que foram torturados pela causa de Deus estão: Bilal Bin Rabah, conhecido por Muezim (o que chama os fiéis à oração) do Profeta, que era escravo de Umayyah Bin Khalaf, natural de África. Quando Bilal se converteu, Umayyah, no meio da tarde, no calor máximo, atirava-lhe areia do deserto tão quente que se puséssemos um pedaço de carne em cima dessa areia ela cozia-se; deixava o Bilal em cima dessa areia, de costas, e punha uma pedra grande por cima dele (no peito) para não conseguir mover-se e em seguida dizia-lhe: - Hás de permanecer assim até morreres ou então renegares a Muhammad e adorares o Laat e Uzza (nome dos ídolos), mas, em resposta ele dizia: *“Ahad, Ahad”* (Uno, Uno) a referir-se a Deus. E quando não havia sol, amarravam-lhe uma corda pelo pescoço e entregavam-no para as crianças para o arrastarem nas ruas de Makkah, até que, num desses dias, estava a passar no local Abu Bakr que, ao ver aquilo, disse

a Umayyah: “Ó Umayyah, tu não temes a Deus no que diz respeito a este pobre? Até quando vais castigá-lo?» Umayyah respondeu: “Vós é que o corrompestes, agora salvai-o daquilo que estás a ver”. Abu Bakr pagou-lhe o preço e libertou-o, fazendo tudo isso somente para agradar a Deus.

Também de entre os que foram massacrados e torturados na causa de Deus, estão Ammar Bin Yasir, seu pai Yasir e sua mãe Sumayyah, naturais de Yeman; eram castigados com fogo ardente em público só porque se tinham convertido ao Islam. Antes deles só existiam três pessoas convertidas ao Islam. O Profeta passava no local e via-os; tentava tranquilizai-os, ao dizer: “Paciência, ó família Yassir, porque o vosso lugar prometido é o paraíso”, e orava por eles. O pai e a mãe não suportaram o castigo e morreram; ao filho batiam tanto até desmaiar.

Khabbab ibn al-Aratt, Uthman Bin Affan, Harish Bin Abi Hala e muitos outros passaram muito mal. Vendo tudo isto, o Profeta nunca se levantou contra os opressores, pelo contrário, orava pelo bem deles.

## UM HISTORIADOR CRISTÃO ESCRIBE

Os cristãos se recordarem isto será melhor; que Muhammad criou uma tal influência nos seus seguidores que é inútil procurar coisa igual nos discípulos iniciais de Jesus. Quando o levaram para ser crucificado os seus discípulos todos fugiram; a sua religiosidade desapareceu e deixaram o seu líder preso na garra da morte. Ao contrário disso, os seguidores de Muhammad ficaram à volta do seu Profeta oprimido e para salvá-lo lançaram as suas próprias vidas em perigo e assim tornaram o Profeta vencedor. (Apology God - Free).

## QURAYSHITAS CONFUSOS

Os Qurayshitas viviam numa grande confusão, porque como é que agora podiam difamar e instigar as pessoas contra aquele a quem eles respeitavam e deram-lhe o título de Al-Amin? Porque não era lógico uma pessoa ser boa tantos anos e, de repente, sem motivo concreto, tornar-se má.

Estava a aproximar-se a época de Hajj (Peregrinação). Esse problema tornou-se mais sério, porque sabiam que o Profeta, de certeza absoluta, que se aproveitaria da grande congregação reunida em Makkah, na altura do Hajj. Por isso houve uma reunião dos chefes tribais de Makkah, para debaterem esse assunto. Deliberando, chegou-se à conclusão que deviam delegar Walid Bin Mu-ghira para ir conversar com o Profeta, uma vez que ele era muito rico, bom ora-

dor, poeta, idôneo e experiente e já tivera audiências com vários reis da Pérsia, da Síria e do norte da África. Era pai de Khalid, o Comandante General que teve o maior êxito no Islam e que se convertera ao Islamismo uns quinze anos depois desta passagem. Walid foi ter com o Profeta e esclareceu o assunto que o levou até ele. Em resposta, o Profeta recitou alguns versículos do Alcorão, tendo-o deixado espantado, e em vez de proibir o Profeta de pregar, ele próprio perdeu-se e retirou-se silenciosamente e quando chegou junto aos Qurayshitas já era diferente o estado dele; as pessoas julgaram que Walid também já se tinha convertido.

Mas o próprio Walid estava confuso no relatório que devia apresentar aos chefes tribais dos Qurayshitas. Então pensou bem no assunto e finalmente apresentou a sua opinião: *“Por Deus, eu ouvi de Muhammad palavras que não são humanas, nem de gênios, têm uma doçura, e é uma coisa que prevalecerá; são palavras muito elevadas; não se pode chamar a ele mentiroso porque nunca mentiu, nem astrólogo porque eu conheço a astrologia, nem poeta porque sei o que é a poesia; o que ele diz não são poemas, nem é maluco porque não tem sinais de loucura; o que ele diz (alusão ao Alcorão) tem um efeito tão forte que um homem como eu, maduro, também já estou confuso”*.

Então, as pessoas disseram:

*“Mas temos que chegar a um consenso comum a respeito dele, para irmos aos peregrinos, que virão de fora”*. Então, ele pensou um pouco, e disse: *“Já sei, vamos dizer que é mágico, porque faz separação entre o homem e a sua família”*. Todos concordaram com Walid e tomaram essa posição contra Muhammad e começaram a propagar isso na época da peregrinação. Foi quando Deus revelou os seguintes versículos:

*Deixa por Minha conta aquele que crie solitário, Que depois agradei com infinitos bens, E filhos, ao seu lado, E que agradei liberalmente, E que ainda pretende que lhe sejam acrescentados (os bens)! Qual! Por Ter sido insubmisso quanto aos Nossos versículos, Infligir-lhe-ei um acúmulo de vicissitudes, Porque meditou e planejou. Que pereça, pois, por planejar, E, uma vez mais, que pereça por planejar! Então, refletiu; Depois, tornou-se austero e ameaçador; Depois, renegou e se ensoberbeceu; E disse: Este (Alcorão) não é mais do que magia, oriunda do passado. (74:11 até 24)*

Agora combinaram que não deviam deixar o Profeta recitar o Alcorão em público. Quando recitasse que fizessem barulho para ninguém conseguir ouvir.

## PRIMEIRA EMIGRAÇÃO A ABISSÍNIA - ANO CINCO DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA -

Como vimos, em Makkah, os muçulmanos eram perseguidos, massacrados e torturados, só porque criam num só Deus, e queriam adorar uma só divindade com liberdade.

Era cada vez mais difícil para os crentes adorar um só Deus, nem podiam recitar o Alcorão em público. Tinha que ser em segredo; mesmo assim, quando fosse descoberto, era alvo de todo o tipo de opressão. Quando Abdallah Ibn Mas'ud abraçou o Islam, quis ir à Mesquita (Haram) e recitar o Alcorão. Outros companheiros impediram-no por saberem do perigo; mesmo assim, ele foi e começou a recitar Surat Ar-Rahman (O Clemente) capítulo n.º 22. Os descrentes lançaram-se sobre ele de todos os lados e bateram-lhe tanto que quando saiu de lá tinha a cara inchada. O Profeta estava também a suportar as torturas sem se preocupar com isso. Mas, o que lhe preocupava mais eram as torturas e perseguições de que eram alvo os seus companheiros. A vida para ele, em Makkah, já se tinha tornado insuportável. O Profeta sabia que na Abissínia havia um Rei (Négus) Cristão, que era justo; e no seu reino todos tinham a liberdade religiosa. Então, disse aos seus companheiros o seguinte: *“Dispersai-vos pela terra, realmente Deus vos reunirá de novo”*. Os companheiros perguntaram: Para onde deviam eles ir? O Profeta disse: *“Para Abissínia, e vivei lá até Deus abrir para vós um caminho dali.”*

As pessoas prepararam-se para saírem das suas casas e abandonarem as suas riquezas para salvaguardarem a sua Fé e mais nada.

E além desse objetivo havia outro: Beneficiar na emigração, isto é, onde os muçulmanos chegavam, a iluminação do Islamismo também espalhava-se por si. Portanto, pôs-se em prática a ideia do Profeta. Há uma pequena divergência entre os historiadores acerca do número dos emigrantes nesta primeira emigração para Abissínia. Uns afirmam que eram onze, outros dizem que eram quinze. Esta foi a primeira emigração no islamismo. Eis alguns nomes conhecidos, entre os emigrantes:

1 -Uthman Bin Affan (mais tarde o 3.º Califa) juntamente com a sua esposa Ruqayyah, filha do Profeta;

2 - Abu Huzaifa Bin Utba juntamente com a sua esposa Sahla Bint Suhail;

- 3 - Zubair Ibn Al-Awwam;
- 4 - Abdul Rahman Bin Auf;
- 5 - Uthman Bin Mazun;
- 6 - Amir Bin Rabiah com sua esposa Layla Bint Abi Asmah;
- 7 - Musab Bin Umair;
- 8 - Abu Salma Makhzumi com sua esposa Umm Salma Bint Abi Umayyah;
- 9 - Abu Sabra Bin Abi Raham;
- 10 - Sahal Bin Al-Baida;
- 11 - Jafar Bin Abi Talib;
- 12 - Abdullah Ibn Mas'ud.

A emigração deu-se no mês de Rajab no ano 5.º da Proclamação da Profecia. Deu-se a coincidência de, quando chegaram ao porto de embarque, se encontrarem acostados dois navios de carga que iam para a Abissínia. Os responsáveis pelos navios aceitaram transportá-los por um preço relativamente baixo, cinco dirham's por pessoa. Quando os Qurayshitas souberam perseguiram-nos e foram até ao porto para os alcançar, mas era tarde, pois que o navio já tinha saído quando lá chegaram.

Ficaram algumas pessoas em Makkah, com o Profeta. Por um lado, os opressores não podiam ver esta emigração com bons olhos, e portanto, os que ficaram atrás, em Makkah, foram sujeitos aos mais duros tormentos. Por outro lado os muçulmanos que tinham emigrado para a Abissínia já estavam lá a viver em segurança e adoravam a Deus em liberdade, o que os Qurayshitas não podiam tolerar. Então, decidiram enviar dois embaixadores, Abdallah Bin Rabia e Amr Ibn Al-'As (mais tarde conquistador do Egipto) com vários presentes preciosos para todos os cortesãos e patriarcas de Négus, a fim de os subornar. Antes de se avistarem com Négus encontraram-se com os patriarcas, deram-lhes as ofertas, dizendo: *"Alguns insensatos da nossa terra inventaram e adotaram uma nova religião; por conseguinte, nós expulsamo-los e eles fugiram para a vossa terra; amanhã nós teremos uma audiência com o Rei; pedimos o vosso apoio para aquilo que vamos dizer ao Rei"*.

Eles aceitaram. No dia seguinte, os enviados dos Qurayshitas encontraram-se com o Rei no palácio, e depois da cerimônia habitual e das apresentações das oferendas, disseram-lhe: *“Ó Rei, um certo número de renegados escravos vieram para o teu país. Eles dividiram a religião do seu povo, não entraram na tua fé; e inventaram uma nova fé que nem nós nem tu conheces, e nós, que somos mais nobres entre eles na descendência e na nossa posição, fomos enviados a ti, para tu os devolveres a nós, porque a nossa gente sabe melhor como instruí-los e dar-lhes uma boa lição»*. Os embaixadores, que tinham já subornado os Patriarcas, através das prendas, sugeriram a Négus que expulsasse os emigrantes sem serem ouvidos. Mas Négus recusou essa sugestão e mandou chamá-los. Quando chegaram diante dele perguntou-lhes: *“Qual é essa religião que vocês inventaram, que causou divisão entre a vossa gente e que é diferente do Cristianismo e da vossa crença tradicional (idolatria)”?*

Os muçulmanos escolheram para seu porta-voz Jafar Bin Abi Talib (irmão de Ali Bin Abi Talib) que se levantou e respondeu: *“Ó Rei, nós éramos um povo ignorante, adorávamos os ídolos, comíamos animais mortos (sem serem degolados), cometíamos indecências, cortávamos as relações uterinas, maltratávamos os nossos próprios vizinhos e aquele que era forte de entre nós devorava o mais fraco. Nós estávamos nessa condição deplorável e desumana, quando Deus nos enviou um Mensageiro, de entre nós, a quem nós conhecíamos. É nobre por ascendência, verdadeiro, honesto e casto. Chamou-nos a Deus, para nós declararmos a Sua Unidade, para servir só a Ele e deixarmos de adorar os ídolos que os nossos pais adoravam, que foram feitos de pedras.*

*Ordenou-nos a falar a verdade, a devolver aos donos o que nos foi confiado, a unirmos os nossos familiares, a tratar do nosso vizinho com bondade e abstermo-nos de tudo o que é proibido e de derramamento de sangue. Ele proibiu-nos de praticar todas as indecências, de falar mentiras, de devorarmos as riquezas dos órfãos e de acusar (difamar) a mulher (virtuosa).*

*Ele ordenou-nos que servíssemos a Deus e não associássemos ninguém a Ele, mandou estabelecer a oração, dar esmola e jejuar.*

*Nós acreditamos nele e seguimo-lo naquilo que ele trouxe da parte de Deus; nós servimos só um Deus, o que ele declarou lícito para nós, nós também declaramos isso lícito e declaramos ilícito o que ele declarou ilícito; mas, a nossa gente tornou-se nossa inimiga e faz-nos a vida impossível na nossa terra, porque eles opõem-se a que sejamos adeptos do Profeta e querem que nós voltemos ao culto dos ídolos e às atividades pecaminosas. A nossa contínua recusa em voltarmos à situação pré-Islâmica deu origem a maiores injustiças e torturas. E em*

*virtude dessas condições opressivas que nós deixamos os nossos lares e pedimos asilo no vosso país. Estamos esperançados que ficaremos aqui desfrutando de paz e de segurança».* Négus ficou tão impressionado com estas palavras que logo inquiriu: *“Lembra-se de algumas revelações alcorânicas divinamente inspiradas ao vosso Profeta?”*- Jafar replicou afirmativamente, e o Négus pediu-lhe que recitasse algumas. Ao selecionar um versículo do Alcorão, Jafar tomou em consideração a situação reinante na corte do Rei da Abissínia, porque o próprio Rei era cristão, os Bispos presentes estavam prontos para discutir pontos religiosos, baseados no Antigo Testamento, colocado diante deles. Em pouco tempo, a assembleia evidenciava o embate com o Cristianismo. Por consequência, Jafar decidiu que seria apropriado recitar versículos do Sagrado Alcorão concernentes a Maria, Jesus, João e Zacarias; com calma e firme confiança, começou a declamar um curto e rimado versículo numa voz modulada; os seus ouvintes sentiam-se atônitos perante a recitação. Recitou os versículos do capítulo número dezenove (Maria):

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.

*“Kaf, Ha, Yá, Ain, Sad. Eis o relato da misericórdia de teu Senhor para com o Seu servo, Zacarias. Ao invocar, intimamente, seu Senhor, Dizendo: Ó Senhor meu, os meus ossos estão debilitados, o meu cabelo embranqueceu; mas nunca fui desventurado em minhas súplicas a Ti, ó Senhor meu! Em verdade, temo pelo que farão os meus parentes, depois da minha morte, visto que minha mulher é estéril. Agracia-me, de tua parte, com um sucessor! Que represente a mim e à família de Jacó; e faze, ó meu Senhor, com que esse seja complacente! Ó Zacarias, avisáramos-te o nascimento de uma criança, cujo nome será Yahya (João). Nunca denominamos, assim, ninguém antes dele. Disse (Zacarias): Ó Senhor meu, como poderei ter um filho, uma vez que minha mulher é estéril e eu cheguei à senilidade? Respondeu-lhe: Assim será! Disse teu Senhor: Isso Me é fácil, visto que te criei antes mesmo de nada seres. Suplicou: Ó Senhor meu, faze-me um sinal! Disse-lhe: Teu sinal consistirá em que não poderás falar com ninguém durante três noites. Saiu do templo e, dirigindo-se ao seu povo, indicou-lhes, por sinais, que glorificassem Deus, de manhã e à tarde. Foi dito): Ó Yahya, observa fervorosamente o Livro! E o agradecemos, na infância, com a sabedoria, assim como com as Nossas clemência e pureza, e foi devoto, e piedoso para com seus pais, e jamais foi arrogante ou rebelde. A paz esteve com ele desde o dia em que nasceu, no dia em que morreu e estará no dia em que foi ressuscitado. E menciona Maria, no Livro, a qual se separou de sua família, indo para um local que dava para o leste. E colocou uma cortina para ocultar-se dela (da família), e lhe enviámos o Nosso Espírito, que lhe apareceu personificado, como um homem perfeito.*

*Disse-lhe ela: Guardo-me de ti no Clemente, se é que temes a Deus. Explicou-lhe: Sou tão-somente o mensageiro do teu Senhor, para agraciar-te com um filho imaculado. Disse-lhe: Como poderei ter um filho, se nenhum homem me tocou e jamais deixei de ser casta? Disse-lhe: Assim será, porque teu Senhor disse: Isso Me é fácil! E faremos disso um sinal para os homens, e será uma prova de Nossa misericórdia. E foi uma ordem inexorável. E quando concebeu, retirou-se, com um rebento a um lugar afastado. As dores do parto a constrangeram a refugiar-se junto a uma tamareira. Disse: Oxalá eu tivesse morrido antes disto, ficando completamente esquecida. Porém, chamou-a uma voz, junto a ela: Não te atormentes, porque teu Senhor fez correr um riacho a teus pés! E sacode o tronco da tamareira, de onde cairão sobre ti tâmaras madura e frescas. Come, pois, bebe e consola-te; e se vires algum humano, faze-o saber que fizeste um voto de jejum ao Clemente, e que hoje não poderás falar com pessoa alguma. Regressou ao seu povo levando-o (o filho) nos braços. E lhes disseram: Ó Maria, eis que fizeste algo extraordinário! Ó irmão de Aarão, teu pai jamais foi um homem do mal, nem tua mãe uma (mulher) sem castidade! Então ela lhes indicou que interrogassem o menino. Disseram: Como falaremos a uma criança que ainda está no berço? Ele lhes disse: Sou o servo de Deus, o Qual me concedeu o Livro e me designou como profeta. Fez-me abençoado, onde quer que eu esteja, e me encomendou a oração e (a paga do) zakat enquanto eu viver. E me fez piedoso para com a minha mãe, não permitindo que eu seja arrogante ou rebelde. A paz está comigo, desde o dia em que nasci; estará comigo no dia em que eu morrer, bem como no dia em que eu for ressuscitado. Este é Jesus, filho de Maria; é a pura verdade, da qual duvidam. É inadmissível que Deus tenha tido um filho. Glorificado seja! quando decide uma coisa, basta-lhe dizer: Seja!E é. Porém, as seita discordaram a seu respeito. Ai daqueles que não creem no comparecimento ao grande dia!”*

Os ouvintes estavam profundamente agitados por esta recitação, possuídos de algum enternecimento, o bastante para mostrar lágrimas nos olhos e solenidade. O Négus, muito impressionado, exclamou: “*Por Deus, os ensinamentos do Islam e os de Jesus são da mesma origem*”. Depois voltando-se para os representantes Qurayshitas disse-lhes para cuidarem das suas vidas. Por Deus! Eu nunca os devolverei a vós.

No dia seguinte, os dois embaixadores foram de novo ter com o Négus e disseram-lhe: Eles (os muçulmanos) fazem a Jesus uma grande acusação. Então, o Négus mandou chamar os muçulmanos para pedir-lhes esclarecimento acerca de Jesus. Os Qurayshitas, como sabiam que os muçulmanos não tomam Jesus como filho de Deus, pensaram que o Rei, sendo cristão, ficaria aborrecido com eles. Jafar porém estava decidido, acontecesse o que acontecesse, falaria a verdade.

Os muçulmanos chegaram junto do Rei, e este perguntou-lhes: Qual a vossa crença a respeito de Jesus? Jafar respondeu: O nosso Profeta ensinou-nos que Jesus é um servo de Deus, e Seu Mensageiro, e Seu Espírito, e é a Sua Palavra que Ele enviou à Virgem Maria. Ao ouvir isto, o Négus tomou um cajado, traçou uma linha no chão e disse: *“Eu estou muito satisfeito ao dizer que não há mais diferença que esta linha, entre a minha religião e a vossa.”* Os Patriarcas no Palácio ficaram furiosos e ouvia-se o rugido das narinas deles, mas o Négus não se importou nada com isso, e assim falharam outra vez, e a Verdade tornou-se clara ao Négus. Os Qurayshitas, ao verem falhada a sua missão, voltaram e começaram a maltratar com maior violência os muçulmanos que viviam em Makkah, ‘por seu turno, o Négus disse aos muçulmanos que podiam continuar em paz no seu reino e em seguida ele próprio aceitou o Islam formalmente, e morreu no nono ano da Hégira. O Profeta, de longe, rezou orações fúnebres por ele.

E, quando uma vez a Abissínia foi atacada, os muçulmanos emigrados que lá estavam a viver combateram ao lado das tropas do Négus até que Deus lhes deu a vitória.

Na Abissínia viviam cerca de 83 muçulmanos emigrados. Passado algum tempo houve boatos, propalando que os descrentes em Makkah tinham aceitado o Islamismo; ao ouvirem isso a maior parte dos emigrantes tomaram o caminho de Makkah. Mas, quando chegaram perto da cidade, souberam que era mentira. Alguns voltaram para trás, e outros preferiram ficar em Makkah, escondidos.

Os que voltaram da Abissínia foram alvo dos mais duros tormentos dos Qurayshitas, tanto que alguns foram obrigados a emigrar outra vez. Até Abu Bakr quis sair de Makkah. Mas depois, um amigo fê-lo voltar atrás à sua responsabilidade, dizendo que ele ficaria em paz em Makkah. Agora porém já não era tão fácil emigrar, porque o cerco era forte e feroz. Mesmo assim muitos dos crentes, uns cem, conseguiram sair de Makkah e partiram para a Abissínia. Quando o Profeta (mais tarde) emigrou para Madinah, muitos deles voltaram e os que tinham ficado o Profeta mandou-os chamar no ano sete (7) da Hégira.

## **CONVERSAO DE OMAR**

Assim como já se disse, quando os Qurayshitas souberam da falha deles perante o Négus, Rei da Abissínia, aumentaram mais as perseguições e torturas contra os que tinham ficado atrás, e começaram por pressionar Abu Talib e o clã Bani Hashim com o fim de retirarem o seu apoio e responsabilidade a Muhammad. Uma delegação de chefes dos Qurayshitas foi ter com Abu Talib e

pressionaram-no no sentido de conversar com Muhammad. Abu Talib, assim forçado, foi ter com o Profeta e falou-lhe a este respeito. O Profeta respondeu-lhe: *“Ó meu tio, sou muito grato pela tua simpatia e carinho; realmente, por estares sendo forçado a isso, podes retirar o teu apoio. Mas, eu não posso afastar-me donde o meu Senhor me colocou»*. Quando Abu Talib viu a firmeza de Muhammad, disse aos Qurayshitas que ele não podia abandonar nem retirar o apoio a Muhammad, e disse também a Muhammad, para continuar a fazer o trabalho dele.

Quase cem muçulmanos tinham emigrado para a Abissínia. Só tinham ficado em Makkah uns quarenta para os quais o ambiente era insuportável. A maioria deles era formada por escravos, que Abu Bakr tinha comprado e libertado; mesmo assim estavam sem refúgio. Os outros (livres) muçulmanos podiam ser os únicos refúgios aparentes para eles, mas, estes também eram forçados a passar a vida em esconderijos.

O número total dos muçulmanos já tinha ultrapassado os cem (100) e entre eles contavam-se figuras valentes, como Tal-ha, Zubair, Saad Ibn Abi Waqqas e Ali. Estes, mais tarde demonstraram a sua valentia excepcional nas guerras e fizeram obras de grande significado. Mas, nessa altura, ainda não eram daqueles que os habitantes de Makkah pudessem temer. Só duas pessoas tinham alcançado esse ponto. Omar Ibn Al-Khatab, e Omar Bin Hashim que tinha a alcunha de Abul Hakam, mais conhecido por Abu jahal, Estes dois eram os piores inimigos do Islam, quando o Profeta proclamou a Profecia.

Omar Ibn Al-Khatab, era muito forte, inteligente, rápido na ação e ‘muito orgulhoso; podia desafiar e bater em qualquer homem contemporâneo e, além disso, era um patriota que gostava muito dos seus

familiares e da sua gente.

Estava-se no sexto ano da Proclamação da Profecia e Omar já tinha ultrapassado os trinta anos, quando ele viu as pessoas emigrarem para a Abissínia. A fúria dele não conhecia limites, e ele pensava que Muhammad era a maior causa da divisão entre a sua gente.

A voz do Islam já tinha adentrado na casa dos familiares de Omar através de Said, o filho de Zaid. Ele foi o primeiro a converter-se e, como Said tinha casado com Fátima, irmã de Omar Ibn Al-Khattab, então, Fátima, também se converteu ao Islamismo. Na mesma família, mais uma pessoa, Nuaim Bin Abdallah também se convertera, mas, Omar ainda estava longe do Islam. Quando

ele ouvia falar do islamismo ficava muito furioso. Já se tinha tornado inimigo dos que se tinham convertido, perseguia, maltratava e torturava os que tinha abraçado o islamismo. Ele ou Abu Jahal, conforme uma narração, tinha morto uma senhora porque esta, não quis renunciar à sua fé ao Islam e torturavam outros até não conseguirem respirar. Mas, quem abraçava o Islam nunca o deixava e, com todas estas torturas eles não conseguiam fazer renunciar nenhum dos convertidos. Então, pensou que o melhor era pôr termo à vida de Muhammad. Abu Jahal, quando soube da intenção de Omar, disse-lhe que se o fizesse, lhe daria cem camelos e uma boa quantia de ouro.

Omar saiu da sua casa, com a espada na mão. Nesse dia Muhammad passava o seu tempo ‘numa casa perto do Monte Safa no Dar Al-Arqam, onde se reunia com Abu Bakr, Hamza, Ali e alguns outros.

Omar soube dessa reunião e tomou o rumo da referida casa. Por coincidência, no caminho, encontrou-se com Nuaim Bin Abbdallah, que adivinhou, ou soube, o que Omar pretendia fazer. Ao perguntar-lhe onde ia, ele respondeu que ia matar Muhammad. Nuaim disse-lhe: - Porque não vais primeiro ver a tua família, que também já se converteu (referindo-se a Sua irmã e cunhado Fátima e Said), e não endireitas a eles primeiro?

Ao ouvir isto, Omar tomou o caminho da casa do cunhado. Quando chegou lá, ouviu alguém recitar o Alcorão, mas eles, quando souberam da vinda de Omar, esconderam o recitador, Khabbab ibn al-Aratt e esconderam também as escritas do Alcorão. Mas como ele, Omar tinha ouvido a recitação do Alcorão, perguntou à irmã. – De quem era a voz que eu ouvi? Eles responderam que não era nada. Mas ele logo lhes disse: “Eu já sei que vocês negaram a nossa religião e seguem Muhammad e a sua fé”. Agarrou Said, seu cunhado, e começou a bater-lhe; a irmã, então, levantou-se para socorrer o seu marido. Omar bateu também nela a ponto de começar a sangrar. Seu amor ao Islam, porém, era muito mais elevado do que isso. Marido e mulher, já aborrecidos com a atitude de Omar, disseram-lhe firmemente: “Sim, nós já entramos no Islam, faze o que quiseres, mas, o Islam nunca sairá do nosso coração”. Estas palavras tiveram um efeito extraordinário no coração de Omar; olhou a irmã com carinho e amor, quando viu o corpo dela a sangrar, ficou bastante agitado; o amor das relações uterinas superou a ira dele, acalmou-se pois, e disse a sua irmã: “Eu também quero ver e escutar o que vocês estavam a ler”. Fátima disse-lhe: Se queres ver, primeiro toma banho, porque estás imundo, não podes tocar no Alcorão. Como já tinha abrandado a sua ira, aceitou o que disse a irmã, tomou banho e depois Fátima trouxe os fragmentos onde estavam escritos esses capítulos. Quando viu eram estes versículos:

*“Tudo quanto existe nos céus e na terra glorifica Deus, porque Ele é o Poderoso, o Prudentíssimo. Seu é o reino dos céus e da terra; dá a vida e dá a morte, e é Onipotente. Ele é o Primeiro e o Último; o Visível e o Invisível, e é Onisciente. Ele foi Quem criou os céus e a terra, em seis dias; então, assumiu o trono. Ele bem conhece o que penetra na terra e tudo quanto dela sai; o que desce do céu e tudo quanto a ele ascende, e está convosco onde quer que estejais, e bem vê tudo quanto fazeis. Seu é o reino dos céus e da terra, e a Deus retornarão todos os assuntos. Ele insere a noite no dia e o dia na noite, e é Sabedor das intimidades dos corações. Crede em Deus e em Seu Mensageiro, e fazei caridade daquilo que Ele vos fez herdar. E aqueles que, dentre vós, crerem e fizerem caridade, obterão uma grande recompensa. E que escusas tereis para não crerdes em Deus, se o Mensageiro vos exorta a crerdes no vosso Senhor?” (57:1 até 8)*

Ele leu várias vezes e já estava envergonhado daquilo que tinha feito. Este é o efeito real do Alcorão, coisa que não existe em nenhum outro livro do mundo, por serem palavras autênticas de Deus. Não há ninguém que soubesse bem o árabe e ouvisse o Alcorão sem converter-se logo ou então ficar convencido da Superioridade do Alcorão acima de todas as outras composições.

Quando Omar chegou a esta parte: Crede em Deus e no seu Profeta, logo disse: *Ash-hadu An-Lá-Ilaha Ilal-Lah wa ash-hadu anna Muhammadan Rassu-lullah. Sou testemunha de que só há um Deus e Muhammad é seu Mensageiro.*

E como os versículos falavam de Deus e dos Seus atributos, o próprio Omar contava mais tarde que quando estava a ler e chegava ao nome de Deus o seu coração tremia, até que quando chegou ao sétimo Versículo, *“crede em Deus e no seu Profeta”*, ele disse logo; sou testemunha de que só há um Deus e Muhammad é o seu Mensageiro. Khabbab, o professor, que se encontrava escondido, quando ouviu Omar a proclamar a sua fé no Islam, com grande satisfação saiu do seu esconderijo e logo disse a Omar: *“Boa Nova para ti”!* O Profeta sempre orava: *“O Deus! fortifica o Islam através de uma destas pessoas”*. Omar Ibn Al-Khatib ou Omar Bin Hisham (conhecido por Abu Jahal) dos dois, aquele que tu amas mais.

Quando Omar ouviu essa Boa Nova, logo tomou o rumo do local onde estava o Profeta no Dar-Al-Arqam perto do Safa, para se apresentar perante o Profeta. Estavam como Profeta, Tal’a.. Hamza e outros. Eles viram Omar chegar com a espada na mão e tiveram uma hesitação. Hamza disse: *“Deixai-o vir, se vem com boa intenção, está bem, se não vou-lhe cortar a cabeça com a sua própria espada”*. Quando ele entrou, o Profeta levantou-se do seu lugar para o receber e ao agarrar a sua túnica perguntou-lhe: *“Ó Omar, com que intenção vens?”*

*Não desistirás da tua oposição? Estás à espera da ira de Deus?».* Omar logo respondeu: - *Ó Profeta de Deus! Eu vim declarar a minha fé no Islam.* Muhammad e seus companheiros ficaram tão satisfeitos com a conversão de Omar que, logo, todos gritaram com voz alta *“Allahu Akbar, Allahu Akbar”*, (Deus é Grande, Deus é Grande), tão alto, que isso fez um eco nos montes de Makkah.

Isto é, o poder de Deus e a bondade do Seu Mensageiro, tornaram-se vitoriosos acima de todas as oposições e de todos os obstáculos. Imaginem com que intenção Omar saiu de casa e qual foi o fim. Realmente Deus é Poderoso, e os corações dos seres humanos estão na Sua Mão (Seu Poder). Ele gira o coração como Ele quer.

Com a conversão de Omar, iniciou-se uma nova Era no Islamismo, criou-se outra dinâmica. Até então não era possível fazer orações em público, especialmente na Kaaba. Pela primeira vez os muçulmanos oraram em público na Kaaba. Contudo os Qurayshitas não cessaram as suas perseguições, inclusive contra Omar. Ele foi também forçado a refugiar-se, mas o que lhe valeu foi o acordo de proteção que havia feito com a famosa e forte tribo Banu Sahm.

Segundo Abdallah, filho de Omar: *“Uma vez Omar estava escondido dentro de casa, e fora estava uma grande multidão. O vale todo estava cheio de pessoas gritando “Omar apostatou-se e abandonou a religião tradicional”.* Eu estava no telhado, assistindo a tudo isso e estava preocupado com o que iria acontecer. Repentinamente, apareceu um senhor idoso, entrou na casa e perguntou ao meu pai o que se passava.

Omar respondeu: *“Eles querem me matar, porque abracei o Islamismo”.* Esse senhor, que era chefe da tribo Banu Sahm, chamado ‘As Bin Wail Sahmi, disse: *“Não! não pode ser isso! Eu dou-te refugio e proteção”*, e saiu para fora e anunciou a sua decisão de dar proteção a Omar. Ao anunciar aquilo todos se dispersaram.

A conversão de Omar não era um acontecimento tão simples para os Qurayshitas que pudessem suportá-la com facilidade.

Por outro lado os muçulmanos ficaram mais encorajados e obtiveram a força que antes não tinham. Já faziam orações na Kaaba em público, já faziam o Tawaf. Abdallah Bin Mas’ud costumava dizer que *“a conversão de Omar foi uma vitória para o Islam; a sua emigração (a Madinah) foi um apoio e o seu Governo foi uma Misericórdia.”*

## **A CAUSA DO REGRESSO DE ALGUNS MUÇULMANOS EMIGRANTES DA ABISSÍNIA E FALSAS ACUSAÇÕES CONTRA MUHAMMAD**

Aqueles que tinham emigrado para a Abissínia, já sentiam muitas saudades da sua terra, e como estavam lá em minoria, não estavam à vontade e ainda mais, como eram homens nobres, com as suas esposas, não lhes era digno continuarem uma vida dessas no estrangeiro.

Portanto, decidiram regressar. Mas há uma certa divergência entre os historiadores sobre o motivo do regresso deles, especialmente os historiadores europeus, que fizeram disto um caso para difamar o Islam. Por isso, vamos esclarecer a realidade.

Alguns historiadores basearam-se nesta passagem: Chegou ao conhecimento dos emigrantes a notícia de que a sua gente em Makkah se converteu ao Islamismo, quando o Profeta recitou Surat An-Najm, e elogiou os deuses de Quraysh, ao recitar juntamente com este versículo:

*“Considerai Al-Lát e Al-Uzza. E a outra, a terceira (deusa), Manata.” (53:19 e 20)*

Dizem que o Profeta acrescentou:

*“Esses ídolos são honrados e respeitados, e a intercessão deles é aceita e esperada.”*

Na alusão aos ídolos.

Outros dizem que Satã é que recitou juntamente com o Profeta na voz do Profeta. Depois disso, o Profeta prostrou-se, e todos os descrentes também se prostraram porque ficaram satisfeitos ao ouvirem elogios aos seus deuses pela boca do Profeta.

Mas se ponderarmos profundamente nessas narrações e no texto e investigarmos bem, chegaremos à conclusão de que isso tudo é puramente falso e inventado e logicamente impossível:

1.º - A corrente da narração dessa passagem é inaceitável, os narradores são desconhecidos e falsos, por isso nenhum de entre os compiladores dos Hadiths (tradições do Profeta) considerados autênticos, inclui isso na sua compilação (no seu livro);

2.º - O seu texto também é inaceitável porque nem os crentes nem os descrentes são ingênuos para ouvirem louvor e elogios aos seus deuses durante a condenação e crítica aos mesmos deuses na mesma recitação e no mesmo Capítulo.

E a seguir Deus diz:

*Tais (divindades) não são mais do que nomes, com que as denominastes, vós e vossos antepassados, acerca do que Deus não vos conferiu autoridade alguma. Não seguem senão as suas próprias conjecturas e as luxúrias das suas almas.*  
**(53:23)**

Portanto, os Versículos não se conjugam. Porque se isso tivesse acontecido, eles o tomariam como prova contra o Profeta, porque é uma contradição. Diriam: Como é que tu agora estás a criticar os nossos deuses depois de os teres elogiado? Porque a sua atitude era desse gênero e há exemplos disso. No caso da mudança da Qibla disseram:

*“Os tolos dentre os humanos perguntarão: Que foi que os desviou de sua tradicional Qibla? Dize-lhes: Só a Deus pertencem o levante e o poente. Ele encaminhará à senda reta a quem Lhe apraz.”* **(2:142)**

Aqui também, nunca deixariam de reclamar. Os mesmo historiadores que afirmam ter sido este o motivo do regresso dos emigrantes da Abissínia, esquecem-se de que são eles próprios que dizem que a emigração ocorreu no mês de Rajab, o sétimo mês Islâmico, e o regresso em Shawal, o décimo mês, e a revelação da Surata “An-Najm” foi no mês de Ramadan, o nono mês. Portanto, o período entre a revelação da Surata (em Ramadan) e o regresso dos emigrantes (mês de Rajab) é só de um mês.

E quem ponderar minimamente neste período, chega à conclusão de que, um mês nessa altura, não era suficiente para uma ida de Makkah a Abissínia e ainda o regresso no mesmo mês, sabendo o leitor que nos tempos de então ainda não existiam transportes marítimos a motor, que são rápidos.

Nem telegramas havia para informar os emigrantes na Abissínia sobre a conversão de Quraysh. Assim, não é de estranhar dizermos que essas são falsidades dos inimigos do Islam para o denegirem.

E o que o Satã lança no íntimo e na língua de alguém é o pior que pode acontecer, ainda mais neste caso para tornar a Revelação duvidosa. Mas Deus

prometeu defender o Seu livro (Alcorão) de todo tipo de falsidade. Por isso, o inimigo, seja ele quem for, nunca terá êxito.

Os europeus, baseando-se nesta passagem inventada, tentam satirizar o Profeta Muhammad, dizendo que ele estava a recitar o Capítulo An-Najm n° 53 na Kaaba, na presença dos descrentes Qurayshitas e que interpolou dois versículos, elogiando os deuses (ídolos) dos Qurayshitas.

Quando no fim o Profeta se prostrou, eles também se prostraram e, mais tarde, quando o Profeta tomou consciência daquilo que se tinha passado, renunciou a esses dois versículos.

Esta passagem é totalmente falsa, do início ao fim. Se alguém recitar a referida Sura, verá que a própria Sura denuncia esses deuses.

Então, como seria possível que o capítulo contasse algo a favor dos ídolos, enquanto o mesmo capítulo diz: Ele não fala nada por capricho. Isto quer dizer que Muhammad não diz nada da sua parte, tudo é a Revelação, revelada a ele da parte de Deus. Então como poderia ele interpolar uma coisa que não provém de Deus? E o Alcorão diz:

*“E se (o Mensageiro) tivesse inventado alguns ditos, em Nosso nome Certamente o teríamos apanhado pela destra; E então, Ter-lhe-íamos cortado a aorta, E nenhum de vós teria podido impedir-Nos.” (69:44 até 47)*

Mais uma prova de tudo isso ser pura mentira. Na verdade trata-se duma pessoa (Muhammad) que havia declarado que nunca abandonaria a sua Missão, nem em troca de qualquer reino e riqueza na terra, nem estava preparado a fazer qualquer concessão neste serviço de Deus, como já se contou em várias passagens. Isso é inimaginável e mais no momento em que os muçulmanos estavam-se tornando fortes com a conversão de Omar, ao ponto de chegarem a orar em público. Se isso não aconteceu no início (de elogiar os deuses dos descrentes) quando os muçulmanos eram fracos, poucos, massacrados, torturados e perseguidos, como poderia isso acontecer no momento em que eram mais em número e fortes?

A realidade é esta: Quando Omar se converteu começou a defender o Islam com o mesmo vigor com que anteriormente o combatia, visto ser um homem de ação e resolução e a sua conversão ter ocorrido depois da primeira emigração à Abissínia.

Até o momento da conversão de Omar os crentes oravam secretamente, longe de Makkah. Mas quando ele se converteu, pela primeira vez os muçulmanos, juntamente com ele, oraram na Kaaba. A notícia deste acontecimento alastrou-se e chegou à Abissínia. Mas como era uma coisa inimaginável nessa altura, porque conheciam a forte oposição dos Qurayshitas contra o Islam, os emigrantes muçulmanos julgaram que tivesse havido um acordo entre os muçulmanos, em Makkah, e os descrentes, em que estes aceitavam e permitiam que os crentes orassem na Kaaba, ou, então, eles (os descrentes) converteram-se.

Por isso pensaram em regressar. Mas, quando regressaram, tiveram uma desilusão, e alguns voltaram de novo para a Abissínia.

Esta é a verdadeira razão de eles terem regressado a Makkah, e não o que os inimigos dizem.

Graças a Deus, provou-se a falsidade das acusações dos inimigos contra Muhammad.

## **MUHAMMAD, SEUS COMPANHEIROS E BANU HASHIM CERCADOS**

**- NO SÉTIMO ANO DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA (MÊS DE MUHARRAM) -**

Os Qurayshitas notaram que, apesar de toda perseguição e tortura, o Islamismo expandia-se. Homens como Omar e Hamza já se tinham convertido. O Négus, rei da Abissínia, deu refúgio aos muçulmanos e rejeitou o pedido da Delegação dos Qurayshitas de extradição dos muçulmanos. Contudo, a perseguição aos muçulmanos não cessou.

Muhammad conquistava cada vez mais terreno, isto porque ele estava no caminho certo. Mas o orgulho e a vaidade dos Qurayshitas cegou-os da verdade, e eles diziam: Suponhamos que o Alcorão seja verdade, porque então não foi revelado a um rico de entre nós em vez desse pobre e órfão Muhammad? A situação estava se tornando muito crítica e explosiva dia-a-dia. Os descrentes consideravam Muhammad seu inimigo e devia ser aniquilado. Se Deus não estivesse do lado da Verdade, Muhammad não teria sobrevivido a tais inimigos, o que prova a veracidade do Islam.

Depois de chegarem a esse extremo, os Qurayshitas pensaram então no que deviam fazer para eliminarem Muhammad. Conspirações para o matarem não faltavam. Foram por fim ter com o seu tio Abu Talib, seu guardião e apoiante

e fizeram-lhe a proposta de oferecerem um dos mais nobres jovens de Makkah para ele o adotar como filho e em troca eles receberiam Muhammad. Abu Talib respondeu-lhes: que lógica é essa, quereis vós dar-me um filho vosso para eu o alimentar e eu dar-vos o meu para o matardes?

Quando viram que esta tentativa também tinha falhado e Abu Talib continuava firme no seu apoio a Muhammad, os Qurayshitas decidiram unanimemente boicotar totalmente Muhammad e seus seguidores, e todos os membros da tribo de Banu Hashim e Banu Muttalib (homens, senhoras, crianças e velhos), expulsá-los de Makkah e aplicar-lhes um forte cerco. Para isso fizeram um acordo escrito e assinado por todas as tribos inimigas de Muhammad, que foi pendurado na Kaaba. O acordo foi escrito por Mansur Bin Akrama e consistia na proibição de compra e venda de produtos aos seguidores de Muhammad, na proibição de comunicação e de casamentos com eles e na sabotagem de transporte de alimentos enquanto Muhammad não lhes fosse entregue para ser morto. Desse modo, Muhammad e os muçulmanos juntamente com Banu Hashim e Banu Muttalib, crentes e descrentes (exceto Abu Lahab, porque este apoiou a Quraysh contra o Profeta), foram cercados nas ravinas de Makkah num local chamado Shaab Abi Talib. Foi nessa altura que se deu a segunda emigração à Abissínia.

Depois da aplicação do cerco ao Profeta, ele ordenou aos muçulmanos que emigrassem para a Abissínia para se poderem ajudar mutuamente no estrangeiro; a maior parte deles emigrou. Eram cerca de 83 homens e 18 mulheres; entre os homens estavam Jafar Bin Abi Talib, Abdallah Ibn Mas'ud e entre as mulheres encontravam-se Umm Habiba Bint Abi Sufian. Os descrentes, quando souberam, enviaram Amr Ibn Al 'Aas e Amarah Bin Al-Walid com presentes destinados ao Négus para conseguirem a extradição dos crentes. Mas esta missão também falhou.

O local onde o Profeta se encontrava cercado com os demais, era um talhão pertencente a Banu Hashim por herança: O boicote iniciou-se no mês de Muharram (1º mês do calendário Islâmico).

Viveram três anos consecutivos nesse cerco. Foram os anos mais duros da Missão de Muhammad, passavam dias com fome, comendo apenas folhas. Saad ibn Abi Waqqas, conta que, uma vez, à noite, apanhou pele seca, lavou-a, assou-a no fogo, juntou água e comeu-a. Ibn Saad relata ainda que, quando as crianças choravam com fome e os gritos atingiam os locais fora do cerco, os Qurayshitas ouviam e regozijavam-se. Abu Bakr e Saad ibn Abi Waqqas, não pertenciam à tribo Hashim mas também estavam incluídos no boicote, apenas por serem crentes. Os Qurayshitas consideraram que aquela atitude negativa

mataria Muhammad, seus seguidores e apoiantes ou forçá-los-iam a abandonar Muhammad. Contudo, os crentes continuavam firmes, suportando todas as opressões e sofrimentos, não por terem cometido algum crime, mas por crerem num só Deus. Finalmente, os próprios inimigos sentiram pena e entre eles surgiu um grupo pedindo revogação do acordo assinado. Houve até certas pessoas que por pena levavam comida escondidamente para os cercados, como por exemplo Hisham Amiri, que foi ter com um sujeito chamado Zuhair, neto de Abdul Mutalib, e disse-lhe: - *Zuhair! Gostas de comer e beber luxuosamente e o teu tio nem sequer tem um grão?* - E Zuhair respondeu: - *Que posso eu fazer? Estou só! Se tivesse apoio mesmo de uma pessoa eu iria rasgar o acordo injusto e atirá-lo fora.* - Hisham respondeu: - *Eu dou-te o meu apoio;* os dois saíram ao encontro de Mut'im Bin 'Adi, foram tendo cada vez mais apoiantes, uniram-se todos e foram para o Haram. Zuhair levantou-se e começou a discursar dizendo:

*“O habitantes de Makkah, que injustiça é essa, vivermos nós luxuosamente e os Bani Hashim não tem sequer um grão, nem água? Por Deus, enquanto não for rasgado esse acordo injusto eu não pararei».* Abu Jahal respondeu imediatamente: *“Não, nunca ninguém tocará nesse acordo”.* Zammaá interveio dizendo: *“Tu és falso; quando esse acordo foi escrito, foi contra o nosso consentimento”.* Mut'im Bin Adi adiantou-se para rasgar o acordo, mas quando o foi tirar viu que todo o documento estava comido pelas formigas brancas e decomposto pela terra, exceto o nome de Deus. O Profeta tinha já informado o seu tio Abu Talib do sucedido, antes dos Qurayshitas terem descoberto. E, em seguida, foram todos libertos do cerco.

Desde o ano sete ao ano dez, Muhammad, os seus seguidores e Banu Hashim estavam sob o cerco, separados da população de Makkah. Não tinham qualquer relação social. Mas a singularidade dos crentes, a sua inabalável coragem e convicção, e acima de tudo a ajuda de Deus, faziam com que os muçulmanos saíssem sempre vencedores de todas as situações. Nos três anos de cerco, durante os meses sagrados, Muhammad saía do seu lugar de refúgio (do cerco), na época em que era proibida a guerra, e paravam-se as hostilidades (os próprios Qurayshitas também observavam a santidade desses meses) para pregar o Islã aos peregrinos em Ukaz, Majannah, Dhul-Majaz, Abu Lahab perseguia-o passo a passo.

Quando Muhammad pregava a unidade de Deus, o amor para com a humanidade, Abu Lahab aclamava: - *Não ouçam este homem; ele é falso.* Mas Muhammad suportava essas futilidades, porque tinha a certeza absoluta de que a palavra de Deus estava se enraizando nos corações das pessoas fora de Makkah, e que a ajuda de Deus estava próxima.

Depois de sair dos dias difíceis do cerco, voltaram, por fim, para as suas casas. Era o ano dez. Foi realmente um grande teste. O progresso espiritual que se atingiu nestas circunstâncias é inimaginável. Foi nesses dias que o Profeta teve a honra de Ascensão ao céu e foi nessa ascensão que se tornaram obrigatórias as cinco orações diárias. Falaremos depois da ascensão em pormenor.

Apesar de Muhammad e seus companheiros terem saído do cerco depois de tantos maus-tratos, os Qurayshitas não abandonaram a perseguição e a tortura a eles. O objetivo do inimigo era extirpar a Religião Islâmica à força.

## CONVERSÃO DA DELEGAÇÃO CRISTA DE NAJRAN

Depois do Profeta e seus companheiros terem saído do cerco, ainda em Makkah, chegou uma delegação de vinte cristãos árabes de Najran, que tinham recebido a notícia da Proclamação da Profecia de Muhammad através dos emigrantes da Abissínia. Então, apressaram-se em ir a Makkah para verem a qualidade do último Profeta, assim como descreveu o Antigo e o Novo Testamento. Quando chegaram, o Profeta recitou-lhes o Alcorão.

Ao ouvirem, converteram-se todos e não só se converteram como também confirmaram que Muhammad era o último Profeta já predito por Jesus. Os descrentes de Makkah ficaram tão furiosos ao verem os cristãos a converterem-se, que Abu Jahal disse-lhes: *“Nunca vimos uma caravana mais estúpida que a vossa. Vós fostes enviados pela vossa gente aos quais deixastes atrás para levardes notícias deste homem (Muhammad) e em vez disso abandonastes a vossa religião e convertestes-vos à religião desse homem”*.

Mas esta afirmação não impediu que os novos crentes seguissem Muhammad; pelo contrário fortificou a fé deles, e eles responderam a Abu Jahal: *“Para vós aquilo que preferistes e para nós o que nós preferimos”*. Então, foram revelados os seguintes versículos de Surat Al-Qasas:

*“(São) aqueles a quem concedemos o Livro, antes, e nele creem. E quando lhes é recitado (o Alcorão), dizem: Creemos nele, porque é a verdade, emanada do nosso Senhor. Em verdade, já éramos muçulmanos, antes disso. A estes lhes será duplicada a recompensa por sua perseverança, porque retribuem o mal com o bem e praticam a caridade daquilo com que os agradamos. E quando ouvem futilidades, afastam-se delas, dizendo: Somos responsáveis pelas nossas ações e vós (incrédulos) pelas vossas; que a paz esteja convosco! Não aspiramos à amizade dos insipientes.” (28:52 até 55)*

E regressaram para a sua terra e começaram a pregar o Islam entre a sua gente.

## **FALECIMENTO DE KHADIJA E DE ABU TALIB - ANO DEZ (10) DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA -**

Os dois grandes apoios aparentes que o Profeta tinha, a sua esposa Khadija e o seu tio Abu Talib, não duraram muito depois da saída do cerco. Alguns meses depois (uns três (3) anos antes da emigração a Madinah) faleceu, no mês de Ramadan, Khadija Bint Khuwaylid, esposa de Muhammad, com 65 anos, e foi sepultada no local chamado Al-Hajun. O Profeta desceu à sua campa (nessa altura ainda não havia Salat-ul-Janazah), e orou por ela. Era a primeira senhora pura que acreditou no Profeta. Muhammad teve todos os seus filhos com ela exceto Ibrahim, mas os filhos não viveram por muito tempo. Morreram ainda pequenos; as filhas viveram mais tempo e casaram-se. Mas três delas faleceram durante a vida do Profeta. A que faleceu depois da morte do Profeta foi Fátima. Quando Khadija faleceu, o Profeta sentiu muito. Ela tinha sido muito simpática e atenciosa para com ele e, nas horas de aflição e perseguições dos descrentes, ela foi sempre recordada pelo Profeta. Depois do falecimento de Khadija, apenas passou um mês, e morreu o tio do Profeta, Abu Talib, outro grande apoio.

Quando Abu Talib adoeceu, tinha oitenta anos. Quando os Qurayshitas souberam, que o fim de Abu Talib estava próximo, juntaram-se todos à sua volta e disseram-lhe: - *“Tu sabes o que aconteceu entre nós e o teu sobrinho. Por isso, chama-o, e fá-lo concordar conosco que ele detenha as suas mãos e nós também detenhemos as nossas mãos, e que ele nos deixe e a nossa religião e nós também o deixaremos e à sua religião”*.

Então, Muhammad foi chamado ou por coincidência apareceu por si. Na presença de todos foi-lhe informado a razão pela qual estavam ali os Qurayshitas. E lhes-disse: - *“Eu só tenho uma coisa a dizer, que fará de vós, reis da Arábia e de outros países estrangeiros”*.

Ao ouvir isso, Abu Jahal disse: - *“Está bem, podes dizer dez palavras”*. Muhammad disse: - *“Confessai que Deus é um, e que deixaremos de adorar outros além d’Ele.”*

Então, todos abandonaram Muhammad e foram-se embora. O Alcorão relata esta passagem:

*“Pretende, acaso, fazer de todos os deuses um só Deus? Em verdade, isto é algo assombroso! E os chefes se retiraram, dizendo: Ide e perseverai com os vossos deuses! Verdaderamente, isto é algo designado.” (38:5 e 6)*

Não era possível qualquer acordo entre os descrentes e Muhammad. Quando Abu Talib estava próximo da morte, o Profeta foi lá, e Abu Jahal e Abdallah Bin Umayyah estavam já presentes. O Profeta disse ao seu tio (Abu Talib), antes de morrer: - *“Confessa que não há outra divindade além de Deus, o Único, e eu testemunharei perante Deus a teu favor e da tua fé.”* Abu Jahal e Abdallah Bin Umayyah disseram a Abu Talib: - *“Vais abandonar a religião de Abdul Muttalib?”* E finalmente Abu Talib disse: - *“Não, eu vou morrer como seguidor da religião de Abdul Muttalib”*. Em seguida, Abu Talib olhou para Muhammad e disse-lhe: - *“Eu poderia confessar a Unidade de Deus conforme o teu pedido, mas os Qurayshitas dirão que com medo da morte converti-me à Religião Islâmica”*. E o Profeta disse-lhe: - *“Eu continuarei a orar por ti, até Deus me proibir disso”*.

Abu Talib nunca desmentiu o Profeta Muhammad. Mas, também, não proclamou a sua fé no Islam, coisa que o Profeta sempre desejou para ele. Por isso, foi revelado este versículo: - *“Por certo que não és tu que orientas a quem queres; contudo, Deus orienta a quem Lhe apraz, porque conhece melhor do que ninguém os encaminhados.” (Cap. 28, verso 56)*. Mas pelos grandes sacrifícios que ele fez para o Profeta, aceitou a inimizade de todos os árabes em troca do amor e da simpatia para com Muhammad, por causa dele (do Profeta) viveu no cerco três anos, foram expulsos da cidade, suportaram a fome, sede, maus-tratos, etc., esperamos que por isto tudo Deus aliviará a sua sentença.

Mas, há historiadores que afirmam que Abu Talib confessou a Unidade de Deus e converteu-se ao Islamismo antes de morrer (Ibn Hisham). Em todo o caso há divergências a respeito da conversão de Abu Talib ao Islamismo - Deus sabe melhor -. A maior parte dos historiadores baseiam-se no Hadith divulgado por Al-Bukhari e dizem que ele não chegou a converter-se.

Certos historiadores afirmam que o falecimento de Abu Talib ocorreu antes do falecimento de Khadija. Abu Talib era 35 anos mais velho que o Profeta. Os dois falecimentos ocorreram no mesmo ano, décimo ano da Proclamação da Profecia. Por isso, esse ano chama-se “Ano da Aflição”.

Agora, o Profeta não tinha aparentemente mais apoio. Esse ano foi considerado o ano difícil para o Islamismo. Khadija foi a primeira senhora a acreditar nele, e Abu Talib o chefe tribal que até à última hora não creu, sempre ajudou e esteve ao lado de Muhammad. Agora, os Qurayshitas fizeram coisas contra

Muhammad que nunca tinham feito antes, porque o caminho para isso estava completamente aberto. Uqba ibn Abu Mu'ayt e Abu Lahab, que eram os piores inimigos e eram vizinhos de Muhammad, costumavam colocar espinhos no caminho de Muhammad e a porta da sua casa enchiam de sujidade. Outros até entravam na casa de Muhammad, não tendo em consideração a intimidade pessoal, e partiam as louças, viravam panelas cheias de comida ainda no fogão ou deitavam nelas sujidade. (Al-Bidaiya Wan-Nihayah). Até deitavam para cima da sua cabeça areia quando caminhava e punham sujidade de cabrito degolado em cima dele quando orava e escarneciam dele dizendo: - *“Tu é que queres tornar os deuses todos num Só Deus”?* Quando chegava a casa, as filhas olhavam para ele, e apenas choravam ao verem os maus-tratos a que ele estava sujeito. O Profeta dizia-lhes: - *“Não choreis, ó minhas filhas, Deus é Protetor do vosso pai”!*

Mas nunca desejou mal ao inimigo, nem orou contra ele. Muitas vezes Abu Bakr quando via esses maus-tratos, interferia, dizendo aos Qurayshitas: - *“Vós quereis matar uma pessoa só porque confessa que o seu Senhor é Deus”?* A aflição atingiu Muhammad de tal modo que ele até dizia que, dentre as calamidades mundanas, a morte de Abu Talib foi a maior.

## **RUMO A TAIIF** **- ANO 628 GREGORIANO -**

Apesar de todos esses castigos da parte dos habitantes de Makkah, em que até crianças participaram, Muhammad estava decidido em fazer chegar a Mensagem de Deus a todos na Arábia. Para isso, pensou em Taif, porque era a cidade mais próxima de Makkah, que se situa a cerca de noventa quilômetros de distância. É um local montanhoso e com muita verdura. Mesmo atualmente é a capital de verão dos monarcas árabes. Por situar-se numa grande altitude é relativamente fresca e nessa altura também os chefes de Makkah tinham lá as suas moradias. A cidade estava controlada pela tribo «Thaqif», uma forte tribo, reconhecida mesmo pelos Qurayshitas e com os quais tinham relações cordiais.

O Profeta foi para lá a pé, propagar o Islam juntamente com Zayd ibn Harithah, o seu filho adotivo, no décimo ou décimo primeiro mês do décimo ano da sua Missão. No caminho foi pregando às tribos de Bani Bakr. Mas estes também eram arrogantes e não aceitaram, tal como os Qurayshitas de Makkah. Depois convidou os descendentes de Kahtan, mas eles também foram teimosos e recusaram prestar ouvidos a Muhammad. Em Taif havia um grande templo consagrado ao ídolo Al-Laath, O Profeta permaneceu lá dez dias, convidando todos aos

Islamismo. Os Banu Thaqif eram homens com grande influência em Taif. Havia três irmãos dessa tribo que se chamavam Abd-Yalil Bin Amr Bin Umair As-Saqif, Masud e Habib, e eram líderes. Muhammad convidou os três para prestarem adoração somente a um único Deus, mas estes, que eram extremamente arrogantes, não aceitaram.

Responderam: *“Se tu és enviado de Deus, então ele não te há de deixar percorrer a pé este caminho”*. O outro disse: *“Deus não encontrou outra pessoa senão tu, para escolher como Seu Mensageiro?”*. O terceiro disse: *“Em todo o caso eu não quero falar contigo, porque se tu és o verdadeiro Profeta, assim como reivindicas, é desrespeitoso eu falar contigo, e se tu és mentiroso, não é digno para mim falar com um mentiroso”*.

Muhammad, ao ouvir essas respostas tortuosas e feias, disse-lhes: *“Façam-me um favor (uma vez que vocês me rejeitaram). Não informem a ninguém da minha vinda aqui”*. O Profeta pensou que, se os descrentes de Makkah soubessem da sua ida a Taif e que fora rejeitado, isso encorajá-los-ia mais na perseguição e tortura contra ele. Mas esses chefes não aceitaram o pedido do Profeta. Pelo contrário, encorajaram os marginais, insensatos e crianças de Taif a perseguirem Muhammad e seu único companheiro, Zaid. Eles colocaram-se em fileiras em ambos os lados do caminho por onde Muhammad iria passar. Quando por lá passou, começaram a apedrejá-lo, até que a dada altura Muhammad começou a sangrar bastante, os sapatos ficaram cheios de sangue e o Profeta ficou gravemente ferido.

Só estava com ele Zaid (como já foi referido), que tentava salvar o Profeta, ao ficar por vezes à sua frente e outras por trás para ser ele o alvo das pedras em vez de Muhammad. Ele também ficou bastante ferido, principalmente na cabeça. Muhammad não tinha outra alternativa senão regressar a Makkah, e mesmo assim os malfeitores não pararam de os perseguir, andando atrás deles por quilômetros, apedrejando-os e injuriando-os.

Com grande esforço, conseguiram finalmente sair de Taif. Mas porque os ferimentos eram graves o Profeta caiu desmaiado. Zaid Bin Haritha levantou-o e transportou-o para um local próximo, onde havia água, para o lavar e tirar as marcas de sangue. Quando quis tirar-lhe os sapatos, notou que estes estavam cheios de sangue coagulado, o que tornou difícil tirá-los. Quando o Profeta melhorou um pouco tomaram abrigo à sombra de uma árvore próxima da plantação de videiras de Utba Bin Rabi’ah e aí começou a orar ao seu Senhor humildemente.

## ORAÇÃO A FAVOR DOS QUE O APEDREJARAM

Muhammad encontrava-se gravemente ferido, com o coração magoado pelo injusto maltrato que recebeu. Sentado à sombra da árvore com a testa pros-trada perante Deus, orava. Nota-se aqui que ele podia ter orado contra os injus-tos dizendo:

*“Ó Deus! Aniquila esta maldita gente porque nenhum deles tem qualquer senso de piedade»,* mas ele não desejou qualquer maldição a essa gente, pelo contrá-rio orou a Deus a bem deles, dizendo:

*“Ó meu Deus! Por favor considera tudo isto minha fraqueza, falta de recursos e pouca estima que as pessoas têm por mim. Ó maior Misericordioso de entre os Misericordiosos! Tu és o Senhor dos oprimidos e tu és o meu Senhor. A quem vais entregar o meu destino (sorte)? Nas mãos do estranho que me insulta ou do inimigo que me domina? Mas, se tu não estás irritado comigo, eu não me importo dele, porque o teu conforto é suficiente e vasto para mim. Ó meu Senhor! Eu procuro refúgio na luz da Tua face que ilumina as trevas e em que depende (e põe direito) os assuntos deste mundo e de outro, contra a Tua ira e contra a Tua insatisfação eu não tenho poder de fazer qualquer bem nem de afastar qualquer mal, exceto com a Tua ajuda».*

Esta foi a tradução da oração de Muhammad, que tinha o coração triste, no local junto da plantação de videiras de Rabiah e Utbah Bin Rabiah, que olha-vam para Muhammad orando, até que o sentimento de compaixão e simpatia para com ele começou-se-lhes a agitar no íntimo. Então enviaram com o seu ser-vo, chamado Addas, cristão, um cacho de uvas posto num prato, para Muham-mad, e este, antes de começar a comer as uvas, disse:

*“Em nome de Deus, o Compassivo, o Misericordioso”.* O escravo Addas quando ouviu: *“Bismil-Láhir-rahmánir-rahim”*, estranhou, e como já tinha ouvi-do isso na sua religião, disse imediatamente ao Profeta: *“Os nativos daqui não dizem isso!”*.

E o Profeta perguntou-lhe: *“De onde és tu e qual a tua religião?”*, e ele respondeu. *“Cristão, de Nineve”*. O Profeta disse-lhe: *“Tu és da cidade do justo Jonas, filho de Mateus?”*.

Addas ficou admirado e perguntou: *“Como conheces, tu, o Jonas, filho de Mateus?”*, e Muhammad respondeu: *“Esse é meu irmão, ele era um Profeta verdadeiro, assim como eu sou”*. Addas, ao ouvir isso, comoveu-se e começou a

beijar as mãos e os pés do Profeta. Por outro lado, os dois filhos de *Rabiah*, admirados com o que viam de longe, começaram a dizer que Muhammad já tinha desviado a *Addas*. Quando este voltou os dois irmãos perguntaram-lhe: “*O que estavas a fazer?*”. E *Addas* respondeu: “*Esse é o Profeta verdadeiro, não há melhor do que ele; as duas coisas que ele me disse só um Profeta pode dizer*”. E os dois filhos de *Utba* disseram-lhe: “*Afirma-te na tua religião, porque ela é melhor do que a dele*”.

Quando Muhammad saiu dali, tinha ainda o coração triste, andava de cabeça baixa. Chegou à frente da montanha que se chama *Qarn As-Saálib* ou *Qarn Al-Manazil*, olhou para cima e viu uma nuvem a envolvê-lo, de onde via o Anjo Gabriel a dizer-lhe: “*Deus já ouviu e viu o que tu disseste e o que as pessoas responderam e a forma como te devolveram, e viu como se portaram contigo. Agora estão presentes estes dois anjos da montanha, enviados por Deus à tua disposição. Ordena que eles cumprirão!*”. Depois apareceu o Anjo da montanha, cumprimentou o Profeta e disse: “*Muhammad, Deus ouviu todas as preces do teu povo e enviou-me para que me ordenes o que desejares que eu cumprirrei. Nós podemos unir os montes que estão à volta de Taif e no meio esmagarmos os malfeitores e malvados*”.

Eram provas e testes uns após outros. O primeiro foi quando os habitantes de Taif o apedrejaram, o segundo teste quando apareceu o Anjo Gabriel com os Anjos das montanhas à espera de ordem para esmagá-los. O primeiro teste era para provar a paciência e tolerância, o segundo a misericórdia e nobreza. Deus deu-lhe firmeza na primeira prova, assim como na segunda. E o Profeta respondeu:

“*Ó Deus, guia a minha gente porque eles não sabem (são ignorantes)*». E disse: “*Eu não estou desesperado por não acreditarem, espero que um dia Deus trará da descendência deles, aqueles que adorarão um só Deus e não associarão ninguém a Ele*”.

O Anjo Gabriel respondeu: “*Disse a verdade, quem te denominou Bondoso e Misericordioso*”. Muhammad estava já de regresso a Makkah, ficou algum tempo em Nakhla, onde chegou uma Delegação de Gênios para ouvirem o Alcorão. Eram seguidores de *Mussa* (Moisés) e foi a respeito deles que foram revelados os seguintes versículos, na Surata *Al-Ahqaf*:

“*Recorda-te de quando te enviamos um grupo de gênios, para escutar o Alcorão. E quando assistiam à recitação disseram: Escutai em silêncio! E quando terminaste a recitação, volveram ao seu povo, para admoestá-lo. Disseram: Ó povo*

*nosso, em verdade escutam a leitura de um Livro, que foi revelado depois do de Moisés, corroborante dos anteriores, que conduz o homem à verdade e ao caminho reto. Ó povo nosso, obedeci ao predador de Deus e crede nele, pois (Deus) vos absolverá as faltas e vos livrará de um doloroso castigo. Quanto àqueles que não atenderem ao predador de Deus, saibam que na terra não poderão frustrar (os desígnios de Deus), nem encontrarão protetores, em vez d'Ele. Estes estão em um evidente erro.” (46: 29 até 32)*

E na Surat “Al-Jinn” estão mais pormenores. Depois de sair de Nakhla foi a Rira, de onde enviou várias mensagens a vários homens notáveis de Quraysh para deles obter proteção, nomeadamente Akhnas Bin Shuraiq e Suhail Bin Amr, mas eles recusaram-se. O Profeta enviou então uma outra mensagem a Mut'im Bin 'Adi e este prometeu protegê-lo.

Mut'im era um dos chefes de Makkah, que também tinha pedido que o Profeta fosse morar em sua casa. O Profeta chegou a Makkah e pernoitou em sua casa. Na manhã seguinte, Mut'im Bin Adi pegou nas armas e juntamente com os seus seis ou sete filhos (também armados) levou o Profeta a fazer o Tawaf. Quando o Profeta acabou, Mut'im anunciou em público que Muhammad estava sob a sua proteção.

Abu Sufyan, ao ouvir isso, foi ter com Mut'im Bin Adi e perguntou-lhe: “Converteste-te à religião dele ou só o estás a proteger?”. Mut'im respondeu-lhe: “Não, apenas lhe dei a proteção”. Abu Sufyan disse: “Então, nós respeitaremos o teu anúncio”. Mut'im morreu na descrença antes da Batalha de Badr.

## **MENSAGEM DE MUHAMMAD A VÁRIAS TRIBOS E SUA RECUSA**

Os descrentes de Makkah sabiam que Muhammad já não tinha um amigo forte, porque Mut'im não era crente, e eles já sabiam que Muhammad não tinha conseguido converter os habitantes de Taif e outras tribos árabes adjacentes. Contudo, Muhammad não desanimou nem se sentiu derrotado. Depois do seu regresso a Makkah visitou as residências de Banu Kindah, Banu Kalb, Banu Hanifah e Banu Amir, mas nenhum deles aceitou o Islam. Rejeitaram-no e alguns com muita arrogância. Os Banu Amir quiseram ajudá-lo, impondo uma condição, que se ele (Muhammad) ganhasse e prevalecesse, eles é que assumiriam o comando dos assuntos, e quando o Profeta disse que isso estava nas mãos de Deus eles rejeitaram-no.

Era também o hábito do Profeta, quando chegava a época da Peregrinação e chegavam tribos árabes de todas as partes a Makkah, ir ter com cada tribo

para os convidar a entrarem no Islamismo. Havia várias feiras na Arábia, em diversos locais, onde o Profeta ia propagar o Islamismo” especialmente nas feiras de Okaz, Majannah e Zul-Majaz. Abu Lahab seguia-o sempre e quando o Profeta discursava, ele ia dizendo que este estava a mentir e que tinha abandonado a religião (tradicional) .

Os descrentes continuavam massacrando, maltratando e torturando Muhammad e seus seguidores. O objetivo deles era que ele deixasse de propagar o Islamismo. Espalhavam espinhos ao longo do caminho dele, quando orava zombavam dele, quando se prostrava deitavam sujidade em cima da sua cabeça, e às vezes tentavam sufocá-lo ao apertarem-lhe o pescoço com panos quando orava, e quando viam a força espiritual de Muhammad chamavam-no de mágico, louco, etc.

Era tudo muito triste e magoável, mas não é de estranhar. Na história do mundo não se pode apresentar um único caso onde as pessoas tenham ouvido a voz estranha (não habitual) com toda a vontade. Por exemplo, Noé enfrentou durante centenas de anos a oposição do povo; na Grécia, que é o berço da civilização, foi onde Sócrates teve que beber a chávena de veneno. Jesus também enfrentou muitas oposições. Por isso, o que os Qurayshitas fizeram contra o Profeta faz parte da mesma corrente.

Mas o que é de ponderar é: qual foi a reação do Profeta face a estas oposições?

Enquanto Sócrates bebeu uma chávena de veneno e se suicidou, Noé, cansado e irritado com a oposição, pediu a Deus um dilúvio para eliminar os descrentes, dizendo: *“Ó Senhor meu, não deixeis sobre a terra nenhum dos incrédulos. Porque, se deixares, eles extraviarão os Teus servos, e não gerarão senão os libertinos, ingratos.”* (71:26 e 27), e uma grande parte da população foi eliminada. Jesus só conseguiu criar um grupinho de 30 ou 40 discípulos e conforme as narrações cristãs foi crucificado. Mas ao contrário de tudo isso, a Missão do Profeta era diferente de todos eles. *Khabbab ibn al-Aratt*, um dos companheiros do Profeta, ao ficar irritado com os massacres dos Qurayshitas, foi ter com o Profeta e pediu-lhe para orar a Deus contra os descrentes opressores. Ao ouvir esse pedido, o Profeta avermelhou-se-lhe o rosto e disse: *“Antes de vós passaram outras pessoas cujas cabeças foram cortadas com serrotes e rachadas em duas partes, mesmo assim eles não abandonaram a sua missão. Eu digo-vos (não vale a pena precipitar-se) que Deus aperfeiçoará esta nação até que uma pessoa montada no camelo viajará de Sana a Hadramaut, não tendo medo de ninguém além de Deus”.* (Al-Bukhari).

Esta predição do Profeta foi realizada exatamente como ele predisse. Isso forma mais um sinal da veracidade do Islam e da profecia de Muhammad.

## **CASAMENTO DO PROFETA COM SAWDA E AISHA**

**- ANO DEZ DA SUA MIISSAO -**

A rejeição pelas tribos aumentou o isolamento de Muhammad, a perseguição renovada e redobrada de Quraysh aumentou a tristeza e a dor, o período de luto de Khadija já tinha passado. Muhammad pensou em casar-se de novo, com esperança de ter consolo na nova companhia. Pensou também que o casamento fortificaria os laços de irmandade entre ele e os convertidos.

No mês em que faleceu Khadija, o Profeta casou-se com Sawdah Bint Zama, viúva de um dos muçulmanos que emigraram para Abissínia e regressaram. O seu marido morreu em Makkah, e como os seus familiares não se tinham convertido, ela já não tinha ninguém com quem ficar. E se fosse deixada à mercê da sua família descrente, decerto seria maltratada. Por isso, o Profeta casou-se com ela. Um mês depois, para fortificar a sua amizade com Abu Bakr, que foi uma torre de poder e força para todos os crentes, ele prometeu casar-se com a sua filha Aisha. Contudo, o casamento só foi realizado em Madinah, três anos depois. Aisha foi a única virgem com que o Profeta se casou.

## **ASCENSAO DE MUHAMMAD. AL-ISRA e AL-MI'RAJ**

**- ANO 621 D.C. -**

*“Glorificado seja Aquele que, durante a noite, transportou o Seu servo, tirando-o da Sagrada Mesquita (em Makkah) e levando-o à Mesquita de Al-Aqsa (em Jerusalém), cujo recinto bendizemos, para mostrar-lhe alguns dos Nossos sinais. Sabei que Ele é Oniouvinte, o Onividente.” (17:1)*

“Isra” quer dizer viagem noturna, que o Profeta fez a partir de Makkah a Jerusalém; “Mi’raj” é derivado de “Uruj” que significa ascensão. Isra e Mi’raj ocorreram antes da Hégira (emigração), e segundo a maior parte dos teólogos só ocorreu uma vez, na noite de 27 do mês de Rajab (sétimo do calendário Lunar Islâmico) no ano entre 10 e 13 da Proclamação da Profecia. Quando a vida dura e cheia de perigos estava prestes a terminar depois da emigração, começava uma nova era, de tranquilidade e sossego. Finalmente, a noite solene, destinada à visita do Profeta aos céus e às maravilhas de Deus, como um hóspede distinto

chegou. Foi ordenado ao Anjo Gabriel para usar um transporte mais rápido que a eletricidade, reservado só para os hóspedes celestiais, e chegar à Kaaba.

A passagem de Isra e Mi'raj, baseada na narração de Bukhari e Muslim: “- O edifício original da Kaaba construído por Ibrahim (Abraão) encontrava-se destruído pelas cheias e por várias vezes tinha sido reconstruído, mesmo antes da Proclamação da Profecia de Muhammad. Ainda durante a sua vida, houve cheias que destruíram o edifício, os Qurayshitas quiseram reconstruí-lo mas por falta de fundos lícitos, construíram uma parte e deixaram outra e até hoje está na mesma. É o local chamado “Hatim”, parte que não tem teto.

Os jovens Qurayshitas costumavam descansar nesse local, assim como o Profeta. Na noite em que ocorreu o Mi'raj, o Profeta estava aí a descansar. Era uma noite calma, ele estava quase a adormecer quando viu o Anjo Gabriel com outros Anjos aparecerem, levaram-no para junto do poço de Zamzam, abriram o seu peito (operação cirúrgica), tiraram o coração e lavaram-no com água de Zamzam.

Em seguida, encheram o seu peito de fé e luz e depois fecharam-no. Em seguida trouxeram um animal maior que o burro e menor que a mula, de cor branca, longo, chamado Buraq (relâmpago), esse animal era tão veloz que os seus pés tocavam onde era o último limite da visão. Atualmente já está provado cientificamente que, a “velocidade” é um fenômeno ao qual não se pode atribuir limite nenhum, por conseguinte a ciência moderna confirma a possibilidade da existência do “Buraq”.

As divergências na data exata dos acontecimentos antes da emigração do Profeta à Madinah (exceto alguns), são muitas, porque os muçulmanos na época ainda não constituíam uma comunidade estabelecida, e a vida era-lhes tão dura que não tinham pensado em conservar registros dos acontecimentos todos. Por isso, as datas são aproximadas, (o mesmo se dá com esta passagem.).

O Profeta montou no “Buraq” e foi a Jerusalém, acompanhado do Anjo Gabriel. Desceu e amarrou o Buraq no cerco onde os Profetas costumavam amarrar os seus animais em que montavam; entrou na Mesquita “Al-Aqsa” e nela fez dois rakats (genuflexões) de Salat, (o Anjo estava a acompanhá-lo nessa viagem).

Quando saiu dali, o Anjo Gabriel apresentou-lhe duas taças uma com leite e outra com vinho; o Profeta preferiu a de leite, e o Anjo Gabriel disse: - *“Prefere a disposição natural, porque se tivesses escolhido o vinho a tua comunida-*

*de desviar-se-ia também*". A seguir, o Anjo Gabriel juntamente com o Profeta, ascendeu ao céu. Quando chegaram ao primeiro céu, o Anjo Gabriel pediu que abrissem a porta, e perguntaram-lhe: "Quem és tu?" Ele respondeu: "Gabriel", perguntaram-lhe: "Quem está contigo?" Respondeu: "Muhammad", Disseram: "Foi chamado?" Respondeu "Sim!". Abriram a porta, e disseram: "Seja bem vindo". Ao ouvir a notícia da chegada de Muhammad, e do que Deus pretendia fazer com os homens, os habitantes do Céu ficaram radiantes. Enquanto Ele não desse essa notícia aos do Céu, eles, não poderiam saber. O Profeta estava já no primeiro Céu, onde viu uma pessoa, com muitas sombras dos seus lados direito e esquerdo. Quando olhava para o lado direito, ria-se, e quando olhava para o lado esquerdo, chorava. Ao ver o Profeta disse: - "Bem vindo, ó Justo Profeta e filho Justo." E o Profeta perguntou ao Anjo Gabriel: "quem é este?" O Anjo Gabriel respondeu: "Este é o teu pai, Adão, e estas são as almas dos seus filhos. Do lado direito são os que vão para o Paraíso, e os do lado esquerdo para o Inferno." Nesse Céu o Profeta viu também o "Al-Kawthar" que está exclusivamente reservado para o Profeta Muhammad. Desta forma foi passando de todos os céus, os guardiões de cada Céu fazendo sempre a mesma pergunta e Gabriel respondendo sempre da mesma maneira. Em cada céu encontrava-se com algum Profeta. No segundo céu encontrou-se com João Batista e Jesus, que lhe apresentaram as boas-vindas. No terceiro encontrou-se com José, a quem foi dado uma parte da Beleza, que também lhe apresentou as boas-vindas. No quarto encontrou-se com Idris, que lhe deu igualmente as boas-vindas, a respeito do qual Deus diz:

*"E menciona, no Livro, (a história de) Idris, porque foi (um homem) de verdade e, um profeta. Que elevamos a um estado de graça."* (19:56 e 57)

No quinto encontrou-se com Aarão que lhe apresentou o mesmo que os anteriores e no sexto encontrou-se com Moisés, que apresentando as boas-vindas disse:

*"O Profeta e irmão justo".* Ao adiantar-se, Moisés começou a chorar. Foi-lhe perguntado, qual o motivo do choro? E Moisés respondeu: "Ó meu Deus! Tu enviaste como Profeta, este jovem depois de mim, cujos seguidores serão mais a entrarem no Paraíso do que os meus". Muhammad seguiu depois para o sétimo céu, onde foi também recebido com as mesmas palavras e lá encontrou-se com Abraão. Gabriel que o acompanhava disse: "Este é o teu pai". Abraão estava encostado ao Bait Al-Mamur (a casa habitada, Mesquita no céu em cima da Kaaba, Local onde diariamente entram 70.000 anjos, que nunca mais voltam a ter oportunidade de repetirem a entrada).

Depois foi-lhe mostrado o Paraíso, cujas cúpulas são de pérola e terra de

almíscar e foi até Sidrat al-Muntaha (o local mais elevado da árvore de Lótus do Paraíso). Quando a ordem do Senhor envolveu, a árvore imediatamente mudou de aspecto de tal forma, criando nela a beleza que nenhuma das criaturas de Deus pode descrever.

Esse é o local de onde descem as coisas, e para onde as coisas sobem. Aí o Anjo Gabriel apareceu perante o Profeta, na sua forma original, depois levantaram-se as cortinas (barreiras) entre ele e Deus, e o que lá se passou, a língua não tem poderes -de expressar, excedendo todos os conhecimentos humanos.

*“Até a uma distância de dois arcos (de atirar setas), ou menos ainda. E revelou ao Seu servo o que Ele havia revelado. O coração (do Mensageiro) não mentiu, acerca do que viu.” (53:9 até 11)*

Foi aí que o Profeta recebeu ordem de Deus de que todos os crentes deviam fazer obrigatoriamente 50 orações diárias.

Quando o Profeta estava de regresso encontrou-se com Moisés, que lhe perguntou: - “O que é que o teu Senhor tornou obrigatório para ti e para a tua comunidade?” Muhammad respondeu: - “50 orações diárias e Moisés disse: - “A tua comunidade não conseguirá cumprir isso, eu tenho experiência dos filhos de Israel. Volta-te ao teu Senhor e pede-lhe que reduza. Muhammad voltou para o Senhor e disse: - Ó meu Senhor, alivia (reduz) do meu Ummah”. Deus reduziu cinco orações. Quando Moisés ouviu a pequena redução disse-lhe: “A tua comunidade não aguentará isso, volta para o teu Senhor e pede-lhe que reduza”. Aconselhado por Moisés, Muhammad voltou várias vezes a Deus pedindo-lhe que reduzisse, até que por fim ficaram cinco orações obrigatórias em cada 24 horas. Contudo, Moisés não cessou de aconselhar a Muhammad que pedisse ao Senhor que reduzisse o número das orações. Mas Muhammad respondeu: “Sinto-me envergonhado para lá ir de novo”. Em seguida, Deus disse: - Ó Muhammad! Na minha ordem não haverá alterações, as orações obrigatórias são apenas cinco, mas, a recompensa de cada oração será a equivalente a dez orações, o que equivale cinquenta orações. Eu aliviei dos meus servos, e apliquei-lhes a Minha Ordem”. Muhammad voltou depois para a terra, chegou a Jerusalém, onde viu a Congregação dos Profetas, como Abraão, Moisés, Jesus, etc. que descreveu-os a todas às pessoas. Na mesma noite o Profeta, encontrou-se ainda com o Guardião do Inferno. Foi-lhe mostrado também o Dajjal. (Al-Bukhari). E na manhã seguinte estava já no Massjid Al-Haram.

Antes destas cinco orações tornarem-se obrigatórias, isto é antes do “Mi’raj”, o Profeta só orava duas vezes por dia, de manhã e ao anoitecer.

## RELATÓRIO DE IBN HISHAM SOBRE AL-ISRA

Ibn Hisham na passagem referida acrescenta, à conversação de Muhammad, com Adão, no primeiro céu, dizendo que: *“Eu (Muhammad) vi homens com lábios como os dos camelos, nas suas mãos tinham bolas de fogo que as empurravam com força para dentro de suas bocas, as quais (as bolas) saíam das suas extremidades e eles metendo de novo à força pela boca, repetiam estes movimentos permanentemente”*. E perguntei: - *“Quem são estes, ó Gabriel?”* Respondeu-me: *“Esses são os que devoram injustamente a riqueza dos órfãos.”*

Depois, vi homens que tinham umas grandes barrigas (barrigudos) semelhantes às quais nunca vi antes, mesmo, no caminho que nos leva à casa do Faraó (são os que terão o pior tormento). São atropelados por homens. Quando são trazidos ao fogo, correm como camelos sequiosos, a quem atropelam, ficam imóveis. Eu perguntei: *“Quem são esses, ó Gabriel?”* Respondeu: *“Esses são os que praticam a usura”*. Vi homens sentados à mesa cheia (servida), com deliciosa e gordurosa carne, e ao lado disso, carne podre e fedorenta. Comiam a segunda e deixavam a primeira, a deliciosa e boa carne. Perguntei ainda: *“Quem são esses, Ó Gabriel?”* Ele respondeu-me: *“Estes são os homens que deixavam as próprias mulheres que Deus tornou lícitas para eles, e iam atrás das mulheres ilícitas para eles.”*

Vi mulheres suspensas pelos seios, e perguntei: *“Quem são essas mulheres, ó Gabriel?”* Ele respondeu-me: *“São as mulheres que introduziram para os seus maridos filhos que não eram deles.”*

A passagem de Mi'raj e Isra varia. O leitor poderá encontrar coisas que não mencionei aqui. Contudo, preferi pôr a passagem considerada mais autêntica, porque noutras há narradores da corrente, que são considerados fracos ou falsos.

## OS DESCRENTES DESMENTEM AO PROFETA MUHAMMAD

Os Qurayshitas tinham o hábito de dispenderem o tempo sentados no Haram, assim como o Profeta.

Na manhã seguinte à noite de Al-Isra e Mi'raj, Abu Jahal foi ao encontro do Profeta Muhammad, no Haram. O Profeta contou-lhe tudo o que se tinha passado na noite anterior. Abu Jahal chamou a Tribo Bani Kaaba para ir escutar também. O Profeta contou-lhes o que tinha acontecido. Uns começaram a bater palmas escarnecendo, outros levaram as mãos à cabeça em espanto. Desmen-

tindo-o todos foram ao encontro de Abu Bakr, correndo, para lhe narrarem o que tinham ouvido de Muhammad, esperançados que ele renunciasse à Religião Islâmica, pois todos acharam que era um acontecimento anormal, impossível, e que Muhammad estava alucinado. Mas, Abu Bakr respondeu-lhes com muita firmeza dizendo: - *“Se ele (Muhammad) de fato vos contou isso, falou a verdade”*. E os Qurayshitas perguntaram: - *“Tu confirmas o que Muhammad diz a respeito disto?”* Abu Bakr respondeu: *“Eu confirmo-o nos assuntos mais longínquos que este, então porque não o confirmarei nisto?”* Desde esse dia Abu Bakr recebeu o título de *“As-Siddiq”* (o confirmador). Os descrentes começaram então a testar o Profeta ao pedirem-lhe que descrevesse a Mesquita de Jerusalém (Baitil-Maqdiss). Eles sabiam que o Profeta nunca tinha para lá viajado, e entre os Qurayshitas havia uns que tinham já visto Jerusalém. Por isso, disseram a Muhammad: - *“Dizes tu que numa noite viajaste de Makkah a Jerusalém. Conta-nos como se parece a Mesquita de Jerusalém?”* O Profeta na ocasião não tinha na mente a imagem do edifício da Mesquita de Jerusalém. Por isso, já estava preocupado (quando os Qurayshitas o pediram que a descrevesse). Mas, de repente, foi colocada à sua frente a imagem da Mesquita. Os Qurayshitas iam perguntando e o Profeta ia respondendo pormenorizadamente como era a Mesquita.

Os Qurayshitas ficaram pasmados e reconheceram que na verdade não errou na descrição da Mesquita de Jerusalém. Depois interrogaram-no acerca da caravana dos Qurayshitas que estava de regresso da Síria, e o Profeta descreveu-lhes a caravana tal como ele era, disse-lhes o número dos camelos e o dia em que deveriam chegar. Tudo isso provou-se verdade. No entanto, os descrentes continuaram como tal, apenas se lhes aumentou a teimosia e o orgulho, dizendo que tudo aquilo era uma simples magia.

Na manhã seguinte à noite de Al-Isra e Mi'raj, veio Gabriel e ensinou ao Profeta o modo de como fazer as orações e seus respectivos horários.

## **VISÕES SEMELHANTES DE OUTROS PROFETAS**

Quando lemos passagens e estados espirituais dos Profetas anteriores a Muhammad, vemos que, os grandes Profetas, num momento específico, no início das suas Missões tiveram a oportunidade de chegar a este elevadíssimo grau. Nesses momentos são afastados das suas frentes todas as condições materialistas de visão, e as regras dos meios mundanos de audição são ab-rogados. Observam o sol, a lua e os corpos celestiais girando assim como quando estão no espaço e não restringido (ligado) a esta terra; e são libertos das barreiras de tempo e espaço. Por conseguinte, vêm à sua frente imagens ocultas dos céus e

da terra. Depois disso, põem vestuário de Nur (Luz) e no convívio espiritual dos anjos apresentam-se perante Deus.

E têm a honra de falar diretamente com Deus, consoante o seu grau, e quando regressam, trazem ordens de Deus para os Homens. Por exemplo, Abraão, como diz o Alcorão:

*“E foi como mostramos a Abraão o reino dos céus e da terra, para que se contas-se entre os persuadidos.” (6:75)*

Esse foi o Mi’raj de Abraão.

Moisés teve o seu Mi’raj (ascensão). Onde recebeu os dez mandamentos.

*“Ordenamos a Moisés trinta noites (de solidão), as quais aumentamos de outras dez, de maneira que o tempo fixado por seu Senhor foi, no total, de quarenta noites. E Moisés disse ao seu irmão Aarão: Substitui-me, ante meu povo; age de modo correto e não sigas a senda dos depravados. E quando Moisés chegou ao lugar que lhe foi designado, o seu Senhor lhe falou, orou assim: ó Senhor meu, permite-me que Te contemple! Respondeu-lhe: Nunca poderás ver-Me! Porém, olha o monte e, se ele permanecer em seu lugar, então Me verás! Porém, quando a majestade do seu Senhor resplandeceu sobre o Monte, este se reduziu a pé e Moisés caiu esvanecido. E quando voltou a si, disse: Glorificado sejas! Volto a Ti contrito, e sou o primeiro dos fiéis! Disse-lhe: Ó Moisés, tenho-te preferido aos (outros) homens, revelando-te as Minhas mensagens e as Minhas palavras! Recebe, pois, o que te tenho concedido, e sê um dos agradecidos!” (7:142 até 144)*

E Jacob teve também o seu Mi’raj: assim como relata o Antigo Testamento, Gênesis 28:10 até 13:

*“Jacó saiu de Berseba e dirigiu-se a Haram. Chegou a um lugar onde resolveu passar a noite, pois o sol já se havia posto. Serviu-se de uma das pedras do lugar como travesseiro e dormiu ali. Em sonho, viu uma escada apoiada no chão e com a outra ponta tocando o céu. Por ela subiam e desciam os anjos de Deus. No alto da escada estava o SENHOR, que lhe dizia: “Eu sou o SENHOR, Deus de teu pai Abraão, o Deus de Isaque. A ti e à tua descendência darei a terra em que estás dormindo.”*

*“Conheço um homem, em Cristo, que, há quatorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu — se com o corpo ou sem o corpo, não sei, Deus sabe. Sei que esse homem — se com o corpo ou sem o corpo, não sei, Deus sabe — foi arrebatado*

*ao paraíso e lá ouviu palavras inefáveis, que homem nenhum é capaz de falar.”*  
**(II Coríntios 12:2 até 4)**

No Novo Testamento, em S. João, há, também, muitas passagens semelhantes como por exemplo: o Dia da Ressurreição, Juízo Final, Paraíso e várias outras que concordam plenamente com o Alcorão. O objetivo de contar estas passagens é para dizer que estas visões fazem parte da vida dos Profetas e dos aproximados de Deus. O Islam amplificou a Ascensão incluindo todos os crentes ao dizer: “*A oração (Salat) é a ascensão dos crentes*”. Porém, a diferença de Mi’raj de Muhammad e dos outros profetas é grande, visto ele ter sido o último Mensageiro. Ele atingiu o ponto que os outros não atingiram e viu o que a visão dos outros não lhes permitiu.

## **PORMENORES DA VISÃO DE MUHAMMAD NO ALCORÃO**

Depois de ter dado referências de Hadith a este respeito, vamos agora falar sobre o que dizem os versículos do Alcorão.

O Alcorão fala sobre Al-Isra no Capítulo 17, Bani Israil, também conhecido por Al-Isra. No verso 1, revelado em Makkah.

Glorificado seja aquele que transportou durante a noite o Seu servo da Mesquita Sagrada (em Makkah) à distante Mesquita de Al-Aqsa (em Jerusalém) cujos arredores abençoamos, para mostrar-lhe alguns dos Nossos sinais. Deus ouve tudo e vê tudo”.

O outro Capítulo que fala desta Visão é: o An-Najm “O Astro”, também revelado em Makkah, A Mesquita Sagrada é a alusão à Kaaba, o Masjid Al-Aqsa é a Mesquita de Jerusalém para onde Muhammad e os crentes voltavam as faces nas orações, pois, Jerusalém foi a Casa de todos os Profetas. Por isso, é chamada “a Terra Santa”. Muhammad como continuador da Missão deles, nunca lá esteve. Deus quis que ele a visse e a todos os Profetas anteriores, assim como outros sinais que Deus quis mostrar-lhe.

A Ascensão serviu de prova a Muhammad, que se convenceu de que só Deus dirige o Universo sem associados, ou assistentes, companheiros ou rivais. A Ascensão é um assunto exclusivo entre Deus e Seus mensageiros. Cada Profeta teve o seu Mi’raj consoante a sua capacidade. Por isso, não é digno aos crentes interferirem e levantarem controvérsias nisso.

Em na Surat An-Najm, a passagem está assim: *Pela estrela, quando cai, Que*

*vosso camarada jamais se extravia, nem erra, Nem fala por capricho. Isso não é senão a inspiração que lhe foi revelada, Que lhe transmitiu o fortíssimo, O sensato, o qual lhe apareceu (em sua majestosa forma). Quando estava na parte mais alta do horizonte. Então, aproximou-se dele estreitamente, Até a uma distância de dois arcos (de atirar setas), ou menos ainda. E revelou ao Seu servo o que Ele havia revelado. O coração (do Mensageiro) não mentiu, acerca do que viu. Disputareis, acaso, sobre o que ele viu? Realmente o viu, numa Segunda descida, (13) Junto ao limite da árvore de lótus. Junto à qual está o jardim da morada (eterna). Quando aquela coisa envolvente cobriu a árvore de lótus, Não desviou o olhar, nem transgrediu. Em verdade, presenciou os maiores sinais do seu Senhor. (53:1 até 18)*

### **O “MI’RAJ” OCORREU FISICAMENTE, ESPIRITUALMENTE OU NO ESTADO DE SONO?**

Foi levantada grande controvérsia a este respeito, e cada um tenta interpretar os acontecimentos como entende. Nós não devemos interferir neste assunto, visto ser assunto exclusivo de Deus e os Seus Profetas. Mas, sempre serve de prova para nós, assim como refere o Alcorão:

*“A visão que te temos mostrado não foi senão uma prova para os humanos.”  
(17:60)*

Há quem diga que o (Isra e o Mi’raj) foi um acontecimento espiritual; que o corpo se imobilizou; mas há também quem diga que Isra e o Mi’raj tenham ocorrido fisicamente; que o corpo de Muhammad tenha sido transportado para Jerusalém e dali aos céus. Há ainda os terceiros que levam as duas opiniões, ao dizerem que, Al-Isra foi fisicamente, e o Mi’raj, foi espiritualmente.

Mas, ao analisarmos profundamente os textos, chegamos à conclusão de que foi um processo ocorrido fisicamente, quando o Profeta se encontrava acordado. Digo isto por vários motivos: no Versículo, a palavra “Ruiya” segundo Ibn Abbas é a visão de olhos em pleno acordar. Além dele, os poetas árabes também utilizam “Ruiya” para designar a visão patente dos olhos, como diz o Mutanabbi (conhecido poeta árabe): “Wa Ruiyáka Ahlá Fil-Oyune Minal Gamadhe”.

Tradução - Ver-te é mais doce nos olhos do que fechá-los.

Há muitas divergências sobre este assunto, mas a maioria dos historiadores afirmam que Al-Isra e Mi’raj ocorreram ambos no estado físico, porque o Alcorão quando diz, no Cap. 17, Versículo 1:

*“Glorificado seja Aquele que, durante a noite, transportou o Seu servo, tirando-o da Sagrada Mesquita (em Makkah) e levando-o à Mesquita de Al-Aqsa(em Jerusalém)”*, não faz referências ao sonho. Mas no versículo consta “Abdihî” que quer dizer “Seu servo”, e servo é o conjunto de corpo e da alma, só a alma não se chama Abd. E se fosse um sonho como serviria de prova? Se fosse sonho, então por que é que os descrentes o desmentiram? No sonho imaginam-se coisas estranhas, anormais e até impossíveis, mas, ninguém desmente.

Os que afirmam que Al-Isra e Miraj, ocorreram espiritualmente e não fisicamente, além de assegurarem as tradições que defendem a ascensão no estado espiritual, também se apoiam na ciência moderna. Dizem que hoje, é muito fácil perceber a ocorrência de Isra e do Mi’raj do que nos tempos passados, pois, hoje vemos que por exemplo, a rádio traz-nos as vozes das pessoas falando a milhares de quilômetros de distância; a televisão que é um fato, traz perante os nossos olhos imagens atuais de acontecimentos distantes. No tempo dos nossos pais ainda não existiam estas coisas. Por isso, as coisas vistas e ouvidas por Muhammad não podiam ser explicadas na altura de outra forma senão insistindo no Al-Isra e Mi’raj fisicamente.

Atualmente sabemos de certo que todos os fenômenos visuais da nossa experiência são resultado de certos movimentos de raios de corpúsculos extremamente pequenos, de átomos de matéria (substância); se são só raios, ou só movimentos de corpúsculos de átomos ou ambos, ainda não sabemos. Mas sabemos o suficiente para dizer que, quando vemos uma coisa estamos a perceber os raios ou corpúsculos que caem sobre os nossos olhos, o que nós chamamos «visão». E não é necessário que o objeto da visão esteja perante os nossos olhos para que o possamos perceber; pode estar em qualquer lugar, é preciso apenas que os raios ou corpúsculos que emanam do objeto, sejam capazes de chegar aos nossos olhos. As forças latentes da natureza estão ainda a ser descobertas pela ciência, cada novo dia traz-nos uma nova surpresa.

No caso de Muhammad, Deus já lhe tinha dado Gabriel (ou Espírito Fidedigno) que lhe trazia as ordens de Deus. Muhammad tinha uma visão espiritual das coisas que os outros não tinham, embora extraordinária e única. Esta experiência é certamente possível para um homem, depois de remover as ilusões deste mundo, penetrando na realidade final e definitiva, isto é, conhecendo melhor a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

A sua reivindicação à Missão Divina está baseada nessa asserção, e se isso lhe for recusado, então é o fim do argumento, mas se isso lhe for concedido

então Mi'raj torna-se facilmente compreensível, porque assim como já foi dito, os outros Profetas também tiveram experiências similares. Os Profetas não são cientistas ou filósofos, mas são informados sobre realidades subjacentes que são colocados no Universo, e são muito mais difíceis de compreender do que aquilo que os cientistas e filósofos afirmam.

Como é que então os profetas poderão estar tranquilos nos seus íntimos, de que o que lhes está sendo revelado é uma Verdade Absoluta? Só há uma forma para isso; - É a experiência real, que é possível na visão espiritual; portanto, não foi necessário transportar o corpo de Muhammad por todo o Universo; o Universo é que foi trazido diante dele. Esta foi a interpretação dos que acham que a ascensão foi uma visão espiritual.

A Muhammad foi-lhe mostrado como funciona o Sistema Universal; como os Anjos cumprem e executam as Leis de Deus. A alma dele orava a Deus, vários anos antes da Proclamação da Profecia, à procura da explicação do Universo. Depois da Proclamação, ele seguia as ordens de Gabriel (já havia dez anos), ele tinha inimigos na terra que lhe queriam pôr termo à vida, mas tinha Deus como amigo, que lhe quis mostrar qual será o seu fim, e qual será o fim dos seus inimigos, e quis mostrar-lhe vivamente tudo aquilo que lhe foi dito e prometido.

## **A RAZÃO DE O PROFETA TER SIDO LEVADO PRIMEIRO PARA JERUSALÉM**

1.º - Para nos indicar que o Profeta era “Nabiyul-Qiblatayn” isto é, “Profeta de dois Qiblas”; Kaaba e Jerusalém.

2.º - Para os Judeus que até esse momento eram considerados herdeiros e guardiões de Jerusalém, esta ocorrência serviu para indicar que tinha acabado o período da Administração deles (dos Judeus) conforme a promessa de Deus. Essa honra passa agora para os descendentes de Ismael, outro filho de Abraão. Segundo o Antigo Testamento, Abraão disse aos filhos de Israel, que “se não obedecessem às ordens de Deus, e não aceitassem os Profetas, essa honra lhes seria tirada.”

A maior parte dos Profetas foram da descendência de Abraão da linhagem de Israel, que só seguiam Jerusalém como seu Qibla. Mas, o outro filho de Abraão, Ismael, tinha a Kaaba como seu Qiblah.

Muhammad, descendente de Ismael, em todos os aspectos, era portador das qualidades (em geral) de outros Profetas anteriores; teve a honra de seguir

as duas Qiblas (que as duas descendências seguiam) e obter as bênçãos das duas partes. Por isso, dirigiu as orações perante todos os Profetas em Jerusalém, para que isso servisse de anúncio solene que, o herdeiro das duas Qiblas a partir daquela altura seria ele (Muhammad).

3.º - Mi'raj era como que um aviso aos Qurayshitas de que, o tempo das perseguições estava prestes a terminar e que estava já a chegar a altura do Profeta emigrar, e para o local ele vai, irá lidar com os israelitas. Por isso o capítulo "Al-Isra" (revelado em Makkah) já falava dos israelitas, enquanto que em Makkah não existiam israelitas, apenas em Madinah, havia algumas tribos.

## **YATHRIB MADINATUN-NABI**

Aproximadamente quatrocentos quilómetros ao norte de Makkah, há várias zonas férteis, a mais importante delas é "Yathrib".

A palavra Yathrib é derivada de "Sarab" que significa "censurar". Esta zona recebeu o nome de Yathrib (censurável) devido ao seu clima, que era mau, e que causava uma febre, a chamada febre de Yathrib, muito conhecida em toda a Arábia. A zona é toda agrícola, nomeadamente tamareiras que há em abundância. As tâmaras de Madinah (Yathrib) são muito conhecidas pela sua qualidade distinta.

## **HABITANTES DE YATHRIB**

Cerca de mil anos antes, após a destruição da Barragem de Iram devido às cheias no lêmeen, dois irmãos saíram de lêmeen e radicaram-se em Hijaz. Um chamava-se "Aus" e o outro "Khazraj", o pai chamava-se "Harisa" e a mãe "Kaila". Por isso, os filhos de Aus e Khazraj eram também conhecidos por "Banu-Kaila".

No tempo do Profeta, Aus e Khazraj, eram já duas tribos de vários clãs, conhecidas por vários nomes, como por exemplo: - Banu Najjar, Banu Saida, Banu Amr Bin Auf, e outros. São estes clãs que mais tarde foram conhecidos por "Ansar". A população de Yathrib era nessa altura, de cerca de 6.000 habitantes e como todas as tribos da Arábia, tinham o seu ídolo, "Al-Manat At-Taghiya". "Mushallal" é um local entre Makkah e Yathrib (Madinah), onde estava erguido o templo desse ídolo. Todos o adoravam, mas, anualmente iam à Makkah em peregrinação para adorarem também os ídolos que os Qurayshitas haviam colocado na Kaaba. Eram co-religiosos com Quraysh, uma vez que as suas ascendências eram comuns, ambos reivindicavam ser da descendência de Ismael e de Abraão. (Al-Bukhari). Eram todos agricultores.

Quando Aus e Khazraj chegaram a Yathrib, esta zona tinha muita influência dos Judeus, visto a maior parte da população ser analfabeta. A descendência dos dois irmãos foi-se multiplicando.

Quando os judeus viram que estavam a ser ultrapassados (em número) quiseram eliminá-los à força, resultando daqui uma guerra, que deu a vitória aos descendentes de Aus e Khazraj, acabando assim com a autoridade dos judeus, e tornando-se governantes de Yathrib.

Em Yathrib, havia muitas fortalezas, cujos vestígios ainda existem. Pensa-se que tenham sido construídas pelos judeus. Os ansar construíram depois várias fortalezas (em Yathrib). Aus e Khazraj mantiveram-se unidos durante algum tempo, porém, essa união não durou muito. Começaram então os desentendimentos que levaram a guerras civis; houve grande derramamento de sangue entre eles, e quase todos os guerreiros morreram. Tomaram-se tão fracos que pediram a Quraysh para fazer uma aliança com eles, contra qualquer eventual agressão, mas, Abu Jahal não aceitou. Apesar de serem idólatras, os Ansar como tinham convivido com judeus em Madinah (Yathrib) tinham uma certa ideia da Profecia e dos Livros sagrados. E apesar de serem rivais dos judeus no poder político, reconheciam a sua virtude religiosa. Os judeus tinham estabelecido escolas de teologia em Yathrib, que se chamavam Baitul-Madaris, nelas ensinavam o Torá,

Os ansar eram analfabetos, por isso ficavam impressionados com a superioridade teológica dos judeus. Os ansar, cujos filhos não sobreviviam, por qualquer motivo, faziam votos de que, «se o filho sobrevivesse convertê-lo-iam ao judaísmo». Tal como os judeus em geral, os ansar também, acreditavam que estava para surgir um último Profeta.

## **ORIGEM DOS JUDEUS EM MADINAH**

Os judeus são conhecidos como filhos de Israel, (título de Jacob) filho de Isaac, filho de Abraão. Jacob tinha doze filhos, dos quais os israelitas são descendentes. Quando Yusuf (José) tomou o poder no Egito, Jacob e seus filhos radicaram-se no Egito. No tempo de Moisés o seu número já tinha chegado a várias centenas de milhares, mas, agora, em vez de estarem no poder estavam acorrentados à escravatura. Moisés conseguiu tirá-los do Egito, para “Tih” e depois para a Síria. Acreditavam no Profeta Moisés e segundo as narrações, quando Deus salvou Moisés, dando-lhe a vitória sobre o Faraó, eles fixaram-se todos num local chamado “Tih”, e daí começaram a enviar combatentes, a fim de expandirem a sua religião à força, e quem não se convertesse ao judaísmo era imediatamente

morto. Um grupo desses combatentes chegou a Yathrib onde, fizeram o mesmo, matando os que não aceitavam converter-se ao judaísmo.

Mas, encontraram um Príncipe muito belo e tiveram pena de matá-lo. Prenderam-no e levaram-no para o apresentarem a Moisés. Porém, antes de chegarem, Moisés tinha falecido e então, apresentaram-se perante o seu sucessor e colocaram-lhe o problema. Este, por sua vez, condenou todos à expulsão por não terem executado as ordens de Moisés. Estes saíram do local onde tinham sido expulsos, e radicaram-se em Yathrib, zona que já tinham conquistado, e foi assim que começou o judaísmo em Yathrib.

Outra narração diz que os Judeus radicaram-se em Yathrib, depois dos romanos terem atacado a Síria, ou então, depois de “Bukht Nassar” ter destruído Jerusalém. Em todo o caso, a conclusão é que no tempo do sucessor de Moisés os judeus já tinham começado a radicar-se em Yathrib. Além dos motivos políticos, na vinda dos judeus a Yathrib, havia também os motivos religiosos; é que os teólogos judeus através do Torá, souberam que o último Profeta surgiria em Yathrib. Por isso, os judeus radicaram-se lá para terem a honra de o acompanhar, ou então, os seus descendentes.

Quando surgiu Muhammad como último Profeta, Banu Qurayza diziam que os seus teólogos se tinham radicado em Yathrib devido a essas predições.

Os israelitas tinham progredido bastante e já tinham expandido a sua influência por zonas à volta de Yathrib. Tinham o seu governo, a riqueza estava em seu poder, a sua população aumentou por todo o lado e os seus centros mais conhecidos eram “Khaybar”, “Wadi Kura” e “Timar”.

## O CASO DOS JUDEUS

Entre os judeus havia um rei chamado “Fatyun”, maldoso. Decretou uma lei que dizia que todas as mulheres que se casassem, teriam de passar a primeira noite com ele, e os judeus aceitaram. Mas, quando foi a vez de Aus e Khazraj eles revoltaram-se. Na altura, o chefe da tribo de Khazraj era um homem chamado “Malik Bin Ajlan” que tinha uma irmã que ia se casar. No dia anterior ao casamento, ela passou em frente do irmão (Malik Bin Ajlan) seminua. Ao ver isso, Malik ficou muito aborrecido, e em casa reprimiu a irmã por aquela atitude tão envergonhavel. A irmã respondendo-lhe, dizendo: “O que irá acontecer amanhã será pior que isto (referindo-se à noite que vai passar como rei judeu)”. No dia seguinte, cumprindo a lei, a irmã de Malik depois de se casar foi pernoitar com o rei Fatyun, Malik, irado, vestiu-se como uma senhora e entrou no Palácio acom-

panhando as outras senhoras, matou o Fatyun e fugiu para a Síria.

Na Síria, o governo era dos “Ghassanidas”. O governador chamava-se “Abu Hablah”. Quando soube dessa triste passagem, preparou uma enorme tropa e tomou o rumo de Yathrib, Ao chegar, convidou os chefes de Aus e Khazraj e ofereceu-lhes muitos prêmios. Depois, preparou um grande banquete, geral, e convidou os chefes judeus, e aí, por astúcia matou-os todos um por um, quebrando assim o poder dos judeus. Os ansar (Aus e Khazraj) começaram então a retomar o poder. Porém começou de novo a guerra entre os dois clãs, Aus e Khazraj, que durou mais de cem anos. E os judeus para os enfraquecerem mais, fizeram tudo para fomentar essas guerras, como é seu hábito até hoje, durando essa situação até ao aparecimento do Profeta Muhammad.

Entre os judeus de Yathrib havia várias tribos, as mais conhecidas eram Banu Qainuqa, Banu Nadir, Banu Khuraiza. Todas elas viviam luxuosamente. As suas casas eram do tipo de fortalezas, com plantações densas à sua volta.

Além da agricultura a que se dedicavam, também eram grandes comerciantes, e praticavam muito a usura, estavam bem assegurados, no sistema de educação.

Os judeus em Yathrib estavam à espera do Profeta em seu favor, que os viesse ajudar. A ruína de Aus e Khazraj devido às prolongadas guerras, fez orgulhá-los que em breve eles capturariam Yathrib e o resto da Arábia e destruiriam os idólatras assim como tinham sido destruídos a “Ad” e “Iram”. Eles diziam para os Aus e Khazraj que o Profeta os viria conquistar.

As tribos Aus e Khazraj, depois de tomarem o poder, só passavam a vida em guerras. A mais conhecida guerra entre eles foi a de “Buaas” em que morreu muita gente, incluindo os chefes tribais. Os judeus não se aliavam para nenhum lado nessas guerras, mas, fomentavam-nas para lhes explorarem o mau estar. Davam empréstimos à base de juros, e quando eles não conseguiam pagar, confiscavam-lhes as suas propriedades.

## **A REPUTAÇÃO DO ESPERADO PROFETA EM YATHRIB**

Os judeus esperavam o último Profeta, a respeito do qual a “Torá» já tinha falado e até divulgavam as suas qualidades e sinais, mas esperavam que esse último Profeta seria de entre eles (isto é, judeu), porque até aquele momento todos os Profetas tinham sido judeus. E, como já tinham perdido o prestígio esperavam o surgimento do último Profeta para se juntarem a ele e combaterem con-

tra os idólatras, que eram, os Aus e Khazraj, seus rivais. Contudo, quando chegou o último Profeta, há tanto por eles aguardado, rejeitaram-no, por vários motivos; um por ser da descendência de Ismael e não de Isaac. Outro motivo - segundo o livro sagrado dos judeus chamado «Talmud» – *“porque Muhammad confirmou a profecia de Jesus, e como os judeus consideram Jesus um “impostor”, um filho ilegítimo, dizem que “quem confirma o impostor também é impostor, eles utilizam as mais sujas e insultuosas palavras para designar Jesus e sua mãe, no seu livro sagrado chamado “Talmud”, apesar de Jesus também ser judeu.”*

Por eles terem rejeitado os profetas, foram amaldiçoados por Deus, através de vários Profetas, assim como consta no Alcorão e na Bíblia. Reparem o que Jesus lhes disse:

*“Vós tendes por Pai o diabo e quereis satisfazer o desejo do vosso Pai.” (S. João 8: 44)*

A natureza criminosa dos judeus é muito antiga. Sempre desmentiram os Profetas, massacraram-nos sempre que traziam leis que não agradava os seus caprichos. Jesus disse-lhes:

*“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Construíis sepulcros para os profetas e enfeitais os túmulos dos justos, e dizeis: ‘Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices da morte dos profetas’. Com isso, confessais que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Vós, pois, completai a medida de vossos pais! Serpentes! Víboras que sois! Como escapareis da condenação ao inferno?” (S. Mateus 23:29 até 33)*

Nos seguintes versículos Jesus menciona alguns nomes dos Profetas massacrados pelos judeus.

Por isso já não podiam continuar a ser favoritos e escolhidos de Deus, e assim surge o último Profeta, de geração de Ismael, e não um judeu, como foram os anteriores.

Os idólatras apesar de não professarem a mesma crença dos judeus, por serem ignorantes, ficavam impressionados, com menções constantes dos judeus desse esperado Profeta, e foram essas menções que abriram o caminho dos ansar para a conversão ao islamismo.

Quando os ansar (Aus e Khazraj) se divergiram e as guerras prolongadas tornou-os fracos, fizeram alianças com os judeus, a tribo Aus aliou-se com Banu

Qurayza e a tribo Khazraj com Bani Nadir e Bani Qaynuqa. Quando se deu a guerra de “Buaas” entre Aus e Khazraj em que morreram todos os chefes tendo ficado só Abdullah Bin Ubay Ibn Salul de Khazraj e Abu Amir Al-Raahib de Aus. Depois o Aus já derrotado, pensou em aliar-se a Quraysh, contra o Khazraj. Para isso, enviaram uma delegação chefiada por Ayas Bin Muaaz para Makkah, na época da peregrinação.

Não tiveram êxito nisso. Mas um dos membros da delegação “Ayass Bin Muáaz” teve a honra de se encontrar com o Profeta e ouvir os versículos do Alcorão. Ao ouvir, Ayass logo exclamou: “Ó gente! isto é melhor do que o objetivo que nos trouxe aqui».

O outro membro da delegação «Abu Haissar» atirou pedrinhas para a cara dele e disse: «Nós não viemos para isso». E a delegação voltou para Yathrib. Ayass Bin Muáaz faleceu antes da emigração do Profeta a Yathrib, mas os seus familiares afirmam que na hora da morte Ayass estava a recitar a Kalimah e Shahadah.

E no entanto, a guerra de Buaas só trouxe prejuízo para Aus e Khazraj, ambos se enfraqueceram e os únicos que ganharam com isso foram os judeus em Yathrib e seus arredores.

## **ISLAMISMO EM YATHRIB**

Asad Bin Zarara e Zakwan Bin Adbil Qais, dois chefes de Yathrib, foram a Makkah ao encontro de Utbah Bin Rabia, líder dos Qurayshitas, para lhe pedir ajuda, e Utbah respondeu:

“Nós próprios estamos num grande problema e preocupação, porque aqui em Makkah surgiu uma pessoa que acredita na unidade de Deus, critica os nossos ídolos, faz muitas orações e reivindica ser mensageiro de Deus; derrubou todo o nosso sistema. Nós ainda não conseguimos livrar-nos dele. Como vos poderemos ajudar?»

Esta censura de Utbah contra Muhammad, em vez de criar ódio no coração dos dois homens vindos de Yathrib, criou a ansiedade de verem Muhammad. Tentaram e conseguiram. Foram ao encontro do Profeta, ouviram os versículos do Alcorão, e como sua consciência estava limpa, compreenderam logo a missão do Islam; os corações inclinaram-se de imediato para a verdade; ficaram muito impressionados e abraçaram o islamismo.

Quando regressaram a Yathrib, Asad contou ao seu amigo Abul Haitham a passagem da sua conversão ao islamismo, e este contente também se converteu.

## INÍCIO DA CONVERSAO DOS ANSAR PARA O ISLAMISMO

Como já foi dito, o Profeta Muhammad perdeu a esperança da parte dos habitantes de Makkah em convertê-los. Quando chegava a época da peregrinação, convidava as tribos que vinham de fora a converterem-se ao islamismo, recitando-lhes os versículos do Alcorão. A honra que os habitantes de Taif rejeitaram foi concedida aos habitantes de Yathrib.

Depois do Profeta regressar de Taif, entrou em Makkah sob a proteção de Mutim Bin Adi. Na altura tinham já começado os meses de Hajj (peregrinação), estavam chegando os peregrinos de fora para cumprirem essa obrigação. Cada tribo tinha montado a sua tenda e acampamento e era nesses sítios onde o Profeta ia e convidava-os ao islamismo. A perseguição dos Qurayshitas também não cessava, especialmente da parte de Abu Lahab. Porém, não podiam combater o poder de Deus.

O que Ele tinha destinado, iria acontecer e nessa confusão surgiram algumas almas puras que se entregaram a essa religião. Eram seis pessoas que pertenciam a Khazraj. Quando o Profeta se encontrou com eles, perguntou-lhes os seus nomes, a sua filiação e a tribo a que pertenciam. E eles responderam dizendo que a sua tribo era de Khazraj.

O Profeta, por sua vez, convidou-os ao Islam, e recitou-lhes versículos do Alcorão. Ao ouvirem, olharam-se uns aos outros, e disseram: - “Ó Profeta, a respeito do qual ouvíamos os judeus em Yathrib a falarem parece ser este! Sem dúvida, o que ele recitou é uma verdade. Portanto, não deixem os judeus entrarem no Islam antes de nós; assim perderemos a honra de sermos os primeiros». Os judeus diziam-lhes: «Um Profeta será enviado dentro em breve; o seu dia aproxima-se; nós o seguiremos e matar-vos-emos com a sua ajuda, da mesma forma que morreram ‘Ad e Iram». Diziam isto quando haviam disputas entre eles. Mas quando chegou o tão esperado Profeta, rejeitaram-no só porque não era judeu, assim como relata o Alcorão:

*“Quando, da parte de Deus, lhes chegou um Livro (Alcorão), corroborante do seu - apesar de antes terem implorado a vitória sobre os incrédulos - quando lhes chegou o que sabiam, negaram-no. Que a maldição de Deus caia sobre os ímpios!” (2:89)*

Os Ansar entraram de imediato no Islam. Isto no ano dez da profecia. Assim foi o início do islamismo dos Árabes de Yathrib.

Ora, Deus tinha preparado o caminho para o Islam fazendo-os viver ao lado dos judeus, povo instruído e versado nas escrituras, se bem que eles, os Ansar, fossem politeístas e idólatras.

Quando eles abraçaram o islamismo o Profeta disse-lhes: - *“A terra de Makkah tornou-se estreita para mim. Será possível ir convosco a Yathrib, e fazer da vossa cidade o centro da missão da propagação do Islam?”*

Eles responderam: *“Nós estamos prontos a aceitar isso com todo o gosto. Mas neste momento, a tua ida para lá não é oportuna, porque há um ano houve uma guerra muito sangrenta de “Buaas” cujas memórias estão frescas, as pessoas estão ainda emocionadas e não se encontram em estado normal; as mentes estão cheias de ódio. Nestas condições, a tua missão não terá sucesso, porque, neste momento não é possível unir os dois grupos, Aus e Khazraj, E se tu contares com um deles, o outro tornar-se-á teu inimigo. Dê-nos uma oportunidade de irmos a Yathrib, acalmar as emoções, e se houver algum entendimento, nessa altura será benéfica a tua ida».* Eles disseram ao Profeta: *“Talvez Deus os venha unir por teu intermédio. Vamos, pois convidemo-los a aceitarem o Islam; e se Deus os unir por meio do Islam, então, nenhum homem será mais poderoso do que tu”.*

*“Nós prometemos que no próximo ano, estaremos presentes neste mesmo local, e já estaremos na posição de o convidar para vir a Yathrib”:*

Eis os seus nomes:

1 - Abu Imamah As’ad Bin Zararah (o 1.º a falecer de entre os companheiros do Profeta no 1º ano da Hégira).

2 - Auf Bin Haris (tornou-se mártir em Badr).

3 – Rafi’ Ibn Malik (tornou-se mártir em Ohud), o Profeta tinha lhe dado a parte do Alcorão já revelado até esse momento).

4 - Qotbah Bin Amir.

5 - Uqbah Bin Amir Bin Nabi.

6 - Jabir Ibn Abd-Allah.

## **A PRIMEIRA CONVENÇÃO DE AQABA** **- 11º ANO DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA -**

Os seis primeiros homens apresentaram um belo exemplo de cumprimento da sua promessa. Num ambiente ardente, cheio de ódios, conseguiram evitar a menção da guerra de “Buaas” e com muita perspicácia expandiram a notícia da missão de Muhammad. Em todas as casas já se falava bem do Profeta Muhammad.

No ano seguinte, na época da peregrinação, doze homens apresentaram-se secretamente perante Muhammad, perto de Makkah, em Mina, onde os peregrinos passam os dias, desde o 10º dia de Dhu Al-Hijjah até ao 13º do mesmo mês (décimo segundo do mês do calendário lunar islâmico). Em Mina existe um local chamado “Aqaba”, que dista cerca de três quilômetros de Makkah.

E foi aí que os doze homens se encontraram com o Profeta. Era noite! a lua estava cheia, por conseguinte luminosa. O Profeta Muhammad, convidou-os a adorarem um só Deus, o que eles aceitaram, e fizeram a seguinte Convenção nas mãos de Muhammad:

- 1 - Adoraremos um só Deus e não o associaremos a ninguém;
- 2 - Não cometeremos adultério;
- 3 - Não cometeremos roubo;
- 4 - Não mataremos os nossos filhos;
- 5 - Não faremos acusações falsas;
- 6 - Obedeceremos ao Mensageiro de Deus em tudo o que é bom.

Depois de fazerem o juramento, o Profeta disse-lhes:

*“O que cumprir a promessa terá o paraíso como sua recompensa e quem negligenciar algo desta promessa o seu caso estará com Deus, se quiser perdôá-lo-á ou não.”*

Para que esta Convenção fosse posta em prática, era necessário um pro-

fessor. Para isso, os homens pediram ao Profeta que enviasse um professor com eles. O Profeta, por sua vez, enviou com eles um professor praticante, chamado Musab Bin Umair, de uma família rica. Antes de entrar no islamismo andava luxuosamente, mas quando abraçou o Islam vestia-se humildemente e dedicou-se à expansão da bondade.

Ao chegar a Yathrib, Musab Bin Umair vivia em casa de As'ad Bin Zarah, um dos chefes respeitados de Yathrib, Os versículos do Alcorão, que até então já tinham sido revelados, ele fazia memorizá-los às pessoas; explicava-lhes o seu significado e fazia-os praticar. As pessoas deram-lhe então o título de «Al-Muqraa» (o recitador). Ele ia de casa em casa dos Ansar (Aus e Khazraj) e convidava-os ao Islam, recitando-lhes o Alcorão, e quase todos os dias havia um ou dois convertidos. E assim, gradualmente, desde Yathrib até Quba, o Islamismo já se tinha expandido. Apenas algumas casas não abraçaram o Islam.

O chefe da tribo “Aus” era Saád Bin Muaaz, que tinha muita influência sobre a sua gente; todos obedeciam às suas ordens. Quando ouviu o Alcorão, abraçou de imediato o islamismo, sendo a sua conversão motivo para toda a sua gente se converter também.

De ora em diante, Yathrib era o novo lugar para onde os muçulmanos podiam emigrar, passar a vida em tranquilidade, adorando um só Deus em liberdade, porque até essa altura os crentes emigravam apenas para a Abissínia.

## **A CONVERSAO DE USAID E SAAD BIN MUADH**

Certo dia, Musab Bin Umair, Assad Zarah, e outros muçulmanos, estavam reunidos num jardim, conversando sobre como deviam converter as tribos de Bani Abdul-Ash-hal e Banu Zafar. Os chefes Saad Bin Muadh e Usaid Bin Huzair, logo que souberam dessa reunião, foram para o jardim a fim de a impedirem de ter qualquer efeito. Saad disse a Usaid: *“De que modo és tu descuidado; esses dois homens (alusão a Musab e Asaad) estão desviando os insensatos de entre nós. É melhor ir com eles e dizer-lhes para desistirem de fazer isso e evitarem ir aos nossos bairros”*.

Usaid levantou-se e foi ter com Musab; chegando perto dele começou a insultá-lo. Assad quando o viu, disse a Musab:

*“Este é o chefe da sua gente”*.

Musab disse:

“Quero que te sentes para me ouvires. Se eu falar qualquer coisa imprópria, poderás rejeitá-la».

Usaid aceitou e sentou-se. Musab começou a explicar-lhe o que era o islamismo, e recitou-lhe versículos do Alcorão. Ao ouvir, sentiu-se comovido; Deus guiou-o, e no mesmo local converteu-se. Em seguida, regressou para junto de Saad. Este, ansiosamente à espera de Usaid, ao vê-lo, perguntou-lhe o que tinha acontecido. Usaid respondeu, dizendo: *“Não vi qualquer mal nos dois homens”* (alusão a Musab e Asaad).

Saad, muito aborrecido, foi ter com eles; Musab procedeu com ele da mesma forma como tinha procedido com Usaid, e Deus guiou-o também e ele abraçou o Islam.

Assim que Saad regressou para junto da sua gente reuniu-os todos no mesmo dia a fim de lhes fazer um discurso. Começando a falar, perguntou-lhes:

*“Ó Banu Abdul Ash-hal, que acham vocês de mim?»*

Eles responderam:

*“Tu és o nosso líder, e, filho do nosso líder, e teus conselhos e pontos de vista são sempre os melhores e mais nobres.”*

Ele retorquiu:

*“Nesse caso, eu não falarei mais com nenhum homem nem senhora de entre vós, até vocês acreditarem em Deus, Único e no Seu mensageiro Muhammad.”*

E, antes de anoitecer, todos eles já se tinham convertido ao Islam. Em Makkah, o Profeta estava a par dos acontecimentos das conversões em Yathrib. Agora que existia mais um lugar para onde os muçulmanos podiam emigrar, além da Abissínia, Abu Bakr foi ter com o Profeta pedindo-lhe autorização para que o deixasse emigrar; mas o Profeta disse-lhe:

*“Suporta mais um pouco, porque eu também espero receber a autorização de emigrar.”*

Ao ouvir isto, Abu Bakr ficou espantado e, repetidamente, perguntou:

*“Será que vais receber essa autorização?”*

E o Profeta disse: *“Sim, eu espero isso!”*

Abu Bakr ficou radiante ao ver que teria a honra de ser o companheiro do Profeta. Por isso, ele adiou a sua intenção e começou a preparar-se para poder emigrar com o Profeta. Comprou duas boas camelas, e como sabia que a qualquer altura poderia chegar a ordem de emigrar, não entregou as camelas para a pastagem; deixou-as em casa; trazia pasto e dava-lhes. Essa espera durou mais quatro meses. Foi durante esse período que ocorreu a segunda Convenção.

## **SEGUNDA CONVENÇÃO DE AQABA**

**- 12º ANO DA PROCLAMAÇÃO DA PROFECIA, 622 D.C. -**

No ano anterior, com o esforço de seis muçulmanos, o islamismo já tinha entrado em todas as casas de Yathrib; no mesmo ano, com a liderança de Musab Bin Umair e com o esforço de doze pessoas, o islamismo tinha chegado aos arredores de Yathrib e à localidade de Quba.

Musab teve grande êxito na sua missão; o Islam que ele pregava não era apenas confessar a unidade de Deus e a profecia de Muhammad (no aspecto jurídico isso é suficiente para tornar uma pessoa muçulmana). Musab estava ensinando a lição de sacrifício e amor, assim como diz o Alcorão:

*“Mas os fiéis só amam fervorosamente a Deus.” (2:165)*

E o Profeta diz:

*“Nenhum de vós terá a fé completa, enquanto eu não for o mais querido para ele do que o seu pai, filho e toda a gente.”*

A particularidade da missão de Musab era: a pessoa abraçava o Islam; o seu coração iluminava-se com amor, que não só erradicava as trevas, como também a vaidade e o egoísmo.

Convidar Muhammad para ir a Yathrib, não era só convidar um hóspede nobre; era também um passo cheio de perigos; era convidar uma grande revolução; era aceitar uma autoridade, em que todas as outras autoridades seriam eliminadas. Os líderes de Aus e Khazraj, especialmente Abdullah Bin Ubai Bin Salul, chefe da tribo Khazraj, já sonhava com o reino e preparava a coroa, assim como Abu Amir Saifi, chefe da tribo Aus; para estes dois era uma mensagem de fracasso nas suas ambições.

Por outro lado, a ida de Muhammad para Yathrib era prova de fracasso de Quraysh, e os que estavam a convidá-lo, indiretamente estavam a desafiar os Qurayshitas. Estes, cuja grandeza estava imprimida no coração de todos os árabes, por serem os guardiões da Kaaba.

Haviam também aspectos econômicos a serem ponderados: se Muhammad fosse a Yathrib com os seus companheiros, como seriam cumpridas as suas necessidades?

Estes eram os problemas que os muçulmanos em Yathrib enfrentariam com a ida do Profeta para lá. Mas os crentes eram inteligentes, tinham a noção daquilo que estavam a fazer e o fervor da fé era tal que eliminava todos os perigos desse tipo.

Quando chegou a época da peregrinação, cerca de quinhentas pessoas de Aus e Khazraj foram a Makkah. Entre eles existiam crentes e descrentes. Os crentes, cujo número era setenta e três, iam com a intenção de convidar o Profeta a deixar Makkah e tomar Yathrib como seu centro da missão. Entre os crentes estavam duas senhoras, trinta jovens e o resto idosos. Não divulgaram a sua intenção aos companheiros (descrentes) da viagem; mesmo depois de chegarem a Makkah, mantiveram em segredo o seu plano. Fixaram a data, hora e local do encontro com o Profeta. Tudo isto tinha sido combinado antes da peregrinação, para que os Qurayshitas não descobrissem. Quando terminou a peregrinação, os Ansar dirigiram-se para o seu local de encontro, ocultando tudo dos seus companheiros idólatras. Foi na décima primeira noite de Zil-Hijjah. Já tinha passado o primeiro terço da noite. Quando todos já dormiam, os Ansar começaram a sair um por um – de entre eles, 62 pertenciam a Khazraj e os restantes 11 a Aus -, e encontraram-se com o Profeta no mesmo local chamado Aqaba (em Mina), onde se tinham encontrado no ano anterior e lhe prestaram o juramento.

O Profeta já se encontrava no local combinado, juntamente com o seu tio Abbas ibn ‘Abd al-Muttalib. Este, apesar de até esse momento ainda não ter entrado para o Islam, era simpático com o Profeta e seu apoiante - era apenas dois anos mais velho que o seu sobrinho Muhammad - e colocava-se no lugar de guardião do Profeta. Como tinha muita experiência das viagens e encontros com várias tribos, conhecia-as muito bem, e tinha um excelente modo de falar. Por isso, quando todos já tinham chegado, Abbas foi o primeiro a dirigir-lhes a palavra, dizendo:

*“Ó gentes de Khazraj, sabeis que Muhammad tem um prestígio e eminência entre nós e isso é conhecido por nós. Nós o protegemos da nossa gente, quan-*

*do podemos. E assim como vistes, ele é um dos mais respeitados de entre a sua gente, e entre nós ele está seguro e forte. Ele recusou-se a juntar-se a qualquer outro grupo, exceto ao vosso. Portanto, se pensais que podereis cumprir a respeito dele (ao chamar a ele) o que vós prometestes e se podereis defende-o dos seus inimigos, podereis proceder, mas se vós o trairdes e o entregardes ao inimigo e o abandonardes depois de ele se ter juntado a vós, é melhor dizerdes agora e deixardes a ele aqui, perto da sua gente.»*

Após ouvirem atentamente o discurso de Abbas, os habitantes de Yathrib disseram:

*“Já ouvimos as tuas palavras; agora gostaríamos de ouvir a palavra do Profeta.”*

Então o Profeta começou por lhes recitar alguns versículos do Alcorão e convidou-os ao Islam, e em seguida disse:

*“Para Deus, eu quero que vós adoreis a Ele sem associá-Lo a nada. E para mim e meus companheiros, quero que vós nos protegeis, assim como vós protegeis as vossas mulheres e vossos filhos, quando viermos para junto de vós.”*

Bara’ Bin Ma’rur, que era chefe do seu povo, estendeu a sua mão e disse:

*“Prometemos. Decerto que te iremos proteger dessa mesma forma. Nós somos filhos da guerra e nós herdamos a guerra dos nossos pais.”*

Antes de Bara’ acabar seu discurso, Abdul Hathim Bin Taiham disse:

*“Ó Profeta de Deus, entre nós e os judeus há pactos que serão denunciados. Portanto, será que depois de nós fazermos isso, e Deus dar-te êxito na tua missão, tu te irás embora para a sua gente e abandonar-nos-ás?”*

Quando o Profeta ouviu isso, sorriu e disse:

*“Não! O vosso sangue é o meu sangue e vossa destruição é minha destruição (quer dizer, na vida e na morte estou convosco); vós sois de mim e eu de vós; com quem vós estais em guerra, eu também estarei, e com quem fizerdes paz eu também farei as pazes.”*

Depois disso, as pessoas estavam já prontas para fazerem a Convenção, mas Abbas interrompeu-os, dizendo:

*“Ó gentes de Khazraj, sabeis bem o significado da Convenção que que-*

*reis fazer com este homem? Vós estais a fazer uma Convenção com ele, aceitando fazer guerra contra todo o tipo de homens sem discriminação (alusão aos Qurayshitas, inimigos de Muhammad); se tendes qualquer receio e pensais que quando perderdes a vossa riqueza e os vossos líderes forem mortos - vós haveis de trair e renunciar a Muhammad - o melhor é dizer e abandonarem aqui, porque se fizerdes isso, será uma vergonha para vós neste mundo e no outro. Mas, se estais certos que podereis cumprir este juramento apesar da perda da riqueza e dos vossos nobres, fizeti a Convenção com ele, porque isso será, por Deus, melhor para vós neste mundo e no outro.»*

Todos aceitaram Muhammad, mesmo em troca da perda da riqueza e da morte dos seus nobres, e disseram:

*“Ó Profeta de Deus, se nós formos firmes nesse nosso juramento, o que é que nós receberemos em troca?”* (qual será a nossa recompensa).

O Profeta respondeu: *“O paraíso!”*

Todos estenderam as suas mãos e fizeram a Convenção, juramento que foi nestes termos:

*“Prestamos juramento que só adoraremos um só Deus; não associaremos ninguém a Ele; não cometeremos roubo; não cometeremos adultério; não mataremos nossos filhos (abortar está incluído nisso); não acusaremos ninguém; obedeceremos em todos os momentos: na aflição e no bem-estar, na angústia e na felicidade; e falaremos a verdade onde estivermos, não temendo a censura dos censuradores na causa de Deus.”*

E o Profeta designou doze homens, escolhidos pelos próprios habitantes de Yathrib, para lhes ensinar o Islam, dos quais nove (9) pertenciam a Khazraj, que são:

1 – As’ad Bin Zurarah Bin ‘Ads (era Imam nas orações);

2 – Rafi’ Bin Malik Bin Al-‘Ajlan;

3 – ‘Ubadah Bin As-Samit Bin Qais (estes 3 estiveram presentes na 1ª Convenção);

4 - Saad Bin Rabi’ Bin Amr (foi mártir em Ohud);

5 – Al-Mandhir Bin Amr Bin Khunais;

6 - Abdallah Bin Rawahah;

7 – Bara’ Bin Ma’rur Bin Sakhr;

8 - Abdullah Bin Amr Bin Haram;

9 - Saad Bin Ubadah.

E mais três que pertenciam a Aus, que são:

10 - Usaid Bin Hudair Bin Sammak;

11 - Saad Bin Khaithamah (foi mártir em Badr);

12 – Abul Hathim Bin Taihan.

Esses doze homens, nomeados por Muhammad como discípulos, eram líderes da sua gente; a sua conversão era a conversão da sua gente. Assim se completou a segunda Convenção (juramento). Muhammad e seus companheiros estavam satisfeitos porque tudo tinha ocorrido sem que os Qurayshitas soubessem. Mas de repente eles ouvem uma voz a gritar:

*“Ó Qurayshitas, Muhammad e os jovens que estão com ele, uniram-se para lutarem contra vós.»*

Os habitantes de Yathrib estavam prontos para combater os Qurayshitas. Mas Muhammad disse-lhes que essas não eram as suas ordens. Pediu-lhes para que regressassem às tendas onde iriam dormir. Apesar de tudo ter ocorrido em sigilo, a movimentação de 73 pessoas não se podia manter oculta. Os Qurayshitas ouviram certos murmúrios, começaram a investigar e ficaram sabendo a verdade. No dia seguinte, foram às tendas dos habitantes de Yathrib (Ansar) e disseram-lhes:

*“Sabemos que vos haveis feito um juramento com Muhammad para estabelecer uma frente e lutarem contra nós!”*

Os muçulmanos mantiveram-se calados. Depois foram ter com os outros habitantes idólatras de Yathrib, companheiros dos muçulmanos (que vieram juntos à peregrinação) e perguntaram-lhes a respeito do juramento. Porém, como tudo tinha ocorrido em segredo, nem os idólatras de Yathrib sabiam. Por isso desmentiram aos Qurayshitas, dizendo:

“Se algo desse tipo tivesse ocorrido, decerto que nós o saberíamos. E os Qurayshitas voltaram, incertos da situação, tendo, por isso, os habitantes de Yathrib o tempo necessário para arrumarem as suas bagagens e irem-se embora.

Mais tarde, os Qurayshitas descobriram mais coisas sobre a Convenção. Então perseguiram os habitantes de Yathrib. Contudo, não os conseguiram capturar, exceto a Saad Bin Ubadah, o nono discípulo de Muhammad, acima mencionado. Eles bateram-no e torturaram-no até que foi socorrido por Jubair Bin Mutim e Haris Umayya, com os quais ele tinha relações comerciais, e os tinha dado abrigo antes.

Conforme os dias iam passando, os Qurayshitas, inimigos de Muhammad, iam descobrindo mais coisas acerca da Convenção de Aus e Khazraj em Aqaba. Por conseguinte, intensificavam a violência contra os crentes. Assim, estava-se a provar que os crentes e descrentes não podiam viver juntos: os segundos faziam tudo por tudo para erradicarem o islamismo, a sua luz e os seus seguidores. Muhammad já previa isso em Aqaba. Por isso, ordenou aos seus seguidores que emigrassem para Yathrib, antes que os Qurayshitas os assassinassem.

## **EMIGRAÇÃO (HÉGIRA) DOS MUÇULMANOS PARA YATHRIB**

Para salvaguardar a sua fé, os crentes já tinham emigrado para locais de paz e segurança, nomeadamente para a Abissínia. Alguns, como Abu Salma, Amir Bin Rabia e Abdallah Bin Jahsh, quando souberam que poderiam viver em Yathrib em paz, emigraram para lá mesmo antes da primeira Convenção; depois quando algumas pessoas de Yathrib vieram a Makkah na época da peregrinação, em Aqaba na primeira Convenção, o próprio Profeta já tinha manifestado o seu desejo de emigrar com eles para Yathrib. Porém, na época, o ambiente ainda estava tenso, por motivo das guerras civis.

Quando o maior objetivo foi alcançado, o de converter os habitantes de Yathrib ao Islam, o caminho estava aberto para o Profeta emigrar para lá e ser bem recebido. Então, o Profeta autorizou primeiro aos crentes a emigrarem para Yathrib. Assim começou a emigração dos muçulmanos de Makkah para Yathrib, individual e coletivamente, onde foram muito bem recebidos. Apesar da perseguição dos Qurayshitas, a maior parte dos emigrantes conseguiu fugir. Mas os sacrifícios e massacres que os outros enfrentaram são impossíveis de descrever: uns foram presos e colocados nos poços; a outros arrancavam-lhes as mulheres e filhos; quase todos foram forçados à deixar os seus bens materiais. Um deles foi persuadido a regressar a Makkah com o pretexto de que a sua mãe estava a morrer, e ao chegar lá foi torturado e preso.

Contudo, a maior parte dos crentes conseguiu escapar e emigrar para Yathrib. Em Makkah só tinham ficado o Profeta, Abu Bakr e Ali, e outros que por falta de meios não podiam emigrar, a respeito dos quais foi revelado o seguinte versículo no Alcorão:

*“E dos indefesos, homens, mulheres e crianças? que dizem: Ó Senhor nosso, tira-nos desta cidade (Makkah), cujos habitantes são opressores. Designa-nos, de Tua parte, um protetor e um socorredor!” (4:75)*

Mas o verdadeiro alvo dos descrentes era Muhammad. Ele estava ainda à espera da ordem de Deus para emigrar. Muitos crentes nos arredores de Makkah ofereceram-se para acolher Muhammad, mas Deus tinha reservado essa honra apenas para os habitantes de Yathrib!

## **PLANO PARA ASSASSINAR MUHAMMAD**

Era o ano 13.º da Proclamação da profecia. De Makkah tinham já emigrado todos os muçulmanos, exceto os acima mencionados. Os Qurayshitas viram que os muçulmanos estavam-se juntando em Yathrib, onde o Islam estava se fortificando e de onde se expandia. Convocaram uma reunião geral no Darun-Nadwa, na qual participaram todos os chefes tribais, nomeadamente Utbah, Abu Sufyan, Jubair Bin Mutim, Abu Jahal, Umayyah Bin Khalaf e outros. Todos eles estavam confusos; não sabiam se Muhammad ficava em Makkah, como tinha feito quando os muçulmanos emigraram para a Abissínia ou se iria também emigrar para Yathrib. A impaciência aumentava-se-lhes dia a dia; o fogo de ódio e inimizade que estava nos seus corações consumiam-os. Estavam praticamente no inferno, tinham abusado de Muhammad, boicotaram-no durante 30 meses, perseguiram-no, massacraram-no, mas mesmo assim ele conseguiu sobreviver e nada tinha afetado o seu espírito. Agora, alguns dos melhores homens de Quraysh também já se tinham convertido; Yathrib todo estava já ao lado de Muhammad. O comércio dos Qurayshitas, que tinha a sua rota via Yathrib, podia ser bloqueado; os seguidores de Muhammad poderiam chegar ao ponto de vingar-se dos Qurayshitas.

A preocupação deles era grande, e pensavam que alguma coisa teria de ser feita. Foi para debaterem essa questão que convocaram essa reunião no Darun-Nadwa, que era o salão de parlamento dos habitantes de Makkah. Participaram dela 14 chefes de Quraysh, incluindo um velho de Najd que era líder desse Congresso, e participaram ainda representantes de todas as outras tribos.

Era a primeira semana do mês de Rabiul-Awwal e com muita seriedade

discutiram esse assunto. No fim, foram apresentadas várias propostas:

1 - Abdul Bakhtari (morto na batalha de Badr) sugeriu que Muhammad deveria ser acorrentado, algemado e preso num quarto até morrer, assim como fizeram com uns poetas, nomeadamente Zuhair, Nabigha, etc. Mas o velho senhor de Najd, disse: *“Essa sugestão não é boa porque, com isso, a fama de Muhammad aumentará, e isso atrairá a simpatia das pessoas para com ele, e é muito provável que os seus companheiros que o preferem acima de seus próprios pais e filhos, o venham libertar, e isso arrastar-nos-á para uma guerra tribal desnecessária, ficando assim os Qurayshitas com má fama e uma vergonha, se eles (os crentes) o conseguirem libertar.»*

2 - Outra opinião foi a de expulsar Muhammad da Arábia, para eles ficarem aliviados. Mas o velho de Najd rejeitou também essa ideia dizendo: *“Vós esqueceis do poder de persuasão e do fascinante discurso dele? Para onde ele for as pessoas juntar-se-ão a ele e, segui-lo-ão. Assim ele voltará para aqui para se vingar de vós.”*

3 - Abu Jahal, o último a falar, disse: *“A minha ideia final é de ele ser morto. Mas há o perigo de Banu Hashim se vingarem de nós, e assim começar de novo a guerra tribal. A saída disso é não ser só homens de uma tribo a matarem-no, mas escolhermos de cada tribo os jovens mais bravos. Que esses jovens cerquem a casa de Muhammad, durante a noite. Quando Muhammad sair na aurora para ir à oração, então todos eles que o ataquem conjuntamente e matem-no de uma vez. Uma vez que todas as tribos serão representadas no assassinato, a tribo de Muhammad (Banu Hashim) não poderá combater e vingar-se de todos eles, e serão forçados a aceitar o resgate em dinheiro, o que podemos dar conjuntamente.”*

Essa proposta foi aprovada unanimemente. Começaram então as preparações para ser posta em prática. Essa foi a conspiração planeada pelos descrentes. Mas o plano de Deus está acima de todos os planos, conforme diz o Alcorão:

*“Em verdade, eles conspiram intensivamente (contra ti), E Eu conspiro intensivamente (contra eles).” (86:15 e 16)*

Os árabes, mesmo na época da ignorância, respeitavam a intimidade das pessoas. Por isso, os jovens que iriam matar Muhammad não assaltaram a sua casa. Sabendo que ele estava dentro, esperaram por ele até que saísse.

Mas Deus informou Muhammad do plano feito pelos descrentes através

da Revelação. O Anjo Gabriel veio e disse-lhe para que não dormisse na cama em que costumava dormir. O Alcorão relata a passagem desta forma:

*“Recorda-te (ó Mensageiro) de quando os incrédulos confabularam contra ti, para aprisionar-te, ou matar-te, ou expulsar-te. Confabularam entre si, mas Deus desbaratou-lhes os planos, porque é o mais duro dos desbaratadores.”* (8:30)

Deus permitiu a Muhammad que emigrasse para Yathrib, local que depois se tornou o centro do islamismo, e dali se expandiu para todo o mundo. O Profeta já tinha lá a autoridade e o poder. Isto foi uma maravilha de Deus; fazer expandir o Islam a partir de Yathrib (Madinah), porque se expandisse de Makkah, logo no início, os inimigos teriam dito que os Qurayshitas queriam o reino da Arábia. Por isso apoiaram uma pessoa sua para, através dele, alcançarem esse objetivo. Mas, pelo contrário, a sua própria gente foi a pior inimiga, até que Deus ordenou-lhe para que se afastasse dela.

Alguns dias antes da emigração, o Profeta foi à casa de Abu Bakr, numa tarde, e depois de pedir licença, entrou e disse-lhe: *“Deus já me autorizou a emigrar”*. Abu Bakr, que já tinha preparado duas camelas havia quatro meses, perguntou se poderia ter a honra de o acompanhar na emigração. O Profeta respondeu: *“Sim”*. Abu Bakr quis oferecer-lhe uma das camelas, mas o Profeta insistiu em pagar; pagou o preço e combinaram encontrar-se à noite, fora de Makkah. Essa era a noite da saída de Makkah, e foi a tal noite em que os Qurayshitas pensavam executar os seus planos, de assassinar Muhammad.

## **EMIGRAÇÃO DE MUHAMMAD PARA YATHRIB (MADINAH)**

Era verão, dia 13 de setembro, correspondente a 21 de Rabiyyul-Awwal, numa segunda-feira. Os habitantes de Makkah, devido ao calor, tinham o hábito de dispenderem o tempo nas varandas conversando até alta noite. O Profeta tinha o hábito de até um terço da noite, depois de acabar a oração de Isha, recitar alguns capítulos do Alcorão e depois dormir abluído. Mas nessa noite, o Profeta não estava a descansar: encontrava-se com o seu primo Ali, de 22 anos conversando. Estranhou ao ver que em direção à sua casa, chegavam homens armados; vinham com muita calma e tomavam a posição junto à porta. Em poucos momentos já estavam lá umas dez ou doze pessoas, entre as quais Abu Jahal, Abu Lahab, Uqbah Abi Muit e Umayyah Bin Khalaf, que de vez em quando espreitavam dá porta para dentro. Quando já tinha passado da meia-noite, os descrentes já tinham cercado a casa de Muhammad. Mas o Profeta conseguiu sair do cerco. Foi primeiro à Kaaba; olhou para ela e disse:

*“Makkah! Tu és a terra mais querida para mim. Mas os teus filhos (habitantes) não me deixam viver aqui, e se eu não fosse expulso nunca sairia daqui.”*

Este é um grande exemplo de patriotismo que o Profeta ensinou aos muçulmanos: amor pela sua Pátria e pela Terra Natal.

Como é que Muhammad conseguiu escapar da forte vigilância dos guardas que estavam à volta da casa? Isso é um verdadeiro mistério. O Profeta saiu recitando o seguinte versículo do Alcorão:

*“E lhes colocaremos uma barreira pela frente e uma barreira por trás, e lhes ofuscaremos os olhos, para que não possam ver.” (36:9)*

Foi colocada uma barreira entre eles e o Profeta. O Profeta saiu com toda a tranquilidade, passando à frente deles, sem que eles o vissem. Isto demonstra a certeza e confiança de um Profeta em Deus.

Outro exemplo de confiança em Deus e obediência ao chefe foi apresentado por Ali Bin Abi Talib, que dormiu na cama do Profeta, coberto com o manto verde dele (do Profeta), sabendo que era uma noite perigosa e que poderia ser morto. Os inimigos que tinham cercado a casa, foram para matar o dono da cama, isto é, o que estava a dormir sobre a cama. Por isso, espreitavam para terem a certeza de que Muhammad estava. E a prova era que, de fato, a cama estava ocupada. Por conseguinte, eles confiavam ter Muhammad em seu poder. Mas Ali Bin Abi Talib, confiante em Deus, não se preocupou e dormiu tranquilamente na cama do Profeta (coisa impossível no estado de terror).

Por outro lado, os habitantes de Makkah em geral, esperavam a qualquer momento receber a notícia da morte de Muhammad. Mas Deus é sempre vitorioso nos Seus planos.

Entretanto, Muhammad já tinha saído para se encontrar com Abu Bakr juntos foram para a montanha «Saur», onde há uma caverna, local que tomaram como esconderijo; caverna que até hoje existe e é palco de visita de vários milhares de homens por ano, apesar de ser extremamente difícil subir até ela. Está situada ao sul de Makkah, a oito quilômetros e na direção norte de Madinah.

Os que tinham cercado a casa de Muhammad foram surpreendidos quando no dia seguinte um homem veio ter com eles e lhes disse: *“O homem que vocês vinham matar já escapou!”* Ao ouvirem isso, ficaram preocupados, esfregaram os seus olhos e viram que realmente quem estava a dormir na cama era

Ali e não o Profeta. Perguntaram-lhe: *“Onde está Muhammad?”* Ali respondeu: *“Como saberei eu? Vocês é que estavam a vigiá-lo e não eu.”* Ninguém sabia o local de esconderijo de Muhammad, exceto Asma’, Aisha e Abdallah, filhos de Abu Bakr. Com o Ali, o Profeta tinha combinado encontrarem-se em Yathrib (Madinah).

Desgraçados Qurayshitas! O seu prisioneiro escapou apesar das conspirações e da forte vigilância. Contudo, eles não pouparam esforços. O seu prisioneiro tinha de ser encontrado, porque deveria estar escondido em qualquer lado. Pensaram em Abu Bakr, que era o seu melhor amigo. Por isso Muhammad poderia estar em sua casa. Abu Jahal correu imediatamente para a casa de Abu Bakr, revistou a casa, e viu que nem Muhammad nem Abu Bakr lá estavam.

Perguntou a Asma’: *“Onde está o teu pai?”* Ela respondeu: *“Não sei!”* Abu Jahal deu-lhe uma forte bofetada na face. Ela chorou com dores, mas não revelou nada. Os inimigos quando tiveram a certeza de que a sua *“caça”* de fato tinha escapado, fizeram uma grande gritaria, saindo todos à procura. Uns a pé, outros montados em camelos e cavalos, correndo em todas as direções: norte, este, oeste e sul. Anunciaram um prêmio para quem conseguisse prender Muhammad e o seu companheiro vivo, ou trouxesse as suas cabeças ou indicasse o seu paradeiro receberia cem (100) camelos. Na altura, cem camelos representavam um prêmio de grande valor. Por isso saíram todos à procura, com esperança de receberem tão valioso prêmio. Porém, todos voltaram sem êxito, porque era o Senhor de Muhammad que o estava a ajudar.

## A HONESTIDADE DE MUHAMMAD

Os descrentes já não utilizavam os títulos de *“Al-Amin”* para Muhammad, mas reconheciam a sua veracidade e a honestidade. O Profeta também não se importava se eles utilizavam ou não, porque a sua veracidade e honestidade não eram para os descrentes mas já se tinham tornado um instinto natural de Muhammad, e o muçulmano deve seguir o modelo do Profeta. Por isso, o Alcorão diz:

*“Ou não conhecem seu Mensageiro, e por isso o negam?” (23:69)*

Na noite de saída de casa, o Profeta quando pôs Ali em seu lugar, deu-lhe instruções para que devolvesse aos donos os depósitos (confianças) que as pessoas vinham guardar com o Profeta. Explicou-lhe quem eram os donos e finalmente disse-lhe para juntar-se a ele em Madinah, depois de cumprir essa missão. Ali, depois de cumprir o encargo foi-se embora três dias após a saída do

Profeta de Makkah. Muhammad e seu companheiro Abu Bakr já tinham chegado à montanha “Saur”. Quando chegaram à caverna, primeiro entrou Abu Bakr, para limpar o interior, depois disse ao Profeta para entrar. Enquanto o Profeta descansava tranquilamente na caverna, Abu Bakr estava acordado, quando foi mordido por uma cobra ou um escorpião. Ele não quis acordar o Profeta, mas logo que o Profeta soube, aplicou-lhe a sua saliva no local afetado e ele ficou imediatamente curado.

Por outro lado, os descrentes intensificaram a sua busca com esperanças de receberem o tão elevado prêmio. E durante a estadia no esconderijo da caverna, o Profeta e Abu Bakr, para estarem a par dos acontecimentos em Makkah, incumbiram três pessoas de certas obrigações:

1.º - Abdallah, filho de Abu Bakr foi incumbido de ver e ouvir os planos e atividades dos descrentes em Makkah durante o dia e ir, à noite, informá-los na caverna.

2.º - Asma', filha de Abu Bakr foi incumbida de trazer comida e água (provisão). Quando preparou a provisão não tinha corda para amarrar os dois sacos (saco de comida e outro de água), desapertou o seu cinto, rasgou-o ao meio em duas partes, e assim, com um amarrou o saco de comida e com outro o de água, e ela ficou sem cinto apesar de necessitá-lo. Quando o Profeta viu o que ela tinha feito, de dar preferência à provisão deles acima dela, deu-lhe a boa-nova: *“Deus restituirá o teu cinto por dois cintos no Paraíso”*. A partir daí Asma' ficou a chamar-se *“A de dois cintos”*, Este é um grande exemplo de coragem para a mulher muçulmana. Apesar de ser uma mulher, Asma' desempenhou um papel importante na emigração do Profeta.

3.º - Amir Bin Fahir - Escravo liberto por Abu Bakr, e que pastava o seu gado, tinha o cargo de trazer leite fresco todos os dias ao anoitecer e apagar todas as pegadas dos pés humanos até à caverna.

Como nesta altura não havia estradas asfaltadas, conhecer os caminhos, especialmente entre os montes e desertos, era uma habilidade. Cada caravana andava com um homem, que era pago, que conhecesse todos os caminhos. Abu Bakr combinou com um senhor pertencente à tribo de Bani Wail, chamado Abdallah Bin Ariqa, para esta missão, de guiá-los a Yathrib (Madinah). Esse homem nem era crente; era um idólatra. Mas Abu Bakr confiava nele, e tinha-lhe entregue as duas camelas e tinha-lhe dito para que aparecesse na caverna depois de

três dias, isto é, no quarto dia, de manhã cedo.

Os Qurayshitas, por seu lado, intensificavam a busca em grupo, chegaram até à boca da caverna de modo que, se se baixassem para olhar, descobriam. Abu Bakr, ao vê-los tão perto, disse com aflição ao Profeta: *“Se eles se baixarem ver-nos-ão”*. E o profeta respondeu:

*“Não te aflijas, porque Deus está conosco.” (9:40)*

E com o não viram nenhuma pegada humana voltaram com a certeza que dentro da caverna não estava ninguém.

Há certas narrações que dizem que, uma aranha fez a sua teia à boca da caverna (a entrada) e pombos fizeram o ninho e puseram ovos nela.

Sem dúvida, isto foi um autêntico milagre. Deus protegeu o Seu Profeta com a teia de aranha contra dezenas de cavaleiros armados à boca da caverna, uma coisa tão frágil que até um lactente bebê pode quebrá-la. De fato, Deus é Poderoso, faz o que entende. Esta passagem foi narrada por Ibn Abbas e relatada por Imam Ahmad no seu Musnad; Ibn Kasir também mencionou-a.

A passagem toda consta no Alcorão desta forma:

*“Se não o socorrerdes (o Profeta), Deus o socorrerá, como fez quando os incrédulos o desterraram. Quando estava na caverna com um companheiro, disse-lhe: Não te aflijas, porque Deus está conosco! Deus infundiu nele o Seu sossego, confortou-o com tropas celestiais que não poderíeis ver, rebaixando ao mínimo a palavra dos incrédulos, enaltecendo ao máximo a palavra de Deus, porque Deus é Poderoso, Prudentíssimo.” (9:40)*

Eles ficaram na caverna três dias inteiros; nesses dias os Qurayshitas vaguearam a terra, com tristeza e ira a consumir os seus corações. Depois de percorrerem todo o lado sem êxito, afrouxaram a busca. No quarto dia de manhã, na hora combinada, chegou Abdullah Bin Ariqa, o guia, com os três camelos que Abu Bakr lhe tinha confiado (para cada um montar o seu camelo), e depois partiram rumo a Yathrib (Madinah), tomando um caminho tortuoso com muitos desvios. Primeiro para a direção sul de Makkah e depois pelo caminho de Tihama na costa do Mar Vermelho, viajando de noite e descansando de dia. Quando partiram da caverna de Saur, caminharam toda a noite; no dia seguinte, quando o sol estava forte, à tarde, pararam junto a uma rocha onde havia sombra e o Profeta descansou. Entretanto, Abu Bakr, olhando para todos os lados, viu um

pastor que pastava cabritos, e vinha na sua direção, provavelmente para descansar junto à rocha, na sombra. Quando chegou, Abu Bakr perguntou-lhe de quem eram os cabritos e quem era o seu senhor. O pastor mencionou o nome de um senhor a quem ele conhecia. Depois Abu Bakr perguntou-lhe se havia alguma cabra que dava leite e se ele podia dispensar algum. Ele respondeu afirmativamente. Então Abu Bakr disse-lhe para que lavasse as tetas da cabra e que lavasse as mãos dele (do pastor) e para que tirasse algum leite (o Islam é uma religião que nos ensina a higiene e pureza em tudo). Ele fez e depois Abu Bakr tapou o recipiente do leite para que não entrasse pó. Misturou um bocado de água no leite e deu ao Profeta; depois de beber o Profeta perguntou se já estava na hora para eles prosseguirem a viagem, e assim partiram.

## **A HISTÓRIA DE SURAQÁ**

Como os Qurayshitas haviam definido o prêmio de cem camelos para quem prendesse ou trouxesse as cabeças de Muhammad e de Abu Bakr, muitos foram atraídos por esse prêmio valioso. Começaram então a busca em Makkah e arredores, sem êxito. Por fim chegou um homem e disse-lhes, que tinha visto umas três pessoas percorrendo a costa junto ao mar. Suraqa, um descrente, ouviu isso, deduziu logo que fosse Muhammad, Abu Bakr e o guia. Mas fingiu ao dizer que talvez não seriam eles; que seriam outros viajantes. Isto porque queria receber o prêmio sozinho, e se confirmasse em público a informação daquele homem, sairiam muitos em sua busca. Então, sentou-se um pouco no local e depois, silenciosamente, levantou-se e foi para casa. Disse à sua serva para que preparasse o cavalo. Pegou na arma e, disfarçando-se, saiu pela porta traseira. Montou o cavalo e começou a perseguir Muhammad pela rota que lhe fora indicada, até que alcançou o local de onde conseguia avistar o Profeta, mais ou menos perto da atual posição de Raghib (local onde o Profeta fez a oração de Maghrib) na costa do mar.

Na época os idólatras árabes tinham o hábito de consultar as setas antes de tomarem qualquer ação. Foi o que Suraqa fez antes de atacar o Profeta. Consultou as setas que trazia, mas a seta que saiu era negativa; estava lá escrito “não”. Todavia, ele não cedeu ao que a seta dizia, e com o ardente desejo de receber o prêmio, prosseguiu com o seu plano. No “momento o Profeta e Abu Bakr estavam prestes a retomar a sua viagem, depois de um breve repouso. De repente o cavalo de Suraqa tropeçou violentamente e ele caiu ao chão. Mas montou novamente e perseguiu o Profeta, este quando o viu, orou a Deus: - Ó Deus, salvai-nos da maldade deste homem, Suraqa aproximou-se tão perto deles que podia ouvir o Profeta a recitar o Alcorão, e o Profeta concentrado na reci-

tação nem olhava para os lados. Abu Bakr estava cada vez mais preocupado ao ver que Suraqa estava já muito próximo. Subitamente, as patas dianteiras do seu cavalo afundaram-se na terra até aos joelhos e ele caiu. Com muita dificuldade levantou-se e levantou também o seu cavalo. Viu que no local onde se tinham afundado as patas do cavalo saíam nuvens de fumaça, elevando-se para o céu. Então, ele notou logo que o seu plano de matar Muhammad, ia contra a vontade dos deuses e que se insistisse ele estaria a expor-se a si próprio a um grave perigo. Consultou de novo as setas e viu que a resposta era de novo negativa. Então, abandonou o seu plano por pensar que talvez fosse um mau presságio (o cavalo afundar-se). Estava já convencido de que o Profeta de certeza teria sucesso. Gritou para eles dizendo: “Eu sou Suraqa Ibn Jushum, esperem aí, eu quero falar convosco, por Deus eu não vos farei mal”. Então o Profeta parou com os companheiros. Ao chegar junto do Profeta contou-lhe todas as notícias dos Qurayshitas e que o propuseram premiar com cem camelos, ofereceu-lhes a provisão e outras coisas. Porém eles não aceitaram e apenas lhe fizeram um pedido; para que não informasse nada a ninguém a respeito deles. Suraqa pediu depois a Muhammad que lhe escrevesse uma promessa de proteção. Abu Bakr pegou num pergaminho e escreveu a promessa, e assim Suraqa voltou para Makkah, arrependido da sua infeliz aventura.

Cumpriu a sua promessa de não informar nada a respeito do Profeta. Por essa razão quando se encontrava com alguém dizia que, já tinha andado por todo o lado até mais longe e que Muhammad e seus companheiros não se encontravam em sítio nenhum e os tais três viajantes não eram Muhammad com a sua companhia. Desta forma Deus, mais uma vez, provou a Sua ajuda para com o Seu Profeta.

Este é o mesmo Suraqa a respeito do qual o Profeta predisse: - “Ele tornar-se-á muçulmano, participará do exército islâmico na conquista do Império Persa, e terá acesso à coroa do Imperador, colocando-a na sua própria cabeça». Toda esta profecia na altura parecia impossível, mas foi cumprida tão perfeitamente e totalmente como se o Profeta estivesse a ver a cena que aconteceu muitos anos após a sua morte. De fato, Suraqa tornou-se muçulmano e teve uma longa vida em que participou na conquista da Pérsia.

Na guerra, os muçulmanos saíram vitoriosos, e Suraqa teve acesso à coroa do Imperador e usou-a. Tudo isto não é uma mera coincidência, não só esta predição, como todas as que o Profeta Muhammad fez, aconteceram mais tarde a cem por cento, nenhuma falhou. O que isto nos indica? Que foi um verdadeiro Profeta, assim como consta na própria Bíblia, sinal do verdadeiro Profeta, Deuteronômio 18, verso 21-22:

*“E se te perguntares: ‘Como posso distinguir a palavra que não vem do SENHOR?’; nisto terás um sinal: se não acontecer nem se realizar o que esse profeta falar em nome do SENHOR, então o SENHOR não disse tal coisa. Foi o profeta que o inventou por presunção. Por isso, não tenhas medo dele!”*

O Profeta juntamente com Abu Bakr e o seu guia prosseguiram a viagem sem perder mais tempo, tomando rotas não frequentadas, entre montanhas e desertos e sofrendo grandes dificuldades de falta de água e severo calor, até que finalmente chegaram ao território de Banu Sahm onde se encontraram com o seu chefe Buraidah, que lhes saudou cordialmente; já não estavam muito longe de Yathrib (Madinah). Encontravam-se tranquilos e os seus corações palpitavam com esperança e certeza da vitória.

## **MUHAMMAD É ESPERADO EM YATHRIB (MADINAH)**

A notícia da vinda do Profeta tinha já chegado a Yathrib. Eles sabiam que o Profeta tinha já partido de Makkah. A cidade inteira estava à espera; as crianças não falavam senão da vinda do Profeta. Homens, mulheres e crianças saíam das suas casas para fora da cidade desde o amanhecer até ao anoitecer à espera do Profeta, mas voltavam desanimados. Passavam os dias a contar as horas, até que um dia, depois de terem esperado longas horas, voltaram para as suas casas; entretanto, um judeu, da sua alta fortaleza, viu o Profeta vindo com os seus companheiros e reconheceu de longe que devia ser aquele homem a que os árabes de Madinah esperavam todos os dias; gritou em voz alta, «Ó sociedade árabe! Aí está a pessoa que vós esperáveis». O leitor não faz ideia da satisfação dos Ansar. Pegaram todos nas armas como era a sua tradição e correram para receber o seu nobre hóspede, gritando *Allahu Akbar* (Deus é Grandioso). Era de fato felicidade e boa ventura dos habitantes de Quba. Quba, situada a cinco quilômetros de Madinah, era habitada pela tribo Bani Amar Bin Auf. O encontro foi em Harrah, daí, o Profeta desviou-se à direita e pararam na zona de Bani Amr Bin Auf, onde se hospedaram. Começaram então a chegar pessoas para cumprimentar o Profeta. Cumprimentavam-no e sentavam-se ao seu lado. O Profeta estava sentado enquanto Abu Bakr recebia os que vinham cumprimentar. Os que nunca tinham visto o Profeta confundiam-no com Abu Bakr, cumprimentando-o, pensando que ele é que era o Profeta.

Quando o sol se levantou e começou a aquecer, Abu Bakr pôs o seu lençol na cabeça do Profeta a fim de lhe fazer sombra, foi quando muitos reconheceram afinal quem era o Profeta.

O Profeta hospedou-se na casa do chefe da tribo chamado Kulthum Bin

Al-Hadm. Os outros muçulmanos que tinham antes emigrado para Yathrib, - Ali que emigrou de Makkah, três dias após a saída do Profeta -, também se hospedaram na mesma casa. A viagem do Profeta durou seis dias. Ele chegou a Quba, segundo o astrólogo egípcio Mahmud Basha no dia dois de Rabi' Al-Awwal (terceiro mês lunar) que corresponde a vinte de setembro do ano 622 d.C, Mas há quem afirme que o Profeta tenha chegado no dia oito de Rabi' Al-Awwal que corresponde a 26 de setembro do ano 622 d.C., numa quinta-feira ou numa segunda-feira segundo outros, uns três meses depois da segunda Convenção de Aqaba.

Quase todos os historiadores afirmam que o Profeta se hospedou em Quba durante quatro dias, mas no "Al-Bukhari" consta que ele tinha ficado lá quatorze dias e parece que esta afirmação seja a mais correta.

Durante a estadia em Quba, Muhammad fundou a primeira mesquita na História do Islam. Com as suas próprias mãos, e carregando pedras pesadas, construiu uma mesquita num terreno onde secavam as tâmaras pertencentes a Kulthum onde depois orou juntamente com outros crentes. Era uma mesquita simples, semelhante às outras do tempo do Profeta, ao contrário das mesquitas atuais que são decoradas. Essa mesquita ainda hoje existe e é palco de visita de milhões de peregrinos por ano, a respeito da qual o Alcorão diz:

*"Uma mesquita que desde o primeiro dia tenha sido erigida por temor a Deus é mais digna de que nela te detenhas; e ali há homens que anseiam por purificar-se; e Deus aprecia os puros."* (9:108)

Depois de permanecer os seus dias em Quba, o Profeta tomou rumo da cidade de Yathrib, numa manhã de sexta-feira. Durante a viagem, no Bairro de Bani Salim aproximava-se a hora da Oração de Jumma, onde o Profeta fez pela primeira vez no Islam a Oração de Jumma com Khutba (Sermão). Antes disso não havia Jumma com Khutba, fazia-se simplesmente a Oração de Dhuhr. Quando os residentes de Yathrib souberam da aproximação de Muhammad à sua cidade, acorreram todos com alegria e apresentaram-lhe as boas-vindas. Vieram também os familiares maternos de Muhammad, os elementos da tribo Banu Najjar, vieram todos armados, e todos os devotos formaram duas fileiras a acompanharem o Profeta e oferecerem-lhe riquezas e hospedagem. O Profeta apreciava a amabilidade deles e orava por eles. Assim que a cidade se aproximava crescia a emoção e o entusiasmo entre os residentes. Era um dia dourado para os habitantes de Yathrib, que a cidade foi batizada com o nome eterno de "Madinatun-Nabi", a Cidade do Profeta. É com esse nome que hoje é conhecida. O Profeta chegou a Madinah numa sexta-feira. Toda a população independentemente da

sua casta, crença ou nacionalidade veio apresentar as boas-vindas; até as mulheres em véu subiram aos telhados e começaram a cantar:

*“Tala-al-badru alainá-min saniyátíl-widá wa iabachchukru Alainâ-mâ daá lil-láhi dáa Ayuhal-mab-úço iinâ-iita bil-amril-mutá”.*

Tradução: Do topo do outeiro de Wida (nome do monte em Madinah), surgiu a lua cheia. Tornou-se obrigatório a nós agradecermos a Deus, enquanto os invocadores invocam a Deus; ó enviado entre nós, submetemo-nos às tuas ordens.

*Nota:* Há convergência em certos pontos essenciais, um dos quais é que o Profeta saiu de Quba para Madinah numa sexta-feira de manhã, e que a sua chegada a Quba e a seguir a Madinah foi no mês de Rabi' Al-Awwal. Apenas há divergência na fixação das datas; uns dizem que o Profeta partiu da sua casa em Makkah na segunda-feira, dia um de Rabiul-Awwal para a caverna Saur, e da caverna partiu no dia quatro numa quinta-feira e a chegada a Quba foi no dia quinze numa segunda-feira, e depois a chegada à Madinah foi numa sexta-feira dia vinte e seis; tudo isto no mês de Rabiul-Awwal.

Árabes e judeus participaram da cerimônia de boas-vindas ao Profeta, o verdadeiro Profeta, o Profeta prometido, que havia de salvar as nações e dirigir-lhes à vitória. Esse grande homem chegou.

Esse foi o primeiro dia do calendário novo do surgimento do islamismo, depois de se passarem treze anos, de perseguições em Makkah. O surgimento numa nova era (1º ano da vida do islamismo), na qual os muçulmanos se baseiam. Em relação ao ano gregoriano, tem um atraso de aproximadamente seiscentos anos (1987 por exemplo corresponde a 1407).

Depois da chegada a Madinah encontrava-se muita gente à volta da camela de Muhammad, e os seus respectivos chefes tribais, pedindo-lhe para que se hospedasse em suas casas. Mas isso seria impossível. Como Muhammad não queria que alguém se sentisse ofendido ao preferir um em detrimento do outro, resolveu largar a rédea da camela em cima do pescoço dela, dizendo que ela estava sob as ordens e orientações de Deus. Onde a camela parasse seria local onde iria radicar-se. A camela andou até chegar ao local de Banu Najjar, onde os crentes costumavam fazer as orações e aí se sentou. Então, o Profeta disse: - Este é o local onde eu irei me radicar (fazer a sua casa). O Profeta ainda não tinha descido e, entretanto, a camela levantou-se e começou a andar outra vez. Andou um pouco e voltou para o mesmo local, estendeu o pescoço no chão e parou. Para

comemorarem essa honra, saíram todas as crianças pertencentes à mesma tribo (Bani Najjar) a cantarem e a tocarem adufe: - «Nós somos as meninas da família Najjar, que bom ter Muhammad como vizinho!».

O Profeta perguntou com muito carinho: - “Vocês me querem?” E elas responderam imediatamente: Sim! Por Deus. O Profeta também disse: -“ Juro por Deus que eu também vos quero. A camela sentou-se num local pertencente a duas crianças chamadas Sahal e Suhail. O Profeta desceu da camela, e depois o terreno foi comprado através de Muadh Bin Afra e Muhammad expressou o desejo de nesse local ser construída uma mesquita e uma casa para ele, ao lado da mesquita. Esse desejo foi cumprido e até hoje ela existe, onde uma oração equivale a mil orações feitas noutras mesquitas, excetuando a sagrada Mesquita de Makkah, e continuará a existir até o dia que Deus quiser.

É de salientar que a emigração do Profeta especificamente para Madinah (e não para outras cidades) foi através da inspiração de Deus.

O local onde a camela parou, era à frente da casa de Abu Ayub Ansari, o seu nome próprio era Khalid Bin Zaid. O Profeta perguntou de entre os seus familiares de quem era a casa mais próxima da dele. Então Abu Ayub Ansari disse imediatamente: “Eis-me presente ó Profeta de Deus! Esta é a minha casa e esta é a minha porta (era a mais próxima desse local). Contudo, os outros Ansar não desistiam e continuavam a tentar receber a honra de hospedar Muhammad em suas casas.

Então, deitaram a sorte para verem em que casa é que ele se hospedaria. Na sorte saiu o nome de Abu Ayub Ansari, e o Profeta, obedecendo à sorte, aceitou hospedar-se na casa dele, resolvendo assim o problema da hospedagem.

Abu Ayub foi imediatamente preparar o lugar para o Profeta descansar. A sua casa tinha dois pisos. Abu Ayub quis oferecer o de cima, pensando nas comodidades do Profeta, mas este preferiu o de baixo para facilitar os visitantes. Abu Ayub Ansari não queria incomodar o Profeta de modo algum. Como prova disso, temos o exemplo de uma cena sucedida numa noite, em que se partiu uma jarra de água no piso de cima.

Abu Ayub, com receio de que a água caísse para o piso de baixo e incomodasse o Profeta, levou o cobertor e pôs no local onde se tinha partido a jarra para absorver a água. E não tinham outro cobertor senão esse. Baseando-se numa passagem que consta no “Muslim”, depois de muita insistência de Abu Ayub, o Profeta aceitou transferir-se para o piso de cima (Abu Ayub disse ao Profeta: “Eu

*não posso subir ao telhado abaixo do qual estás tu”).*

O Profeta ficou na casa de Abu Ayub Ansari durante sete meses, quando a mesquita estava já construída, juntamente com os quartos na adjacência; ele transferiu-se logo para esse lugar.

## **EMIGRAÇÃO DOS FAMILIARES DO PROFETA A MADINAH**

Depois do Profeta chegar a Madinah e lá se estabelecer, enviou Zaid Bin Haritha e Abu Rafi' a Makkah, dando-lhe dois camelos e 500 dirhams, e enviando com eles Abdullah Bin Arica como guia (a mesma pessoa que serviu de guia ao Profeta), para que de Makkah trouxessem os seus familiares.

Os enviados trouxeram Fátima e Umm Kulthum, duas filhas do Profeta e Sawda sua esposa. As outras duas filhas do Profeta não foram porque uma delas, a Ruqayyah se encontrava na Abissínia, para onde tinha emigrado com Uthman, seu marido, e a outra, a Zaynab, não foi para Madinah porque o seu marido Abul Aas não lhe permitiu.

Abu Bakr também tinha enviado o seu filho Abdallah juntamente com Zaid Bin Haritha para o mesmo fim. Ele conseguiu trazer todos os familiares, nomeadamente Umm Ruman a esposa de Abu Bakr, Aisha e Asma' suas filhas. Esta última que na altura se encontrava grávida, era casada com Zubair Ibn Al Awwam, foi a primeira senhora de entre os Muhajerin a dar à luz em Madinah. O bebê veio depois a chamar-se Abdallah.

## **EMIGRAÇÃO OOS PROFETAS**

Com a emigração do Profeta Muhammad para Madinah completou-se a tradição de todos os outros Profetas que o antecederam. Porque quase todos os Profetas, desde Abraão até Jesus Cristo tiveram que emigrar do local onde nasceram e cresceram para outro local. Apesar de serem nobres e com elevada categoria reconhecida pelos seus familiares e contemporâneos, foram todos maltratados e perseguidos. Mas, tiveram paciência para que fossem modelo para os seus seguidores que viriam mais tarde, na constância e paciência nas perseguições, uma vez que isso era para agradecer Deus e para O obedecer.

Vejam o Egito e a sua História - Testemunharão a respeito do Profeta Jacob (Israel) e seus filhos que para lá emigraram quando viram que eram bem-vindos em honra de José (Yusuf), sua sabedoria e prudência, e deixaram o local dos idólatras emigrando para o Egito.

Depois de passar muito tempo, os egípcios esqueceram-se do favor da prudência de Yusuf e começaram a maltratar os israelitas. Então, surge o Profeta Moisés (Musa) para os salvar e tirá-los do Egito para um local onde poderiam adorar a um só Deus com liberdade. Noé (Nuh) também emigrou do seu local, antes do dilúvio. Da mesma forma Jesus foi perseguido e desmentido pelos judeus e teve que fugir deles, e do mesmo modo emigraram os Profetas Lot, Hud e Salih que quando foram desmentidos pelos respectivos povos, tiveram que: abandoná-los e emigrar para um outro local, antes do castigo de Deus cair sobre os seus povos.

Portanto, não há nada a estranhar na emigração do Profeta Muhammad, da sua terra natal a Madinah.

*“Tal foi a Lei de Deus, para com aqueles que viveram anteriormente. Nunca acharás mudanças na Lei de Deus!” (33:62)*

## **A TAREFA E MISSAO EM MAKKAH**

Nestes treze anos da profecia em Makkah o Profeta concentrou-se somente na pregação de duas coisas básicas:

1° - A crença na Unidade de Deus, na Sua Pessoa e nos Seus (99) Atributos, e não associar ninguém com Deus; nem aos ídolos, como os idólatras faziam; nem filho, pai, mãe, como fazem os cristãos, mas sim uma Unidade Pura.

«Adorai a Deus porque não tendes outro Deus além d'Ele» **(Alcorão)**

“Adorai a Deus e não associais nenhuma coisa com Ele” **(Alcorão)**

2° - A crença na Ressurreição e na vida após a morte, local onde o homem terá que prestar contas de tudo aquilo que faz no mundo, e à base disso será recompensado do bem ou do mal.

O tópico dos versículos e capítulos revelados em Makkah, são apenas estas duas coisas com as suas provas lógicas. A maior parte dos capítulos do Alcorão foi revelada em Makkah, excetuando vinte e oito capítulos (Al-Baqarah, Al-'Imran, An-Nisa, Al-Ma'ida, Al-Anfal, At-Taubah, Ar-Ra'd, Al-Hajj, An-Nur, Al-Ahzab, Muhammad, Al-Fath, Al-Hujurat, Ar-Rahman, Al-Hadid, Al-Mujadila, Al-Hashr, Al-Mumtahina, As-Saff, Al-Jumu'ah, Al-Munafiqun, Al-Taghabun, At-Talaq, At-Tahrim, Al-Insan, Al-Bayyina, Az-Zalzala e An-Nasr) que foram revelados em Madinah.

## **CONSTRUÇÃO DA MESQUITA DO PROFETA E QUARTOS ADJACENTES PARA AS SUAS ESPOSAS**

**- Os primeiros dois anos de Hégira - 622/623 e 626 d.C. -**

Os crentes que emigraram de Makkah para Madinah receberam o título de “Muhajerin” (emigrantes), e os que os receberam e os ajudaram, receberam o título de “Ansar” (ajudantes). Enquanto a mesquita estava em construção, o Profeta fazia orações em qualquer local limpo.

Perto da casa onde se tinha hospedado havia um terreno pertencente à família Najjar, com algumas tamareiras. O Profeta chamou os donos e disse-lhes que lhes queria comprar o terreno para nele construir uma mesquita. Eles disseram que queriam receber o preço do terreno, não do Profeta, mas de Deus.

O mesmo terreno pertencia especificamente a dois irmãos órfãos, Sahla e Suhail. O Profeta chamou-os pessoalmente para lhes falar. Estes, por seu lado, também quiseram oferecer o terreno ao Profeta em nome de Deus. Mas, o Profeta insistia em pagar-lhes o preço, até que finalmente aceitaram. O preço foi de dez dinares, o terreno não tinha mais de 100 metros quadrados, foi este o terreno onde parou a camela pela primeira vez.

Depois de prepararem o terreno, o Profeta e os seus companheiros começaram então a construção com energia, característica e determinação exemplar. Carregavam juntos as pedras com as próprias mãos, e o Profeta ia recitando estas palavras na forma de poesia:

Tradução - O Deus, o Sucesso e o Bem é apenas o do outro mundo, portanto (é Deus) perdoa os Muhajerin e Ansar.

E assim foi construída a primeira mesquita de Madinah, uma mesquita muito simples, apenas com um pátio grande cercado, com paredes de lama estucada. Uma porção da mesquita estava coberta com folhas de tamareira. A maior parte foi deixada aberta. Outra parte da mesquita foi reservada para os viajantes, e os que vinham de fora para aprenderem o Islam, que não tinham casas e eram chamados «Ahlu-Sufa» (os homens de esteira) ou dossel (pavilhão).

Os quartos do Profeta que estavam ao lado da mesquita também eram simples (no estilo e medida), na altura fizeram apenas dois quartos para ele, porque ainda só tinha duas esposas «Sawda» e «Aisha».

A altura do teto era de aproximadamente 3,20 metros. Na mesquita não havia luz, exceto, nas orações da noite, quando se produzia a luz através de chamas de palhas. O chão era de areia e quando chovia ficava tudo em lama, por isso os companheiros do Profeta espalharam pedrinhas em cima da areia e o Profeta gostou disso. Na altura a Qibla era Jerusalém., e as orações eram feitas nessa direção.

Na mesquita havia três portas nos flancos sul, este e oeste e do lado da Qibla (norte) não havia portas. Depois de algum tempo a Qibla mudou para a direção da Kaaba. Então, a porta que estava no flanco sul da mesquita foi fechada, pois a Kaaba está na direção sul de Madinah e abriu-se uma porta no flanco norte da mesquita.

No início não havia o Minbar (púlpito). Então, foi feito um banco (suporte), de lama da medida da coluna, onde o Profeta subia para fazer o sermão encostando-se na coluna, que era de tamareira. Antes do banco ser feito o Profeta sentava-se nomeio dos companheiros, assim os que vinham de fora não conseguiam distinguir quem era o Profeta. Surgiu então a ideia de se fazer um banco para o Profeta. Depois do banco estar feito, apareceu uma senhora e disse ao Profeta: *“Ó Mensageiro de Deus! O meu servente é carpinteiro, se me autoriza eu posso mandá-lo fazer uma coisa mais cômoda para si em vez deste banco, com almofadas para se encostar, e dirigir os sermões com mais conveniência»*.

O Profeta não se mostrou muito interessado no pedido da senhora, mas, depois quando os convertidos se foram duplicando, os companheiros do Profeta sentiram a necessidade de uma coisa mais conveniente e cômoda para lhe servir de suporte. Só assim ele aceitou a sugestão.

Os seus companheiros consultaram então a mesma senhora que se tinha oferecido para mandar fazer uma coisa mais cômoda. Procuraram madeira na floresta conhecida por “ghabah” e dessa madeira fizeram o conhecido Mimbar que só tinha três degraus, a profundidade de cada degrau era de um palmo e o último degrau (o de cima) onde se podia encostar, era de dois palmos. Vide (WAFÁ-ULWAFÁ).

Foi também construído, perto da mesquita, um local para oração pelos defuntos (salatul-janazah).

Mais tarde, a mesquita foi expandida várias vezes, mesmo no tempo do Profeta, quando Uthman (o terceiro Califa) comprou o terreno e o entregou à expansão da mesquita.

## VINDA DE EMIGRANTES DE MAKKAH E LIÇÃO DE IRMANDADE PRÁTICA NO ISLAM

Quando o Profeta emigrou para Madinah, quase todos os crentes em Makkah também emigraram para lá, daí que os Ansar estivessem a rivalizar-se em recebê-los e servi-los. Para resolver esse problema deitaram à sorte os nomes dos emigrantes assim como os dos Ansar, a fim de se poder definir com que emigrante iria ficar cada Ansar.

E como todos os Muhajerin vieram de mãos vazias de Makkah, apesar de muitos deles serem ricos, mas, como vieram às escondidas não puderam trazer nada, os Ansar davam-lhes preferência sobre si próprios. As casas dos Ansar tinham as suas portas abertas para os emigrantes, mas isso só não era suficiente, teria de haver uma coisa bem organizada, e os Muhajerin, não queriam viver eternamente à base de favores. Queriam trabalhar para ganharem do seu esforço, mas como não traziam capital nenhum, o Profeta pensou em criar uma relação de irmandade entre Muhajerin e Ansar. Para isso, quando a construção da mesquita estava prestes a terminar, o Profeta chamou os Ansar e os Muhajerin que se juntaram todos na casa de Anas Bin Malik. No total eram 90 pessoas, sendo 45 Muhajerin e 45 Ansar.

O Islam é uma Religião de Irmandade humana e Muhammad começou a fundação dessa irmandade ao eliminar todas as distinções entre os crentes de Makkah e os de Madinah, entre os de Aus e Khazraj por um lado e os Qurayshitas por outro. O Profeta criou também a irmandade em pares entre os muçulmanos e tornou-os irmãos na fé.

Quem refletir sobre este amor, quase impossível por efeito humano, mas por graças de Deus e Sua Misericórdia, existente entre os crentes, perceberá como é que eles alcançaram a vitória sobre os seus inimigos, apesar de serem muito inferior em número e material. O Alcorão fala disso elogiando-os, e o mundo pode para sempre orgulhar-se dos Ansar, de como eles receberam os Muhajerin, cujo exemplo idêntico não existe no mundo.

*“Os que antes deles residiam (em Madina) e haviam adotado a fé, mostram afeição por aqueles que migraram para junto deles e não nutrem inveja alguma em seus corações, pelo que (tais migrantes) receberam (de despojos); por outra, preferem-nos, em detrimento de si mesmos. Saiba que eles que se preservarem da avareza serão os bem-aventurados.” (59:9)*

O Profeta dirigiu-se aos Ansar e disse-lhes: Estes são os vossos irmãos. Chamou dois Ansar e dois Muhajerin e ligou-os com laço de irmandade ao dizer: Tu e tu sois irmãos. Cada Muhajir tinha um irmão entre os Ansar. Isto elevou o prestígio moral dos Ansar e o bem-estar material dos Muhajerin. Amavam-se uns aos outros mais do que irmãos de sangue, porque era uma irmandade pela causa de Deus, e não pela causa da família. O amor entre eles aprofundou-se de tal modo que chegaram ao ponto de herdarem um ao outro quando um deles morria. Esse sistema de hereditariedade foi abolido depois da Batalha de Badr, quando os Muhajerin já não precisavam de apoio dos Ansar.

Depois do Profeta estabelecer a relação de irmandade entre Ansar e Muhajerin, os primeiros levaram os seus respectivos e novos irmãos para casa, apresentaram-lhes tudo o que tinham e disseram-lhes que metade seria deles.

Um dos Ansar chamado Saad Bin Rabi, que foi considerado irmão de Abdul-Rahman Bin Auf, chegou ao ponto de dizer ao seu novo irmão Abdul-Rahman: Tenho duas esposas, divorcio-me de uma para tu te casares com ela. Mas Abdul-Rahman, reconhecendo a sua amabilidade, recusou esta proposta, dizendo: «Deus te abençoe! Eu quero apenas que me indiques o caminho do mercado onde eu possa fazer comércio.

E, em pouco tempo prosperou no comércio em Madinah. Era uma irmandade invulgar, muito superior à irmandade à base da família. Eram corações que Deus tinha unido, e se tornaram numa unidade de corações de corpos dispersos. Os Ansar eram agricultores e os Muhajerin comerciantes. Estes não queriam ser um peso para os Ansar e muito cedo conseguiram todos prosperar no comércio em Madinah. Todos tinham os seus estabelecimentos e mais tarde retribuíram aos Ansar tudo o que estes tinham feito por eles.

O Profeta foi também um grande modelo de irmandade e humildade. Ele dizia: «Não me elevem como os cristãos elevaram Jesus Cristo, porque sou apenas um servo e Mensageiro de Deus». Ele não aceitava que as pessoas se levantassem quando ele chegava; sentava-se em qualquer lugar onde houvesse espaço; falava com todos; visitava os doentes mesmo que as suas casas estivessem longe; não tinha complexo de superioridade, lavava e remendava a sua própria roupa e sapatos, tirava o leite da cabra, atendia o seu camelo, ajudava sempre os necessitados, era bondoso até para com os animais, levantava-se e abria a porta para o gato que desejava entrar. Certo dia Aisha, sua esposa, montou um camelo obstinado e começou a puxá-lo com força, O Profeta, ao ver aquilo, disse: «Com calma e gentileza por favor». A sua bondade e misericórdia abraçavam tudo o que se encontrava a seu lado.

## INÍCIO DO ADHAN (CHAMAMENTO A ORAÇÃO)

O Islam não ordena que o crente dedique todo o seu tempo unicamente a mesquita. Diz sim, que da mesma forma que a oração é obrigatória no seu devido tempo, ganhar o lícito para a sua provisão e dos seus familiares também é obrigatório. Para isso o crente tem que se ocupar dos negócios e outros assuntos considerados mundanos. Era preciso que houvesse um sistema em que as pessoas se juntassem na hora determinada para a oração em congregação na mesquita, para cumprirem também, o dever de Deus depois de já terem cumprido os assuntos mundanos.

As cinco orações, como já foi referido, foram tornadas obrigatórias no “Mi’raj”, ainda em Makkah, mas com as perseguições dos Qurayshitas era difícil formar a oração em congregação. Quando em Madinah os crentes já se sentiam seguros, Deus tornou obrigatório para eles o “Zakat” (tributo) e o jejum. Havia agora necessidade de estabelecer um sistema para chamar as pessoas à oração em congregação na hora marcada, uma vez que o espírito de todas as obrigações do Islam, são o coletivismo e a união. Até essa altura, por não existir um sistema organizado para o chamamento à oração, ainda não havia a oração em congregação, bem organizada. As pessoas faziam um cálculo do tempo e apareciam na mesquita para fazerem a oração.

O Profeta não estava de acordo com este sistema, esse espírito não podia durar nas futuras gerações. Surgiu, então, a questão de como indicar as pessoas a hora da oração em congregação. Por isso o Profeta chamou os crentes para os consultar e ter a sua opinião a este respeito. Houve várias ideias, e várias opiniões foram dadas, como o chamamento através da corneta como fazem os judeus, ou ser soprada a trombeta ou ser tocado o sino como fazem os cristãos, ou ser aceso o fogo como fazem os zoroastristas, ou ser içada uma bandeira no topo da mesquita na hora da oração, mas isso não poderia despertar o que estivesse a dormir ou o distraído. Por isso, estes métodos não podiam servir de chamamento à oração, porque em nenhum deles havia a glorificação a Deus, Sua recordação e lembrança. Além disso todas estas religiões já não eram autênticas, estavam deturpadas e confusas com o politeísmo. Portanto, não era digno para uma adoração dedicada puramente a Deus tomar o método confuso com o politeísmo de informação da chegada da hora da oração. Por isso, o Profeta não aceitou nenhum destes métodos. Omar apresentou depois a sua ideia, dizendo ao Profeta que se devia anunciar em voz alta o momento da oração. Ideia esta, aceita pelo Profeta que disse ao Bilal para que quando chegasse a hora da oração anunciasse dessa forma. Contudo, essa não foi a decisão final. Por isso, a preo-

cupação de uma solução permanente continuou. Entretanto, numa das noites, vários crentes sonharam. Abdallah Bin Zaid Bin Abd Rabbih conta o seu sonho da seguinte forma: - “Vi um homem a vender uma corneta, perguntei-lhe o preço e ele perguntou-me porque é que eu a queria comprar. E respondi-lhe que era para anunciar a chegada do momento da oração. Esse homem, que estava vestido de verde, disse-me: Eu posso te dar a melhor solução para isso: Quando chegar a hora da oração, um de vós deverá dizer em voz alta as seguintes palavras:

*Allahu Akbar! Allahu Akbar! Allahu Akbar! Allahu Akbar! Ash-hadu an Laa ilaaha illa Allah! Ash-hadu an Laa ilaaha illa Allah! Ash-hadu anna Muhammadan Rasulullah! Ash-hadu anna Muhammadan Rasulullah! Hayya ‘alas-salaat! Hayya ‘alas-salaat! Hayya ‘alal-falaah! Hayya ‘alal-falaah! Allahu Akbar! Allahu Akbar! Laa ilaaha illa Allah!*

Tradução:

*“Deus é o Maior! Deus é o Maior! Deus é o Maior! Deus é o Maior! Testemunho que não há outra divindade, além de Deus! Testemunho que não há outra divindade, além de Deus! Testemunho que Muhammad é o Mensageiro de Deus! Testemunho que Muhammad é o Mensageiro de Deus! Venha para a Oração! Venha para a Oração! Venha ao Sucesso! Venha ao Sucesso! Deus é o Maior! Deus é o Maior! Não há outra divindade, além de Deus!”*

O homem disse, ainda, que quando começar a oração devem ser repetidas as mesmas palavras e depois de *Hayya ‘alal-falah* (venham ao sucesso) devem ser acrescentadas *Qad Qamatis-Salaah* (a oração está prestes a começar). Quando o Profeta ouviu esse sonho disse logo: “Sonho verdadeiro”. Bilal era quem tinha voz mais forte e bela. Por isso, o Profeta encarregou-o de fazer o chamamento à oração, e pediu a Abdullah Bin Zaid Abd Rabbih para que lhe ditasse as referidas palavras.

Quando Omar ouviu o chamamento veio correndo, e disse ao Profeta: “Por Aquele que te enviou como Profeta! Eu também sonhei mesmas palavras”. E o Profeta agradeceu a Deus por encontrar mais provas. Estas simples, suaves, melodiosas e encantadoras palavras de chamamento à oração, resumem o islamismo em poucas e doces frases. Ao mesmo tempo, são um alimento espiritual para todos os muçulmanos dos quatro cantos da terra. Em todas as mesquitas, cinco vezes por dia, é praticado o Chamamento. Se Muhammad não fizesse mais nada além de instituir esse chamamento à oração, era-lhe suficiente tornar-se um imortal. Mas a sua fama está em milhares de grandes proezas iguais.

Havia uma casa ao lado da mesquita, que era relativamente mais alta, donde Bilal costumava fazer o chamamento a partir do telhado. A casa era pertencente a uma família da tribo Banu Najjar.

O chamamento islâmico à oração é igualmente um chamamento ao islamismo, cantado belamente com uma boa voz e transformado nas ondas do ar para todos os cantos do horizonte.

Ao ouvir essa voz a dizer “não há outra divindade, além de Deus”, os muçulmanos já se sentiam seguros e não tinham mais receios em relação aos ídólatras. O Profeta tinha dois Muezins (pessoas que fazem o chamamento) em Madinah, Bilal e Abdallah Ibn Umm Maktum. Bilal depois de fazer o Adhan no Al-Fajr (amanhecer) dizia: «As-Salaatu-khairun minan-naum» (a oração é melhor que o sono).

Então, o Profeta confirmou-o e disse para que acrescentasse essa frase no Adhan de Al-Fajr.

## **OS JUDEUS DE MADINAH E O TRATADO DE PAZ COM ELES**

Os judeus de Madinah que por raça eram judeus (não convertidos) vieram de outras zonas e radicaram-se em Madinah. Alguns historiadores acham que eles não eram de raça judaica, mas, que se tinham convertido ao judaísmo, isto porque notam uma diferença na natureza dos judeus genuínos e estes que viviam na Arábia. Eles dizem que os judeus, apesar de estarem espalhados em quase todo o mundo, nunca mudam os seus nomes, usam somente nomes judaicos. Porém, a particularidade dos judeus da Arábia, era que eles utilizavam nomes árabes puros. Por exemplo: Haris, Nadir, Qaynuqa, etc. Segundo, os judeus por natureza são covardes e tímidos. Por isso, quando Moisés lhes disse para combaterem contra o inimigo, eles responderam:

*“Vai tu, com o teu Senhor, e combatei-os, enquanto nós permaneceremos aqui sentados.” (5:24)*

Mas ao contrário disso, os judeus de Madinah eram valentes.

Havia três tribos judaicas em Madinah, Banu Qaynuqa, Banu Nadir e Quraiza, que se tinham radicado nos arredores de Madinah, e tinham construído fortes torres e fortalezas.

Os Ansar tinham duas tribos, a Aus e a Khazraj. A última guerra de “Bu’ath” que tinha havido entre eles, partiu-lhes totalmente a espinha dorsal e os enfra-

queceu de modo inimaginável. Os judeus, para manterem o seu monopólio em Madinah, não queriam que estas duas tribos se unissem de novo.

E ainda sobre o surgimento de Muhammad, os mesmos judeus, nas disputas com os habitantes de Madinah, diziam-lhes que estavam à espera do último Profeta e que quando chegasse, juntar-se-iam a ele e tornar-se-iam vitoriosos sobre eles. Todavia, quando chegou o Profeta, a quem eles reconheceram pelos sinais de ser o Profeta prometido, rejeitaram-no, só porque era de descendência de Ismael e não era judeu. Os judeus começaram a nutrir ódio e inimizade contra os muçulmanos desde o dia em que o Profeta chegou a Madinah, assim como maquinaram conspirações contra Muhammad e os muçulmanos, coisas que até hoje continuam a fazer. Mas, alguns deles reconheceram a verdade entrando no Islam, como foi o caso de Abdullah Bin Saïam e outros.

O Islam é uma religião de paz, procura promover a paz por todo o mundo, entre todos os povos, e Muhammad foi obreiro da paz. A palavra Islam em árabe é sinónimo de paz. Sem a paz não podia haver prosperidade para os homens de Madinah, e nem hoje pode haver para alguém. Por isso, Muhammad, depois de chegar a Madinah, quis uma aproximação e bom relacionamento com todos os povos que lá viviam, mesmo os que não tinham abraçado o Islam. (Primeiro criou a irmandade entre os crentes como já foi mencionado). Em Madinah, além dos judeus, existiam ainda os idólatras. Muhammad, com os braços abertos, aproximou-se dos judeus, uma vez que ele veio confirmar a religião que Moisés trouxe, e não veio desmenti-la. Na altura, os muçulmanos ainda se viravam para Jerusalém nas orações diárias, assim como faziam os judeus. Portanto, os judeus também estavam favoravelmente inclinados para Muhammad, para o bem-estar, prosperidade e liberdade de Madinah e de seus residentes. Para isso, devia ser traçado um pacto e posto em prática sem qualquer demora, antes que se criasse qualquer discórdia. Assim, sob a orientação de Muhammad, foi rapidamente traçado um pacto e assinado por todos os grupos.

O Profeta, ao criar os laços de irmandade entre os Muhajerin e Ansar, tinha como objetivo que eles estivessem mais seguros das hostilidades de Quraysh. Porque a ameaça deles continuava, e logo após a chegada dos crentes a Madinah e a transformação desta em centro do islamismo, os idólatras de Makkah, começaram de novo a fazer conspirações, contra os crentes em Madinah. Escreviam aos seus correligionários de Madinah (os que ainda eram idólatras) dizendo-lhes para expulsarem os muçulmanos e para declararem guerra contra eles, senão, eles haveriam de atacar Madinah, matar todos os seus jovens e violar as suas mulheres. Perante esta ameaça havia necessidade de reunir os esforços de todos os habitantes de Madinah, os antigos e os recém-chegados, a fim de consegui-

rem viver em paz. Para isso, foi preparado um tratado em que uma facção, eram os Muhajerin que vieram de Makkah, a segunda eram todos os habitantes de Madinah (sem distinção de religião ou tribo). Nessa facção, estavam além dos Ansar, outros habitantes de Madinah que ainda não se tinham convertido ao islamismo, mesmo aqueles que se opunham abertamente a Muhammad e ao islamismo, como é o caso de Abdallah Bin Ubai Bin Salul.

As tribos judaicas, Banu Nadir, Banu Qurayza e Banu Qaynuqa, não foram incluídas no tratado como um partido, porque, não eram residentes em Madinah, mas sim, nos seus arredores. Como tinham pactos assinados antes, com os habitantes de Madinah (Aus e Khazraj), o Profeta não os desprezou, pelo contrário, trabalhou para fortificá-los mais, incluindo-os no novo pacto à base dos tratados antigos.

O Profeta foi igualmente reconhecido por todos como juiz final nas suas disputas, mesmo por aqueles que não tinham entrado na religião islâmica, isto, por reconhecerem a sua conduta e moral; era verdadeiro e honesto, assim como os Qurayshitas também o reconheceram como o “Al-Amin”, e não tinham entrado na religião islâmica.

O documento do tratado é considerado um dos mais antigos documentos registrados no mundo. O conhecido historiador Ibn Hisham, transcreveu o texto integral do tratado que é bastante longo, com 40 artigos. Aqui se apresenta o resumo do pacto:

- 1 - O sistema de retaliação e indenização que está sendo praticado continuará;
- 2 - Os judeus terão a liberdade religiosa, e ninguém tem direito de interferir nos seus assuntos religiosos;
- 3 - Os judeus e os muçulmanos manterão relações cordiais e de amizade;
- 4 - Os judeus ou os muçulmanos, se um deles estiver em guerra com terceiros, o outro terá de o apoiar;
- 5 - Nenhuma das partes colaborará com os Qurayshitas;
- 6 - Se Madinah for atacada, os dois grupos devem unir esforços e defender Madinah;
- 7 - Se uma destas partes fizer a paz com um terceiro grupo, a outra parte

estará também incluída na paz e terá que respeitar o tratado e as guerras religiosas estarão excluídas.

Este tratado foi feito há mais de 1.400 anos. Haverá algum exemplo igual de qualquer Profeta ou reformador que tenha feito um tratado de paz com os que professam uma fé rival? A proteção de vida, propriedade, castidade da mulher, liberdade e garantia de paz, está tudo incluído nesse tratado.

Muhammad, ao incluir os judeus no tratado, já tinha assegurado a paz e prosperidade em Madinah enquanto os partidos interessados se mantivessem leais aos seus termos.

## **AUTORIZAÇÃO DE GUERRA**

Do dia em que Muhammad chegou a Madinah até à sua morte, dez anos depois, viveu uma vida totalmente exemplar, recebendo a Revelação, propagando e ditando o Alcorão, praticando a caridade, atendendo os doentes e os fracos, servindo a todos - muçulmanos e não muçulmanos -, e defendendo a sua comunidade contra os ataques dos inimigos. Além de tudo isso, planeou e estabeleceu permanentemente um Novo Estado Teocrático, à semelhança do qual nunca existiu algum.

Não há homem que tenha realizado tanto numa só vida e ninguém poderá realizar. Os Impérios de Alexandre, Napoleão e outros aventureiros já foram apagados, mas o Império de Muhammad e a Lei do Alcorão ainda são os maiores fatores que o mundo tem de ter em conta, e acima dos corações de milhões de seres humanos no mundo inteiro, mesmo depois de 1.400 anos, após a morte de Muhammad.

O leitor já leu, decerto, o discurso de Abbas, tio do Profeta na segunda convenção de Aqaba, e depois quando o Profeta tomou a promessa dos Ansar que deveriam protegê-lo contra os seus inimigos como protegem os seus próprios familiares.

Nota-se com isso que os Qurayshitas estavam determinados em aniquilar os muçulmanos e Muhammad, fossem eles quem fossem. Muhammad também sabia disso e esta ideia foi confirmada quando prepararam o plano para o assassinar. Contudo, agora que Muhammad já tinha escapado, será que eles irão deixá-lo em paz? Não, Muhammad ao fazer o tratado com os habitantes de Madinah após a sua chegada, já contava com uma nova agressão dos Qurayshitas. Nessa situação de aflição, de constantes perseguições é lógico Muhammad sentar-se

na mesquita e fazer apenas oração e não se preocupar em salvaguardar a sua comunidade? Não, tinha que se preocupar em defender a sua gente também. Os europeus, quando escrevem a Biografia do Profeta Muhammad, querem dar a entender que o islamismo se expandiu à base da força, e que o Profeta passou a vida combatendo os outros. Por isso, é necessário esclarecer este ponto. O leitor tem de ter em conta que, depois do Profeta e os muçulmanos terem passado tão mal em Makkah, massacrados, perseguidos e torturados, outros foram mortos, depois de 13 anos, quando conseguiram escapar para Madinah, que as perseguições continuaram. A diferença é que, em Makkah as perseguições eram duras as individuais, e em Madinah eram várias e piores. Em Makkah só existia um povo (Qurayshita), enquanto que em Madinah, além dos Ansar existiam os judeus que professavam uma religião diferente da dos Ansar, tinham diferentes usos e costumes e eram seus rivais, e ainda havia outro grupo de pessoas que eram hipócritas, consideradas as piores.

Em Makkah os muçulmanos foram torturados, presos e separados das suas esposas, filhos e mães, confiscaram-lhes as suas riquezas, conspiraram e tentaram assassinar Muhammad e anunciaram um prêmio de 100 camelos para quem o matasse ou desse informações sobre a sua fuga para Madinah. Tudo isto o que é? Não é uma declaração de guerra contra os muçulmanos? E acima de tudo isso, os Qurayshitas ainda escreveram após a chegada do Profeta a Madinah, a Abdallah Bin Ubai (o homem que sonhava ser líder em Madinah), uma carta cujo conteúdo era o seguinte:

Vocês autorizaram o nosso homem (Muhammad) a permanecer aí.

Por Deus, ou matem-no, ou expulsem-no de Madinah, senão, nós vos atacaremos subitamente, e mataremos os vossos jovens e violaremos as vossas mulheres. Como então Muhammad pode ser considerado agressor, se ele combatia esses inimigos de Deus e dos homens, em sua defesa?

As hostilidades não cessaram aí. Os Qurayshitas como estavam a controlar Makkah, centro de peregrinação e concentração dos árabes, proibiam a todos de irem ter com Muhammad, e para isso bloqueavam o caminho de muitos para chegarem a Madinah. Depois de escreverem para Abdullah Bin Ubai para matarem o Profeta, ao mesmo tempo, estavam a preparar-se para atacarem Madinah e erradicarem o Islam. Por longo período o Profeta vivia com guardas. Mesmo à noite só dormia sob vigilância de guardas e os muçulmanos só dormiam armados. Em Makkah a ordem de Deus era de terem paciência, conforme relata o Alcorão:

*“Persevera, pois, como o fizeram os inflexíveis, entre os mensageiros, e que foram ameaçados, pensarão não haver permanecido (no mundo terreno) mais do que uma hora de um só dia.” (46:35)*

Mas em Madinah a ordem foi diferente, “Zarqani” diz que Deus permitiu a guerra no dia 12 de Safar ano 2 da Hégira, e diz que o primeiro versículo revelado, autorizando a guerra, foi o seguinte:

*“Ele permitiu (o combate) aos que foram atacados; em verdade, Deus é Poderoso para socorrê-los. São aqueles que foram expulsos injustamente dos seus lares, só por que disseram: Nosso Senhor é Deus!” (22:39 e 40)*

Mas, Ibn Jarir Tabri diz que, o primeiro versículo revelado autorizando a guerra foi:

*“Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.” (2:190)*

Nos dois versículos, Deus permite combater os que combatem os muçulmanos. Os versículos são bem claros: os muçulmanos foram forçados a pegar nas armas e combater em defesa própria. A referência é para combater somente aos que agrediram e massacraram os muçulmanos; não há menção para combater os outros. Contudo, quando outros idólatras e descrentes se uniram aos Qurayshitas para combaterem os muçulmanos, estes, em defesa própria, foram obrigados a combater contra todos eles. Por isso, o Alcorão diz:

*“E combatei unanimemente os idólatras, tal como vos combatem.” (9:36)*

A realidade é a seguinte: Muhammad depois de chegar a Madinah tinha que se preocupar com a sua defesa, e dos seus companheiros (Muhajerin e Ansar). Hoje os inimigos do Islam quando falam mal de Muhammad é porque eles queriam e ficariam satisfeito se Muhammad e o seu pequeno grupo de muçulmanos tivessem sido mortos pelos seus amigos descrentes de Makkah, e nunca mais serem ouvidos no mundo. Eles queriam apagar (extinguir) a luz de Deus (Islam) soprando com as suas bocas, mas Deus está determinado em aperfeiçoar a Sua luz mesmo se os descrentes detestarem.

Os Ansar já eram perseguidos e a sua cidade era para ser destruída só porque eles ampararam Muhammad e os Muhajerin! Os Qurayshitas tinham instigado todas as tribos árabes mesmo fora de Makkah para eliminarem Madinah e os seus habitantes. Aliás, o próprio Abu Jahal quando se encontrou com

Saad Ibn Mu'adh, chefe de Aus, em Makkah, quando este veio em visita (Umra) disse-lhe: *“Se tu não estivesses com Umayyah teu amigo, que te está protegendo aqui em Makkah, tu não regressarias para Madinah, porque vós amparastes os muçulmanos”*. Saad Ibn Mu'adh respondeu: *“Se vós nos impedirem da peregrinação, nós também bloquearemos a vossa rota à Síria para o comércio”*.

O Profeta para obrigá-los (aos descrentes de Makkah) à reconciliação e à paz, tomou certas medidas e várias precauções.

Dentre as medidas tomadas:

1.º - Bloquear a rota do comércio deles à Síria, que era um motivo de orgulho e vaidade dos Qurayshitas;

2.º - Fazer a paz e acordo de boa vizinhança com as tribos que viviam nos arredores de Madinah;

3.º - Enviar homens para os arredores e para as distâncias longínquas para saber (espionar) o que que os Qurayshitas, planejavam.

Nesse tipo de missão o Profeta enviou várias expedições de reconhecimento, porque já se vivia um clima de guerra declarada pelos Qurayshitas contra os muçulmanos.

## O ISLAM E A GUERRA

O Alcorão considera “Fitnah” (sedição) um crime maior do que o assassinio, por isso é direito de cada um que enfrenta isso, pegar em armas (pela causa de Deus) e pôr fim a isso, individual ou coletivamente. Aí os orientalistas levantam os gritos a dizerem que a religião islâmica chama as pessoas à guerra (Jihad, enquanto que a palavra “Jihad” em árabe não significa guerra, a tradução dessa palavra é “esforçar-se” e. foi nesse sentido que foi utilizada no Alcorão.) e acham que isso é para forçar as pessoas a converterem-se ao islamismo. Chamam a isso no nosso termo moderno de “fanatismo”, e logo apresentam o cristianismo para comparação, dizendo que o cristianismo recusa a violência, condena a guerra e chama para a paz e tolerância e une os homens nos laços da irmandade em Deus e em Cristo. Quando eles dizem isso esquecem-se estes versículos do Novo Testamento, em S. Mateus, cap. 10, verso 34.

*“Não penseis que vim trazer paz à terra! Não vim trazer paz, mas sim, a espada.”*

*“E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim (Lucas)”.*

Os muçulmanos só percebem a religião de Jesus assim como foi interpretada pelo Alcorão; são os pontos que o Alcorão confirma só.

E sobre a acusação falsa feita contra Muhammad, o Alcorão diz:

*“Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro.”*  
**(2:256)**

*“Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.”* **(2:190)**

A guerra no Islam é permitida, não para forçar os outros a entrarem no islamismo, mas sim para defender a liberdade de expressão.

Quando há homens que colocam obstáculos no caminho de Deus, ou são corruptos e querem contagiar com a sua corrupção a outrem ou não creem e querem impedir aos outros de crerem em Deus. Todos os materiais utilizados pelos agressores podem ser utilizados contra eles, da mesma forma. Mas se ninguém utilizar a perseguição, ou qualquer outro meio ilícito, para impedir a outro do caminho direito, então, ninguém pode também impedi-lo disso, exceto respondendo verbalmente aos seus argumentos.

Mas, se ele utilizar a força para impedir alguém de ter uma certa Ideia ou crença, então, é necessário responder o poder armado dele com força igual. É isto que o Islam defende, porque a vida de convicção é o que distingue o homem dos restantes animais, porque se ela consistir só em comer, beber e crescer, então, não há diferença nenhuma com o animal.

Os missionários dizem: - Mas o espírito do cristianismo condena totalmente a guerra. Aqui não vamos analisar essa reivindicação, se é verdade ou não. Mas a história do cristianismo em todo o caso é legítima testemunha neste assunto.

Desde os primórdios do cristianismo até hoje, todos os países do mundo estão mergulhados em sangue, em nome de Jesus Cristo, não falando dos antigos romanos e bizantinos assim como os europeus modernos que são os culpados do derramamento de tanto sangue em todas as partes do mundo. As

cruzadas foram lançadas pelos cristãos, em centenas de anos. Tropas, umas a seguir às outras saíam da Europa em direção ao oriente, particularmente aos países islâmicos para conquistarem, destruírem e derramarem o sangue dos inocentes.

E as inquisições na Europa? Na África, na Ásia e em todo o mundo, os papas, os bispos e os que reivindicavam ser vigários de Jesus Cristo, abençoavam e encorajavam essas tropas. Será que esses papas todos eram heréticos? O seu cristianismo era fraudulento? Ou cada um deles estava a fingir ou era ignorante e não sabia que o cristianismo condena absolutamente a guerra?

Mesmo hoje, na era da alta civilização humana, várias potências cristãs têm percorrido grandes distâncias para atacar pequenos países e matar mulheres, crianças e velhos. Concorrem na fabricação de armas ultra sofisticadas. Para quê esse armamento todo? Não é para a matança? Para a destruição, bombas atômicas contra o Japão, no Vietnã milhares de pessoas aniquiladas, tudo isso feito por potências de países cristãos e não por muçulmanos.

O Islam é uma religião natural (realista) e veio para aperfeiçoar ao homem; é a religião da verdade, liberdade e disciplina. Uma vez que também é a natureza do homem lutar, lutar para defender os seus direitos, a sua fé, liberdade de expressão, o Islam veio para disciplinar essa natureza de luta que existe no homem, assim como veio disciplinar todas as outras naturezas e instintos que existem no homem (comer, beber, sexo, etc.) e limitar isso nos casos justos para o homem no seu esforço em alcançar o bem e a perfeição, e regular esse instinto de lutar, para que os direitos e dignidades do homem possam ser respeitados ao máximo.

## **A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO DE RECONHECIMENTO SOB A LIDERANÇA DE HAMZA**

Sob a liderança de Hamza, no primeiro ano depois da Hégira, no mês de Ramadan, o Profeta enviou 30 cavaleiros, todos Muhajerin, para a direção do Mar Vermelho (era a rota de negócio das caravanas dos Qurayshitas à Síria). Em “Alis”, um local junto à costa, Hamza encontrou uma caravana sob a liderança de Abu Jahal; não houve guerra: Hamza e os seus companheiros voltaram sãos.

Um dos objetivos destas expedições podia também ser de exibição demonstração de força dos muçulmanos e a área sob o seu alcance, para assim forçar aos Qurayshitas à reconciliação, fazendo a paz.

## A SEGUNDA EXPEDIÇÃO DE RECONHECIMENTO

Mas havia possibilidades dos Qurayshitas atacarem Madinah por outra rota. Portanto, um segundo grupo de 60 cavaleiros ou 80 (todos Muhajerin, como foi o primeiro), foi enviado no mês de Chawal (o décimo mês do calendário islâmico) sob a liderança de Ubaida Bin Haris, para o lado de “*Rabigh*”.

Encontraram lá, a caravana constituída por 200 cavaleiros sob a chefia de Abu Sufyan, e também com estes não se travou batalha: cada grupo tomou o seu caminho. Com estas expedições o Profeta quis confundir os planos dos inimigos, porque isso é o espírito da guerra. Assim, os descrentes de Makkah confundiram-se ao ver que Muhammad em tão pouco tempo (logo após a emigração) já tinha começado a enviar expedições. Eles pensaram que, decerto, houvesse um grande exército dentre os habitantes de Madinah a apoiá-lo.

E, para os confundir mais, o Profeta enviou outra expedição composta de 12 a 18 homens, sob o comando de Saad ibn Abi Waqqas, para o sul, que também regressaram com informações e sem qualquer problema.

Foi assim que terminou o primeiro ano da Hégira, de boa maneira, sem qualquer prejuízo de vidas para ambas as partes.

Está claro, que com este tão pequeno número de homens em expedições enviadas por Muhammad, às vezes de 20, 30 ou 60 homens, a sua intenção não era de combater os descrentes de Makkah, mas apenas para recolher informações e tomar precauções, assim como Deus quis que ele fizesse. Ele tinha já a permissão Divina de combater aqueles que perseguiram a vida dos crentes.

Os descrentes tinham já declarado guerra aos muçulmanos: eles nunca restituíram as propriedades confiscadas, nunca pagaram qualquer indenização pelo mal que tinham feito aos crentes, nunca pediram perdão a Muhammad pela conspiração que tinham feito contra a sua vida, e como tinham a noção de tudo isto que tinham feito, nunca se queixaram das expedições que Muhammad enviou.

Eles não tentaram invadir Madinah logo no primeiro ano da Hégira, porque estavam apavorados com os extraordinários sucessos que Muhammad tinha alcançado em Madinah, ao unificar os Muhajerin e aos Ansar, numa só irmandade, o seu vitorioso tratado de paz com os judeus, e agora ao verem a sua prontidão de os capturar se eles se aproximassem de Madinah.

## SEGUNDO ANO DE HÉGIRA - CORRESPONDENTE AO ANO 623 D.C. -

No segundo mês (Safar) do calendário islâmico (lunar), o Profeta acompanhou uma expedição com 60 Muhajerin, chefiado por Saad Bin Ubadah rumo a “Abwa” e chegaram até Wadan (perto do local onde está o túmulo de sua mãe). Em Abwa vivia a tribo “Muzayna” a 120 quilômetros de Madinah. É a última fronteira de Madinah. Nos seus arredores vivia a tribo Banu Damrah, onde os crentes foram para ver se encontravam os Qurayshitas, mas não os encontraram. O Profeta ficou alguns dias naquele local e assinou um tratado de paz e aliança com a tribo Banu Dhamrah, consolidando mais as suas posições. Passado um mês, o Profeta saiu novamente numa expedição para «Al-Buwat», liderando 200 mahajjerin e Ansar. Tiveram a informação de que uma caravana sob a liderança de Umayyah Bin Khalaf estava a caminho da Síria, isso no mês de Rabiul-Awal (o 3.º mês lunar), mas não chegaram a encontrar-se com Muhammad, porque o evitaram a ele e aos muçulmanos. O Profeta em Madinah recebia sempre as notícias da saída de caravanas de Makkah, para o lado de Madinah. Mas como é que ele poderia saber se eram caravanas de negócio que iam para a Síria ou forças militares que planejavam a invasão de Madinah?

A única maneira de saber isso era enviar grupos de crentes para obterem as informações necessárias, para que Madinah não fosse alvo de ataque de surpresa, porque os descrentes de Makkah tinham ameaçado isso na carta que eles tinham enviado a Abdullah Bin Ubai: «Atacaremos a todos vós subitamente». A tática moderna de guerra também é a mesma de vigiar e seguir os passos do inimigo para não ser surpreendido.

Depois de um ou dois meses, o Profeta acompanhou mais uma expedição de 150 Muhajerin para os lados de «Yambu», até chegarem a «Al Achira» (deixando em Madinah seu substituto Abu Salma Abdel Aswad) - isto no fim de Jamadil-Awal e início de Jamadil-Akhir (5.º e 6.º meses lunares do calendário islâmico) no 2.º ano de Hégira (outubro de 623 d.C.) - para obter informações sobre uma grande caravana chefiada por Abu Sufyan, que tinha com ele acima de 20 pessoas. Abu Sufyan evitou o encontro com o Profeta, regressando ambas as partes sem qualquer problema. Na mesma expedição, Muhammad conseguiu fazer alianças com as tribos «Banu Mudlij» e seus aliados, que eram os habitantes de Al-Bawat.

É de salientar que nestas expedições os muçulmanos não mataram ninguém de entre os descrentes, nem lhes confiscaram bens, nem os obrigaram a

abraçar o Islam. Eles foram lá apenas para obter as informações dos movimentos dos Qurayshitas e também para estabelecer o seu prestígio, assim como já foi referido.

Se os Qurayshitas preferissem encontrar-se com os muçulmanos e discutir os assuntos amigavelmente, Muhammad decerto teria feito as pazes com eles nos termos honoráveis, assim como fez anteriormente com os judeus, e mais tarde (cinco anos depois) com os habitantes de Makkah, em «Hudaybyah», quando o Profeta já era poderoso e suficientemente forte para os esmagar. Contudo, os chefes dos Qurayshitas não queriam a paz; pelo contrário, vinte dias após o regresso do Profeta da sua última expedição, Kurz Bin Jabir Al-Fahri de Makkah foi com um grupo de Qurayshitas descrentes para perto de Madinah e assaltou os rebanhos na pastagem e levou consigo um grande número de camelos e ovelhas pertencentes aos habitantes de Madinah (um ato de provocação).

Agora perguntamos aos inimigos do islamismo: Quem é o agressor? Os Qurayshitas (descrentes) ou os muçulmanos? Certamente que antes e depois da emigração os descrentes foram sempre agressores. Perante essas situações os muçulmanos não têm o direito de se defender e tomar medidas de precaução?

Por isso, quando o Profeta ouviu falar do assalto ao rebanho saiu em busca de Kurz (tendo deixado como seu substituto em Madinah Zaid Bin Haris), que conseguiu fugir pela via de Badar. O Profeta e seus companheiros perseguiram-nos até “Safwan”, um vale para os lados de Badr, mas não os conseguiram encontrar. Esta expedição chama-se “Ghazwat Badr Al-Ula”, devido ao nome do local onde o Profeta procurou o assaltante. Os Qurayshitas eram sem dúvida os responsáveis por esse ato de pirataria (Kurz mais tarde converteu-se ao islamismo).

Nesse mesmo ano, no mês de Rajab (7º do calendário islâmico), Muhammad enviou oito Muhajerin, sob a chefia de Abdallah Bin Jahsh, e deu-lhe uma carta selada, que não devia ser aberta senão dois dias após a sua partida de Madinah. Abdallah Bin Jahsh percorreu o rumo que lhe foi indicado, e dois dias depois abriu a carta e leu o seu conteúdo, que era o seguinte: «Quando vires o conteúdo desta carta segue para «Nakhla» (entre Makkah e Taif), observa os Qurayshitas e envia-nos notícias sobre eles.» O Profeta não disse em Madinah o objetivo da missão deles, antes da sua partida para que a notícia não se espalhasse entre os judeus ou os hipócritas, que poderiam depois informar aos Qurayshitas, perdendo-se assim o interesse de enviar a expedição, uma vez que o número de elementos era muito pequeno, em relação às outras primeiras. E não poderiam resistir ao inimigo.

Abdallah Bin Jahsh leu a carta e informou aos seus companheiros que concordaram com o conteúdo. Preparando-se todos, prosseguiram sem interromper, para onde lhes tinha sido ordenado. Dois dos elementos da expedição, Saad ibn Abi Waqqase Utba Bin Ghazwan, ficaram atrás porque perderam os seus camelos e estavam à sua procura e, entretanto, foram capturados pelos Qurayshitas. Os outros continuaram até chegar a Nakhla, onde viram uma caravana de Qurayshitas sob liderança de Omar Bin Hadrami passando - isto no último dia de Rajab (um dos meses sagrados em que é proibida a guerra). Abdallah, sob a sua responsabilidade e depois de consultar os seus companheiros, interceptaram a caravana dos Qurayshitas, Houve alguém que atirou uma seta que matou Omar Bin Hadrami e depois tomaram duas pessoas (Qurayshitas) como prisioneiras a quem trouxeram para Madinah.

Quando o Profeta ouviu o que tinha acontecido, disse a Abdallah e aos seus companheiros: «Não vos ordenei que combatesses no mês sagrado», e recusou-se a aceitar qualquer porção dos despojos ou dar a qualquer crente. Esperou pela decisão de Deus. Por um lado, em Makkah os descrentes levantaram grandes gritarias contra Muhammad, e por outro os conspiradores em Madinah tentavam criar uma guerra contra Muhammad por ele ter autorizado os seus companheiros a guerrear no mês sagrado de Rajab (o que era de fato uma falsa acusação, porque foi Saad quem tomou a iniciativa).

Em todo o caso, Muhammad orou a Deus para que lhe desse uma orientação nesse assunto; então, Deus revelou os seguintes versículos:

*“Quando te perguntarem se é lícito combater no mês sagrado, dize-lhes: A luta durante este mês é um grave pecado; porém, desviar os fiéis da senda de Deus, negá-Lo, privar os demais da Mesquita Sagrada e expulsar dela (Makkah) os seus habitantes é mais grave ainda, aos olhos de Deus, porque a perseguição é pior do que o homicídio. Os incrédulos, enquanto puderem, não cessarão de vos combater, até vos fazerem renunciar à vossa religião.” (2:217)*

Depois destas revelações, o Profeta e os crentes ficaram mais tranquilos. A seguir, o Profeta trocou os dois prisioneiros com os dois crentes que foram capturados pelos Qurayshitas quando procuravam os seus camelos.

Um dos prisioneiros Qurayshitas, chamado Hakam Bin Kaysan, converteu-se ao islamismo e preferiu ficarem Madinah, e o outro, Uthman, foi para Makkah.

A morte de Omar Bin Hadrami, membro de uma família influente de

Makkah, causou fortes ondas de vingança entre os descrentes de Makkah, contra os muçulmanos.

## **ACONTECIMENTOS DISPERSOS**

Foi durante este período que a maior parte do segundo capítulo do Alcorão foi revelado, em que, entre várias coisas importantes, está o jejum que se tornou obrigatório no mês de Shaaban. Antes disso o Profeta costumava jejuar três dias em cada mês. O jejum passou depois a ser obrigatório no mês de Ramadan, e o Zakat (tributo obrigatório), o Profeta fixou 2,5% do rendimento anual de cada pessoa numa quantia fixa: Em todos os bens, como: produtos agrícolas, gado, ouro, prata, mercadorias de negócio, etc. (os pormenores, ver nos livros de jurisprudência islâmica).

O Hajj (Peregrinação), era já uma instituição de Abraão, e o Alcorão apenas confirmou e fez de Arafat o ponto final do Hajj em vez de Mina.

As orações até esta data eram feitas só duas genuflexões (Rakats); desde então o Dhuhr e Isha passaram para quatro genuflexões obrigatórias, mas nas viagens mantêm-se as mesmas duas genuflexões.

## **CONVERSÃO DE ABDULLAH BIN SALAM E SALMAN DA PÉRSIA**

Salman da Pérsia entrou no Islam no primeiro ano da Hégira. Os judeus em Madinah receberam bem a Muhammad e fizeram com ele uma aliança a fim de tirarem proveito da sua influência e poder, e utilizarem-no como seu instrumento; porém, o plano de Deus trabalhava de outra maneira.

Um dos sábios e sacerdote dos judeus, chamado Abdallah Bin Salam abraçou o Islam juntamente com toda a sua família, isto porque ele sabia, e lia as escrituras sagradas, onde consta a vinda de Muhammad e seus sinais. Após a sua vinda, ele reconheceu logo que aquele é que era o último Profeta que Deus tinha prometido enviar, e essas promessas foram feitas através de Moisés (no Antigo Testamento) e Jesus (Novo Testamento).

Os judeus que tinham muita consideração e respeito por Abdallah Bin Salam, ainda não sabiam que este tinha entrado no Islam. Marcou-se uma audiência com o Profeta Muhammad para receber os judeus. Abdallah Bin Salam manteve-se escondido. O Profeta recebeu-os na hora marcada e perguntou-lhes: “Qual é a posição de Abdallah Bin Salam entre vós?”. Os judeus responderam: “Ele é um homem nobre e filho de nobre; é um sacerdote e sábio”. Logo Abdallah

Bin Salam saiu de trás da cortina onde estava escondido e disse-lhes o que tinha feito e convidou-os também ao Islam. Isso não agradou nada aos judeus e logo começaram a fazer planos secretos contra Muhammad e incomodavam-no com as suas disputas verbais, assim como tinham feito os seus antepassados com Jesus, (seis séculos antes) depois de o reconhecerem como autêntico Profeta. A história repetia-se de novo. E Deus para avisar os judeus e informar os muçulmanos revelou o segundo capítulo do Alcorão nos versículos 42 até 46, em que Deus lembra aos judeus os favores que lhes fez e diz-lhes para que cumpram a promessa que fizeram a Deus através de Moisés, e que por Sua parte Ele também cumprirá a promessa que Ele fez. Deus ordena-lhes depois para que creiam no Alcorão, que veio confirmar os livros sagrados que possuíam, e para depois de conhecerem a verdade não serem os primeiros a rejeitá-la.

Deus sabia o que estava na mente deles, por isso informou a Muhammad e aos muçulmanos o que eles estavam a planejar. Os judeus estavam determinados a desempenhar o papel duplo. Eles por um lado declaravam serem amigos de Muhammad e ao mesmo tempo estavam ligados aos descrentes, inimigos de Muhammad. O objetivo deles era exilar Muhammad de Madinah assim como foi de Makkah. Eles diziam ao Profeta que se radicasse em Jerusalém e fixasse Madinah como uma estação entre Makkah e Jerusalém. Diziam que Jerusalém era a casa de todos os Profetas, portanto era mais ideal para Muhammad ficar em Jerusalém em vez de Makkah ou Madinah. Mas, em breve chegou a ordem de Deus, para se mudar a Qibla, de Jerusalém para Makkah, o que ainda enfureceu mais os judeus.

## **O PROFETA TOMA A AISHA COMO SUA ESPOSA**

Já foi mencionado que a Aisha, filha de Abu Bakr, já estava comprometida para se casar com o Profeta antes da sua emigração para Madinah. Ela foi com o seu irmão Abdallah para Madinah, onde se celebrou formalmente o casamento com o Profeta. Aisha era a menina mais inteligente de Makkah e Madinah, era muito bela e muito amada pelo Profeta. A sua memória e faculdades de julgamento eram extraordinários. Na história do islamismo ela segue ao grau de Khadija, e em certos casos ela é indispensável; não é possível escrever a história do islamismo sem mencionar o grande serviço que Aisha prestou à religião islâmica. Nos assuntos da prática e procedimentos sobre os preceitos religiosos, as suas palavras narradas sobre o Profeta são absolutamente únicas. O Profeta recomendava particularmente as senhoras para que adquirissem os conhecimentos do islamismo através da Aisha.

## MUDANÇA DA DIREÇÃO DA QIBLA (A GRANDE REVOLUÇÃO)

A oração e a adoração não é somente virar-se para o oriente ou para o ocidente ou qualquer outra direção, a verdadeira oração e adoração é o sentimento, a humildade, a sinceridade que existe no íntimo de cada orador (crente). Ao reconhecer esse fator base, aqueles que acreditam em Deus, o que está a ser adorado, sabendo que Ele não está restrito nem limitado a uma direção fixa, Ele encontra-se em todo o lado, em todas as direções sem qualquer restrição de tempo. Contudo, é necessário definir uma direção para a adoração, isso também para a concentração do coração, da mesma maneira que é preciso fixar uma hora para se ser pontual no serviço da adoração, e só é possível criar a unidade dos indivíduos e povos quando todos adoram da mesma forma e na mesma direção.

Os idólatras de Makkah, apesar de se prostrarem perante os ídolos, tinham a noção de que a Qibla deles era a Kaaba, fundada por Adão e, renovada por Abraão e seu filho Ismael considerado chefe espiritual deles.

Havia ainda os adeptos do livro (judeus e cristãos) que tinham a sua Qibla Jerusalém ou Beit Lahm (Belém). Quando o Profeta Muhammad (S.A.W.S.) estava em Makkah, não quis desconsiderar a Kaaba como Qibla, porém tomou Jerusalém, a Qibla dos Profetas há milhares de anos, como sua Qibla. Em Makkah era possível unir as duas e ele unia, de forma que quando se levantava para as orações, voltava a sua face para o norte, tendo assim a Kaaba à sua frente, e Jerusalém também, por esta se situar ao norte de Makkah, unindo assim a Qibla dos filhos de Ismael e a Qibla dos filhos de Israel (Jacob).

Mas quando ele emigrou para Madinah, aí já não era possível unir as duas, porque Makkah está situada ao sul de Madinah e Jerusalém ao norte.

Tinha que escolher uma das Qiblas, e ele escolheu a Qibla dos Profetas anteriores; dos filhos de Israel, que era a de Jerusalém. Por isso quando o Profeta construiu o Masjid de Madinah a Qibla estava virado para o norte que é a direção de Jerusalém.

Mas esta religião (o Islam) que é considerada como critério para o verdadeiro e o falso, cuja base é o puro monoteísmo, uma religião perfeita, como podia continuar a tomar Jerusalém como Qibla, que também era a Qibla dos politeístas (cristãos e judeus)? E esses são os tais que se encontram divididos

entre eles; uns amaldiçoam aos outros e são aliados dos idólatras, e os judeus são os assassínios dos Profetas. O Islam precisava duma posição clara e distinta desses desviados. Por isso, chegou a altura da mudança da Qibla que, não era só uma questão de mudança de direção, era também uma questão de escolher um «Centro», e um símbolo de unidade.

Desde o tempo de Jacob (Israel) até ao tempo de Jesus Cristo, os filhos de Israel eram responsáveis pela liderança religiosa e espiritual. Por isso, Deus derramou as Suas bênçãos sobre eles, e o seu Centro era Jerusalém. Mas, agora que o Centro de Orientação mudou, e o povo orientador também mudou, é lógico que a Qibla também mudasse, isto porque, a honra para alguém ser orientador dum povo provém só de Deus. E um adorador para onde deve voltar a sua face durante a oração? Isso, só quem está sendo adorado e cuja satisfação é o objetivo, é que tem direito de indicar e decidir a direção.

E como o merecedor de ser adorado é Deus, é Ele que tem o direito de indicar e decidir a direção correta para onde o crente em todas as partes do mundo, se deve voltar na hora da oração. Ele é o Senhor do Oriente e do Ocidente; por essa razão ninguém tem o direito de o interrogar sobre a Sua decisão, de ter preferido a Kaaba como Qibla dos muçulmanos.

E Ele não podia ser injusto com o povo que Ele tinha escolhido anteriormente para ser orientador ao arrancar-lhes essa honra, mas como eles próprios rebelaram-se, massacraram e mataram os Profetas como consta no Alcorão e na própria Bíblia no Novo Testamento:

*“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Construíis sepulcros para os profetas e enfeitais os túmulos dos justos, e dizeis: ‘Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices da morte dos profetas’. Com isso, confessais que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Vós, pois, completai a medida de vossos pais! Serpentes! Víboras que sois! Como escapareis da condenação ao inferno? Vede, eu vos envio profetas, sábios e escribas: a uns matareis e crucificareis; outros açoitareis nas vossas sinagogas e expulsareis de cidade em cidade. Deste modo, recairá sobre vós todo o sangue dos justos derramado na terra, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que assassinastes entre o Santuário e o altar. Em verdade, vos digo: tudo isso vai recair sobre esta geração. ‘Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aqueles que te foram enviados! Quantas vezes eu quis reunir teus filhos como uma galinha reúne seus pintainhos debaixo das asas, mas não quisestes! Vede, vossa*

*casa ficará deserta. 39. Pois eu vos digo: desde agora não mais me vereis até que digais: 'Bendito aquele que vem em nome do Senhor!'" (S. Mateus 23:29 até 39)*

O próprio Alcorão também fala dos crimes praticados pelos judeus em vários versículos; e, o Alcorão diz:

*"Ele jamais mudará as condições que concedeu a um povo, a menos que este mude o que tem em seu íntimo." (13:11)*

Os judeus mudaram-se para o mal, por isso Deus tirou-lhes a honra de serem os orientadores da humanidade.

Portanto, à base da Bíblia (nos versículos acima mencionados) está provado que os judeus foram injustos, e por isso ficaram excluídos da promessa que Deus fez a Abraão de fazer da geração dele os líderes da humanidade:

*"E quando o seu Senhor pôs à prova Abraão, com certos mandamentos, que ele observou, disse-lhe: "Designar-te-ei Imam dos homens." (Abraão) perguntou: E também o serão os meus descendentes? Respondeu-lhe: Minha promessa não alcançará os iníquos." (2:124)*

Além de Deus derramar tantas bênçãos sobre os israelitas, assim como diz o Alcorão, eles foram sempre ingratos, invejosos, faltaram às promessas de Deus, corromperam a religião, vendiam por um preço vil os versículos de Deus, zombavam e massacravam os Profetas, deturpavam as ordens Divinas, adoraram o bezerro, e cometeram muitos outros crimes, e outros inventaram filhos para Deus. A questão agora é: O povo que se porta desta forma é digno de liderar a outros povos? E a seu Qibla pode continuar a ser Qibla para outros povos? Não!

Foi nessa base que Deus ordenou a Muhammad para que voltasse a sua face para a Kaaba nas suas orações. Além de tudo isso, para que fosse uma distinção e símbolo dos muçulmanos. A qualidade distinta do Islam é igualdade geral, a unidade em todos os aspectos, e o mandamento base e essencial do Islam é a oração obrigatória, cinco vezes por dia e o cumprimento dessa oração é recomendada em congregação, transformando milhões de indivíduos numa só unidade. Por isso, é que na oração em congregação há um Imam (líder) cujos movimentos e gestos todos devem segui-lo. Então, torna-se necessário haver unidade no objetivo.

Por isso é que foi definida a Qibla a uma direção. E como o Profeta Muhammad foi considerado o sucessor de Abraão, o destruidor dos ídolos, en-

tão, a sua Qibla também deveria ser a Kaaba, também construída por Abraão, para ser uma recordação de Abraão, o grande monoteísta. Portanto, é lógico o Profeta e os muçulmanos não se associarem aos outros povos que já praticam o politeísmo, na sua Qibla, Jerusalém, isto para termos um símbolo distinto, de continuadores da missão de Abraão - o monoteísmo e a submissão total perante Deus que são na verdade as coisas que Abraão tinha ordenado aos seus filhos antes da sua morte.

Quando os israelitas obedeceram a Deus foram considerados os líderes da humanidade, mas quando se revoltaram Deus tirou-lhes essa honra, e escolheu no lugar deles os filhos de Ismael para liderarem a humanidade, dando-lhes uma Qibla (Kaaba) distinta dos desviados, reconstruída por Abraão e seu filho Ismael, aos quais Deus ordenou, conforme o Alcorão:

*“E estipulamos a Abraão e a Ismael, dizendo-lhes: “Purificai Minha Casa, para os circundantes (da Kaaba), os retraídos, os que genuflectem e se prostram.”*  
**(2:125)**

Em resumo, enquanto o Profeta estava em Makkah, ele unia as duas Qiblas ao fazer a oração, voltando a sua face para o norte, encontrando Jerusalém e a Kaaba ao mesmo tempo. Mas como o objetivo da Qibla era para distinguir e dar um novo símbolo aos crentes, esse objetivo não estava a ser alcançado porque os idólatras de Makkah também tomaram a Kaaba como sua Qibla. Então, para se distinguir deles também, o Profeta fazia as orações junto ao Maqaam Ibrahim (local de Abraão), cujos vestígios ainda hoje existem, e daí voltava-se para o norte (Jerusalém), porque, em comparação aos idólatras, os cristãos e os judeus ainda tinham alguma consideração por Deus ao reivindicarem ser ainda adeptos dos livros sagrados.

Mas em Madinah, após a emigração, já não era possível unir as duas Qiblas. No entanto, o Profeta em Madinah ainda orou para a direção norte (Jerusalém) dezesseis meses, mas sempre ansioso em receber a ordem de Deus para mudar a direção da Qibla para o sul (Kaaba em Makkah) para a Qibla original. Olhava sempre para o céu à espera da chegada do Anjo Gabriel com as ordens da mudança da mesma. E por fim chegou a tão ansiosa ordem, no segundo ano da Hégira, no mês de Shaaban. Este acontecimento consta no segundo capítulo do Alcorão: “Al-Baqarah” (a vaca). a partir do versículo 142.

O ambiente de ansiedade da mudança da Qibla, em que os muçulmanos viviam, era tão forte que, quando chegou a ordem para se virarem para a direção de Makkah, alguns muçulmanos que souberam dessa boa-nova durante a

oração, nem esperaram acabá-la e dentro da mesma voltaram as suas faces para Makkah, fazendo assim metade da oração virados para Jerusalém e outra metade para Makkah (Kaaba)»<sup>1</sup>

Atualmente, Makkah é a Qibla e o centro de mais de um bilhão de pessoas no mundo. Deus deu a Muhammad e seus seguidores a honra de serem continuadores da missão de Abraão; o monoteísmo e a submissão total perante Deus, ao tomarem por Qibla a Kaaba que foi construída por Abraão e seu filho Ismael.

A mudança da Qibla de Jerusalém para Makkah irritou mais os judeus, que intensificaram a propaganda contra Muhammad. O Alcorão relata:

*“A virtude não consiste só em que orientais vossos rostos até ao levante ou ao poente. A verdadeira virtude é a de quem crê em Deus, no Dia do Juízo Final, nos anjos, no Livro e nos profetas; de quem distribuiu seus bens em caridade por amor a Deus, entre parentes, órfãos, necessitados, viajantes, mendigos e em resgate de cativos (escravos). Aqueles que observam a oração, pagam o zakat, cumprem os compromissos contraídos, são pacientes na miséria e na adversidade, ou durante os combates, esses são os verazes, e esses são os tementes (a Deus).” (2:177)*

Os versículos do Alcorão esclarecem este ponto, onde Deus diz que o objetivo principal não é a Qibla. Para adorar a Deus, tanto faz que a pessoa volte a sua face para o oriente ou para o ocidente, ou para qualquer outra direção, porque Deus encontra-se em todos os lados e em todas as direções. A definição da Qibla é apenas para distinguir o símbolo dos monoteístas e o verdadeiro crente do hipócrita (os judeus vieram ter com o Profeta e propuseram-lhe que todos eles converter-se-iam ao islamismo se ele voltasse de novo a orar à Qibla de Jerusalém). Então Deus revelou o versículo acima mencionado, em que diz:

Voltar-se na oração para qualquer direção não é ato de Sawab (recompensa) mas sim a fé e a boa ação de cada um.

## **DELEGAÇÃO CRISTA DE “NAJRAN”**

Enquanto a guerra das palavras entre Muhammad e os judeus se intensificava, uma delegação cristã de “Najran”, composta por sessenta cavaleiros chegou a Madinah. Entre eles havia alguns homens nobres, sábios e líderes religiosos das tribos a quem os imperadores bizantinos protegiam, encorajavam e

<sup>1</sup> Até hoje existe nos arredores de Madinah o Massjid conhecido por “Al-Qiblatain” (o de duas Qiblas).

financiavam nas construções das igrejas. Talvez eles tenham ouvido acerca do conflito entre os judeus e Muhammad, e portanto vieram com a intenção real de aumentar o conflito e a inimizade já existente entre os judeus e Muhammad e fazer com que o conflito chegasse ao ponto culminante, a guerra, para que o país vizinho se sentisse seguro e para que descansasse das conspirações dos judeus e agressões árabes.

Muhammad recebeu-os bem e pessoalmente, servindo-lhes o que desejavam. Eles, por seu turno, trouxeram alguns presentes para o Profeta. Ele deu-lhes a liberdade total de orarem como quisessem na mesquita. Quando chegou a hora da oração, eles (os cristãos) fizeram-na voltados para Jerusalém. Após a oração o Profeta convidou-os a entrarem no islamismo, ‘ponto este que conduziu ao debate público, começando logo a chegar os judeus a fim de participarem também, resultando daí a discussão entre os seguidores das três maiores religiões. Os judeus recusavam obstinadamente a profecia de Jesus como a de Muhammad e diziam que Ezra era filho de Deus. Os cristãos, por seu lado, defendiam a trindade e a divindade de Jesus, e assim prosseguiu a discussão, com recusa recíproca por ambas as partes dos fundamentos de cada um sem qualquer fé autêntica em Deus, como diz o Alcorão:

*“Os judeus dizem: Os cristãos não têm em que se apoiar! E os cristãos dizem: O judeus não têm em que se apoiar!, apesar de ambos lerem o Livro. Assim também os néscios dizem coisas semelhantes. Porém, Deus julgará entre eles, quanto às suas divergências, no Dia da Ressurreição.” (2:113)*

Mas, Muhammad convidava-os a reconhecerem a unidade de Deus (monoteísmo puro), a unidade espiritual da humanidade. Quando eles perguntaram a Muhammad ‘do que ele acreditava, foram revelados os seguintes versículos, que dizem:

*“Cremos em Deus, no que nos foi revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos, e no que, de seu Senhor, foi concedido a Moisés, a Jesus e aos profetas; não fazemos distinção alguma entre eles, porque somos, para Ele, muçulmanos”. (3:84)*

Muhammad disse-lhes que o Islam é a religião de todos os Profetas de Deus, e o que os outros Profetas receberam da revelação de Deus é a mesma verdade eterna que lhe foi revelada, e por ser a verdade, devia ser prontamente reconhecida pelos homens libertados da submissão cega às tradições, das lendas santificadas, dos pais, e dos seus ascendentes. Por natureza, uma tal verdade deve estar aberta e ao alcance de todos.

## CONGRESSO SOBRE AS TRÊS RELIGIÕES

Isto, na verdade, era um grande Congresso realizado em Madinah. Participaram nele as três grandes religiões que hoje dominam o mundo e determinam o seu destino. Eles se uniram para debater uma grande causa e um objetivo nobre, não econômico ou político; era apenas um assunto espiritual. Enquanto o objetivo espiritual dos cristãos e judeus estava motivado por ambições mundanas, políticas e econômicas, o objetivo espiritual de Muhammad era puro e advogado pelo amor à humanidade em geral. Ele foi ordenado por Deus a dirigir os delegados das duas fés (judaísmo e cristianismo) com estas palavras, que o Alcorão diz:

*“Dize-lhes: Ó adeptos do Livro, vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: Comprometamo-nos, formalmente, a não adorar senão a Deus, a não lhe atribuir parceiros e a não nos tomarmos uns aos outros por senhores, em vez de Deus. Porém, caso se recusem, diga-lhes: Testemunhai que somos muçulmanos.” (3:64)*

Quando os cristãos e judeus ouviram esta chamada nada disseram. Os cristãos acreditavam na divindade de Jesus, por ter nascido da Virgem Maria, sem pai. Deus esclareceu-lhes esse ponto no Alcorão:

*“O exemplo de Jesus, ante Deus, é idêntico ao de Adão, que Ele criou do pó, então lhe disse: Seja! E foi. Esta é a verdade emanada do teu Senhor. Não sejas, pois, dos que (dela) duvidam.” (3:59 e 60)*

E para lhes tornar patente de que se encontravam na dúvida, e confundidos nas bases da sua fé, revelou os seguintes versículos:

*“Porém, àqueles que discutem contigo a respeito dele, depois de te haver chegado o conhecimento, diga-lhes: Vinde! Convoquemos os nossos filhos e os vossos, e as nossas mulheres e as vossas, e nós mesmos; então, deprecaremos para que a maldição de Deus caia sobre os mentirosos.” (3:61)*

Após a revelação destes últimos versículos, o Profeta chamou-os para “Mubahala” para aplicarem o que Deus diz nestes versículos, mas eles recusaram-se.

O espírito que é sincero e verdadeiro, dotado de fundamento e emoção cândida, não tem outra alternativa senão acreditar neste chamamento e submeter-se totalmente a Ele (Deus).

Mas a vida humana não é inteiramente dominada por tão nobre disposição. Há ainda a consideração materialista, que faz com que o homem deixe de ser dominado pela outra; ele teme aceitar a verdade, para salvaguardar a posição superior que pensa pertencer-lhe, sofrendo terrivelmente de vaidade e falso orgulho. No Islam, perante Deus, todos são iguais; é mais nobre aquele que O teme mais. Era esta ambição materialista pela riqueza, pelo prestígio mundano e pela eminência social que levou a Abu Haris, o mais sábio de entre a delegação cristã, a dizer a um dos seus amigos, que estava perfeitamente convencido da verdade que Muhammad pregava; e o amigo perguntou-lhe: *“Então porque você não se converte ao Islam?”* Ele respondeu: *“Tendo em conta o que a minha gente faz para mim, não me posso converter ao Islam; eles honram-me, financiam-me e prestam-me o máximo respeito. Eles não querem crer nele, e se eu aceitar Muhammad perderei todos esses benefícios.”*

Os imperadores, reis, comandantes, padres e outros que detêm posições especiais entre a sua gente, são vincadamente anti-islâmicos, especialmente os padres, com receio de perderem os benefícios mundanos, os privilégios, os poderes sobre a população e os direitos hereditários. Foi nessa base que, reconhecendo a veracidade do Islam, os judeus e os cristãos não aceitaram converter-se, acabando o debate sem qualquer dos resultados desejados. Os judeus já tinham acordos feitos com os muçulmanos em Madinah. Os cristãos, apesar de não terem entrado no Islam nesse momento, resolveram não se opor a Muhammad nem às atividades missionárias dos seus seguidores. E valorizando a justiça perfeita das novas ordens do Profeta, pediram-lhe para que nomeasse um muçulmano confiado (Amin) para servir de juiz nas suas disputas na sua terra, e Muhammad enviou com eles Abu Ubaidah Ibn Al Jarrah, com a autoridade judicial. Foi nessa altura que Abu Ubaidah tomou o título de “Amin” desta Ummah (comunidade).

## **OS QURAYSHITAS PREPARAM-SE PARA A GUERRA**

O leitor já sabe que logo após a emigração dos muçulmanos, os Qurayshitas começaram a preparar o ataque a Madinah. Escreveram para Abdallah Bin Ubai, para que matasse Muhammad, senão eles atacariam Madinah, e como provocação Kurz Bin Jaber pilhou os camelos e as ovelhas dos habitantes de Madinah, fugindo depois para Makkah, sem ser capturado. O Profeta compreendeu a seriedade da sua posição.

Por outro lado, os judeus faziam intrigas contra ele, e a caravana que tinha ido à Síria, sob a liderança de Abu Sufiyan, em breve regressaria a Makkah.

Os Qurayshitas, depois de terem feito os lucros no seu comércio, juntariam todos os seus recursos e todo o seu poderio militar para, finalmente, atacarem Muhammad.

Muhammad já estava pressentindo, ao ver a ligação dos judeus com os ídólatras de Makkah, e que os primeiros aproveitariam a oportunidade para se rebelarem também contra ele, em Madinah. Muhammad, como tinha tudo isso confirmado através da revelação, tinha por isso que atuar antes de qualquer ataque desse tipo surgir.

Em todos os seus empreendimentos, o Profeta sempre se antecipou em relação aos seus inimigos, confundindo-os nos seus planos. Começou então a atuar imediatamente, mobilizando os crentes a interceptarem a caravana liderada por Abu Sufiyan e ameaçarem o seu regresso. Assim, os Qurayshitas seriam forçados a dividir a sua tropa em duas partes, uma para defender a caravana e outra para lutar contra Muhammad, no caso de eles

quererem a guerra.

Muhammad sempre esteve disposto a fazer a paz com os Qurayshitas, mas não estava pronto para sacrificar a sua fé ou abandonar os seus seguidores. Ele planejou confundir os Qurayshitas, e para executar esse plano enviou primeiro a Tal-a Bin Ubaidallah e a Saad Bin Zaid para trazerem notícias acerca do regresso da caravana de Abu Sufiyan da Síria. Estes chegaram a Al-Hamra e ficaram junto ao acampamento de Kashd Al-Juhany, em seguida regressaram de imediato para Madinah, para darem a Muhammad as informações pedidas.

Quando Abu Sufiyan chegou a Al-Hamra perguntou a Kashd Al-Juhany sobre algum emissário de Muhammad; Juhani não lhe revelou nada. Abu Sufiyan, que era um homem astuto, já tinha conhecimento da saída de Muhammad para interceptar a sua caravana quando da ida à Síria, concluiu logo que os muçulmanos seriam capazes de tentar interceptar a sua caravana agora no regresso. Para evitar essa situação, ele enviou Damdam Ibn Amr Al-Ghaffari a Makkah com a mensagem de que Muhammad queria interceptar a sua caravana, a fim de que os Qurayshitas enviassem homens para defender a caravana. O Damdam chegou rapidamente a Makkah, cortou as orelhas, o nariz e outras partes do corpo do seu camelo para que o animal sangrasse, rasgou a sua túnica à frente e atrás e entrou em Makkah, estando de pé em cima do seu camelo, a gritar: *“Ó Qurayshitas! A vossa propriedade com Abu Sufiyan está em perigo. Ele e a caravana estão a ser interceptados por Muhammad e seus companheiros! Eu não os vi capturá-la! Socorro! Socorro!”*

## **A GRANDE BATALHA DE BADR -MÊS DE RAMADAN, ANO 2 DE HÉGIRA-**

Quando o rumor se propagou de que os muçulmanos saíram de Madinah para interceptar a caravana dos Qurayshitas, liderada por Abu Sufiyan (em que todos os habitantes de Makkah participaram monetariamente), a nuvem da ira levantou-se com muita força, envolvendo a Arábia toda.

Quando Abu Jahal ouviu essa notícia, convocou toda a gente à Kaaba para se prepararem para uma grande marcha até Madinah. Abu Jahal era um homem duro, ninguém tinha a coragem de o desobedecer e discordar dele. Contudo, os habitantes de Makkah estavam divididos na decisão deste assunto. Uns tinham receio de, no caso de saírem todos, seriam atacados por detrás pela tribo Banu Bakr, que eram seus antigos inimigos, desde a guerra de “Harbul Fijar”. Porém, Malik Bin Jushum levantou-se e garantiu que não aconteceria nada desse tipo. Então, saíram todos os líderes dos Qurayshitas em marcha para esmagarem Muhammad. Abu Lahab não conseguiu ir e mandou um seu representante; um outro líder, Umayyah Ibn Khalaf também estava a ficar atrás (não queria participar), mas Abu Jahal forçou-o, dizendo: “És uma mulher, devias pôr o “Kuhl” nos olhos”. E ele, envergonhado, foi também, não ficando atrás nenhum homem capaz de combater. Todos os líderes Qurayshitas que tinham conspirado contra a vida de Muhammad em Makkah estavam presentes, exceto Abu Sufiyan, que estava a liderar a caravana.

### **FORÇA DOS QURAYSHITAS EM BADR**

A força dos Qurayshitas era de mil combatentes, dos quais setecentos estavam montados nos camelos e os outros trezentos montados em cavalos; estavam todos bem armados, tinham escudos, setas, espadas e outros armamentos de guerra; treze homens foram encarregados de alimentar o exército; com eles levaram centenas de camelos para transportarem as provisões e também para servirem de alimento (os camelos) aos soldados, uma vez que tinham um longo percurso. Degolavam diariamente dez camelos para comerem. Utbah Bin Rabia, um chefe Qurayshita muito respeitado, foi nomeado comandante do exército. O exército chegou a Badr, onde soube que a caravana de Abu Sufiyan, que vinha da Síria, tinha escapado do perigo. Abu Sufiyan enviou uma mensagem dizendo que Deus tinha salvo a sua caravana de ser interceptada por Muhammad, e que por isso já não era necessário que os combatentes atacassem Madinah.

Alguns líderes Qurayshitas das clãs Zuhra e Adi decidiram então que

não seria necessário combater e regressariam a Makkah com a sua gente, mas Abu Jahal recusou-se dizendo orgulhosamente: *“Por Deus, nós não voltaremos, acamparemos em Badr e ficaremos lá três dias, degolaremos os camelos, festejaremos e beberemos do vinho, e os músicos cantarão para nós, e todos os árabes ouvirão da nossa façanha, da nossa grande congregação e temer-nos-ão para sempre.”*

Badr fica situada a cento e vinte quilômetros de Madinah. É uma vila que ainda hoje existe no caminho de Makkah; era um mercado árabe no deserto, onde se realizavam as feiras, anualmente. Abu Jahal, com essa sua atitude obstinada, quis fazer a história, para que no futuro os poetas árabes o elogiassem por sua grande valentia como campeão dos Qurayshitas. E como eles tinham chegado antes no vale de Badr com a intenção de marcharem até Madinah, acamparam nos lugares mais adequados do vale.

## **MUHAMMAD COM O SEU PEQUENO GRUPO DE 300 HOMENS**

O Profeta Muhammad quando saiu de Madinah tinha consigo uns 313 homens. As datas apontadas pelos historiadores divergem entre si: 2, 3 e 12 de Ramadan do ano 2 da Hégira (esta última é a mais provável).

Os muçulmanos possuíam apenas 70 camelos e dois cavalos, em que estavam montados Zubair e Miqdad; cada camelo transportava três pessoas, por turnos, e poucos homens tinham armas, os restantes traziam espadas. Quando saíram para fora da cidade, o Profeta examinou a tropa dos muçulmanos e reparou que nela estavam alguns menores, que não estavam em condições de lutar. O Profeta ordenou-lhes que regressassem a Madinah, mas Umayr Abi Waqass não aceitou e, chorando, insistiu em ir com a tropa e o Profeta autorizou-o.

O camelo em que o Profeta montou não era exclusivo para ele, era a regra geral; nesse camelo também montavam 3 ou 4 homens. Excluindo os menores, apenas ficaram 303 a 307 homens, dos quais 83 eram Muhajerin, 61 de Aus e os restantes de Khazraj. Chegaram ao vale da Dhafirán, passando por Al-Rawha, onde ouviram sobre o grande exército mobilizado por Abu Jahal, constituído por quase todos os homens de Makkah que tinham possibilidade de combater.

O Profeta designou Abdallah Ibn Umm Maktum para dirigir as orações na sua ausência em Madinah e, como não confiava nos judeus e nos hipócritas, ordenou ao Abu Lubaba de Al-Rawha para governar Madinah, enquanto ele estivesse ausente.

## REGRESSO DE MUHAMMAD AO PONTO DO INÍCIO

Tinha surgido uma nova situação: interceptar a caravana de Abu Sufiyan com um número muito pequeno de homens armados, era diferente de enfrentar um exército bem equipado. Muhammad tinha ordens de Deus para que consultasse sempre os seus companheiros antes de decidir assuntos importantes. Porém, o deserto não era o local apropriado para tais consultas. Então regressou ao seu ponto de início (**O ponto de início costumava ser fora da cidade, local de concentração de qualquer missão.**) e convocou uma reunião, na qual consultou os membros da sua expedição a respeito das notícias recebidas sobre o exército de Abu Jahal, que saiu para aniquilar os muçulmanos e que já tinha chegado a Badr. O Profeta informou-os da grave situação em que eles estavam e quis ouvir a opinião dos seus companheiros. Abu Bakr e Omar apresentaram as suas ideias de combater os descrentes. E o Profeta disse, dirigindo-se às pessoas em geral:

*“Dai-me as vossas opiniões”.*

Al-Miqdad Bin Amr levantou-se e disse:

*“Ó Profeta de Deus, marcha para a frente. Assim como Ele te guiou nós estamos contigo, por Deus! Nós não te diremos como os filhos de Israel disseram a Moisés: «Vai tu e teu Deus e luta, nós permaneceremos aqui sentados»; nós estamos contigo, combateremos contra eles, da frente, da direita, pela esquerda e por trás».*

Depois do discurso de Al-Miqdad ficaram todos em silêncio. O Profeta disse de novo:

*“Dai-me a vossa opinião, ó gente!”.*

Os três que tinham acabado de falar, eram Muhajerin. Ele desejava agora a opinião dos Ansar, para quem estava a olhar. Porque na convenção de Al-Aqaba os Ansar prometeram protegê-lo como protegem os seus filhos e suas mulheres sempre que alguém os atacasse em Madinah. Esta ação era fora de Madinah, por isso ele queria ouvir a opinião deles. Então, Saad Bin Mu’adh, líder de Aus, reparando que o Profeta se referia a eles, perguntou-lhe:

*“É a nós que te referes, ó Profeta?”*

O Profeta respondeu-lhe que sim. Ele levantou-se e dirigiu as seguintes palavras ao Profeta:

*“Na verdade nós acreditamos em ti e confirmamos a verdade que trouxeste (o Alcorão). Prometemos-te ouvir e obedecer, portanto, marcha para a frente, para aquilo que Deus te ordenou, nós estamos contigo. Juro por Aquele que te enviou com a Verdade, se nos conduzires (capitanear) para o mar, nós entraremos nele contigo e nenhum de nós ficará atrás, aconteça-nos o que acontecer no dia seguinte, nas mãos dos nossos inimigos, porque somos pacientes na guerra e verdadeiros no momento do confronto, temos esperanças que Deus te mostrará das nossas ações coisas que te agradarão. Portanto, conduz-nos com a bênção de Deus.”* Saad estava prestes a acabar o seu discurso e a face do Profeta tornara-se radiante, com satisfação e regozijo!

O Profeta disse depois: “Marchai e tomai a boa-nova que Deus me prometeu um dos dois grupos” (ou a caravana de Abu Sufiyan ou vitória sobre o exército de Abu Jahal). Até esse momento os muçulmanos não sabiam que Abu Sufiyan escaparia deles.

## **MUHAMMAD MARCHA PARA BADR -MÊS DE RAMADAN, ANO 2 DEPOIS DE HÉGIRA-**

Iniciou-se então a marcha. Quando chegaram perto de Badr, Muhammad enviou Ali Bin Abi Talib, Zubayr Bin Awwam e Saad ibn Abi Waqqas a fim de trazerem notícias do inimigo. Estes coincidiram encontrar-se com dois rapazes, escravos de Quraysh, encarregados de lhes fornecerem água. Os muçulmanos capturaram-nos e levaram-nos diante do Profeta.

O Profeta estava a orar. Quando acabou, perguntou-lhes acerca dos Qurayshitas, e eles informaram que eles tinham acampado atrás da montanha de Badr, do outro lado. O Profeta perguntou-lhes o número de homens do exército Qurayshita, mas eles não sabiam o número exato. O Profeta perguntou-lhes então, quantos camelos eles degolavam por dia. Eles responderam que degolavam nove a dez camelos, alternadamente. À base desta resposta Muhammad concluiu que os Qurayshitas deveriam ter entre novecentos e mil guerreiros. O Profeta perguntou ainda aos dois rapazes, quem é que estava com eles, dos chefes e nobres de Makkah? Eles mencionaram grande número desses chefes. Então, o Profeta disse aos seus companheiros: «Eis Makkah, para vos confrontar com todos os Seus filhos numa só unidade!» Portanto, ele pensou que era absolutamente necessários aos muçulmanos mobilizarem todos os esforços e prepararem-se para uma dura batalha, em que só os que tinham fé em Deus sairiam vitoriosos.

## A CARAVANA DE ABU SUFIYAN ESCAPA

Assim como Ali e seus companheiros trouxeram dois rapazes que informaram aos muçulmanos acerca do exército Qurayshita, dois outros muçulmanos foram noutra direção, no local onde existia a água de Badr (poço) para se informarem da caravana de Abu Sufiyan. Encontraram-se com duas moças que discutiam; através dessa discussão souberam que a caravana de Abu Sufiyan estaria nesse local no dia seguinte. Elas discutiam, uma exigindo o dinheiro que a outra lhe devia, esta dizendo que lhe iria pagar no dia seguinte quando lá chegasse a caravana de Abu Sufiyan onde iria trabalhar e do fruto desse labor pagar-lhe-ia.

Depois de escutarem a conversa das moças, os dois muçulmanos que tinham assentado os seus camelos num montículo próximo do poço de água, regressaram imediatamente para informar a Muhammad tudo o que tinham escutado.

Abu Sufiyan, que era muito esperto e não podia ser capturado com tanta facilidade, quando a sua caravana se aproximou da área referida, ele deixou-a de parte e adiantou-se pessoalmente para Badr, a fim de obter informações do movimento dos muçulmanos. Quando já chegou, perguntou ao guarda da água, chamado Majdi, se tinha visto alguém nos arredores? Majdi respondeu-lhe que tinha visto duas pessoas que tinham os seus camelos assentados no montículo próximo para obterem a água e mostrou-lhe o local. Abu Sufiyan aproximou-se do referido local e apanhou alguns excrementos dos camelos dos muçulmanos, examinou bem e viu que os excrementos continham grãos que ele reconheceu serem da colheita conhecida, da Arábia, por ser produzida em Madinah.

Voltou rapidamente ao lugar onde tinha deixado a sua caravana, alterou o percurso e dirigiu-se mais para a costa do mar, conseguindo assim fugir aos muçulmanos. Foi nessa altura que ele enviou uma mensagem a Abu Jahal, informando ter escapado. Os muçulmanos que ainda esperavam encontrar-se com a caravana de Abu Sufiyan, no dia seguinte souberam de que ele estava fora do seu alcance. E agora? Não havia outra alternativa senão combater o exército dos Qurayshitas, porque se Muhammad voltasse sem a vitória a Madinah havia o receio de os Qurayshitas e os judeus interpretarem isso como uma fraqueza de Muhammad, e quererem tirar vantagem disso. Nesse caso ele teria de se comprometer, e talvez sofrer uma tirania judaica em Madinah, assim como sofreu em Makkah com os Qurayshitas. Numa eventualidade dessas, como é que a revelação da verdade e da religião de Deus poderiam ter êxito ou alcançar a vitória? Por isso havia necessidade de combater esse exército para Deus distinguir o bem e o verdadeiro do mau e falso.

A batalha estava já pré-determinada por Deus e Muhammad sabia-a através da revelação. A batalha de Badr foi travada pela ordem de Deus, que assim quis que acontecesse, por isso nenhuma das partes podia faltar, como diz o Alcorão:

*“Tal como, em verdade, quando o teu Senhor te ordenou abandonar o teu lar, embora isso desgostasse alguns dos fiéis. Discutem contigo acerca da verdade, apesar de a mesma já lhes haver sido evidenciada, como se estivessem sendo arastados para a morte, e a estivessem vendo. Recordai-vos de que, quando Deus vos prometeu que teríeis de combater um dos dois grupos, desejastes enfrentar o desarmado. E Deus quis fazer prevalecer a verdade, com as Suas palavras, e exterminar os incrédulos, Para que a verdade prevalecesse e desaparecesse a falsidade, ainda que isso desgostasse os pecadores.” (8:5 até 8)*

Outros versículos do Alcorão dizem:

*“Recordai-vos de quanto estáveis acampados na rampa, do vale, mais próxima (a Madinah), e eles na mais afastada, e sua caravana se encontrava mais abaixo.” (8:42)*

Estes versículos indicam-nos que houve um certo tempo em que os muçulmanos, o exército dos Qurayshitas e, por outro lado, a caravana de Abu Sufiyan estavam todos muito próximos uns dos outros. E a seguir o Alcorão afirma:

*“Se tivésseis marcado um encontro com o inimigo, ter-vos-íeis desencontrado - e os enfrentastes para que Deus cumprisse Sua decisão prescrita, a fim de que perecessem aqueles que, com razão, deveriam sucumbir, e sobrevivessem aqueles que, com razão, deveriam sobreviver; sabeis que Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo.” (8:42)*

Com estes versículos está claro que haviam certos muçulmanos que não queriam a guerra, queriam interceptar a caravana de Abu Sufiyan, Mas Deus não quis isso, quis que eles enfrentassem o exército dos Qurayshitas, para que o assunto entre o Islam e a descrença ficasse resolvido de uma vez para sempre, logo no segundo ano da Hégira, e isso sucedeu de acordo com a vontade de Deus.

## **A BATALHA DE BADR E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS**

*“Tivestes um exemplo nos dois grupos que se enfrentaram.” (3:13)*

Outra parte do Alcorão chama esse dia por:

*“No Dia do Discernimento, em que se enfrentaram os dois grupos.” (8:41)*

O dia em que ocorreu a Batalha de Badr (mais ou menos no dia 14 de janeiro de 614) é o dia mais distinto e decisivo na história do islamismo. Imaginem se nesse dia os muçulmanos perdessem a batalha, não teriam sobrevivido aos massacres dos descrentes e dos judeus, e o Islam teria desaparecido da superfície da terra. Assim como o próprio Profeta no dia da batalha orava com muita humildade a Deus dizendo: *“Ó meu Deus, cumpre hoje a promessa que me fizeste»*. Às vezes prostrava-se e levantava as mãos dizendo: *“Ó meu Deus, se hoje estes poucos homens forem aniquilados nunca mais serás adorado (como deve ser) até o Dia da Ressurreição»*.

A vitória dos muçulmanos nesse dia foi uma grande prova da veracidade da profecia de Muhammad. Ele já tinha dito de antemão que Deus lhe tinha prometido um dos dois grupos, ou a caravana ou a vitória sobre o exército dos Qurayshitas, e o Profeta teve a vitória sobre o exército, depois da caravana ter-se escapado.

Portanto, isso prova que ele é um Profeta verdadeiro, segundo diz também a própria Bíblia, no Deuteronômio 18, 21-22:

*“Se disseres a ti mesmo: como posso eu distinguir a palavra que não vem do Senhor? Quando o profeta tiver falado em nome do Senhor, se o que ele disse não se realizar, é que essa palavra não veio do Senhor. O profeta falou presunçosamente. Não O temas.”*

Querem ainda os inimigos mais provas que estas? Não só esta predição, mas todas as outras que o Profeta fez provaram-se verdadeiras.

## **O ACAMPAMENTO DOS MUÇULMANOS EM BADR**

O exército dos Qurayshitas tinha chegado a Badr, ocupou os melhores lugares, mais adequados e de boas posições. Os muçulmanos quando lá chegaram tiveram que acampar num local onde nem sequer havia água e era de tal modo arenoso que, as patas dos camelos se afundavam na areia. Então, Hubab Bin Mundhir, um homem com muita experiência na arte de guerra, foi ter com o Profeta e perguntou-lhe: - *Ó Profeta de Deus! Este local escolhido para o nosso acampamento, foi definido pela inspiração (revelação) ou foi uma Ideia pessoal?* - O Profeta respondeu: *“Foi uma Ideia pessoal e não definido pela revelação”*. - Hubab Bin Mundhir disse: *“Seria melhor que nos adiantássemos e nos apoderássemos da fonte de água que lá existe, e construíssemos uma represa (tipo*

*de uma lagoa) para nela juntarmos a água da chuva*". A sugestão de Hubab foi aprovada pelo Profeta e, foi posta em prática, e quando chegaram ao local onde iriam acampar começou logo a chover. Eles fizeram então as valas (lagoa) para juntarem toda a água para servir na ablução e no banho, etc. O Alcorão fala-nos dessa passagem deste modo: - *"Enviou-vos água do céu para, com ela, vos purificardes, livrardes da imundice de Satanás, e para confortardes os vossos corações e afirmardes os vossos passos"*. (Cap. 8, verso 11)

Depois de já se terem apoderado da fonte da água, o Profeta foi tão misericordioso que não proibiu aos próprios inimigos sequiosos de aproveitarem essa água.

Saad Bin Mu'adh disse ao Profeta: *"Ó Profeta de Deus! deixa-nos construir uma barraca para ti, para ficares nela e prepararmos para ti alguma montaria antes de nos ocuparmos na guerra. Se Deus nos der força e sairmos vitoriosos, isso será bom, é o que nós gostaríamos que acontecesse, mas se for o contrário, montarás essa montaria e unir-te-ás às fileiras traseiras da nossa força e regressarás para casa. Há muitos muçulmanos que ficaram atrás, em Madinah, que não te amam menos do que nós. Ninguém esperava que a nossa expedição se transformasse num ato de guerra. Se eles (que ficaram atrás) soubessem isto, não se deixavam ficar sem virem junto. Eles pensaram que a expedição fosse apenas para interceptar a caravana de Abu Sufiyan. Quando tu regressares a Madinah eles estarão lá para te proteger, dar-te-ão opiniões e combaterão ao teu lado*». Muhammad agradeceu a Saad pelas suas amáveis palavras e orou por ele.

E segundo a sugestão de Saad Bin Mu'adh, líder de Aus, construíram uma barraca para o Profeta, para que ele estivesse mais à vontade, orasse nela e a partir daí orientasse a guerra. Era já noite, e todos os muçulmanos descansavam. Apenas uma pessoa (o Profeta) se manteve acordada toda a noite, orando até à manhã seguinte, quando chamou a todos à oração e a seguir dirigiu palavras sobre as virtudes de martírio na causa de Deus.

Quando a batalha se iniciou Saad ficava de guarda à barraca, não deixando ninguém se aproximar dela. Isto demonstra o grande amor dos crentes para com o seu Profeta.

Em número eram inferiores e tinham o receio da derrota, por isso pensaram em proteger o Profeta, para que ele não caísse como cativo nas mãos dos inimigos.

Os Qurayshitas estavam num local mais elevado e quando viram o pequeno número de 300 crentes, sem qualquer abrigo, ficaram satisfeitos e certos da vitória, pensando que os dias dos muçulmanos estavam contados. Mas, por outro lado, o Profeta não estava preocupado com o aspecto material ou com o número inferior dos crentes. Ele estava mais preocupado com a oração a Deus, porque sabia que, quem dá a vitória é Deus e não o armamento. Deus que lhe deu a vitória e a Abu Bakr, salvando-os da boca da morte na montanha «Sour», decerto que os socorreria agora também.

Por isso, voltou-se em direção da Kaaba, prostrou-se diante de Deus e humildemente começou a orar, pedindo o perdão dos pecados dos seus companheiros e a realização da promessa que Deus lhe tinha feito e suplicou o Seu socorro, dizendo: *“Ó meu Deus, eis os Qurayshitas, com os seus amigos, para Te desafiares e ao Teu Mensageiro. Ó Deus! Quero a ajuda que me prometeste, ó Deus! Se este nosso pequeno grupo for aniquilado, não restará ninguém para Te adorar».*

Ele repetiu estas últimas frases tantas vezes, e de tal forma concentrado nisso, que várias vezes o manto lhe caiu do ombro, mas ele não tinha noção disso. Abu Bakr tomava a cobrir o seu ombro, dizendo: *“Chega, que Deus já ouviu a tua oração e Ele cumprirá a Sua promessa”.*

O homem que atingiu o ponto mais elevado dos céus durante a ascensão (Mi'raj) estava agora a chorar, humildemente com a sua face colocada na terra.

A seguir um leve sono apoderou-se do Profeta e, nele recebeu a resposta da sua oração. Despertou satisfeito, saiu para fora e disse aos crentes: *“Logo, a multidão será debelada e debandará”* (54:45).

E dirigiu as seguintes palavras: *“Por Aquele em cujas mãos está a vida (alma) de Muhammad, todo aquele que de entre vós lutar contra eles hoje e for morto enfrentando o inimigo e não lhe voltando as costas (ao inimigo), terá certamente o Paraíso como recompensa”.*

Os crentes ficaram contentes e entusiasmados ao ouvirem essas palavras do Profeta. O Paraíso já estava à frente deles. Um dos crentes “Umair Bin Haman” quando ouviu essa boa nova estava com um cacho de tâmaras na mão, a comer. Mal começou a batalha, afirmou: *“Entre mim e a entrada no Paraíso só estão estes (os descrentes) para me matarem”.* Deitou fora as tâmaras, levou a espada na mão e lutou até que foi morto (Mártir).

## DESCRIÇÃO DA GRANDE BATALHA DE BADR

-ANO 2 APÓS A HURA, 624 D.C. -

Muhammad tinha dado duras ordens aos muçulmanos para que eles não fossem os primeiros a atacar e foi assim que ele procedeu em todas as guerras. Os Qurayshitas estavam impacientes, mas neles havia alguns pacíficos que queriam evitar a guerra, mesmo no último momento, como por exemplo Hakim Bin Hizam e Utbah. Mas Abu Jahal não aceitou e convidou o Amir Hadrami, irmão de Hadrami, que foi morto por uma seta dos muçulmanos, dois meses antes, na expedição de “Nakhla”, para se vingar da morte do irmão. Amir levantou-se, rasgou a sua roupa, conforme a tradição árabe, “Jahiliyah” (ignorância), e começou a gritar “Wa Omarah” invocando a vingança da morte do seu irmão. O Profeta já tinha feito as fileiras onde os crentes estavam bem alinhados.

Antes da guerra começar fortemente saiu das fileiras dos descrentes Aswad Bin Abdul Makhzumi e avançou para quebrar e destruir a linha do abastecimento de água dos muçulmanos. Então, Hamza apareceu e aniquilou-o, sem ele ter feito qualquer estrago. Depois começou a guerra por desafio (um contra o outro, individualmente). Saíram três homens das fileiras dos descrentes, chamados Utbah, Chaiba (dois filhos de Rabia) e Walid, filho de Utbah, desafiando os muçulmanos para um combate individual. Da parte dos muçulmanos saíram três jovens de Madinah, mas os descrentes de Makkah não aceitaram porque esses eram naturais de Madinah.

E gritaram: *“Ó Muhammad, envia para combater contra nós homens iguais a nós (de entre a nossa gente), muçulmanos naturais de Makkah (emigrantes).”* O Profeta ordenou ao seu tio, Hamza, que lutasse contra Shaiba, Ali contra Walid e Ubaidah Ibn Al-Haris contra Utbah. Hamza e Ali mataram os seus adversários num instante e logo a seguir Ali matou Utbah que tinha ferido gravemente Ubaidah Bin Haris. Ali, satisfeito com o seu sucesso, carregou Ubaidah, que estava ferido, e pô-lo deitado perante o Profeta. Muhammad deu-lhe a Boa Nova do Martírio. Os Qurayshitas, quando viram que os seus três homens tinham sido mortos logo de início, avançaram em força, generalizando a batalha. A batalha foi numa manhã de sexta-feira, dia 17 de Ramadan, É o dia semelhante ao que começou a Revelação do Alcorão.

Apesar de Muhammad já ter recebido garantias da parte de Deus, da vitória, juntamente com o apoio dos anjos, mesmo assim o Profeta não deixou de seguir as regras gerais da guerra: Formaram-se fileiras, criou-se disciplina, etc.; e

assim estavam as duas troças, frente a frente, como diz o Alcorão.

*“Tivestes um exemplo nos dois grupos que se enfrentaram: um combatia pela causa de Deus e outro, incrédulo, via com os seus próprios olhos o (grupo) fiel, duas vezes mais numeroso do que na realidade o era; Deus reforça, com Seu socorro, quem Lhe apraz. Nisso há uma lição para os que têm olhos para ver.”*  
**(3:13)**

Estavam os dois exércitos frente a frente. Mas, que comparação entre um e outro? Já viu ou ouviu alguém falar de alguma guerra igual?

De um lado, 300 homens a pé, mal armados, contra mil homens montados e bem armados. Mas o moral dos muçulmanos estava muitíssimo elevado, e a força moral é sempre superior, sabendo que estão a lutar por uma causa justa, ao poder material; esta força moral foi fortificada com a fé em Deus, pois eles sabiam que tinham a seu lado um General inspirado (Muhammad). Portanto, só o poder material, sem fé, não pode combater a fé e o elevado moral.

E isso pode acontecer também nos nossos dias. É a respeito de tais crentes, de moral elevado, que Deus diz no Alcorão: *“Ó Profeta, estimula os fiéis ao combate. Se entre vós houvesse vinte perseverantes, venceriam duzentos, e se houvessem cem, venceriam mil do incrédulos, porque estes são insensatos.”*  
**(8:65)**

Os descrentes nunca podiam igualar-se aos verdadeiros crentes.

Quando a guerra se generalizou, os descrentes lutavam confiando no seu poder militar, enquanto que do outro lado, estava o Profeta Muhammad prostrado, na terra, procurando só o apoio de Deus. Era o mesmo Muhammad que, na ocasião de Mi'raj (Ascensão), tinha chegado ao ponto mais elevado dos céus e agora estava com a sua face na terra clamando humildemente a ajuda de Deus. Podem, porventura igualar-se estes dois grupos? Não, nunca! O moral dos muçulmanos era tão elevado que eles realizaram prodígios de valor que enche, mesmo hoje, de espanto qualquer audiência.

E, como todos ainda recordavam as maldades e os massacres de Abu Jahal (o pai da ignorância) o maior inimigo de Deus perpetrados contra os muçulmanos, e em particular contra o próprio Profeta – alguns elementos na tropa islâmica particularmente nos Ansar queriam atacá-lo, tendo feito mesmo um juramento nesse sentido, apesar de nem o conhecerem.

Abdul-Rahman Bin Auf conta: - Eu estava na fileira; de repente, vi dois jovens de entre os Ansar (irmãos) ao meu lado direito e esquerdo tendo um desses me perguntado: - Onde está Abu Jahal? Ainda não lhes tinha respondido quando surge outro a fazer-me a mesma pergunta. Eu indiquei-lhes uma direção. Ato contínuo, eles atiraram-se a ele como águas. Abu Jahal, que estava todo vestido com armaduras de ferro, e tinha somente descobertas as canelas dos pés, viu-se no chão. Muadh com um golpe de espada cortou-lhe a perna obrigando-o a cair.

Entretanto apareceu Ikramah, o filho de Abu Jahal por detrás, e bateu a Muadh com a sua espada no ombro esquerdo, de maneira que o braço de Muadh ficou semi-cortado, balançando. Mesmo naquele estado, Muadh continuou a lutar; vendo que o braço pendurado lhe dificultava a sua luta, meteu-o debaixo do pé e puxou com força para separá-lo do seu corpo, ficando assim mais livre para continuar a luta. Pode alguém apresentar exemplo igual?

Os muçulmanos estavam a concentrar os seus ataques aos líderes dos descrentes, que eram a causa de todos os males, pois não aceitavam a verdade e não deixavam que outros a aceitassem. Uma vez eliminados, o caminho ficaria aberto para que os árabes, conscientemente e com próprio juízo, abraçassem o Islam. Isso veio a acontecer mais tarde; até porque muitos que pertenciam ao exército dos Qurayshitas foram forçados pelos chefes a lutarem contra Muhammad.

O Profeta mencionou até os seus nomes. No entanto, Bilal procurava o seu antigo senhor, Umaiya Bin Khalaf, um dos chefes dos idólatras, que o tinha massacrado muito quando abraçou o Islam. Logo que o localizou perseguiu-o e matou-o juntamente com o seu filho Ali.

Os muçulmanos, moralizados, gritando Allahu Akbar, Allahu Akbar (Allah é o maior), atacaram os inimigos por todos os lados. A movimentação deles é das suas espadas era tão rápida que parecia obra de uma força sobrenatural a guiá-los. Num dos momentos finais, Muhammad levou uma mão cheia de areia e recitou alguns versículos do Alcorão, atirando-a em seguida na direção dos Qurayshitas, ordenando aos seus companheiros que continuassem firmes.

Quando a maior parte dos líderes descrentes já estavam mortos, o seu exército foi forçado a recuar em debandada deixando para trás os seus mortos e feridos, e os muçulmanos perseguiram-nos para os prenderem. Assim, de entre catorze líderes Qurayshitas que tinham conspirado para matar Muhammad em Makkah, onze foram mortos em Badr. Eis os nomes de alguns deles: Abu Jahal, Umaiya, Shaiba e Nadr Bin Haris.

## A GUERRA DE BADR NO ALCORÃO

*“Tivestes um exemplo nos dois grupos que se enfrentaram: um combatia pela causa de Deus e outro, incrédulo, via com os seus próprios olhos o (grupo) fiel, duas vezes mais numeroso do que na realidade o era; Deus reforça, com Seu socorro, quem Lhe apraz. Nisso há uma lição para os que têm olhos para ver.”*  
**(3:13)**

E recordai, quando Deus vos prometeu a vitória sobre uma das facções, e vós haveis desejado a facção que não estava armada, mas Deus quis atestar (provar) a verdade com Suas palavras e ainda exterminar os descrentes até à raiz. Para fazer prevalecer a verdade e denunciar a falsidade, embora tudo isso desgostasse os malfeitores. E de quando implorastes o socorro de vosso Senhor e Ele vos atendeu, dizendo: - *“Apoiar-vos-ei com mil Anjos que se sucederão sem intervalo”*.

Deus, apenas fez isto para trazer aos vossos corações a alegria e a confiança, pois toda a vitória vem de Deus, porque Deus é poderoso e sábio. Lembrai-vos do momento em que, como sinal de segurança, vos envolveu no sono e enviou-vos água do céu para com ela vos purificar, para livrar-vos da tentação de satanás e fortalecer-vos o coração e tornar firme os vossos passos. E quando o teu Senhor disse aos anjos: *“Na verdade, Eu estou convosco. fortificai os crentes! Logo, infundirei o terror nos corações dos incrédulos e vós batei-os nas nuças e nas juntas dos dedos”*.

Tudo isto, porque se opuseram a Deus e ao Seu Apóstolo, e saiba, quem se opõe a Deus e Seus mensageiros, que Deus é severíssimo no castigo. Tal é o castigo pela oposição, provai-o pois, e sabei que aos descrentes reservamos o tormento infernal.

*“Ó fiéis, quando enfrentardes (em batalha) os incrédulos, não lhes volteis as costas. Aquele que, nesse dia, lhes voltar as costas - a menos que seja por estratégia ou para reunir-se com outro grupo - incorrerá na abominação de Deus, e sua morada será o inferno. Que funesto destino! Fê-lo para que saibais que Deus desbarata as conspirações dos incrédulos. (Ó incrédulos) se imploráveis a vitória, eis a vitória que vos foi dada; se desistirdes, será melhor para vós; porém, se reincirdes, voltaremos a vos combater e de nada servirá o vosso exército, por numeroso que seja, porque Deus está com os fiéis.”* **(8:15 até 19)**

Mais adiante neste mesmo capítulo Deus fala em pormenor sobre esta batalha decisiva.

Esta foi a grande batalha de Badr, que estabeleceu o poder islâmico na Península Árabe e o começo do movimento para unir os árabes e todos os crentes do mundo sob a liderança islâmica, a partir do qual teve início a criação de um vasto Império Islâmico, que espalhou pelo mundo uma civilização que, até hoje, tem desempenhado e continuará a desempenhar um papel importante na história do Universo.

Os inimigos foram derrotados vergonhosamente. 300 muçulmanos derrotaram 1.000 inimigos bem equipados. Viram qual foi o fim dos inimigos de Deus? Foram mortos 70 e outros 70 presos, totalizando 140 baixas, enquanto que, da parte dos muçulmanos, tornaram-se mártires 14 homens.

Os materialistas ocidentais ficam perplexos ao constatarem estes fatos. Como é possível? Mas, com o apoio de Deus, tudo é possível, e Deus já mostrou isso em várias ocasiões; por isso Deus diz: *“Nisso, há um grande sinal para os que ponderam!”*.

Os Qurayshitas fugiram todos deixando os seus mortos para trás; o Profeta mandou juntar os cadáveres e proceder ao enterro no mesmo instante como era seu hábito enterrar qualquer cadáver, fosse ele muçulmano ou não.

Antes de os enterrar, Muhammad mandou os seus companheiros para que localizassem o cadáver de Abu Jahal. Abdullah Bin Mas’ud foi ver o paradeiro do cadáver de Abu Jahal, e encontrou-o ferido e moribundo. Abdullah Bin Mas’ud disse-lhe: *“Ó inimigo de Deus! Viste como Deus te rebaixou?”* - Abu Jahal perguntou-lhe o resultado final da batalha.

Depois de ser informado sobre a derrota dos descrentes, Abu Jahal pediu a Abdullah Bin Mas’ud que lhe cortasse a cabeça pelo pescoço até aos ombros, para que a sua cabeça fosse distinta como a cabeça do chefe dos Qurayshitas, numa demonstração de orgulho desse inimigo de Deus. Mas o seu fim, Deus fez com que fosse muito mau para servir de lição a outros.

Muhammad agradeceu a Deus pela vitória. Note-se que só o cadáver de Umaiya, atormentador de Bilal, foi enterrado no mesmo local onde estava, pois estava num estado tão mau e inchado que não era possível transportá-lo. Quase todas as famílias de Quraysh em Makkah tinham algum familiar seu morto nessa batalha. Depois de os mandar enterrar numa vala comum o Profeta começou a dirigir as seguintes palavras a esses inimigos mortos: *“Ó gente do sepulcro, chamando-os pelos nomes e mencionando a sua filiação, um por um: vós encontrastes o que o vosso senhor vos prometeu! Eu, na realidade já encontrei o que o*

*meu Senhor me prometeu, e vós»?* - Omar, que ouviu essas palavras, perguntou ao Profeta: *“Estás a falar para os mortos?”* - O Profeta respondeu: *“Eles ouvem-me tão bem como tu, só que não têm capacidade de responder (essa é a única diferença)”*.

Na manhã seguinte, depois de já terem sido enterrados todos os cadáveres, era a hora para os muçulmanos regressarem a Madinah, e foi quando surgiram divergências entre eles acerca dos despojos da guerra; mas, Muhammad ponderou no assunto e, com a orientação divina, distribuiu entre todos os combatentes, incluindo aqueles que foram forçados justamente a permanecer em Madinah, como Uthman, que tinha a mulher doente e Abu Lababah Al-Ansari, dando aos cavaleiros (combatentes a cavalo) o dobro do que aos combatentes a pé, e as porções daqueles que se tornaram mártires entregou aos seus familiares.

Assim, ele incluiu não só os combatentes ativos mas todos aqueles que contribuíram, de uma ou de outra forma, nesta causa para obter esta preciosa vitória.

Todos os prisioneiros foram levados para Madinah. Mas dois deles, Nadr Ibn Al-Haris e Uqbah Bin Abi Mu'ayt, foram executados no caminho.

Até essa altura, Muhammad, não tinha ainda instruções Divinas do que devia fazer com os prisioneiros de guerra, - receber o resgate, pô-los em liberdade ou matá-los. Estes dois prisioneiros que foram mortos, eram daqueles que sempre torturaram os muçulmanos em Makkah e pronunciaram as mais abomináveis mentiras contra o Profeta e contra o Alcorão.

### **NOTÍCIAS DA VITÓRIA EM MADINAH**

O Profeta já tinha enviado Abdallah Bin Abi Rawhah, via Aliya (Awali) e Zayd Ibn Harithah, via Safilah, - este, montado na camela do Profeta que se chamava Al-Oaswa - para Madinah, a fim de lhes dar a boa nova da vitória. Os dois entraram na cidade por essas duas direções e anunciaram às pessoas a boa nova da vitória. Os muçulmanos estavam nesse momento a sepultar Ruqayyah, filha do Profeta Muhammad, esposa de Uthman Bin Affan, que estava muito doente na altura da saída do Profeta a Badr.

Abdallah Bin Rawhah e Zayd Ibn Harithah contavam às pessoas como a batalha decorrera, mencionando os nomes dos inimigos mortos. Os judeus e os idólatras de Madinah não estavam satisfeitos com estas notícias, e até estavam

a tentar convencer a si próprios e aos muçulmanos (que não tinham saído) que essas notícias não eram verdadeiras, dizendo: *“Muhammad já foi morto e os seus companheiros foram derrotados; vocês não veem que Zayd Ibn Harithah está montado na camela de Muhammad? Se Muhammad ainda estivesse vivo, a camela estaria com ele! Zaid está mentindo para manter a paz em Madinah com receio da má consequência da derrota.”*

Assim Deus revelou para os muçulmanos o que estava no íntimo dos judeus. Mas quando a notícia foi confirmada os muçulmanos celebraram com felicidade.

Quando os judeus e hipócritas compreenderam que a notícia da vitória era verdadeira, sentiram que a posição deles estava a degenerar em fraqueza e isolamento. Alguns dos líderes dos judeus disseram: *“A parte interna do solo é melhor do que a sua superfície. Quer dizer neste dia, a morte é melhor do que a vida, depois desta vitória de Muhammad sobre os amigos desses descrentes. Por isso o Alcorão diz:*

*“Não cessarão de vos combater, até vos fazerem renunciar à vossa religião.”*  
**(2:217)**

## **OS PRISIONEIRO DA GUERRA DE BADR E O SEU TRATAMENTO**

Os muçulmanos entraram em Madinah um dia antes dos prisioneiros. No dia seguinte, quando os prisioneiros chegaram, Sawdah Bint Zama, esposa do Profeta Muhammad, quando viu Abu Yazid Ibn Amr, um dos prisioneiros e parente dela, corri as suas mãos amarradas atrás do pescoço, descontrolou-se e dirigiu-lhe estas palavras: *“Ó Abu Yazid! Tu também cedeste e entregaste-te voluntariamente? A morte era mais honorável que isso, lutavas até à morte».*

O Profeta, ao ouvir aquilo, chamou-a e disse: *“Estás a incitar os homens contra Deus e contra o Seu Mensageiro?”* - Ela respondeu: *“Ó Mensageiro de Deus, por Deus, que te enviou com a verdade; eu não pude controlar-me quando o vi naquele estado!”* Isto demonstra a liberdade de expressão que todos gozavam naquela época. Muhammad distribuiu os prisioneiros entre os muçulmanos com instruções de que eles deveriam ser tratados nobremente.

O Profeta ordenou aos muçulmanos: *“Tratai-os bem até que os descrentes de Makkah os resgatarem ou até que Deus envie outras ordens a respeito deles.”*

Os prisioneiros foram bem tratados pelos muçulmanos que lhes davam toda a sua comida e preferiam comer só tâmaras.

## OPINIÕES DOS MUÇULMANOS A RESPEITO DOS PRISIONEIROS

O Profeta Muhammad consultou os muçulmanos a respeito dos prisioneiros, uma vez que ainda não tinha instruções da parte de Deus sobre o assunto, fazendo com que os crentes partilhassem na decisão livremente. Os dois homens mais próximos ao Profeta, considerados Ministros do Profeta, Abu Bakr e Omar, tinham opiniões diferentes; Abu Bakr disse ao Profeta: *“Todos estes cativos são nossos parentes e familiares, o melhor é recebermos o resgate e libertá-los. Talvez venham mais tarde a entrar no Islam”*. Omar, na questão de Islam (quando o Islam está em causa) não distinguia amigo, inimigo, parente e não parente, e como tinha um temperamento austero aproximou-se do Profeta e disse: *“Ó Profeta de Deus! Estes são os inimigos de Deus, eles Te desmentiram, lutaram contra Ti e expulsaram-Te de Makkah, portanto, a minha opinião é de serem todos mortos, porque estes são os chefes dos idólatras. Ao eliminá-los, Deus consolidará o Islam e rebaixará os idólatras”*. O Profeta Muhammad ouviu as duas opiniões, depois ponderou mais no assunto em sua casa. Quando saiu, viu que os muçulmanos estavam divididos entre a opinião de Abu Bakr e Omar. O Profeta comparou os dois (Abu Bakr e Omar) com os Profetas antecessores e disse: *“Abu Bakr comparado com os Profetas é como o Abraão, na ternura, que apesar de ser rejeitado pelo seu povo e de o terem atirado ao fogo ele apenas disse: “Porém, quem me seguir será dos meus, e quem me desobedecer...Certamente Tu és Indulgente, Misericordiosíssimo!”(14:36)*. Acrescentou que Abu Bakr na ternura é como Jesus que disse: *“Se Tu os castigas é porque são Teus servos; e se os perdoas, é porque Tu és o Poderoso, o Prudentíssimo.” (5:118)*. A Omar comparou-o na dureza com Noé que disse: *“Ó Senhor meu, não deixeis sobre a terra nenhum dos incrédulos.» (71: 26)*, ou como Moisés que disse: *“Ó Senhor nosso, arrasa as suas riquezas e oprime os seus corações, porque não crerão até verem o doloroso castigo” (10:8)*.

E o Profeta depois de elogiar os seus dois companheiros: *“Porque com essa atitude, o objetivo e o espírito dos dois era o mesmo. Fortificar e reforçar a religião e rebaixar os idólatras, só a via era diferente”*. - preferiu a Ideia de Abu Bakr, de receber o resgate e libertá-los.

Um dos prisioneiros, o poeta, disse ao Profeta: *“Ó Muhammad, eu tenho cinco filhas a quem tenho que sustentar, devolve-me (a elas), como caridade da tua parte e eu prometo-te que nunca te criticarei nem combaterei contra ti.” O*

Profeta libertou-o. Mas ele não cumpriu a sua palavra e combateu outra vez contra Muhammad na batalha de Ohud, onde foi novamente capturado.

Os muçulmanos chegaram a um consenso, aceitaram o resgate e libertaram os cativos, e assim, cada um teve que pagar 4.000 dirham. Os que não tinham capacidade de o fazer foram libertados sem resgate. De entre esses, aos que sabiam ler e escrever mas não tinham dinheiro para se resgatarem foi-lhes dito que um deles educasse dez crianças de Madinah e só depois seriam libertados. Zaid Bin Sabit, o conhecido escrivão, aprendeu a escrever dessa forma.

Esse foi o nobre tratamento e de caridade que esses inimigos de Deus e criminosos, sem dúvida, receberam após terem perseguido, massacrado e maltratado estes mesmos crentes inocentes em Makkah durante treze anos consecutivos. Agora, estavam sob o controle de Muhammad, derrotados, humildemente e sob o poder do Profeta. Pode-se comparar isso com o que acontece hoje na era da alta civilização? Pode-se comparar isso com o que os governantes contemporâneos fazem quando se apoderam dos seus inimigos ou rivais? Os massacres que ocorreram na primeira e segunda guerra mundial, bombardeamentos atômicos que vitimaram milhares de inocentes, e as matanças que ocorreram durante as revoluções entre as nações cristãs da Europa, em nome do cristianismo, tal como o que ocorreu no dia de São Bartolomeu na França. Esta foi uma matança planejada deliberadamente durante a noite, em que os católicos acordaram na manhã seguinte para matarem os protestantes da França. E o caso de Carlos Magno, considerado herói cristão, que mandou executar 4.500 saxões nas margens do Allier. E os recentes massacres de Sabra e Shatila, campos de refugiados palestinos no Líbano, em que foram mortos milhares de mulheres e crianças? Na história islâmica, não há caso nenhum destes. Depois dos muçulmanos receberem o resgate, Deus mandou dizer para esses cativos de Badr: *“Ó Profeta, dize aos cativos que estão e vosso poder: Se Deus descobrir sinceridade em vossos corações, conceder-vos-á algo melhor do que aquilo que vos foi arrebatado e vos perdoará, porque é Indulgente, Misericordiosíssimo.”* (8: 70).

Esta foi a batalha decisiva em que Deus deu a vitória aos muçulmanos e destruiu os descrentes, apesar destes serem superiores em número e em material. Foi, portanto, uma prova e um sinal claro da veracidade do Islam. Por isso, Deus diz no Alcorão (Cap. 3, verso 123): *“Sem dúvida que Deus vos socorreu, em Badr, quando estáveis em inferioridade de condições. Temei, pois, a Deus e agradecei-Lhe.”* Isto demonstra que a batalha nunca é ganha por superioridade no número ou material mas sim com a fé. Este dia (17 de Ramadan) merece que os muçulmanos celebrem essa grande vitória e favor de Deus para com eles.

## EXPEDIÇÃO DE SAWIK

Assim que acabou a guerra de Badr, um homem – Haisuman - fez chegar a notícia aos descrentes. Estes, não estavam preparados para acreditar na derrota dos Qurayshitas e na morte dos seus nobres líderes, tal como os judeus em Madinah não queriam acreditar na vitória de Muhammad. Em Makkah as pessoas estavam chocadas com a notícia de tal forma que, envergonhadas, nem se olhavam. É um fato psicológico que faz com que a mente do homem recuse acreditar em notícias tristes. Mas quando a notícia foi confirmada, Abu Lahab (pai de chamas) contraiu uma febre tão alta que morreu passados sete dias, confirmando assim o que Deus já tinha dito, que ele não entraria no Islam, morreria como descrente, para no fim parar no inferno: *“Que pereça o poder de Abu Lahab e que ele pereça também! De nada lhe valerão os seus bens, nem tudo quanto lucrou. Entrará no fogo flamífero (em chamas)” (111:1 até 3).*

Os Qurayshitas em Makkah decidiram não demonstrar que estavam de luto, senão - diziam eles - os muçulmanos ficariam satisfeitos com isso.

Por outro lado, no início nem queriam tomar a iniciativa de fazerem propostas sobre o resgate dos seus prisioneiros, por pensarem que os muçulmanos poderiam elevar o preço do resgate, preferindo deixar que passassem alguns dias suportando silenciosamente o peso da tragédia.

Mas depois começaram as iniciativas individuais de cada um resgatar o seu parente, e assim após terem resgatado todos, Quraysh ainda sentia as feridas da sua tragédia, e a memória da derrota manteve-se viva por um longo período.

Um mês permaneceram de luto, tendo as mulheres de Quraysh até raspado o cabelo todo. A única mulher que não chorou em público foi Hind, filha de Utba, mulher de Abu Sufiyan, a quem perguntaram acerca desse autodomínio com a seguinte expressão: “Porque é que não fazes luto pelo teu pai, irmão, tio e outros parentes que foram mortos”? Ela respondeu: “Se eu me puser de luto publicamente, as notícias chegarão a Muhammad e seus companheiros, e as mulheres de Banu Khazraj regozijar-se-ão com minha infelicidade. Não, por Deus! Eu não me vou enlutar por eles publicamente até me vingar; a gordura e o perfume estão proibidos para mim até eu derrotar o inimigo, por Deus! Se o choro removesse de mim a minha tristeza, decerto que eu choraria, mas eu sei que a tristeza não me deixará enquanto eu não ver com os meus olhos a vingança dos meus queridos”. E ela foi leal ao seu juramento, não tocou nada destas coisas mencionadas, nem se aproximou da cama do seu marido até à batalha de

Ohud. O seu marido, Abu Sufiyan, por seu lado tinha jurado que enquanto não derrotasse Muhammad não se lavaria, e não teria relações com a sua mulher.

Guiado por essa intenção saiu de Makkah levando consigo 200 cavaleiros em direção a Madinah, onde nos seus arredores (aqui quis encontrar-se com os judeus primeiro para os incitar e pedir ajuda contra os muçulmanos mas alguns não aceitaram), queimou as plantações de tâmaras. Quando o Profeta juntamente com os muçulmanos num total de 200 homens saíram para os enfrentar (o Profeta deixou em Madinah, Bashir Bin Abdul Munzir como seu substituto). Ele (Abu Sufiyan) e a sua tropa, fugiram depois de terem morto dois muçulmanos. Durante a fuga, como queriam aliviar o peso dos seus camelos para assim conseguirem acelerar o andamento, atiraram para o chão sacos de aveia seca moída que se chama “Sawik” em árabe, que os muçulmanos aproveitaram na sua perseguição. Por isso esta expedição chama-se expedição de “Sawik”. Isto ocorreu no mês de Dhul Hijjah, o décimo segundo mês lunar islâmico, no segundo ano da Hégira.

## OS EFEITOS DA BATALHA DE BADR

A vitória na batalha de Badr, a primeira travada no Islam foi o acontecimento mais glorioso na sua história. Assim como o Profeta Muhammad é modelo e exemplo para todos os muçulmanos, da mesma forma, Badr é ideal para todas as batalhas dos muçulmanos. Um muçulmano quando luta, tem de lutar somente pelo amor e causa de Deus e para estabelecer a sua verdade, assim como diz o Alcorão (Cap. 9, verso 111): *“Deus cobrará dos fiéis o sacrifício de seus bens e pessoas, em troca do Paraíso. Combaterão pela causa de Deus, matarão e serão mortos. É uma promessa infalível, que está registrada na Tora, no Evangelho e no Alcorão. E quem é mais fiel à sua promessa do que Deus? Regozijai-vos, pois, a troca que haveis feito com Ele. Tal é o magnífico benefício.”*

A impressão produzida por este brilhante êxito no espírito dos muçulmanos foi tão extraordinária que os judeus e os descrentes em toda a Arábia ficaram cientes de que um novo poder surgira entre eles e que estaria determinado a vencer, a não ser que eles fizessem algo antes disso.

Portanto o desejo nos seus corações. era de matar Muhammad.

Na cidade, daí em diante ninguém ousou pronunciar-se abertamente como adversário do Profeta. Safwan Bin Umayyah, cujos pai e irmão foram mortos em Badr pagou a Umair Bin Wahb, um grande inimigo do Islam, para ir a Madinah e matar o Profeta. Umair tinha seu filho como cativo depois da guerra

de Badr, em Madinah, e esta sua conspiração foi mantida em máximo sigilo, mas Deus informou ao Profeta da conspiração que eles preparavam, com a finalidade de o matar e da intenção com que vinha Umair.

Umair chegou a Madinah com a espada na mão bem afiada, e a sua lâmina envenenada, para o golpe desferido ser fatal. Omar Ibn Khatab que estava com outros crentes, logo que viu Umair chegar daquela forma, reconheceu-o e suspeitou que aquele inimigo de Deus vinha apenas com má intenção. Agarrou-o e à sua espada e apresentou-o diante do Profeta. Quando o Profeta o viu, disse a Omar para o deixar e pediu a Umair que se aproximasse. Este aproximou-se, cumprimentou-o, dizendo: “Bom dia”. O Profeta respondeu dizendo: Deus ensinou uma saudação melhor que essa: é Assalaamu Alaykum (a paz esteja convosco). A seguir perguntou-lhe: “Qual é o motivo da tua vinda”? Umair respondeu: - “O meu filho está preso junto de vós; vim para vos terdes pena de mim e o libertardes”. O Profeta disse-lhe: “Tu não vieste para isso, tu foste pago por Safwan para me matares e esta tua espada foi envenenada”. A seguir o Profeta relatou-lhe toda a conversa que ele tivera com Safwan. Umair, ao ouvir aquilo, abraçou logo o Islam e disse: “Eu creio que tu és o Mensageiro de Deus, porque esta conversa ninguém presenciou exceto eu e Safwan. Decerto que foi Deus que te informou”. Quraysh, que em Makkah estava à espera da notícia da morte do Profeta Muhammad, ouviu a notícia de que Umair tinha abraçado o Islam. Em seguida, o Profeta disse aos seus companheiros para que lhe ensinassem o Islam e o Alcorão e, após a libertação do filho, ele regressou a Makkah de novo como muçulmano, e começou a propagar o Islam. Agora era um grande defensor do Islam. Em Madinah, Abdullah Bin Ubai Bin Salul, que até esse momento era um descrente declarado, entrou aparentemente no Islam, mas continuou hipócrita toda a sua vida. Os judeus, que tinham um pacto de aliança com os muçulmanos, encheram-se de inveja contra os crentes.

## **OUTROS ACONTECIMENTOS DIVERSOS NO SEGUNDO ANO DE HÉGIRA**

**- 7 de Maio 623 até 26 de Abril 624 -**

A notícia da batalha de Badr chegou a Madinah no dia 18 de Ramadan do segundo ano da Hégira, e Muhammad entrou na cidade no dia 22 de Ramadan (cerca de 12 de janeiro de 624). Foi neste ano que Deus instituiu as duas orações de Eid; Eid ul-Fitr, Eid Al-Adha, o jejum de Ramadan, Sadaqatul-fitr e Qurban (sacrifício de animal).

Foi neste ano que Uthman se casou com a outra filha do Profeta Umm Kulthum, depois de a sua primeira esposa, também filha do Profeta (Ruqaya), ter morrido, no dia em que chegou a notícia da vitória de Badr em Madinah. Por isso, Uthman, ao casar com duas filhas do Profeta, uma após outra, tomou o título de “Dhun Nurain” (o possuidor de duas luzes).

## **CASAMENTO DE ÁLI COM FÁTIMA**

**- Filha mais nova do Profeta -**

Neste mesmo ano foi o casamento de Ali Bin Abi Talib, primo do Profeta, que cresceu na casa dele, com Fátima, filha do Profeta Muhammad. A idade de Ali na altura era 21 anos e a de Fátima era de quinze (uns dizem que era de 18 anos). Foi um casamento efetuado com o máximo de simplicidade. Até essa altura, Ali vivia em casa do Profeta, mas depois do casamento arranjou uma casa e foi viver com Fátima. Ali teve três filhos, Hassan, Hussain e Zaynab. Foi daqui que continuou a geração do Profeta Muhammad.

## **ACONTECIMENTOS DEPOIS DE BADR**

Em Makkah a posição de Muhammad era apenas dum mensageiro. Transmitir somente a mensagem de Deus, e por isso ele enfrentou oposições terríveis e perseguições. Além disso, em Madinah tinha já mais uma responsabilidade, a de proteger a vida, propriedade e honra da sua gente (muçulmanos e não muçulmanos). Era Profeta e estadista. Através dum acordo solene, todos os grupos em Madinah (incluindo os não árabes) reconheceram Muhammad como seu administrador. Agora o resultado da batalha de Badr despertou os judeus. Muhammad estava a vencer os corações dos habitantes de Madinah, e eles em breve entrariam todos no Islam. O que será então do sonho de estabelecer um reino judaico na Arábia? Eles pensaram na necessidade de minar a sua influência, mas como? Os árabes de Makkah lutaram contra ele e perderam. Então os judeus pensaram em adotar outros truques e armas, tais como difamá-lo e à sua religião, à sua gente, intrigas e traição. Estas más intenções já residiam nas suas mentes muito antes de Badr, mas agora sentiam ter chegado a altura de as pôr em prática.

## **PRIMEIRA ARMA - HIPOCRISIA**

Muitos dos judeus, incluindo Abdullah Bin Ubai, entraram no Islam, mas não verdadeiramente assim como diz o Alcorão (2:8): *“Entre os humanos há os que dizem: Cremos em Deus e no Dia do Juízo Final. Contudo, não são fiéis.”* E

no Cap. 63 verso 1: “Quando os hipócritas se apresentam a ti, dizem: Reconhecemos que tu és o Mensageiro de Deus. Porém, Deus bem sabe que tu és o Seu Mensageiro e atesta que os hipócritas são mentirosos.” Esta falsa crença servia para duplo fim: Um para obter informações secretas dos muçulmanos e outro para minar e destruir secretamente a fé e confiança dos crentes em Muhammad. E um grupo dos povos do livro disse: *“Crede, ao amanhecer, no que foi relevado aos fiéis, e negai-o ao anoitecer! Talvez assim renunciem à sua religião.”* (3:72). Esses são chamados “Munafiqun” no Alcorão. Não há cura para a hipocrisia, pois é um crime que Deus não perdoará se o homem não se arrepender sinceramente.

## **A SEGUNDA ARMA DELES - TRAIÇÃO E BLASFÊMIA**

Enquanto os hipócritas estavam a espalhar o seu veneno de irreligião nos corações dos árabes, Kaab Bin Ashraf e Abu ‘Afak (aliados dos muçulmanos por acordo) juntaram-se aos descrentes. Estes, juntamente com uma senhora chamada Asma, de Banu Umayya, compunham as mais sujas canções contra a pessoa do Profeta, contra as esposas e filhas dos crentes e contra a palavra de Deus - o Alcorão.

O grande objetivo deles era incitar uma rebelião contra o estado assim estabelecido por Muhammad em Madinah. Isso era uma alta traição e a penalidade para a alta traição era a morte, e mesmo hoje as sociedades modernas aplicam essa lei. Os muçulmanos, que gostavam do Profeta mais que dos seus próprios pais, filhos e as suas próprias almas, odiavam tudo isso. Queriam viver em paz, liberdade, unidade e honra, e ninguém tem o direito de retirar esses direitos básicos dos outros. Para estabelecerem esses direitos, os crentes, fiéis à sua fé e ao seu líder, estavam prontos a sacrificar-se; também já tinham sacrificado tudo no passado (em Makkah) apenas para conseguirem viver em liberdade, unidade e paz. Portanto, depois de já terem alcançado alguma porção disso, em nenhuma circunstância aceitariam que alguém lhes fosse retirar esses direitos. Assim, os muçulmanos, que antes da vitória em Badr ainda tinham medo dos descrentes de Madinah, porque sentiam que ainda eram fracos para fazer frente a qualquer provocação e agressão deles, agora após o regresso vitorioso, já não tinham receio nenhum das consequências da eliminação desses traidores abomináveis. É assim que Salim Bin Umair incumbiu-se de eliminar Abu Afk, um poeta que compunha versos, antes e depois de Badr, menosprezando e humilhando Muhammad e os muçulmanos e incitando a sua própria tribo para se erguer contra os muçulmanos.

Asma Bin Marwan também fazia o mesmo, insultando Muhammad e o islamismo, compondo poesias abusivas contra o Islam. O resultado de Badr não a fez reconsiderar a sua atitude. Assim, Umair Ibn Auj incumbiu-se de eliminar também essa maldita mulher. Foi esta coragem de Umair que (os próprios familiares de Asma, após reconhecerem o crime dela) causou a Banu Khutmah, a tribo do marido de Asma, a conversão ao islamismo.

O terceiro foi Kaab Bin Al Ashraf, o grande inimigo do Islam, que quando soube da vitória dos muçulmanos e da derrota dos seus amigos descrentes Qurayshitas, em Badr, exclamou: «Esses eram os nobres da Arábia, os reis da Humanidade». Por Deus! Se Muhammad venceu essa gente, é melhor habitar no interior da terra do que sobre ela.

Depois da notícia da vitória ser confirmada, ele viajou a propósito a Makkah para incitar os seus habitantes contra Muhammad e fez tudo para difamar Muhammad e as mulheres muçulmanas. Por isso, vários muçulmanos para conseguirem viver em honra, respeito, igualdade, dignidade e liberdade sentiam a necessidade de eliminar esses malvados. Daí que Abu Naíla se incumbiu, juntamente com um amigo, de eliminar esse inimigo de Deus, Káab Bin Ashraf, no mês de Rabiul-Awwal, ano três da Hégira. Todas as eliminações destes inimigos de Deus foram por iniciativa dos próprios muçulmanos. Não há prova nenhuma que indique ter sido o Profeta quem ordenara aquelas eliminações. Deus quis a eliminação dos seus inimigos e fez isso através dos Seus servos.

## **BLOQUEIO DE BANU QAYNUQA (624 D.C.)**

Os judeus tinham três tribos nos arredores de Madinah: Qaynuqa, Nadir e Quraiza. Todos eles eram em geral, capitalistas, agricultores e comerciantes. Os de “Qaynuqa” eram considerados os mais bravos e valentes, por isso tinham sempre consigo armas armazenadas. Além da influência religiosa - porque os Ansar antes de abraçarem o Islam eram geralmente idólatras e ignorantes, e como os judeus eram adeptos do Livro -, os Ansar olhavam para eles com respeito e tratavam-nos como mais cultos.

Muitos cujos filhos não sobreviviam faziam votos que se os seus filhos sobrevivessem iriam torná-los judeus, e já em Madinah haviam muitas crianças dessa origem. Mas os judeus, por outro lado, ao longo do tempo, já tinham criado dentro de si hábitos muito maus. Por exemplo, como eles eram comerciantes e capitalistas exclusivos, todos os habitantes de Madinah eram seus devedores, sujeitando-se ao pagamento de juros sem qualquer piedade e como garantia da sua dívida exigiam que os devedores deixassem em sua posse as suas mulhe-

res e filhas. Kaab Ibn Al Ashraf também fazia o mesmo e assim manipulavam e controlavam as riquezas das pessoas não-judaicas de maneiras diversificadas. Devido à abundância da riqueza entre eles, o adultério era muito praticado, e por serem ricos não eram punidos, mas os pobres com o mesmo crime já eram punidos. Quando o Islam chegou, os judeus viram que o seu poder injusto estava em perigo e tinha os seus dias contados. Assim que o islamismo se ia expandindo em Madinah, a influência religiosa dos judeus ia diminuindo e assim que os Ansar iam enriquecendo, iam-se libertando monetariamente dos judeus, e após o fim dessa influência monetária, começou a revelar-se o segredo dos judeus. O Profeta, quando chegou a Madinah, tinha assinado um acordo de aliança e boa vizinhança com eles, que previa o respeito à liberdade religiosa. Mas o Profeta tinha que condenar os maus atos deles. Por isso o Alcorão diz claramente sobre os judeus:

*“São os que escutam a mentira, ávidos em devorar o que é ilícito.” (5:42)*

*“E por praticarem a usura, sendo que isso lhes estava proibido, e por usurparem os bens alheios com falsas pretensões.” (4:161)*

Quando o Alcorão começou a revelar a corrupção deles, eles ficaram revoltados e começaram a conspirar contra o Islam e a pessoa do Profeta. Quando se dirigiam ao Profeta diziam: “Assaamu Alayk” (morte para ti), em vez de dizerem: “Assalaamu Alaykum”, por isso o Alcorão diz: *“Ouvireis muitas blasfêmias daqueles que recebem o Livro antes de vós, e dos idólatras; porém, se perseverardes pacientemente e temerdes a Deus, sabeis que isso é um fator determinante, em todos os assuntos.” (3:186)*. Mesmo assim o Profeta continuava a respeitá-los como adeptos do livro, mas eles, pelo contrário, faziam conspirações para destruir o Islam, e como sabiam que a força do Islam em Madinah vinha da união de duas tribos de Ansar – Aus e Khazraj -, as quais o Islam tinha unido depois de terem passado várias gerações em guerra, começaram a incitá-las para lutarem e destruírem-se e, dessa forma, acabar a força do Islam. Utilizavam também outra arma para enfraquecer os muçulmanos: A da hipocrisia. *“E há uma parte dos adeptos do Livro que diz: Crede, ao amanhecer, no que foi relevado aos fiéis, e negai-o ao anoitecer! Talvez assim renunciem à sua religião.” (3:72)*.

Mas depois da batalha de Badr os muçulmanos tornaram-se mais fortes. Os judeus, receando que o Islam estaria a tornar-se numa força inquebrantável, revogaram unilateralmente o acordo assinado com Muhammad. Deus disse então a Muhammad para fazer o mesmo. *“E se suspeitas da traição de um povo, rompe o teu pacto do mesmo modo, porque Deus não estima os traidores.” (8:58)*

A gravidade a isto aumentou num acontecimento de provocação da parte dos judeus, quando uma senhora árabe, muçulmana, foi para o mercado dos judeus, no quartel de Banu Qaynuqa, na loja dum ourives, para remodelar algumas joias suas. Os judeus começaram a escarnecer dela e, persistentemente, disseram-lhe para ela remover o seu véu, ao que ela recusou. Então, um dos judeus foi por detrás dela e abriu o nó do seu vestido enquanto ela estava ocupada a ver a remodelação do ornamento sem se aperceber da ação vil dos judeus. Quando ela se levantou para seguir o seu caminho ficou nua, e todos os judeus começaram a rir-se com a exposição da nudez dela. A mulher começou a chorar pelo que lhe tinha acontecido, e a pedir socorro. Nessa altura, estava a passar pelo local um muçulmano que foi logo em sua ajuda, saltando para cima do dono da loja e matando-o num instante. Os judeus cercaram o muçulmano e mataram-no também. Os familiares do muçulmano pediram ajuda a outros muçulmanos contra os judeus, originando assim uma guerra generalizada. O Profeta primeiro chamou a Banu Qaynuqa e pediu-lhes para pararem com os seus ataques e fossem fiéis ao acordo de paz e segurança mútua, ou então sofreriam as consequências, como os Qurayshitas sofreram em Badr. Mas a mentalidade deles estava inteiramente envenenada contra Muhammad. A resposta deles foi a seguinte: *“O Muhammad! não caias na ilusão de que és invencível. As pessoas (Qurayshitas) contra quem lutaste não conhecem a ciência de guerra e nem tinham experiência. Por Deus, se lutares contra nós, saberás decerto, que nós somos homens”*.

Depois disso, os muçulmanos não tinham outra alternativa senão lutarem contra os judeus de Banu Qaynuqa, porque senão o islamismo sofreria uma deterioração política. Eles já tinham quebrado o acordo unilateralmente e declarado guerra contra Muhammad; forçosamente, Muhammad tinha que lutar. Ele consultou os seus companheiros e com a sua coragem habitual, bloqueou os quartéis de Banu Qaynuqa. O bloqueio começou no dia quinze de Shawwal, ano 2 da Hégira, e durou quinze dias consecutivos. O Profeta pôs como seu substituto em Madinah durante a sua ausência, Abu Lubaba Al Ansari.

Os muçulmanos bloquearam toda as entradas e saídas. Os judeus quando viram que não eram capazes de combater os muçulmanos, não tinham outra saída senão renderem-se e entregarem-se ao julgamento de Muhammad. No início tinham pedido socorro aos seus amigos Qurayshitas que se prontificaram a tal, mas a pressão dos muçulmanos foi tão dura que eles tiveram de ceder.

Depois de Banu Qaynuqa ceder, Muhammad consultou os seus companheiros sobre o que deviam fazer com eles.

Abdullah Bin Obai, aliado deles, intercedeu a favor deles para serem liber-

tados, insistindo no seu pedido.

Finalmente, sob o cuidado de Ubadah Bin Samit, os judeus de Banu Qaynuqa foram permitidos a evacuarem e emigrarem de Madinah em castigo das suas más ações. Assim, eles foram para Wadi Al-Qura onde permaneceram algum tempo e daí dirigiram-se em direção norte da Arábia para os lados de “Azriat”, junto à fronteira com a “Síria”, onde se fixaram (no antigo Basan).

## EXPEDIÇÃO DE GHATAFAN

A batalha de Badr implantou temor nos corações das tribos, depois dos muçulmanos já terem o controle completo da zona de Madinah e seus arredores, que era rota dos comerciantes de Makkah para a Síria. Os Qurayshitas pensaram em criar uma nova rota e assim abriram o comércio com o Iraque, com a intenção de lucrar e procurar novos aliados contra Muhammad. As tribos que existiam nessas rotas, cuja subsistência dependia desse negócio com as caravanas de Quraysh que por aí passavam, sentiam a sua prosperidade e futuro ameaçados com a ideia de mudança da rota pelos Qurayshitas, pois não conseguiriam outro sustento para si nas terras áridas onde viviam.

Daí, os líderes tribais pensaram em atacar Madinah e quebrar essa potência dos muçulmanos antes de ser tarde, e, por conseguinte ficar fora do seu alcance. Quando o Profeta ouviu que o exército Ghatafan estava a marchar em direção a Madinah para atacá-la, Ele preparou uma expedição de 456 homens, sob a sua liderança, e saiu com eles no dia 12 de Rabiul-Awwal, depois de deixar em Madinah Uthman Bin Affan como seu substituto. O exército de Ghatafan quando soube da saída de Muhammad com os muçulmanos para o enfrentar retrocedeu. Todavia, os muçulmanos continuaram a sua marcha até chegarem a um local designado por Zu-Ammar, onde havia água e aí acamparam. Quando o Profeta estava a descansar debaixo duma árvore, enquanto os muçulmanos estavam dispersos, Dasser um dos inimigos - viu o Profeta sozinho, aproximou-se dele, desembainhou a sua espada e junto à cabeça do Profeta, disse-lhe: “E agora, quem te salvará de mim, ó Muhammad?” Muhammad respondeu: “Deus”. O impacto da resposta foi tão grande que ao ouvir isso, Dasser assustou-se e a espada caiu da sua mão. Em seguida, o Profeta tomou a mesma espada e disse-lhe: “Agora, quem te protegerá de mim?” O Dasser respondeu: “Ninguém”. O Profeta perdoou-o, e então ele de imediato abraçou o Islam. Sem perder tempo, foi chamar a sua gente para entrar no Islam. O seu coração passou de inimizado para amor ao Profeta. Foi assim que se se expandiu o Islam e conquistou os corações dos homens.

Passados alguns dias, o Profeta tomou conhecimento de que uma grande força da tribo de Banu Sulaym estava a avançar em direção a Madinah com intenções belicistas. Então, o Profeta saiu no dia 6 de Jamadil Awwal, com 300 dos seus companheiros ao encontro deles, depois de deixar em Madinah Ibn Um Maktum, seu substituto. Quando estes chegaram a Bahran, apercebendo-se que todos aqueles se tinham posto em fuga, os muçulmanos regressaram. Todas essas tribos estavam em pânico e receio quanto ao seu futuro. Saíam com muita força para atacarem os muçulmanos, mas quando estes iam ao seu encontro, fugiam todos.

Os Qurayshitas quando viram que a sua rota comercial de Madinah para Síria estava encerrada, abriram uma nova rota para o Iraque, porque sem isso a vida deles no deserto árido era impossível. Eles dependiam totalmente das caravanas do comércio com a Síria no verão e com a Abissínia no inverno.

Portanto, enviaram uma caravana de Makkah em direção ao Iraque e nela participaram várias personalidades Qurayshitas, nomeadamente Abu Sufiyan, Safwan Bin Umayyah e outros. Era época de inverno, por isso não houve necessidade de levarem consigo água. Essa caravana percorreu o deserto de Najd, longe de Madinah, acompanhada de um guia de Banu Bakr Bin Wail. As notícias chegaram a Madinah e o Profeta enviou Zayd Ibn Harithah com 100 homens para os interceptar; os descrentes quando viram a proximidade dos muçulmanos fugiram todos, deixando os seus haveres, que ficaram para os muçulmanos como despojos de guerra, que o Profeta dividiu entre os muçulmanos. Essa foi uma época de grande pressão para os muçulmanos, quando por todos os lados os inimigos conspiravam para atacar Madinah e em particular as notícias que chegavam de Makkah eram as mais alarmantes. Portanto, esse despojo pode-se considerar como uma verdadeira dádiva para os crentes, para os consolidar. Enfim, estavam no estado de guerra. Isto aconteceu no mês de Jamadil Akhir, no sexto mês do calendário islâmico.

## **PRECAUÇÕES DE MUHAMMAD APÓS BADR**

Uma casa para estar bem firme tem que estar fortemente unida; assim, para enfrentar os perigos externos e internos havia necessidade de unificar Madinah com base nos laços de amor. Por isso, Muhammad pensou em ligar-se com os muçulmanos em laços familiares para reforçar esse nobre objetivo, e para efeito ele encorajou casamentos entre os seus companheiros e seguidores. No mesmo espírito traçou um modelo ao dar as suas próprias filhas Umm Kulthum a Uthman e Fátima a Ali, em casamento. Ele próprio casou-se com Hafsa, filha de

Omar, assim como já tinha casado antes com Aisha, filha de Abu Bakr.

Hafsa era uma viúva. O anterior marido dela, Khunais, foi um dos primeiros a converter-se ao islamismo. Em inteligência e devoção Hafsa seguia a Aisha, pelo que isto foi um grande ganho para o Islam. Desta forma Muhammad uniu em laços familiares e de sangue a Abu Bakr, Omar, Uthman e Ali - as quatro grandes personalidades da comunidade islâmica. Assim, Muhammad e seus companheiros eram uma parede sólida inquebrantável da fortaleza espiritual do Islam.

## **BATALHA DE OHUD**

**- ANO 3 DA HÉGIRA -**

A batalha de Badr resultou em vitória para os muçulmanos, mas ainda não havia paz entre os descrentes de Makkah e os crentes de Madinah. Madinah encontrava-se em perigo eminente. Os habitantes de Makkah estavam em preparação de guerra em maior escala, acompanhados de gritos de slogans, como “Vingança contra Muhammad, que bloqueou o nosso comércio!”. Para eliminar o islamismo, preservar a posição comercial e religiosa, e restaurar a rota do comércio para Síria, sem a qual era impossível para os habitantes de Makkah subsistirem, prosseguiu a preparação de guerra por parte dos Qurayshitas.

As mulheres dos descrentes de Makkah ainda estavam de luto pelos familiares que morreram em Badr e nas fracassadas tentativas da expedição de Sawik e de todas as outras que não podiam esquecer com tanta facilidade. Por isso, os restantes líderes reuniram-se em Darun Nadwa, em Makkah, e decidiram entregar todo o lucro do negócio das caravanas para financiar a guerra em grande escala com um exército que Muhammad não pudesse enfrentar, e incitar todas as tribos para que se juntassem a eles contra Muhammad. Uns sugeriram levar as mulheres para recordá-los a derrota e os seus nobres mortos em Badr e cantar-lhes música de guerra, mas outros estavam contra essa ideia, por recearem que acabariam por ser cativas. Daí que tenham decidido consultar as próprias mulheres. Hind, mulher de Abu Sufiyan, insistiu na saída das mulheres e disse que, no dia de Badr se as mulheres estivessem presentes, os homens não teriam fugido da batalha.

A companhia das mulheres na guerra era considerada na Arábia como um fator de firmeza, porque quando as mulheres estavam presentes os homens tinham vergonha de fugir, de abandonarem o campo de batalha e serem derrotados perante as mulheres, pelo que tentavam mostrar a máxima valentia. Entre as

mulheres havia as que perderam filhos, maridos, etc., em Badr, Isso originou que as mulheres também se preparassem para acompanhar a missão de vingança. Os poetas desempenhavam um papel ativo e muito importante na sociedade da Arábia com os seus poemas para incendiarem os corações das pessoas e atiçarem os corações já incendiados; instigaram também os poetas mais conhecidos e famosos.

Um deles foi Amr, o tal que foi preso na batalha de Badr pelos muçulmanos e o Profeta libertou-o sem resgate com piedade pelas suas filhas, e ele em troca prometera nunca mais compor poesia contra Muhammad e o Islam. Todavia, não cumpriu a sua promessa e juntou-se aos Qurayshitas nesta campanha de guerra e começou a mobilizar as pessoas através dos seus poemas, atiçando o fogo de guerra. Jubair Bin Mutim disse a um escravo negro chamado Wahshi, que tinha boa pontaria: «Venha conosco, se tu matares o Hamza serás liberto». E assim o exército dos descrentes saiu numa procissão solene a partir de Darun Nadwa, em três grupos. Nele estavam incluídos os de Saqif, os de Abissínia e outros árabes de Makkah, Kinana e Tihama.

Ao todo eram 3.000 combatentes, dos quais 700 estavam cobertos com armaduras de ferro da cabeça aos pés.

Levavam consigo 200 cavalos, 1.000 camelos, com todo tipo de armamento em quantidade e saíram todos vaidosos, com as mulheres a cantarem, batuques, vinho, etc.

## **NOTÍCIAS DE INVASÃO DE MADINAH**

Enquanto estas preparações estavam em curso em Makkah contra os muçulmanos, só um homem entre eles, Abbas - o tio do Profeta, que tinha alguma simpatia por Muhammad -, estava a observar tudo isso à distância, e escreveu logo uma carta; narrando toda a preparação, com dados sobre o equipamento militar e o número de combatentes. Entregou a carta a um homem que pertencia à tribo Ghifar, em quem ele confiava, para ir a Madinah rapidamente, no máximo em três dias, entregá-la ao Profeta. Esse homem chegou e encontrou-se com o Profeta em Quba, junto à mesquita perto de Madinah, quando este estava de regresso e aí lhe entregou a carta. O Profeta quando soube do conteúdo (foi Kabb Bin Malik que leu a carta para o Profeta) enviou alguns homens para avisar todas as pessoas para recolherem os seus camelos e ovelhas dos arredores de Madinah. Muhammad regressou a Madinah imediatamente e no dia 5 de Chawwal, no ano 3 da Hégira, enviou dois homens - Anas e Munis - para recolherem dados sobre o movimento dos Qurayshitas. Eles voltaram rapidamente, confir-

maram as notícias escritas na carta de Abbas e disseram que o inimigo estava muito próximo de Madinah e tinha solto os seus camelos que acabaram com toda a pastagem nos arredores de Madinah. Os Ansar e todos os habitantes de Madinah estavam com um medo terrível e como havia o receio de Madinah ser invadida, ninguém dormiu nessa noite à vontade. O Profeta pôs vigilantes em todas as partes da cidade. Saad Bin Ubadah e Saad Bin Mu'adh ficaram a vigiar armados durante toda a noite a mesquita do Profeta. Um exército tão grande de 3.000 homens vinha com toda a ferocidade com características pagãs de vingança. Para eles, matar e mutilar as vítimas e prisioneiros de guerra era uma coisa insignificante, de maneira que eles ao saírem de Makkah parecia que não iam para a batalha mas para uma carnificina.

## **DIFERENÇA DE OPINIÕES SOBRE COMO DEFENDER-SE**

Na manhã seguinte - uma sexta-feira, dia 10 de Shawwal, correspondente a 25 de janeiro de 625 d.C. - os habitantes de Madinah acordaram com grande medo, porque os descrentes já tinham chegado a Ohud, cerca de cinco quilômetros ao norte de Madinah. Muhammad convocou a todos os muçulmanos e os judeus para consulta pública. A questão era: "Como enfrentar o inimigo?" A Ideia pessoal do Profeta era de fortificar Madinah e enviaras senhoras para as fortalezas fora dela; assim, se os Qurayshitas atacassem, eles estariam na melhor posição de defender e repelir o inimigo. A maior parte dos anciãos de entre os Muhajerin e Ansar também tinham a mesma Ideia. Abdullah Bin Ubai Ibn Salul (líder dos hipócritas), que até àquele dia nunca fora convocado para reuniões, também concordou com a mesma Ideia, dizendo: «Ó Profeta de Deus, nós lutaremos contra o inimigo estando dentro da cidade, e quando eles avançarem as nossas mulheres e crianças atirarão pedras em cima deles enquanto nós estivermos a combatê-los com as espadas. Madinah está formada como uma fortaleza e no passado também nunca foi conquistada por qualquer inimigo e, por outro lado, sempre que saímos para enfrentarmos o inimigo, tivemos grandes prejuízos». E, assim, todos os líderes dos Muhajerin, Ansar e judeus concordaram com essa Ideia. Como havia a liberdade de expressão, todos aceitaram ouvir uma outra opinião; a dos jovens muçulmanos, especialmente dos que não tinham participado da batalha de Badr e alguns outros que lutaram em Badr mas queriam a honra do martírio. Eles disseram: «Deixaremos os nossos inimigos pensarem que nós estamos com medo de os enfrentar e por isso preferimos o bloqueio acima da morte»? E acrescentaram que uma vez que o inimigo não estava muito longe de Madinah, eles (os crentes) estariam mais fortes do que em Badr, onde lutaram a grande distância de Madinah e mesmo assim foram vitoriosos. Os jovens pensaram que se preferissem ficar fechados em Madinah, isso só encorajaria os

inimigos que no futuro juntariam toda Arábia contra eles para atas de agressão». E disseram: «Deus, que nos deu a vitória em Badr também no-las dará em Ohud; e se nós morrermos o paraíso está garantido para nós (nos dois casos estamos beneficiados) - combateremos e morreremos pela causa de Deus».

Discursos como estes encheram os corações dos jovens muçulmanos. Eles já eram filhos de valentes e bravos e agora a fé veio reforçar a coragem deles. Até os velhos estavam ansiosos em morrer pela causa de Deus. Um velho discípulo, chamado Khauthamah Abu Saad Bin Khaythamah, disse: «Talvez Deus nos dê a vitória sobre eles ou então será o martírio. Eu estava extremamente ansioso em ir combater em Badr mas não tive sorte, por isso falhei; mas o meu filho foi e ele teve a sorte de provar a vida eterna e duradoura. Ontem à noite sonhei com ele a chamar-me, dizendo: - Rápido pai, junta-te a nós no Paraíso, porque eu verdadeiramente já encontrei tudo o que o meu Senhor me prometeu! O Profeta de Deus! Tenho saudades de me juntar ao meu filho no Paraíso! Já sou velho, o meu cabelo está encanecidos e os meus ossos estão quebradiços; desejo encontrar-me com o meu Senhor!»

A maioria estava com essa Ideia, de saírem ao encontro dos inimigos, incluindo Hamza Bin Abdul Muttalib, o tio do Profeta. O Profeta aceitou essa Ideia. Este foi sempre o sistema do Profeta: Consultar os muçulmanos nos assuntos importantes, exceto quando havia alguma revelação divina.

Os Qurayshitas chegaram numa quarta-feira perto de Madinah e acamparam junto à montanha de Ohud; por outro lado, os muçulmanos estavam decididos a enfrentar o inimigo. Na sexta-feira, o Profeta dirigiu a oração e no sermão deu a boa-nova da vitória se os muçulmanos se mantiverem firmes. Depois da oração em congregação (de Juma), o Profeta foi à casa, usou a sua armadura com a ajuda de Omar Ibn Al-Khattab e Abu Bakr, que em seguida lhe deram a espada. Quando estava já tudo a postos para os muçulmanos saírem. Os anciãos de entre os Ansar ficaram transtornados e arrependidos pela atitude dos jovens que forçaram o Profeta a tomar uma posição contra a sua vontade. E isto por pensarem que cometeram um pecado ao contrariarem a Ideia do Profeta. Quando ele saiu da casa, já preparado para seguir, aqueles foram ter com ele, dizendo: «Nós não pretendíamos discordar de ti, por isso estamos prontos a seguir a tua Ideia, seja ela qual for». Muhammad disse: «Não é digno do Profeta tirar a sua couraça e espada depois de se armar, até Deus julgar entre ele e os seus inimigos. Portanto, agora obedeci às minhas ordens. A vitória será vossa se preservardes e tiverdes paciência!» A seguir Muhammad deu ordens aos muçulmanos para avançarem em direção a Ohud.

Com este procedimento, Muhammad deu-nos uma lição e traçou uma regra no Islam, que em todos os assuntos relacionados com a administração dum país muçulmano, em casos onde não há nenhuma revelação divina, o administrador deve consultar e, se for possível, seguir a opinião da maioria. Ele (o Profeta) submeteu a sua própria Ideia e a sua vontade à dos que eram majoritários entre os muçulmanos. Se esta regra do direito das pessoas de decidirem os próprios assuntos fosse sempre aplicada pelos muçulmanos, de certo que eles evitariam muitos erros que originam graves consequências mais tarde.

## A TROPA ISLAMICA

Na sexta-feira, depois da oração de Juma, o Profeta saiu com um exército constituído por mil homens. Chegados ao topo de Saniya, num local chamado Shaykhan, o Profeta viu um batalhão desconhecido para ele. Quando perguntou a seu respeito, informaram-lhe que eram judeus, aliados de Abdallah Ibn Ubai. O Profeta disse: “Nós não aceitamos apoio de descrentes na batalha contra politeístas!” Em seguida, deu ordens para eles se retirarem, porque não tinha confiança neles e eram conhecidos na traição, a não ser que eles entrassem no Islam. Depois analisou o exército e mandou voltar os menores, mas a vontade e o espírito de sacrifício pela causa de Deus era tão grande que entre os menores, Rafé Bin Khadij, que estava nas fileiras, ficou de pé apoiado nos seus dedos dos pés, para passar como maior e alto, e assim ser autorizado a seguir com os outros. E assim ele conseguiu. Outro jovem chamado Samra, que tinha a mesma idade de Rafi Bin Khadij e que fora excluído do grupo, quando viu que este fora autorizado a ir, começou a chorar e insistiu dizendo que na luta conseguia deitar abaixo o Rafé Bin Khadij, portanto se autorizaram ao Rafé deviam autorizá-lo também. O Profeta quando ouviu esta passagem chamou-os e fê-los lutar (luta livre) para ver se ele conseguia mesmo deitar abaixo ao Rafe, e conseguiu. Finalmente o Profeta permitiu-lhe também ir com a tropa.

O Profeta e o exército todo pernoitaram nesse local. Era a noite de sexta para sábado, e deixou como vigilante Muhammad Bin Muslimah e outro Zakwan Bin Kaiss para guardá-lo durante a noite. Na manhã seguinte (antes da aurora) - sábado dia 11 de Shawwal - a tropa seguiu. No caminho, Abdullah Bin Ubai desertou com os seus 300 homens, voltando para Madinah com o pretexto de que Muhammad não tinha seguido o seu conselho e que estava a seguir a opinião dos jovens. Agora, Muhammad só tinha 700 homens fiéis, dos quais só 100 estavam cobertos com armaduras de ferro. Esses muçulmanos iam combater 3.000 descrentes bem armados, que já vinham com o máximo espírito de vingança.

O objetivo de Abdullah Bin Ubai, de abandonar, com os seus trezentos homens, os muçulmanos no caminho, era precisamente para desanimar e desencorajar os outros muçulmanos fiéis, e alguns dos crentes estavam quase a cair nessa armadilha, mas Deus salvou-os.

## **DESCRIÇÃO DA BATALHA DE OHUD**

**- Sábado, 26 de Janeiro - 625 d.C. -**

Muhammad e os muçulmanos chegaram a Ohud no sábado de manhã, 11 de Shawwal, ano 3 da Hégira.

Antes do sol nascer, sem ser visto pelos inimigos, o Profeta colocou as fileiras e definiu as posições, de costas para a montanha Ohud, e a face voltada para a cidade de Madinah. Do lado esquerdo estavam cobertos pelo corredor de Ainin e assim não havia receio de serem atacados por aí. Contudo, como havia o perigo dos descrentes os surpreenderem pela retaguarda, o Profeta colocou uma brigada de cinquenta arqueiros sob a liderança de Abdallah Bin Tubair Al-Ansari, sobre a ravina (o monte) e ordenou-lhes especificamente que não saíssem dali: “Guardai a nossa retaguarda porque receamos que o inimigo nos ataque dessa direção: mantende-vos firmes nas vossas posições e não abandoneis o vosso lugar, mesmo se virdes a derrota do inimigo e entrando no seu acampamento, e se nos virdes a sermos mortos também não desçais do vosso local para nos vir ajudar; deveis é lançar setas sobre eles”. E depois ordenou a todos que não comessem a guerra, exceto quando ele ordenasse. Porém, disse aos lançadores acima da ravina para ataquem o inimigo logo que eles estivessem ao seu alcance e antes de eles ataquem as fileiras muçulmanas.

## **AS FILEIRAS DOS DESCRENTES**

Como os Qurayshitas já tinham a experiência de Badr, eles colocaram desta feita as posições e fileiras com grande ordem. Colocaram Khalid Bin Al-Walid na direita e Ikramah Ibn Abu Jahaj à esquerda e entregaram o comando ao Abdul Uzza Tal-a Bin Abutal-a. Deixaram corredores entre as fileiras onde as mulheres - antes de ser tocada a música da guerra - andavam de cima para baixo tocando o batoque e o adule, lideradas por Hind, mulher de Abu Sufiyan, cantando as seguintes frases: «Nós somos filhas de astro do céu» - «Nahnu banatu tariq»; «Nós andamos sobre tapetes» - Namshi alan-namariq»; «Se vós avançardes, nós abraçar-vos-emos» - «In tuqbilu nuaniq»; «E se virardes as costas (voltar para trás), nós separar-nos-emos de vós» - «Au-tudbiru nufariq».

## A ESPADA DE MUHAMMAD E ABU DUJANAH

Agora que as tropas já estavam dispostas para a batalha, os Qurayshitas gritavam a vingança da sua derrota em Badr. Os muçulmanos concentravam-se em Deus, pedindo-Lhe ajuda e a vitória sobre os descrentes. Entretanto, Muhammad tirou a sua espada em frente dos seus companheiros e chamou-os a tomarem a espada se promettessem cumprir uma condição. Muitos apresentaram-se, mas o Profeta não deu a nenhum deles, detendo-a até que apareceu Abu Dujanah Kharacha, e perguntou ao Profeta: “Qual é a condição, ó Profeta de Deus?”. O Profeta respondeu: “Continuar a combater com a espada o inimigo até ela quebrar-se.” Abu Dujanah, um homem muito bravo, usava um lenço vermelho ao pescoço, que todos conheciam. Quando ele o vestia significa que ele está determinado a lutar até à vitória ou à morte. Ao ouvir aquelas palavras, tirou o lenço vermelho e amarrou-o à volta da sua cabeça - a cinta vermelha da morte, assim como ele a chamava -, e o Profeta entregou-lhe a espada. Ao tomar a espada, começou a andar entre as duas linhas dos muçulmanos e dos inimigos, orgulhosamente, como era seu hábito. Quando o Profeta o viu dessa maneira orgulhosa, disse: “Deus odeia tal atitude, exceto nestas ocasiões”.

## COMO SE INICIOU A BATALHA

Abu Amr, que pertencia à tribo Aus de Madinah, conhecido entre os habitantes de Madinah por Ar-Rahib, tinha-se convertido ao cristianismo. Abandonou Madinah e foi radicar-se em Makkah para incitar os seus habitantes a lutar contra o Profeta. Este Abu Amir era respeitado em Madinah pela sua piedade, antes de aparecer o Islam. Ele estava convencido de que os habitantes de Madinah ao verem-no abandonariam Muhammad e alinhar-se-iam ao seu lado. Ele que já estava ao lado dos habitantes de Makkah (dos descrentes), apareceu no campo com 160 homens, quinze dos quais pertencentes à tribo Aus, e gritou para a tribo Aus, identificando-se: “Vocês conhecem-me? Sou Abu Amir!” Os crentes da tribo Aus responderam: “Sim! Conhecemos-te, ó pecador! A maldição de Deus que caia sobre ti!” Ele (revoltado com esta resposta inesperada dos muçulmanos da sua tribo, pegou um seixo, atirou para eles e retirou-se. Por outro lado apareceu Tal-a, porta-bandeira dos descrentes de Makkah, desafiando os muçulmanos, dizendo: «ó muçulmanos, há entre vós algum que me faça chegar rapidamente ao inferno ou queira que eu o faça chegar ao Paraíso?» De imediato apareceu Ali ao seu encontro e deu-lhe um golpe com a espada e aí estava caído o cadáver de Tal-a. Apareceu logo o seu irmão Uthman, para carregar a bandeira e do lado dos crentes veio Hamza ao seu encontro e deu-lhe um golpe fatal matando-o também com a sua espada. E assim os muçulmanos gritaram «Allahu

Akbar», e generalizou-se a guerra. Abu Dujanah com a espada do Profeta na mão e o lenço vermelho na cabeça, foi matando todos os que apareciam à sua frente até que lhe surgiu pela frente Hind, mulher de Abu Sufiyan, e ele logo deteve a espada, para que a espada do Profeta nunca tocasse no sangue de uma mulher, e foi perseguindo os outros.

Hamza, Ali e Abu Dujanah penetraram nas fileiras dos inimigos e foram matando todos os que apareciam à sua frente. Hamza tinha uma espada com uma lâmina dupla, para o lado a que ele a dirigia eliminava a todos demonstrando grande valentia e coragem. Já tinha morto mais de doze homens e o balanço da guerra estava claramente a favor dos crentes.

## **O MARTÍRIO DE HAMZA** (o grande herói árabe)

Jubair Bin Mutím tinha um escravo negro chamado Wahshi a quem tinha prometido libertar se ele matasse Hamza, e Hind tinha prometido dar-lhe riqueza. Wahshi era hábil em lançamento de azagaias, uma arma especial dos negros. Este ficou a observar e vigiar Hamza. Quando Hamza estava ao seu alcance, lançou a azagaia, atingindo-o no abdômen, atravessando até ao lado oposto.

Depois de o matar foi informar a Jubair Bin Mutim e à Hind para receber o seu prêmio. (Wahshi mais tarde converteu-se ao islamismo).

Os muçulmanos, inferiores em número, lutaram com muita coragem contra um inimigo muito superior a eles em número e material. Todos combatiam apenas para agradar a Deus e pela Sua causa. As passagens de Abu Dujanah e de Hamza, revelam a Ideia do poder moral dos muçulmanos. Os Qurayshitas não eram nada perante eles, porque os muçulmanos estavam espiritualmente devotados por completo a Deus. Os Qurayshitas lutaram com a máxima fúria e cada vez que algum dos seus combatentes tentava recuar, as mulheres bloqueavam o caminho dizendo: «Vós pretendeis deixar-nos como vítimas do inimigo? E eles iam lutar novamente. O primeiro porta-bandeira deles, Tal-a foi morto por Ali. O seu lugar foi tomado pelo Uthman Bin Abi Tal-a que fora morto por Hamza. Depois foi substituído por um outro irmão, Abu Sa'ad Ibn Abu Tal-a, que também foi morto. Só no carregamento da bandeira dos descrentes morreram quatro irmãos filhos de Abu Tal-a.

Os membros de Abu Abdud Dar continuaram a carregar a bandeira dos descrentes até perderem nove dos seus portadores, o último dos quais foi Su'ab,

um escravo negro dessa tribo que quando tomou a bandeira na mão Kuzman deu-lhe um golpe duro com a espada na mão ficando ele sem a mão direita! Então agarrou a bandeira com a mão esquerda e de novo Kuzman deu-lhe outro golpe nessa mão, e assim ficou sem as duas mãos. Ao cair ele conseguiu colocar a bandeira no seu peito e nesse estado foi morto, dizendo: - O Banu Abdud Dar, eu já cumpri o meu dever! A bandeira já se encontrava no chão. Quando uns após outros portadores de bandeira dos descrentes foram mortos, já não havia outros com coragem de se aproximar dela. Apercebendo-se assim da sua derrota, começaram todos a fugir para salvarem as suas vidas. As mulheres choravam e fugiam. O campo da batalha estava limpo. Os muçulmanos começaram a persegui-los, entraram nos seus acampamentos e começaram a apoderar-se dos seus haveres como despojo da guerra.

## **O ERRO DOS ARQUEIROS COLOCADOS NO MONTE**

Os muçulmanos tinham já ganhado a batalha e isto na realidade é considerado um grande milagre na arte da guerra. A colocação dos arqueiros na montanha, para os descrentes não se aproximarem dos muçulmanos evidencia a longa visão do Profeta como general. E assim um pequeno número de crentes derrotou o inimigo, muitas vezes superior em tudo.

Os descrentes já tinham fugido do campo de batalha e os muçulmanos perseguiram-nos. Os muçulmanos com o apoio de Deus são invencível, mas houve uma falha pela qual eles pagaram muito caro.

Quando os cinquenta arqueiros que o Profeta tinha colocado na ravina (monte) viram o campo livre à sua frente e seus irmãos a apoderarem-se dos despojos deixados pelos descrentes, inclinaram-se para também se apoderarem do despojo e abandonaram a ravina. No início houve uma discussão entre eles, especialmente o seu líder Abdullah Bin Jubair, que tentou o máximo para impedi-los de saírem do local, mas outros disseram que já não havia necessidade de permanecer no local porque a batalha já estava ganha e terminada. A alegria da vitória fez-lhes esquecer da ordem rigorosa do Profeta de não abandonarem o local mesmo se os muçulmanos saíssem vitoriosos.

Só ficaram 11 ou 12 arqueiros com Abdullah Bin Jubair, tendo os restantes descidos para se juntarem a outros na coleção do despojo.

Então, Khalid Ibn Al-Walid, um dos líderes dos descrentes, quando viu o monte (que servia de torre de vigilância) já deserto, contornou a montanha com alguns homens e atacou os doze arqueiros por trás matando-os a todos e enviou

a mensagem aos seus companheiros sobre a fraqueza criada pelos muçulmanos. Agora o caminho estava livre para ele, começou a atacar os muçulmanos que estavam ocupados na coleção de despojo.

Os descrentes, que estavam a fugir quando receberam a mensagem, voltaram todos.

Uma das mulheres dos descrentes Umra Bin Alkama, ergueu a bandeira já abandonada e caída e os descrentes juntaram-se à sua volta e atacaram os muçulmanos, surpreendendo-os da retaguarda. Os muçulmanos quando viram espadas a caírem sobre as suas cabeças ficaram de tal maneira confusos que alguns deles foram mortos pelos próprios muçulmanos nessa grande confusão, sofrendo assim uma grande baixa. Os muçulmanos ainda estavam a lutar, mas agora sem ordem e disciplina, até que surgiram boatos que o Profeta tinha sido morto, e isso serviu de balde de água fria contra as aspirações dos muçulmanos, originando então uma quebra total de moral dos combatentes.

Ficaram desanimados de tal forma que uns já tinham deixado as armas no chão, incluindo Omar Ibn Al Khattab. A confusão aumentou de tal modo que já não havia distinção entre os combatentes crentes e os descrentes. A desordem era tão grande que alguns muçulmanos mataram os seus próprios companheiros, como foi o caso de Iyaman, pai de Huzafa, que foi vítima dessa confusão e desordem. Caíam sobre ele as espadas e o Huzafa gritava: “É o meu pai, é o meu pai!»! Mas na confusão ninguém o ouvia até que foi morto. Quando houve boato que o Profeta tinha sido morto, Uns disseram: «Olha! Já não vale a pena combater, uma vez que o Profeta já morreu. Juntem-se ao vosso povo que eles vos acolherão com segurança». Outros disseram: «Não! Se Muhammad foi morto, lutai pela vossa religião até ao fim. Anas Ibn Nadhar tio de Anas Bin Malik, quando ouviu que o Profeta já tinha sido morto, disse: «Ó gente! Agora não vale a pena viver» e penetrou no seio dos descrentes, lutando até à morte. Depois da guerra quando viram o seu cadáver tinha mais de oitenta sinais de ferimentos, de setas e espadas que ninguém conseguiu reconhecer o corpo. Somente a sua irmã conheceu-o pelo dedo.

*“Quando o Profeta olhou à sua volta só estavam onze pessoas nomeadamente Ali, Abu Bakr, Saad ibn Abi Waqqas, Zubair Ibn Al-Awwam, Abu Dujanah e Tal-a (no Bukhari consta que apenas tinham ficado duas pessoas à volta do Profeta - Tal-a e Sa’ad)”.*

## VITÓRIA TRANSFORMADA EM TRAGÉDIA

Tudo o que Deus faz está cheio de maravilhas, ele testou os muçulmanos dando-lhes a vitória e agora prova-os com a tragédia. Isto, para testar os jovens que insistiram em ir ao encontro do inimigo, alegando a ansiedade de se encontrarem com Deus, o martírio e a entrada no Paraíso. Era para ver se eles avançavam ou recuavam. Depois de Khalid Ibn Al Walid e os seus companheiros terem atacado os muçulmanos pela retaguarda, e o fugitivo Abu Sufiyan pela frente, os muçulmanos estavam cercados por todos os lados. Eles deixaram o despojo que colecionavam e tomaram as suas espadas para combaterem, mas, desordenadamente sem comando e numa grande confusão. Como poderiam eles alcançar o êxito já obtido?

Tudo isso, transformou a vitória em tragédia, apenas por eles não observarem uma ordem rigorosa do Profeta Muhammad.

Serve de lição para os muçulmanos por todas as gerações. Se ao desobedecer a uma única ordem do Profeta a vitória já alcançada transformou-se em tragédia, então, o que esperam os que reivindicam ser muçulmanos e não seguem as ordens do Profeta na sua vida quotidiana e nas guerras contra o inimigo ainda planejam a vitória? Como podem alcançar a vitória desobedecendo às ordens do Profeta e de Deus? Este é o segredo da vitória dos muçulmanos, que sempre com número inferior em tudo (armamento, homens) conseguiram derrotar inimigos muito superiores a eles em diversas ocasiões. Quando se despreza esse princípio, o muçulmano não pode ter êxito, conforme já o provou a história.

## O FERIMENTO DO PROFETA

Conforme foi anteriormente referido quando os descrentes surpreenderam os muçulmanos, da confusão surgiu alguma desmotivação nestes, o inimigo sentiu-se reanimado e caíram todos sobre os crentes com maior vigor. Todos queriam matar o Profeta para que ficasse registrado na história do seu povo. Na altura o Profeta já estava cercado pelos inimigos, e tinha ao seu lado apenas doze crentes, prontos a sacrificar as suas vidas para protegê-lo. Nisto, Mus'ab Bin Umair, que tinha uma fisionomia muito semelhante à do Profeta, ergueu a bandeira e foi parar junto dele. Ibn Qumaya um descrente atacou Mus'ab Bin Umair da retaguarda matando-o, e julgando ter morto o Profeta, subiu ao topo da montanha e gritou: "Muhammad já foi morto". Os descrentes, quando o ouviram, puseram-se a dançar com alegria enquanto os muçulmanos lutavam tentando localizar o Profeta. O primeiro foi Ka'ab Bin Malik que o viu, e, reconhecendo-o gritou aos muçulmanos: «Ó muçulmanos, boa nova para vós! Eis aqui o Profeta,

vivo». E o Profeta também gritou: «O servos de Deus, venham aqui, Eu sou o Mensageiro de Deus». Ao ouvir estas palavras, os crentes, correram para o local onde ele se encontrava e daí Muhammad tinha-se tornado o centro de combate. Os descrentes começaram também a concentrar-se no local onde se encontrava o Profeta, e dos quatro sentidos começaram a cair setas contra si mas o Profeta orava pelos inimigos dizendo: «Ó meu Senhor, perdoa a minha gente, porque eles não sabem». Abdullah Bin Shahab Adh-Dhuhri, um descrente, conseguiu chegar-se ao Profeta e feriu-lhe o rosto. Ibn Qumaya, que estava próximo, vendo que o Profeta ainda estava vivo, deu-lhe um golpe com a espada na face. Porém a armadura que o Profeta estava usando salvou-lhe a vida. Mas duas argolas de ferro da sua armadura penetraram na sua face. O Profeta caiu e quando tentou levantar-se, atrás da barreira formada pelos seus companheiros, escorregou e caiu novamente, desta vez numa cova que Abu Amir Ar-Rahib tinha feito para os muçulmanos caírem nela. Então Ali Bin Abi Talib correu e agarrou a mão do Profeta enquanto Tal-a o ajudava a levantar-se.

Quando o Profeta se levantou Utbah Bin Abi Waqqas atirou fortemente uma pedra que atingiu novamente o rosto do Profeta, cortando-lhe o lábio e partindo-lhe um dente. Daí o Profeta e os seus companheiros recuaram para o lado da montanha. Veio Abu Ubaidah Ibn Al-Jarrah e puxou com os seus dentes as argolas de ferro que tinham penetrado até aos maxilares superiores.

Muhammad sangrava profundamente, contudo disse apenas: “Como é que um povo que tingiu com sangue (feriu) a face do seu Profeta só por convocá-los para Deus, pode ter êxito?”

Deus não gostou daquelas palavras do Profeta e revelou o seguinte versículo: *“Não é da tua alçada, mas de Deus, absolvê-los ou castigá-los, porque são iníquos. A Deus pertence tudo quando há nos céus e na terra. Perdoa a quem Lhe apraz e castiga a quem deseja, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo”* (3:128 e 129).

Entretanto, a situação tornou-se muito crítica. Os crentes que formaram barreiras à volta do Profeta sangravam porém, estavam decididos a dar as suas vidas para proteger a vida do Profeta.

Abu Dujanah, Sa’ad Bin Abi Waqqas, Abu Tal-a Az-Zubair, Abdul-Rahman Bin Auf, formaram a barreira com os, seus próprios corpos, recebendo ferimentos de espadas e setas, para proteger a pessoa do Profeta. Por exemplo, só Tal-a teve mais de 70 ferimentos no seu corpo. Certa vez, quando a multidão dos descrentes atacou fortemente, o Profeta perguntou aos crentes: “Quem se sacrifica

por mim?” Ziad Bin Sakan e cinco dos seus companheiros ofereceram-se para essa missão. Cada um deles lutou até o fim, dando as suas vidas em defesa do Profeta. Houve momentos em que só estava Abu Dujanah perto do Profeta a protegê-lo com o escudo de couro. Até uma senhora chamada Umm Ammara perdeu o seu braço, cortado por Qumaya quando esta tentava salvar o Profeta dos ataques daquele.

A guerra continuou com grande fúria e os muçulmanos, combatendo com incomparável coragem e sob circunstâncias extremamente difíceis, repeliram todos os ataques dos inimigos e forçaram-nos a recuar. Abu Tal-a lançou tantas setas que uns três arcos quebraram-se na sua mão e pôs o seu peito em frente do Profeta para servir de proteção e quando ele levantava a sua cabeça, Abu Aal-a dizia-lhe para abaixar, senão alguma seta do inimigo podia atingi-lo. Sa'ad Bin Abi Waqqas era um conhecido arqueiro. Na altura encontrava-se perto do Profeta. Este pôs a sua aljava à sua disposição e disse: “Atira! Os meus pais que sejam sacrificados por ti”.

Os muçulmanos, inferiores em número e em material, enfrentaram 3.000 inimigos bem equipados, e conseguiram salvar o Profeta contra centenas de ataques. Muhammad estava ferido, cercado, quase à beira da morte, mas mesmo assim os seus seguidores demonstraram coragem inimaginável. Não foi como quando Jesus foi perseguido, os seus discípulos, abandonaram-no até o vendear, como consta na Bíblia. S. Mateus, capítulo 26-27.

Aos muçulmanos, feridos, cansados, mas ousados, o Profeta ordenou para subirem ao topo da montanha mais próxima, e eles obedeceram com firmeza.

Abu Sufiyan quando os viu no topo da montanha deu a volta com a sua tropa para os atacar da retaguarda, mas Omar Ibn Al-Khattab e outros muçulmanos conseguiram impedi-lo e forçá-lo a recuar. Esta subida ao topo da montanha pelo Profeta foi um grande êxito, pois, os muçulmanos dispersos apressaram-se a reagruparem-se à sua volta.

Quando o rumor da morte do profeta chegou a Madinah, a sua filha Fátima foi ter com ele. Ainda corria o sangue da face dele. Ali Bin Abi Talib apressou em trazer água no seu escudo. Fátima ia lavando o rosto do pai e Ali deitava a água. Contudo, o sangue não parou até que ela pegou um pedaço de uma esteira, queimou-a e colocou as cinzas na ferida. Imediatamente o sangue parou. Os muçulmanos estavam tão cansados e feridos, assim como o Profeta, que quando cheguem a oração da tarde fizeram-na todos sentados.

Abu Sufiyan, aproximou-se do local onde estavam concentrados os muçulmanos e gritou: “Muhammad está aí?” O Profeta disse aos muçulmanos para que não respondessem. Abu Sufiyan chamou depois pelos nomes de Abu Bakr e Omar. Como não recebeu resposta alguma, disse: “Parece-me que todos foram mortos”. Omar não resistiu e imediatamente gritou “Ó inimigo de Deus: Todos nós estamos vivos, e em breve Deus desonrar-te-á». Então Abu Sufiyan gritou orgulhosamente:

*“Aala Hubal” (Hubal é grande)*

O Profeta ordenou aos muçulmanos para gritarem:

*“Deus é o maior e mais glorioso”*

Abu Sufiyan retorquiu:

*“Nós temos o Uzza ao nosso lado e vós não o tendes.”*

Os crentes replicaram pela ordem do Profeta:

*“Deus é nosso protetor, e para vós não há protetor nenhum.”*

Abu Sufiyan disse:

*“A batalha de hoje é a resposta de Badr”.*

Omar respondeu pela ordem do Profeta:

*“Não, os nossos mortos estão no Paraíso e os vossos no Inferno”.*

Abu Sufiyan disse:

*“Encontrar-nos-emos uma vez (na batalha) no próximo ano em Badr”.*

O Profeta disse a Omar para responder:

*“Sim, esse é um compromisso entre nós e vós”.*

Abu Sufiyan disse:

*“Ireis encontrar entre os vossos mortos corpos mutilados, narizes e orelhas cortadas. Não fui eu que ordenei isso mas, quando soube disso, também não fiquei triste».*

Depois da batalha era a guerra de palavras, e esta era considerada entre os árabes mais efetiva do que cortes de espada, como se nota na poesia árabe.

Em seguida, os descrentes voltaram para Makkah depois de enterrarem os seus mortos, não se dirigindo mais a Madinah.

## **A MUTILAÇÃO DOS MÁRTIRES MUÇULMANOS PELOS DESCRENTES**

Os descrentes de Makkah, na emoção da vingança de Badr, vingaram-se até dos cadáveres. Hind, mulher de Abu Sufiyan, com as suas companheiras, correram para o campo de batalha e começaram a mutilar os cadáveres muçulmanos.

Ela cortou vários narizes, orelhas e partes dos corpos para com isso fazer colares e pô-los no seu pescoço. E como se isso não bastasse, cortou o peito de Hamza, tirou o fígado e começou a mastigar, como uma suja hiena. Mas, não conseguindo engolir, deixou-o. Depois dos descrentes terem partido, o Profeta orou (Salat Al-Janazah) pelos mártires, juntamente com os muçulmanos, e sepultaram-nos em Ohud. Devido ao cansaço, era difícil cavar campas individuais. Assim, em cada campa, puseram dois a três cadáveres.

Os muçulmanos não tinham pano suficiente para cobrir os corpos dos mártires. Como, por exemplo, o caso de Mus'ab Bin Umair, um dos mártires, que quando lhe cobriam a cabeça descobriam os pés e quando lhe cobriam os pés descobriam a cabeça. Finalmente, cobriram a cabeça e com um capim chamado "Idhkir" cobriram os pés. Foi uma imagem tão triste que os muçulmanos, quando se recordavam mais tarde, os olhos enchiam-se-lhes de lágrimas. No total foram setenta muçulmanos mortos. A maioria deles era Ansar e seis eram Muhajerin.

O Profeta estava extremamente triste pela morte do seu tio Hamza e dos outros muçulmanos, e pela sua mutilação. Os muçulmanos estavam também tristes por esta tragédia. Depois de já terem alcançado a vitória, uns (arqueiros) erraram e todos sofreram a sua consequência. Este erro serviu de lição aos muçulmanos para as futuras batalhas. O Profeta é exemplar para os muçulmanos, por isso ele devia dar o exemplo de como um general deve atuar quando o dia está contra ele. O Islam também teve muitas guerras, mas Deus proibiu a mutilação dos mortos, e ordenou para que tratassem bem os prisioneiros; esta é a tolerância islâmica.

## REAÇÃO DAS MULHERES MUÇULMANAS

Nesta batalha, várias mulheres muçulmanas participaram, como foi o caso de Umme Ammara citada anteriormente, Aisha, Umme Sulaim (mãe de Anass) e Umme Sulait (mãe de Abu Said Al-Kudhri), que enchiam bolsas de couro com água e davam aos feridos.

Já antes da guerra, o Profeta tinha enviado mulheres e crianças para as fortalezas para se protegerem. Quando estas souberam da tragédia vieram todas apressadamente a Ohud para tratarem dos feridos e chorar os mortos.

Safya (irmã de Hamza) quando ouviu sobre o martírio do seu irmão dirigiu-se para Ohud. O Profeta chamou o seu filho “Zubair” e disse-lhe para que não deixasse a sua mãe ver o cadáver de Hamza, uma vez que estava mutilado. Zubair foi e transmitiu à sua mãe o recado do Profeta. Ela respondeu: “Eu já ouvi que o meu irmão foi mutilado, mas isso, pela causa de Deus não é grande sacrifício”. Então, o Profeta autorizou-a a ver o cadáver do irmão. Quando se aproximou, emocionou-se bastante ao ver pedaços de corpo dispersos. Mesmo assim, apenas disse: “Somos de Deus e a Ele retornaremos” (Cap. 2, verso 156).

Orou por ele pedindo perdão a Deus, e calou-se.

Havia mais uma mulher, de entre as Ansar, chamada Afifah que perdeu o pai, o irmão e o marido. Ia ouvindo com grande consternação as notícias da morte de um após o outro, mas depois de cada notícia ia perguntando: “Como está o Profeta?” E os crentes iam respondendo: “Está bem”. Ela aproximou-se e, ao ver o Profeta, disse descontroladamente: “Na tua presença todos os infortúnios são insignificantes”. Estes são alguns dos exemplos do amor que os muçulmanos tinham pelo Profeta.

## O REGRESSO DO PROFETA E DOS CRENTES A MADINAH

Os muçulmanos quando regressaram a Madinah, encontraram os seus habitantes tristes e comovidos com o que tinha acontecido.

Abdullah Bin Ubai chefe dos hipócritas, que tinha voltado do meio do caminho com a sua gente e os judeus começaram a escarnecer dos crentes dizendo:

*“Se tivessem ficado conosco, não teriam morrido, nem sido assassinados!” (3:156).*

Depois de Badr a força islâmica em Madinah era inabalável, porém esta tragédia tornou os hipócritas e judeus mais corajosos. Havia necessidade de recuperar e restaurar o prestígio perdido, senão os muçulmanos tornar-se-iam para sempre num objeto de escárnio da parte dos pagãos e dos inimigos.

Portanto, para demonstrar força e coragem havia necessidade de lançar golpes diretos contra o inimigo para compensar a tragédia de Ohud, e também para implantar o temor nos corações dos judeus e dos hipócritas.

## HAMRA AL ASSAD

Quando os muçulmanos voltaram para Madinah o Profeta estava com receio que os descrentes pudessem vir a atacar a cidade. No dia seguinte, domingo, dia 16 de Shawwal, Muhammad convocou os muçulmanos para se reagruparem e perseguirem o inimigo, e anunciou que só os acompanhariam quem lutara com eles no dia anterior.

Os muçulmanos, mesmo feridos, aceitaram sem hesitação a chamada do Profeta. O Profeta nomeou como seu substituto, Ibn Umm Maktum, e saiu com a tropa. Chegaram a um local chamado Hamr'a Al-Assad a quinze quilômetros de Madinah.

A tribo Khuza'ah ainda não se tinha convertido ao islamismo, mas no íntimo simpatizava com os muçulmanos. Coincidiu que o seu líder, Ma'abad Bin Abi Mabad Khuzaai, que se dirigia a Makkah, passou do caminho e encontrou-se com os muçulmanos.

Os descrentes quando chegaram a Rawha pensaram: “Nesta guerra não tivemos qualquer vitória sobre os muçulmanos, o máximo que se pode dizer é que foi igual por igual”. “Se nós em Makkah dissermos que fomos vitoriosos as pessoas perguntar-nos-ão onde estão os prisioneiros muçulmanos, e os despojos de guerra; e nós não temos nenhuma das coisas. Pelo contrário, perdemos as nossas figuras denotadas (dezessete líderes Qurayshitas foram mortos em Ohud) e apenas conseguimos matar duas ou três personalidades conhecidas dos muçulmanos. Nesse caso quem nos dirá que nós voltamos vitoriosos?” Assim, todos mudaram de ideia e pensaram voltar para eliminar os crentes. Abu Sufiyan já estava a voltar com a tropa de Rauhá para atacar Madinah, quando Ma'abad Khuzaai chegou a Rauhá, e disse a Abu Sufiyan: “Muhammad saiu de Madinah com uma grande tropa, que nunca vira igual para vos perseguir - encontrei-me com eles em Hamrá-Al-Asad, em breve vos encontrarão”. Os descrentes julgaram que os muçulmanos vinham reforçados. Ao ouvirem essa notícia, os seus corações

encheram-se de medo e puseram-se em fuga rumo a Makkah onde pararam. Assim o Profeta acertou no seu receio.

O Alcorão relata esta passagem:

*“Que, mesmo feridos, atendem a Deus e ao Mensageiro. Para os benfeitores e tementes, dentre eles, haverá uma magnífica recompensa. São aqueles aos quais foi dito: Os inimigos concentraram-se contra vós; temei-os! Isso aumentou-lhes a fé e disseram: Deus nos é suficiente. Que excelente Guardião! Pela mercê e pela graça de Deus, retornaram ilesos. Seguiram o que apraz a Deus; sabeis que Deus é Agraciante por excelência.” (3:172 até 174)*

Depois dessa batalha até ao mês de Zul Hijja não houve qualquer grande acontecimento. Assim, os muçulmanos regressaram a Madinah com a cabeça erguida. Esta missão ajudou bastante os muçulmanos a recuperar o prestígio perdido em Ohud, e serviu para atemorizar os hipócritas e judeus de Madinah, e também para distinguir o verdadeiro crente do hipócrita, como foi o caso de Abdullah Bin Ubai e seus companheiros. Muitos muçulmanos ainda não os conheciam, agora ficaram distintos. E sobre o monte Ohud, o Profeta disse: “Esta é a montanha que nos ama e nós retribuímos a sua afeição”.

Não amaldiçoou a montanha onde teve o momento negativo como fez Jesus ao amaldiçoar a figueira onde não encontrou fruto (S. Mateus, cap. 11, verso 11-12-13).

Houve dois motivos para esta tragédia que os muçulmanos enfrentaram em Ohud.

1º - Não obedeceram à ordem do Profeta divergindo entre si: uns disseram que deveriam permanecer ali.

Outros contrariando, disseram que já não era preciso, que deveriam descer e colecionar os despojos de guerra. Portanto, o primeiro motivo foi a disputa mútua, pelo que tem de haver convergência e união.

2º - Quando correu o boato da morte do Profeta, os corações dos muçulmanos desanimaram-se e o resultado disso foi perderem a coragem. E o muçulmano deve ser firme e corajoso.

Os dois erros cometidos pelos muçulmanos tiveram consequências muito duras. Por isso, os muçulmanos têm de ser obedientes. Foi de fato uma grande lição, o Alcorão diz: *“Deus cumpriu a Sua promessa quanto, com a Sua anuência,*

*aniquilastes os incrédulos, até que começastes a vacilar e disputar acerca da ordem e a desobedecestes, apesar de Deus vos Ter mostrado tudo o que aneláveis. Uma parte de vós ambicionava a vida terrena, enquanto a outra aspirava à futura. Então, Deus vos desviou dos vossos inimigos, para provar-vos; porém, Ele vos indultou, porque é Agraciante para com os fiéis” (3:152).*

## **SERÁ QUE OS MUÇULMANOS FORAM DERROTADOS EM OHUD?**

Não! Na verdade eles não foram derrotados como tentam dar a entender os historiadores não muçulmanos.

Os muçulmanos já tinham alcançado a vitória logo no início. Foi a seguir que os descrentes atacaram, contudo os muçulmanos não abandonaram o campo de batalha. Foram os descrentes que adiaram a guerra para o ano seguinte e abandonaram o campo, indo para Makkah; depois é que os muçulmanos regressaram para Madinah. Os muçulmanos perseguiram-nos até Hamr Al-Assad e eles, quando souberam da vinda dos muçulmanos, puseram-se todos em fuga. Não capturaram nenhum prisioneiro muçulmano, nem levaram algo como despojo. Então pode considerar-se isso como uma vitória dos descrentes?

O Alcorão fala da batalha de Ohud detalhadamente no capítulo 3 “Al-‘Imran”.

## **ACONTECIMENTOS DISPERSOS DO ANO 3**

Neste mesmo ano 3º da Hégira, a filha do Profeta, Umm Kulssum, casou-se com Uthman depois da sua anterior esposa, Ruqayah, também filha do Profeta, ter falecido. Foi neste ano também que o Profeta se casou com Hafsa, filha de Omar Ibn Al-Khattab, viúva, e com Zaynab Bint Khuzayma, viúva de Abdallah Bin Jahsh, morto em Ohud.

Foi neste ano que nasceu Hassan, filho de Ali Ibn Abi Talib, no dia quinze de Ramadan.

E ainda no mesmo ano, as bebidas alcoólicas se tornaram proibidas definitivamente. A sua proibição foi gradual pois os árabes eram viciosos, e nesse caso uma proibição brusca seria difícil. O primeiro versículo revelado a respeito do vinho foi no capítulo 2, versículo 219:

*“Interrogam-te a respeito da bebida inebriante e do jogo de azar; dize-lhes: Em ambos há benefícios e malefícios para o homem; porém, os seus malefícios são*

*maiores do que os seus benefícios*”. Mais tarde, quando uma vez um muçulmano fez a oração no estado de embriaguez e se confundiu na recitação do Alcorão, foi proibida a bebida alcoólica antes da oração e a prática da oração foi proibida no estado de embriaguez, através do seguinte versículo: *“Ó fiéis, não vos deis à oração, quando vos achardes ébrios, até que saibais o que dizeis» (4:43).*

Fora disso, era permitido mas quando surgiram violências e transgressões no seio dos muçulmanos por causa da embriaguez, foi proibido definitivamente, através deste versículo: *“Ó fiéis, as bebidas inebriantes, os jogos de azar, a dedicação às pedras e as adivinhações com setas, são manobras abomináveis de Satanás. Evitai-os, pois, para que prospereis.» (5:90).*

Os muçulmanos logo responderam: “Abstemo-nos”.

O ocidente está engajado numa guerra dura contra o alcoolismo, depois de tanta campanha e divulgação do seu malefício. Contudo, não conseguem controlar e vão aumentando os alcoólatras. Mas o Islam só com estes três versículos resolveu o problema definitivamente. Aqui fica o convite ao ocidente aderir ao Islam, para vencer este mal social que é a mãe de todas as maldades. E terminou assim a bebida alcoólica na comunidade islâmica. Quando chegou a proibição final, os muçulmanos, em Madinah, destruíram os depósitos e contentores de bebidas alcoólicas. Nesse dia o vinho corria nas ruas de Madinah como água das cheias. Há exemplo igual de obediência na História do Mundo? Foi neste ano que foram revelados no Alcorão a lei e os pormenores da herança.

Até esta data era permitido o casamento de politeístas (idólatra) com muçulmanos. Foi neste ano que veio a sua proibição.

E assim o Profeta dedicou o resto do tempo a ensinar o Alcorão e o Islam.

## **ANO QUATRO DE HÉGIRA**

### **- Corrente de Expedições -**

Todas as tribos da Arábia, exceto uma ou duas, eram inimigas do Islam. A sua inimizade para com o Islam era devida à sua crença na idolatria e politeísmo, sendo isto uma das coisas básicas que o islamismo quis eliminar para estabelecer o monoteísmo. Essas mesmas tribos quando iam a Makkah em peregrinação, os Qurayshitas incitavam-nos contra o Islam.

Havia outro motivo também para eles se oporem ao Islam: É que eles para sobreviverem dependiam das pilhagens às caravanas, coisa que o Islam não

tolera verbal e praticamente, e eles sabiam que se o islamismo se estabelecesse e fosse vitorioso, o seu meio de sobrevivência seria eliminado.

Por estas razões elas se opunham ao Islam. A vitória em Badr atemorizou essas tribos. Ninguém tinha a coragem de desafiar Muhammad abertamente. Mas depois da tragédia de Ohud a situação mudou.

Repentinamente, todas ergueram as suas cabeças contra Muhammad. Todas estas expedições na biografia do Profeta Muhammad fazem parte desta corrente.

Sabendo tudo isto, o Profeta tomou as máximas precauções dentro e fora de Madinah.

Entretanto, no dia um de Muharram (do quarto ano), ele foi informado de que Tulayha e Salma, filhos de Khuwailid, líderes da Tribo Banu Assad, se concentravam num local chamado Qutn situado a este de Madinah, a incitar a sua gente, dizendo que Muhammad e os muçulmanos estão fracos, para em seguida atacarem Madinah e capturarem o seu gado.

Depois de receber essas informações, Muhammad enviou Abu Salamah Ibn Abd Al-Assad com uma expedição constituída por cento e cinquenta homens, Muhajerin e Ansar.

Os descrentes, quando souberam da vinda da tropa muçulmana, fugiram todos. Os muçulmanos, quando lá chegaram não encontraram ninguém, por isso regressaram. Esta missão durou dez dias e não houve guerra alguma. Os crentes apanharam bens (animais) dos inimigos, que haviam deixado na fuga precipitada.

## **A MISSAO DE ABDALLAH BIN UNAIS**

**- Cinco de Muharram 4 d.H. -**

Junto ao vale de Arafat, há um local chamado Urna, onde vivia um senhor chamado Sufyan Bin Khalid Ibn Nubaih Al-Hudhali, um grande inimigo do Islam, que instigava os descrentes a atacarem Madinah. O Profeta recebia constantemente essas informações, mas não tinha tropas suficientes para enviar, visto a outra ainda não ter regressado (porque aquela foi no dia um e ficou dez dias fora e Muhammad recebeu estas informações no dia cinco) contudo, não podia ficar passivo, tinha que atuar antes deles atacarem Madinah e a tragédia repetir-se.

Assim, o Profeta incumbiu Abdullah Bin Unais, no dia cinco de Muharram, enviando-o para “Urna” a fim de tratar desse assunto e confirmar a notícia. Abdullah Bin Unais foi só, escondia-se durante o dia e andava durante a noite, chegando deste modo a “Urna”.

Encontrou-se com Sufian e este perguntou-lhe a sua identidade. Ele respondeu: “Sou membro da tribo Khuza’a, ouvi dizer que estás a preparar uma tropa, para combater Muhammad, por isso vim para me juntar a essa tropa”. Sufian não lhe ocultou a sua ideia (de juntar a sua tropa para atacar Muhammad). Abdullah Bin Unais permaneceu com ele e quando Sufian se separou dos seus homens, indo cada um para a sua tenda, ficou apenas com Abdallah Bin Unais, este aproveitou a oportunidade e matou o inimigo. Abdallah conseguiu escapar e voltou são e salvo para Madinah. Informou o Profeta da sua missão e assim se evitou o pior.

Abdallah chegou a Madinah depois de 18 dias, precisamente no dia 23 de Muharram, correspondente a 6 de maio de 625.

## **ASSASSINATO DE MISSIONÁRIOS MUÇULMANOS**

**- MÊS DE SAFAR, ANO 4 DE HÉGIRA -**

No mês de Safar os Qurayshitas de Makkah enviaram sete homens pertencentes a “Adhal e Qarah” (parentes de Banu Assad) para enganarem o Profeta. Chegaram a Madinah e disseram-lhe: “A nossa gente decidiu abraçar o islamismo, portanto, envia conosco alguns dos teus companheiros para nos ensinarem o Islam”. O Profeta, já tinha iniciado o envio de missionários a várias tribos para ensinar o Islam, assim como tinha feito no passado depois da grande convenção de Aqaba.

Então, o Profeta enviou dez dos seus notáveis companheiros. Ibn Khaldun afirma que eram seis os enviados do Profeta aceitando a solicitação dos que vieram pedir professores para ensinarem os ensinamentos do Islam e nomeou Asim Ibn Thabit como seu líder. Estes saíram de Madinah e viajando pelo deserto chegaram a um lago da tribo de Hudhayl chamado “Raji” (entre Makkah e Asfan), Aí, os traidores chamaram duzentos homens da tribo de Hudhayl (era o povo de Sufian Bin Khald Al Hudhaly a quem Abdullah Bin Unais tinha morto), que já tinha conhecimento da conspiração. Quando os muçulmanos viram-se cercados pelos seus inimigos de espadas nas mãos, subiram corajosamente ao topo da montanha, para combaterem. Quando os traidores viram que não

era com facilidade que eles podiam prender aqueles muçulmanos, tentaram enganá-los, dizendo-lhes: “Descei! Nós prometemos que não vos mataremos”. Mas os muçulmanos não confiavam na palavra dos inimigos. Finalmente eles conseguiram prender dois dos muçulmanos e mataram outros quatro. Os dois muçulmanos presos eram Khubayb Ibn Adiy e Zaid Bin Dasina que foram levados acorrentados a Makkah e vendidos por Hudhayl aos Qurayshitas. Estes ficaram muito satisfeitos pelo trabalho de Hudhayl e compensaram-nos generosamente. Zaid Ibn Dassina foi comprado por Safwan Bin Umaia para o matar em vingança de seu pai Umayyah Bin Khalaf, morto em Badr; o cativo foi entregue ao “Nas-taas”, servo de Safwan, para a execução da pena. Este levou-o para fora dos limites de “Haram” para O executar. Os Qurayshitas todos apareceram no local para assistirem à execução. Antes da execução, Abu Sufiyan que também estava presente, adiantou-se e disse ao Zaid: «Ó Zaid! Vais ser morte neste estado de fome e sede; dize-me, por Deus, se não gostarias que Muhammad estivesse aqui no teu lugar para ser executado enquanto tu estarias em casa a descansar com teus familiares?» Zaid respondeu, exaltada e corajosamente: «Não! Por Deus, eu não gostaria que mesmo um espinho ferisse Muhammad no local onde ele está enquanto eu estivesse com a minha família». Abu Sufiyan espantado, replicou: «Por Deus! Nunca vi qualquer pessoa tão querida para os seus companheiros, como Muhammad é querido para os seus».

A seguir, Zaid foi executado, mas manteve-se firme e fiel até à última hora com a sua religião islâmica. Quanto a Khubaib (o outro muçulmano capturado), ele foi comprado por «Hujair» e levado para o local da execução.

Na última hora pediu que o deixassem orar (fazer duas Rakat). Os descrentes autorizaram-no. Ele fez a ablução e duas curtas Rakaat. Depois da oração disse aos descrentes: «Queria prolongar a minha oração mas não o fiz, porque vocês poderiam pensar que estou com medo da morte».

Depois recitou o seguinte poema:

*“Quando eu estou a ser morto, como um muçulmano não me importo para que lado serei deitado e tudo isso é exclusivamente para (a pessoa de) Deus. E se ele quiser abençoar as partes despedaçadas (mutiladas do corpo)”.*

Os descrentes crucificaram Khubaib e mesmo crucificado atiravam setas para o seu corpo. Ele tornara-se mártir, alcançando assim o seu desejo e objetivo na vida.

Com que coragem estes dois muçulmanos deram as suas vidas! É difícil

encontrar exemplo igual na história do mundo. Se ambos quisessem salvar as suas vidas tê-la-iam feito com muita facilidade, renunciando ao Islam. Mas mantiveram-se fiéis ao seu Criador e à sua religião até à última hora, convictos do dia do Juízo Final.

São casos a ponderar de como os muçulmanos inocentes foram alvos de opressão, injustiça e morte desde o início. A morte destes seis homens inocentes foi um ato de covardia e traição, pois não foram capturados em guerra ou por qualquer crime.

Eram homens que eles próprios foram buscar em Madinah com o fim de ensinar a religião de Deus e finalmente praticaram este ato bárbaro e criminoso contra eles. Não foi iniciativa deles ir pregar o Islam, onde não eram bem-vindos ou desejados.

Outro relato que se segue no próximo capítulo, diz respeito a setenta missionários muçulmanos que foram assassinados brutal e covardemente, a sangue frio; estas e outras injustiças feitas contra os muçulmanos são ignorados pelos historiadores não muçulmanos que nos seus relatos nem mencionam nem condenam. Mas se acharem algo que eles consideram negativo da parte dos muçulmanos, sem procurar os motivos, começam a fazer campanhas de difamação contra eles.

Afinal, onde está a injustiça? Os muçulmanos e o Profeta ficaram muito tristes quando receberam a notícia do assassinio destes seis homens. O Profeta, depois disto, tornou-se mais cauteloso ao enviar os seus homens para fora.

## **A MORTE DE SETENTA MISSIONARIOS “HAFIZES” EM BIR MAUNA**

Ainda não tinham passado muitos dias depois do primeiro triste incidente, ocorre outro ainda mais trágico. Entretanto aparece em Madinah, Abu Amir Bin Malik, dos chefes da tribo Bani Amir, no mês de Safar (2º mês islâmico, ano 4 d.H., maio/junho 625). Tendo tido uma entrevista com o Profeta, este convidou-o a entrar no Islam mas ele recusou-se; no entanto, não demonstrou qualquer ódio ou desagrado em relação ao Islam. Até elogiou-o e disse: «Preocupo-me com a minha gente; por isso se enviases alguns dos teus homens comigo para Najd, a fim de ensinarem o Islam, eu tenho esperanças que eles aceitarão». O Profeta disse: «Eu tenho receio da gente de Najd, pois podem prejudicá-los». Mas Abu Bara disse ao Profeta: «Não te preocupes com eles, pois estarão sob a minha proteção», Abu Bará era um homem com grande influência entre a sua gente e o Profeta, tomando isso em consideração, aceitou a sua palavra e en-

viu Al-Mundhir Bin Amr, juntamente com setenta homens escolhidos, todos eles «Hafizes» e «Qaris». Pode-se dizer que eram todos Santos, e a maioria deles era dentre os «Ashaab As-Suffah». Saíram de Madinah com Abu Bara. Quando chegaram a um local chamado Bir Mauna, a leste de Madinah, entre a terra de Bani Amir e Harra Bani Sulaim, enviaram Haram Bin Milham com a mensagem do Profeta para Amir Bin Tufail chefe da tribo Bani Amir, sobrinho de Amir Bin Malik, acima citado. Amir Bin Tufail nem sequer chegou a ler a mensagem de Muhammad. Matou de imediato o portador da mensagem, e a seguir instigou a sua gente para matar todos aqueles missionários muçulmanos. Contudo, a sua tribo recusou-se a fazê-lo, violando a promessa de proteção que Abu Bara tinha feito ao Profeta em Madinah, na ocasião do seu pedido de missionários muçulmanos. Quando Amir Bin Tufail viu que a sua gente recusara o seu apelo, solicitou a uma outra tribo, Banu Sulaym e seus respectivos chefes, Raal, Dhakwan e Assabah, que responderam favoravelmente ao pedido e prontificaram-se em massacrar os muçulmanos.

Cercaram os missionários muçulmanos e mataram-nos injustamente. Só conseguiram sobreviver desse massacre dois muçulmanos, Kaab Bin Zaid e Amr Bin Umayyah.

Kaab Bin Zaid sobreviveu porque estando gravemente ferido os descrentes julgaram-no morto e abandonaram-no. Amr Bin Umayyah foi liberto por Amir Bin Tufail, depois de ter aparado todo o cabelo, como expiação do voto que a mãe tinha feito de libertar uma vida. Abu Bará que prometeu a proteção, ficou bastante triste ao ver que o seu sobrinho tinha violado a sua promessa da proteção e nessa aflição morreu passados alguns dias. Amr Bin Umayyah, depois de ser liberto, voltou para Madinah e no caminho encontrou dois homens que pertenciam à tribo Banu Amir: Amr Bin Umayyah tomou-os também por inimigos; aproveitando-se da ocasião matou ambos.

Ao chegar a Madinah contou ao Profeta tudo o que acontecera com os seus companheiros. Os muçulmanos ficaram profundamente tristes pelo injusto massacre dos seus companheiros. O Profeta, depois disso, e durante um mês, recitava o «Qunut» na oração, pedindo a Deus para julgar os criminosos.

O autor desse crime Amir Bin Tufail, não durou muito, pois morreu passado um mês. Quando o Profeta ouviu que Amr Bin Umayyah matara aqueles dois homens no caminho, ficou também muito aborrecido e disse-lhe: «Esses dois homens que mataste pertenciam à tribo que tinha acordo de aliança e de boa vizinhança com os muçulmanos».

Por essa razão, o Profeta ordenou-o que indenizasse o sangue daqueles. As notícias do assassinio dos setenta missionários e a do assassinato dos muçulmanos em Al-Rajae (quatro em Al-Rajae e outros dois em Makkah) chegaram no mesmo dia a Madinah deixando o Profeta muito triste.

## **A CONSPIRAÇÃO DOS JUDEUS CONTRA A VIDA DE MUHAMMAD**

Estas duas tragédias consecutivas, após a grande tragédia de Ohud, encorajaram bastante os judeus e os hipócritas de Madinah, a erguerem as suas cabeças contra o Profeta. Agora os muçulmanos estavam em risco de serem aniquilados. Os judeus, hipócritas e idólatras já se tinham unido contra Muhammad e começaram a conspirar contra ele. O Profeta já se tinha apercebido disso.

Como Amr Bin Umayyah, já acima mencionado, matara no caminho os tais homens que pertenciam a uma tribo com a qual os muçulmanos tinham um acordo de aliança, os muçulmanos tinham que indenizar os respectivos familiares. Os muçulmanos tinham também acordo e aliança com os judeus de Banu Nadir e, segundo o acordo, uma parte da indenização teria de ser paga pelos aliados dos muçulmanos, que eram respectivamente os Banu Nadir. Então, o Profeta foi com Abu Bakr, Omar e Ali para o bairro dos judeus de Banu Nadir para os consultar a respeito desta indenização de sangue. Os judeus receberam-nos cordialmente e com amizade aparente, e fizeram com que se sentassem por baixo de uma grande parede do castelo. Com o pretexto de irem chamar os outros judeus, começaram a dispersar-se e à distância murmuravam que aquela seria uma boa oportunidade de acabar com os quatro. Alguém devia subir para o castelo e lançar uma rocha sobre o Profeta e os seus três companheiros; assim seriam eles esmagados. Nesse momento o Profeta, ao notar essa atitude, começou a suspeitar de alguma conspiração. Entretanto, um judeu chamado Amar Bin Jahash Bin Kaab, subiu rapidamente em máximo sigilo para cima do castelo, para dali lançar a rocha; porém, antes deles concretizarem o plano, Deus informou. O Profeta da conspiração dos judeus, confirmando assim a sua suspeita. O Profeta retirou-se imediatamente do local com os seus companheiros sem nada dizer e tomou o rumo de Madinah. Os judeus quiseram chamá-los de novo, contudo, o Profeta respondeu-lhes: “Vós conspirais para nos matar! Já não confiamos mais em vós, com isso vós quebrastes o acordo que fizestes comigo”. Os judeus não desmentiram a afirmação feita pelo Profeta nem pediram desculpas. Quando chegaram a Madinah o Profeta enviou-lhes uma mensagem dizendo para fazerem uma nova promessa de cumprimento do acordo. Os judeus, que já estavam mentalizados para a rebelião, tomaram uma atitude obstinada, porque achavam que por viverem nos castelos fortificados, não eram fáceis de serem conquista-

dos. Além disso, Abdullah Bin Ubai, chefes dos hipócritas, deu-lhes garantias dizendo-lhes para não obedecerem ao Profeta, porque os Banu Qurayza, outra tribo judia, também os apoiaria, acrescentando que tinha consigo dois mil homens dispostos a combater ao lado deles (de Banu Nadir). Assim, eles recusaram-se a fazer uma nova promessa para serem fiéis ao acordo. Entretanto, o Profeta pediu a Banu Qurayza, outra tribo congênere judaica, para renovar o acordo que já existia com eles. Estes aceitaram. Mesmo assim, os Banu Nadir mantiveram a sua posição, não aceitando fazer um novo compromisso.

Então, o Profeta enviou nova mensagem à tribo Banu Nadir com o seguinte teor: “Se não aceitardes fazer nova promessa de cumprir o acordo, então dentro de dez dias evacuai Madinah e ide embora para outro lado. Os judeus de Banu Nadir, adormecidos numa segurança imaginária, continuaram cegos e surdos às advertências do Profeta e orgulhosamente recusaram a ordem do Profeta. Pelo contrário, começaram as preparações de guerra contra o Profeta. O Alcorão conta este acontecimento da seguinte forma:

*“Tudo quando existe nos céus e na terra glorifica Deus. Ele é o Poderoso, o Prudentíssimo. Foi ele Quem expatriou os incrédulos, dentre os adeptos do Livro, quando do primeiro desterro. Pouco críeis (ó muçulmanos) que eles saíssem dos seus lares, porquanto supunham que as suas fortalezas os preservariam de Deus; porém, Deus os açoitou, por onde menos esperavam, e infundiu o terror em seus corações; destruíram as suas casas com suas próprias mãos, e com as mãos dos fiéis. Aprendei a lição, ó sensatos! E se Deus não lhes tivesse decretado o seu banimento, tê-los-ia castigado nesse mundo, e no outro, sofreriam o tormento infernal. Isso, por terem contrariado Deus e Seu Mensageiro; e, quem contraria Deus (saiba que), certamente Deus é severíssimo no castigo.” (59:1 até 4)*

Tudo no que eles se baseavam provou-se uma pura ilusão, pois nem Banu Qurayza vieram em seu apoio, nem os hipócritas puderam vir em seu apoio publicamente.

O Profeta, ao ver aquela sua (dos judeus) atitude obstinada, agregou os muçulmanos e, depois de designar Abdallah Ibn Umm Maktum como seu substituto em Madinah, foi com os muçulmanos e cercou o castelo com os judeus dentro. Ele deu a bandeira a Ali Bin Abi Talib para a empunhar. Esse cerco durou quinze dias. Finalmente os judeus enviaram uma mensagem através de Abdullah Bin Ubai, chefe dos hipócritas, ao Profeta, dizendo que estavam prontos a evacuar Madinah, se as suas vidas e riquezas fossem garantidas.

O Profeta aceitou e disse-lhes que: *“Podiam levar tudo o que pudessem levar consigo, exceto armamento”.*

Os judeus levaram tudo o que foi possível levar, e quando evacuaram destruíram as suas casas com as suas próprias mãos, para que os outros não vivessem nelas. Alguns deles emigraram para Khaybar entre os quais estava o seu líder Huyayy Ibn Akhtab, Salaam Bin Abi Al-Huqaiq e Kanana Bin Al-Rabi. Lá, os habitantes honraram-no tanto que foi reconhecido como o líder de Khaybar. Outros foram para Azriaat, para os lados da Síria, e apenas dois deles, Yamin Bin Amr e Abu Saad Ibn Wahab, permaneceram em Madinah, porque se converteram ao islamismo.

Estes judeus de Banu Nadir que emigraram para Khaybar foram a causa da batalha que ocorreu mais tarde em Khaybar no ano sete da Hégira, entre os muçulmanos e judeus. A evacuação de Banu Nadir de Madinah ocorreu no mês de Rabiul-Awwal, ano quatro da Hégira, seis meses após a batalha de Ohud.

Os judeus evacuaram Madinah com grande júbilo, montados em camelos, tocando adufe, e as mulheres cantando.

O Profeta ao ordenar a evacuação de Madinah aos judeus de Banu Nadir - que violaram o acordo - teve em consideração o que da presença deles resultaria, sempre em instigar os hipócritas contra os muçulmanos, especialmente depois dos muçulmanos terem qualquer infortúnio em alguma missão e até receio de guerra civil no caso de um ataque externo.

Por isso, a sua evacuação foi uma vitória psicológica para os muçulmanos e motivo de sossego e tranquilidade interna de Madinah.

Até essa altura, o Profeta tinha um escrivo judeu, para correspondência hebraica, mas como os judeus se provaram traidores, já não se podia confiar neles, especialmente nos segredos mais elevados de Estado e dos muçulmanos. Havia necessidade de ter um escrivo confiado. Para isso o Profeta ordenou a Zaid Bin Sábit, um jovem de Madinah, para aprender o hebraico, a fim de se encarregar da correspondência do Profeta. Zaid Bin Sábit, além de ser um escrivo de revelação, durante a vida do Profeta, foi-lhe entregue a tarefa de compilar o Alcorão durante o Califado de Abu Bakr, o primeiro Califa.

## **EXPEDIÇÃO DE ZAAT AR-RIQA**

Depois destes acontecimentos, o Profeta continuava sempre alerta e em máxima vigilância para não ser surpreendido por qualquer inimigo. Entretanto, no mês de Rabiul Akhir, e segundo outros historiadores no mês de Jamadal-Awwal, o Profeta recebeu informações constantes de que Banu Muharib e Banu

Sálaba (clãs de Gatfan), tribos de Najd, estavam a preparar um exército para atacar Madinah. O Profeta nomeou Uthman Bin Afan seu substituto e levou consigo quatrocentos homens ao encontro deles. Chegaram até ao monte em Najd que se chama Zaat Ar-Riqa, onde os muçulmanos acamparam, local onde estavam concentrados os descrentes. Estes, quando souberam da vinda do Profeta com os muçulmanos, fugiram todos e subiram ao topo das montanhas. Quando chegou a hora da oração de “Al-‘Asr”, o Profeta teve receio que, se todos se ocupassem na oração, os descrentes surpreendê-los-iam com um ataque destrutivo.

Então fez a oração curta, dividindo os muçulmanos em dois grupos. Enquanto um fazia uma parte da oração com o Profeta o outro vigiava, e depois afastava-se e te e entrava o outro grupo no seu lugar e fazia uma parte da oração enquanto o outro vigiava. Esta oração chama-se “Salatul-Khauf” na jurisprudência. Imam Bukhari, nas suas afirmações, inclina para o ano sete a ocorrência desta missão de Zaat Ar-Riqa, mas a maior parte dos historiadores opõem-se ao seu ponto de vista.

## **O SUPOSTO ENCONTRO DE BADR** **- Ano 4 de Hégira -**

Depois de regressar da campanha de Najd, o Profeta ficou três meses em Madinah. Abu Sufiyan que no fim da batalha de Ohud tinha desafiado os muçulmanos para no ano seguinte estarem presentes em Badr (feira anual da Arábia no mês de Shaaban, que durava 8 dias) para a guerra, que os muçulmanos tinham aceito, viu finalmente chegado o momento desse encontro.

Os hipócritas em Madinah, que desejavam ardentemente, dia e noite, a destruição dos muçulmanos, enviaram Naim Bin Mas’ud para recordar aos Qurayshitas o desafio prometido do ano anterior e instiga-los à guerra.

Esse ano foi um ano de crise e de seca em Makkah. Por isso, Abu Sufiyan não estava disposto a lutar e quis também que os muçulmanos não sássem até Badr para a guerra. Mas para ocultar a sua fraqueza disse ao Naím Bin Mas’ud: «Estamos em constante preparação para a guerra, mas você faz-me este favor: vai a Madinah e exagera na nossa preparação e no nosso armamento, atemorizando os muçulmanos para, assim, intimidados, não saírem para Badr, evitando-se a guerra este ano. Se conseguires fazer isto e tiveres êxito, dar-te-ei vinte camelos em recompensa».

Naím chegou a Madinah e começou a espalhar o boato:

*“Os Qurayshitas juntaram um exército tão grande que a Arábia toda não tem poder para os enfrentar. Os que saírem ao seu encontro saberão que o que lhes aconteceu em Ohud não é nada comparando ao que os espera agora”.*

Os Qurayshitas estavam convencidos que os muçulmanos ficariam desmoralizados e não sairiam para Badr ao ouvirem esta notícia.

Alguns muçulmanos ficaram preocupados temporariamente, mas Omar Al-Faruq foi ao encontro do Profeta e disse-lhe: “Tu és o verdadeiro Profeta de Deus, então porque razão os muçulmanos estão a preocupar-se ao ouvirem estas notícias?” O Profeta, como já tinha prometido no ano anterior sair ao encontro deles em Badr e não podia contrariar a sua promessa disse: “Mesmo que ninguém me acompanhe eu irei sozinho ao seu encontro, conforme a promessa”. Os muçulmanos sabiam que o Profeta estava determinado e eles nunca pretendiam desobedecê-lo, porque assim incorriam na ira de Deus. Começaram todos a preparação redobrada para ir ao encontro dos descrentes em Badr, agora sem se preocuparem das preparações dos descrentes.

O Profeta nomeou Abdullah Ibn Abdallah Bin Urai para governar Madinah na sua ausência e saiu com mil e quinhentos homens, confiando em Deus, rumo a Badr, dando a bandeira a Ali para a empunhar. Em todo o exército apenas havia dez cavalos. Abu Sufiyan, que queria evitar a guerra naquele ano, quando soube da notícia da saída do Profeta de Madinah, saiu também de Makkah com dois mil combatentes.

Por causa da crise e da fome em Makkah a tropa dos descrentes só levava consigo “Sawik” (cevada tostada e reduzida a pó), por isso o exército dos descrentes foi conhecido em Makkah por “exército de Sawik”. Quando este exército chegou a Assfan soube que o número de homens do exército dos crentes era de mil e quinhentos e eles já tinham experiência de Badr e Ohud, em que os muçulmanos em número eram sempre muito inferiores àquele número e -contudo saíram vitoriosos pela sua coragem e fé. Como seria agora, que o número - apesar de ser inferior aos descrentes - é superior àquele que eles já conheciam? Por esta razão, os descrentes ficaram preocupados e o seu moral decresceu.

E de Assfan resolveram voltar para Makkah dizendo: “Não achamos correto combater nos dias de seca”, colocando assim justificação da seca e da falta de comida para não combaterem. Regressaram antes de chegar a Badr. Quando chegaram a Makkah, as mulheres ficaram chocadas ao ver o exército voltar e disseram-lhes: “Vocês não foram lutar, só foram tomar cevada”.

O Profeta, e os crentes, ficaram em Badr oito dias à espera dos descrentes. Havia ali uma feira anual e eles aproveitaram a oportunidade para fazer negócios durante esses dias, uma vez que os descrentes não apareciam. No oitavo dia veio Máabad Bin Abi Máabad Khuzaai e informou aos muçulmanos que Abu Sufiyan saíra de Makkah, chegara a Assfan e dali voltara novamente para Makkah. O Profeta, ao ouvir isso, voltou a Madinah com os seus companheiros, chegando no início de Shaaban (novembro de 625 a.C.). Esta campanha do Profeta que ocorreu no fim de Rajab, ano quatro da Hégira, tem vários nomes, além do já referido são “A Segunda Batalha de Badr” ou “Badr Menor”.

O Alcorão fala desta segunda campanha de Badr nos seguintes versículos: Cap. 3, verso 173 e 174:

*“São aqueles aos quais foi dito: Os inimigos concentraram-se contra vós; temei-os! Isso aumentou-lhes a fé e disseram: Deus nos é suficiente. Que excelente Guardião! Pela mercê e pela graça de Deus, retornaram ilesos. Seguiram o que apraz a Deus; sabeis que Deus é Agraciante por excelência”.*

## **OUTROS ACONTECIMENTOS NO ANO QUATRO DE HÉGIRA**

Neste ano nasceu Imam Hussein, filho de Ali Bin Abi Talib e neto do Profeta, e morreu um outro neto do Profeta com seis anos de idade, chamado Abdallah, filho de Uthman Bin Affan. Foi neste ano que faleceu Zaynab Bint Khuzaimah e foi neste ano que o Profeta, após o falecimento de Abdassalaam Makhzumi, se casou com a sua viúva Umm Salma.

Foi também neste ano que faleceu Fátima Bint Assad, mãe de Ali Bin Abi Talib, e Abu Salma, primo do Profeta e seu irmão de leite, e um dos primeiros a emigrar para a Abissínia.

## **QUINTO ANO DE HÉGIRA**

Com a conspiração conjunta dos Qurayshitas, judeus e hipócritas atçou-se o fogo nas tribos contra os muçulmanos entre Makkah e Madinah e todas elas começaram as preparações para atacar Madinah. Depois do Profeta regressar do suposto Badr, ficou cerca de seis ou sete meses em Madinah, sem ocorrer qualquer acontecimento importante. Entretanto, no início do mês de Rabial-Awwal (junho de 626) do quinto ano da Hégira, recebeu a informação de que o chefe de Daumtul-Jandal (uma cidade ao norte entre Madinah e Damasco), chamado Akidar Bin Al-Malik, cristão, oprimia todas as caravanas de Madinah que por ali passavam em direção a Damasco, com fins comerciais, e que estava a preparar um grande exército para atacar Madinah.

Este novo inimigo poderia vir a ser mais perigoso, e havia o receio que com o ataque deles, os hipócritas, judeus e idólatras aumentassem as dificuldades aos muçulmanos. O Profeta resolveu não esperar até ser surpreendido por eles, eliminando o mal ainda no berço, antes de erguer a cabeça. Assim, nomeou Sabaa Bin Al-Fatah Al-Ghaffari como Governador de Madinah na sua ausência, e saiu com mil combatentes em direção a Daumatul-Jandal. O Profeta tomou como guia um homem de Banu Azrah.

Devido ao intenso calor, os muçulmanos andavam de noite e descansavam de dia. Quando se aproximaram de Daumatul-Jandal e os inimigos souberam da sua vinda, fugiram todos.

O Profeta conseguiu assim estabelecer o temor ao Islam nas fronteiras ao norte de Madinah.

No regresso a Madinah, o Profeta encontrou-se com um chefe árabe chamado Uyaina Bin Hisn que lhe disse: «Na minha zona devido à seca não há pastagem e como choveu em Madinah e, por conseguinte, há verdura e pastagem em abundância, peço-lhe autorização de pastar o meu gado nos pastos de Madinah». O Profeta autorizou-o, com grande prazer, a pastar o seu gado num local a 50 quilômetros de Madinah.

### **EXPEDIÇÃO DE AL-MUSTALAK (MÊS DE CHABAN, ANO 5 D.H.)**

O Profeta recebeu notícias de que o chefe da tribo de Bani Al-Mustlak, chamado Al-Haris Bin Darar, que habitava em Muraisi, aliado dos Qurayshitas, que os apoiara contra os muçulmanos na batalha de Ohud, estaria a preparar-se para uma guerra e ao mesmo tempo instigava outras tribos árabes a fazerem o mesmo, juntando-se a ela para atacarem Madinah.

O Profeta enviou primeiro Buraydah Ibn Husayb para investigar e confirmar as notícias chegadas. Buraidah confirmou, voltou a Madinah e disse ao Profeta que Al-Haris Bin Darar estava determinado a destruir o islamismo e os muçulmanos, e já havia juntado muitas tribos a seu lado, e que por nenhum preço ele estaria disposto a desistir do seu plano. Logo a seguir chegaram informações segundo as quais ele já estava prestes a sair com a sua tropa para atacar Madinah. Então, O Profeta ordenou imediatamente aos muçulmanos que se preparassem e nomeou Zayd Ibn Harithah como Governador de Madinah na sua ausência e saiu com a tropa islâmica no dia dois de Shaaban. Acompanharam o

Profeta dentre as suas esposas Aisha e Umm Salma. Quando chegaram a Muraisi, o chefe dos inimigos tinha enviado um espião para vigiar os muçulmanos, mas este foi capturado e confessou pertencer ao grupo dos inimigos. Os muçulmanos convidaram-no para o Islam, mas ele recusou-se e, por ter confessado o crime de espionagem contra os muçulmanos, foi morto, conforme as regras da guerra. Quando o chefe soube da morte do seu espião, ficou muito preocupado e desanimado e muitos dos grupos inimigos entraram em pânico e alguns até fugiram antes de começar a guerra. Omar Al-Faruq, por ordem do Profeta, convidou os inimigos para o Islam, para assim acabarem as hostilidades contra os muçulmanos, mas eles recusaram com arrogância. Então, os dois exércitos formaram fileiras para iniciar o combate.

A guerra começara; dez dos inimigos e um muçulmano foram mortos, assim como o portador da bandeira dos inimigos.

Os inimigos puseram-se em fuga deixando atrás as mulheres, os filhos, gado e muitos despojos. Os presos ao todo eram 600. Os muçulmanos libertaram todos os prisioneiros, depois de Juwayriyah, filha do chefe de Bani Al-Mustalak, se ter casado com o Profeta. Os Bani Al-Mustalak quando viram que o Profeta se casara com uma senhora nobre, pertencente à sua tribo, e os muçulmanos libertaram todos os presos, abraçaram todos o Islam.

Esta batalha não foi de grande importância mas nela se registraram certos acontecimentos ímpares e dignos de realce. Os historiadores muçulmanos reservam para ela um capítulo separado. Uma particularidade desta batalha é a participação ativa dos hipócritas liderados pelo seu chefe Abdullah Bin Ubai. Antes, eles nunca participaram em qualquer batalha ao lado dos muçulmanos. O leitor recorda-se certamente que na batalha de Ohud o mesmo Abdullah Bin Ubai, depois de ter saído com os muçulmanos, voltou pelo caminho com os seus homens, sem participar na guerra. Agora, depois de ver os sucessos alcançados sucessivamente pelos muçulmanos, eles decidiram participar, com a esperança de receber os despojos. Foi pois, por interesses materiais, e como eles se intitulavam muçulmanos, tinham os mesmos direitos islâmicos que um muçulmano tem e ninguém os podia impedir do usufruto desse seu direito.

## **A MALÍCIA DOS HIPÓCRITAS**

Depois da batalha ter terminado, um empregado de Omar Ibn Al-Khattab teve uma disputa com um muçulmano de Khazraj (um Ansar), no local de água. O empregado bateu-lhe na cabeça. Então ele pediu socorro à sua gente de Khazraj, enquanto o empregado pedia auxílio aos Muhajerin. Em consequência disso, os

dois grupos estavam prestes a lutar entre si, só que felizmente, pela graça de Deus, apareceu o Profeta e acalmou os dois grupos islâmicos, acabando assim com a agitação. Quando Abdullah Bin Ubai, chefe dos hipócritas, soube disso tentou explorar ao máximo esse acontecimento para lançar o fogo da inimizade entre os muçulmanos, dizendo: “Nós expulsaremos os muçulmanos do nosso território. O nosso caso e deles é como um provérbio antigo que diz ‘engorda o teu cão para eventualmente te morder’”. E acrescentou: “Quando nós regressarmos a Madinah os mais nobres (alusão aos judeus) expulsarão os mais vis (alusão aos Muhajerin)”. Assim como relata o Alcorão: “*Dizem: Em verdade, se voltássemos para Madinah, o mais poderoso expulsaria dela o mais fraco*” (63:8).

E dirigiu-se aos Ansar dizendo: “Vocês é que criastes este problema contra vós mesmos! Vós os chamastes para a vossa terra e partilhastes com eles as vossas riquezas para eles chegarem ao ponto de se igualarem a vós. Se vós deixardes de os apoiar eles retirar-se-ão daqui por si próprios”. Nessa conversa estava presente, a escutar, um jovem sincero no Islam, chamado Zayd Bin Arkam, que foi informar toda conversa do chefe dos hipócritas ao Profeta, que se encheu de ira. Mas apenas disse ao jovem: “Talvez estejas zangado com ele, por isso é que contas o que acabo de ouvir”. Ele respondeu: “Por Deus, ó Profeta! Eu ouvi-o falar». O Profeta retorquiu dizendo: «Talvez a tua audição fosse má». Porém, ele continuou a insistir que ouvira corretamente. Os muçulmanos, que estavam ali presentes, especialmente Omar, ficaram muitíssimo irritados. Omar pediu ao Profeta para lhe autorizar a matar esse chefe dos hipócritas e acabar com a agitação para sempre, mas Muhammad disse-lhe o seguinte: «Como é que tu te sentirias se ouvisses as pessoas dizerem: Muhammad está a matar os seus próprios companheiros?» (Porque Abdullah Bin Ubai reivindicava ser muçulmano). Depois, o Profeta ordenou, numa hora não habitual e sob intenso calor, para que todos regressassem a Madinah sem demoras e evitassem falar mais nesse assunto. Chegou Usaid Bin Hudhair e perguntou ao Profeta qual o motivo da sua ordem de regresso naquele momento.

O Profeta respondeu-lhe: “Não ouviste o que o vosso senhor disse? (alusão a Abdullah Bin Ubai, chefe dos hipócritas). Ele diz que quando lá chegar os mais nobres expulsarão os mais vis”. Usaid Bin Hudhair disse: “Por Deus! Tu, ó Mensageiro de Deus, é que tens esse poder de o expulsar se quiseres. Por Deus! Ele é que é o mais vil e tu o mais nobre”.

Depois, seguiram em marcha forçada. No caminho, quando se sentiram incomodados com o sol e o calor, pararam e adormeceram num local. Foi aí que alguns dos Ansar disseram a Abdullah Bin Ubai para pedir desculpas ao Profeta por aquilo que ele falara, mas este recusou-se orgulhosamente, jurando que ele

não falara aquilo. Então, Deus revelou o capítulo “Os Hipócritas”, que expôs a Abdullah Bin Ubai e seus companheiros hipócritas, confirmando o que o jovem muçulmano Zaid Bin Arkam tinha informado ao Profeta. Se por um lado Abdullah Bin Ubai, chefe dos hipócritas, era um grande inimigo do Islam, por outro o seu filho Abdallah Bin Abdllah Ibn Ubai era um verdadeiro muçulmano. Este, quando soube da notícia do que o pai falara, pensou que o Profeta ordenaria a morte de seu pai, foi ao encontro do Profeta e disse-lhe: “Todos sabem como sou obediente ao meu pai e como o sirvo, mas se o Profeta achar que ele é criminoso e deve ser morto, então, em lugar de ser outra pessoa a executar essa sentença, e depois eu pelo amor a ele e em vingança matar esse executor, ordena-me a mim mesmo para o executar, matando o meu pai para provar que o Islam é mais valioso que o próprio pai”. O Profeta respondeu: “Não! Eu não quero matar o teu pai, pelo contrário, quero ser bondoso para com ele”. E simultaneamente ordenou ao filho para que também fosse bondoso para com o seu pai. Quando Abdullah Bin Ubai, o chefe dos hipócritas, morreu, no ano dez da Hégira, o Profeta Muhammad dispensou a sua túnica, para servir de seu Kafan, tendo-lhe sido vestida essa túnica e enterrado com ela. O filho nem queria deixar o pai entrar em Madinah, mas o Profeta, como exemplo de tolerância, disse ao filho para o perdoar.

## **O CASAMENTO DE MUHAMMAD COM JAWAYRIYAH BINT HARIS**

Quando os muçulmanos regressaram, dividiram os despojos e os prisioneiros entre si. Dentre os prisioneiros estava Jawairiyah, filha de Hâris, um dos chefes árabes. Quando ele soube da prisão de sua filha dirigiu-se apressadamente a Madinah e disse ao Profeta: “A minha filha não pode ser escrava, pois isso é contra a minha dignidade, liberte-a para ela regressar comigo”. O Profeta respondeu: “O melhor é deixarmos a opção com ela, ela que escolha o que quer”. O pai foi ter com a filha e disse-lhe: “Muhammad deu-te opção, vê lá não me humilhes”.

Ela respondeu: “Eu prefiro ficar na companhia do Profeta, a servi-lo”. Então, o Profeta casou-se com ela. Certos historiadores acrescentam que seu pai pagou o resgate e depois de ela estar livre, preferiu continuar com o Profeta; então este casou-se com ela. Esse casamento teve um grande efeito nos muçulmanos, pois eles decidiram que a família da esposa do Profeta não poderia continuar no cativeiro, por isso todos os muçulmanos libertaram os seus cativos, devolvendo o despojo aos donos, em honra do casamento. Assim todos eles tornaram-se muçulmanos por verem o bom tratamento por parte dos muçulmanos. Em suma, este casamento transformou o ódio em amor.

## DIFAMAÇÃO DE ABDALLAH BIN UBAI IBN SALUL CONTRA AISHA (AL-IFK)

Esta foi a segunda anormalidade que aconteceu nesta missão dos muçulmanos no seu regresso a Madinah, após a campanha de Bani Mustalak. Esta é pior que a primeira, pois foi de rumores falsos contra Aisha, esposado Profeta. Aconteceu o seguinte: Aisha acompanhou Muhammad nesta viagem, num camelo, reservado exclusivamente para ela, dentro de um coche coberto, colocado sobre o camelo. No último dia de viagem, quando a caravana parou no local de repouso, o Profeta ordenou à noite, repentinamente, aos muçulmanos que regressassem a Madinah. No momento, Aisha tinha saído a fim de satisfazer as suas necessidades naturais e ainda não tinha regressado. Ela atrasou-se a regressar porque tinha usado um colar pertencente a sua irmã e o colar prendera-se no ramo de uma árvore onde se quebrara, espalhando as pérolas. Uma vez que o colar não lhe pertencia, ela preocupou-se mais e começou a apanhar as pérolas dispersas no chão, o que provocou a demora. Sem dar pela sua ausência a caravana seguiu, e ela, como era muito leve, os guias dos camelos pensando que ela estivesse dentro do coche, carregaram-no e puseram-no em cima do camelo prosseguindo a marcha. Quando ela lá chegou depois de apanhar as pérolas do colar, não encontrou ninguém no local e ficou muito preocupada.

Então, preferiu ficar no local e não se movimentar dali e, sentada, adormeceu. Já era noite, ela tinha a convicção que os guias dos camelos descobririam o seu erro e voltariam atrás, mas ninguém voltou. Quando chegou a manhã, apareceu Safwan Bin Muattal, que foi especialmente incumbido pelo Profeta para escoltar na retaguarda, para apanhar coisas que eventualmente ficassem para trás. Esta missão foi incumbida a Safwan porque ele dormia muito e acordava tarde, por isso esse era um serviço ideal para ele.

Ao analisar pormenorizadamente o local onde os muçulmanos tinham repousado, ficou chocado ao ver a mãe dos crentes, Aisha. Conheceu-a porque a tinha visto antes. Safwan disse em voz alta: “Laa ilaaha il-lal-lah”. Ao ouvir essa voz Aisha despertou e logo cobriu o seu rosto com o véu. Safwan baixou o seu camelo, Aisha subiu-o e sentou-se no coche sozinha. Tudo isto se passou sem que se dirigissem uma palavra. Safwan conduziu o camelo andando a pé, até chegarem ao encontro do exército muçulmano.

Quando chegaram, e os muçulmanos souberam do que tinha sucedido tiveram muita pena, mas ficaram descansados ao verem-nos chegar são e salvos. Todavia, os hipócritas aproveitaram esta oportunidade para lançarem calúnias

contra Aisha. O cabeça do grupo dos boateiros era Abdallah Ibn Ubai, chefe dos hipócritas. Falaram muitas palavras feias, que criaram uma agitação curiosa no seio da tropa islâmica. O Profeta estava muito hesitante mas mantinha-se calado. Logo após a chegada a Madinah, Aisha adoeceu. Doença essa que durou um mês e por fora as pessoas passavam as dias em comentários sobre os boatos levantados pelos hipócritas contra a sua pessoa, sem ela saber do que se passava. Antes, sentia o carinho do Profeta, mas esse carinho diminuía bastante, passava à porta do seu quarto e limitava-se a perguntar: “Como estais vós?”. Estas atitudes criaram-lhe suspeitas e dúvidas. Quando ela melhorou relativamente, saiu para fora e encontrou-se com a mãe de Misstah que a informou do que se passavam a seu respeito. Ao ouvir isso Aisha sentiu-se terrivelmente mal, o que piorou a sua doença. Quando o Profeta foi lá na sua visita habitual, Aisha pediu-lhe para ir passar alguns dias, enquanto estivesse doente, em casa de seu pai, Abu Bakr. O Profeta autorizou-a e ela quando chegou à casa de seu pai perguntou à mãe sobre o que as pessoas (hipócritas) falavam contra ela. A mãe consolou-a respondendo: “Minha filha tenha calma, por Deus! É raro haver uma mulher casta, casada com um homem que a ame, e ela não ter quem a inveje”. Aisha disse: “Glorificado seja Deus! Estão as pessoas a falar dessas coisas?” Então começou a chorar, chorou tanto nessa noite que as lágrimas já não corriam e nem dormiu. Soluçava tanto que parecia que o coração lhe rebentava.

Entretanto, o Profeta iniciava uma investigação minuciosa sobre o assunto, na presença dos seus companheiros, ouvindo as suas opiniões, perguntando às mulheres se tinham notado algo duvidoso na pessoa de Aisha. Contudo, todos afirmavam a inocência de Aisha. Então, o Profeta subiu ao púlpito (na mesquita) e lamentou a atitude tomada por algumas pessoas na difamação da sua família. Aisha chorou durante mais de duas noites sem lhe saírem lágrimas e sem conseguir dormir.

Depois, apareceu o Profeta, entrou, cumprimentou os presentes, sentou-se e disse: «Aisha, ouvi a teu respeito tais rumores. Se és inocente, Deus confirmará a tua inocência, e se cometeste algum pecado, pede perdão a Deus, e volta-te a Ele arrependida porque um servo quando reconhece o pecado e se volta arrependido a Deus, Ele o perdoa».

Ela dirigiu-se aos pais dizendo: «Respondi ao Profeta». Os pais disseram: «Por Deus! Não sabemos o que responder». Aisha disse: «Realmente eu, por Deus, já sei que ouvistes esta conversa a meu respeito e acreditastes nela. Por isso se vos disser que sou inocente, não me acreditarão, e se confessar perante vós qualquer pecado enquanto Deus sabe que sou inocente, acreditar-me-eis imediatamente. Portanto, eu não pedirei perdão por uma coisa que Deus sabe

que não pratiquei. Limitar-me-ei a dizer o que o pai de Yusuf (José) disse: «Paciência! Vou implorar o auxílio de Deus contra o que acabais de anunciar-me». Aisha manteve-se firme na sua posição, e respondia a todos que Deus não é injusto, e ela sabia que era inocente, mas os seus pais estavam muito aflitos e quase morriam nessa aflição.

Neste duro teste contra Aisha, há um modelo para todas as mulheres inocentes que enfrentam as mesmas situações. Elas devem ter a certeza de que Deus é seu protetor.

Os crentes também estavam convencidos que Aisha era inocente. Nessa ocasião, Deus revelou os seguintes versículos confirmando a inocência de Aisha e ao mesmo tempo definindo o castigo aplicável aos que levantam boatos contra mulheres puras, difamando-as: *“E àqueles que difamarem as mulheres castas, sem apresentarem quatro testemunhas, infligi-lhes oitenta vergastadas e nunca mais aceiteis os seus testemunhos, porque são depravados. Exceto aqueles que, depois disso, se arrependerem e se emendarem; sabeis que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo”.* (24:4 e 5)

A seguir Deus revelou versículos falando da inocência de Aisha:

*“Aqueles que lançam a calúnia, constituem uma legião entre vós; não considereis isso coisa ruim para vós; pelo contrário, é até bom. Cada um deles receberá o castigo merecido por seu delito, e quem os liderar sofrerá um severo castigo. Por que, quando ouviram a acusação, os fiéis, homens e mulheres, não pensaram bem de si mesmos e disseram: É uma calúnia evidente? Por que não apresentaram quatro testemunhas? Se não as apresentarem, serão caluniadores ante Deus. E se não fosse pela graça de Deus e pela Sua misericórdia para convosco, nesse mundo e no outro, haver-nos-ia açoitado um severo castigo pelo que propalastes. Quando a receberdes em vossas línguas, e dissestes com vossas bocas o que desconhecíeis, considerando leve o que era gravíssimo ante Deus. Deveríeis, ao ouvi-la, ter dito: Não nos compete falar disso. Glorificado sejas! Essa é uma grave calúnia! Deus vos exorta a que jamais reincidais em semelhante (falta), se sois fiéis. E Deus vos elucida os versículos, porque é Sapiente, Prudentíssimo. Sabeis que aqueles que se comprazem em que a obscenidade se difunda entre os fiéis, sofrerão um doloroso castigo, neste mundo e no outro; Deus sabe e vós ignorais.”* (24:11 até 19)

Quando foram revelados estes versículos, o Profeta ficou muito contente e deu a boa nova a Aisha da sua inocência confirmada por Deus. A sua mãe disse: “Levanta-te e agradece ao Profeta”. Aisha respondeu: “Não! Por Deus, eu ape-

nas agradecerei a Deus que anunciou a minha inocência”. Depois disso, os que andaram a levantar boatos com ela, foram castigados, conforme manda o Alcorão, como Uma regra geral aplicável a todos os que estejam na mesma situação, para proteger a honra da mulher casta. Com estes versículos Deus confirmou a veracidade e a inocência de Aisha, “a verdadeira”, assim como confirmou, antes dela, a inocência de outra “verdadeira”, a Mariam (Maria), mãe de Jesus, quando os judeus lhe fizeram acusações semelhantes. Estes são os prejuízos que os hipócritas trazem quando penetram entre os povos demonstrando amor quando na verdade os seus corações estão cheios de ódio para com eles, procurando sempre oportunidades de seduzi-los e criar agitações no seu seio.

### **A BATALHA DA TRINCHEIRA (AL-KHANDAK) OU (AL-AHZAAB) - ZUL-QUIDAH (ANO 5 d.H.) -**

Até aqui, o quinto ano da Hégira tinha sido relativamente melhor e próspero para os muçulmanos. Eles tiveram êxitos em todas as campanhas em geral, pela graça de Deus. Madinah estava praticamente livre dos inimigos e dos ataques. Sentia-se já uma relativa segurança dentro da cidade, depois da evacuação forçada de Banu Nadir, do sucesso na Campanha de Segunda Badr e na Dawmatul-Jandal,

Havia já tempo para se dedicarem ao melhoramento social da vida do seu povo e dos assuntos internos. A constante preocupação daquelas campanhas e saídas impediu os muçulmanos de se dedicarem à agricultura ou ao comércio, mas isso foi recuperado através dos despojos que receberam.

O número dos muçulmanos também tinha aumentado significativamente, mas apesar de tudo isso o Profeta tinha noção do instinto árabe de vingança, por isso não podia desleixar-se no que diz respeito à defesa dos muçulmanos, tinha que estar sempre em alerta nesse sentido.

A tribo Banu Nadir, desde que tinha sido forçada a sair de Madinah, emigrando para Khaybar e para os lados da Síria, não parou de fazer conspirações contra Muhammad e os muçulmanos, para se vingarem deles. Entretanto os seus líderes, Huyayy Ibn Akhtab, Salaam Bin Abi Al-Huqayq e Kinanah Bin Ar-Rabi, entre outros, foram a Makkah, a fim de se encontrarem com os Qurayshitas e disseram-lhes: «Se vocês nos apoiarem, podemos aniquilar os muçulmanos».

Abriram uma subscrição a fim de juntarem dinheiro para fazer face às despesas da futura guerra. Quando receberam resposta favorável da parte dos

Qurayshitas, consultaram depois a tribo Ghatafan, instigando-a também à guerra contra os muçulmanos, informando-a da decisão favorável dos Qurayshitas e aí também receberam uma resposta favorável, que lhes era conveniente. Successivamente foram conseguindo convencer outras tribos, como Banu Kinana e Banu Sulaym, tendo finalmente acordado secretamente com os judeus (Banu Qurayza) que ainda viviam em Madinah e seus arredores, para os apoiarem nesta guerra contra Muhammad, atacando-os internamente. Apesar desta tribo (Banu Qurayza) ter um acordo de aliança com os muçulmanos, em que se comprometiam ajudá-los contra qualquer agressão externa a Madinah, eles os traíram e juntaram-se aos inimigos.

Foi uma coligação dos judeus e descrentes contra Muhammad. As conversações ocorreram no máximo sigilo. O Profeta nem chegou a aperceber-se disso. Os judeus, como eram conhecidos adeptos do livro, foram interrogados pelos Qurayshitas antes destes se aliarem com eles contra Muhammad sobre o que achavam da religião islâmica? Os judeus, mesmo reconhecendo a verdade, preferiram a religião dos pagãos sobre o monoteísmo que os Islam advoga, e disseram aos pagãos que eles estavam melhor guiados que os muçulmanos e que nunca fariam as pazes com os muçulmanos. O Alcorão fala a este respeito:

*“Não reparaste naqueles que foram agraciados com uma parte do Livro? Creem em feitiçaria e no sedutor, e dizem dos incrédulos: Estes estão mais bem encaminhados do que os fiéis.” (4:51)*

Todas as tribos, Quraysh, Ghatafan (o líder de Ghatafan, Uyaina Bin Hisn, a quem o Profeta autorizara a pastar seu gado nos arredores de Madinah foi um ingrato para com o Profeta, depois de os seus animais estarem bem servidos utilizando-os contra quem lhe fez favor) Banu Murra, Banu Fazara, Banu Sulaym, Banu Saad, Banu Asad e todas outras tribos pagãs, que queriam aniquilar os muçulmanos, juntamente com todos os judeus, estavam presentes e contribuíram generosamente para as despesas da guerra.

Os judeus conseguiram conduzir todas as tribos notáveis contra Muhammad, pode-se dizer que era uma guerra entre os crentes por um lado e todos os descrentes aliados da península arábica por outro.

Primeiro, todos os pagãos foram para a Kaaba e juraram que, enquanto estivessem vivos não cessariam de se opor aos muçulmanos e não deixariam fugir qualquer oportunidade para os aniquilar. O Profeta não soube de nada, até que Abu Sufiyan, o primeiro a sair de Makkah, com as tribos suas aliadas, totalizando quatro mil combatentes, chegaram a Marraz-Zahran, onde se lhes juntou Banu Sulaym com a sua tropa.

Pelo caminho iam aparecendo as diversas tribos aliadas, com os seus combatentes, formando assim a tropa dos agressores. Quando chegaram perto de Madinah, o seu número era tão grande que a estimativa mínima era de dez mil e a máxima de vinte e quatro mil combatentes, com quatro mil camelos e trezentos cavalos. Cada tribo participou sob a liderança do seu chefe mas o comandante geral do exército dos descrentes era Abu Sufiyan, que na altura já se podia orgulhar, de ter conseguido mobilizar uma tropa tão grande, irresistível para combater Muhammad, como a Arábia nunca antes vira. Parecia que seria o fim de Muhammad, e ele não teria outra alternativa senão render-se.

O Profeta, quando soube da vinda dessa tão grande tropa, com milhares de camelos e centenas de cavalos, material bélico abundante e da união de todos os árabes e judeus para aniquilarem os muçulmanos, convocou uma reunião com os seus companheiros para definir como devia atuar perante aquela situação. Não era possível enfrentar um inimigo tão grande num campo aberto. Ainda a experiência de Ohud estava viva nas suas memórias, onde os corpos dos muçulmanos foram mutilados; fizeram colares com partes dos seus corpos, mastigaram fígados e muitas outras coisas; se os descrentes tivessem êxito poderiam fazer pior desta vez. Portanto, na reunião, todos concordaram unanimemente não ser aconselhável sair ao encontro do inimigo num campo aberto, e resolveram ficar em Madinah e defendê-la de dentro.

Salman Al-Farsi, um sábio, natural da Pérsia, que tinha abraçado o Islam, deu uma ideia eficaz, desconhecida entre os árabes e vulgar entre os persas: A de fazerem trincheiras à volta de Madinah para assim os inimigos não conseguirem entrar na cidade. O Profeta gostou desta ideia. Madinah estava rodeada e protegida por um lado, pelas montanhas como uma defesa natural, e por outro lado pelas paredes das casas, tamareiras e edifícios.

Depois de se retirarem as mulheres e crianças, estes edifícios serviram como fortalezas em cujas janelas os arqueiros foram colocados servindo de barreira. Foi decidido então fazer trincheiras nas partes do lado norte de Madinah, onde havia possibilidade do inimigo entrar e atacar, e foram dispostos arqueiros ao longo delas. Prepararam-se e juntaram-se os instrumentos para serem feitas as trincheiras. O Profeta com três mil muçulmanos saíram para fora da cidade, e começaram a fazer a trincheira.

Era dia oito de Dhul-Quida, ano 5 da Hégira. O Profeta definiu os limites e a trincheira começou a ser feita. Tinha cinco metros de largura e cinco de profundidade. O comprimento da trincheira foi dividido em porções iguais, e cada porção tinha dez pessoas para cavá-la e defendê-la. O próprio Profeta também

participou na abertura de uma porção. O vento soprava do norte e esperava-se chuva a qualquer momento. Eram dias de frio, os muçulmanos andavam com fome havia três dias, passando momentos extremamente difíceis. O Profeta tinha já cinquenta e oito anos, mas ainda era saudável, participava ativamente de todas as ações com os seus companheiros. Numa parte da trincheira os cavadores depararam com uma grande rocha que não conseguiam tirar. Todos tentavam removê-la, mas não conseguiam, nem a rocha se quebrava. Então, foram ter com o Profeta e informaram-no sobre o problema, pedindo-lhe autorização para fazer um pequeno desvio do limite por ele definido.

O Profeta deixou de cavar no seu local e dirigiu-se ao local onde estava a tal rocha, ao primeiro golpe desferido na rocha abriu-se nela uma fenda e simultaneamente saiu uma faísca. O Profeta exclamou: “Allahu Akbar”. E todos os seus companheiros exclamaram também em uníssono seguindo o Profeta. E o Profeta disse: “Foram-me dadas as chaves de “Sham” (Síria). A seguir deu outro golpe na rocha que provocou ainda maior fenda de onde saiu também uma faísca e foi exclamado “Allahu Akbar” da mesma forma por todos. E o Profeta disse: “Foram-me dadas as chaves da Pérsia”, e depois, com terceiro golpe na rocha despedaçou-se e saiu igual faísca, tendo de novo sido exclamado “Allahu-Akbar” da mesma forma por todos. E o Profeta disse: “Foram-me dadas as chaves de Yaman e acrescentou ainda: O Anjo Gabriel informou-me que todos esses países virão sob o controle dos meus seguidores (serão conquistados pelos muçulmanos).

## PONTO A PONDERAR

Uma porção de muçulmanos, preocupada em defender-se de uma enorme tropa cujo número era de 24.000. Todos os árabes eram seus inimigos e procuravam meios de os aniquilar, contudo, aparentemente, só se vê a destruição deles. Nesse momento crítico e de pobreza com pedras amarradas à barriga, devido à fome, está-lhes a ser dada a boa nova da conquista da Pérsia, dos Romanos, e de Yaman. Parece um divertimento! Porém, foi uma realidade que aconteceu logo dez anos após a morte do Profeta, no Califado de Omar. Pode alguém, além de Deus, dar informações ocultas com essa exatidão? Este foi outro sinal da veracidade da profecia de Muhammad, conforme diz a Bíblia, também, no Deuteronômio 18:21 e 22:

*“Se disseres a ti mesmo: como posso eu distinguir a palavra que não vem do Senhor? Quando o profeta tiver falado em nome do Senhor, se o que ele disse não se realizar, é que essa palavra não veio do Senhor. O profeta falou presunçosamente. Não o temas.”*

## A TRAIÇÃO DE BANU QURAYZA

Huyay Bin Akhtab, quando foi ter com Kaab Bin Asad para ser incluído na sua campanha contra Muhammad, este líder de Banu Qurayza, que era extremamente cauteloso, hesitou em aceitar. Queria uma garantia do sucesso da campanha contra Muhammad. Então Huyay disse-lhe: - Ai de ti ó Kaab! Eu consegui mobilizar os mais nobres e uma tropa grande como um oceano. Todos eles juraram que não desistirão até matarem Muhammad e seus companheiros. Kaab hesitou um pouco, lembrando-se que Muhammad, fora sempre fiel ao acordo, mas depois juntou-se aos inimigos. Quando o Profeta recebeu informações de que a tribo judaica Banu Qurayza, também se aliara aos inimigos contra os muçulmanos, enviou Saa'd Bin Maádh, chefe de Aus, aliado de Banu Qurayza, e Saad Bin Ubadah, chefe de Khazraj, para investigarem o caso junto dos judeus e aconselhá-los a recuarem da decisão tomada por eles.

Estes chegaram lá, tentaram convencê-los, explicando-lhes de todos os modos e lembrando-os do acordo que existia entre eles e os muçulmanos; porém os judeus recusaram-se a aceitar o pedido do Profeta e responderam-lhes com palavras ásperas, dizendo: “Não conhecemos Muhammad e nem temos qualquer acordo com ele”.

De fato, os muçulmanos encontravam-se numa situação muitíssimo difícil com esta traição no momento crítico, aumentando-lhes a preocupação. Eram os Qurayshitas, os judeus e todas as tribos árabes unidas para eliminarem a Muhammad.

O Alcorão dá a imagem disso:

*“(Foi) quando os inimigos vos atacaram de cima e de baixo, e os (vossos) olhos se assombraram, e os (vossos) corações como que (vos) subiam à garganta; nessa altura ainda estáveis a desconfiar de Deus, sob vários aspectos. Então os fiéis foram testados e sacudidos violentamente.” (33:09 e 10)*

O Profeta tinha receio de um ataque da parte de Banu Qurayza, por isso colocou na direção deles duzentos homens, para que não fossem surpreendidos por aí.

Os muçulmanos ainda não tinham acabado de fazer a trincheira quando Abu Sufiyan se aproximou de Madinah com a sua enorme tropa, convencido de que nenhuma oposição travaria a sua marcha! Madinah estava já ao alcance da sua visão. Ele ordenou a aceleração da marcha sobre Madinah com as espadas

e setas preparadas, tocando o adufe, louvando os ídolos, as mulheres gritando a vitória que pensavam ser certa, pois estavam convictos que esmagariam os muçulmanos dentro de momentos. De súbito a tropa dos descrentes parou.

Os camelos e os cavalos não avançavam e os homens ficaram perplexos quando viram a trincheira, porque na Arábia não era vulgar uma coisa dessas.

Na tropa islâmica estavam também os hipócritas, que se intitulavam muçulmanos. O tempo duro, falta de provisão, fome, falta de repouso à noite por motivo de vigilância, foram coisas que deixaram patentes os seus segredos, e pediram autorização ao Profeta para voltarem para casa porque segundo eles as suas casas não estavam seguras. O Alcorão relata esse acontecimento:

*“E um grupo deles pediu licença (ao profeta) para retirar-se, dizendo: certamente nossas casas estão indefesas - quando realmente não estavam indefesas, mas eles pretendiam fugir” (33:13).*

Regressaram dizendo:

*“Deus e Seu Mensageiro não nos prometeram senão ilusões” (33:11)*

Por outro lado a reação dos verdadeiros crentes foi diferente, conforme relata o Alcorão:

*“E quando os fiéis avistaram as facções, disseram: Eis o que nos haviam prometido Deus e o Seu Mensageiro; e tanto Deus como o Seu Mensageiro disseram a verdade! E isso não fez mais do que lhes aumentar a fé e resignação.” (33:22)*

O cerco dos descrentes a Madinah durou um mês. Durante aquele período os muçulmanos chegaram ao extremo das dificuldades. Além dos perigos externos, tinham constante receio dos judeus e dos hipócritas que viviam em Madinah, todos estes inimigos internos.

Eles tinham como proteção principal a trincheira, que impedia qualquer avanço do exército inimigo.

Houve várias tentativas da parte dos descrentes para atravessar a trincheira, mas sem êxito.

A batalha corpo a corpo não era possível, os dois grupos limitavam-se a trocar setas da manhã ao anoitecer.

O cerco era extremamente duro. Eles eram sempre abastecidos, mas os muçulmanos cercados não podiam adquirir nada do exterior, por isso a fome ia também apertando, por falta de provisões. Certa vez, um crente foi lamentar-se ao Profeta da fome que passava e levantou a sua túnica mostrando ao Profeta a pedra que amarrara à barriga para o seu tronco não se vergar. O Profeta levantou também a sua túnica e mostrou-lhe que não tinha uma, mas duas pedras amarradas à barriga. Este foi um grande exemplo dum dirigente para a sua gente nos momentos de aflição.

Quando o povo não tinha o que comer o líder também os acompanhava.

A situação contemporânea, em geral, no mundo é diferente, enquanto o povo sofre na fome e na miséria, os líderes alimentam-se do melhor e vivem luxuosamente à custa do povo. Como poderá haver harmonia e sossego?»: Por essa razão, esses líderes vivem constantemente com medo, inseguros, precisando de guardas e outras coisas mais. Não andam, não dormem e não comem à vontade. Vivem constantemente a vigiar o seu próprio povo, tratando-o como inimigo. O Profeta misturava-se livremente com o seu povo, sendo seu dirigente. Não tinha escoltas, guardas, vigilantes.

Qualquer pessoa, em qualquer altura, podia falar com ele. Por que toda essa tranquilidade? Porque havia justiça social.

Todos eram verdadeiramente iguais, com os mesmos direitos. É essa justiça social que o islamismo advoga para todos os povos do mundo sob as orientações divinas, sendo todos, criaturas de Deus e todos com os mesmos direitos, sem distinção de raça, cor, religião ou classe social.

Abu Sufiyan, os judeus de Banu Nadir e outras tribos continuaram o cerco à volta de Madinah, mas a moral dos seus combatentes estava bastante baixa, porque com aquele tão grande número vinham sensibilizados para uma fácil vitória, para num só dia eliminarem os muçulmanos. Eles não estavam mentalizados para um cerco tão longo, que durasse semanas e meses. O seu nervosismo aumentou quando viram a trincheira tão larga e profunda que não podiam atravessar, e os bravos muçulmanos a lançarem setas contra os que tentassem atravessar. Porque se fosse um cerco vulgar, eles não esperariam tanto tempo, Assaltariam e entrariam na cidade para massacrar os muçulmanos e mutilá-los.

Os muçulmanos guardavam a trincheira dia e noite, com medo de serem surpreendidos pelos inimigos. E naquela situação crítica, passaram várias semanas, e os descrentes por seu lado não faziam progresso nenhum. Os muçulma-

nos não demonstraram sinal nenhum de fraqueza, pelo contrário, contra tudo isso a sua fé em Deus aumentou.

Os descrentes começaram a ficar desesperados. Porém, nesse clima de desespero, eles descobriram uma parte da trincheira que não era tão larga e profunda como as outras, o que os reanimou, pois pensaram que daí poderiam atravessá-la e atacar os muçulmanos.

Os bravos conhecidos da Arábia, como Amr Bin Abd Nawfal e Dharar, tomaram a iniciativa para atacar os muçulmanos por aí.

Amr Bin Wadd, um bravo conhecido na Arábia, que se igualava a mil cavaleiros, tinha-se ferido na batalha de Badr e regressou, jurando que enquanto não se vingasse dos muçulmanos não iria pôr óleo nos seus cabelos. Na altura tinha noventa anos; mesmo assim, estava à frente de todos os atacantes e desafiou os muçulmanos para o combate individual. Ali ia a pé e Amr montado no cavalo, mas a vaidade e o orgulho de valentia de Amr não lhe consentiu combater montado enquanto o seu adversário estivesse a pé, por isso desmontou e perguntou a Ali: «Quem és tu?».

Ali disse-lhe o seu nome. Amr disse: «Eu não quero lutar contigo».

Ali lhe respondeu: «Mas eu quero». Imediatamente Amr desembainhou a sua espada furioso e atacou Ali, mas este travou o ataque com o escudo, mesmo assim ficou com a testa ferida e cicatrizada para sempre. A seguir, Ali atacou-o com a sua espada, dando-lhe um golpe nos ombros que lhe foi fatal. Simultaneamente Ali exclamou «Allahu Akbar» e foi a vitória.

Naufal, outro dos atacantes da parte dos descrentes, quando viu o seu companheiro morto, pôs-se em fuga e caiu na trincheira. Os muçulmanos começaram a lançar setas sobre ele, mas ele pediu que não fizessem aquilo porque queria uma morte honrada e não daquela forma. Então, Ali desceu para a trincheira e matou-o com a espada, morte considerada digna para os nobres.

O combate prosseguiu durante todo o dia com duros ataques. Os descrentes lançavam setas e pedras por todos os lados; não pararam por um momento.

Foi nesse dia que o Profeta faltou a quatro orações (Salat), porque tornou-se impossível mover-se do seu lugar. O Profeta já antes tinha enviado as mulheres e crianças para um local mais seguro num castelo.

Então, os judeus decidiram atacar o castelo, visto os homens estarem todos com o Profeta. Um deles subiu ao castelo e quase chegava à porta, quando Safiya, tia paterna do Profeta, o viu e imediatamente atirou sobre ele um objeto que lhe partiu a cabeça e morreu; os outros judeus, assistindo a cena, não tiveram coragem de atacar mais, pensando que existisse uma tropa estacionada dentro do castelo. Que moral tão elevado das mulheres muçulmanas!

O moral dos homens, apesar das imensas dificuldades, era muito mais elevado, pois, devido à fé em Deus, tinham a certeza da vitória. Os descrentes escarneciam deles devido à sua difícil situação, mas isso não os afetou em nada. Musab Bin Quchar, um hipócrita, dizia escarnecendo: «Muhammad está prometendo os impérios Romano, Persa e de Yaman aos seus companheiros, quando nem em Madinah conseguirão ficar». Outros diziam: «Os muçulmanos nem podem sair para fora das suas casas para satisfazerem as suas necessidades naturais, mas sonham com os Impérios de César e dos persas».

Os hipócritas continuavam a escarnecer-se dos muçulmanos, mas apesar da fome e dos vários perigos, estes não se desanimaram porque o Profeta já lhes tinha dado a boa nova da vitória e não estavam dispostos a fazer a paz e reconciliação nas condições humilhantes e de desvantagem.

O cerco quanto mais se ia prolongando, os inimigos iam-se desanimando.

Não era fácil abastecer com provisões um exército tão grande (24.000) dos inimigos.

Mesmo nesses momentos difíceis, as almas puras continuavam a entrar no Islam. Um senhor chamado Nuaym Ibn Masud, da tribo Ghatafan, um grande amigo dos judeus, saiu das fileiras dos descrentes e apresentou-se ao Profeta para entrar no Islam. Depois disse: «O Mensageiro de Deus! Eu já entrei no Islam mas a minha gente não sabe disso, ordena-me qualquer tarefa em que eu te possa ser útil. O Profeta disse-lhe: «Tu és só uma pessoa, que poderás tu fazer? Confunde-os quanto puderes, porque a guerra é uma arte de confusão e de estratégia». Ele saiu e foi ter com os judeus de Banu Qurayza. Quando estes o viram, receberam-no jovialmente porque era seu amigo. Disse-lhes: «Ó Banu Qurayza, vós sabeis do amor que tenho por vós, contar-vos-ei coisas que deveis mantê-las em segredo». Eles aceitaram e ele então começou a dizer-lhes:

«Vós vistes de certo o que aconteceu com Banu Qaynuqa e Banu Nadir (tribos judaicas), ao terem que sair forçosamente de Madinah, mas vós vos unistes aos Qurayshitas e Ghatafan, apesar de não estardes nas mesmas condições que eles,

pois enquanto eles tiverem oportunidades, vão aproveitá-las ou retirar-se-ão para as suas terras, mas vós estais a viver com um homem (Muhammad) contra quem não podeis combater. Portanto, a minha opinião para vós é de não participardes nesta guerra até não terdes certas garantias de que eles não vos abandonarão e vós deveis exigir-lhes setenta homens nobres como reféns para servir de garantia». Os judeus concordaram com a opinião de Nuaim e aceitaram-na. Nuaim foi depois ter com os chefes Qurayshitas, que também não sabiam da sua conversão, e disse-lhes: «Vou dizer-vos certas coisas que deveis manter em segredo», e disse-lhes:

«Os membros de Banu Qurayza estão arrependidos pelo que fizeram contra Muhammad e têm receio de vós os abandonardes e para conquistarem a confiança de Muhammad prometeram-lhe entregar alguns homens nobres de Quraysh. Portanto se eles vos pedirem alguns homens não lhos deis».

Seguidamente saiu e foi ter com a sua gente de Ghatafan que também não sabia da sua conversão. Disse-lhes a mesma coisa que dissera aos Qurayshitas. Como conseqüência disso, os Qurayshitas e os de Ghatafan começaram a duvidar da fidelidade e sinceridade de Banu Qurayza.

Abu Sufiyan quis pôr a tribo Banu Qurayza a prova, enviando uma delegação, numa sexta-feira, chefiada por Ikramah Bin Abu Jahal, ao chefe de Banu Qurayza, com a seguinte mensagem:

- «Saad! O nosso cerco a Madinah está bastante prolongado; decidi que vós deveis tomar a iniciativa de atacá-los amanhã, nós seguiremos os vossos passos». Os Banu Qurayza responderam:

- Amanhã é sábado (Sabath), quer dizer, repouso obrigatório na nossa religião, por isso não podemos lutar amanhã, e além disso nós não participaremos na batalha enquanto não nos deixardes reféns para servirem de garantia que não nos abandonareis.

Estava confirmado o que o Nuaim tinha dito aos Qurayshitas e Abu Sufiyan não tinha dúvida nenhuma da veracidade daquilo que Nuaim lhes tinha dito. Imediatamente enviaram uma mensagem negando a entrega de algum refém. E assim, seus corações despedaçaram-se, começaram a recear-se mutuamente e ninguém teve a coragem de tomar a iniciativa de atacar os muçulmanos. Os inimigos já estavam desmoralizados! Tinham-se passado vinte e sete dias do cerco. Chegou a noite, fazia um frio severo, os corpos tremiam com vento tempestuoso, chuva torrencial, uma forte trovoadas, introduzindo o terror nos cora-

ções dos inimigos. Algumas de suas tendas voaram e outras foram deitadas abaixo. Os seus animais dispersaram-se e as grandes panelas em que cozinhavam partiram-se e outras viraram-se. Muitas das tendas incendiaram-se devido ao forte vento que fazia. Quando viram as suas tendas incendiadas concluíram que fosse um mau agouro. Ficaram confusos, pensando que isso fosse consequência do ataque dos muçulmanos. Entraram todos em pânico, cada um preocupava-se em salvar a sua vida.

Abu Sufiyan, quando viu toda essa confusão, resolveu ir-se embora com os seus homens antes do amanhecer. Os Qurayshitas e Ghatafan foram-se embora e os de Banu Qurayza voltaram para os seus castelos. O mau tempo continuou, com a chuva e trovoada, até que os inimigos se distanciaram para longe de Madinah. Este mau tempo foi considerado como um exército vindo da parte de Deus. O Alcorão relata a passagem:

*“Ó fiéis, recordai-vos da graça de Deus para convosco! Quando um exército se abateu sobre vós, desencadeamos sobre ele um furacão e um exército invisível (de anjos), pois Deus bem via tudo quanto fazíeis” (33:9).*

*“Deus rechaçou os incrédulos que, apesar da sua fúria, não tiraram vantagem alguma; basta Deus aos fiéis, no combate, porque Deus é potente, poderosíssimo!” (33:25)*

Os muçulmanos, por outro lado, não sabiam nada do que estava acontecendo com os inimigos.

O Profeta, quando ouviu barulho no seio dos inimigos, disse aos seus companheiros: “De certo que aconteceu algo entre os descrentes”. Depois perguntou-lhes: “Quem de vós pode ir ver e nos informar o que se passa com o inimigo?”. Ficaram todos calados. O Profeta repetiu três vezes a pergunta e todos continuavam calados. Entre os muçulmanos estava o Hudhayfah Ibn Al-Yaman a quem o Profeta perguntou:

“Desde a noite ouves a minha voz e não respondes”?

Ele disse: “O Mensageiro de Deus o frio é muito severo”.

Muhammad enviou-o, para saber o que se passava na fileira dos inimigos. Quando lá chegou viu que eles preparavam a retirada. Regressou e narrou o que viu ao Profeta e este disse imediatamente: “De hoje em diante os Qurayshitas nunca mais nos atacarão”.

O terror e o medo dos inimigos era tão grande, que Abu Sufiyan o chefe geral deles anunciou: “Cuidado! Cada um que distingua bem o seu companheiro, para nesta escuridão os muçulmanos não penetrem no nosso seio”. Assim todos os inimigos puseram-se em fuga durante a noite e antes do amanhecer já lá não estava ninguém.

Se não fosse o grande favor e misericórdia de Deus para com a religião islâmica, os muçulmanos ter-se-iam extinguido e nunca conseguiriam salvar-se.

Os muçulmanos voltaram alegremente à cidade de Madinah.

O Profeta, na sua ausência da cidade, nomeara Ibn Umm Maktum como seu substituto em Madinah e quando regressou à cidade não tirou a armadura. Fez a oração de Dhuhr e ordenou a todos os combatentes muçulmanos que se guissem para a área de Banu Qurayza onde fariam o Salat de ‘Asr. Todos seguiram imediatamente para lá. Nesta batalha da trincheira, os muçulmanos não tiveram vítimas exceto Saad Bin Muadh, chefe de Aus, que ficou gravemente ferido sem nunca mais se recuperar e morreu.

## **O FIM DE BANU QURAYZA**

Ibn Umm Maktum continuou como governador de Madinah na ausência do Profeta. O Profeta já tinha ordenado aos muçulmanos para que se dirigissem ao bairro dos traidores (Banu Qurayza) que violaram o acordo existente entre eles e os muçulmanos, ajudando os inimigos agressores contra o Profeta. Ele queria purificar Madinah dos malvados, para viverem em paz e tranquilidade, uma vez que não estavam seguros da parte do Banu Qurayza. A bandeira dos muçulmanos foi empunhada por Ali e todos os muçulmanos (3.000) que tinham participado na Batalha da Trincheira marcharam para o bairro de Banu Qurayza, exceto Saad Bin Mu’adh que estava ferido, tendo chegado àquele bairro ao anoitecer.

Anteriormente, o Profeta tinha feito um acordo com os judeus, em que lhes dava segurança total, liberdade de vida, riqueza e religião, mas estes não respeitaram o acordo e rebelaram-se, como já foi citado. O Profeta quis, contudo, renovar o acordo com eles, mas a tribo Banu Nadir recusou-se e então foi expulsa de Madinah, Na altura a tribo Banu Qurayza aceitou renovar e continuaram a viver em paz e segurança.

Quando Banu Nadir saiu de Madinah, o seu chefe Huyay Ibn Akhtab e outros radicaram-se em Khaybar, de onde começaram a conspirar para comba-

terem o Profeta. Como o leitor sabe, a batalha da trincheira foi resultado direto da atitude deste judeu, Huyay Ibn Akhtab; Banu Qurayza ainda continuava fiel ao acordo, mas Huyay Bin Akhtab conseguiu convencê-los a violarem-no e a unirem-se aos inimigos. E deu-lhes ainda garantia de que se Quraysh se retirasse da guerra, ele haveria de se radicar junto a eles, deixando Khaybar, de fato cumprido a sua promessa. Os judeus de Banu Qurayza participaram ativamente na batalha da trincheira, e vendo que não conseguiam alcançar os seus objetivos, voltaram levando consigo este grande inimigo do Islam, Huyay Ibn Akhtab.

Não havia outra alternativa senão banir também estes malvados. Depois dos muçulmanos lá chegarem, se os judeus demonstrassem a boa vontade de renovarem o acordo ou pedissem desculpas, resolver-se-ia o assunto da melhor forma, mas, pelo contrário, eles estavam decididos a combater os muçulmanos. Quando Ali Bin Abi Talib e os muçulmanos chegaram junto aos seus castelos, eles começaram a insultar abertamente o Profeta. Os muçulmanos cercaram o castelo, onde estava o seu líder Kaab Bin Assad, acompanhado de Huyay Ibn Akhtab.

O cerco durou também cerca de um mês. Os que anteriormente tinham cercado os muçulmanos, estavam agora a ser cercados. Os judeus, como são covardes por natureza, nunca saíram para desafiar os muçulmanos. Limitavam-se apenas a atirar pedras e setas.

O seu chefe, Kaab Bin Assad, vendo-se cercado e sem força para combater os muçulmanos, juntou a sua gente e fez-lhes três propostas:

Na primeira ele disse: “Não há dúvida na profecia de Muhammad, porque o Torá, que é o nosso livro sagrado, fala claramente da sua vinda, e este é o Profeta de que nós esperávamos.” Portanto é melhor crermos nele e assim acabarmos a nossa inimizade para assegurarmos as nossas vidas e riquezas. Porém, o seu povo não aceitou essa proposta e recusou-se a entrar no islamismo.

Para segunda proposta Kaab disse: “Matai então as vossas mulheres e vossos filhos e depois sai para fora do castelo e combatei os muçulmanos. Se fordes vitoriosos ainda tereis a oportunidade de adquirir outras mulheres e filhos e se fordes mortos estareis salvos da vergonha”. O seu povo recusou também esta proposta.

Kaab apresentou uma terceira proposta: De atacar subitamente os muçulmanos na noite de sexta para sábado. “Como nesse dia é-nos proibido combater, os muçulmanos estarão tranquilos e assim teremos êxito e conseguiremos aniquilá-los para sempre”. Os homens de Banu Qurayza não aceitaram também

esta proposta, dizendo que não queriam transgredir o «Sabath», dia sagrado. No entanto, alguns deles ficaram muçulmanos reconhecendo a violação do acordo pela sua gente e conseguiram sair, juntando-se aos muçulmanos.

Quando viram que não chegava nenhuma ajuda para eles, e se continuassem assim morreriam de fome, pediram aos muçulmanos para os libertarem nas mesmas condições que o Profeta libertou (abriu o cerco) ao Banu Nadir, deixando-os sair de Madinah com os seus bens, exceto as armas. Contudo o Profeta recusou-o. Pediram então ao Profeta para que deixasse entrar Abu Lubaba para consultarem.

Abu Lubaba pertencia aos Aus, que eram aliados de Banu Qurayza, assim como os Khazraj, aliados de Banu Nadir no passado, antes do Islam.

Quando Abu Lubaba entrou no castelo, os homens, as mulheres e as crianças, começaram a chorar, dizendo: «O Abu Lubaba, achas que devíamos nos render e submeter às ordens de Muhammad?» Ele respondeu positivamente, acenando com a cabeça, isto é, se eles não aceitassem render-se e submeter-se seriam mortos.

Apesar de os de Banu Qurayza saberem que já não tinham outra alternativa senão submeterem-se à ordem do Profeta, este permitiu-lhes escolherem um árbitro do seu agrado para resolver este contencioso entre si. Escolheram Saad Bin Muaadh. As duas partes prometeram aceitar a decisão final do árbitro. Foi este mesmo Saad Bin Muaadh que anteriormente tentara convencê-los a não violarem o acordo e não obedecerem a Banu Nadir, o que eles rejeitaram. No momento Saad Bin Muaadh não estava presente, pois estava ferido e tinha-se acampado junto à mesquita do Profeta em Madinah. Quando foi anunciado o nome de Saad Bin Muaadh, chefe dos Aus, para arbitrar este assunto, os Ansar ficaram muito satisfeitos. Foram logo para a mesquita do Profeta para trazê-lo e pelo caminho alguns Ansar disseram-lhe: «A tua decisão será final, portanto, tende pena dos judeus». Ele respondeu: «Eu darei a decisão justa e não cometei injustiça».

Quando chegou ao local onde estava o Profeta, este ordenou aos Ansar de Aus para se levantarem e receberem Saad Bin Muaadh, visto ele estar ferido e deitado.

Antes de dar a sua decisão, Saad perguntou à sua gente: «Por Deus! aceitareis vós com todo o agrado a minha decisão sem qualquer lamentação?» Todos responderam positivamente, e ele dirigiu-se ao Profeta e aos Muhajerin, fazen-

do-lhes a mesma pergunta. Eles também concordaram. Saad Bin Muaadh deu a sua sentença: «Todos os homens de Banu Qurayza devem ser mortos (eram entre 400 e 600), as mulheres e filhos tratados com as regras gerais da guerra e as suas riquezas tomadas por despojo e distribuídos- entre os muçulmanos». A decisão foi cumprida. Todos eles foram levados para Madinah e aplicada a sentença. A sentença estava inteiramente de acordo com o direito de guerra da época e de acordo com o que manda o «Torá» (Bíblia), Deuteronômio.

*“Quando te aproximares de uma cidade para atacá-la, começarás propondo-lhe a paz. Se ela aceitar a paz e te abrir as portas, todos os habitantes te prestarão trabalho gratuito e te servirão. Mas se recusar a paz e preferir a guerra, tu a sitiá-ás. E quando o SENHOR teu Deus a colocar em tuas mãos, passarás todos os homens a fio de espada. Só ficarás com as mulheres, as crianças, o gado e tudo o que se encontrar na cidade; ficarás com todo o saque e poderás comer dos despojos dos inimigos que o SENHOR teu Deus te dá.” (Deuteronômio 20: 10 até 14)*

Nas tradições proféticas consta que o Profeta quando ouviu a decisão do Saad, disse: “Decidiste conforme a lei divina”.

Os judeus também não protestaram e reconheceram a sua traição. Os traidores são sempre executados, mesmo hoje, a não ser que eles se arrependam e peçam desculpas e as circunstâncias justifiquem o perdão que lhes é concedido, o que os judeus não quiseram. O desejo do traidor é matar o governante, por isso o governante quando o captura aplica-lhe a mesma justiça que ele desejaria para o outro, porque se os traidores soubessem de antemão que eles não seriam executados, e seriam libertos, todos os governos enfrentariam a rebelião durante toda a vida e nunca haveria paz na terra.

Se esses judeus fossem perdoados, eles continuariam a mesma ação contra Muhammad. O passado deles provou isso. Portanto, Muhammad está livre de qualquer crítica ou censura, porque as realidades são as seguintes:

1 - O Profeta quando chegou a Madinah fez acordos de amizade com todos os judeus, dando-lhes liberdade religiosa e segurança nas suas vidas e riquezas.

2 - Quando a tribo Banu Nadir foi forçada a sair de Madinah, o Profeta renovou o acordo com esta tribo de Banu Qurayza, contudo eles violaram o acordo e participaram na guerra contra os muçulmanos.

3 - Nos castelos onde estavam alojadas as mulheres muçulmanas com as crianças, os judeus de Banu Qurayza tentaram atacá-los.

4 - Deram asilo a Huyay Bin Akhtab, que instigou a todos os árabes para a guerra contra Muhammad.

Mesmo com todas as transgressões o Profeta deixou-lhes a escolha de um árbitro do seu agrado para pronunciar a sentença. Suponha-se que esse árbitro decidisse deixá-los livres, o Profeta teria que aceitar essa decisão por que já se tinha comprometido previamente.

Mas como já viram, a sentença foi ditada segundo a Bíblia. O Profeta dividiu o despojo entre os muçulmanos e um quinto para o tesouro público. Foi capturado armamento de todo o tipo, em grandes quantidades.

Depois disto, os muçulmanos viveram em paz em Madinah. Havia apenas os judeus em Khaybar, que continuavam ainda a conspirar contra Muhammad. Nas próximas páginas apresentaremos as consequências desses traidores.

## **OUTROS ACONTECIMENTOS DESTE ANO**

### **- 5 DE HÉGIRA -**

Casamento de Zaynab Bint Jahsh.

Neste ano o Profeta Muhammad casou-se com Zaynab. O casamento é um ato normal, mas como neste casamento sucederam certas coisas que os opositores orientalistas exploraram ao máximo para com isso tentarem reduzir e difamar a personalidade de Muhammad, baseando-se nas narrações falsas divulgadas pelos mentirosos e hipócritas, por isso vamos relatar o caso em pormenor para o aclarar.

Zaid era um jovem escravo do Profeta, que o libertou e o adotou como filho. Quando este chegou à adolescência, o Profeta, para estabelecer a igualdade islâmica, que não distingue entre escravo e livre, quis que ele se casasse com Zaynab, parente do Profeta (a mãe de Zaynab era Umaima, tia paterna do Profeta).

Mas, como Zaid era um escravo liberto, Zaynab não estava de inteiro agrado com aquele casamento. Porém, para obedecer à ordem do Profeta, ela aceitou, contra a sua vontade, porque Deus diz:

*“Não é dado ao fiel, nem à fiel, agir conforme seu arbítrio, quando Deus e Seu Mensageiro é que decidem o assunto. Sabei que quem desobedecer a Deus e ao Seu Mensageiro desviar-se á evidentemente.” (33:36)*

Casaram-se e ficaram juntos um ano. Mas as suas relações eram péssimas; haviam sempre choques, até que Zaid foi ter com o Profeta e lamentou-se do que se passava e quis divorciar-se. O Profeta, porém, aconselhou-o para não se divorciar, assim como relata o Alcorão:

*“Recorda-te de quando disseste àquele que Deus agraciou, e tu favoreceste: Permanece com tua esposa e teme a Deus!” (33:37)*

Todavia, as relações não melhoravam e, por fim, Zaid divorciou-se dela. Na altura havia uma tradição na Arábia, segundo o qual o filho adotivo era tratado como se fosse filho próprio e de sangue. E como um sogro não pode casar com a nora, eles achavam também que um homem não podia (e é proibido) casar com a mulher divorciada do seu filho adotivo.

Esta era uma tradição errada na lei social perante o Islam, que a quis acabar. Por isso, Deus ordenou ao Profeta que se casasse com Zaynab, mulher divorciada do seu filho adotivo para provar na prática a falsidade dessa tradição a acabar com ela para sempre.

O Profeta quando recebeu a ordem para se casar com Zaynab estava reoioso das más línguas dos inimigos, assim como diz o Alcorão:

*“Ocultando em teu coração o que Deus ia revelar; temais, acaso, mais as pessoas, sabendo que Deus é mais digno de que O temas? Porém, quando Zaid resolveu dissolver o seu casamento com a necessária (formalidade), permitimos que tu a desposasses, a fim de que os fiéis não tivessem inconvenientes em contrair matrimônio com as esposas de seus filhos adotivos, sempre que estes decidissem separar-se com a necessária (formalidade); e fica sabendo que o mandamento de Deus deve ser cumprido.” (33:37)*

Esse é o fato real e simples que os hipócritas e inimigos do Islam deturpam a fim de diminuir a personalidade e a reputação do Profeta. Contudo, não tiveram êxito.

Os inimigos inventaram uma narração falsa, da autoria dos hipócritas, que já antes naquele mesmo ano tinham tentado difamar a Aisha, esposa do Profeta (e agora queriam difamar o próprio Profeta), segundo a qual o Profeta se tinha apaixonado pela Zaynab, e quando Zaid soube disso divorciou-se, para o Profeta se casar com ela. Isto tudo é uma mentira fabricada pelos inimigos. Temos várias provas para demonstrar que isso é falso:

1° - Porque na altura, as mulheres árabes muçulmanas ainda não utilizavam o véu, portanto o Profeta já conhecia Zaynab havia muito tempo e além disso era sua parente; por isso, não era a primeira vez que a via, na ocasião após se ter casado com Zaid, para ele se apaixonar por ela. Ela já se tinha convertido havia mais de dez anos.

2° - Foi o próprio Profeta que lhe pediu que se casasse com Zaid. Se ele estivesse apaixonado por ela, ter-se-ia casado com ela, e não havia nenhum impedimento para isso.

3° - Quem poderá acreditar numa barbaridade dessas, atribuídas ao Profeta, que dia e noite recitava e pregava as ordens de Deus aos homens, em que se diz nos capítulos seguintes, revelados em Makkah:

*“E não cobices tudo aquilo com que temos agraciado certas classes, com o gozo da vida terrena” (20:131)*

E depois ser ele próprio a transgredir essas mesmas ordens. Os árabes daquele tempo teriam protestado contra essa fraqueza, se na realidade ela existisse.

Um homem vulgar também não faria isso, ainda mais quando se trata duma personalidade como Muhammad, o nobre Profeta, cujo trabalho transformou o mundo, alterou o curso da história e ainda desempenha um importante papel na transformação do mundo, a respeito do qual todos são unânimes, e em que ele teve a melhor conduta de sempre. O Alcorão elogiou-o, dizendo:

*“Porque és de nobilíssimo carácter.” (68:4)*

Não restam dúvidas, que são as mentiras elaboradas para difamar o Islam, como sempre, os inimigos tentaram difamar os Profetas para eliminarem as religiões no mundo.

Vide o leitor a Bíblia, onde fala dos Profetas, apresentando-os como adultos, alcoólatras, ladrões, etc., sobre Salomão, David, Lot, Juda, etc.

O que nos interessa agora é falar de Muhammad. Logicamente falando, isso é pura mentira. Os inimigos quando falam do Profeta Muhammad e dos seus casamentos, tentam dar a entender que ele casou com várias mulheres por motivos de paixão e amor, mas esquecem-se de várias questões essenciais, tais como:

O Profeta quando se casou pela primeira vez, com Khadija, tinha apenas 25 anos e a Khadija tinha quarenta anos, viúva e com filhos.

Para Muhammad era um tempo de juventude, força e beleza. Enquanto Khadija esteve casada com o Profeta, durante vinte e oito anos, ele manteve-se sempre fiel a ela. Quando ela morreu o Profeta tinha já mais de cinquenta anos, isto na altura em que a poligamia era normal entre os árabes. Contudo, o Profeta não se casou com nenhuma outra mulher. Na Arábia, os verdadeiros herdeiros eram considerados os filhos e uma vez que nenhum dos filhos do Profeta sobreviveu, ele tinha toda a justificação em casar-se com outra mulher, para ter filho.

Antes da profecia, a Profeta viveu dezessete anos da vida de casado com Khadija e mais onze anos depois da profecia, sem pensar em casar com qualquer outra mulher. Assim como quando ele era solteiro, nunca foi conhecido como suscetível às atrações femininas.

Isso na altura em que as mulheres expunham as suas belezas e ornamentos, publicamente, e não usavam o véu. Não é lógico, depois de Muhammad ter ultrapassado os cinquenta anos (quando se casou com a Zaynab tinha já 58 anos) atravessar uma transformação brusca que o levou a apaixonar-se pela Zaynab, depois de já se ter casado com outras mulheres que viviam com ele, como a Aisha, Hafsa, etc.

O Profeta não teve filhos com nenhuma das mulheres com quem se casou depois dos cinquenta anos, exceto com Maria (copta, egípcia), da qual teve um filho chamado Ibrahim, quando ele tinha sessenta anos. As mulheres com quem ele se casou eram todas viúvas e já tinham filhos. A Sawdah Bint Zama era quase de sessenta anos e a Zaynab Bint Khuzayma era igualmente de sessenta anos de idade tendo esta última coabitado somente dois anos com o Profeta. Se fosse para satisfazer o desejo carnal ele teria tido filhos com estas também, quando nenhum dos seus filhos varões sobreviveu. Isto é prova que se o Profeta se casasse para satisfazer desejos carnavais teria feito isso quando era jovem e casava-se com mulheres virgens e não com viúvas, velhas, pois tinha possibilidades para tal. Os chefes árabes estavam dispostos a oferecerem-lhe para casar com a moça virgem mais bonita da Arábia, na condição de ele deixar de pregar a religião islâmica. Não fez tudo isso quando era jovem e iria fazer na velhice? Onde está a lógica? Os vários casamentos do Profeta nessa idade tinham outros motivos:

1° - Educacionais/Sociais: Destinava-se o casamento a qualificar algumas mulheres no campo religioso, e a ensinar outras quanto ao seu comportamento social. Isto, porque as mulheres formam parte da sociedade, tornou-se obriga-

tório para elas o que já era obrigatório para os homens. Assim era, que muitos homens e muitas mulheres tinham vergonha de fazer perguntas ao Profeta sobre «masa'il» (questões religiosas íntimas), particularmente ao que se relaciona com as mulheres, como seja «haid» (período menstrual), “nifas” (sangue pós-parto), “janaba” (banho para purificação), assuntos de casamento, etc. E como o Profeta sentia também vergonha, quando lhes respondia fazia-o indiretamente, do que resultava, muitas vezes, as senhoras não perceberem o que ele dizia, conforme consta do seguinte “Hadith” (tradição) narrado por Aisha: - Certa senhora dos Ansar fez uma pergunta ao Profeta sobre o banho depois do “haid”.

Então o Profeta ensinou-lhe como devia tomar o banho e a seguir disse que, depois do banho, devia tomar um pedaço de algodão para se purificar com ele, ao que ela perguntou: “Então como é que me vou purificar com isso?”. O Profeta respondeu-lhe: “Sim, purifica-te com isso”. Mas ela não compreendeu e tornou a pedir explicação. Nesta altura o Profeta repetiu: “Sim, purifica-te com isso”. Então Aisha retirou-se com ela para um lado e explicou àquela senhora como se devia purificar com o algodão em rama.

Por aqui se vê que o Profeta (S) sentia vergonha em dar explicações às senhoras sobre certos assuntos, havendo muitos exemplos de que assim era. Por isso, eram, também, essas esposas que serviam de intermediárias nas explicações de assuntos de natureza reservada às mulheres, porque ele não foi só enviado para os homens.

2º - Religiosas: Serviam para anular um hábito dos árabes que consistia em adotar crianças que tratavam como filhos reais e, como tal, eram registrados para efeitos de paternidade, de herança, etc. E assim dava-se o caso de, depois, não se poderem casar com as mulheres divorciadas dos filhos adotivos o que, afinal, redundava numa falsa prática islâmica. Ora, como não era lógico mantê-los na falsidade e na ignorância, Deus preparou o terreno ao inspirar Muhammad (S) a adotar um filho (Zayd Ibn Harithah), o qual, todos, conforme o uso, começaram a chamar-se Zaid Bin Muhammad. Mas este costume foi proibido, conforme vem no Alcorão (**33: 4 e 5**). O Profeta o fez casar com a sua prima Zaynab Bint Jahsh. O casal, porém, não se deu bem por ela se sentir superior, visto que Zaid era escravo antes de ser adotado como filho do Profeta. Então Zaid divorciou-se. A seguir Deus ordenou ao Profeta que casasse com Zaynab para pôr termo ao hábito de não poder haver casamento com mulheres divorciadas de filhos adotivos. Todavia, apesar da ordem de Deus, o Profeta hesitava em casar com Zaynab, isto é, em ir contra o costume e a ignorância. Foi então que Deus revelou o versículo 37 do capítulo 33. Assim pôs o ponto final na questão.

3° - Políticas: Eram as razões que tinham por fim vencer os corações e provocar a união das tribos. Como se sabe, quando se fazem casamentos entre indivíduos de tribos diferentes criam-se relações de parentesco e assim apoiam-se e ajudam-se uns aos outros. Foi o que aconteceu quando algumas mulheres da tribo Bani Mustalak caíram cativas nas mãos dos muçulmanos, juntamente com homens e familiares. Jaweiriya Bint Al Haris, que era uma das líderes das cativas quis resgatar-se. Por isso foi ter com o Profeta a quem pediu ajuda em tal sentido. Então o Profeta propôs pagar o resgate do seu bolso e ofereceu-se para casar com ela, o que Jaweiriya aceitou.

Vendo isto, os muçulmanos que tinham cativos, exclamaram: Temos agora afinidades do Profeta como cativos nas nossas mãos?! Isso não pode ser! Por conseguinte, também libertaram todos os cativos. E quando a tribo Bani Mustalak viu neste gesto uma atitude de boa vontade, resolveu converter-se ao islamismo, o que se tornou possível através do casamento. Como este, há muitos exemplos da conversão ao islamismo.

Muhammad era um Profeta humano e por isso casou, como casa qualquer ser humano, para servir de orientação aos outros quanto à vida de casados. Foi através dos seus casamentos que ele apresentou a toda a humanidade a maneira exemplar como alguém pode viver no meio mundano perturbado de todas as complexidades da vida. Mesmo assim, mantendo-se absolutamente distanciado do mundo e da sua sedução material, Muhammad (S) foi um Profeta ideal enviado por Deus, mas também um modelar marido e chefe de família. Se o seu primeiro casamento com Khadija representa um modelo de monogamia para o mundo, os outros casamentos, depois daquela morrer, representam um modelo de poligamia.

Note-se também, que o Profeta Muhammad (S) não era Deus nem filho de Deus, como alguns creem acerca de determinados profetas seus. Ele era um ser humano que Deus elevou através da Revelação, e ele não foi o primeiro ou o único Profeta. Antes dele já haviam vindo muitos profetas.

Em conclusão: O Profeta era um jovem de 25 anos de idade quando se casou pela primeira vez, com uma mulher de 40 anos de idade, a viúva Khadija. Até à morte dela, não se casou outra vez. Posteriormente, as mulheres com quem casou eram todas viúvas (exceto Aisha) e não tinham ninguém que tomasse conta delas; eram pobres e necessitadas. E como o Profeta era considerado pai de todos os crentes, eis a razão de ser de todos os casamentos que fez posteriormente à viuvez, a qual era a de tomar conta de mulheres carecidas de meios de sobrevivência. Portanto, não há nada de estranhar, até porque o homem foi sempre polígamo (vide o Antigo Testamento, Salomão, David, Abraão, etc.).

## OUTROS ACONTECIMENTOS

Foi neste ano que o véu foi instituído. Até esta época a mulher muçulmana vestia-se de qualquer maneira, expondo a sua beleza. Chegara a ordem de que quando as mulheres muçulmanas saíssem para fora de casa utilizassem o véu, tapando o corpo todo, exceto o rosto e as mãos.

Neste ano foi abolida a tradição da ignorância que proibia um homem de se casar com a mulher do seu filho adotivo.

Foi instituída a sentença de cem chicotadas para o adúltero, homem e mulher, e também a sentença de oitenta chicotadas ao acusador de mulheres castas de adultério, isto como uma defesa de honra da mulher pura.

O Tayammum (purificação através da areia, na ausência de água) e salatul-khauf, também instituídos no mesmo ano, no regresso da expedição de Bani Mustalak.

Segundo certos historiadores o Hajj (peregrinação a Makkah), também foi instituído neste ano.

No mês de Dhul-Hijja, ano 5 da Hégira, Muhammad enviou uma expedição constituída por trezentos homens chefiados por Abu Ubaidah Ibn Al-Jarrah para o lado de Saiful Bahr (para os lados do mar vermelho) a fim de investigar a situação da tribo Juhnaya, porque havia notícias de perigo iminente a partir dela. Nesta missão os muçulmanos passaram muito mal no aspecto alimentar; passavam o dia comendo duas ou três tâmaras, até que finalmente à beira do mar encontraram um peixe grande, tipo tubarão, que foi suficiente para todos se alimentarem.

No mesmo mês, o Profeta recebeu notícias de que a tribo Bani Kilaab pretendia traí-lo. Então enviou para lá uma expedição constituída por trinta homens, chefiada por Muhammad Bin Muslimah; os homens de Bani Kilab saíram para guerrear os muçulmanos, mas não resistiram e fugiram todos. Foi neste mês que Akasha Bin Muhsin foi enviado a Makkah para investigação. Ainda neste ano, o Profeta mandou chamar os emigrantes que anteriormente tinham ido para Abissínia (Etiópia atual) para regressarem a Madinah; mesmo assim alguns deles continuaram lá.

E terminou um dos mais frutuozos anos da vida de Muhammad em Madinah.

## **SEXTO ANO DE HÉGIRA**

No dia dez de Muharram, ano 6 da Hégira, o Profeta enviou uma expedição, constituída por trinta homens, para Najd, chefiada por Muhammad Bin Muslimah. Estes chegaram lá e obtiveram êxito na sua missão. No regresso encontraram-se com Thamama Bin Athal, um dos líderes da tribo Bani Hanifa. Os muçulmanos capturaram-no sem o conhecerem. Quando o levaram perante o Profeta, este tratou-o da melhor forma, apesar de ele se ter recusado a entrar no Islam (quando foi convidado), e libertou-o. Thamama, vendo a forma como tinha sido tratado, pensou que seria fútil persistir na idolatria, regressou e abraçou o Islam de sua livre vontade, e dirigiu-se para o Profeta, dizendo: “Ó Muhammad, por Deus, na superfície da terra não havia pessoa mais odiada para mim do que a tua, mas agora a tua pessoa tornou-se para mim a mais querida de todas. Por Deus, na superfície da terra não havia mais odiada religião do que a tua, mas agora a tua religião tornou-se a mais querida para mim. Por Deus, não havia cidade mais odiada para mim do que a tua, agora ela tornou-se para mim a mais querida».

O Profeta ficou muito satisfeito por ele se ter convertido ao Islam, porque sabia que todo o seu povo o seguiria. Thamama, quando regressou à sua terra, toda a gente entrou no Islam, depois ele mandou cancelar o envio de cereais para Makkah, até que eles crescem no Islam. Quando os Qurayshitas se queixaram ao Profeta da sua aflição, este enviou uma mensagem ao Thamama para que não impedisse o envio de cereais aos habitantes de Makkah. Este obedeceu e reabasteceu-os de novo.

Esta foi mais uma prova que o Islam se expandiu pelos seus bons ensinamentos. Vencia os corações de todos.

## **EXPEDIÇÃO DE AL-GHABA - ANO 6 DEPOIS DE HÉGIRA -**

Nos acontecimentos anteriores do ano 5, o leitor já leu decerto a narração em que o Profeta quando do seu regresso da expedição de Daumatul-Jandal, no caminho Uyaina Bin Hisn pediu-lhe autorização para pastar o seu gado nas pastagens de Madinah. O Profeta autorizou-o gratuitamente e ele aproveitou da pastagem durante um ano, mas provou-se ser o mais ingrato, porque quando os árabes e os judeus se juntaram para atacar Madinah na batalha da Trincheira, este Uyaina também se juntou a eles com um grande número de homens e mil

camelos. Uyaina Bin Hisn, com 40 homens, atacou Al-Aghaba, localidade perto de Madinah, matou um homem de Banu Ghatfar, que cuidava dos camelos dos muçulmanos, raptou a sua mulher e levou consigo todos os camelos dos muçulmanos.

Salma Bint Amr Al-Akwaa, um dos arqueiros dos Ansar, foi o primeiro a descobrir isso, tendo gritado para os habitantes de Madinah por socorro e começou logo a persegui-los. O Profeta quando o ouviu saiu também para perseguir o assaltante, e em seguida saíram os seus companheiros que o seguiram na perseguição aos criminosos. Finalmente os criminosos foram derrotados, apesar da sua resistência. No combate um muçulmano perdeu a vida e dois inimigos foram mortos. Mas Uyaina escapou e todos os outros puseram-se em fuga. Os muçulmanos recuperaram os seus camelos e a mulher raptada, depois regressaram a Madinah, após terem pernoitado em Dhul-Karad, onde o Profeta degolou um camelo.

## **EXPEDIÇÃO DE FIDAK**

Foi também neste ano, 6 da Hégira, no mês de Shaaban, que o Profeta recebeu as notícias de que a tribo Banu Bakr, uma das piores inimigas do Profeta, que participaram em todas as campanhas contra ele, estava a fazer preparações para ajudarem os judeus de Khaybar em troca das suas tâmaras, para atacarem os muçulmanos em Madinah. O Profeta, como sempre, preferiu não esperar que o inimigo o surpreendesse e decidiu enviar uma expedição constituída por cem homens, chefiada por Ali Bin Abi Talib, em direção a Banu Bakr. No caminho encontraram-se com um espião do inimigo (Banu Bakr) que ia finalizar o acordo com os judeus de Khaybar. Os muçulmanos agarraram-no e ordenaram-lhe que lhes indicasse o local da concentração dos inimigos. Ele prometeu indicar o local, numa condição: A de os muçulmanos, em troca, libertarem-no. Ele deu as informações pedidas e foi libertado. Os muçulmanos continuaram a sua marcha até Fidak, onde estavam concentrados os inimigos. Chegaram e atacaram-nos, travando-se um duro combate em que, finalmente os inimigos fugiram. Os muçulmanos apoderaram-se do grande despojo que trouxeram para Madinah.

## **CONVITE AO ISLAMISMO**

No mês de Shaaban, o Profeta enviou Abdul-Rahman Bin Auf para os lados de Daumatul-Jandal, a fim de convidar a tribo Banu Kalb a entrar no islamismo. No quarto dia da sua chegada ao local, o líder deles, chamado Asbagh Bin Amr Kalbi, cristão, entrou no Islam, e assim, toda a sua gente também entrou.

Outros preferiram continuar de sua livre vontade na sua antiga religião, o que lhes foi permitido. Abdul-Rahman Bin Auf casou-se com a filha do chefe da tribo, Tamadar, e desse casamento nasceu um grande teólogo na jurisprudência islâmica chamado Abu Salma. Este ato ajudou muito na fortificação das relações entre os chefes tribais e na eliminação das hostilidades entre eles.

## **UMA PASSAGEM DE MALÍCIA DOS HIPÓCRITAS**

Uns habitantes pertencentes à tribo Ukal do deserto Uraina, vieram a Madinah no mês de Shawal e entraram no Islam, aparentemente. Depois de ficarem alguns dias em Madinah, começaram a queixar-se ao Profeta de que não estavam habituados a alimentar-se de cereais, e que a sua alimentação era à base de leite, e que por isso estavam a sofrer de comichão e outras doenças. O Profeta mandou-os ficar nos montes de Quba, onde estava o seu gado a pastar, para poderem viver à base de leite, conforme o seu pedido. Depois de algum tempo melhoraram, tornando-se saudáveis, mas retribuíram o bem por mal: Mataram o pastor, mutilaram o seu corpo e fugiram com todo o gado do Profeta. Quando ele soube disso, enviou o Kurz Bin Khalid Al-Fahri com vinte homens para perseguir-los. Todos os malvados foram capturados, trazidos a Madinah e executados, em retaliação pelo mal que tinham feito. Assim é o castigo do traidor que não se corrige; os seus maus atos indicam os seus maus espíritos.

## **CAMPANHA DE BANU LAHYAN**

Seis meses depois da destruição de Banu Qurayza, o Profeta recebeu informações de que os Banu Lahyan estavam a marchar dum local próximo de Makkah para atacar Madinah. Imediatamente o Profeta recordou-se do caso de Asim Ibn Thabit e seus companheiros que foram mortos, “por estes mesmos Banu Lahyan junto ao poço de Al-Raji” dois anos antes; o Profeta desde então, aflito, quis castigar os criminosos. Chegou o mês de Rabiul-Awal, do ano 6 da Hégira, o Profeta ordenou aos seus companheiros para que se preparassem, mas não lhes disse o propósito da sua marcha, para que o inimigo não viesse a saber e, por conseguinte, fugir. Nomeou o seu substituto em Madinah, Ibn Umm Maktum, e saiu com duzentos homens, vinte dos quais cavaleiros. Marcharam até ao local onde Aasim Bin Sábit e seus companheiros tinham sido mortos junto ao Al-Raji, onde o Profeta orou por eles. Quando os Banu Lahyan souberam da vinda do Profeta, fugiram todos para as montanhas. O Profeta ficou dois dias na zona de Banu Lahyan, daí enviando expedições, mas não encontravam ninguém. A seguir, a Profeta enviou Abu Bakr com cem homens para irem até “Usfan”, um local perto de Makkah, para que os Qurayshitas de Makkah soubessem da sua

vinda e ficassem atemorizados. O Profeta regressou a Madinah num dia que foi recordado pelas dificuldades enfrentadas por eles num imenso calor, dizendo:

“Nós regressamos, arrependemo-nos e prestamos louvores ao nosso Senhor! Peço refúgio em Deus contra a labuta da viagem, contra a tristeza da tragédia e contra a realização de perdas nos familiares e na propriedade.”

Estas e outras pequenas expedições eram simples bagatelas na vida do Profeta; foram impostas sobre eles pelos seus inimigos. Se os tivessem deixado em paz não teria havido guerra nenhuma, porque o objetivo real da sua vida era a propagação do Islam. Mas, desde a sua chegada a Madinah, nunca teve paz; todos os meses havia expedições. Em Makkah foi perseguido até ao fim, mas o inimigo em Makkah era um - os idólatras Qurayshitas -, enquanto que em Madinah ele tinha vários inimigos: Por um lado os Qurayshitas de Makkah juntamente com as outras tribos árabes e por outros os judeus e os hipócritas, todos estes querendo erradicá-lo e o Islam.

Foi somente com a ajuda de Deus que Muhammad teve finalmente o êxito sobre todos os obstáculos dos seus inimigos. Porque logicamente é impossível um homem ter tanto sucesso em todas as frentes e em tão curto espaço de tempo, com tanta oposição.

## **DEDICAÇÃO À PROPAGAÇÃO DO ISLAM**

Depois da batalha da Trincheira e da destruição de Banu Qurayza a situação em Madinah estabilizou-se a favor de Muhammad e dos muçulmanos. Na ausência dos judeus, de Madinah e seus arredores, sentiam-se mais seguros; tinham mais tempo para se dedicarem ao comércio e na aprendizagem do Islam, na organização e remodelação da comunidade árabe à base do Alcorão e longe dos costumes e tradições que não tinham base nenhuma, particularmente nos assuntos sociais, como a vida familiar, casamento e as suas leis, o divórcio, relações mútuas de parentes e filhos e relações humanas.

A sociedade islâmica tinha grandes ambições, porque dentro de curto período era para ser uma grande civilização capaz de absorver a civilização Persa, Romana e outras.

Antes do Islam o adultério e a imoralidade não conheciam limites; homens e mulheres eram totalmente livres de fazerem o que desejavam, não só na Arábia como noutras civilizações.

Muhammad, guiado pela revelação divina, reconheceu que, para haver reconstrução social da sociedade, teria de haver colaboração de todos os seus membros, homens e mulheres, amando-se mutuamente e simpatizando uns com os outros. Não há sociedade viável onde a mulher não tem direitos, e em que esses direitos não são praticados em colaboração, amor recíproco e respeito. Foi para isso que Muhammad dedicou a sua vida e finalmente teve sucesso. Os pormenores de tudo isto estão no Alcorão e nas tradições proféticas.

O Profeta continuava a ensinar aos homens as revelações que recebia. Antes de ordenar aos outros estabelecia o modelo, ao pôr em prática; ele nunca perdeu a sua oração em congregação, nem o jejum. Tudo o que tinha entregava imediatamente à caridade, não o deixando uma única noite na sua casa, apesar de ser administrador de Madinah, o que significava que o tesouro público estava sob o seu comando.

Havia ocasiões em que se passavam dias e semanas sem se acender o fogo na sua casa; passavam os dias alimentando-se com tâmaras e leite. Quando as suas esposas pediram os confortos mundanos, Deus ordenou-lhe para responder-lhes o seguinte:

*“Ó Profeta, dize a tuas esposas: Se ambicionardes a vida terrena e as suas ostentações, vinde! Prover-vos-ei e dar-vos-ei a liberdade, da melhor forma possível. Outrossim, se preferirdes Deus, Seu Mensageiro e morada eterna, certamente Deus destinará, para as benfeitoras, dentre vós, uma magnífica recompensa.”*  
**(33:28 e 29)**

Qualquer homem no mundo deseja a grandeza e de ser idolatrado pelos seus homens; mas Muhammad deu aos seus servidores ordens restritas para não exagerarem no seu louvor, como fizeram os cristãos ao elevarem Jesus ao ponto de chegarem a atribuir-lhe a divindade.

O homem no mundo deseja a riqueza, e quanto mais tiver mais deseja; a ambição vai aumentando. O Profeta Muhammad tinha muito, mas nunca guardou para si, nem para os seus familiares; logo que recebia dava aos necessitados, e sempre tentava guardar os outros no conforto.

Os europeus, quando falam da poligamia do Profeta, esquecem-se de todos estes aspectos. Se Muhammad fosse homem de prazeres ele nunca seria assim; ele foi um homem humilde, generoso e possuidor de todas as boas qualidades inimagináveis. Realmente há um modelo perfeito na vida de Muhammad para todos os homens do mundo em todos os campos.

## SAUDADE DOS MUÇULMANOS POR MAKKAH

Tinham-se passado seis anos da migração do Profeta e dos muçulmanos de Makkah para Madinah, e dessa altura em diante os Qurayshitas proibiram os muçulmanos de entrarem em Makkah, local que não tinham o direito de proibir a ninguém de lá entrar, porque não era sua propriedade. Era, e é um local de culto divino, que os árabes já há milhares de anos, desde Ismael, santificavam. Todos o respeitavam e peregrinavam para lá, e durante a peregrinação cessavam-se todas as hostilidades. Os muçulmanos oravam em direção a ela, e eram continuadores da missão de Abraão, por isso o Alcorão diz:

*“Quanto aos incrédulos, que vedam os demais da senda de Deus e a sagrada Mesquita, - a qual destinamos aos humanos, por igual, quer seja seus habitantes, quer sejam visitantes, - e que nela comete, intencionalmente, profanação ou iniquidade, fá-los-emos provar um doloroso castigo.” (22:25)*

Durante este período, só os muçulmanos foram proibidos de entrar nela; para todos os outros pagãos as portas estavam abertas, o local que tinha sido construído para nele um só Deus ser adorado.

Os muçulmanos já tinham muita saudade de lá irem, especialmente os Muhajerin, que eram naturais de Makkah, lá cresceram e viveram até que foram forçados a abandonar a sua terra natal. Muitos ainda tinham lá familiares. Realmente foi uma grande injustiça contra eles, proibirem-nos de praticarem os seus rituais religiosos na Kaaba (de Umra e da peregrinação). Entretanto, no mês de Shawal do ano 6 da Hégira, correspondente a dezembro/janeiro de 628 d.C., o Profeta sonhou que entrava no Haram com os seus companheiros, sonho que aumentou a saudade deles.

O Profeta disse-lhes depois a interpretação do sonho que tivera: Significava que eles entrariam na Mesquita Sagrada seguros, com os cabelos raspados e diminuídos sem qualquer medo.

Anunciou aos muçulmanos a intenção de ir para Umra (visita) e convidou os árabes muçulmanos nos arredores de Madinah para também participarem naquela sagrada missão. Contudo estes não apareceram.

No mês de Dhu Al-Qi'dah, o Profeta saiu de Madinah com 1.400 muçulmanos, rumo a Makkah, com intenção de Umra, deixando em Madinah Ibn Makatum como seu substituto. De entre as suas esposas Umm Salma foi que o acompanhou nesta viagem.

Vestiram o “Ihraam”<sup>2</sup> com intenção de Umra elevaram consigo 70 camelos para “Qurban” (sacrifício). Estas duas coisas eram um sinal para os Qurayshitas de que os muçulmanos não iam com intenção de guerra, mas apenas de visita à casa de Deus. E eles não tinham direito nenhum de impedir alguém. Por isso, o Profeta ordenou, logo no início, a todos os acompanhantes para que ninguém levasse armaduras de guerra, apenas a espada, também embainhada, que era tradicional nas viagens. Quando chegaram a “Dhul-Hulaifa”, por motivo de segurança, o Profeta enviou um homem pertencente à tribo Khuza’a (os Qurayshitas não sabiam que esse homem já se tinha convertido) para a frente, para saber qual a reação dos Qurayshitas sobre aquela visita de Muhammad e seus companheiros. Os muçulmanos continuaram a sua marcha e quando chegaram a “Usfaan” esse homem (a quem o Profeta tinha enviado para saber a reação dos Qurayshitas) estava de regresso e encontrou-se aí com a caravana dos muçulmanos. Informou a Muhammad que os Qurayshitas ao ouvirem da vinda dos muçulmanos prepararam uma grande tropa para os combaterem e estavam decididos a impedir os muçulmanos de chegarem à Kaaba, e que já tinham juntado todas as tribos nos arredores de Makkah para a guerra. E enviaram de imediato uma brigada constituída por duzentos homens, liderada por Khalid Bin Walid, para se adiantar para Al-Ghamim, onde iria impedir os muçulmanos de avançarem para Makkah.

O Profeta, por seu turno, pediu para que aquele que conhecesse outro caminho que os levasse a Makkah, os guiasse por esse caminho, para evitar o embate com a brigada de Khalid, que podia eventualmente arrastá-los à guerra.

Khalid Bin Walid quando os viu a desviarem-se do rumo, regressou a Makkah e informou aos Qurayshitas da aproximação dos muçulmanos. Entretanto, os muçulmanos prosseguiram a sua digressão, e chegaram a Saniytul-Merar, a descida de Hudaybiyyah, onde a camela do Profeta se sentou por si no chão. Quando tentaram levantá-la para continuar a marcha ela recusou levantar-se. As pessoas exclamaram: “A camela está exausta!” O Profeta respondeu: “Não! A camela não se exauriu, mas foi detida pelo poder que deteve os elefantes de entrarem em Makkah”. “Juro por aquele em cujas mãos está a alma de Muhammad, aceitarei tudo o que os Qurayshitas exigirem de mim, desde que isso contribua para a magnificação dos símbolos de Deus.”

O Profeta fez esse juramento à base da força e não à base da fraqueza, porque na altura os muçulmanos estavam suficientemente fortes. Se quisessem, conseguiriam tomar ou entrar em Makkah à força. Porém, Deus deteve ambas 2 - É a veste branca que o peregrino enverga, constituída por dois lençóis para os homens; para senhoras a sua veste é normal.

as partes da violência, para que não fosse violado (profanado) o respeito da casa sagrada, que Ele determinou que fosse segura para toda a gente, e que não fosse derramado o sangue naquele local. O Profeta disse aos muçulmanos para acamparem em Hudaybiyyah. Quando estes se queixaram ao Profeta da falta de água no local, o Profeta enviou a Bara Bin Azib com uma seta e disse-lhe para pôr no poço e verificar se tinha água ou não, Baráa mal meteu a seta no poço, a água aumentou de tal modo que foi suficiente para todos. Foi na verdade um milagre do Profeta, que tranquilizou os muçulmanos.

## OS MUÇULMANOS EM HUDAYBIYYAH

Os muçulmanos pararam em Hudaybiyyah. A tribo Khuzaá, apesar de ainda não se ter convertido, era aliada dos muçulmanos e com eles tinha boas relações.

Informavam ao Profeta todas as conspirações que os descrentes faziam contra ele. O chefe da tribo, Budail Bin Warqa, quando soube da vinda do Profeta, veio com alguns homens ao seu encontro e disse-lhe: “Os Qurayshitas vem com uma grande tropa e juraram que não te deixarão entrar na Kaaba”. O Profeta disse-lhe: “Diz-lhes que não viemos lutar, viemos somente para Umra e a prova disso são os animais de sacrifício e o Ihram. As guerras já desgraçaram a situação deles e prejudicaram-nos bastante. Aconselha-os a fazerem a paz comigo, por um período fixo, e deixarem-me lidar com o resto dos árabes. Se os outros árabes me destruírem será realizado o objetivo deles, mas se por outro lado Deus me der a vitória, eles poderão entrar no Islam com dignidade; porém, se eles não aceitarem isto, eu juro por Deus, em cujas mãos está a minha alma, que continuarei a esforçar-me por aquilo que Ele me incumbiu, até a mensagem divina tornar-se suprema, ou então o meu pescoço separar-se do corpo neste processo e acontecer o que Deus destinou.”

Budail regressou a Makkah com a mensagem de Muhammad, e disse aos Qurayshitas: “Trago uma mensagem de Muhammad; se vocês me permitem posso-vos dizer”. Uns agitadores exaltaram-se, dizendo: “Nós não queremos ouvir a mensagem de Muhammad”. Outros mais sérios, disseram: “Dize-nos qual é a mensagem”. Budail contou-lhes tudo que Muhammad lhe dissera. Todavia, os Qurayshitas em geral não se convenceram e não confiaram na palavra de Budail, por saberem que ele era um aliado do Profeta com quem tinha boas relações. Eles disseram: “Muhammad quer entrar com a sua gente para fazer Umra; os árabes quando ouvirem dirão: “Ele entrou à força quando nós estamos em guerra com ele. Por Deus, isso não é possível”. Eles julgaram que se isso acontecesse

os árabes iriam zombar dos Qurayshitas. Portanto, para terem a certeza, decidiram enviar um homem da sua inteira confiança; escolheram para essa missão o chefe dos “Ahaabish”, chamado Al-Hulais, aliado dos Qurayshitas, uma vez que Quraysh, para combater os muçulmanos, dependia da força desses ahábich.

Al-Hulaíss aproximou-se do acampamento dos muçulmanos. O Profeta quando o viu disse aos muçulmanos: “Este homem pertence ao povo que respeita os animais de sacrifício, fazei marchar à sua frente os animais de sacrifício para servir de prova viva de que nós viemos apenas fazer Umra, não para a guerra”. As pessoas começaram a recitar o Talbiyah e Al-Hulaíss assistindo àquela cena nem chegou a encontrar-se com o Profeta; regressou de imediato a Makkah. Chegou e disse aos Qurayshitas: “Eles não merecem ser impedidos da Kaaba, vieram apenas fazer Umra; é uma injustiça impedi-los, e ninguém tem o direito de fazer isso”. Os Qurayshitas não aceitaram o conselho de Al-Hulaiss, e disseram-lhe: “Tu és um nômade, não percebes nada; nós nunca os deixaremos entrar em Makkah, senão isso será uma vergonha para nós”. Al-Hulaiss quando ouviu essa reação negativa da parte do Quraysh, ficou irritado e ameaçou-os, dizendo: “Se vós não permitirdes que os muçulmanos façam Umra eu retirar-me-ei com a minha gente, porque a nossa aliança não é para impedirmos as pessoas da casa de Deus”,

Os Qurayshitas acalmaram-no e pediram-lhe que lhes desse mais tempo para reconsideração.

Depois, levantou-se Urwah Bin Mas’ud As-Saqafi, líder dos habitantes de Taif, e disse aos Qurayshitas: “Não sois vós meus filhos e eu vosso pai?”, Responderam: “Sim!”, Urwah perguntou-lhes de novo: “Vós tendes alguma desconfiança a meu respeito?”, Responderam: “Não!”, Urwah disse-lhes então: “Permitam-me que vá negociar com Muhammad; as condições apresentadas por eles são razoáveis”, todos aceitaram.

Este foi ao encontro de Muhammad e com muita diplomacia disse: “Ó Muhammad, juntaste esta horda de homens de vários países, depois vieste para o teu berço, para destruíres com a ajuda deles; se conseguires esmagá-los, não haverá outro caso igual em que um homem aniquilou a sua própria gente! Os Qurayshitas fizeram um juramento solene por Deus, que, enquanto as suas pestanas tremerem nas suas pálpebras, não te deixarão entrar em Makkah, a não ser que entres à força, e se as coisas surgirem contra ti, todos os que estão à tua volta te abandonarão». Estas últimas palavras suscitaram fogo de indignação nos companheiros do Profeta. Abu Bakr ficou muito irritado, insultou-o e disse-lhe: «Ai de ti! Pensas que abandonaremos por um momento ao Profeta, fugindo?», Urwa quando ouviu aquela exaltação de Abu Bakr perguntou ao Profeta; «Quem

é este homem?». O Profeta respondeu: «É Abu Bakr». Urwah disse: «Se não estivesse a dever-lhe um favor, responder-lhe-ia com as palavras duras dele». Urwah conversava à vontade com o Profeta e, conforme o costume árabe, ia tocando na barba do Profeta. Mughirah Ibn Shu'ba, que estava armado, guardando o Profeta na sua retaguarda, não tolerou aquela coragem de Urwah em tocar na barba do Profeta durante a conversa; batia na mão dele, cada vez que este a estendia para tocar na barba do Profeta, e até o ameaçou de lhe cortar a mão se não cessasse de tocá-la.

Urwah voltou para junto da sua gente depois de ter visto a afeição que os muçulmanos tinham para com o Profeta, e disse-lhes:

“Ó homens de Quraysh! Eu já visitei ao Kisra (título do rei da Pérsia), ao César e ao Négus, a cada um deles nas suas residências reais. Por Deus! Eu nunca vi algum rei entre os seus homens como vi Muhammad entre os seus companheiros; os seus companheiros gostam dele o honram-no tanto que cuidadosamente apanham todo o seu cabelo que cai no chão; quando faz a ablução não deixam um único pingo de água, com que ele faz a ablução, cair no chão; quase que lutam para aproveitarem essa água e esfregam-na no corpo. Quando ele fala, há um silêncio total e ninguém troca os olhares com ele; eles nunca permitirão qualquer mão cair acima dele (nunca cederão) por qualquer preço, em qualquer circunstância. Portanto julgai em conformidade e aceitai as propostas que ele vos fez; dou-vos um bom conselho.»

O assunto ainda estava incompleto, por isso o Profeta enviou Khiraash Bin Umaiya com uma mensagem sua para Quraysh, mas os Qurayshitas mataram o camelo em que ele ia montado, e estavam prestes a matá-lo, se as tribos de Hulaiss não tivessem interferido. Os Qurayshitas enviaram depois um grupo de homens para provocar os muçulmanos atacando-os durante a noite no seu acampamento; porém, esses criminosos foram capturados, mas o Profeta perdoou-os e libertou-os, apesar do crime ser grave, isto, para que não houvesse derramamento de sangue no recinto de Makkah. O Alcorão relata:

*“Ele foi Quem conteve as mãos deles, do mesmo modo como conteve as vossas mãos no centro de Makka, depois de vos ter feito prevalecer sobre eles; sabe que Deus bem vê tudo quanto fazeis. Foram eles, os incrédulos, os que vos impediram de entrar na Mesquita Sagrada e impediram que a oferenda chegasse ao seu destino.” (48:24 e 25)*

O Profeta fez tudo que era possível para evitar o embate e alcançar a paz. Por fim escolheu Omar para negociar a paz com os Qurayshitas, mas Omar

apresentou as suas apologias, dizendo: “Os Qurayshitas são meus duros inimigos e em Makkah já não está um único membro da minha tribo que eventualmente me possa socorrer, portanto a minha ida pode ser perigosa; por isso eu sugiro um homem ideal para esta missão: Uthman Bin Affan, que tem homens da sua tribo de grande influência em Makkah». O Profeta gostou daquela sugestão de Omar e enviou Uthman como portador da sua mensagem para os Qurayshitas. Uthman quando lá chegou encontrou-se primeiro com o Aban Bin Said Ibn Al-'As, que logo o tomou sob a sua proteção e o acompanhou para junto de Abu Sufiyan e outros chefes Qurayshitas. Estes ouviram a mensagem do Profeta, e disseram-lhe: «Muhammad não pode entrar aqui à força; se quiseres circundar a Kaaba (fazer Tawaf) nós autorizamos-te». Uthman respondeu: «Eu sozinho, quando o Profeta está proibido de fazer o mesmo, não aceito».

Os Qurayshitas ficaram revoltados e detiveram-no em Makkah. Quando o regresso de Uthman demorou, no prolongamento das negociações, correu o boato entre os muçulmanos de que Uthman tinha sido morto. Essa notícia criou grande excitação no acampamento dos muçulmanos ao ponto de o Profeta dizer: «Se isso é verdade, Quraysh cometeu um grande crime. Tem de ser punida severamente».

### **“BAYAT AR-RIDWAAN”**

O Profeta disse: “Temos de nos vingar dos Qurayshitas do assassinio de Uthman”, e sentou-se debaixo duma árvore a receber o juramento dos crentes, dizendo: “Enquanto não nos vingarmos do assassinio de Uthman não nos moveremos daqui”. Todos os crentes, cheios de entusiasmo e fé iam prestando o juramento: «Lutaremos até à morte!».

Esta é uma passagem muito importante da História do Islam. Este juramento é conhecido por «Bayat Ar-Ridwaan» e está mencionado no capítulo Al-Fath do Alcorão:

*“Deus Se congratulou com os fiéis, que te juraram fidelidade, debaixo da árvore. Bem sabia quanto encerravam os seus corações e, por isso infundiu-lhes o sossego e os recompensou com um triunfo imediato.” (48:18)*

Essa árvore existiu até à época do Califa Omar. Este quando viu o exagerado respeito que os muçulmanos tinham com a árvore mandou cortá-la.

Os Qurayshitas quando ouviram do juramento dos muçulmanos, que combateriam até à morte, ficaram atemorizados, receando as suas más con-

sequências e começaram a inclinar-se para a paz. Libertaram Uthman, que regressou são e salvo; os muçulmanos ficaram bastante satisfeitos. Uthman trazia a mensagem dos Qurayshitas para Muhammad, em que eles reconheciam que Muhammad ia puramente a Makkah para um motivo religioso e não para lutar, e reconheciam que eles não tinham o direito de impedir ninguém de entrar em Makkah para a peregrinação ou visita, durante os meses sagrados. Todavia, eles tinham mobilizado a sua tropa, sob a liderança de Khald Bin Walid, para impedir Muhammad e seus companheiros de entrar em Makkah e já tinha havido alguma escaramuça entre os dois grupos nos recintos de Makkah. Depois de tudo isso, se eles deixassem a Muhammad e aos muçulmanos entrarem, isso permitiria às tribos concluírem que os Qurayshitas foram derrotados; a posição dos Qurayshitas estava em causa. Eles queriam manter o seu prestígio e preservar a sua reputação. A seguir enviaram Suhail Bin Amr, um homem eloquente e orador, com plenos poderes para negociar com o Profeta, e disseram-lhe: “O acordo de paz e reconciliação com Muhammad só pode ser assinado na condição de Muhammad e os seus companheiros se retirarem este ano e virem fazer Umra (visita) no próximo ano”.

O Profeta quando viu Suhail concluiu logo que o caso já estava facilitado, uma vez que os Qurayshitas enviaram a Suhail é porque entendem reconciliar. Suhail chegou e foi recebido pelo Profeta. Finalmente concordaram mutuamente nalgumas condições. O Profeta logo chamou a Ali Bin Abi Talib para notariar o acordo: Ali começou a escrever conforme as ordens do Profeta, iniciando assim: «Em nome de Deus, o Clemente e Misericordioso, «Bismil-Lahir-Rahmaanir-Rahiyim», maneira tradicional islâmica de iniciar qualquer coisa importante. Mas os árabes pagãos ainda não estavam familiarizados com esse método; logo Suhail, delegado dos descrentes, levantou a objeção e interrompeu, dizendo para não escrever «o Clemente e misericordioso», porque eles não o conheciam, e ordenou que fosse escrito o método vulgar conhecido entre os árabes pagãos: «Em teu nome, ó Deus»; o Profeta aceitou e foi cumprido o desejo do pagão. A seguir o Profeta ditou a Ali, dizendo para que escrevesse: «Este é o tratado de paz alcançado entre o Mensageiro de Deus e Suhail Ibn Amr», Suhail protestou de novo, dizendo: «Se nós te reconhecêssemos como o «Mensageiro de Deus», não haveria esta hostilidade toda contra ti e não te opúnhamos; escreve só: ‘Muhammad Bin Abullah (teu nome e do teu pai)’ ». O Profeta respondeu: «Apesar de vocês me desmentirem (me recusarem), juro por Deus que sou o Mensageiro de Deus». Em seguida o Profeta disse ao Ali para apagar essa parte, cumprindo o desejo de Suhail, mas Ali recusou de apagar essa frase; então o Profeta apagou com a sua própria mão.

Como o leitor vê, o tratado foi todo favorável aos Qurayshitas. Se não fosse a confiança absoluta que os muçulmanos depositaram no Profeta, eles nunca aceitariam um tratado como este; teriam lutado e entrado à força em Makkah, vitoriosos. Até que Omar Ibn Al-Khattab perdeu a paciência e perguntou a Abu Bakr: «Ó Abu Bakr, Muhammad não é o Mensageiro de Deus e não somos nós muçulmanos?» Abu Bakr respondeu: «Sim!» «Porque é que então nos vamos render perante os descrentes num assunto vital da nossa fé?», disse Omar. Mas ninguém podia alterar a determinação do Profeta, porque ele estava a seguir a revelação divina. Os pontos essenciais do acordo de paz são os seguintes:

1 - Os muçulmanos não farão Umra este ano, mas sim no próximo.

2 - No próximo ano quando vierem (para Umra), só poderão permanecer em Makkah três dias, vestidos de peregrinos.

3 - Não podem vir com armas, exceto a espada que deverá estar embainhada.

4 - Os muçulmanos não podem levar consigo, no seu regresso a Madinah, outros seus correligionários residentes em Makkah, mas se alguns dos muçulmanos (de Madinah) quiserem residir em Makkah, não podem ser proibidos (por Muhammad).

5 - Se algum Qurayshita (muçulmano ou descrente) fugir para Madinah sem a permissão do seu guardião, terá de ser devolvido, sem reciprocidade (se algum muçulmano vier a Makkah não será devolvido a Madinah).

6 - As tribos árabes terão a liberdade de se aliar com quem quiserem (com muçulmanos ou com descrentes) e assim entrarem no pacto.

7 - A duração do período do acordo de paz é de dez anos, durante o qual não haverá guerra nenhuma; durante este tempo cada parte estará segura, e nenhuma interferirá na vida e propriedade de outra.

Estes foram os artigos do acordo de Hudaibiyahh, concluído entre os Qurayshitas e os muçulmanos, em Dhul Qa'dah, ano 6 da Hégira, correspondente ao mês de março de 628 d.C. Foram feitas duas cópias, uma para cada parte. Os muçulmanos murmuravam, comentando os artigos e condições do acordo, especialmente o artigo número cinco que favorecia claramente os descrentes. Estavam insatisfeitos com os artigos desfavoráveis, mas o Profeta conseguiu acalmá-los.

Este era o acordo de paz que o Profeta logo no início em Makkah tinha proposto aos Qurayshitas, para deixarem o seu caminho livre no cumprimento da sua missão, mas os Qurayshitas pensavam que conseguiriam esmagá-lo à força, por isso atacaram-no em Madinah várias vezes, mas sem êxito.

Se tivessem aceitado teriam evitado tanto derramamento de sangue, perdas de vidas de ambas as partes. Logo que o acordo foi assinado, por coincidência o filho do delegado (Suhail) dos descrentes, chamado Abu Jandal, que já se tinha convertido ao islamismo, e por essa razão estava preso e proibido de emigrar e a ser torturado em Makkah, conseguiu fugir da prisão e veio correndo ainda com os pés acorrentados, e caiu perante os muçulmanos. O seu corpo estava cheio de cicatrizes de ferimentos e torturas, o que ele mostrou a todos, pedindo que os muçulmanos o levassem para Madinah.

Suhail quando viu o seu filho, agarrou-o, bateu-lhe e arrastou-o pelos cabelos. Abu Jandal exclamou para os muçulmanos: «Ireis devolver-me de novo para junto dos pagãos, para me torturarem por causa da minha fé?» Os muçulmanos comoveram-se bastante com aquela imagem e Suhail disse para o Profeta: «Eis aí o primeiro fugitivo, esta é a primeira oportunidade para se por o acordo em prática conforme o artigo 4 e 5, devolver Abu Jandal para nós (para Makkah).» O Profeta disse a Abu Jandal: «Tem paciência, sê disciplinado, em breve Deus criará para ti e para os fracos (oprimidos) que estão contigo (em Makkah) algum caminho de saída para o vosso sofrimento».

Este foi um duro teste da obediência dos crentes. Por um lado um crente oprimido e acorrentado a pedir socorro, e os crentes todos (1400) cheios de emoção. Se o Profeta lhes desse ordem de lutar, decidiriam tudo de uma vez para sempre, mas por outro lado o acordo já estava assinado e tinham de lhe ser fiéis.

Quando Omar viu essa cena não se conteve, ficou muito agitado e foi ter com o Profeta e disse-lhe: - «Ó Mensageiro de Deus! Não és tu o verdadeiro Profeta?» “Sem dúvida, sou o verdadeiro Profeta”, respondeu Muhammad. Omar perguntou-lhe de novo: «Não são eles idólatras?» «Sim», respondeu o Profeta. Omar disse: «Então, porque enfrentamos tantas humilhações quando se trata da nossa religião?». O Profeta respondeu: «Eu sou o Mensageiro de Deus, não posso contrariar as Suas ordens, e nem ser infiel ao acordo. Ele nunca me humilhará». A ira de Omar abrandou e ele arrependeu-se da sua atitude e ficou a pedir perdão durante toda a sua vida. Jejuava, praticava caridades e libertava escravos como expiação dessa sua atitude perante o Profeta.

## O ACORDO DE HUDAYBIYYAH, VITÓRIA CLARA PARA OS MUÇULMANOS

Depois de já terem assinado o acordo, o Profeta ordenou aos muçulmanos para sacrificarem no mesmo local os animais que tinham trazido para esse efeito e cortarem o cabelo para assim poderem tirar o “Ihram”; mas estes ainda muito comovidos e desgostosos, não se prontificaram em cumprir a ordem do Profeta, e mesmo depois de a repetir três vezes, ninguém se mexeu. Estavam todos hesitantes, pois pensavam que ainda seria possível alguma alternativa favorável. Constatando tal fato o Profeta voltou à sua tenda e lamentou perante a sua esposa Umm Salma essa atitude negativa dos muçulmanos. Ela disse ao Profeta: “Começa tu a pôr em prática o sacrifício e verás que todos te seguirão”. Quando o Profeta sacrificou um dos animais e mandou rapar o seu cabelo, todos os muçulmanos ficaram por fim convencidos de que já não haveria nenhuma alteração na decisão do Profeta. Então, todos o imitaram. Depois de assinar o acordo o Profeta ficou-se por três dias em Hudaibiyyah, donde seguiram depois para Madinah. Durante a viagem foi revelado o capítulo Al-Fath 48, versículo 1: *“Em verdade, temos te predestinado um evidente triunfo.”*

Deus considera este tratado de paz uma vitória clara, o que os muçulmanos consideravam um tipo de derrota; por isso estavam comovidos; na realidade, se analisarmos bem as suas-consequências, chegaremos à conclusão que o tratado foi mesmo uma vitória clara. Na verdade Deus, que conhece o início e o fim de tudo, revelou aos muçulmanos o que a curta visão deles não podia alcançar, riem mesmo antever; por outras palavras esta realidade é mais uma prova de entre as muitas provas da veracidade do islamismo.

Os artigos do tratado que os muçulmanos achavam desfavoráveis provaram ser na verdade mais benéficos, e o futuro provou-o.

A grande vitória para o Islam foi o fim do estado de guerra, o estabelecimento de paz e segurança e o reconhecimento da parte dos descrentes do Estado Islâmico. Porque não é possível a criação dum clima propício à expansão rápida do Islam estando em estado de guerra. Mais a mais a palavra Islam é sinónimo de paz, e por isso o grande objetivo do Islam é o ser humano viver no mundo em paz e segurança. Mesmo quando o Islam recomenda a guerra esta só é tendente ao estabelecimento da paz e a erradicar as causas da insegurança. Depois do tratado de paz de Hudaibiyyah, e num período de dois anos, o número dos muçulmanos duplicou. Até esta data, os crentes e os descrentes não

conviviam. Agora, após a assinatura do acordo de paz, os descrentes já vinham livremente a Madinah, ficavam lá meses e misturavam-se com os muçulmanos e, nas conversas entre eles, abordavam-se temas do islamismo, e viam como os muçulmanos praticavam o Islam na plenitude e com sincera pregação nos seus afazeres do quotidiano. A sua piedade, a moral e outras práticas eram qualidades que os descrentes admiravam e pelas quais os historiadores afirmam que depois do tratado de paz até à conquista pacífica de Makkah o número das pessoas que abraçou o islamismo foi tão grande que antes disso e em tão curto espaço de tempo nunca uma conversão igual havia acontecido. Khalid Bin Walid, o conhecido general dos Qurayshitas, e Amr Ibn Al-Aass (conquistador do Egito) foram de entre as pessoas mais notáveis que se converteram neste mesmo período.

## **A HISTÓRIA DE UTBAH BIN USSAID, APELIDADO DE ABU BASSIR**

Os muçulmanos estavam muito desgostosos pelo artigo cinco do tratado referido, por o acharem desfavorável; no entanto, tal ponto tinha começado a dar bons resultados; os muçulmanos que foram impedidos de emigrar de Makkah eram vítimas de torturas mais graves (já leram a passagem de Abu Jandal), Utbah Bin Ussaid, alcunhado por Abu Bassir, um muçulmano que ainda estava em Makkah a ser torturado por se ter convertido ao islamismo, conseguiu fugir para Madinah; os Qurayshitas enviaram dois homens para Madinah, em sua perseguição. Esses chegaram e disseram ao Profeta para devolver o fugitivo conforme o artigo cinco do tratado. O Profeta, voltando-se para Abu Bassir, ordenou para que ele voltasse com aqueles dois enviados. No entanto Abu Bassir disse ao Profeta: “O Mensageiro de Deus! Estás a devolver-me aos descrentes que me perseguiram por causa da minha religião depois de Deus me ter libertado deles?”. Calmo, o Profeta respondeu: “Não te preocupes, pois em breve Deus criará para ti e teus irmãos (muçulmanos) detidos em Makkah uma saída”. Contra a vontade de Abu Bassir, mas cumprindo o tratado na íntegra o Profeta viu-o partir com os dois emissários para Makkah. Abu Bassir preferia a morte ao regresso a Makkah pois sabia o que o esperava. No regresso, quando se aproximavam de Dhul-Hulaifa, Abu Bassir matou um dos guardas com uma espada que lhe conseguiu arrancar e o outro conseguiu fugir (voltando a Madinah para se queixar ao Profeta Muhammad). Entretanto, apareceu Abu Bassir e disse ao Profeta: “O Mensageiro de Deus! Cumpriste a tua obrigação conforme o tratado ao devolver-me a eles; quanto a mim, consegui livrar-me deles!”.

O Profeta quando o viu com a espada na mão disse: “Este quer atizar o fogo da guerra”, e disse-lhe: “Vai para onde quiseres, mas não fiques em Madinah”.

Vendo o Profeta determinado e fiel na prática do tratado, pensou que talvez o Profeta o enviasse outra vez para junto dos descrentes, e por isso não insistiu em ficar em Madinah, rumando para uma zona litoral dos lados da Síria, de onde passavam as caravanas dos Qurayshitas (esse lugar chama-se “Al-Iss”). O outro guarda que escapou, regressou a Makkah e contou tudo aos Qurayshitas; por outro lado, os muçulmanos, oprimidos em Makkah, quando souberam do acontecido, e sabendo que Muhammad não os podia aceitar em Madinah, à base do tratado, começaram a fugir de Makkah, indo-se juntar a Abu Bassir. Gradualmente, o número deles aumentou significativamente para setenta e já eram tão fortes que interceptavam as caravanas dos Qurayshitas que passavam por ali, atacando-as para se vingarem. Este grupo provou ser muito perigoso para os Qurayshitas, a tal ponto que ficaram tão impotentes e incomodados que já nenhuma caravana podia passar por ali. Consequentemente, o abastecimento foi cortado. Então enviaram uma delegação a Madinah para pedir um grande favor ao Profeta: Revogar o artigo número cinco do tratado; disseram então que desde aquele momento quem fugisse para Madinah eles não exigiriam a sua devolução, e pediram ao Profeta para chamar o grupo de Abu Bassir, que se encontrava em «Al-Iss», para Madinah, para assim o caminho ficar livre para as suas caravanas (dos Qurayshitas). O Profeta aceitou a revogação do artigo cinco a pedido dos Qurayshitas e também aceitou o pedido deles para chamar o grupo de Abu Bassir a Madinah. Enviou uma mensagem a Abu Bassir para regressar juntamente com o seu grupo a Madinah. Quando a mensagem do Profeta chegou a «Al-Iss» Abu Bassir encontrava-se doente e de cama. No entanto ordenou a Abu Jandal para que se cumprisse a ordem do Profeta. Depois disso, Abu Bassir morreu, e Abu Jandal, juntamente com o grupo dos muçulmanos, regressou a Madinah.

Assim, a cláusula do tratado que os muçulmanos achavam desfavorável provou ser, contra as perspectivas, mais perigosa para os próprios Qurayshitas e os muçulmanos viram que a Ideia do Profeta foi sem dúvida melhor do que a deles; por isso Abu Bakr disse: «Não houve vitória no Islam maior do que a vitória de Hdaybiyyah». As pessoas precipitam-se, mas Deus não faz as coisas conforme o desejo das pessoas; Ele deixa chegar os assuntos até onde destinou (desejou). Eis pois a vitória dos constantes e pacientes.

Por isso, a esta campanha Deus deu o nome de «Vitória Clara». E o que aqui foi narrado, assim o confirma. O artigo cinco não abrangia as mulheres muçulmanas que fugiam de Makkah para Madinah e por isso, Umm Kulthum, filha de Uqbah Bin Abi Muit um dos chefes dos Qurayshitas de Makkah, quando fugiu para Madinah, dois dos seus irmãos foram buscá-la, mas o Profeta recusou-se

a devolvê-la; isto porque, as mulheres requerem a maior proteção e quando elas a pedirem têm de ser dadas para se sentirem protegidas e também porque, quando elas converterem-se ao islamismo e os maridos se recusaram a idêntica conversão, elas já não são lícitas para os seus maridos descrentes; assim diz o Alcorão:

*“Ó fiéis, quando se vos apresentarem as fugitivas fiéis, examinai-as, muito embora Deus conheça a sua fé melhor do que ninguém; porém, se as julgardes fiéis, não as restituais aos incrédulos, porquanto elas não lhes cabem por direito, nem eles a elas; porém, restitui o que eles gastaram (com os seus dotes). Não sereis recriminados se as desposardes, contanto que as doteis; porém, não vos apeguéis à tutela das incrédulas.” (60:10)*

As mulheres dos muçulmanos que ficaram em Makkah e não abraçaram o Islam, foram divorciadas pelos seus maridos.

Depois do tratado de paz de Hdaybiyyah a tribo Khuzaá aliou-se aos muçulmanos e a tribo de Banu Bakr aliou-se aos Qurayshitas, estas duas tribos eram rivais, tendo havido guerras sangrentas entre elas e assim participaram no acordo de paz.

## **REGRESSO DOS EMIGRANTES DA ABISSÍNIA (ETIÓPIA)**

Depois de regressar de Hdaybiyyah, o Profeta enviou Amr Bin Umaia Dhamri com uma carta, para o Négus, Rei da Abissínia, e disse a Amr para que no regresso trouxesse Jafar Bin Abi Talib e todos os outros muçulmanos emigrados a Madinah. Chegados a Madinah o Profeta ficou muito satisfeito ao encontrar-se com eles e abraçou Jafar; os muçulmanos regressaram com muitas ofertas da parte do Négus que, entretanto, tinha-se convertido ao islamismo.

O Profeta regressou de Hdaybiyyah e chegou a Madinah no mês de Dhul-Hijjah: agora, já não havia o perigo do sul, da parte dos Qurayshitas, e por outro lado, os judeus já estavam longe; portanto os muçulmanos já estavam mais tranquilos.

Nos fins do ano seis da Hégira, o Profeta instituiu a corrida de cavalos e camelos entre os muçulmanos; a mãe de Aisha, esposa do Profeta faleceu nesse ano; Abu Huraira, (o famoso narrador das tradições proféticas) também converteu-se neste mesmo ano.

## O PROFETA ENVIA CARTAS PARA OS PRINCIPAIS MONARCAS DO MUNDO

- Fim do ano seis ou início do ano sete da Hégira -

“Convoca (os humanos) à senda do teu Senhor com sabedoria e uma bela exortação”. **(16:125)**

Depois do tratado de paz de Hdaybiyyah o Profeta e os muçulmanos tranquilizaram-se relativamente. Agora os caminhos já estavam seguros e a presença de Deus, que encheu o Universo, e o Islam que já tinha nas suas fileiras discípulos de várias origens, não estava destinado ser limitado à terra dos árabes só, pois é uma religião para toda a humanidade; assim diz o Alcorão:

*“E não te enviamos, senão como misericórdia para a humanidade.”* **(21:107)**

Portanto, já tinha chegado a época do Profeta fazer chegar aos ouvidos de toda a gente a mensagem do Islam. Por isso, um dia o Profeta juntou todos os seus companheiros e disse-lhes: - “Ó gente, Deus enviou-me como bênção para toda a humanidade. Portanto, não divergis como os discípulos de Jesus divergiram. Ide e transmiti a Mensagem da Verdade da minha parte».

Em seguida, o Profeta enviou os seus embaixadores para os principais monarcas, com cartas, convidando-os ao islamismo. As suas cartas iam seladas (carimbadas) com o anel de prata em que estava gravado «Muhammad, o Mensageiro de Deus». Os embaixadores portadores das cartas do Profeta eram os seguintes:

- 1 - Amr Bin Umayyah para Négus, Rei da Abissínia (atual Etiópia);
- 2 - Abdallah Bin Huzafa para o Rei da Pérsia;
- 3 - Hatib Bin Abi Baltaah para o Rei do Egito Mucaucas;
- 4 - Shuja Bin Wahab para Haris de Ghasan, Rei de Hira;
- 5 - Dahia Kalbi para Heraclios de Bizâncio (romanos);
- 6 - Sulait Bin Amr Bin Abud Shams para Haris. Rei do Yamen,

Nessa altura existiam dois impérios grandes, considerados superpotências da época: O de César (romanos) e o da Pérsia (iranianos).

Havia rivalidade entre eles, travaram-se várias guerras entre si; no entanto, uns anos antes os persas tinham derrotado os romanos, cuja alusão está no Alcorão no capítulo «Ar Rum» número 30.

Depois disso, Heraclios, para se vingar da derrota sofrida preparou uma grande tropa e anos mais tarde atacou os persas, derrotando-os vergonhosamente; para agradecer a Deus essa vitória, veio de Homs (cidade da Síria) até Jerusalém a pé. A Síria estava sob o controle dos romanos, mas os seus habitantes eram árabes, o governador era um árabe chamado Haris da família Ghassan, a sua capital era «Busra»: o Embaixador do Profeta, Dahia Kalbi veio até Busra e entregou a Haris a carta do Profeta para a fazer chegar a Heráclios; este levou a carta e foi ter com César em Jerusalém para lhe entregar a referida carta.

O Heráclios, quando recebeu a carta do Profeta, abriu-a e leu-a. O conteúdo da carta era o seguinte:

*Em nome de Deus, o Compassivo e Misericordioso. De Muhammad Bin Abdallah para Heráclios, Imperador dos romanos (bizantinos), que a paz esteja com os que estão bem encaminhados;*

*Eu convido-te para a religião islâmica, submete-te (converte-te) e serás salvo e Deus duplicará a tua recompensa, mas se voltares as costas (não converteres), o pecado dos teus cidadãos estará acima de ti (sob a sua responsabilidade).*

*Ó gente da escritura, vinde a termos comuns, entre nós e vós, nomeadamente; que não adoraremos senão a Deus, não associemos nada com Ele e nenhum de nós tome outros como senhores além de Deus. Se eles te voltarem as costas, dize: “Sede testemunhas de que nós somos submissos (à Lei Divina).*

Depois de ler a carta, Heráclios, ordenou para trazerem perante ele qualquer homem da Arábia; por coincidência, foi encontrado o inimigo de Muhammad, Abu Sufiyan, que estava com uma caravana comercial dos Qurayshitas em “Gaza” (na Palestina). Os homens de Heráclios trouxeram-no juntamente com os outros Qurayshitas até à Corte Real; encontravam-se presentes patriarcas, padres, monges e todos outros que tinham enchido a sala.

Em seguida, Heráclios dirigiu-se a ele através dos seus intérpretes e disse:

Quem de vós é parente deste homem que reivindica ser Profeta?

Abu Sufiyan respondeu: Sou eu (porque na caravana não havia outro da família Banu Abd Manaf fora dele).

Heráclios: - Aproxima-te; a seguir perguntou-lhe; a que tipo de família ele pertence?

Abu Sufiyan: - A uma família nobre.

Heráclios: - Houve na família dele outro, além dele, que tenha reivindicado ser Profeta?

Abu Sufiyan: - Não.

Heráclios: - Alguma vez vocês acusaram-no como mentiroso antes de ele se proclamar Profeta?

Abu Sufiyan: - Não.

Heráclios: - Na família dele houve algum rei?

Abu Sufiyan:- Não.

Heráclios: - Os que aceitaram a religião dele, são fracos ou fortes? (Quer dizer pobres ou ricos, homens de influência).

Abu Sufiyan: - São fracos (pobres).

Heráclios: - Os seus seguidores estão a aumentar ou a diminuir?

Abu Sufiyan: - Estão a aumentar.

Heráclios: - Algum deles renunciou a religião por indignação (insatisfação) com a mesma?

Abu Sufiyan: - Não.

Heráclios: - Alguma vez ele quebrou a sua promessa e compromisso?

Abu Sufiyan: - Até agora nunca, mas neste momento nós fizemos um (novo) pacto com ele de paz, vamos ver se ele continua fiel a isso ou não.

Heráclios: - Alguma vez vocês travaram combate com ele na guerra?

Abu Sufiyan: - Sim.

Heráclios: - Qual foi o resultado?

Abu Sufiyan: - Algumas vezes nós saímos vencedores e outras vezes foi ele o vencedor.

Heráclios: - O que é que ele prega (ensina)?

Abu Sufiyan: - Ele prega: - Adorai um único Deus, e não associeis nenhuma coisa com Ele. Proíbe-nos de adorarmos o que os nossos pais adoravam (os ídolos) e ordena-nos fazer orações; sermos castos (puros); verdadeiros; unificarmos as relações uterinas; cumprirmos os compromissos e devolvermos os depósitos.

A seguir Heráclios dirigiu-se aos árabes através do seu intérprete e disse:

- Eu perguntei-te sobre a sua família, e tu respondeste-me que a família dele era nobre; assim é, pois os profetas sempre pertencem às famílias nobres;

- Eu perguntei-te, se alguém na sua família reivindicou a profecia antes dele e tu respondeste-me negativamente. Se alguém tivesse reivindicado isso, eu diria que ele agora está a seguir o mesmo que foi dito antes sob a influência hereditária;

- Tu reconheceste que não houve rei nenhum na sua família, pois se tivesse havido, eu diria que ele está a procura do reino do seu pai;

- Tu reconheceste que ele não mente, portanto não é lógico alguém não mentir contra as pessoas e mentir contra Deus;

- Tu testemunhas que os fracos (pobres) é que o seguem, e é sempre assim; os fracos (pobres) é que, em geral, seguem os profetas;

- Tu reconheces que os seus seguidores estão sempre a aumentar; assim é, a verdadeira fé (religião) sempre está aumentando até se aperfeiçoar;

- Tu reconheceste que ele não contraria as suas promessas e compromissos (pactos), natural é, pois, os profetas nunca intrujam;

- Tu testemunhastes que ninguém renuncia a sua religião por indignação

com a religião, quando a fé se mistura com a alegria dos corações, assim acontece;

- Perguntei-te se já combatestes contra ele e qual foi o resultado, e tu afirmaste que às vezes vós saistes vencedores e às vezes foi ele; é assim, os profetas são assim, são postos em provas (testes) mas finalmente o melhor resultado pertence a eles;

- Tu afirmaste que ele ordena o estabelecimento das orações, da veracidade, da castidade, ser fiel aos compromissos (pactos) e devolução dos depósitos.

Depois de ouvir isto tudo, conclui logo que ele é o Profeta verdadeiro e enviado, e se á verdade o que me disseste ele apoderar-se-á deste local, o reino dele chegará ao local que os meus pés estão a pisar (o que alguns anos mais tarde aconteceu); eu tinha a certeza da vinda dum Profeta, mas nunca tinha pensado que surgiria entre vós (árabes); se eu pudesse ir lá, de certo que lavaria os seus pés.

Depois desta interpolação, houve uma grande sensação na Corte Real por causa das palavras de Heráclios, tendo até havido forte contestação contra ele. Abu Sufiyan relata que não percebeu nada da confusão, ao ver isso, Heráclios disse aos árabes para se retirarem, e Abu Sufiyan quando saiu, disse aos companheiros espantado; a questão de Muhammad já chegou ao ponto de o rei dos romanos temê-lo!

Depois, quando Heráclios seguiu de regresso a Homs, convocou uma reunião dos chefes romanos, numa sala grande (sua), mandou encerrar as portas todas, e dirigindo-se aos chefes disse-lhes: - Ó sociedade romana, se estais interessados no sucesso e boa orientação e na firmeza do vosso reino, submetei-vos a este Profeta. Quando os chefes ouviram isso, correram para as portas para fugirem, mas, encontraram-nas fechadas. Heráclios viu a debandada e disse: Volvei-vos para junto de mim!»! E apresentando uma escusa, disse-lhes: «O que eu vos acabei de dizer era apenas para provar a firmeza na vossa religião». Então todos se acalmaram e ficaram satisfeitos com ele.

De fato, pela conversa e sua análise, nota-se que a veracidade e a luz do Islam penetraram no coração de Heráclios, mas por causa do amor pelo seu reino ele preferiu a coroa acima do Islam. No entanto, despediu-se com bons modos do Embaixador do Profeta.

## **CARTA DO PROFETA PARA O MONARCA PERSA KISRA PARVEZ (Cosroes)**

O Profeta enviou Abdallah Bin Huzaiifa Ash-Shami como seu Embaixador com uma carta para o monarca persa; o conteúdo da sua carta foi o seguinte:

“Em nome de Deus, o Compassivo e Misericordioso”.

*De Muhammad, Mensageiro de Deus, para Kisra, Imperador da Pérsia. Que a paz esteja com os que estão bem guiados, que acreditam em Deus, no Seu Mensageiro. Presta testemunho que não há divindade além de Deus e que Muhammad é Seu servo e Mensageiro. Eu convido-te para a religião de Deus, porque sou o Mensageiro de Deus, enviado para toda a humanidade, para advertir aquele que está vivo e para que se confirme a palavra contra os descrentes. Submete-te, e serás salvo (terás paz) mas se recusares, o pecado dos magos estará acima de ti.*

O monarca persa não estava acostumado a ser tratado dessa maneira; ele estava acostumado à pompa oriental e cerimônias, títulos, etc. Considerou a carta do Profeta Muhammad como um insulto a sua majestosa pessoa; irritado disse: “Sendo meu escravo, atreve-se a escrever-me dessa maneira”.

Em seguida, rasgou a carta em pedaços. Quando o Profeta ouviu isso, disse: - “Deus também rasgará o reino dele em pedaços” (o que alguns anos mais tarde aconteceu). Kisra Parvez enviou um mensageiro para o governador do Iêmen chamado “Bazan” dando-lhe ordens para enviar um homem a Hijaz para prender Muhammad e trazê-lo à Pérsia, para apresentá-lo na Corte Real.

Bazan, mandou dois homens a Madinah, e encontrando o Profeta, disseram: “O Imperador chamou-te; se não obedeceres à ordem dele, ele destruirá a ti e ao teu país”. O Profeta, respondeu: “Vão lá e digam a ele que o reino do Islam em breve chegará à sua capital”.

Quando os mensageiros regressaram para o Yamen, receberam a notícia da morte do Imperador; foi o próprio filho, Cherawai, que o matou e tomou o poder, em seguida, enviou ordens ao seu governador do Iêmen para não cumprir o que o seu pai lhe tinha ordenado, isto é, prender o Profeta.

Depois do falecimento do Profeta, na época do Califado de Omar, o Islam conquistou o império persa, apagando-o totalmente do mapa do mundo; e assim se cumpriu a predição do Profeta.

## CARTA DO PROFETA PARA O NÉGUS

O texto integral da carta é o seguinte:

“Em nome de Deus, o Compassivo e Misericordioso”.

*De Muhammad, Mensageiro de Deus, para o Négus, Imperador da Abissínia. Paz!*

*Eu presto louvores perante ti a Deus, aquele que não há outra divindade senão Ele, o Rei, o Augusto, o Pacificador, o Protetor, e testemunho que Jesus, filho de Maria, e o Espírito de Deus e Sua palavra, que Ele fez descer sobre Maria, a Virgem, a Boa (pura), a Casta, assim, concebendo a Jesus com o sopro do Seu Espírito da forma como criou Adão com a Sua mão. Convido-te para um Deus único, que não tem sócio, e à submissão à Sua obediência, e para sequeiras-me e creres naquilo que me foi revelado, porque eu sou o Mensageiro de Deus. Convido-te e à tua gente para vos orientar até Deus, o Poderoso e Majestoso. Já vos transmiti e aconselhei-vos, portanto aceitai o meu conselho, e que a paz esteja com os que estão bem orientados.*

O Profeta enviou Amr Bin Umayyah Dhamri como seu Embaixador, levando a sua carta para o Négus, Rei da Abissínia, convidando-o para abraçar o Islam. O Négus, que era cristão, quando chegou-lhe a carta do Profeta, recebeu bem o Embaixador, prestou o máximo respeito à carta do Profeta, e reconheceu que Muhammad é o Profeta a respeito do qual Jesus deu a boa nova da sua vinda, e aceitou o Islam perante Jafar Bin Abi Talib, um dos emigrantes muçulmanos na Abissínia. Depois disso, voltaram (de regresso) a Madinah, após viverem dez anos em paz, todos os emigrantes residentes na Abissínia. O Négus enviou a resposta ao Profeta em que dizia: - “Eu presto testemunho que tu és o Verdadeiro Mensageiro de Deus”.

## CARTA NO PROFETA PARA O MACAUCAS

O Profeta Muhammad enviou Hatib Bin Abi Baltaa como seu Embaixador com a sua carta para o Mocaucas, governador do Egito em Alexandria, designado por César. O conteúdo da carta é o seguinte:

“Em nome de Deus, o Compassivo e Misericordioso”.

*De Muhammad, Mensageiro de Deus, para o Mocaucas, chefes dos Coptas. Que a paz esteja com os que estão bem encaminhados.*

*Convido-te para a religião islâmica; submete-te e serás salvo (terás paz), Deus te recompensará duplamente. Mas se voltares as costas o pecado dos coptas estará acima de ti. Ó gentes do livro, vinde a termos comuns entre nós e vós, nomeadamente que não adoraremos senão a Deus, não associemos nada com Ele, e nenhum de nós tome outros senhores além de Deus. Se eles te voltarem as costas, dize: «Sede testemunhas que nós somos submissos»*,

Quando a carta chegou ao Mocaucas, este, depois de a ler, perguntou ao portador da carta: “Se Muhammad é o Mensageiro de Deus, o que é que o impede de orar a Deus contra os seus opositores e contra os que os expulsaram da sua terra”? Hátib, o portador, respondeu: Não és tu que confessas que Jesus, filho de Maria, é Mensageiro de Deus? Então, porque é que quando o seu povo o prendeu e quis matá-lo ele não orou a Deus contra eles, para os aniquilar, até que Deus o elevou para junto d’Ele?

O Mocaucas ficou satisfeito com essa resposta e disse: “Tu és prudente, e enviado da parte de um prudente”. E, reconhecendo a veracidade da profecia de Muhammad, respondeu a sua carta em árabe, cujo texto é o seguinte:

*Para Muhammad Bin Abdallah, de Mocaucas, chefe dos coptas; que a paz esteja contigo; eu li a tua carta e percebi o que mencionaste nela e para aquilo que nos chamas. Eu sabia que um Profeta estava para aparecer, mas pensei que ele aparecesse na Síria. Eu honrei o teu mensageiro e estou a enviar para ti, duas donzelas que gozam de grande respeito entre os coptas, juntamente com roupas para ti, e uma mula para tu montares; e que a paz esteja contigo.*

Mesmo depois de se conhecer a verdade o Mocaucas não abraçou o Islam.

Dentre as duas donzelas enviadas ao Profeta, uma chamava-se Maria, com quem o Profeta casou e teve um filho, de nome Ibrahim, que morreu na infância; quanto à mula o Profeta costumava montá-la nas suas viagens (na batalha de Hunain o Profeta estava montado nessa mula, Duldul), a outra menina o Profeta casou-a com Hassan Bin Sabit, o famoso poeta islâmico.

## **CARTA DO PROFETA PARA O GOVERNADOR DE BUSRA**

O Profeta enviou como seu Embaixador e portador de uma carta Al-Haris Bin Umair Al-Azdi para o governador de Bussra. Quando aquele chegou a “Mutah” (uma aldeia na Síria) Surhabil perguntou-lhe: És porventura, dos enviados de Muhammad? Ele respondeu: «Sim!» Surhabil mandou matá-lo. Este foi o único Embaixador do Profeta que foi morto de entre todos que ele enviou. Quando o Profeta soube, ficou muito triste.

## CARTA DO PROFETA PARA O REI DE YAMAMAH

O Profeta enviou Sulait Bin Amr Al-Amír como seu Embaixador com a sua carta para Houza Bin Ali, rei de Yamamah, convidando-o para abraçar o Islam. Ao que este respondeu: “Tudo o que dizes é muito bom e belo, e eu sou o poeta do meu povo e seu orador; os árabes temem a minha categoria, portanto se designares alguns poderes para mim, no poder, eu estou pronto para te seguir».

Como o Islam não veio coma cobiça e ambição de poder, o Profeta respondeu negativamente, porque o Islam prega que todo o poder pertence a Deus, e a Ele somente.

## CARTA DO PROFETA PARA AL-HARIS ABI CHAMR

O Profeta enviou Shuja Bin Wahab como seu Embaixador e portador da sua carta para o governador de Damasco designado por Heráclios, convidando-o ao Islam; o conteúdo da carta é o seguinte:

“Em nome de Deus o Compassivo e Misericordioso”.

*De Muhammad, Mensageiro de Deus, para Al-Haris Bin Abi Chamr. Que a paz esteja com aquele que está bem encaminhado e que crê em Deus e confirma a verdade. Convido-te para creres em Deus Único, que não tem sócio nenhum. Se assim fizeres, e teu reino durará.*

Quando este recebeu a carta ficou muito aborrecido, atirou a carta para o chão, e disse: “Quem me pode arrancar o meu reino”? E logo ordenou a sua tropa para atacar os muçulmanos, virando-se para Chujáh (o Embaixador do Profeta), disse: “Informa ao Profeta o que viste”. Al-Haris informou a Heráclios a respeito da carta que recebeu do Profeta pedindo autorização para mandar as tropas contra Muhammad, mas Heráclios, em vez de responder-lhe ordenou para que ele seguisse para Jerusalém, a fim de participar nas cerimônias da restauração da cruz e celebrar a vitória contra os persas.

Os muçulmanos sempre sentiam o perigo de serem atacados através das suas fronteiras com a Síria. Este receio provou ser fundamentado mais tarde na forma das batalhas de “Tabuk e Mutah”.

Além destas cartas, o Profeta enviou muitas outras para vários chefes, monarcas e governantes; muitos deles aceitaram o Islam; e assim o Profeta Muhammad cumpriu a sua missão ao fazer chegar a voz da sua missão aos monarcas assim como fez chegar ao miserável da rua.

*“Dize: Ó humanos, sou o Mensageiro de Deus para todos vós”. (7:158)*

## **OUTROS ACONTECIMENTOS DO ANO 6 DA HÉGIRA**

O Tratado de Paz de Hdaybiyyahh foi considerado por Deus uma vitória clara, e os acontecimentos assim o confirmaram, porque o Islam, que é uma religião de paz, requer a paz para a sua expansão. Até essa data, todas as batalhas que ocorreram entre os muçulmanos e os descrentes Qurayshitas, o nome de Khalid Bin Walid aparece distinto; ele era o Comandante General das forças dos descrentes, e na batalha de Ohud, foi a sua inteligência que reanimou os Qurayshitas que já estavam à beira da derrota. Mesmo na campanha de Hdaybiyyahh, era ele o responsável pela tropa dos descrentes. Mas este grande general dos Qurayshitas não resistiu à atração do Islam, e depois do Tratado de Paz de Hdaybiyyahh, Khalid Bin Walid converteu-se ao Islam.

### **A PASSAGEM DA CONVERSAO DE KHALID BIN WALID**

Khalid disse para os Qurayshitas:

- Já está claro para todo o homem, que possui o mínimo de inteligência, que Muhammad não é poeta e nem é mágico inspirado; o que ele diz são as verdadeiras palavras do Senhor dos Mundos; portanto, a obrigação de todos aqueles que possuem o mínimo de senso é de seguirem-no.

Ikrimah, filho de Abu Jahal, quando ouviu isso, ficou logo alarmado e disse-lhe:

- Tornastes criança ó Khalid?

Khalid: - Não me tornei criança, mas sim um muçulmano.

Ikrimah: - Por Deus! Tu devia ser o último entre os Qurayshitas a dizer isso.

Khalid: - Por quê?

Ikrimah: -- Porque Muhammad manchou a honra do teu pai ao feri-lo e quando ele matou o teu tio e o filho do teu tio na batalha de Badr. Por Deus, eu nunca aceitarei o Islam, e nunca direi as palavras que tu disseste: Tu não vês que Quraysh não quer nada com Muhammad senão matá-lo?

Khalid: - Tudo o que disseste são coisas da ignorância e tribalismo, mas agora sou muçulmano porque toda a verdade está à minha frente.

Depois disso, Khalid mandou um cavaleiro seu com a mensagem para o Profeta, dizendo que tinha aceito o Islam e reconhecendo-o como Mensageiro de Deus.

Quando Abu Sufiyan soube da conversão de Khalid, enviou um homem para lhe perguntar se era verdade o que tinha ouvido.

Khalid respondeu: - Sim!

Abu Sufiyan ficou muito irritado e jurou por Al-Lat e Uzza (ídolos) que o mataria. Khalid respondeu, por Deus, é verdade, por isso não me importo das suas conseqüências. Na sua ira Abu Sufiyan queria atacá-lo, mas foi impedido por Ikrimah, que pediu-lhe calma, e lhe disse: «Por Deus, eu também teria dito a mesma coisa que Khalid acabou de dizer e teria aceito a mesma fé, se não tivesse receio de ser esmagado por Quraysh. Tu queres matá-lo pela escolha que ele optou, enquanto toda Quraysh confiou na sua liderança? Por Deus, eu receio que não passará muito tempo sem que todos de Makkah, acabem por seguir o seu .líder nesta nova fé e emigram para Madinah».

A seguir, Khalid, com Amr Ibn Al-Áss e Uthman (guardião da Kaaba) foram a Madinah e tornaram-se muçulmanos; depois destes, muitos outros Qurayshitas abraçaram o Islam.

Khalid Bin Walid saiu de Makkah com destino à Madinah e, no caminho encontrou um seu grande amigo Amr Ibn Al-Aass. Vendo-o, este perguntou para onde ia. Khalid respondeu: Vou-me converter ao Islam. (Amr Ibn Al-Aass, foi o delegado dos Qurayshitas, enviado para a Abissínia para convencer o Négus, rei da Abissínia, para devolver os muçulmanos emigrados no seu país, onde ele e o seu companheiro não tiveram êxito). Então, os dois, mais Uthman Ibn Tal-a, outro amigo que era guardião da Kaaba seguiram para Madinah onde se converteram ao Islam perante o Profeta. Deve-se notar que toda a força que estava a ser utilizada contra o Islam passou, de ora em diante, a ser utilizada a favor do Islam. Khalid, depois de abraçar o Islam demonstrou grande relevo, foi o conquistador da Síria, na época do Califado de Omar, e recebeu o título de “A Espada de Deus”, dado pelo Profeta.

O Profeta ficou muito satisfeito pela conversão destes dois homens importantes e disse a Khalid, todo o Louvor para Deus que te guia. Khalid, pediu ao Profeta para que este pedisse perdão a Deus a favor dele, por aquelas ocasiões em que ele participou contra o Profeta; o Profeta respondeu: “O Islam apaga todos os pecados anteriores”.

**O SÉTIMO ANO DA HÉGIRA**  
**- 10 DE MARÇO DE 628 ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 629 D.C. -**  
**- A CONQUISTA DE KHAYBAR -**

Depois do tratado de paz de Hdaybiyyah, o Profeta já se encontrava mais tranquilo pelas fronteiras do sul, do lado de Makkah; mas, quando regressou a Madinah, soube que no norte daquela cidade, em Khaybar (que está situada a trezentos quilômetros de Madinah, um local muito fértil, cheio de verdura), era o local de maior concentração dos judeus na Arábia. Os judeus de Banu Nadir e Banu Qurayza, quando foram expulsos de Madinah, também foram radicar-se em Khaybar; os corações desses judeus estavam cheios de ódio e inimizade para com os muçulmanos. Conjuntamente, começaram a planejar conspirações contra os muçulmanos e arrastaram nisso outras tribos árabes hostis a Muhammad (o leitor recorda que foi com grande esforço desses judeus, que mobilizaram todas as tribos contra Muhammad, tendo depois ocorrido a batalha da Trincheira, que fez tremer Madinah. Como todas as tentativas passadas contra os muçulmanos tinham falhado, mas os mesmos agitadores ainda existiam), o novo líder dos judeus, chamado Ussair Bin Razaan, convocou todas as tribos judaicas e proferiu um discurso em que disse:

*“As medidas que os meus antepassados tomaram contra Muhammad estavam erradas; a melhor maneira é atacar a capital de Muhammad (Madinah) e eu vou tomar essa medida.”*

Depois disso, ele visitou a tribo Ghatafan e juntou-se a eles na condição de dar-lhes metade da colheita de Madinah no caso daquela capital ser tomada por eles. Aliou-se também a outras tribos e preparou um grande exército para destruir os muçulmanos para sempre.

Os preparativos da guerra dos judeus eram de grande envergadura, porque os judeus eram piores que os Qurayshitas na inimizade para com os muçulmanos. Não era possível fazer acordos de paz com eles, porque eles não cumpriam a sua palavra. E já antes disso tinham quebrado os acordos de paz em Madinah por várias vezes. As suas conspirações e influências eram grandes; eles já tinham contactado os hipócritas de Madinah e estes juntaram-se a eles, dando informações sobre os muçulmanos.

O Profeta, quando ouviu sobre os preparativos da guerra dos judeus contra os muçulmanos, preferiu enviar um homem seu, na pessoa de Abdallah Bin Rawaha, a Khaybar, para confirmar antes mesmo de tomar alguma decisão. Este

foi, sorrateiro, e viu, com os seus próprios olhos, os preparativos da guerra dos judeus. Voltou e informou tudo quanto vira.

Por um lado os judeus de Khaybar, juntamente com a tribo de Ghatafan, contra os muçulmanos, e por outro lado os hipócritas de Madinah davam-lhes mais força, ao dizerem:

“Vocês não devem temer os muçulmanos porque eles são só uma mão cheia e mal armados.”

O Profeta, quando soube que a tribo Ghatafan se unira já aos judeus contra os muçulmanos, escreveu-lhes uma carta, dizendo-lhes:

*“Abstende-vos de ajudar os judeus contra nós e eu prometo-vos que quando Khaybar for conquistada dar-vos-emos parte dos despojos.”*

Todavia, Ghatafan recusou a proposta do Profeta.

Como foi citado, os muçulmanos não estavam tranquilos do lado das fronteiras com Khaybar.

Depois da aliança entre todos os judeus com a tribo Ghatafan, faltava chegar a ajuda dos bizantinos do lado norte; estes, naturalmente, inclinar-se-iam imediatamente para eles e juntos fariam um ataque destrutivo contra Madinah. Por isso, para eliminar esse perigo para sempre, havia necessidade de acabar com a influência dos judeus agitadores e mobilizadores de forças contra Muhammad na península arábica, e fazer isso rapidamente, sem lhes dar mais tempo para procurarem novos aliados contra os muçulmanos.

E foi isso que Muhammad fez, quando, um mês depois do seu regresso de Hudaybiyyah, ordenou às pessoas para se prepararem para a campanha de Khaybar, e Deus já tinha prometido a vitória no capítulo Al-Fath, no regresso de Hubaibiya, ao dizer:

*“Deus vos prometeu muitos ganhos, que obtereis, ainda mais, adiantou-vos estes e conteve as mãos dos homens, para que sejam um sinal para os fiéis e para guiar-vos para uma senda reta. E outros ganhos que não pudestes conseguir, Deus os conseguiu, e Deus é Onipotente.” (48:20 e 21)*

Houve muitos hipócritas que queriam acompanhar para no fim receberem o despojo. O Profeta anunciou que só iriam acompanhá-lo os que desejam elevar a palavra de Deus, isto é, Os verdadeiros crentes que participaram em Hudaybiyyah, e não os que somente pretendem receber os despojos.

*“Quando marchardes para vos apoderardes dos despojos, os que ficarem para trás vos dirão: Permitti que vos sigamos! Pretendem trocar as palavras de Deus. Dize-lhes: Jamais nos seguireis, porque Deus já havia declarado (isso) antes. Então vos dirão: Não! É porque nos invejais. Qual! É que não compreendem, senão poucos.” (48:15)*

E é assim que no mês de Muharram, ano 7 da Hégira, o Profeta, com intenção de defender Madinah dos ataques dos judeus e dos seus aliados (Ghatafan), saiu acompanhado de 1.600 (mil e seiscentos) homens, dos quais 100 (cem) eram cavaleiros; depois de nomear Sibaa Bin Urfutah Ghaffari como seu governador em Madinah durante a sua ausência. Dentre as suas esposas, Ummu Salma acompanhou-o nesta campanha; além dos homens muçulmanos participaram também voluntariamente algumas senhoras levando consigo os medicamentos para servirem de socorristas e dar água aos feridos (assim como aconteceu em Ohud).

Pelo caminho, os crentes iam recitando o “Takbir” em voz alta. O Profeta, como em todos os passos e ocasiões, ensinava e corrigia as falhas dos crentes; disse-lhes para não gritarem, porque Deus, a quem eles estavam a evocar, não era surdo, mas estava junto deles.

O Profeta Muhammad e seus companheiros percorreram a distância entre Khaybar e Madinah em três dias.

A tropa islâmica chegou nas proximidades de Khaybar, num local chamado “Sahba”, ao meio da tarde. Foi aí onde o Profeta fez a oração de “Al ‘Asr” e tomou cevada seca moída misturada com água. Ao anoitecer, a tropa islâmica já tinha chegado a um local muito próximo de Khaybar de onde se avistavam os seus edifícios. Como era hábito do Profeta nunca atacar à noite, passaram a noite nesse local. Os muçulmanos, que sabiam que a tribo Ghatafan viria em ajuda dos judeus, acamparam num local entre Khaybar e a área de Ghatafan chamado «Wadi Arrajie». Os homens de Ghatafan, quando viram os muçulmanos perto da sua zona, tiveram receio que os muçulmanos atacassem as aldeias; por isso, fecharam-se dentro das suas casas para defendê-las, e nem saíram para ajudar os judeus.

Os judeus de Khaybar, ao imaginarem-se salvos de qualquer ataque dos muçulmanos, por viverem nas colônias altamente fortificadas, nunca deixaram, em qualquer oportunidade, de prejudicar os muçulmanos e sempre procuraram satisfazer os seus rancores contra Muhammad. Fora das conspirações diretas contra Muhammad, a aliança que eles tinham feito com esta tribo Ghatafan, era

por estes habitarem a região estratégica entre Khaybar e o mar, e assim bloquearem a rota e impedir que qualquer caravana muçulmana fosse de Madinah para a Síria. Só esse assunto tinha preocupado o Profeta de tal forma que ele já estava planejando o envio de uma expedição contra os judeus de Khaybar. Mas, como ele estava muito ocupado com os Qurayshitas de Makkah, não conseguiu fazer isso. Agora que já tinha feito o tratado de paz com eles, já tinha possibilidade de resolver este problema, de uma vez para sempre. Assim, como já citei, o Profeta tinha chegado muito próximo de Khaybar mas já era noite. Ele passou essa noite a evocar a ajuda de Deus. Na manhã seguinte, como os homens de Khaybar não sabiam nada da movimentação dos muçulmanos, saíram como habitual logo de manhã das suas casas para irem trabalhar nas suas plantações. Mas, surpreendidos ao verem a tropa muçulmana, correram o mais depressa possível, gritando uns para outros: «Eis Muhammad com a sua tropa», atirando para longe as suas alfaias agrícolas, cestos, etc. O Profeta, quando viu isso proc1amou: «Deus é Grandioso. Khaybar está condenado à ruína (vai ser arruinado).”

Mas, ao mesmo tempo, esta campanha não era tão fácil; era até uma das mais importantes. A comunidade judaica que vivia em Khaybar era a mais forte, mais rica e muito melhor equipada em armamento de guerra do que qualquer povo da Arábia. Esses judeus tinham a noção que aquele era o seu último destacamento contra Muhammad; se eles perdessem seriam talvez tratados como foram os judeus de Banu Qurayza.

Contudo, os muçulmanos estavam determinados em avançar. O resto da Arábia estava à espera do resultado deste combate e alguns árabes anteviam mesmo o fim de Muhammad.

Sabendo como Khaybar era fortificada (a localização da cidade sobre montes e rochas), eles pensavam que, se dez mil homens não conseguiram entrar em Madinah na batalha da Trincheira, quando Madinah nem estava fortificada e só tinha uma trincheira à volta da cidade, como seria possível a Muhammad, só com mil e seiscentos homens, assaltar as fortalezas suas, enormes paredes e portas de ferro e, ainda mais, enfrentando pessoas que tinham a máxima experiência na arte da guerra? Mas esses nunca tinham pensado na ajuda de Deus, e que Deus tinha já prometido a vitória aos muçulmanos. Os judeus estavam determinados a lutar até ao fim. Eles consultaram-se mutuamente sobre como proceder contra Muhammad e a tropa islâmica; o seu chefe Sallam Bin Mishkam aconselhou-os a concentrarem as suas famílias e as suas riquezas na fortaleza chamada As-Sulalim, e as munições na fortaleza chamada An-Naim, e os combatentes na fortaleza chamada An-Natat.

Os judeus tinham em Khaybar três grandes fortalezas separadas umas das outras:

1° - fortaleza de An-Natat;

2° - fortaleza de Al-Katibah;

3° - fortaleza de Ash-Shik.

Cada uma destas fortalezas envolvia vários quartéis fortificados. As fortalezas de An-Natat abrangiam três quartéis fortificados, nomeadamente An-Nais, Assaab e Qillah, a 2ª, de Al-Katibah, envolvia dois quartéis fortificados: O de Ubai e o de Al-Bari, e a 3ª, de Ash-Shak, envolvia três quartéis fortificados: O de Al-Qomus, de Alwatih e de As-Sulalim.

Tinham vinte mil combatentes espalhados por essas fortalezas todas e a de Al-Comuss era a mais forte de todas. Murhab, o conhecido pugilista da Arábia, considerado igual a vinte mil combatentes, era chefe dessa fortaleza. O objetivo aparente de colocarem as coisas em várias fortalezas separadas umas das outras, era criar fadiga entre os muçulmanos nos ataques, um após outro. Eles pensavam que se pusessem tudo numa fortaleza e a perdessem, a guerra terminaria cedo; e como Muhammad tinha consigo uma tropa pequena de mil e seiscentos homens, não conseguiria manter o cerco à volta de todas as fortalezas simultaneamente, durante muito tempo; e assim, seria forçado a uma guerra prolongada que os muçulmanos não suportariam e acabariam por perder.

O próprio Profeta tinha a noção da consequência do prolongamento da guerra. Isso podia originar o perigo resultante de serem cortados de Madinah pela retaguarda pelos inimigos.

Por isso, o Profeta preferiu tomar a iniciativa do combate, e assim ordenou aos muçulmanos para acamparem a leste das fortalezas de An-Natat, longe do alcance dos arqueiros dos inimigos.

Ao chegarem ao local, mandou os muçulmanos cortarem as tamareiras dos judeus, à volta da fortaleza, para atemorizá-los e para obrigá-los a render-se. Os muçulmanos cortaram umas quatrocentas tamareiras, mas isso não afetou em nada aos judeus, pois eles estavam determinados a lutar. Então o Profeta proibiu o corte de mais tamareiras.

A tropa islâmica avançara para a fortaleza de An-Naim e em sua volta começou a guerra de arqueiros. Os muçulmanos lutaram com muita valentia, mas

nesse dia não houve resultado algum. Mahmud Bin Muslimah atacou e lutou bravamente, mas cansado e como o calor era intenso ele foi sentar-se à sombra da parede da fortaleza e um judeu, Kinanah Bin Al-Rabi, atirou de cima uma pedra grande que atingiu a sua cabeça e cujos ferimentos não suportou e morreu. Os muçulmanos ficaram nessa tentativa de conquistar a fortaleza até à sétima noite.

Quando Omar Ibn Al-Khattab viu um judeu fora da fortaleza à noite, agarrou-o e levou-o perante o Profeta. O judeu, que já estava atemorizado, logo disse: «Se vocês me prometerem a segurança eu posso indicar-vos segredos e informações com as quais vocês alcançarão o êxito». O Profeta prometeu-lhe a segurança e então o judeu começou a revelar todos os segredos da fortaleza e dos seus ocupantes, dizendo: «Os judeus dentro desta fortaleza já estão fartos e cansados; quando sai de lá, eles já estavam a enviar os seus filhos para a fortaleza de Ash-Shikk, e amanhã sairão para fora para vos combaterem; se vocês conquistarem esta fortaleza, amanhã indicar-vos-ei o quartel onde estão guardados as catapultas e outras armaduras, espadas e munições, as quais vocês podem utilizar na conquista de outras fortalezas». Ele indicou aos muçulmanos os caminhos secretos que davam acesso à fortaleza, e indicou-lhes como utilizar as armas para conquistarem outras fortalezas o mais rápido possível. Os muçulmanos sabiam agora todo o segredo dos judeus e então o Profeta disse a Muhammad Bin Muslimah: «Amanhã eu vou entregar a bandeira a um homem que gosta de Deus e do Seu Mensageiro para conquistar a fortaleza». Cada um dos muçulmanos desejava que fosse ele o escolhido para essa missão. No dia seguinte o Profeta perguntou inesperadamente por Ali. Disseram-lhe que ele tinha uma inflamação nos olhos que o impedia de ver. O Profeta mandou chamá-lo. Quando o levaram, o Profeta pôs a sua saliva nos olhos de Ali e este ficou de tal maneira curado que parecia nunca ter tido problemas com os olhos. Depois, o Profeta deu-lhe a bandeira e ele seguiu com os crentes para o combate. Ali, quando recebeu a bandeira, perguntou ao Profeta: «Torná-los (aos judeus) submissos ou lutar?» O Profeta respondeu: «Antes de começares a lutar, chama-os ao Islam, porque se um homem aceitara Islam através de ti a recompensa é melhor do que os camelos vermelhos.» Mas os judeus não estavam dispostos nem à paz nem a entrar no Islam. O que eles queriam era destruir Muhammad e o Islam. Os judeus prontos para o combate saíram para fora e desafiaram os muçulmanos para o combate individual; da parte dos judeus saíram Murhab e Yassir, seu irmão, os dois valentes guerreiros. Da parte dos muçulmanos saíram Ali Bin Abi Talib e Zubair Bin Awwam, aceitando o desafio deles. Murhab saiu com vaidade e sede de vingança, produzindo um efeito de terror com a sua estrutura gigantesca, armadura dupla, par de espadas, escudo com três cabeças, elmo em que brilhava

uma joia do tamanho de um ovo, os olhos a brilharem como um carbúnculo, cheio de orgulho apareceu a desafiar, dizendo: «Toda Khaybar dum canto para o outro conhece-me, eu sou Murhab, valente e experiente. Há algum campeão em todo o mundo que se atreva a levantar-se contra mim?» Logo apareceu Ali Bin Abi Talib a responder-lhe:

«Sou eu esse; sou aquele a quem a minha mãe denominou Haidar (filhote de leoa), sou como o mato de leões, com aspecto mau e atemorizante, que em memória do meu pai, conhecido por Leão, com o meu sabre dar-te-ei boa medida!» Ao ouvir esta resposta, Murhab ficou bastante nervoso e correu para atacar Ali; mas este deu-lhe um golpe tão forte que rasgou o seu elmo e rachou-lhe a cabeça, até a sua espada, chamada Dhul-Fiqar, chegar aos dentes. O miolo de Murhab espalhou-se em todas as direções e o gigante Murhab caiu, parecendo uma torre arruinada por um sismo. O outro, Yassir, seu irmão, foi morto por Zubair Bin Al-Awwarn, Quando os judeus viram isso, ficaram atemorizados de tal forma que fugiram todos. Os judeus, quando viram que era difícil combater os muçulmanos em campo aberto, decidiram fechar-se na fortaleza; mas, como os muçulmanos já conheciam o acesso secreto à fortaleza, atacaram e entraram com facilidade. Os judeus saíram derrotados e refugiaram-se na fortaleza próxima, a de «As-Saab», muito forte, e da qual enviavam ajuda para todas as outras fortalezas. Os muçulmanos encontraram grande quantidade de despojos nessa fortaleza; depois da conquista da fortaleza de «An-Naim» as outras foram caindo nas mãos dos muçulmanos com relativa facilidade. Os muçulmanos perseguiram os judeus até à fortaleza de «As-Saab». Estes combateram com grande força, mas em vão, pois foram derrotados.

Na fortaleza de «As-Saab», os muçulmanos apoderaram-se de grande quantidade de despojos entre os quais gêneros alimentícios, que o Profeta ordenou que fossem dados aos homens e aos animais para serem alimentados. Os que foram derrotados desta fortaleza refugiaram-se na fortaleza de «Qillah», Os muçulmanos perseguiram-nos e cercaram-nos durante três dias, sentindo certas dificuldades em conquistá-la.

No quarto dia encontraram um judeu que os informou dos ribeiros onde os judeus davam de beber água aos seus animais. Os muçulmanos foram lá e bloquearam os ribeiros para os forçar a sair da fortaleza. Assim, saíram, e houve combates duros, mas, finalmente, os judeus foram derrotados. Daí fugiram e refugiaram-se na fortaleza de «Ash-Shikk». Os muçulmanos perseguiram-nos e começaram pela fortaleza de Ubai. Os seus ocupantes saíram para fora, lutaram com a máxima força até que os muçulmanos conseguiram entrar na fortaleza à força, derrotando-os. No interior encontraram grande quantidade de despojos.

Os derrotados fugiram daí para a fortaleza de «Al-Bari». Os ocupantes desta fortaleza eram arqueiros e lançadores de pedras de grande talento.

Quando uma das pedras atingiu o Profeta, os muçulmanos atacaram com catapultas que tinham capturado dos judeus na primeira fortaleza. Quando os pedregulhos foram cair dentro da fortaleza, eles ficaram atemorizados e fugiram todos.

Os muçulmanos entraram e encontraram muitos utensílios e louças dos judeus, tendo o Profeta autorizado os muçulmanos a cozerem nelas - as suas comidas depois de serem lavadas. O tempo já estava a apertar.

Os muçulmanos perseguiram depois o resto dos inimigos que se refugiaram nas fortalezas de Al-Katibah, e começaram por «Al-Comuss», de Ubai Al-Haqiq, o chefe de Khaybar, que era a mais importante e em que Kinana, o príncipe de Banu Nadir, se tinha refugiado.

Esta fortaleza estava construída no topo duma rocha preta vertical com paredes lisas, e cercado por fortificações desenhadas com muito talento. Esta fortaleza era considerada inconquistável. Os muçulmanos cercaram-na durante vinte dias.

Num desses dias o Profeta enviou Abu Bakr com a bandeira, juntamente com os muçulmanos para conquistar a fortaleza. Ele atacou com muita coragem, mas não conseguiu entrar. No dia seguinte foi Omar Ibn Al-Khattab que igualmente lutou com grande coragem mas também não conseguiu conquistá-la. Muitos dos crentes tentaram mas não tiveram êxito, porque a honra da conquista, Deus já tinha destinado para alguém. Os judeus estavam a lutar com mais fúria e coragem desesperada, tentando resistir o máximo possível porque sabiam que se perdessem essa fortaleza seria o fim deles. Mas ninguém pode resistir perante a ajuda de Deus. Finalmente, o Profeta designou Ali para essa missão; este foi, lutou heroicamente e depois de algum tempo a «inconquistável» fortaleza já estava capturada pelos muçulmanos. É nesta fortaleza que foi capturada Safiya Bint Huyay Bin Akhtab, filha do chefe de Banu Nadir, e muitos outros foram feitos prisioneiros. Sufiya tinha-se casado com Kinana Bin Rabi Bin Ubai Al-Huqayq. Depois da sua captura foi entregue a Dahya. O Profeta pagou o resgate dela, libertando-a, e deu-lhe a opção de poder ir para a sua casa mas ela preferiu tornar-se muçulmana e casar-se com o Profeta (e ela merecia isso, uma vez que era filha do chefe dos judeus) e teve a honra de receber o título de «Mãe dos crentes».

Os muçulmanos não podiam ainda celebrar a vitória porque faltavam duas outras fortalezas para serem conquistadas; a sua provisão já estava a esgotar-se e por consequência tiveram que matar os seus cavalos para se alimentarem (o que depois da batalha foi proibido pelo Profeta).

Tinham assim ficado as últimas duas fortalezas, a de Al-Watih e a de Sulalim, onde estavam alojados os familiares dos judeus e as suas riquezas. Os muçulmanos cercaram-nos durante dez dias até que os judeus se convenceram que o seu fim estava próximo e que não conseguiriam resistir mais tempo. Quando já não conseguiam suportar o cerco, cederam, enviando mensagem ao Profeta, dizendo que queriam a paz na condição das suas vidas, propriedade, filhos e mulheres não serem tocados e em troca eles dariam sempre metade da produção agrícola, ficando a terra sob o controle deles, e seriam submissos a Muhammad. O Profeta aceitou as condições e deixou as suas propriedades e terrenos nas suas mãos e continuaram como plenos cidadãos.

O Profeta revelou assim o seu talento e tato político ao aceitar as condições deles.

Ele tratou diferentemente os judeus de Khaybar dos judeus de Banu Qaynuqa e Banu Nadir, que foram forçados a evacuar as suas terras, e banidos; aqui com a conquista de Khaybar o poder judeu já não era uma ameaça para os muçulmanos. Os judeus tinham tido uma grande lição e como Khaybar tinha vastas áreas de plantações que necessitavam de mão-de-obra de grande experiência, os judeus foram deixados para continuarem o trabalho nas suas plantações, caso contrário a vitória militar não teria fruto nenhum, se o Profeta os banisse também, pois já não teria pessoal qualificado para trabalhar nessas plantações. Nesta atitude política do Profeta há uma grande lição para os políticos de hoje, especialmente nos países que ganharam a independência recente, onde, depois de quebrar o poder político colonial, nacionalizam os terrenos e expulsam os colonos agricultores que possuem longa experiência dessas terras, resultando o abandono e originando a fome, por não haver pessoas experientes para substituí-los.

Mesmo depois da destruição do poder político dos judeus de Khaybar, a agricultura prosperou. Os judeus ficaram animados pela conduta honrosa com que os muçulmanos os trataram.

Quando chegava a época da colheita, o Profeta enviava Abdullah Bin Rawah para ir receber a metade da produção agrícola concordada. Este chegava, separava a produção em duas partes iguais, e dizia primeiro aos judeus: «Es-

colhei aparte que quiserdes». Os judeus ficavam espantados com esta justiça, exclamando: «O céu e a terra estão baseados na justiça igual a essa». Os muçulmanos tomaram todos os despojos capturados, mas todas as cópias de «Torá» foram devolvidas aos judeus. Esta conduta foi totalmente diferente da que os romanos tiveram para com os judeus quando conquistaram Jerusalém, queimando e pisando todas as escrituras sagradas dos judeus que apanharam no templo.

É também diferente da atitude dos cristãos, quando estes perseguiram os judeus na Península Ibérica, onde queimaram todas as cópias do Torá. Com esta pequena comparação, perguntamos: Quem é mais tolerante? Este é mais um sinal da veracidade do islamismo. Não obriga nem destrói os livros dos outros, deixa ao critério de cada um escolher com o juízo dotado por Deus, a verdade ou falsidade. Khaybar já estava conquistado e cumpriu-se a palavra de Deus que Ele prometera no regresso de Hodaybiyyah aos muçulmanos.

## **CONSPIRAÇÃO CONTRA MUHAMMAD EM KHAYBAR**

Depois da conquista de Khaybar, o Profeta, juntamente com os muçulmanos permaneceu ali por mais alguns dias. Ele já tinha dado a segurança total aos judeus; no entanto os judeus são um povo com mau instinto e inconfiável.

Sempre atuaram com rebelião contra os outros, e nunca poupam qualquer oportunidade de trair e fazer mal a outros que não são judeus.

A história é testemunha disso. Num desses dias, depois de Maghrib (pôr do sol) uma mulher judia chamada Zaynab Bint Al-Hirs, mulher de Sanam Bin Mishkam, convidou o Profeta juntamente com alguns dos seus companheiros para uma refeição.

O Profeta aceitou com agrado tal convite. Ele preparou um cordeiro grelhado onde misturou veneno e apresentou-o à mesa. O Profeta começou a comer levando um bocado de carne e pondo na boca. Mastigou-o e logo cuspiu dizendo: “Estes ossos informaram-me que foram envenenados.” O outro companheiro seu, Bishr Bin Bara, comeu alguma parte e já tinha engolido a carne e por isso morreu instantaneamente. O Profeta mandou chamar Zaynab e ela confessou o seu crime; o Profeta perguntou-lhe: “Puseste veneno neste cordeiro?” Ela respondeu: “Quem te disse isso?” O Profeta indicou os fragmentos do bocado de cordeiro que ele tinha na mão. Ela confessou: “É verdade». O Profeta perguntou: «Porque é que fizeste isso?» «O meu pai, marido, irmão e muitos outros familiares meus morreram nesta guerra; por isso eu pensei que, se Muhammad é simples monarca, vou-meingar dele envenenando-o e assim acabando com

os seus dias; pelo contrário, se ele é um verdadeiro Profeta, ele não estará em perigo nenhum, porque Deus informá-lo-á do meu objetivo».

Note-se: Para se escusarem, disseram: «Nós misturamos o veneno para vermos se tu és verdadeiro Profeta ou não; se fores verdadeiro o veneno não te afetará e logo descobrirás, e se não fores verdadeiro morrerás e assim nós aliviar-nos-emos de ti. Portanto, provou-se aqui, uma vez mais, a veracidade da profecia de Muhammad”.

Mesmo depois de ela confessar o seu crime gravíssimo, de tentativa de homicídio, notai a compaixão e misericórdia do Profeta, de que nem os inimigos foram privados. O Profeta não se vingou dela, tal como era seu hábito de nunca se vingar de ninguém.

Porém, por consequência do envenenamento morreu um muçulmano acompanhante do Profeta. Este, para fazer justiça, entregou-a aos familiares de Bichar para se vingarem dela se quisessem; mas estes também não a mataram, tendo em consideração o estado de emoção em que ela cometeu o crime, e por que ela, antes disso, aceitara o Islam.

Outro exemplo da traição dos judeus, que espelha a sua natureza mesmo depois de eles estarem seguros, é nos dado quando, uma vez Abdallah Bin Suhail e Mohissa foram para Khaybar.

Os judeus enganaram a Abdallah e mataram-no e em seguida atiraram o seu cadáver para uma ribeira.

Mohissa veio a Madinah e contou tudo ao Profeta e este perguntou-lhe: «Tu podes jurar que foram os judeus que o mataram?» Mohissa respondeu: «Eles até são capazes de matar cinquenta muçulmanos e jurarem falsamente». Mas o Profeta não reagiu contra os judeus, e pagou a indenização da vida de Abdallah do tesouro público. As conspirações dos judeus e suas traições continuaram até a época do Califado de Omar quando foram forçados a deixar O local, indo para os lados da Síria.

Outro homem, Kinana Bin Rabi, o príncipe judeu, foi morto em retaliação, pois ele tinha atirado a rocha de cima da fortaleza que vitimou Mahmud Bin Muslimah. Nesta campanha de Khaybar morreram quinze muçulmanos (quatro dentre os Muhajerin e onze dos Ansar) e noventa e três judeus. Depois de completar a conquista de Khaybar, no regresso, o Profeta enviou uma expedição para um local chamado «Fidak», próximo de Khaybar, onde também viviam judeus.

Estes judeus tinham enviado uma mensagem de submissão ao Profeta e assim fizeram a paz com ele nas mesmas condições dos seus correligionários de Khaybar.

Como não houve nenhum combate em Fidak, a terra toda foi posta à disposição do Profeta que com ela ajudava os necessitados, órfãos, etc. Daí, os muçulmanos foram para Wadil-Qura onde antigamente habitavam as tribos de “ad e Thamud”, O Profeta convidou-os a submeterem-se, mas eles recusaram-se e os seus arqueiros começaram a lançar setas contra os muçulmanos.

Em resposta, os muçulmanos combateram, cercaram-nos, e finalmente, depois de perderem onze dos seus homens foram derrotados e renderam-se, fazendo as pazes nas mesmas condições de Khaybar. Em Wadil-Qura morreu só um muçulmano. Ai existem ainda hoje vestígios de ‘ad e de Thamud. Perto de Wadil-Qura havia mais um local de judeus chamado “Tima”. Estes também se submeteram e fizeram as pazes nas mesmas condições dos seus correligionários de Wadil-Qura, e assim continuaram a viver tranquilos nos seus locais. Todos estes tratados foram feitos por Muhammad na condição de os crentes terem o direito, mais tarde, de alterarem as cláusulas que acharem necessárias. E assim, com a submissão dos judeus nos arredores de Madinah, os muçulmanos viviam tranquilos de um inimigo que procurou sempre oportunidades de lhes fazer mal, mesmo tendo acordos e compromissos assinados.

Os muçulmanos regressaram vitoriosos e tranquilos, assim como já tinham regressado vitoriosos de Hudaibíya, no mês anterior. Todas as guerras travadas pelo Profeta durante a sua vida foram defensivas, pois se outros não a provocassem, jamais haveria guerra. Depois do Profeta ter regressado a Madinah, enviou pequenas expedições para onde as tribos estavam a conspirar com os muçulmanos, com o objetivo de eliminar à partida toda e qualquer rebelião e conspiração perigosa.

Entretanto, no mês de Sha’aban, o Profeta recebeu informações de que o povo de “Hawazan” estavam a conspirar contra os muçulmanos; enviou então Omar Ibn Al-Khattab juntamente com trinta homens. Estes, quando chegaram todos os conspiradores fugiram.

Os muçulmanos não apanharam ninguém e voltaram.

No mês de Ramadan, o Profeta enviou uma expedição constituída por 130 homens, chefiada por Ghalib Bin Ubaidillah, para os lados de Najd, onde habitavam os homens de “Maifaa” que estavam a conspirar contra os muçulmanos. Chegaram lá e houve um combate durante o qual Usamah Ibn Zaid perseguiu um homem dentre os inimigos, e este, quando pressentiu a sua morte pelas mãos de Usamah Bin Zaid, logo proclamou “Laa ilaaha illa Allah”, confessando a fé islâmica.

Mas Usamah, julgando que ele confessara a fé islâmica para salvar a sua vida, matou-o. Quando os muçulmanos regressaram a Madinah, informaram o que o Usamah fizera. O Profeta ficou bastante aborrecido com a atitude de Usamah e disse-lhe: - “Mataste-o depois de ele confessar Laa ilaaha illa Allah? o que é que agora farás com a confissão de Laa ilaaha illa Allah?” Usamah respondeu: “Ó Mensageiro de Deus! Ele confessou para salvar a sua vida. (Para enganar e não para ser muçulmano verdadeiramente).» O Profeta disse-lhe: «Tu abriste o coração dele para saberes se ele era verdadeiro ou falso?» Usamah disse ao Profeta para ele pedir perdão a Deus a favor dele, e prometeu nunca mais cometer um erro desses. Foi neste acontecimento que Deus revelou o seguinte versículo:

*“Ó fiéis, quando viajardes pela causa de Deus, sede ponderados; não digais, a quem vos propõe a paz: Tu não és fiel - com o intento de auferirdes (matando-o e despojando-o) a transitória fortuna da vida terrena.” (4:94)*

O Profeta ordenou a Usamah para libertar um escravo como expiação, porque isto é considerado homicídio por erro (engano).

Apesar do Profeta ter enviado estas e outras pequenas expedições para punir os que queriam agredir os muçulmanos, estes já se encontravam em paz tranquilos em Madinah. Depois da conquista de Khaybar uma nova era tinha começado na história islâmica. Até aquela data, os muçulmanos enfrentaram agressões de todos os lados e por isso, estavam mais concentrados na defesa, não podendo dispensar muito tempo na aprendizagem do islamismo em pormenor. Mesmo assim, através dos esforços do Profeta, o analfabetismo, que era muito vulgar na Arábia, já estava erradicado entre os muçulmanos. Já todos sabiam ler, escrever, e agora eram os mesmos filhos dos nômades, bárbaros, bêbados, etc. que se tornaram, numa ação, teólogos, professores, historiadores, estadistas, administradores, generais, e piedosos.

*“Que lhes transmita as Tuas leis e lhes ensine o Livro, e a sabedoria, e os purifique.” (2:129)*

A prudência, energia e confiança em Deus de Muhammad germinou nas almas dos seus seguidores, tornando-os maiores que os reis. As suas almas já se encontravam livres da escravidão, dos costumes enraizados firmemente desde gerações, das superstições e da servidão dos padres. Cada um deles, orava diretamente a Deus sem se prostrar ou procurar intermediários ou intercessores. Deus, o Poderoso, tomou-se a realidade deles. Agora, eles já não temiam nenhum poder mundano, fosse ele qual fosse, pondo verdadeiramente em prática “Laa ilaaha illa Allah”.

*“Não há outra divindade senão Deus”.*

Muhammad foi obedecido por eles não por ser Muhammad, mas por ser o Mensageiro de Deus, porque as ordens que ele dava não emanavam dele mas na realidade, de Deus; Ele apenas transmitia.

*“Nem fala por capricho”. (53:3)*

No mundo existiram muitos conquistadores, reformistas, teólogos competentes, e heróis aos milhares, mas ninguém conseguiu mudar o espírito do ser humano como Muhammad conseguiu em tão curto espaço de tempo, do que eles eram e no que se transformaram. Depois da fé se ter fortificado, o Profeta começou nestes anos as reformas sociais. Agora que estavam instituídas as orações diárias em congregação, o jejum, a caridade, a proibição das bebidas alcoólicas, vieram a seguir mais reformas sociais, assim como diz Aisha, esposa do Profeta: “As reformas foram graduais consoante o tempo”.

Neste ano veio a proibição de comer todos os animais que utilizam as suas patas dianteiras ou garras para se alimentarem e veio também a proibição dos animais e aves carnívoras, proibição de carne de burro e mula, proibição de casamento “Mutá” (era o casamento temporário praticado na época da ignorância - antes do Islam - e no início) e veio também a proibição de relações sexuais com a esposa até ter a certeza de que o útero está livre, por isso deve-se esperar um mês e se estiver grávida esperar até ela dar à luz. Veio também (neste ano) proibição de venda de ouro e prata em moldes desiguais.

## UMRAH AL-QADHA

- Visita-peregrinação Menor do Profeta a Makkah -  
- Sétimo ano da Hégira (Correspondente ao ano 629 d.C.) -

Até ao fim do mês de Chawwal do ano sete da Hégira o Profeta permaneceu em Madinah.

Como no tratado de paz de Hdaybiyyah foi acordado que os muçulmanos iriam no ano seguinte para Umra (peregrinação menor), e ficariam só três dias em Makkah, agora que já tinha passado um ano, o Profeta sentiu chegada a altura de cumprir uma das suas mais ardentes aspirações; a de ver a sua terra natal, uma vez que já estava com muitas saudades dela. Então, o Profeta anunciou que todos que no ano anterior o acompanharam até Hdaybiyyah com intenção de Umra (peregrinação menor), mas foram impedidos, se preparassem para a visita a Makkah.

Todos os muçulmanos que foram impedidos no ano anterior e outros novos participaram nesta missão sagrada.

No início do mês de Dhul-Qa'da o Profeta saiu juntamente com dois mil crentes de Madinah rumo a Makkah, depois de designar Abuzar Al-Ghaffari como seu governador -na sua ausência o Profeta levou consigo 60 camelos para serem sacrificados em Makkah e levou também as armas e recomendou aos muçulmanos o mesmo, receando a traição da parte dos Qurayshitas.

O Profeta vestiu o Ihram (vestuário de peregrino) a partir da porta da Mesquita de Madinah.

Quando chegaram a Dhul-Hulaifa, local perto de Madinah, perguntaram-lhe: "Ó Mensageiro de Deus, levaste armas enquanto no tratado está clara a cláusula de não levarmos armas?". O Profeta respondeu: «Não entraremos dentro do Haram (Terra Santa) com armas. Levamo-las, como medida de precaução». Por isso os muçulmanos, quando se aproximaram de Makkah, deixaram as suas armas num local chamado Batn Yajij, a 15 quilômetros de Makkah, e deixaram lá duzentos homens comandados por Aus Ibn Khawli, para guardá-las e só levaram consigo a espada embainhada, que na tradição árabe sempre acompanhava os viajantes.

Ao aproximar-se de Makkah, o Profeta, receoso da traição da parte dos Qurayshitas, enviou Muhammad Bin Muslimah juntamente com cem cavaleiros,

para verem se os caminhos estavam claros, dizendo-lhes para não atravessarem as fronteiras sagradas de Makkah. Quando tudo ficou esclarecido, os muçulmanos desceram para o vale, perto de Makkah, chamado Marraz-Zahran, indo em direção ao Haram dizendo o “Talbia”:

“Labbaika Allahumma labbaik. Labbaika laa sharika laka labbaik, innal-hamda wan-nimata laka-wal mulk, laa sharika lak.”

Tradução: “Eis-me aqui, ó Deus, eis-me aqui. Eis-me aqui, não há parceiro nenhum Teu; na verdade, o louvor, o favor e o reino pertencem só a Ti, não há parceiro nenhum Teu”.

Era a grande multidão dos crentes, com saudades de anos, a irem cumprir uma obrigação religiosa com grande entusiasmo. Por outro lado, os descrentes, quando souberam da chegada dos muçulmanos, evacuaram a cidade toda com as suas famílias para locais altos e de lá assistiram os muçulmanos, assim como foi acordado no tratado. Os muçulmanos entraram do lado norte da cidade, liderados pelo Profeta Muhammad, que estava montado sobre a sua camela «Al-Qaswa» cuja rédea, estava segura por Abdallah Bin Rawaha, que ia dizendo: “Não há outra divindade senão Deus, o Único, cumpriu a Sua promessa, ajudou o Seu servo, honrou o Seu exército e derrotou, sozinho, todos os grupos aliados antimuçulmanos.» O Profeta circundou a Kaaba montado. Cada vez que ele chegava à pedra negra beijava-a, não por adoração, mas por amor e respeito por esta relíquia do seu glorioso antepassado, Abraão e Ismael. O Profeta, antes de beijar a pedra negra, disse: «Na verdade eu sei que tu não és mais que uma pedra, sem poderes de prejudicar ou beneficiar». Omar disse: «Se eu não tivesse visto o Profeta te beijar, eu nunca te beijaria». Os muçulmanos estavam seguindo Muhammad passo a passo, em tudo que ele fazia. Os descrentes, como tinham-se juntado para verem os muçulmanos, e pensavam que a febre de Madinah os enfraquecera, o Profeta ordenou aos crentes para que nas primeiras três voltas manifestassem o seu vigor físico, (Ramla, no termo de jurisprudência) para provarem o bom estado de saúde dos crentes perante os descrentes e disse-lhes: «Deus será misericordioso para aqueles que hoje exibirem o seu vigor físico». Desde esse dia continua essa tradição de cumprir no Tawaf. As outras quatro voltas foram feitas no estado normal. Depois do Tawaf, o Profeta ordenou a Bilal para fazer o chamamento para a oração. Quando os idólatras ouviram a voz dum escravo negro liberto, a fazer eco no vale, ficaram cheios de ira, tendo alguns dito: «Foi bom o meu pai não viver este dia em que um corvo sobe para fazer o chamamento.» Outros, nem quiseram ouvir (era tal o racismo que o Islam eliminou). Depois da oração, o Profeta montou outra vez a sua camela para fazer «Sayi» Marwa -, cumprindo a tradição de Hagar, mãe de Ismael -, mas como

nesses dois locais havia ídolos colocados, Isaf e Nail, e os idólatras também costumavam correr os dois montes, os muçulmanos hesitaram, pensando que isso fosse talvez uma tradição dos idólatras, e pecado para os muçulmanos correrem entre os dois montes. Todavia, a prática do Profeta acabou com a hesitação e incerteza e todos, seguiram-no. É sobre isso que o Alcorão fala ao dizer:

*“As colinas de As-Safa e Al-Marwa fazem parte dos rituais de Deus e, quem peregrinar à Casa, ou cumprir a ‘umra, não cometerá pecado algum em percorrer a distância entre elas.” (2:158)*

Como era a primeira visita do Profeta e dos muçulmanos a Makkah e uma vez que os idólatras tinham deturpado muitas coisas da ignorância com a tradição de Abraão na peregrinação, havia a necessidade de distinguir a verdadeira tradição de Abraão dos costumes pagãos. Por isso, é que os crentes hesitavam e esperavam que o Profeta esclarecesse e tomasse a iniciativa.

Assim, os muçulmanos circundaram a Kaaba e completaram a sua peregrinação menor tranquilamente, e no fim, sacrificaram os animais perto da Marwa. A seguir uns raspavam o cabelo e outros diminuíram-no, cumprindo assim a visão do Profeta.

*“Em verdade, Deus confirmou a visão do Seu Mensageiro: Se Deus quisesse, entraríeis tranquilos, sem temor, na Sagrada Mesquita; uns com os cabelos raspados, outros com os cabelos cortados, sem medo. Ele sabe o que vós ignorais, e vos concedeu, não obstante isso, um triunfo imediato.” (48:27)*

O Profeta permaneceu três dias em Makkah; depois de completar a peregrinação menor, e enquanto ainda estava em Makkah casou-se com uma senhora chamada Maymuna, irmã de Umm Fadl, esposa de Abbas (seu tio) e esta foi a última mulher com quem o Profeta se casou. Maymuna era muito pobre, e já de idade avançada (cinquenta anos) viúva de seu tio Hamza, mártir de Ohud e tia de Khalid Bin Walid.

Esta aliança matrimonial era para trazer notáveis recrutas Qurayshitas para o Islam; primeiro, porque o guardião (Wakil) dela era Abbas, seu cunhado. Foi Abbas quem pediu ao Profeta para que a tomasse como sua esposa. O Profeta aceitou e depois do casamento, no quarto dia da sua estadia em Makkah, logo de manhã, apareceram da parte dos chefes Qurayshitas dois enviados - Suhail Bin Amr e Huwaitib Bin Abdul Uzza - com a mensagem dos Qurayshitas, dizendo: “Os teus três dias já passaram, portanto, sai imediatamente de Makkah”. Nessa altura o Profeta estava sentado juntamente com os Ansar, conversando

com Saad Bin Ubadah. O Profeta falou com a delegação Qurayshita cortesmente e disse-lhe: “Acabo de me casar aqui e, se vós me permitirdes, eu queria fazer uma festa e convidar todos para uma refeição, e depois disso vou-me embora; vós não tereis prejuízo nenhum nisso”. Suhail respondeu: “Nós não precisamos da tua comida; vai-te embora daqui imediatamente”. Então, o Profeta mandou anunciar aos seus companheiros para deixarem Makkah imediatamente. O Profeta saiu juntamente com os muçulmanos para fora dos limites da cidade e parou num local chamado “Sarf” perto de “Tan’im” e foi aí que a Maymuna se juntou ao Profeta. Depois do Profeta sair, mandou aqueles que estiveram guardando as armas para também irem a Makkah fazerem a peregrinação menor e estes a cumpriram.

A seguir, o Profeta regressou a Madinah satisfeito por ver o seu sonho realizado.

## **OITAVO ANO DA HÉGIRA**

**- 27 de fevereiro de 629 até 16 de fevereiro de 630 d.C. -**

Aparentemente, na Arábia, já não havia grande perigo contra o Islam e os muçulmanos.

Todos os poderes internos na Arábia estavam já desesperados depois de terem sido derrotados pelo Islam. Agora, o Islam era uma realidade e uma grande potência dentro da Arábia. Com o crescimento do Islam, diminuiu a imoralidade, violência, corrupção, etc., porque estabeleceu-se a ordem divina.

Contudo, os Qurayshitas de Makkah ainda iam persistindo na sua descrença e na oposição aos muçulmanos. No passado, os idólatras Qurayshitas, os judeus, os hipócritas de Madinah e outras tribos árabes tinham-se aliado contra Muhammad, mas em todas as ocasiões foram derrotados, não conseguindo alcançar o seu objetivo. Agora, eles tinham começado a instigar os Impérios Romano e Persa contra os muçulmanos e começaram de novo as conspirações contra Muhammad. O Profeta não estava desatento a este aspecto e pouco tempo antes, ele tinha enviado cartas aos monarcas e governadores, convidando-os a entrarem no Islam, A reação e o efeito da maior parte dessas cartas foi boa e positiva, mas, houve alguns que, envenenados, agiram negativamente, e chegaram ao ponto de ameaçarem atacar Muhammad e invadirem toda a Arábia, como foi o caso de Al-Haris, governador de Damasco nomeado por Heráclios. Tornou-se, pois, importante para os muçulmanos preocuparem-se em como proteger-se desses ataques externos.

## BATALHA DE MU'TA, JAMADIL-ULA

- Ano 8 da Hégira, correspondente a julho de 629 d.C. -

Dentre as cartas que o Profeta tinha: enviado aos monarcas, uma delas era para o governador de Busra. O portador da carta do Profeta era Al-Haris Ibn Umair Al-Azdi. Este portador ainda não tinha chegado a Bussra, estava ainda em Mu'tah, quando o governador daí, Shurhabil Bin Amr Ghassani, nomeado pela parte de César, o prendeu, e quando soube, que ele levava uma carta do Profeta para o governador de Bussra matou-o. Quando os muçulmanos em Madinah souberam do assassinato sem motivo de Harís ficaram muito tristes. Para retaliar esse sangue inocente e dar uma lição a esse criminoso, o Profeta preparou uma expedição constituída por três mil homens sob a liderança de Zayd Ibn Harithah, um escravo libertado pelo Profeta. Algumas pessoas murmuraram acerca da liderança de Zaid por ele ter sido escravo no passado, mas o Islam veio precisamente para erradicar todas essas discriminações, e estabelecer a igualdade humana. Se houvesse alguma hesitação no envio desta expedição, tornar-se-ia iminente, um ataque contra Madinah da parte norte (da Síria). O Profeta enviou esta expedição para também demonstrar a esses criminosos que ele não os temia. Ele manteve o seu plano secreto mas, infelizmente, havia espiões do inimigo em Madinah que informaram aos inimigos do plano de Muhammad antes da expedição lá chegar, e assim eles prepararam uma tropa de cento e cinquenta mil (150.000) combatentes bem armados. O Profeta, com a sua longa visão, havia pressentido a grave situação que esperava os muçulmanos; por isso, disse-lhes: “No caso de Zayd Ibn Harithah ser morto, o comando da tropa passará para Jafar Bin Abi Talib (irmão de Ali) e, no caso de ele também ser morto, o comando passará para Abdullah Bin Rawah e, se ele também for morto, os muçulmanos deverão escolher um seu chefe por consenso de todos”.

Como Deus liberta as almas dos crentes piedosos do medo e ganância, essas almas libertas não procuram nada mais do que a satisfação de Deus. Eles sabem que a única vida que merece ser vivida é a vida em Deus e com Deus, e por isso, esses crentes já tinham alcançado esse ponto. Cada um deles estava disposto a sacrificar-se por Deus, mil vezes se mil vidas tivessem. Esse foi o segredo do seu sucesso e foi nessa base que eles partiram.

Os muçulmanos estavam muito entusiasmados e não ficaram nem tão pouco desanimados com as palavras do Profeta. Um judeu estava presente quando o Profeta dirigiu aqueles conselhos e ele logo fez a seguinte observação: “O Abul-Kasim (apelido do Profeta), se tu és o verdadeiro Profeta todos esses

homens que tu apontaste (mencionaste) já estão irrecuperavelmente perdidos. Quando os nossos Profetas israelitas designavam alguém e a seguir acrescentavam que, se ele morrer, então nomeai ao fulano ao comando, isso significa que esses, os mencionados, iriam perder as suas vidas”.

Depois, o judeu dirigiu-se a Zaid e disse-lhe: “Eu juro que se Muhammad é verdadeiro Profeta tu nunca mais voltarás desta expedição”. Zaid respondeu-lhe apenas: “Eu juro que Muhammad é verdadeiro Profeta”. A seguir o Profeta entregou a bandeira branca nas mãos de Zaid. Khalid Bin Walid, que se tinha convertido pouco tempo antes ao Islam também participou, pela primeira vez, nessa expedição. Apesar do objetivo principal que motivou esta expedição ser a de retaliarem contra os assassinos, o Profeta, quando acompanhou a expedição, cheio de sentimentos fúnebres durante alguma distância até Saniyatul Wida (corredor de despedida) aconselhou-os dizendo: “Temei a Deus constantemente, combatei pela causa d’Ele. Primeiro, chamai-os ao Islam, se eles aceitarem, não há necessidade de guerrear (porque a entrada no Islam apaga todos os pecados anteriores). Não matem nenhuma mulher ou criança. Não matem os não combatentes e os monges. Não cortai as árvores e não destruí edifícios, deixai em paz os que estão a habitar em clausura, os mosteiros. Não iniciei a guerra até eles a iniciarem”. Estes conselhos indicam-nos como o Profeta era pacífico, tolerante, muito mais humano do que os que hoje (depois de quatorze séculos) reivindicam ser campeões dos direitos humanos, mas que são, eles próprios a atacar os campos de refugiados (no Líbano, Sabra e Shatila, na Palestina) matando crianças, velhos, mulheres inocentes, lançando bombas atômicas sobre cidades japonesas matando milhares de inocentes, edifícios, etc. Não há dúvida que Muhammad foi um perfeito humano, perfeição na qual toda a humanidade tem um modelo ímpar. A tropa comandada por Zayd Ibn Harithah percorreu a distância toda até chegarem a “Muan” na Síria. Aí souberam que o governador de Mu’ta, Shurhabil Bin Amr já preparara 150.000 combatentes juntamente com o próprio Heráclios (César), mobilizando todos os árabes dos países próximos nomeadamente Banu Bahra, Banu Al-Lakhm, Baliy, etc.

“Theodoro” comandante do exército de Heráclios mandou uma grande tropa romana; todos eles estavam concentrados no vale Balea próximo de Mu’tah, Só o número desse exército era superior à população total da Arábia.

Quando os muçulmanos chegaram lá e souberam desse grande número dos inimigos ficaram preocupados e permaneceram em “Muan” dois dias a se consultarem mutuamente sobre se deviam informar ao Profeta a situação e esperar pela sua ordem e reforços. Ainda não tinham chegado a uma conclusão final, quando Abdallah Bin Rawaha levantou-se e começou a dirigir em voz

alta estas palavras: “Ó minha gente! Estais com receio daquilo que precisamente saíste à sua procura. Vós saíste à procura do martírio, nós não lutamos contra o inimigo à base do nosso número e força material para alcançarmos a vitória mas, sim, à base da fé com que Deus nos honrou. Avante pois, para a vitória ou martírio». Este eloquente discurso reanimou os muçulmanos, acabou com a sua hesitação e eles exclamaram: «Por Deus! Ibn Rawaha falou a verdade. Avançai, portanto». Assim, os muçulmanos saíram de Muan, avançando para o que aparentemente ser uma destruição total até que chegaram a «Balqa» e viram que a tropa de Heráclios estava concentrada num local chamado Masharaf. Porém, os muçulmanos não acharam oportuno combater a partir desse local; por isso, avançaram um pouco mais para frente, para Mu’tah, para lá apanharam um melhor campo de combate, e finalmente chegaram ao local onde ocorreu a mais sangrenta guerra, entre 3.000 muçulmanos contra 150.000 romanos.

### **DESCRIÇÃO DA BATALHA DE MU’TAH, O 1º DIA**

Era a primeira guerra entre muçulmanos e cristãos ao longo das fronteiras da Síria. O objetivo real dos muçulmanos era punir aquele que assassinou o enviado do Profeta, no que é, e foi sempre considerado crime e, contra as regras internacionais; assassinar os embaixadores e para que no futuro os embaixadores islâmicos fossem respeitados. O número dos muçulmanos era muitíssimo inferior ao dos inimigos. Eram apenas três mil, enquanto que os inimigos eram cento e cinquenta mil combatentes; Zayd Bin Thabit, o comandante, dirigiu o ataque, penetrou nas fileiras dos inimigos combatendo e matando até que chegou muito longe. Os inimigos cercaram-no dos quatro sentidos, lançando setas sobre ele de perto até que se tornou mártir. Logo que ele morreu Jafar Bin Abi Talib tomou o comando, pegando a bandeira. Ele já tinha morto muitos inimigos, mas por fim o seu cavalo caiu ferido. Ele ergueu a bandeira bem alto até que o seu braço direito foi cortado. Então, ele agarrou a bandeira com a mão esquerda, mas essa também foi cortada. Jafar agarrou a bandeira entre os dois braços a sangrarem, mantendo-a no ar com o mastro da bandeira encostado ao seu peito, e com sublime heroísmo continuou a perseguir o inimigo até que caiu mártir. Mais tarde quando verificaram o seu cadáver tinha noventa ferimentos de espadas e setas em todas as partes da frente (do corpo) e nenhuma nas costas. Logo depois do martírio de Jafar, Abdallah Ibn Rawaha tomou o comando e avançou com a bandeira, lutou com muita valentia até que finalmente também tornou-se mártir. A bandeira islâmica ficou caída apesar de eles terem lutado heroicamente. Mesmo quando os muçulmanos viram que os três comandantes designados pelo Profeta Muhammad já se tinha tornado mártires e jaziam no chão, a guerra continua-

va. Se o mesmo sucedesse com qualquer outro exército no mundo esse teria já fugido. É certo que isso criou uma certa desordem entre os muçulmanos, mas Sabit Bin Arqam tomou a bandeira do Islam e exclamou para os muçulmanos: «Ó crentes! Consultai entre vós a escolha de um comandante». Eles responderam unanimemente: «Escolhemos a ti». Ele disse: «Não, eu não sou competente para isso. Concordai na liderança de Khalid Bin Walid». Todos concordaram. Ele tomou a bandeira e entregou-a a Khalid, mas este inicialmente recusou dizendo a Sábit: «Tu tens mais direito a essa honra do que eu, porque tu participaste de Badr». Mas Sábit insistiu e Khalid acabou por aceitar, tomando a bandeira das mãos de Sábit. Khalid foi um homem cuja coragem e arte de guerra não tinha rival. A impetuosa energia de Khalid imprimiu coragem renovada e confiança nos corações dos crentes, e sendo um hábil estrategista assim como um valente soldado, dirigiu de novo um ataque contra os romanos e teve êxito, com a ajuda de Deus, em libertar a tropa islâmica, reorganizando a frente da batalha de tal forma que os inimigos não podiam reivindicar vitória e tiveram que deixar o resultado para o dia seguinte, até porque, parcialmente, foram derrotados. Ao anoitecer, parou a guerra. Esse foi o balanço da guerra no primeiro dia. Os três mil combatentes, corajosamente contra os 150.000, durante todo o dia.

No dia seguinte, depois do nascer do sol, Khalid Bin Walid foi o primeiro a atacar para não dar tempo ao inimigo de se recuperar da derrota parcial sofrida na véspera; Khalid utilizou uma estratégia para enganar o inimigo. Com a rápida evolução de várias seções da sua tropa, ele fez adiantar os da retaguarda para a vanguarda e vice-versa, e os do lado direito para o esquerdo, e ele próprio caiu em cima dos inimigos como um relâmpago. Ele fez tudo isso com tal sutileza que o inimigo, ao ver novos adversários, pensou que os muçulmanos tivessem recebido reforços durante a noite.

Quando viram isso, os descrentes, que estavam certos do triunfo na base da sua superioridade numérica, atemorizaram-se e fugiram, não querendo perseguir os muçulmanos, Pelo contrário, os muçulmanos perseguiram-nos e mataram muitos deles. Nessa fuga, durante esse memorável dia, partiram-se nove espadas na mão de Khalid. Os muçulmanos perderam só doze homens nesta batalha, não se sabendo exatamente qual foi o número dos descrentes que tombaram. Finalmente, Khalid com a sua habilidade guerreira, conseguiu levar a tropa muçulmana sã de Mu'tah para Madinah. Os romanos ficaram muito atemorizados com os muçulmanos, pois se três mil podiam combater os 150.000, o que seria quando os muçulmanos chegassem aos 150.000?

## **KHALID BIN WALID RECEBE O TÍTULO DE «ESPADA DE DEUS»**

A tropa islâmica ainda estava em Mu'tah a centenas de quilômetros de Madinah quando o Profeta recebeu informações através de inspiração divina do que se passou com aquele seu exército. O Profeta convocou todos os muçulmanos e depois da oração em congregação, subiu ao púlpito (Minbar) e com os olhos cheios de lágrimas disse: "A notícia da vossa tropa é esta: A tropa combateu os inimigos, Zaid tomou o comando, lutou até se tornar mártir e Deus perdoou-o. A seguir, Jafar ergueu a bandeira islâmica, o inimigo cercou-o por todos os lados até que ele também tornou-se mártir e Deus perdoou-o. Depois, foi Abdallah Ibn Rawaha que tomou o comando e igualmente lutou contra o inimigo até se tornar mártir. Todos estes foram levados para o paraíso e lá estabelecidos no trono dourado.

Depois desses três a bandeira islâmica foi erguida por uma espada dentre as espadas de Deus. Khalid Bin Walid, que controlou a confusão que se havia gerado e Deus deu-lhe a vitória sobre os inimigos. Desde esse dia Khalid Bin Walid foi conhecido por "Saifullah" e todos o chamavam por esse nome.

O Profeta tinha grande afeto para com Jafar e sentiu bastante quando soube do seu martírio. Na casa de Jafar Ibn Abi Talib instalou-se o luto e a tristeza com as pessoas a chorar. O Profeta mandou confeccionar comida em sua casa e enviou-a para casa de Jafar. Um dos homens foi dizer ao Profeta que em casa de Jafar as mulheres estavam a chorar intensamente e outras acompanhavam-nas por simpatia no choro conforme a tradição antiga árabe; o Profeta disse-lhe, para ir impedir e impor silêncio nas senhoras, porque não é digno chorar dessa forma por Jafar, uma vez que ele obtivera grande recompensa. Ele informou de novo ao Profeta e este enviou-o pela segunda vez para proibi-las de chorar, mas também desta vez não conseguiu. Então, o Profeta disse-lhes para pôr areia na boca delas.

Quando foi anunciado o regresso do exército islâmico a Madinah, toda a população, incluindo o Profeta, saiu, para os receber, e quando chegaram, confirmaram as notícias da morte dos seus líderes.

As pessoas de Madinah, julgando que estes não cumpriram a sua missão atiraram areia no rosto dos soldados dizendo-lhes: Ó covardes, fugistes, mesmo quando estáveis no caminho de Deus. O Profeta disse à multidão para se calar e fez esta declaração: "Pelo contrário, estes combatentes merecem o vosso maior elogio, porque eles regressaram e atacaram corajosamente. Se Deus quiser eles regressarão outra vez ao ataque». O Profeta explicou às pessoas que, o que a

tropa fez era estratégia de guerra e elogiou a Khalid pela sua habilidade. Khalid Bin Walid, quando soube do título «Espada de Deus» que lhe fora conferido ficou muito satisfeito. Esta campanha de Mu'tah foi um sério aviso ao império Romano do Oriente, e serviu para o atemorizar. A vitória decisiva sobre eles só veio passados cerca de doze anos após o falecimento do Profeta. Quando os romanos foram totalmente derrotados, perdendo tudo, só ficando com o nome na história; mas, apagado do mapa.

Os romanos não podiam imaginar que, em breves anos, Jerusalém e toda a Síria, cairiam sob o domínio islâmico, que a capital islâmica se transferiria para Damasco, e que a luta entre o estado islâmico e o império bizantino não pararia até os muçulmanos conquistarem Constantinopla (capital do Império Romano do Oriente) em 1453 d.C. e converterem a sua grande catedral em mesquita, na qual o nome do Profeta seria inscrito com grande honra.

## EXPEDIÇÃO DE ZAAT AS-SALASIL

No mês de Jamada Al-Akhirah, algumas semanas depois do regresso de Khalid Bin Walid da Síria, o Profeta recebeu informações de que, a tribo de Qadaa estava se concentrando na fronteira norte da Arábia, atrás de Wadil-Qura, para daí partirem com intuito de atacar Madinah. O Profeta enviou Amr Ibn Al-Aass juntamente com trezentos homens. Este avançou com o máximo sigilo, marchando à noite e ocultando-se de dia e assim chegou na província de Judham, num local chamado Salassil, onde soube que o número da tropa do inimigo era muito grande. Enviou um homem a Madinah para informar o Profeta e esperar pela sua ordem.

O Profeta decidiu enviar um reforço de mais duzentos homens onde estavam integrados Abu Bakr e Omar, sob a liderança de Abu Ubaidah Ibn Al-Jarrah, e ordenou especialmente a Abu Ubaidah para não se divergir de Amr Ibn Al-Aass.

Uma vez que Amr era novo no Islam e Abu Ubaidah era um dos pioneiros, o Profeta recebeu a divergência entre ambos e, por conseguinte, quando deu a Abu Ubaidah a liderança, fez-lhe essa recomendação. Quando Abu Ubaidah e seus duzentos homens chegaram e juntaram-se à tropa de Amr Ibn Al-Aass, este disse a Abu Ubaidah: “Tu não vieste como um comandante mas sim como um reforço para estares sob as minhas ordens”. Abu Ubaidah, um homem humilde e afável, respondeu instantaneamente: “O Profeta disse que nós não devíamos divergir e que eu estaria sob as tuas ordens a qualquer preço, mesmo que seja contra a minha vontade”. Este é um exemplo do espírito de disciplina que reinava nos muçulmanos naquela época. Assim, Amr Ibn Al-Aass dirigiu as orações e a

guerra, e com aquele reforço eles derrotaram o exército inimigo sírio em pouco tempo, obrigando-o a dispersar.

Foi assim que se atemorizou os romanos e se recuperou o prestígio dos muçulmanos, diminuído durante a batalha de Mu'tah, e regressaram a Madinah sãos e com despojos ganhos.

## **A CONQUISTA PACÍFICA DE MAKKAH**

**- Ramadan, ano 8, correspondente a onze de janeiro de 630 d.C. -**

Quando Deus pretende que qualquer coisa seja realizada, prepara o seu terreno afastando todos os impedimentos. O Profeta sabia que não era possível subjugar os árabes enquanto não subjugasse os Qurayshitas que tinham a honra de serem os guardiões da Kaaba. E não era possível subjugar os países árabes enquanto não subjugasse Makkah o centro de toda a Arábia; por isso, o Profeta sempre teve o desejo de conquistá-la. Mas, como havia um acordo entre ele e os Qurayshitas assinado em Hdaybiyyah, com duração de dez anos, ele foi sempre fiel aos acordos e, por conseguinte, não podia transgredir. Mas por outro lado, os Qurayshitas pensaram que, depois da campanha de Mu'tah, a força dos muçulmanos foi destruída, e a dignidade e o temor que eles no passado imprimiram nos outros, já desaparecera. Este pensamento dos Qurayshitas fê-los inclinar fortemente para a situação que já se vivia antes do tratado de paz de Hdaybiyyah. Eles julgaram que podiam agora atacar os muçulmanos porque estes seriam incapazes de se defender, ou de contra-atacar. É neste contexto que eles violaram o tratado de paz de Hdaybiyyah.

Naquele tratado de paz existia uma cláusula que dizia: Qualquer das tribos podia aliar-se com quem quisesse (com crentes ou descrentes) e essas, automaticamente, seriam abrangidas pelo pacto. Então Banu Khuza'a e Banu Bakr, que eram duas tribos rivais decidiram pôr as suas inimizades de parte e aliarem-se, uma para cada lado, e assim serem abrangidos pelo tratado. Assim, Banu Khuza'a aliou-se aos muçulmanos e Banu Bakr aos Qurayshitas, pondo fim às suas hostilidades. Todavia, depois de algum tempo, um dos homens de Banu Bakr, levantou-se perante um homem de Banu Khuza'a, e começou a cantar música ofensiva ao Profeta como ato de provocação. O homem de Banu Khuza'a, quando ouviu, bateu-lhe e isso suscitou a inimizade do passado que existia entre eles e que já estava enterrada com o aparecimento do Islam. Então, os de Banu Bakr prepararam-se para lutarem contra os seus aliados Qurayshitas. Estes, que

já pensavam que o poder dos muçulmanos estava esmigalhado, em vez de os impedirem de lutarem contra Banu Khuza'a encorajaram-nos e reforçaram-nos com armamento e homens. Dentre os Qurayshitas, Ikrmah Bin Abi Jahal, Safwan Bin Umayia, Suhail Bin Amr participaram ativamente no ataque contra os Banu Khuza'a. Eles eram considerados líderes dos Qurayshitas. Atacaram de surpresa a tribo Banu Khuza'a, à noite, quando todos estavam dormindo e massacraram muitos muçulmanos, e ainda entraram nas casas de outros, pilhando tudo. Muitos dos homens pertencentes a Khuza'a refugiaram-se no "Haram",

Os Banu Bakr ao vê-los no Haram, hesitaram em prosseguir a matança porque tinham a noção da santidade do Haram, mas depois, o seu líder Nawfal disse: "Esta é uma oportunidade que não virá outra vez". Assim, continuaram a matança de Banu Khuza'a mesmo dentro dos limites do Haram. Estes, devido a isso, enviaram uma delegação para ir ter com o Profeta em Madinah. Amr Bin Salim, juntamente com quarenta homens chegaram a Madinah e informaram ao Profeta sobre o acontecimento. O Profeta que estava na mesquita orando, ouviu as seguintes palavras de fora da mesquita, em forma de poesia:

*"Ó Deus! Eu vim a Muhammad para recordar; o tratado que liga a nós com a família antiga dele. Ó Mensageiro de Deus, ajuda-nos; e chama aos servos de Deus, para este objetivo (todos virão para ajudar)."*

O Profeta, ao ouvir a queixa deles, ficou bastante triste e prometeu-lhes a ajuda; uma obrigação na base do tratado. Depois da delegação de Khuza'a já ter regressado a Makkah, o Profeta mandou um enviado seu com três condições para os Qurayshitas aceitarem uma delas:

- 1 - ou pagarem indenização por todos aqueles que foram mortos injustamente;
- 2 - ou desistirem de ajudar Banu Bakr;
- 3 - ou emitirem uma proclamação dizendo que o tratado foi dissolvido.

Os Qurayshitas só aceitaram a última, mas como isso, implicava-os diretamente a culpa de violação. Eles arrependeram-se ao saberem da consequência possível que isso traria e enviaram Abu Sufiyan a Madinah para renovar o tratado de Hudaibiyyah.

## **ABU SUFIYAN EM MADINAH E A FALHA DA SUA MISSÃO**

Abu Sufiyan chegou a Madinah e foi à casa de Umm Habiba, sua filha e esposa do Profeta, e quis sentar sobre o tapete (ou esteira) onde o Profeta costumava sentar-se. A filha enrolou rapidamente o tapete e tirou-o dali, para o pai não se sentar nele. O pai, sentindo-se ofendido por essa atitude, perguntou à filha: “Ó minha filha, tu achas o teu pai indigno desse tapete, ou será que o tapete é indigno de teu pai?” A filha respondeu: «O tapete pertence ao Profeta Muhammad (S) e tu, sendo um adorador de ídolos (pagão) és imundo, não mereces sentar nele». O pai disse: «O filha, de certo que algum infortúnio aconteceu, trazendo desordem na tua mente, desde o dia em que nos deixaste». Por ter sido recebido daquela forma, apercebeu-se logo que aí não havia esperança nenhuma. Saiu, e foi ter com o Profeta na mesquita, expondo-lhe o objetivo que o levará até lá. Mas daí também não obteve resposta satisfatória. Então, saiu e foi ter com Abu Bakr para este interceder perante o Profeta, mas Abu Bakr recusou-se a fazê-lo. Em seguida, ele foi ter com Omar que rejeitou com dura repreensão, dizendo: «Tu esperas que eu intervenha perante o Mensageiro de Deus a teu favor? Por Deus, mesmo que nada me reste exceto a areia do deserto (um átomo de razão) eu lutarei contra vós». Daí Abu Sufiyan foi ter com Ali e Fátima (filha do Profeta), mas aí também não teve êxito porque ninguém tinha coragem de falar nisso ao Profeta.

Quando Abu Sufiyan viu que todas as portas estavam fechadas à sua frente foi ter com Ali pedindo-lhe uma opinião. Ali escarneceu dele, e ele caiu na teia quando lhe disse: «Tu próprio és o chefe de Banu Kinána (homens de Makkah); vai para a mesquita e proclama sob a tua autoridade que estás a renovar (prorrogar) o tratado», o que ele fez. Depois saiu dali, montou o seu cavalo e foi-se embora para Makkah. Quando chegou, contou às pessoas o que aconteceu com ele em Madinah. Os Qurayshitas fartaram-se de rir dele, e disseram-lhe: «Ali gozou contigo! Ai de ti, tu só serves para seres escarnecido, alguma vez viste tratados renovados dessa forma?» Abu Sufiyan ficou envergonhado por essa sua atitude.

## **O PROFETA PREPARA-SE PARA A CONQUISTA DE MAKKAH**

Depois do regresso de Abu Sufiyan, o Profeta ordenou aos muçulmanos para se prepararem para a guerra e informou aos seus aliados para se juntarem a ele nessa campanha, dizendo-lhes: “Aquele que acredita em Deus e no último dia, que esteja presente no mês de Ramadan em Madinah”. E assim apareceu grande multidão deles a Madinah.

O Profeta informou ao seu ministro Abu Bakr e a alguns mais próximos o rumo da (a intenção) sua campanha. Abu Bakr perguntou ao Profeta: “O Profeta, afinal não há tratado de paz entre ti e Quraysh?” “Sim” respondeu o Profeta, “mas eles traíram e violaram o acordo.”

O Profeta, como habitualmente, manteve em segredo máximo os planos e o rumo da tropa.

Só algumas pessoas próximas souberam ou adivinharam. O Profeta fez isto para surpreender os descrentes de Makkah, e para não haver sangue no recinto da terra santa (Makkah), subjuguá-los sem atingir e violar a santidade de Makkah. Mas houve um dos crentes, pioneiro no Islam que tinha participado na batalha de Badr, chamado Hatib ibn Abi Balta’ah, que já sabia dos planos do Profeta. Escreveu uma carta para os Qurayshitas em Makkah, informando-os da intenção do Profeta, e enviou a carta com uma escrava sua chamada Sarah. O Profeta Muhammad foi informado por Deus sobre isso e então enviou Ali, Zubair e Mikdad para irem ao encontro dessa escrava e trazerem a carta. O Profeta indicou-lhes o local onde apanhariam essa mulher: “Raudhat Khakh”. Estes três homens, enviados pelo Profeta, chegaram ao local indicado, e apanharam a escrava. Revistaram a sua bagagem mas sem sucesso e então disseram-lhe: Tira e entrega-nos a carta! A escrava respondeu: “Eu não tenho carta nenhuma”. Eles ameaçaram-na: “Entrega-nos a carta ou então revistar-te-emos o corpo todo”. Ela, vendo que não tinha outra alternativa perante a exigência deles, tirou a carta escondida entre os cabelos e entregou-lhes. Seus companheiros teriam abandonado a busca e voltado não fosse a confiança de Ali em que o Profeta de Deus não pode ser mal informado. A carta e a escrava (portadora) foram levadas perante o Profeta. Quando abriram a carta viram que era de Hatib ibn Abi Balta’ah. O Profeta chamou a Hatib e perguntou-lhe: “O que é isto, ó Hatib?” Ele, confessando ter enviado a carta, respondeu: “Como eu tenho familiares em Makkah, quis fazer um favor aos Qurayshitas ao informar-lhes do ataque dos muçulmanos, para que em troca, eles sintam que devem-me este favor e assim não prejudicarem a minha família, pois eles não têm quem os proteja. Não fiz isto por traição à minha religião islâmica e nem por gostar da descrença depois de já estar no Islam”. O Profeta disse que ele falara a verdade e perdoou-o. Omar, que estava presente, impacientou-se e disse: “Ó Profeta, permita-me que eu corte o pescoço deste hipócrita?” O Profeta respondeu: «Ó Omar, ele participou da batalha de Badr. E, quem sabe, talvez Deus olhasse favoravelmente para todos aqueles que participaram naquela batalha, dizendo-lhes: «Fazei o que desejardes, porque já fostes perdoados», uma vez que Deus reconheceu o grande mérito deles, e foi nessa altura que Deus revelou os seguintes versículos:

*Ó fiéis, não tomeis por confidentes os Meus e os vossos inimigos, demonstrando-lhes afeto, posto que renegam tudo quanto vos chegou da verdade, e expulsam (de Makkah) tanto o Mensageiro, como vós mesmos, porque credes em Deus, vosso Senhor! Quando sairdes para combater pela Minha causa, procurando a Minha complacência (não os tomeis por confidentes), confiando-lhes as vossas intimidades, porque Eu, melhor do que ninguém, sei tudo quanto ocultais, e tudo quanto manifestais. Em verdade, quem de vós assim proceder, desviar-se-á da verdadeira senda. Se lograssem tirar o melhor de vós, mostrar-se-iam vossos inimigos, estenderiam as mãos e as línguas contra vós, desejando fazer-vos rejeitar a fé. De nada vos valerão os vossos parentes ou os vossos filhos, no Dia da Ressurreição. Ele vos separará; sabei que Deus bem vê tudo quanto fazeis. Tivestes um excelente exemplo em Abraão e naqueles que o seguiram, quando disseram ao seu povo: Em verdade, não somos responsáveis por vossos atos e por tudo quando adorais, em lugar de Deus, Renegamos-vos e iniciar-se-á inimizade e um ódio duradouros entre nós e vós, a menos que creiais unicamente em Deus! (60:1 até 4)*

## **OS MUÇULMANOS MARCHAM PARA MAKKAH**

No dia dez de Ramadan, ano oito da Hégira, o Profeta, depois de designar Ibn Umm Maktum como seu governador em Madinah na sua ausência, saiu bem organizado, com dez mil combatentes bem armados (era o mesmo número com que os descrentes- e seus aliados tinham vindo para conquistar Madinah). Os Qurayshitas estavam preocupados com a falha da missão de Abu Sufiyan.

Agora eles não sabiam nada da intenção dos muçulmanos, nem tinham qualquer informação da parte dos seus espiões ou aliados.

Os muçulmanos, todos, tinham jejuado rigorosamente, mas quando chegaram a um poço chamado “Al-Kadid”, a meio caminho, naquele calor forte do deserto da Arábia, o Profeta viu que a constância dos muçulmanos fora já suficientemente provada e teve receio que à privação de beber, aliada à fadiga extrema, poderia causar efeitos perigosos na saúde dos crentes.

Então, ele pediu que trouxessem para ele uma jarra cheia d’água e, olhando para os crentes de cima da sua camela, engoliu uma mão cheia de água, para dizer, com este exemplo, que eles podiam quebrar o jejum numa viagem, logo que eles sentissem as suas forças esgotadas, e depois pagarem, mais tarde, como prescreve o Alcorão:

*“Quem se achar enfermo ou em viagem jejuará, depois, o mesmo número de*

*dias. Deus vos deseja a comodidade e não a dificuldade.” (2:185)*

O grande número da tropa islâmica continuava a sua marcha rápida rumo a Makkah com os seus espíritos cheios de Islam e com a certeza da vitória da parte de Deus, determinados em conquistar a cidade e apoderar-se do santuário que Deus declarou como local de paz e segurança para toda a humanidade. O número dos muçulmanos era tão grande que o deserto todo estava cheio deles e não se via nenhum espaço livre. Ainda no caminho, no local “Jahfa” apareceu o tio do Profeta, Abbas, juntamente com a sua família, que já tinham-se convertido ao Islam e estavam emigrando para Madinah. O Profeta recebeu-os a todos. Às senhoras mandou para Madinah e Abbas acompanhou o Profeta nesta sua campanha. À frente deles estava Muhammad. Ao anoitecer chegaram a Marraz-Zahran a oito quilômetros de Makkah, onde acamparam.

Os Qurayshitas não sabiam ainda qual seria a punição deles pela traição. Só souberam da vinda da tropa islâmica quando eles acamparam em Marraz-Zahran. Cada tribo que acompanhou o Profeta tinha o seu líder e seu acampamento separado. O Profeta disse a todos para se dispersarem no deserto e acenderem muitas fogueiras para iluminarem o deserto. Cada acampamento das tropas islâmicas continha mil homens. Quando os pastores estavam regressando à noite a Makkah, informaram aos seus patrões que em Marraz-Zahran estava acampado um grande exército. Ao ouvirem isso, Abu Sufiyan, Hakim Bin Hizâm e Budail Bin Warcá começaram a investigar. Como já era noite, o Profeta designou Omar juntamente com um grupo de homens para servirem de guardas, com receio dos descrentes os surpreenderem com um ataque noturno. Abbas, tio do Profeta, que foi sempre amigo dele, e que tinha informado ao Profeta a intenção de Quraysh e seus aliados de atacar Madinah, quando ocorreu a batalha da trincheira e que agora estava ao lado dos muçulmanos, estava preocupado com a sua gente de Makkah. Ao ver o grande número da tropa islâmica bem armada, julgava que, se os muçulmanos atacassem na manhã do dia seguinte, destruiriam totalmente os Qurayshitas sem deixar qualquer vestígio deles. Por isso, ele desejava ardentemente que os habitantes de Makkah se tornassem muçulmanos para assim estarem salvos. Com essa preocupação, ele montou a mula do Profeta chamada “Dulduf” (que tinha sido oferecida pelo monarca egípcio) e saiu do acampamento dos muçulmanos rumo a Makkah para encontrar-se com algum líder influente e adverti-lo do perigo que estava à frente deles, e que resistir seria inútil. Portanto, aconselhá-los a converter-se ao Islam para se salvarem.

Por outro lado, Abu Sufiyan, juntamente com Hakim Bin Hizaam e Budail Bin Warca tinham saído na sua missão de investigação. Quando viram de longe o acampamento islâmico, Abu Sufiyan em espanto disse: “Eu nunca vi tanto fogo

(iluminação) e uma tropa tão grande”.

Budail: “Por Deus, esta é a tropa de Khuza’a, que também devem estar determinados em fazer guerra para se vingarem dos seus mortos”.

Abu Sufiyan: “Não, os Khuza’a são poucos em número e fracos em força. Este não pode ser o fogo deles».

Abbas, na escuridão da noite, reconheceu a voz de Abu Sufiyan, e chamou por ele dizendo: - Ai de ti, ó Abu Hanzala (outro apelido de Abu Sufiyan), Abu Sufiyan: «Abul Fadhl?» (outro apelido de Abbas).

Abbas: «O Profeta está aqui liderando tão grande tropa que toda a resistência é impossível, e ele entrará em Makkah amanhã à força. Ai dos Qurayshitas, quando ele fizer isto!»

Abu Sufiyan aproximou-se de Abbas e pediu-lhe o seu conselho sobre o que é que poderia ser feito.

Abbas: «Se tu fores tomado prisioneiro durante a guerra não há dúvida que o teu pescoço será cortado. Monta-te nesta mula comigo, vou-te levar perante o Profeta e implorar a ele por ti».

Abu Sufiyan, percebendo que essa era a sua última oportunidade e esperança de salvação, não tinha outra alternativa senão submeter-se, e assim, sem hesitação, montou a mula com Abbas (os outros dois companheiros dele foram-se embora para Makkah); estes tomaram o rumo do acampamento dos muçulmanos e cada vez que se aproximavam à iluminação dum acampamento as sentinelas perguntavam: «Quem é esse?» Abbas respondia: «Sou eu Abbas tio de Muhammad».

As sentinelas ao reconhecerem a mula do Profeta deixavam passar sem qualquer problema, até que chegaram ao acampamento onde Omar estava de sentinela. Este reconheceu a Abu Sufiyan, e quis matá-lo, mas Abbas acelerou a mula e rapidamente chegaram junto do Profeta, com Omar em sua perseguição, a pé, empunhando a espada. Chegados perante o Profeta Omar exclamou:

- O Profeta! Eis aqui Abu Sufiyan, o inimigo de Deus. Sem tratado ou salvo conduto, foi-nos entregue por Deus. Permita-me que eu corte o pescoço dele. Abbas interferiu dizendo: «Ó Profeta, ele está sob a minha proteção». Omar insistiu tanto que levou Abbas a dizer: «Acalma-te, ó Omar! Se Abu Sufiyan fosse membro da tua família (Banu Adi Ibn Kab), tu não insistias tanto na matança dele

e não demonstrarias tanta impaciência. Ele é um dos membros de Banu Abd Manáf, parente do Profeta, o que tu não deves esquecer.» Omar respondeu a Abbas dizendo: «Acalma-te ó Abbas, a tua conversão agradou-me tanto que mesmo se o meu pai Al-Khattab, tivesse convertido não me agradava tanto porque eu sabia que o Profeta sempre desejava a tua conversão».

Agora todas as obras de Abu Sufiyan, do passado, estavam perante os muçulmanos, e cada crime seu requeria que fosse morto. A inimizade com o Islam, ataques sucessivos a Madinah, instigar as tribos árabes para matarem o Profeta, etc. Qualquer destes crimes podia levar à sua morte, mas a misericórdia e perdão do Profeta eram muito mais amplos e elevados do que esses crimes. O Profeta cortou logo a conversa ao dizer: «Concedemos o prazo desta noite a Abu Sufiyan», e dirigiu-se a Abbas dizendo: «Guarda-o contigo durante a noite, e trazê-lo aqui amanhã». Abu Sufiyan passou toda a noite na tenda de Abbas em segurança. Mas de manhã quando viu os muçulmanos acordarem na aurora, ele num estado de impaciência, perguntou ao Abbas: «Ó Abul Fadhl, o que é que os muçulmanos querem fazer? Querem-me matar?» Abbas respondeu: «Não fiques alarmado, eles só querem fazer as orações». Ao ver estes dez mil homens todos piedosamente repetirem cada gesto do Profeta (prestavam-se quando ele se prestava; ajoelhavam-se quando ele se ajoelhava) Abu Sufiyan não resistiu e exclamou: «Por Deus, eu nunca vi reis serem obedecidos tal como este homem é obedecido, nem o Cosroe (monarca persa) nem o César nem qualquer outro monarca forte do universo». O Profeta criou uma corte na sua tenda na manhã seguinte para julgamento de Abu Sufiyan. Abbas disse a Abu Sufiyan: «Depois da oração anda comigo, e eu intercederei a teu favor perante o Profeta, e em seguida tu podes interceder a favor da tua gente». Assim, Abu Sufiyan foi levado perante o Profeta e este perguntou-lhe: «Como é que é agora? Ainda não chegou o tempo para tu reconheceres, que não há Deus exceto um único Deus? (Allah).

Abu Sufiyan: «O meu pai e a minha mãe que sejam sacrificados por ti. Como paciente, generoso e conciliador és tu! Sim eu reconheço isso. Se com Deus existissem outros deuses, de certo que eles seriam de alguma utilidade para mim hoje».

Profeta: «Ainda tens alguma dúvida em relação à minha profecia?».

Abu Sufiyan: «Nisso ainda tenho algumas dúvidas no meu íntimo; eu pensarei mais nisso».

Abbas: «Ai de ti ó Abu Sufiyan, apressa-te em prestar testemunho para toda a verdade, senão eu retirarei minha proteção, e a tua cabeça será cortada dos teus ombros».

Abu Sufiyan: (Expôs ainda algumas objeções): O que é que vocês farão com a estátua de Al-Uzza que está na minha residência?»

Omar, que estava ali perto à espera de ser ordenado para cortar o pescoço daquele que foi inimigo de Deus, gritou com voz irritada: «Deita fora isso escondidamente!».

Abu Sufiyan ao ouvir isso disse para ele: - «Ó Omar, tu és um homem indecente, deixa-me chegar a acordo com o filho do meu tio».

A seguir, Abu Sufiyan decidiu-se em proclamar a sua fé completa e disse: «Eu presto testemunho que não há outra divindade senão Deus, e presto testemunho que Muhammad é Seu Mensageiro». E assim Abu Sufiyan, um dos maiores inimigos dos muçulmanos, tomou-se muçulmano. Mais tarde, Abu Sufiyan aperfeiçoou o seu Islam, e participou das batalhas, como a de Taif, Yarmuk, etc.

Em seguida, Abbas disse ao Profeta: «Tu sabes como Abu Sufiyan é vaidoso. Dá-lhe algum privilégio seja ele qual for e assim ele sentir-se-á honrado e satisfeito».

Então, o Profeta fez a seguinte proclamação: «Quem se refugiar na Kaaba estará seguro, e quem se refugiar-se na casa de Abu Sufiyan também estará seguro. Quem ficar dentro da sua casa com as portas fechadas também estará seguro, e quem for apanhado no caminho sem armas também estará seguro».

Quando Abu Sufiyan foi honrado dessa maneira ficou muito satisfeito.

A seguir os muçulmanos partiram de Marraz-Zahran, todos armados, rumo a Makkah. O Profeta ordenou para que ninguém combatesse exceto em casos inevitáveis. Na tropa islâmica cada tribo tinha a sua bandeira e um sinal distinto. O Profeta disse a Abbas para levar Abu Sufiyan ao cume da montanha, para que dali, quando todos os combatentes muçulmanos passassem, ele visse uma grande multidão dos combatentes. Uma vez que ele ainda era novo muçulmano e não passava da visão materialista, ficou surpreendido com o número, disciplina e equipamento de tropa. Quando viu passar diante dele, disse: “Ó Abbas, ninguém pode opor-se a esta tropa e ninguém tem o poder de fazer isso. Por Deus, ó Abul Fadhl, esta manhã (hoje), o filho do teu irmão está resplendente com a majestade dum glorioso Rei». Abbas disse-lhe: «ó Abu Sufiyan, a majestade dele não é a de um Rei, mas sim dum Profeta».

A seguir Abu Sufiyan, sem perder mais um minuto, foi rapidamente a

Makkah. Quando chegou lá foi logo cercado pelos Qurayshitas ansiosos a fazerem-lhe perguntas e ele logo exclamou para eles: «Ó gentes de Quraysh! Eis Muhammad com uma tropa tão grande que vocês não podem resistir a ele nem por um momento». Sua mulher Hind, que estava furiosa pela emoção causada por esta notícia, agarrou-o pelos bigodes para o impedir de falar e gritou dizendo: «Não ouçam este velho, estúpido e traidor! Matem-no». Abu Sufiyan prosseguiu com as suas palavras dizendo: «Ai de vós se permitirdes a vós próprios serdes desviados por esta mulher. Eu digo-vos outra vez que vocês serão destruídos se tentarem resistir.» E acrescentou, orgulhosamente: «Todos aqueles que se refugiarem na casa de Abu Sufiyan estarão seguros, e todos que se refugiarem na Kaaba estão seguros, assim como todos aqueles que deixam as suas armas e fecham-se nas suas casas». Os Qurayshitas responderam: «Que Deus cause a tua morte! Como é que a tua casa pode proporcionar segurança para todos nós?» Assim ele acabava de anunciar o que lhe foi incumbido.

## **ENTRADA DO PROFETA EM MAKKAH**

O Profeta não se esqueceu da sua saída de Makkah, anos atrás, perseguido.

Quando ele estava a entrar, com toda aquela majestade e a grande multidão de combatentes a acompanhá-lo, lembrou-se disso e prestou gratidão a Deus repetidamente e até deitou lágrimas. Mesmo com Abu Sufiyan já convertido ao Islam ele não deixou de tomar medidas de precaução na sua entrada em Makkah, sabendo que a vitória é uma dádiva de Deus, mas Deus só a concede para quem se prepara para isso na plenitude. O Profeta chegou a Dhu-Tuwa, de onde se vê Makkah e daí ele quis entrar vitoriosamente sem derramar algum sangue. Aí ele prestou gratidão a Deus, o poderoso, por esta vitória. Ele prostrou-se profundamente e depois dividiu a sua tropa em quatro divisões e deu-lhes ordens restritas para não lutarem e não derramarem sangue, a não ser que sejam forçados a isso.

A 1ª Divisão, chefiada por Zubair Ibn Al-Awwam, responsável pelo flanco esquerdo, foi ordenada a entrar em Makkah pelo norte.

A 2ª Divisão, chefiada por Khalid Bin Walid, responsável pelo flanco direito, foi ordenada a entrar em Makkah pelo flanco sul da cidade, do lado de Kadi.

A 3ª Divisão, chefiada por Saad Bin Ubadah, composta pelos Ansar (naturais de Madinah), foi ordenada a entrar pelo flanco oeste.

A 4ª Divisão, chefiada por Abu Ubaidah Ibn Al-Jarrah, composta pelos Muhajerin, em que estava o Profeta Muhammad, também entrariam pela parte norte, perto do Jabal (monte) Hind.

Quando as quatro divisões estavam prestes a marchar, o Profeta ouviu Saád Bin Ubadah a dizer: “Hoje é o dia da batalha, dia de grande guerra, dia em que todas as proibições serão abolidas”. Ao ouvir estas palavras o Profeta disse: “Não! Saad errou, hoje é o dia em que Deus engrandecerá a Kaaba”, e depois afastou Saad Bin Ubadah do posto de chefe e colocou em seu lugar o filho, Kais. O Profeta tomou esta medida porque, depois de ouvir isso, se deixasse continuar Saad Bin Ubadah no seu posto, decerto que esse comandante violaria a ordem do Profeta de não derramar sangue no recinto de Makkah.

Todas as divisões entraram em Makkah pelos seus respectivos flancos, sem qualquer problema, exceto Khalid Bin Walid, que entrava pela parte sul da cidade, habitada por homens mais hostis dentre os Qurayshitas. Muitos dentre eles foram os que tinham atacado a tribo Khuza’a e violado o tratado de Hodaybiyyah. Mesmo depois do apelo de Abu Sufiyan, seu chefe, eles queriam impedir a entrada e prepararam-se para a batalha, liderados por Safwan, Suhail e Ikrimah Bin Abu Jahal. Quando a tropa de Khalid entrou na zona deles, os arqueiros, sem hesitação, atacaram, lançando setas contra eles a partir das rochas de Jabal Al-Khandama. Três homens dos muçulmanos foram mortos, nomeadamente Kurz Bin Jabir Fahri, Hubaish Bin Ashar e Salma Bint Al-Maila. Por essa razão, Khalid teve forçosamente que se defender e atacando-os matou logo treze dos inimigos. Durante os encontros alguns fugiram para a Kaaba e outros para a direção do mar; em seguida Khalid continuou a sua marcha. O Profeta, nessa altura, já tinha chegado ao topo de Al-Hajun. Daí ele vira as espadas a brilhar e então perguntou: “O que é isto? Eu não vos tinha proibido toda a guerra?” Ele enviou logo um Ansar para ir chamar Khalid Bin Walid. Quando este chegou, o Profeta perguntou-lhe o que se passara, e Khalid respondeu: “O inimigo agrediu-nos. Eu tentei evitar o máximo mas, em defesa, tivemos que responder e Deus concedeu-nos a vitória”. Então o Profeta disse: “Aconteceu o que Deus queria”. O Profeta já estava a preparar a sua entrada na cidade e assim a profecia da Bíblia vinha a ser cumprida:

“2 - Disse, pois o Senhor veio de Sinai e lhes subiu de seir, resplandeceu desde o monte Paran (ou Faran, antigo nome de Makkah) e veio com dez milhares de Santos à sua direita, havia para eles o fogo da Lei”, Deuterônimo, 33,2. O Profeta não teve oposição nenhuma na sua entrada. Entrou montado no Al-Kaswa (a sua camela), vestido de escarlate. Todavia, caminhava lentamente, pois os seus movimentos eram impedidos pela imensa multidão que se apinhava

ao seu redor, consigo na mesma camela estava também montado Usama Bin Zaid.

Ele entrou em Makkah na manhã de uma sexta-feira, dia vinte do mês de Ramadan e mandou colocar a sua tenda em “Al-Hajun”. Estavam lá Umm Salma e Maymuna (suas esposas) que perguntaram ao Profeta se não queria descansar na sua casa antiga. “Não!” Respondeu o Profeta. “Eles não deixaram nenhuma casa para mim em Makkah”. Ele descansou na sua tenda. O Profeta recordou-se dos dias passados, quando começou a sua missão e quando era perseguido, sem qualquer apoio aparente. Deus prometeu-lhe dizendo:

*“Na verdade, aquele que tornou obrigatório para ti o Alcorão (a sua recitação, transmissão e prática) far-te-á voltar para o primeiro lugar (Makkah), terra natal, terra de origem”. (28:85)*

Aqui, neste versículo, trata-se de mais um milagre do Alcorão.

Deus diz de antemão: “Esses que te obrigaram a abandonar a tua terra natal e cuja separação te aflige, tenha calma, porque aquele que tornou o Alcorão obrigatório para ti (a sua recitação, transmissão e prática) far-te-á chegar à tua terra natal. Nessa altura tu estarás livre, vitorioso e com autoridade”. Este versículo foi revelado quando o Profeta estava a emigrar forçosamente para Madinah.

Portanto, a promessa de Deus foi cumprida neste mundo mas ainda estavam para seguir o cumprimento de muitas outras promessas, noutra mundo, assim como Deus disse logo 110 início ao Profeta:

*“E sem dúvida que a outra vida será melhor, para ti, do que a presente. Logo o teu Senhor te agradecerá, de um modo que te satisfaça.” (93:4 e 5)*

Aqui o Profeta agradeceu prostrando-se, com os olhos cheios de lágrimas. Sabia que Deus é que era a verdade absoluta e o resto é uma pura ilusão.

A seguir o Profeta levantou-se, montou a sua camela e entrou no Haram, cumpriu o Tawaf (circundou) e tocou à pedra negra com o seu cajado (bengala), reconhecendo-a como relíquia sagrada. Depois de acabar o Tawaf, chamou Uthman Bin Tal-a, o guardião da Kaaba, para abrir a porta da Kaaba. Mas este recusou-se; então, Ali arrancou-lhe as chaves das mãos. Aí, o Profeta, por ordem de Deus, mandou devolvê-las ao vetusto funcionário e assim conquistou-o, com a sua bondade, tanto que não só as portas lhe foram abertas mas ele mesmo reconheceu o Islam e depois foi mantido no seu cargo.

O Profeta parou junto à porta, com as pessoas aglomeradas no local e fez o seguinte discurso:

*Não há outra divindade senão Deus, Ele não tem parceiro nenhum.*

*Cumpriu a Sua promessa, ajudou ao Seu servo e sozinho derrotou os confederados. Todo o orgulho, todos os costumes antigos da época da ignorância, de vingança, derramamento de sangue, reclamações (reivindicações nas contas de guerra feudal) estão abaixo dos meus pés (estão abolidas), nenhuma coisa fica, exceto a custódia da Kaaba e o abastecimento de água aos peregrinos.*

*Ó vós, gentes de Quraysh! Realmente Deus aboliu de vós todo o tipo de orgulho da época da ignorância e todo o orgulho à base da raça, linhagem ou descendência, porque todos os homens são descendentes de Adão e Adão foi criado a partir da terra.*

E depois recitou:

*“Ó humanos, em verdade, Nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos, para reconhecerdes uns aos outros. Sabei que o mais honrado, dentre vós, ante Deus, é o mais temente. Sabei que Deus é Sapientíssimo e está bem inteirado.” (49:13)*

O grande favor que o Islam fez para a humanidade, foi estabelecer a igualdade entre todos os humanos, seja qual for a raça. Este grande documento foi dirigido há mil e quatrocentos anos atrás, mas nem hoje nem no futuro alguém conseguirá apresentar melhor.

Os inimigos, cegos, são injustos. Eles que vejam este discurso de Muhammad e leiam-no várias vezes. Será que Muhammad está pedindo para os homens se rebaixarem perante Ele? Para lhe pagar imposto, taxa ou ameaçá-los com alguma punição no caso de desobediência? Declarou alguma lei marcial nas terras conquistadas? O objetivo da guerra de Muhammad não era para glória nacional nem para expansão territorial, mas apenas para elevação do nome de Deus, eliminar a tirania que impedia o acesso de alguns ao caminho reto de Deus e acabar com a injustiça; por isso, não era lógico ele eliminar uma tirania e implantar outra. Pode-se comparar algum rei, presidente ou conquistador com Muhammad? Pelo contrário, nos momentos mais importantes e decisivos, em que Deus lhe deu poder sobre os seus inimigos, Muhammad perdoava-os e assim dava uma lição de bondade a toda a

humanidade. O discurso não acaba aí. Como estavam presentes também os líderes Qurayshitas a escutar o discurso, os piores inimigos, que quiseram eliminar Muhammad e o islamismo e tudo fizeram para conseguirem o seu objetivo, o Profeta olhou para eles e perguntou:

«Ó grupo de Qurayshitas! O que é que vocês acham que eu vou fazer convosco?» Eles responderam: «O bem, porque tu és um irmão nobre e filho de um irmão nobre».

Então, o Profeta disse: «Não há censura nenhuma contra vós. Levantai-vos, pois, e ide; estais livres».

## PERDÃO COM PODER

Perdoar é uma bela virtude quando a pessoa é poderosa. De fato, o espírito de Muhammad era muito elevado, acima de todos os ódios e vinganças. Entre os Qurayshitas estavam os que conspiraram contra ele para o matar, os que o abusaram, apedrejaram, perseguiram e aos seus companheiros, expulsaram-no de Makkah, lutaram contra ele em Badr e Ohud, cercaram Madinah na batalha da trincheira, instigaram outros árabes contra ele e que, mesmo agora, se tivessem o poder, mutilavam-no como fizeram ao seu tio Hamza em Ohud; mas agora estavam todos abaixo dos seus pés, e por outro lado os crentes à espera da ordem para os aniquilar totalmente. Mas Muhammad foi de fato Muhammad. Não há par para ele no mundo. O coração dele estava totalmente livre de todo o tipo de injustiça, maldade, tirania e orgulho. Ele não prendeu ninguém, não impôs nenhuma penalidade, não utilizou força nenhuma mas apenas disse: «Ide, estais livres». Até as casas dos Muhajerin que tinham sido confiscadas em Makkah pelos descrentes e que agora poderiam ser retomadas, o Profeta disse (aos Muhajerin) para as deixarem e perdoarem-nos. De fato, não há exemplo igual, nem personalidade que se possa igualar a Muhammad. Estas qualidades só podem ser dum mensageiro de Deus. Reparem a outra face da imagem. No Novo Testamento, Lucas, cap. 19, verso 27, Jesus diz: «E quanto àqueles meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os diante de mim». E no Antigo Testamento, I, Samuel 15,3: «Vai, pois, agora e fere a Amalac e destrói, totalmente, tudo o que tiver e não lhe perdoes; porém, matarás desde o homem até à mulher, desde os meninos até aos de mama, desde os bois até às ovelhas e desde os camelos até aos jumentos». E no Josué 6, verso 20-24, consta: “E tudo quanto na cidade havia destruíram totalmente, ao fio da espada, desde o homem até à mulher, desde o menino até ao velho e até ao boi e gado miúdo e ao jumento... Porém, a cidade e tudo quanto havia nela,

queimaram a fogo; tão-somente a prata e o ouro e os vasos de metal e de ferro deram para o tesouro da casa do Senhor”.

E muitos outros versículos iguais no Antigo Testamento. Agora a questão é: Qual é a religião de amor e tolerância? Judaísmo, cristianismo ou islamismo?

## O PROFETA PURIFICA A KAABA DOS SIMBOLOS DA IDOLATRIA

Depois do discurso proferido e do perdão concedido aos inimigos, o Profeta entrou na Kaaba e viu as suas paredes cheias de pinturas de anjos e profetas. Havia estátuas de Abraão e Ismael, representados com flechas de adivinhação na mão, e também a estátua de Jesus.

Na parede estavam representados os anjos na forma de mulheres formosas; tinham trezentos e sessenta ídolos, ou seja, um ídolo para cada dia do ano lunar. O Profeta mandou apagar todas as imagens e destruir todos os ídolos colocados dentro e fora da Kaaba, Entre estes, o maior e mais famoso era Hubal, um ídolo com forma de ser humano, trazido de Beqaa, na Síria, por Khuzaima Bin Mudrika, bisneto de Adnan, a quem as fábulas atribuíam o poder de fazer chover. Havia sete flechas (setas) colocadas à frente de Hubal; em algumas setas estava escrito “sim” e noutras “não”. Eram setas de adivinhação. Antes de os árabes fazerem qualquer coisa consultavam essas setas; se saísse “sim” faziam a tal coisa pretendida e se saísse “não” não o faziam. Estava colocado dentro da Kaaba e naturalmente era objeto de profunda adoração por parte dos habitantes dos desertos sedentos. O Profeta, ao destruir os ídolos, ia dizendo: *“Dize também: Chegou a Verdade, e a falsidade desvaneceu-se, porque a falsidade é pouco durável.” (17:81)*; e assim, um após outro, foram destruídos todos os ídolos e a Kaaba já no primeiro dia estava pura e todo o tipo de idolatria e paganismo foram erradicados. Com a purificação da Kaaba erradicou-se o paganismo e a idolatria em todos os países árabes, exceto alguns. Depois o Profeta dirigiu-se ao poço de Zamzam e Abbas, seu tio, apresentou-lhe um jarro com água, da qual ele bebeu.

Quando chegou a hora da oração, o Profeta ordenou a Bilal para subir para a Kaaba e fazer o chamamento (Adhan).

Bilal, que era da Abissínia, escravo, ouve murmúrios entre os Qurayshitas racistas que ainda não eram muçulmanos. Uns diziam: «Deus ao dar a morte antes, ao meu pai, honrou-o e assim não teve que ouvir esta voz». Mas eles ainda não sabiam que o Islam era a verdadeira religião de Deus, que veio estabelecer a igualdade humana e erradicar todo o tipo de discriminação, racismo, orgulho de

raça, hereditariedade ou riqueza. Todos são iguais perante Deus, porque todos são da mesma origem, filhos de Adão, e Adão é da terra. O mais nobre perante Deus é o mais piedoso, por isso o Islam tem as portas abertas para toda a gente de todas as raças, para a evolução espiritual. Para a evolução espiritual não é preciso seres nomeado por outro ser humano, assim como faz o cristianismo ao nomear só agora, no século vinte, os bispos de cor por motivos políticos. O Islam já no primeiro dia reconheceu a virtude de qualquer pessoa que seja, para chegar ao mais alto grau religioso possível, desde que seja piedoso. Esses graus não estão reservados para ninguém, todos podem alcançá-los. Eis o maior exemplo de Bilal da Abissínia, Salman da Pérsia e Suhaib de Roma, todos estes no tempo do Profeta.

O leitor pode notar claramente o racismo no cristianismo, mesmo ao nível da igreja, com a passagem seguinte ocorrida durante a conquista do Egito, na época do Califado de Omar, o segundo Califa:

*“Afasta daqui esse negro! Eu não posso ter discussão com ele, exclamou o arcebispo cristão Cyrus, quando os conquistadores árabes enviaram uma delegação dos seus mais competentes homens, liderada por um negro chamado Ubadah, por ser o mais competente dentre a delegação toda, para discutirem termos da rendição da capital egípcia. Ao espanto do sagrado arcebispo, foi-lhe dito: “Este homem é comissariado do general Amr Ibn Al-‘As, e os muçulmanos tratam os negros e os brancos com igual respeito, julgando o homem pelo seu caráter e não pela sua cor”. Então se o negro tem de liderar, ele que fale suavemente, ordenou o prelado, para não assustar os seus auditores brancos.”*

Enquanto muitos árabes, até alguns tios legítimos do Profeta, foram condenados, estes foram honrados, por serem submissos e piedosos. Além destes houve e há muitos outros que se tornaram em grandes figuras históricas no Islam, mas que não eram árabes.

Bilal fez o chamamento. O Profeta a seguir dirigiu a oração com milhares de homens à sua retaguarda a acompanhá-lo.

No dia seguinte o Profeta ascendeu ao monte Safa para aí receber a submissão das pessoas perante Deus (prestar juramento de fidelidade e renunciar à idolatria) e pedir perdão por eles a Deus.

Os habitantes de Makkah já se encontravam tranquilos pela generosidade de Muhammad. Era o mesmo homem a quem eles na sua juventude chamavam por «Al-Amin», Eles não se sentiam humilhados ou envergonhados em

prestar submissão perante ele, pelo contrário, consideraram isso uma grande honra para eles.

A barreira que havia entre eles era a idolatria. Agora que já tinha sido destruída eles tornaram-se irmãos. Depois de os homens de Makkah acabarem de prestar a sua submissão perante as ordens de Deus e renunciarem à idolatria, vieram as senhoras para fazerem o mesmo. Entre as senhoras estava Hind, mulher de Abu Sufiyan, aquela que incitara os descrentes à batalha de Ohud e mutilara o corpo de Hamza, tio do Profeta, tirando-lhe o fígado e mastigando-o. Ela era conhecida pelo seu ódio contra Muhammad.

Foi vestida com um véu para não ser reconhecida por outras e chegada perante o Profeta descobriu o véu e disse: «Eu sou Hind e suplico perdão pelo passado». O Profeta perdoou-a e ela tornou-se muçulmana. Quando regressou para a sua residência, começou a insultar o seu ídolo privativo e familiar, dizendo: «Ó impotente ídolo! Quão malucos e estúpidos fomos nós este tempo todo em depender do teu socorro!» A seguir atirou-o ao chão partindo-o em bocados. O Profeta perdoou também a Ikramah, filho de Abu Jahal, que em diversas ocasiões manifestou a sua hostilidade mortal ao Profeta, hostilidade essa herdada de seu pai Abu Jahal, que organizou-a emboscada contra o grupo de Khalid Bin Walid à sua entrada em Makkah, único flanco onde os muçulmanos enfrentaram resistência.

Wahshi, o etíope que matou Hamza, também foi perdoado; e muitos outros que cometeram crimes graves e que mereciam pena de morte, foram igualmente perdoados. E nem foram obrigados a entrar no Islam. Mais tarde, eles convenceram-se a entrarem no Islam por sua livre vontade.

Há algum exemplo de tolerância igual no mundo?

Safwan, outro inimigo, pertencente ao grupo de Ikramah, que planejou e organizou a emboscada, foi igualmente perdoado, e quando disse ao Profeta que queria dois meses para refletir antes de entrar no Islam, o Profeta deu-lhe quatro meses em vez de dois.

O Profeta mantendo Makkah um santuário inviolável e lugar de refúgio, mas também sem tolerar a idolatria, conseguiu vencer todos os corações das pessoas, exceto de Hawazin e Saqif. Todas as tribos vizinhas se submeteram. A partir de então, nas duas cidades – Makkah e Madinah -, ninguém podia obter o título de Muhajir,

## RECEIO DOS ANSAR

Os Ansar viram como o Profeta amava a Kaaba e quão compassivo fora ele para com os seus habitantes, sobretudo no dia em que no monte As-Safa ele se sentou a olhar pensativamente para a Kaaba, local onde passou os primeiros dias da sua missão, e disse: «Verdadeiramente és tu a melhor das cidades, e a mais querida de Deus! Não tivesse eu sido banido por minha própria gente, jamais te teria deixado». Quando os Ansar ouviram isso, comentaram entre si, dizendo: «Muhammad é conquistador e senhor da sua cidade, certamente se estabelecerá aqui e abandonará Madinah, porque aqui está o santuário de Deus, está a casa onde ele nasceu».

Estas palavras chegaram ao conhecimento do Profeta e então ele exclamou: «Nunca, por Deus! Quando me prometeste o vosso auxílio, jurei viver e morrer convosco, e eu serei fiel ao meu juramento». O Profeta cumpriu, e Madinah, que fora cidade do seu refúgio, continuou a ser a sua residência até ao dia da sua morte.

O Profeta permaneceu em Makkah quinze dias depois da sua «conquista, reduzindo a oração de quatro Rakaat» para dois, durante esse tempo todo, e não tentou forçar ninguém a entrar no Islam. Deu liberdade religiosa a todos. Os idólatras já tinham oportunidade de estudar e perceber o Islam de perto. Foi assim que eles, uns após outros, entraram no Islam. Como a Kaaba e Makkah eram centros religiosos para todos os árabes, a destruição dos ídolos na Kaaba foi a destruição dos ídolos em toda a Arábia. Da forma que a entrada dos Qurayshitas, guardiões da Kaaba, no Islam, foi a abertura do caminho para a entrada de todos os árabes no Islam, pois todos olhavam os Qurayshitas, se eles aceitariam ou não.

Quando os Qurayshitas entraram no Islam depois da conquista de Makkah, todas as tribos submeteram-se voluntariamente.

O Profeta quando soube que a tribo Khuza'a havia descoberto no seu seio um homem pertencente a Hudhayl, que ainda era pagão, a quem mataram, ficou muito aborrecido e proferiu as seguintes palavras: «Ó gente! Deus fez de Makkah um local sagrado desde o dia em que criou os céus e a terra. Por isso, Makkah é declarada sagrada repetidamente até ao dia da ressurreição. Não é permitido a ninguém que crê em Deus e no último dia, derramar sangue nela, destruir qualquer árvore no seu recinto. Makkah nunca foi profanada por ninguém antes de mim e nunca será depois de mim. Foi só por um curto espaço de tempo, durante a sua conquista, e por causa da ira de Deus sobre os seus residentes, que

me foi permitido entrar armado, porém já voltou para o seu estado anterior. O presente que transmita ao ausente. Se alguém argumentar que o Profeta lutou em Makkah, responde-lhe que Deus permitiu-lhe e não te permitiu. Ó homens da tribo Khuza'a, detenhais as vossas mãos da matança, porque é um crime e não traz vantagem alguma! Vós matastes um homem, e eu terei que pagar a sua indenização à sua gente, da vossa parte, mas daqui por diante quem derramar o sangue de outrem, a sua família (da vítima) responsabilizá-lo-á disso, e terá opção; ou matará em retaliação o criminoso, ou exigirá indenização».

O homem morto era pagão, mas o Profeta pagou imediatamente a indenização aos familiares.

Ao verem esta justiça de Muhammad, muitos entraram no Islam. Após a conquista de Makkah, o Profeta mandou anunciar que, todos que entrassem no Islam não poderiam guardar ídolos nas suas casas, e ensinou aos novos muçulmanos os princípios da fé islâmica.

Durante a sua estadia em Makkah, enviou tropas pequenas para os arredores de Makkah, a fim de destruírem os grandes e famosos ídolos “o Laat, o Uzza, o Suwaa e o Manat”, todos estes nos arredores de Makkah, para onde árabes iam em peregrinação praticando os mesmos ritos como os da Kaaba.

Para estas missões o Profeta enviou:

1º - Khalid Bin Walid, juntamente com trinta cavaleiros para «Nakhla», local onde estava colocado o grande ídolo dos Qurayshitas chamado «Uzza». A tribo Banu Shaiban era guardiã desse ídolo. Khalid Bin Walid chegou lá e cumpriu a sua missão, destruindo esse grande ídolo.

O ídolo grande dos homens de «Taif» chamava-se «Laat». Os árabes pagãos acreditavam que Deus passava o inverno junto ao “Laat” e o verão junto ao «Uzza». Eles circundavam à volta de «Uzza», sacrificavam os animais perante o ídolo e praticavam os ritos semelhantes aos da Kaaba perante esse ídolo.

2º - A Amr Ibn Al-Aass mandou destruir o grande ídolo de Hudhail chamado «Suwaa», a uma distância de cinco quilômetros de Makkah. Quando Amr Ibn Al-Aass se aproximou do ídolo para o destruir o monge (sacerdote) do templo perguntou-lhe: «Como terás o poder de fazer isso?» Amr respondeu: «Vais vendo!» A seguir entrou no templo e destruiu o ídolo de tal forma que o monge ficou espantado, pois julgava que o ídolo tomaria qualquer reação contra ele, e ao ver que nada lhe acontecera, ficou imediatamente muçulmano, renunciando à idolatria.

3.º - Enviou a Saad Bin Zaid Al-Achhali com vinte cavaleiros em direção a Kadid para Muchallal, a fim de destruir o grande ídolo de Banu Kalb e Khuza'a, chamado «Manat», O monge desse templo também acreditava que ninguém tinha poderes de destruir aquele ídolo, mas eles também viram os muçulmanos destruírem o ídolo na frente dos seus olhos sem lhes acontecer nada.

Depois de terem destruído todos os ídolos, o Profeta enviou missionários para convidar as tribos a entrarem no Islam. Khalid Bin Walid foi enviado para Banu Judhaima com ordens restritas de não lutar, mas quando lá chegou todos eles tomaram as armas. Khalid pediu-lhes para deixarem as armas, mas eles não obedeceram e, então, infelizmente, teve de lutar e matou alguns homens dessa tribo por não aceitarem as suas ordens. Quando o Profeta soube disso, levantou as mãos para o céu e disse: "Ó Deus, eu declaro a minha repugnância por aquilo que Khalid fez!" Quando Khalid voltou com o despojo capturado, o Profeta enviou Ali Bin Abi Talib ao povo de Judhaima para devolver o que Khalid deles trouxera e indenizar os parentes dos mortos. Ali Bin Abi Talib depois de os indenizar, distribuiu o resto do dinheiro entre outros deles e eles ficaram muito satisfeitos com a justiça do Islam.

Foi assim que Muhammad erradicou a idolatria e os seus vestígios, que já vinham de milhares de anos, no espaço de quinze dias. Agora a metrópole já tinha abraçado o Islam, e erguido altamente a chama do monoteísmo genuíno, iluminando o mundo todo, gerações após gerações, e continuará assim até quando Deus quiser.

## **A BATALHA DE HUNAIN**

Hunain é nome dum local entre Makkah e Taif, onde estava o ídolo "Laat", A conquista pacífica de Makkah, a Qibla de todos os árabes, atraiu-os e todos entraram no Islam, exceto Hawazin e Saqif que se recusaram. Mas a missão de Muhammad não terminou aí, pois ele ainda tinha que unir e disciplinar a Arábia toda sob a bandeira islâmica, acabar com a tirania, injustiça e arrogância e expandir a luz de Deus em toda a parte. As tribos de Hawazin e Saqif, que viviam a alguns quilómetros de Makkah e que eram guerreiros conhecidos (Saqif, os tais que Muhammad quando foi lá ensinar o Islam, apedrejaram-no até os seus sapatos inundarem-se de sangue), quando souberam da conquista de Makkah pelos muçulmanos e da destruição dos ídolos da Kaaba ficaram preocupados pensando que a seguir seria a vez deles. Para evitarem os muçulmanos chegarem à sua zona, convocaram uma reunião dos seus líderes para debaterem esse assunto, e concordaram unanimemente em mobilizar uma grande tropa sob a liderança

de Malik Bin Auf, chefe de Hawazin, para atacarem subitamente os muçulmanos que ainda estavam em Maces a festejar a vitória da sua conquista.

Todas as tribos aliaram-se contra os muçulmanos, incluindo as tribos de Nasr e Jusham. Somente Kaab e Kilaab, clãs de Hawazin é que se recusaram a aliar-se com as outras. A tribo Bani Saad, em que o Profeta foi amamentado, também se aliou às outras. Malik Bin Auf foi escolhido líder desta tropa de aliados anti-islâmicos. Mas havia um velho líder da tribo Jucham, chamado Duraid, que não podia lutar (pois já tinha mais de cem anos), era um conhecido poeta e intelectual, sendo escolhido como conselheiro de Malik Bin Auf. Carregaram-no de cama para o campo de batalha. Estes aliados já sabiam que no passado os árabes haviam perdido todas as guerras contra Muhammad porque fugiram do campo de batalha quando um após outro líder seu era morto. Desta vez o líder Malik Bin Auf pensou num plano novo. A emoção da guerra era tão grande que ele aconselhou a todos para levarem consigo as suas mulheres, filhos e toda a riqueza, pois assim, ao verem tudo isso à sua frente nenhum deles fugiria, e lutariam valentemente até ao fim para proteger essas coisas.

Os aliados anti-islâmicos marcharam até chegarem ao vale de «Autaas», outro nome de Hunain, onde acamparam. Duraid, que já estava cego, perguntou: “Que local é este?”. Responderam-lhe: “É o vale de Autaas”. Ele disse logo: “Este é um bom local para a guerra; o seu terreno não é muito duro nem muito arenoso em que afundam os pés”. Depois, quando ouviu as vozes das crianças a chorarem, perguntou: “Que vozes são essas?”. Malik respondeu: “Trouxemos as mulheres e crianças, para encorajarem os combatentes e impedi-los de fugirem”. Duraid discordou de Malik e disse: “Quando as pessoas são derrotadas na guerra nenhuma coisa pode impedi-las da fuga do campo de batalha. Só a espada é útil, pois ela é que traz a vitória. Infelizmente se formos derrotados enfrentaremos maior humilhação, por causa das mulheres que serão todas capturadas.” Contudo, Malik Bin Auf não aceitou o seu conselho e colocou as mulheres em fileira à retaguarda dos combatentes e depois atrás delas os camelos, seguindo-se-lhes as vacas e os cabritos, para que ninguém abandonasse o combate. As pessoas em geral seguiram a Ideia de Malik. Um jovem com apenas trinta anos, cheio de emoção e firmeza, Duraid, para não quebrar a nova aliança anti-islâmica acabada de formar, seguiu a Ideia de Malik Bin Auf. Eles acamparam no vale de Hunain, e Malik colocou os arqueiros no topo dos montes Sulaim, à entrada do vale, por onde os muçulmanos tinham que passar obrigatoriamente para chegarem à outra margem.

Com isto, o plano de Malik era o de atacar os muçulmanos de surpresa com setas quando estes fossem transpor o estreito corredor e quebrar as suas

fileiras, semeando neles a desordem e confusão, para os muçulmanos não conseguirem distinguir os seus próprios soldados dos inimigos e serem derrotados logo à entrada. Os muçulmanos, quando recusassem, os aliados anti-islâmicos cairiam todos sobre eles e, com facilidade, estes conquistariam Makkah, que não distava muito daquele local. Assim a vitória islâmica sobre Makkah morreria. Este plano foi mantido em máximo sigilo por eles e aplicaram-no muito antes dos muçulmanos chegarem a Hunain.

## **OS MUÇULMANOS MARCHAM PARA HUNAIN SHAWAL**

**- Ano 8 da Hégira -**

O Profeta, ainda em Makkah, quando soube dos planos dos inimigos, enviou Abdallah Bin Abi Hadrad para ir espiar. Este regressou confirmando as grandes preparações de guerra e do seu local de acampamento. O Profeta começou de imediato as preparações e resolveu ir com doze mil homens, dos quais dez mil eram os que vieram com ele de Madinah e os restantes eram novos muçulmanos de Makkah que estavam impacientes em provar a sua devoção e fervor.

Os muçulmanos partiram de Makkah no dia 6 de Shawal do ano 8 da Hégira, correspondente a 28 de janeiro do ano 630 d.C., em direção a Hunain. O efeito produzido por este grande número do exército islâmico era tal que algumas pessoas entre os muçulmanos, ao subestimarem o inimigo, até chegaram a dizer: “Desta vez somos maiores em número do que o inimigo, não devemos rezear a derrota. Entre os dois mil que saíram de Makkah uns ainda não tinham a sua fé purificada da idolatria, por isso participaram só com a intenção de recolher despojo.

Todavia, Deus não gostou desta exclamação de orgulho; a tropa islâmica depois de passar os vales de Tihama chegou ao vale Hunain.

Os inimigos quando souberam da chegada dos muçulmanos tomaram posições ocultas nos topos das duas margens do corredor do vale de Hunain, à espera que os muçulmanos passassem por ali. Chegados nessa zona ao anoitecer, os muçulmanos acamparam a entrada do corredor. Na manhã do dia seguinte, muito cedo, um pouco antes da aurora, os muçulmanos marcharam para adiante. O Profeta estava montado sobre a sua mula branca (Duldul).

Quando entraram no corredor estreito, entre os dois montes, como ainda estava semiescuro, os muçulmanos não podiam ver o inimigo; mas este, que estava estacionado de antemão, seguia atentamente o movimento dos muçul-

manos, e de acordo com os seus planos, definidos antes da guerra, os arqueiros começaram repentinamente a lançar setas por todos os lados. Foi um mar de setas que caiu sobre os muçulmanos.

Esta tragédia inesperada criou um grande pânico e confusão entre os muçulmanos, de tal forma que começaram a correr desorganizados. Os novos muçulmanos de Makkah foram os primeiros a fugir e, ao vê-los, os antigos também corriam para qualquer direção, procurando escapar daquele terrível estreito e assim a maior parte deles dispersou-se. O Profeta, que estava à retaguarda montado sobre a sua mula, manteve-se firme. À sua volta estava um pequeno grupo dos crentes, incluindo Abu Bakr, Omar, Ali, Abbas, seu filho Fadhl, Abu Sufiyan Ibn Al-Haris, seu irmão Rabiah Bin Al-Haris e Mutab Bin Abi Lahab. O Profeta chamava a todos que estavam a fugir, dizendo: “Vinde para junto de mim, ó gentes!”. Mas no pânico ninguém olhava para trás; por um momento parecia tudo perdido, e alguns convertidos recentes não esconderam a sua alegria por esta tragédia. Ao ver a fuga dos crentes, Abu Sufiyan exclamou: “Os muçulmanos não serão derrotados enquanto não forem lançados ao mar!”. Um irmão de Safwan Bin Umayyah, disse: “Agora o poder mágico de Muhammad chegou ao fim”. Más Safwan respondeu-lhe, dizendo: “Cala-te! Que seja amaldiçoada a tua língua!”

De acordo com alguns historiadores, estes homens de Makkah participaram na marcha com este mesmo objetivo, para na “hora h” abandonarem os muçulmanos.

Toda essa confusão continuava enquanto o Profeta se mantinha firme perante o inimigo, com a certeza da vitória de Deus. Se ele não fosse um verdadeiro Mensageiro, teria também fugido; mas Deus nunca abandona os Seus mensageiros, particularmente na hora da necessidade. Se olharmos para a história, veremos que outros profetas também enfrentaram idênticas situações, em que estavam sós perante o inimigo, mas a sua fé forte em Deus fez com que eles não abandonassem e finalmente alcançassem a vitória. Veja-se o caso de Noé.

Abraão, Moisés e Jesus nas disputas com a sua gente, e finalmente os mensageiros de Deus foram vitoriosos.

*Deus decretou: Venceremos, Eu e os Meus mensageiros! Em verdade, Deus é Poderoso, Fortíssimo. (58:21)*

Os aliados anti-islâmicos quando viram a fuga dos muçulmanos, desceram das suas posições e aproximaram-se de Muhammad para atacá-lo. O Profeta olhou para o seu flanco direito e esquerdo, e chamando pelos Ansar, estes res-

ponderaram: “Estamos presentes à tua disposição!”. O Profeta desceu da sua mula e em tom majestoso da profecia, exclamou: “Eu sou o Profeta, não é mentira isso (não sou mentiroso), sou o filho de Abdul Muttalib”. Al-Abbas era famoso pela força dos seus pulmões. Naquele momento crítico, o Profeta ordenou-lhe para gritar pelos Muhajerin e Ansar. Esses ao ouvirem aquela voz familiar, detiveram-se e voltaram todos, tão depressa como a luz. Eles quando viram que virar os seus animais e levá-los roubaria tempo naquela grande multidão, abandonaram os animais e foram a correr, e aí surgiu o milagre. Os muçulmanos, ao ouvirem a voz do Profeta, recuperaram a sua coragem e redobraram-na. Agora já o dia estava claro (desapareceu a escuridão) e os aliados tinham descido das suas posições. Assim começou a forte batalha e o Profeta aí exclamou: “Deus não desprezará o Profeta e realizará a promessa que fez para ele”. Depois disse a Abbas para arranjar uma mão cheia de terra, e o Profeta atirou-a assim como fizera em Badr, contra a face dos inimigos, exclamando: “Morte para os inimigos de Deus!”. Quando o Profeta fez isso parecia que o inimigo se cegara, e agora com a firmeza e valentia do Profeta, em pouco tempo os muçulmanos reorganizaram-se e o terror apoderou-se dos idólatras, que pensavam ter derrotado os muçulmanos, dispersando-se como átomos impalpáveis.

*Deus vos socorreu em muitos campos de batalha - como aconteceu no dia de Hunain, quando vos ufanáveis da vossa maioria que de nada vos serviu; e a terra, com toda a sua amplitude, pareceu-vos pequena para empreenderdes a fuga. Então, Deus infundiu a paz ao Seu Mensageiro e aos fiéis, e enviou tropas - que não avistastes - e castigou os incrédulos; tal é a recompensa dos que não creem.*  
**(9:25 e 26)**

Os idólatras fugiram todos, e muitos deles foram mortos na batalha, enquanto da parte dos muçulmanos, Khalid Bin Walid ficou gravemente ferido. Os muçulmanos apoderaram-se de grande quantidade de despojo, incluindo gado, prata, etc. Só os prisioneiros foram seis mil, realizando-se o receio do veterano Duraíd.

De entre os fugitivos, uns refugiaram-se em Autaas, outros em Nakhla, mas o comandante deles - Malik Bin Auf - fugiu e refugiou-se em Taif. O Duraíd, como era cego, ficou abandonado pelos fugitivos e foi morto por Rabia Ibn Rafi.

Aqui foi mais uma lição dada aos muçulmanos pela parte de Deus; Deus não gosta de orgulho (os muçulmanos orgulharam-se pelo seu número e julgaram-se invencíveis, outros jovens nem usaram armadura).

Uma situação quase igual à que os muçulmanos enfrentaram em Ohud, quando desobedeceram às ordens do Profeta.

Por isso, um exército islâmico tem de evitar estas causas da derrota, ser humilde, disciplinado, tendo a fé que a vitória provém só de Deus. Aqui Deus fez saborear aos crentes a derrota antes da vitória e no Ohud foi o inverso, para demonstrar o Seu poder absoluto. Não é o número nem o material, por mais sofisticado que seja; quando estudamos a relação de forças temos de ver que por mais potentes e sofisticadas que sejam, as armas são manejadas pelos homens, e quando alguma coisa perturba a mente ou o coração desses homens, as armas caem-lhes das mãos.

A história islâmica tem provado que os muçulmanos sempre derrotaram o seu inimigo com a fé e não por superioridade numérica ou material. Nesta tropa islâmica, havia muitos que ainda eram novos muçulmanos que não se tinham purificado totalmente da idolatria e outros que nem eram muçulmanos, mas participaram para receber o despojo. Esses foram os primeiros a fugir e se não fosse a ajuda de Deus, os muçulmanos seriam arrasados naquele dia. Portanto, na tropa islâmica só devem participar os que combatem sinceramente, apenas para elevarem a palavra de Deus e não para colher benefícios mundanos.

Em seguida, os muçulmanos perseguiram os inimigos. O Profeta, enquanto ainda estava no vale de Hunain, enviou expedições para Autaas e Nakhla, sob a liderança de Abu Amir, contra os acampamentos inimigos. Houve combate nos dois locais, mas finalmente os muçulmanos saíram vitoriosos. Abu Amir Al-Ashari, o comandante, tornou-se mártir mas o seu sobrinho, Abu Mussa Al-Ashari, assumiu o comando em triunfo. Abu Mussa apresentou-se diante de Muhammad, juntamente com os valiosos despojos do acampamento de Autáas. Entre os cativos estava Ash-Shima, irmã de leite do Profeta, filha de Halima, ama do Profeta, quando ele fora mandado para o vale Saadita. Ela foi trazida perante o Profeta e disse: «Eu sou tua irmã, e imploro clemência». O Profeta pediu-lhe para provar que era sua irmã e, então, ela descobriu as costas e mostrou-lhe a cicatriz que ele lhe causara através de mordedura, quando ainda bebê. O Profeta quando viu isso, reconheceu a cicatriz e os seus olhos encheram-se de lágrimas de amor para com ela. De imediato estendeu o seu lençol para ela se sentar nele, falou com ela com afeição, tratou-a com bondade e ofereceu-lhe alguns camelos e cabritos. Deu-lhe a opção de ficar com ele sob sua proteção ou voltar para casa e para o convívio de seus parentes. Ela preferiu voltar para casa e foi levada honrosamente.

O Profeta mandou guardar todos os prisioneiros e o despojo em Jairrana, e designou Mas'ud Bin Amr Ghaffari como seu guardião e juntamente com os muçulmanos prosseguiu para Taif em perseguição dos inimigos que se tinham refugiado nessa cidade fortificada.

## CERCO A TAIIF

As tropas fugitivas do inimigo refugiaram-se em Taif, incluindo o comandante Malik Bin Auf. Taif era uma cidade fortificada, situada entre montes altos e bem protegida, cujo líder era Urwah Bin Masud. À volta da cidade havia uma muralha com portas, que se podia fechar. Os seus habitantes, da tribo Saqif, tinham uma vasta experiência militar. Eram distintos em toda a Arábia e considerados rivais dos Qurayshitas. Os descrentes de Makkah, no início da missão do Profeta, quando levantaram objeções a respeito da profecia de Muhammad diziam: «Por que é que este Alcorão não foi revelado a um influente, pertencente a uma das duas cidades (Makkah e Taif)?». Na cidade de Taif havia uma fortaleza fortificada. Os inimigos fugitivos refugiaram-se nela, acumularam provisão para o ano inteiro, reforçaram a fortaleza pelos quatro lados com catapultas e colocaram arqueiros por todos os lados.

O Profeta prosseguiu do vale de Hunain, juntamente com os muçulmanos, para montar cerco a Taif, onde estavam refugiados os inimigos. No caminho passou pelo local onde estava a fortaleza de Malik Bin Auf e mandou demoli-la. Quando os muçulmanos chegaram a Taif, encontraram os inimigos decididos ao combate, refugiados na fortaleza, com a provisão de um ano. Os muçulmanos acamparam próximo da fortaleza e os arqueiros inimigos começaram a atirar setas sobre os muçulmanos. Vários muçulmanos foram mortos (cerca de doze); Abu Sufiyan perdeu um olho e muitos outros ficaram feridos. Quando o Profeta viu que o inimigo estava decidido em lançar setas, tomou a decisão imediata e inevitável: Recuar para um local mais distante e seguro, fora do alcance das setas dos inimigos.

Os muçulmanos afastaram-se para o local mais seguro onde estabeleceram as suas tendas e construíram uma mesquita. É o local onde ainda hoje existe a mesquita de Taif. Depois da conquista de Taif a mesquita foi concedida aos seus habitantes. O cerco durou cerca de vinte (20) dias. Os muçulmanos sentiam a necessidade de aplicar novos métodos e utilizar novas táticas para a conquista da fortaleza. Então, At-Tufaiyl, que já era muçulmano, líder da tribo Banu Daus que vivia ao sul de Makkah e que tinha experiência na utilização de catapultas e aríetes, dirigiu-se à sua tribo e com a ajuda deles montaram catapultas para o ataque imediato. Esta foi a primeira vez que os muçulmanos utilizaram aríetes e catapultas na guerra. Mas os inimigos, que já tinham uma grande experiência na arte da guerra e defesa, aqueceram pedaços de ferro até à brasa e atiravam como mísseis contra os aríetes. Em consequência dessa ação os aríetes incendiavam-se e os muçulmanos tiveram que recuar sem conseguirem conquistar a

cidade. Nesse cerco morreram doze muçulmanos. Khalid Bin Walid desafiava os inimigos, mas ninguém se atrevia a sair para fora, porque tinham tudo dentro.

O Profeta pôs-se a pensar sobre qual o passo seguinte a tomar para obrigar os inimigos a cederem. Como Taif, era, e até hoje é, famosa na Arábia pelas suas videiras, o Profeta ordenou os muçulmanos para destruírem as suas videiras e tamareiras. Os inimigos quando viram isso do topo do castelo, pediram ao Profeta, em nome de Deus e das relações uterinas, para parar essa destruição. Então o Profeta; em resposta, disse: “Paro em nome de Deus e das relações uterinas”. A seguir o Profeta mandou anunciar que todos aqueles que abandonassem a fortaleza e descessem estariam seguros. Desceram cerca de vinte homens, que informaram que havia muito armamento e provisão na fortaleza e que os cercados suportariam o cerco muito mais longo.

Então, depois de quase um mês de cerco, quando o Profeta viu que se aquilo continuasse por muito tempo os crentes ficariam desanimados e a sua paciência esgotar-se-ia, e como estavam a aproximar-se os meses sagrados, nos quais a guerra é proibida, ele pediu a Nawfal Bin Muawiyah a sua opinião. Nawfal respondeu: “A raposa já entrou no buraco, se o esforço continuar será presa (capturada) e se for deixada também não há perigo nenhum, porque não te prejudicará”. Assim, o Profeta achando desnecessária a conquista de Taif nessa altura, ordenou os muçulmanos para levantarem o cerco, a fim de ir atender a assuntos mais importantes que o esperavam em Makkah e Madinah, e anunciou que depois de acabarem os meses sagrados ele retomaria a guerra contra os habitantes de Taif, se eles não se submetessem. E, assim, os muçulmanos regressaram de “Taif” para Makkah. Durante o regresso os crentes sugeriram ao Profeta para orar a Deus contra os habitantes de Taif. O Profeta em vez de orar contra eles orou a Deus a favor deles, dizendo:

*Ó Deus, guia aos Saqifas e traga-os submissos.*

O benefício consequente desse cerco foi as tribos adjacentes a Taif submeterem-se ao islamismo livremente.

## **DISTRIBUIÇÃO DO DESPOJO**

Depois de levantar o cerco de Taif, o profeta regressou com os muçulmanos a “Jairrana”, local onde tinha deixado o despojo todo. Eram seis mil prisioneiros, 24.000 camelos, 40.000 cabritos, 4.000 moedas de prata. O Profeta separou um quinto do despojo destinado ao tesouro público e para os pobres e necessitados, que mais tarde servia para ajudar os muçulmanos, e o resto dis-

tribuiu entre os combatentes. Enquanto os muçulmanos ainda se encontravam neste local, chegou uma delegação de Hawazin, tribo de Halima Saadiya ama do Profeta, chefiada por Zuhair Bin Saad, que disse ao Profeta: “Ó Profeta, entre os teus prisioneiros estão as irmãs das tuas amas e tuas tias. Quanto aos homens cativos, eles foram teus companheiros de infância, são quase da tua raça. Neste grande infortúnio que nos esmagou, suplicamos-te em nome de Deus (a clemência). Se pelos mesmos motivos fôssemos forçados a suplicar Al-Haris Ibn Abi Shammar ou Numan Ibn Al-Mundhir (nomes de chefes árabes), decerto que eles teriam misericórdia de nós. Tu és o melhor de entre as crianças do peito! (de quem podemos esperar mais a clemência).”

O Profeta, quando ouviu o rogo deles, disse-lhes: “Eu tinha esperado que os familiares dos prisioneiros viessem para eu lhes falar a respeito dos cativos, mas ninguém apareceu. Vós preferis as vossas famílias ou os vossos bens?”. Em resposta disseram: “Nossas famílias”. O Profeta disse: “No que me diz respeito e aos filhos de Abdul Muttalib, estamos prontos a renunciar a parte que os prisioneiros nos coube, por isso devolvemos-vos, mas há outros a serem convencidos. Portanto, depois da oração do meio dia (Dhuhr), levantai no meio dos oradores na mesquita e suplicai: “Apelamos a todos os muçulmanos, em nome do Mensageiro de Deus e ao Mensageiro de Deus e em nome de todos os muçulmanos para a devolução dos nossos familiares”. Os emissários fizeram o que o Profeta mandara e então o Profeta renunciou logo ao seu quinhão e ao dos filhos de Abdul Muttalib de cativos perante os muçulmanos. Os Muhajerin e Ansar também seguiram o exemplo do Profeta e disseram: “Tudo o que é nosso, pertence automaticamente ao Mensageiro de Deus, portanto, renunciamos ao nosso quinhão também”.

Houve alguns árabes que recusaram renunciar ao seu quinhão, mas o Profeta conseguiu o consentimento deles ao prometer-lhes o sêxtuplo do que perdiam, na campanha seguinte. Assim, todos os cativos de Hawazin, no total de seis mil, foram libertados sem pagarem qualquer resgate.

Eles ficaram tão satisfeitos com a generosidade do Profeta, que a tribo inteira converteu-se ao islamismo, em massa.

O Profeta depois falou com Hawazin a respeito de Malik Bin Auf, que continuava fechado em Taif, e enviou uma mensagem para ele, oferecendo-lhe a restituição de todos os seus bens, capturados como despojo em Hunain e, em adição, mais cem camelos, se ele se comprometesse a abraçar o Islam. Malik foi imediatamente a Madinah e tornou-se muçulmano, recuperando os seus bens e recebendo mais em adição, que o Profeta lhe deu da quinta parte do despojo

reservado para ele. Nesta sua deslocação, Malik levou consigo muitas das tribos confederadas, a fim de formarem sob a bandeira do Profeta, e foi imediatamente convertido em chefe dos Hawazin crentes, quando provou a sua sinceridade na fé. Era a melhor maneira de eliminar a resistência dos habitantes de Taif.

## A GENEROSIDADE DE MUHAMMAD

O Profeta, depois de separar a quinta parte do despojo (para o tesouro público), não reservou nada para ele, distribuindo a maior parte daquilo aos recentes muçulmanos, que até agora conspiravam para matá-lo, para conquistar os seus corações, nomeadamente Al-Muallafati Qulobohum, etc.

Os chefes Qurayshitas de Makkah, recém-convertidos, que mais tarde tomaram-se em figuras históricas do Islam, como Muawiya Bin Sufiyan e outros, foram os mais beneficiados com as ofertas. Certos nômades, ao verem o Profeta dar generosamente aos novos muçulmanos pensaram que se isso continuasse assim restaria pouco para eles. Uns até levaram o manto do Profeta, pensando que fizesse parte do despojo; então o Profeta convocou a todos e disse: “Ó gentes, devolvi-me o meu manto! Por Deus, se o vosso gado fosse tão numeroso como as árvores de Tihama (mesmo assim), eu dividiria tudo isso entre vós com absoluta justiça, sem avareza, temor (covardia) ou decepção!»

Depois levantou-se e arrancou um pelo do camelo e disse: «Ó gentes! Por Deus, nenhuma parte do vosso despojo, nem um fio do cabelo virá para mim fora do meu quinhão legítimo (a quinta parte), e mesmo este quinto, empregarei para o vosso bem!»

O Profeta pediu a todos para devolverem o que tinham levado, para ele redistribuir devidamente a cada um, e disse: «Qualquer homem que tenha levado injustamente algo, mesmo que seja mesquinho, será culpado duma vergonha eterna e: provará o fogo do inferno». Então todos aqueles que tinham levado algo devolveram-no. O Profeta começou depois a distribuição dos despojos. Assim, como já se disse, ele beneficiou mais aos recém-convertidos, e aos Ansar, deu a porção normal, originando murmúrios entre eles. Uns disseram: «Vejam como ele dá generosamente as dádivas aos Qurayshitas, enquanto nós, que lhe fomos leais através de todos os perigos, nada mais recebemos que o nosso quinhão». Outros disseram: «É espantoso, dá aos Qurayshitas e priva-nos, enquanto as gotas de sangue dos Qurayshitas ainda estão a cair das nossas espadas!» Outros ainda disseram: «Na dificuldade lembra-se de nós, mas os despojos vão para os outros!» Saad Bin Ubadah informou ao Profeta sobre estes murmúrios. Então o Profeta convocou os Ansar, excluindo todos os outros. Quando eles che-

garam, o Profeta disse: «O Ansar, que conversa é essa que chegou aos meus-ouvidos? E o que é isso que vós achais nos vossos íntimos?». O Profeta prosseguiu o seu discurso, dizendo: «Não é verdade que quando eu vim para junto de vós, vós estáveis em erro (desviados) e Deus vos guiou através de mim? Não éreis vós pobres e Deus enriqueceu-vos através de mim? Não éreis vós inimigos uns dos outros e Deus criou harmonia nos vossos corações através de mim?» A cada interrogação do Profeta, os Ansar respondiam da seguinte forma: «Sem dúvida, o favor de Deus e do Seu Mensageiro é enorme sobre nós!»

O Profeta disse-lhes: «Não! Vós poderíeis ter-me dito em resposta o seguinte: «Quando todos te desmentiram, nós confirmamos a tua profecia, quando todos te abandonaram, nós demos-te refúgio, quando tu eras necessitado, nós ajudamos-te», e eu vou confirmando a vossa resposta, ó assembleia de Ansar: Os Qurayshitas são recentes no Islam, eu dei-lhes coisas mundanas para conquistar os seus corações (não por eles terem mais direito), ó Ansar; como é que permite nos vossos corações o (mínimo) sentimento de afeição sobre riquezas passageiras deste mundo com que eu dotei a certas pessoas para fortificar a sua fé vacilante, enquanto eu sei que vocês são inabaláveis na fé? Ó assembleia de Ansar, não gostais que eles voltem para casa com carneiros e vós volteis com o Mensageiro de Deus entre vós? Juro por Aquele em cujas mãos está a alma de Muhammad que se a minha emigração não fosse uma ordem imposta divinamente eu seria um membro de entre os Ansar e se os homens escolhessem um caminho (direção) e os Ansar escolhessem outro, eu escolheria o caminho dos Ansar. O Deus, seja compassivo para com os Ansar, com os seus filhos e os filhos dos seus filhos.

Não encontramos palavras para expressarmos o estado dos Ansar, e até por imaginação é difícil. Eles choraram tanto ao escutarem as palavras do Profeta, que até as suas barbas molharam-se com lágrimas. Eles não tinham palavras para expressarem a gratidão por estas palavras do Profeta e no fim exclamaram: «Estamos contentes com a nossa porção e com o Profeta conosco. Que bela é a nossa porção!» A seguir o Profeta afastou-se do local e eles dispersaram-se, alegres.

Nunca tanto despojo tinha aparecido perante os muçulmanos; mesmo assim, o Profeta demonstrou que não tinha interesse pessoal nele. Distribuiu e utilizou tudo isso na conquista dos corações de muçulmanos recentes. O Profeta com estas palavras demonstrou que o valor real da vida está no amor e não na riqueza. Quem tem o amor da sua gente tem algo mais do que aquilo que a riqueza pode comprar. O Profeta era muito amado e querido pela sua «gente, e ele mostrou na prática como o provérbio «Amai o vosso inimigo» pode ser transformado em realidade. O Profeta permaneceu em Jairrana treze noites.

## **VISITA (UMRAH) A MAKKAH E NOMEAÇÃO DO PRIMEIRO GOVERNADOR**

O Profeta partiu de Jairrana rumo a Makkah com intenção da peregrinação menor (Umrah), Usou vestuário de peregrino a partir de Jairrana e chegou a Makkah à noite. Cumpriu os ritos de Umra e ao terminar partiu na mesma noite rumo a Madinah, depois de ter nomeado Utaba Bin Ussaid, um jovem de vinte e poucos anos, como governador de Makkah, e a Muaz Ibn Jabal como professor para ensinar os ensinamentos do Islam ao povo de Makkah.

Depois de se despedir da sua cidade natal, o Profeta, juntamente com a tropa islâmica, partiram de Makkah de retorno a Madinah. Prosseguiram a sua marcha seguros e tranquilos até que chegaram a Madinah no dia vinte e sete do mês de Dhu Al-Qi'dah, ano oito da Hégira. Nesse ano os muçulmanos fizeram a peregrinação maior (Hajj) e os idólatras também fizeram à sua maneira, sem interferências mútuas. Os idólatras tiveram, pela primeira vez, a oportunidade de verem de perto os atos rituais da peregrinação islâmica, do que eles gostaram e louvaram bastante.

Com a vitória do Islam em Hunain, sobre as tribos de Hawazin, que levaram consigo na ocasião todos os combatentes, as riquezas, familiares e tudo o que possuíam, quebrou a espinha dorsal dos idólatras, por isso podemos afirmar que a queda de Hawazin foi o fim das guerras árabes contra Muhammad. Agora só restavam grupinhos insignificantes, que embainharam as suas espadas quando lhes apareceu a força da verdade a brilhar. Ao fim de todas estas guerras, Muhammad ainda vivia na mesma pobreza em que ele as iniciara. O que ele tomou dos árabes com uma mão (esquerda) entregou-as com a outra (direita). Se ele fosse amante de riquezas mundanas, reservaria para si milhares de camelos e ovelhas do despojo; mas ele próprio dormia sobre esteira, passavam-se dias sem usar fogaço na sua casa, jejuando de dia e passando as noites a orar até os pés incharem-se; as suas esposas não tinham joias. De fato ele foi enviado como misericordioso para toda a humanidade e não como um tirano ou injusto, por isso temos pena daqueles que não conheceram Muhammad e hoje o chamam com nomes feios. Deus que os guie!

## **EFEITOS DA CONQUISTA DE MAKKAH**

Ibn Hisham, o conhecido historiador diz:

*“Os árabes estavam na expectativa a respeito do Islam. A origem da luta entre os Qurayshitas e o Mensageiro de Deus, baseava-se na Ideia de os Qurayshitas serem reconhecidos como seus líderes e guias, guardiões da casa e da mesquita*

*sagrada, e também eram descendentes de Abraão através de Ismael e foram os Qurayshitas que começaram a guerra contra o Profeta de Deus opondo-lhe”.*

*“Quando Makkah foi conquistada, os árabes chegaram à conclusão que não havia poder capaz de combater a Muhammad, e ainda porque ele era seu amigo e não inimigo”.*

Então, eles entraram na fé de Deus em massa, conforme diz Deus no Alcorão, cap. 10:

*“Quando te chegar o socorro de Deus e o triunfo, E vires entrar a gente, em massa, na religião de Deus, Celebra, então, os louvores do teu Senhor, e implora o Seu perdão, porque Ele é Remissório.”*

Imam Bukhari diz:

“Os árabes estavam à espera que os Qurayshitas entrassem no Islam. Era frequente ouvi-los dizer: “Deixai e ele (a Muhammad) com a sua gente (Qurayshitas); se ele os conquistar é porque é verdadeiro Profeta”. Por isso quando Makkah foi conquistada, todas as tribos apressaram-se na entrada ao Islam.

O Profeta, depois de regressar da conquista de Makkah, estava satisfeito, sabendo que as guerras na Arábia já haviam terminado. Enquanto no passado Muhammad é que tinha que enviar missionários para ensinar o Islam e emissários para fazer aliança, agora com a conquista de Makkah a situação mudou. Delegações após delegações, de fora, deslocavam-se a Madinah, por iniciativa própria, a fim de entrarem no Islam.

Agora, toda a península arábica já estava sob o controle do Islam e as pessoas já podiam movimentar-se de um lado para outro sem medo e em perfeita segurança.

Sobre as delegações vindas de fora para entrarem no Islam, faremos uma abordagem em pormenor num dos próximos capítulos, “Falecimento de Zaynab, filha do Profeta”.

## **OUTROS ACONTECIMENTOS DO ANO 8 DA HÉGIRA**

Zaynab tinha sido ferida por Al-Huwairis e Habbar, dois Qurayshitas, quando ela estava a emigrar para Madinah. Nunca mais se recuperou desse ferimento e desde então estava na cama doente e veio a falecer neste ano. Com o falecimento de Zaynab, o Profeta ficou somente com uma filha, a Fátima, porque as outras duas filhas, Umm Kulthum e Ruquia, faleceram antes. O Profeta ficou

extremamente triste com o falecimento de Zaynab, assim como a natureza dele de simpatizar-se com todos os outros doentes, feridos e consolar o destituído.

## **NASCIMENTO DE IBRAHIM (FILHO DO PROFETA)**

Logo após a perda, Muhammad foi consolado. Maria, sua esposa copta deu à luz um rapaz a quem Muhammad denominou por “Ibrahim”, em recordação do Patriarca dos árabes assim como do Islam (o Profeta Abraão).

O Profeta, que nunca teve consolação pela morte dos seus dois filhos enquanto menores - Al-Qasim e At-Tahir -, através de Khadija, agora com sessenta anos de idade e com nenhum filho vivo, quando Maria, graças a Deus, deu à luz a Ibrahim, o acontecimento trouxe para ele grande satisfação, de tal forma que não teve palavras para agradecer a Deus. Ele ofereceu um escravo como prenda a Abu Rafia por lhe ter anunciado a notícia do nascimento do filho.

No sétimo dia o cabelo todo do bebê foi raspado e enterrado. Dois carneiros foram sacrificados (Aqika) e ele distribuiu uma quantidade considerável de dinheiro em caridade aos pobres. Ibrahim foi entregue ao cuidado de Umm Burda, esposa de Al-Bara Ibn Aus. O Profeta tratou do leite e de todas as necessidades para a mãe.

Umm Burda levou o bebê para a aldeia de Banu Mazin, onde o Profeta ia frequentemente visitar a criança. O amor era tal que levantava-o e beijava-o. O Profeta costumava visitar a casa de Maria todos os dias e ficava lá por um tempo longo. A estima e afeição do Profeta para o rapaz recém-nascido e para com a sua mãe provocou a inveja de outras esposas que não tinham filhos, originando um grande problema entre Muhammad e suas esposas. O Alcorão relata esta na Surat «At-Tahrim», A satisfação do Profeta era natural, pois após todos seus filhos menores e filhas já crescidas e casadas terem morrido uns após outros, exceto Fátima (única que faleceu depois do Profeta) e enterrados pelas mãos do Profeta, agora ter um filho com idade avançada trazia-lhe outra esperança.

Mas a promessa e esperança que Ibrahim representou não durou muito. Passados alguns meses ele adoeceu gravemente e foi transportado para uma quinta de tamareiras perto de Mashrabat Umm Ibrahim, onde a sua mãe e sua tia tomavam conta dele. Quando o seu estado de saúde piorou, e tornou-se patente que ele não viveria muito, o Profeta foi chamado. O Profeta ficou de tal forma chocado com essa notícia, que até os seus joelhos já não tinham força. Ele pediu a Abdul-Rahman Bin Auf para auxiliar, agarrando a sua mão. O Profeta quando chegou lá, dirigiu-se imediatamente ao local onde estava o filho, no ber-

ço da mãe, nas suas últimas respirações. O Profeta tomou o bebê com o coração a palpitar e colocou-o com a mão tremida no seu berço. O seu coração começou a tremer e a despedaçar-se por esta nova tragédia e a sua face revelava a dor que lhe passava no íntimo.

Com tristeza e com os olhos cheios de lágrimas a caírem, ele disse para o seu filho: «Ó Ibrahim, contra o julgamento de Deus não podemos ser úteis para ti em nenhuma coisa», e a seguir calou-se. A criança foi-se rendendo à morte, depois de alguns momentos, com lágrimas nos olhos, o Profeta disse: «Ó Ibrahim, se a verdade não fosse certa, que os últimos de entre nós juntar-se-ão aos primeiros, nós faríamos luto por ti muito mais do que aquilo que estamos a fazer agora». Depois da morte de Ibrahim, ele disse: «Meu coração está triste, meus olhos enchem-se de lágrimas, mas não proferiremos nenhuma exclamação que desagrade o nosso Senhor. De fato, ó Ibrahim, estamos tristes pela tua separação de nós, mas pertencemos todos a Deus, de quem vivemos e para O qual devemos voltar!»

Vendo a tristeza do Profeta e as suas lágrimas e recordando-se que no caso de luto o próprio Profeta proibira todas as lamentações, destruição de vestuário, laceração de faces, etc., Abdul-Rahman Bin Auf disse ao Profeta: “Tu também, ó Mensageiro de Deus?”. O Profeta respondeu: “As lágrimas surgem por compaixão, elas não são proibidas. Proíbo-vos de gritar e maldizer-vos, de bater nos vossos rostos e rasgar vossas roupas, que são protestações inspiradas pelos malvados contra os decretos da providência de Deus. Sabei que quem não sente compaixão para com o outro também não receberá compaixão”.

Ibrahim só viveu dezessete meses e segundo outras versões foram dezoito meses. Umm Burdah lavou o pequeno cadáver de Ibrahim em preparação para o enterro, e depois foi levado para o cemitério de “Baqi”, pelo Profeta, seu tio Al-Abbas e por vários muçulmanos, onde, após a oração fúnebre dirigida pelo Profeta, foi posto na campa para o descanso eterno. Logo, ao taparem a campa, viram repentinamente a lívida tinta a envolvê-los e espalhando-se por todos os lados, o azulado do céu transformou-se na cor de chumbo. O brilho do sol enfraqueceu; era o eclipse do sol. Muitos ao verem o fenômeno coincidir com a morte de Ibrahim, pensaram que fosse um milagre e um sinal celeste de luto pela morte de Ibrahim, e começaram a dizer: “O sol eclipsou pela morte de Ibrahim em tristeza e luto”. O Profeta, que estava a lutar contra a sua tristeza, não quis aproveitar a consolação através desses boatos e nem quis ficar calado deixando as pessoas acreditar que o que acontecera fora um milagre. Se ele fosse um Profeta falso que explora a ignorância dos outros para a sua grandeza, de certo que o faria, mas logo que ele ouviu isso convocou a todos e proclamou firmemente:

“Não! Não é assim! O sol e a lua estão entre as maravilhas criadas por Deus. Eles não eclipsam pela morte de ninguém nem pelo nascimento de alguém. Quando verificardes o eclipse recordai-vos de Deus e voltai para ele em oração”.

De fato Muhammad foi um grande homem e deixou grandes exemplos para outros seguirem. Até naquele momento de grande tragédia pessoal não se descontrolou e manteve a presença da sua mente fria, e consciente da sua mensagem. A seguir, o Profeta fez, juntamente com todos, a oração de eclipse em congregação, chamado no termo de jurisprudência islâmica “Salatul-Kusuf”, que se tornou numa tradição nestas ocasiões de eclipse do sol.

## NONO ANO DA HÉGIRA

O Profeta dá opção às suas esposas.

O Profeta passou toda a sua vida longe do luxo e com o mínimo de alimentação e às vezes até com fome. Em toda a sua vida nunca teve duas refeições seguidas e completas. Mas por outro lado as suas esposas não eram inspiradas. Elas estavam sujeitas aos mesmos sentimentos que outras mulheres têm normalmente; por isso as esposas do Profeta eram mais delicadas, pois ainda apreciavam as belezas e o luxo. Apesar do convívio com o Mensageiro de Deus torná-las distintas, o instinto humano normal não ficou eliminado, porque elas pertenciam a famílias distintas nobres e criadas no luxo. Por exemplo, Umm Habiba era filha do chefe dos Qurayshitas (Abu Sufiyan); Juwayriyah era filha do grande chefe de Khaybar; Aisha era filha de Abu Bakr; e Hafsa era filha de Omar. Por isso, agora que o Profeta tinha gasto mais dinheiro e tempo com a sua esposa Maria depois de ela dar à luz um rapaz, elas não queriam ser privadas desse privilégio, especialmente agora que o país islâmico já se tinha tornado rico em abundância de despojo. Elas achavam que uma percentagem mínima disso já serviria para lhes proporcionar um sossego e relevo relativo na vida. Além disso, à base do instinto humano, existia entre elas a rivalidade e cada uma desejava sobressair mais que as outras no amor ao Profeta; não para prejudicar as outras mas para aproximar o Profeta para o seu lado. Por exemplo, numa ocasião, o Profeta permaneceu durante alguns momentos mais do que o normal, junto a Zaynab, isto porque a Zaynab havia arranjado mel de algum sítio e servira-o a ele.

O Profeta apreciava muito o mel. Ele tomou-o e permaneceu assim junto dela mais do que o normal. Aisha ficou com ciúmes e disse a Hafsa: “Quando o Profeta vier às nossas casas devemos dizer-lhe que a sua boca cheirava a “Ma-

ghafir” (exsudação de pequeno arbusto). O Profeta, por natureza, era muito sensível, não suportava o mais pequeno incômodo de cheiros. Ele fez o juramento que não tomaria mais o mel, e então Deus logo revelou o seguinte capítulo:

*“Ó profeta, por que te absténs daquilo que Deus te concedeu, procurando, com isso, agradar as tuas esposas, quando sabes que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo? Deus vos permitiu a expiação dos vossos juramentos, porque é vosso Protetor e é o Sapiente, o Prudentíssimo.” (66:1 e 2)*

O que levou o Profeta a desfazer o seu juramento. Foi nesse dia em que o Profeta segredou algo à Hafsa, que só Deus sabe o que era, e pediu-lhe para não dizer a ninguém. Porém, Hafsa disse posteriormente a Aisha e assim causou problema. Os comentadores tentam especular essa coisa, mas esses comentários não são revelações divinas. Só podemos supor que era qualquer coisa em relação a outra esposa do Profeta. Foi nessa altura que Deus revelou:

*“Quando o Profeta confidenciou um segredo a uma das suas esposas (Hafsa), ela o revelou (a outra), e Deus informou-o disso; ele, então, confirmou uma parte disso, escondendo a outra. Mais, quando ele contou, ela perguntou: Quem te anunciou isso? Disse: Anunciou-me o Onisciente, o Sapientíssimo.” (66:3)*

A perturbação foi aumentando e então Aisha e Hafsa combinaram entre elas o sentido de pressionarem em conjunto para alcançarem o objetivo. Foi nessa altura que Deus revelou:

*“Se vós, ambas, voltardes arrependidas a Deus, os vossos corações inclinar-se-ão para isso; porém, se confabulardes contra ele, sabeis que Deus é o seu Protetor, bem como Gabriel, os virtuosos, dentre os fiéis e os anjos serão os (seus) socorredores.” (66:4)*

O que Aisha e Hafsa estavam a pressionar era um assunto particular delas, mas além disso havia outro assunto que causou conflito entre o Profeta e suas esposas, originando destas, pressões sobre ele. Exigiam a extensão e o aumento das provisões e mais dinheiro para as despesas da casa. Como o Profeta não podia aceitar o pedido delas, ficou tão comovido com essas exigências que decidiu não se encontrar mais com elas durante um mês. Coincidiu que nesse período o Profeta caiu do cavalo e feriu-se na perna; então se isolou no piso de cima da sua casa, colocando o seu empregado chamado “Rabah” na porta e recusou falar com qualquer pessoa a respeito delas. As pessoas, ao verem o Profeta sozinho, julgaram que ele havia se divorciado de todas as suas esposas, o que não era verdade. O Profeta não podia perder o seu tempo precioso naquelas

disputas familiares. Durante esse mês, a sua mente estava absorvida pela sua missão e pela necessidade de levar a mensagem do Islam para além da península arábica. Ele fazia a sua oração e descansava sobre uma cama feita com fios de esteira, que deixava sinais no seu corpo pela dureza daquele material.

O Profeta, com este período de separação, quis dar tempo às esposas para repensarem nas suas exigências e para o ciúme abrandar, mas em todos os lados de Madinah já corria o boato de que o Profeta se divorciara das suas mulheres.

Os muçulmanos ficaram muito preocupados com esta situação. Foi como se Madinah tivesse sido invadida pelos romanos. Omar Ibn Al-Khattab, dizia: «Antes do islamismo nós não tínhamos qualquer consideração pelas nossas mulheres, só quando Deus revelou a respeito delas e o direito delas é que começamos a ter consideração por elas. Certo dia repreendi a minha mulher sobre um assunto, e então ela em troca respondeu-me, exaltando-se; eu estranhando, perguntei-lhe: “Estás-me a responder exaltando”? Ela respondeu: “Estou admirada contigo, ó filho de Khattab! Tu não gostas de ser respondido enquanto a tua própria filha (Hafsa) critica e responde a seu marido (o Profeta Muhammad) e o faz tão fortemente que o Profeta fica aflito e incomodado o dia todo”. Ao ouvir isso, eu levei o meu manto e fui diretamente ter com a minha filha Hafsa, esposa do Profeta, e perguntei-lhe: «Ó minha filha! É verdade que tu argumentas com o Profeta e o criticas tão fortemente que ele fica aflito e incomodado durante o dia todo?» Hafsa confessou, dizendo: «Sim! Eu e as outras suas esposas costumamos criticá-lo». Então, eu lhe disse: «Receio para ti a vingança de Deus e a ira do Seu Mensageiro, ó minha filha! Não te deixes enganar por aquela mulher que se tornou muito vaidosa por causa da sua beleza e pelo amor de Muhammad para com ela». A seguir saí e fui ter com Umm Salma, e perguntei-lhe a mesma coisa. Umm Salma respondeu: «Ó filho de Khattab, tu és mesmo admirável! Queres interferir em tudo, até nos assuntos particulares entre o Profeta e suas esposas!» Eu fiquei envergonhado, sai dali e fui-me embora. Passavam algumas horas da noite e eu já estava dentro de casa. De repente o meu vizinho veio e começou a bater à minha porta com muita força. Eu, assustado, abri a porta e perguntei-lhe: «O que é que se passa? Será que os romanos invadiram Madinah?» Ele respondeu: «Não, mas algo mais importante do que isso. Sabes que o

Profeta já se divorciou das suas esposas?» Na manhã seguinte eu fui a Madinah e fiz a oração da manhã (Al-Fajr) com o Profeta, depois das orações o Profeta foi-se embora para o piso de cima e isolou-se lá. Eu sai, fui ter com Hafsa e a vi

sentada a chorar. Disse-lhe: «Viste? Eu já te tinha advertido antes». Depois sai e fui para a mesquita, e lá vi os crentes junto ao minbar, aflitos. Juntei-me a eles, mas como não me sentia tranquilo, sai; fui para o lado do piso de cima e pedi ao Rabah para me deixar entrar. Rabah foi perguntar ao Profeta se podia autorizar, mas o Profeta nada respondeu. Quando Rabah voltou estava calado, como sinal de que o Profeta não está disposto a encontrar-se com ninguém. Depois de algum tempo pedi nova autorização, mas o Profeta voltou a não responder; então, falei em voz alta, na expectativa de o Profeta ouvir-me e autorizar-me a entrada, dizendo: “Ó Rabah, peça autorização ao Profeta para eu vê-lo. Talvez o Profeta pensa que eu vim interceder a favor da minha filha Hafsa, mas não, por Deus! Se o Profeta me ordenar cortar o pescoço dela, estou pronto para executar isso sem qualquer hesitação”.

Então o Profeta permitiu-lhe a entrada. Omar entrou e quando viu o Profeta deitado sobre uma cama feita com fios de esteira e o seu corpo cheio de sinais desses fios e à sua volta apenas tinha uma mão cheia de cevada, uma pele e pouca água, começou a chorar, de compaixão pela isolamento do Profeta, num quarto totalmente vazio.

O Profeta perguntou-lhe: «Porque é que estás a chorar?» Ele respondeu: «O César e o Cosroe estão a gozar a vida e tu, um Mensageiro de Deus, estás a passar assim?» O Profeta respondeu-lhe: «Não queres que eles gozem o prazer deste mundo e nós o do outro?» Ao mesmo tempo deu-lhe uma lição importante segundo a qual é preciso renunciar os prazeres do mundo para adquirir a paz interior. A seguir,

Omar perguntou ao Profeta, se de fato ele se tinha divorciado das suas esposas. «Se isso é verdade, tens ao teu lado Deus, Seus Anjos, Gabriel e Miguel, Abu Bakr e eu (Omar) e todos os muçulmanos». O Profeta respondeu: «Não! Não me divorciei delas. Apenas quis dar-lhes uma lição». Omar na satisfação, exclamou: «Allahu Akbar», e imediatamente disse ao Profeta: «Todos os crentes estão aflitos, sentados na mesquita. Se me permitires, posso informá-los que o boato que por aí corre acerca do seu divórcio com as suas esposas é falso». O Profeta autorizou-o e assim ele foi e informou aos crentes ali presentes. O período de «Ila», que é um mês, já tinha terminado. O Profeta também desceu, e foi nessa altura que foram revelados os seguintes versículos:

*Ó Profeta, dize a tuas esposas: Se ambicionardes a vida terrena e as suas ostentações, vinde! Prover-vos-ei e dar-vos-ei a liberdade, da melhor forma*

*possível. Outrossim, se preferirdes Deus, Seu Mensageiro e morada eterna, certamente Deus destinará, para as benfeitoras, dentre vós, uma magnífica recompensa. (33:28 e 29)*

À luz desta revelação, Deus ordenou ao Profeta para dar opção às suas esposas e pôr à frente delas este mundo e o outro. Todavia, todas elas arrependeram-se reconhecendo o seu erro, recuperaram o bom senso e escolheram ao Profeta e o outro mundo. Com esta revelação pôs-se termo, de boa forma, ao assunto, e o Profeta continuou a conviver com elas normalmente, recuperando a paz necessária para conseguir cumprir a sua missão.

Era um assunto puramente particular entre o Profeta e suas esposas. Portanto, as pessoas de fora não tinham direito nenhum de interferirem no assunto. Porém, os hipócritas de Madinah não deixavam escapar qualquer oportunidade para assim criarem confusão no seio dos muçulmanos e perturbar a paz interna do Profeta, de modo a não conseguir tranquilamente cumprir a sua missão. Por isso Deus ameaçou-os fortemente, dizendo:

*Se vós, ambas, voltardes arrependidas a Deus, os vossos corações inclinar-se-ão para isso; porém, se confabulardes contra ele, sabeis que Deus é o seu Protetor, bem como Gabriel, os virtuosos, dentre os fiéis e os anjos serão os (seus) socorredores. (66:4)*

Porque aparentemente, não é lógico, só por causa de duas de suas mulheres (Haísa e Aisha) Deus, Gabriel e todos os crentes estarem contra elas. Já anteriormente os hipócritas haviam especulado a respeito de Aisha, acusando-a, mas Deus, através da revelação, esclareceu tudo e o Profeta tranquilizou-se.

Aqui, como a confusão foi originada pela Hafsa e Aisha, os hipócritas queriam explorar o assunto ao máximo para envolverem os seus pais - Omar e Abu Bukr -, mas eles não sabiam que Abu Bukr e Omar eram daqueles que podiam sacrificar as suas filhas em benefício do Profeta. E por isso que Omar disse: “Se o Profeta me ordenar, cortarei o pescoço da minha filha Hafsa sem hesitação”.

Os inimigos orientalistas desenvolveram muito este tópico, relatando passagens totalmente falsas sobre a relação do Profeta e Maria mãe de Ibrahim e com isso tentaram manchar a personalidade de Muhammad. Mesmo alguns historiadores muçulmanos caíram na teia dessas narrações falsas, inconcebíveis para uma personalidade reconhecida como a de Muhammad. Essas narrações sobre Maria são tão falsas que nem merecem ser mencionadas.

## CAMPANHA DE TABUK, RAJAB

- Ano 9 da Hégira (630 d.C.) -

Tabuk é um local muito conhecido, a meio caminho entre Madinah e Damasco.

A batalha de Mu'tah, contra os romanos, chamou a atenção do Imperador Heráclios e o império romano passou a conhecer o valor dos combatentes muçulmanos pela causa de Deus. Ao verem o crescimento gradual do Islam, o ódio deles ia aumentando e sentiam o perigo crescer, porque toda a Arábia já estava sob a bandeira do islamismo; por isso eles ocuparam-se na preparação de uma tropa terrível para esmagar os muçulmanos e invadir a Arábia toda. Como a Síria era longe de Madinah e não era fácil obter informação com rapidez, e Muhammad não podia arriscar esperando e vendo o seu país ser invadido, a sua inabalável confiança na proteção divina inspirou-o com tal temeridade que ele resolveu ser o primeiro a chegar ao campo de batalha. Era verão do ano 630 d.C.; o tempo não era favorável. Arábia tinha sido afetada por uma longa seca e em consequência os rebanhos estavam bastante reduzidos em número por falta de pastagem. Uma fome horrível lançou toda a região em desolação e o calor tórrido do verão destruiu toda a energia. A colheita do ano anterior tinha sido um fracasso e a seguinte não apresentava boas perspectivas. Só os oásis de saborosas frutas regadas por poços inesgotáveis prometiam colheita em abundância. Aproximava-se também a colheita de tâmaras. As notícias da invasão romana chegavam a Madinah persistentemente. O Profeta quis travar essa grande tropa logo na fronteira, e foi precisamente quando os crentes estavam quase a colher o pouco que havia naquele magro ano que o Profeta emitiu a ordem de marcha, enviando convocações a todos os seus seguidores e aliados para se prepararem contra aquela invasão romana, juntando-se a ele em Madinah. Em geral, o Profeta, nas expedições anteriores, mantinha a sua intenção secreta para surpreender o inimigo, mas desta vez o Profeta revelou a sua intenção, por o local ser distante e o inimigo forte, de forma a que os homens já fossem preparados mental, física e materialmente. Infelizmente era época de fome, seca e calor ardente. Era uma tarefa extremamente difícil, sair das suas casas nestas circunstâncias. Os muçulmanos tinham que carregar água e provisão, contudo, não colocaram objeção nenhuma, aceitando com inteiro agrado as ordens de marcha do Profeta. Provas e testes duros deste tipo distinguiam com facilidade os crentes sinceros dos hipócritas, pois estes quando foram convidados igualmente para participarem, recusaram-se e desmobilizaram os outros dizendo: «Não saiam para a guerra neste calor!» Então Deus disse ao Profeta para responder:

***“Dize-lhes: O fogo do inferno é mais ardente ainda! Se o compreendessem...!”***  
**(9:81)**

Os hipócritas já estavam acertados com os romanos, simpatizando-se com eles. Costumavam reunir-se diariamente em casa dum judeu chamado Suwailim, para discutir as suas conspirações contra os muçulmanos e as suas simpatias com os invasores romanos.

Doze hipócritas construíram conjuntamente uma mesquita exclusiva para eles, para nela se juntarem e debaterem todo o tipo de conspirações contra os muçulmanos. A mesquita passou a servir de base para as conspirações contra os muçulmanos. Os hipócritas, quando viram que os muçulmanos estavam determinados na sua marcha para travarem os invasores logo na fronteira, impedindo-os de entrar na Arábia - mas os hipócritas como estavam a favor dos invasores e queriam que Madinah fosse invadida -, lançaram a partir dessa mesquita campanhas para desanimar os muçulmanos, falando-lhes sobre o calor, a distância da viagem e suas dificuldades, a seca, a colheita que se aproximava etc., desaconselhando-os para em seguida serem surpreendidos pelos romanos.

O tesouro público, por causa do magro ano, estava debilitado. O Profeta, depois de ordenar a marcha, necessitava de donativos para sustentar a tropa islâmica e para adquirir armamento, por isso abriu uma subscrição geral. Cada muçulmano, de acordo com a sua capacidade financeira, foi doando generosamente.

Uthman Bin Affan, que estava quase a enviar a sua caravana comercial à Síria, cancelou o seu envio e doou dez mil dinares, incluindo provisão para dez mil soldados, trezentos camelos e cinquenta cavalos. O Profeta orou por ele, dizendo: «Ó Deus, eu estou satisfeito com Uthman, portanto fica Tu também satisfeito com ele!»

Abu Bakr doou generosamente a sua riqueza total, que perfazia quatro mil dinares. O Profeta perguntou-lhe: «Deixaste algo para a tua família?» Abu Bakr respondeu: «Deixei para eles Deus e seu Mensageiro». Omar Ibn Al-Khattab doou metade da sua riqueza total, e assim, cada um de entre os crentes foram doando o que estava ao seu alcance. As mulheres enviaram as suas mais preciosas joias, contribuindo para a campanha, tentando assim minimizar as dificuldades. Mesmo com essas enormes dificuldades, o entusiasmo entre os muçulmanos era tão grande que alguns dos muçulmanos pobres quando foram ter com o Profeta pedindo a montada para eles também participarem na campanha e ele respondeu dizendo que não tinha, eles regressaram decepcionados, com os

olhos cheios de lágrimas por não possuírem algo que pudessem gastar na causa de Deus. Foi a respeito deles que estes versículos foram revelados:

*“Estão isentos: os inválidos, os enfermos, os baldos de recursos, sempre que sejam sinceros para com Deus e Seu mensageiro. Não há motivo de queixa contra os que fazem o bem, e Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo. Assim como forma considerada (isentos) aqueles que se apresentaram a ti, pedindo que lhes arranjasses montaria, e lhes disseste: Não tenho nenhuma para proporcionar-vos; voltaram com os olhos transbordantes de lágrimas, por pena de não poderem contribuir.” (9:91 e 92)*

Os hipócritas não doaram nada para esta subscrição. O capítulo “At-Tawbah”, a partir do versículo 73 até ao fim, fala sobre esta expedição.

O Profeta sempre que saia de Madinah designava um governador para o substituir durante a sua ausência.

Desta vez, nomeou Muhammad Ibn Maslamah, como governador; e ao contrário doutras campanhas e expedições, nesta o Profeta não levou consigo nenhuma das suas esposas, e, por isso, havia necessidade de um parente próximo tomar conta da família do Profeta durante a sua ausência. Assim, o Profeta nomeou para este cargo Ali Ibn Abi Talib, mas este só após grande relutância aceitou a incumbência, habituado que estava a acompanhar sempre o Profeta e partilhar de todos os seus perigos. O Profeta já tinha à disposição entre trinta a quarenta mil combatentes, um número desconhecido até àquela altura na Arábia. A tropa toda ficou estacionada no corredor de “Saniyatu-Wida”. Os hipócritas quando viram a exaltação dos crentes, foram igualmente integrar-se no grupo, um pouco à retaguarda do principal corpo do exército muçulmano, sob a liderança do seu chefe Abdallah Ibn Ubai, para fingirem que também iriam acompanhar os muçulmanos nessa campanha. Quando a tropa avançou e desapareceu atrás do corredor de “Saniyatul-Wida”, os embusteiros iam desaparecendo um após outro, regressando a Madinah. Os hipócritas quando voltaram para Madinah começaram a falar sobre Ali, a que Muhammad deixara em Madinah para segundo eles livrarem-se de um empecilho. Ali ouviu isso, e não gostou. Armou-se, saiu de Madinah e foi ter com o Profeta e perguntou-lhe se era verdade o que os hipócritas diziam. O Profeta respondeu: “Eles mentem! Eles pertencem ao partido dos hipócritas e duvidosos que fomentam a sedição em Madinah. Deixei-te lá para seres guardião das nossas famílias. Não queres que sejam para mim o que foi Aarão (Harun) para Moisés? À exceção de não poderes ser como ele: Um Profeta, isto porque sou o último Profeta.” Com esta réplica, Ali voltou satisfeito para Madinah, Todavia isso não afetou nada aos muçulmanos;

era precisamente para ver se com as suas campanhas conseguiriam desanimar e fazer desertar os muçulmanos da campanha. Eles comentavam na presença dos crentes, da seguinte forma: “Vós pensais que esta guerra contra os romanos (Banul Asfar) é uma brincadeira de crianças, como foi contra os filhos morenos de Ismael? Vós chegareis lá cansados e fatigados pelo calor e viagem longa, e depois tereis que enfrentar os soldados nazarenos, encaixados na armadura. Isso não é fácil, por Deus! Até parece que já os vejo todos acorrentados!» Falaram muitas outras coisas escarnecendo, para desanimar e impopularizar de modo geral a campanha. Esses argumentos podiam ser lógicos para os crentes se não fosse um sacrifício pela causa de Deus, mas para os que têm fé e já se entregaram totalmente a Deus, isso ou mais que isso não os atemoriza. Quando o Profeta soube do que os hipócritas falavam, enviou Aromar Ibn Yassir para os interrogar e eles em resposta disseram: *«Estávamos apenas falando e gracejando. (9:65)*

Outros grupos pediam ao Profeta para os dispensar da marcha, dizendo: “Autoriza-nos e não nos ponha na tentação, porque nós não nos sentimos seguros com a beleza das mulheres dos romanos (ficamos atraídos)”. Assim, cada grupo apresentava as suas desculpas para serem dispensados, e o Profeta dispensava-os. Então, Deus através da revelação, repreendeu ao Profeta nos seguintes versículos:

*“Deus te indultou! Por que os dispensaste da luta, antes que se pudesse distinguir entre os sinceros e os mentirosos?” (9:43)*

A seguir, no mesmo capítulo, Deus diz:

*“Só aqueles que não creem em Deus, nem no Dia do Juízo Final, cujos corações estão em dúvida e, em sua dúvida, vacilam. Se tivessem decidido ir, ter-se-iam preparado para isso; porém, Deus era contrário a que partissem, e os desanimou; foi-lhes dito: Ficai com os omissos.” (9:45 e 46)*

E depois, para tranquilizar os muçulmanos, disse:

*“E se tivessem marchado convosco, não teriam feito mais do que confundir-vos e suscitar dissensões em vossas fileiras, incitando-vos à rebelião. Entre vós há quem os escuta. Porém, Deus bem conhece os iníquos.” (9:47)*

Ficaram igualmente em Madinah quatro muçulmanos verdadeiros e sinceros, nomeadamente: O poeta Kaab Bin Malik, Hilal Bin Umayia, Mirara Bin Rabi e Abu Khaisama. Este último (Abu Khaisama), arrependeu-se ao entrar no seu jardim cercado de muralhas, na parte mais quente do dia, aí, entre palmeiras e

videiras entrelaçadas com cachos de uvas estendidas, em sombras frondosas, com as suas belas mulheres (duas esposas) a servirem- lhe refeição saborosa e água fresca, sob a agradável sombra, exclamou: “Neste instante o Profeta de Deus expõe-se aos ventos e aos calores do deserto; enquanto Khaisama está nesta sombra fresca, com água fresca ao lado de suas formosas esposas! Não! Isso não pode ser!” Depois, olhando para as suas mulheres, e quando cada uma delas esperava ser escolhida, disse: «Por Deus, não entrarei no pavilhão de nenhuma de vós. Eu vou juntar-me ao Profeta, por isso preparai rapidamente a minha provisão para a viagem!» As mulheres obedeceram-no e soltando o seu camelo prepararam a água, a espada, lança e escudo, e sem olhar para trás deixou a sombra fresca, água fresca, a beleza e rapidamente montou no seu camelo a fim de juntar-se aos muçulmanos em Tabuk, A tropa islâmica foi marchando pela causa de Deus num calor ardente após exaustiva marcha de sete dias, penetrava no distrito montanhoso de «Al-Hijr» (Madian, Saleh), terra da tribo de Thamud, onde foi enviado o Profeta Saleh e rejeitado por eles- As suas casas eram escavadas nas montanhas, conforme relata o Alcorão, e até hoje existem os seus vestígios. Como era um local onde caiu a ira e o tormento de Deus, quando a tropa islâmica lá chegou, o Profeta cobriu a sua face com o ângulo do seu manto, para evitar olhar esses vestígios de impiedade. Ele fechou a sua boca e o nariz, não querendo respirar o ar impuro que emanava das ruínas, e acelerou o seu camelo para sair dali o mais rápido possível, receando que a irresistível curiosidade podia dirigir os soldados do Islam ao desvio. Ele exortou-os da seguinte forma: «Se entrardes nestas cavernas de ímpios, fazei-o invocando o perdão de Deus, com lágrimas nos vossos olhos, pensando no triste destino deles, e para os vossos corações encherem-se de temor para com Deus».

Aí, em Al-Hijr, como era um local desolado e a tempestade de areia era muito vulgar, o Profeta proibiu os crentes de saírem fora do acampamento até ao deserto sozinhos. Porém, dois homens desobedeceram, em consequência, um deles desapareceu carregado pelos ventos e outro foi enterrado vivo na areia. Era um local onde no passado viveram homens poderosos na sediciosa vida de orgulho e libertinagem, e agora nesse local reinava um silêncio fúnebre: - Onde foram parar? E um assunto de reflexão do homem. Os crentes também aceleraram, seguindo o exemplo do seu líder inspirado; um pouco mais adiante, os crentes estavam sedentos devido ao forte calor e fadiga da viagem através do deserto. Apareceu-lhes o poço conhecido dos Thamuditas, onde a camela milagrosa costumava beber. Os muçulmanos, quando viram o poço, apressaram-se para chegarem lá e fazerem uso da água. O Profeta ao vê-los impacientes disse-lhes: «Cuidado com água manchada por impiedade. Não a utilizeis para beber, nem para ablução, nem para cozinhar a vossa comida. Quem já a utilizou para

preparar o feno, que dê esse feno aos seus camelos». Para pôr fim a todas as tentações, ele ordenou que a marcha fosse reiniciada sem qualquer demora. Os muçulmanos obedeceram às suas ordens e prosseguiram, apesar da sede que os atormentava. Logo a seguir Deus enviou para eles chuva abundante do céu, que os **refrescou e revigorou os animais, e assim o exército islâmico saiu são e salvo dessa região amaldiçoada, chegando sem mais contratempos a Tabuk, pequena cidade dos confins do império romano. Na altura era um local sem edifícios, mas o Profeta predisse a Mu'adh Ibn Jabal: «Em breve se viveres, verás que este local ficará cheio de jardins», e isso aconteceu.**

## **OS MUÇULMANOS EM TABUK**

Os romanos tinham seus espiões infiltrados em toda a Arábia e estes já tinham enviado informações sobre a marcha do Profeta. Por isso, depois dos romanos receberem informações, o Heráclios, que reconhecia que Muhammad era um verdadeiro Profeta e por isso não queria entrar em embate com ele, por saber das consequências que isso poderia originar, mandou retirar toda a sua tropa para o interior do país deixando o campo livre. Os muçulmanos acamparam em Tabuk permanecendo vinte dias nas imediações de uma fonte que estava quase seca, de tal forma que, após o enchimento de um pequeno vaso para o Profeta, nem uma gota de água ficou na fonte. Mitigada a sua sede, o Profeta fez as suas abluções, e derramou o resto dentro da fonte, de onde brotou suficiente para satisfazer a todos os homens e ao gado. Como o objetivo do Profeta era defender a Arábia e assegurar as suas fronteiras e não de invadir a Síria, não encetou qualquer perseguição aos romanos. Pelo contrário, ele percorreu toda a zona fronteiriça convidando a todos para fazerem amizade e paz com ele. Houve alguns chefes que responderam positivamente, mas houve outros que se recusaram e queriam continuar hostis a Muhammad. Um dos chefes que aceitaram o convite à paz foi o Yuhanna (João) Ibn Ruhba, príncipe de Eila (alguns historiadores afirmam que é nessa cidade que os seus habitantes judeus foram transformados em porcos e macacos por terem cometido transgressões num sábado. Os pormenores encontram-se no Alcorão), cidade cristã das proximidades do mar vermelho, perto do golfo de Aqaba. Ele foi pessoalmente, carregando uma cruz dourada, e presenteou oferendas ao Profeta, mas não se converteu ao islamismo, aceitando, porém, pagar um tributo anual de três mil dinares (Coroas de ouro). Igual procedimento tiveram os habitantes de Al-Jarba e Adhroh.

Todos eles concordaram pagar “Jizyah”, e o Profeta deu-lhes um tratado de paz com o seguinte teor: “Em nome de Deus, o compassivo e misericordioso. Isto é uma convenção de segurança da parte de Deus e Muhammad, Profeta e Mensageiro de Deus, para Yuhanna (João) e os habitantes de Eila. Os seus

navios e seus transportes na terra e no mar estarão seguros sob a garantia de Deus e de Muhammad o Profeta, assim como aos que estão com ele dentre os habitantes da Síria, Iêmen e os homens do mar (além-mar). Quem dentre eles cometer crime, será responsável por isso na sua própria pessoa e será legítimo para Muhammad confiscar os seus bens. Não é permitido a ninguém impedi-los de utilizar qualquer local de água que eles frequentam ou qualquer estrada que eles desejam utilizar, seja isso na terra ou no mar”.

O Profeta depois de selar o documento, trocou com Yuhanna as prendas oferecendo-lhe o seu próprio manto, e em troca Yuhanna ofereceu-lhe ouro, uma mula branca e outros objetos como símbolo de submissão.

A seguir, chegaram os habitantes de Jarba, que também concordaram pagar tributos anuais permanecendo sob a proteção de Muhammad. Para estes também, o Profeta mandou escrever uma convenção semelhante à primeira.

A seguir a este, vieram os habitantes da Adhroh, que também concordaram pagar o tributo e estar sob a proteção de Muhammad. Igualmente para estes o Profeta mandou escrever o documento de paz semelhante. Assim o Profeta recebeu a submissão de muitos outros chefes árabes, que se apressaram a ir ter com ele para prestar a sua submissão. Vinham não só de perto mas também de regiões distantes como de Sinai e outras partes da Síria.

Somente o orgulhoso príncipe de Daumatul-Jandal, uma zona nos subúrbios de “Nefud” (deserto de areia vermelha) perto de Tabuk, chamado Ukaidar Bin Abdul-Malík da tribo Banu Kinda, cristão, que residia num castelo próximo de uma montanha, no meio de seus domínios, recusou a submissão. Pelo contrário, deu indícios de rebelião. E tinha planos de atacar os muçulmanos logo que a tropa romana regressasse. Então, o Profeta Muhammad, sem perder tempo, enviou Khalid Bin Walid com uma tropa de quinhentos cavaleiros e disse-lhe de antemão: “Encontrarás Ukaidar a caçar asno selvagem. Prende-o e traze-o até aqui”. Khalid Bin Walid saiu com seus companheiros e depois de percorrerem a distância toda, chegaram na manhã seguinte junto ao castelo de Ukaidar.

Nesse dia, a lua brilhante iluminava a noite em plena época de verão.

Ukaidar juntamente com a sua esposa deliciavam-se com o ar fresco, no terraço do castelo e subitamente ela viu um asno selvagem saindo do mato em direção ao castelo. A esposa de Ukaidar estranhando, chamou a atenção do seu marido.

Ukaidar, um perito caçador, preparou imediatamente o seu cavalo e lança e saiu para caçar o animal, acompanhado de seu irmão Hassan. Estes encetaram uma perseguição ao asno selvagem e ainda não tinham avançado muito, quando foram surpreendidos por Khalid Bin Walid, que juntamente com os seus companheiros cercaram-nos. Ukaidar e seu irmão ainda opuseram muita resistência, mas Hassan foi morto e Ukaidar foi aprisionado. Khalid mandou tirar a bela túnica de seda que Ukaidar vestia na ocasião e enviou-a com um cavaleiro para o Profeta. A seguir levou Ukaidar vivo perante o Profeta, em Madinah. O Profeta porém perdoou a Ukaidar e libertou-o. Em consequência ele aceitou submeter-se e a pagar o tributo. Logo que regressou ao seu castelo, enviou 2.000 camelos, 800 cavalos, 400 lanças e 400 armaduras para o Profeta, como sinal de submissão.

Em troca obtive o documento de paz, e foi mantido no poder do seu povo.

Depois de receber submissões de todos os chefes ao longo da fronteira com a Síria, o Profeta consultou os seus companheiros, e todos acharam que não havia necessidade de permanecer no local à espera da tropa romana.

Só com esta campanha do Profeta, Heráclios e suas tropas já estavam atemorizados. Se tivessem coragem iriam ao encontro dos muçulmanos. Assim, após uma permanência de quase vinte dias em Tabuk o Profeta levantou acampamento e reconduziu os crentes a Madinah chegando lá nos primeiros dias do mês de Ramadan, antes de Khalid regressar da sua missão contra Ukaidar.

## **O PROFETA MANDA QUEIMAR MASJID “DHARAR”**

O objetivo dos hipócritas era criar a separação e desunião entre os muçulmanos. Com efeito, há longo tempo vinha a ser preparado um plano nesse sentido, concretizando-se através da construção de uma mesquita próxima de Quba. Tal fato originaria uma rivalidade entre mesquitas e o pretexto desta construção era o de servir os fracos, doentes ou os que por qualquer motivo não pudessem deslocar-se à mesquita do Profeta. Contudo, a mesquita “Dharar” só podia ser aprovada após o Profeta orar nela, o que implicou a solicitação por parte dos hipócritas ao Profeta, na véspera da sua ida a Tabuk, para ir orar nela.

O Profeta perguntou-lhes: “Qual o motivo da construção dessa mesquita?” Eles responderam, jurando que a intenção deles era boa, o objetivo da construção era servir os doentes e fracos. O Profeta disse-lhes: “Eu agora vou para uma missão, quando regressar virei orar nessa mesquita”. Estando o Profeta de

regresso e ao aproximar-se dessa mesquita, Deus, através da revelação, informou-o da má intenção dos hipócritas na construção dessa mesquita e proibiu-o de ir orar nela.

*Mas aqueles que erigiram uma mesquita em prejuízo dos fiéis, para difundirem entre eles a maldade, a incredulidade e a discórdia, e apoiarem aqueles que anteriormente combateram Deus e Seu Mensageiro, juraram: Não pretendíamos com isso senão o bem. Porém, Deus é Testemunha de que são mentirosos. (9:107)*

Daí o Profeta ter enviado Malik Bin Wakhsham e Maan Bin Adi, além de outros seus companheiros para queimar essa mesquita, de forma a não ser utilizada contra o Islam, apagando assim o seu vestígio.

Na campanha de Tabuk o Profeta passou cerca de dois meses fora de Madinah.

O regresso a Madinah, assim como todos os seus atos, caracterizavam-se pela simplicidade e ausência de ostentação. Ao aproximar-se da cidade toda a população, até as senhoras, vieram ao encontro do Profeta, para prestarem as boas-vindas, e ele parava para cumprimentá-los.

Após o regresso, era nítida a vergonha sentida pelos hipócritas, por não terem acompanhado e participado na campanha com o Profeta. O Profeta, como era hábito, quando regressava de qualquer lugar, primeiro ia à mesquita, fazendo-o também desta vez.

Os hipócritas, que ascendiam a oitenta, foram apresentar-lhe pretextos falsos, jurando, para convencer o Profeta, e assim justificarem a sua ausência. O Profeta ouvia, mas não os reprimia, pois deixava o assunto ao critério de Deus, o conhecedor do oculto, para os julgar. Com igual objetivo chegaram também os três muçulmanos sinceros, anteriormente citados, que não acompanharam o Profeta por desleixo. Trata-se de Kaab Bin Malik Al-Khazraji, Mirarah Bin Al-Rabi e Hilaal Bin Umaiya, pertencendo estes dois últimos à tribo Aus. Quando Kaab chegou perante o Profeta (Kaab presenciou todas as batalhas anteriores com o Profeta) este lançou-lhe um sorriso falso (aborrecido) e perguntou-lhe:

- O que é que te impediu de participar na campanha?

Kaab respondeu: «Ó Mensageiro de Deus! Se eu estivesse perante outra pessoa safava-me com pretextos falsos, pois possuo por dádiva bom poder de argumentação. Porém, sei que se te disser agora alguma coisa falsa, para te agra-

dar, certamente incorrerei na ira de Deus, mas se te falar a verdade, tu ficarás zangado, mas nisso espero o perdão de Deus. Por Deus, confesso que não tenho justificação alguma em não ter participado na campanha».

Então o Profeta disse:

- Quanto a este, falou a verdade, portanto levanta-te e vai, até Deus julgar sobre ti.

Os outros dois também disseram a mesma coisa que Kaab disse. O Profeta disse-lhes também para esperarem pelo julgamento de Deus a respeito deles.

O Profeta proibiu os muçulmanos de falarem com estes três, sendo esta ordem obedecida. Depois, o Profeta ordenou às suas mulheres também para se afastarem deles. Somente foi permitido à esposa de Hilal Bin Umaiya conviver com ele, por se tratar de um homem muito velho e não ter qualquer servente. E assim ficaram isolados até que, quando a terra com toda a sua vastidão lhes pareceu pequena e as suas próprias almas lhes pareceram estreitas, chegaram à conclusão que não havia mais refúgio contra Deus senão em Deus. E assim Ele manifestou-lhes clemência para que se arrependessem. Eles arrependeram-se de tal forma, chorando para serem reintegrados na comunidade muçulmana, que quase morriam de tristeza.

Quando foram perdoados através da revelação, o Profeta enviou um homem para lhes comunicar a boa nova e o grande favor de Deus. Os homens foram em massa para felicitá-los daquele perdão de Deus. Quando Kaab entrou na mesquita, o Profeta encontrou-o com satisfação e disse-lhe:

- Boa nova para ti, ó Kaab, pelo melhor dia que atravessas desde que a tua mãe te deu à luz.

Kaab respondeu:

- Boa nova da tua parte ou da parte de Deus, ó Mensageiro de Deus?

O Profeta respondeu:

- Não! Da parte de Deus!

Kaab disse:

- A perfeição do meu perdão é eu entregar a minha riqueza toda em cari-

dade, procurando agradar a Deus e Seu Mensageiro (porque o desleixo surgiu do seu entretenimento com a riqueza).

O Profeta disse-lhe:

- Guarda alguma riqueza tua, não a entregues toda. Isso será melhor para ti.

O relato da sua própria situação feito por Kaab Bin Malik, enquanto excomungado, é um quadro vivo da influência do Profeta Muhammad no espírito dos fiéis, a forte fé dos seus companheiros. Declarou Kaab que todos o avistavam, ou o tratavam com modos especiais. Seus dois companheiros de infortúnio não saíam de casa e ficavam a chorar dia e noite.

Ele porém saiu, de lugar em lugar, como era [ovam, mas ninguém falava com ele, nem o saudava e nem respondiam à sua saudação. Ia à mesquita, sentava-se perto do Profeta e saudava-o mas o seu cumprimento não era correspondido. «Todos pareciam estranhos», dizia ele: «Eu fiquei extremamente preocupado porque se morresse naquela situação o Profeta não faria a oração por mim» (Salatul-Janaza) e se o Profeta morresse naquela situação eu seria rejeitado pelos muçulmanos para o resto da vida.

No quadragésimo primeiro dia veio a ordem do Profeta para que me separasse da minha mulher. Eu perguntei: É ordem para me divorciar? O portador da mensagem do Profeta respondeu-me: «Não! Só para te separares dela. Igual ordem foi dada aos outros meus dois companheiros. Então eu disse à minha mulher: Vai-te embora para a casa da tua mãe, e fica lá até Deus enviar outra ordem. Nesses dias, apareceu um enviado de Ghasan, chefe árabe, cristão da Síria, com uma carta dirigida para mim num lenço de seda, cujo conteúdo era: «Nós soube-mos que o teu profeta te marginalizou. Sendo tu um homem nobre, se preferires vir para aqui, serás bem acolhido e apoiar-te-emos». Quando li essa carta logo concluí ser mais um teste e um exame da parte de Deus, por isso peguei na carta e meti-a no fogo (queimei-a).

E assim, passaram-se cinquenta dias sempre naquela situação. No quinquagésimo dia apareceu um mensageiro, depois da oração da manhã, quando ele estava sentado no terraço, em voz alta noticiava-lhe a boa nova do perdão. Kaab diz, quando ouviu essa voz, prostrou-se logo em adoração, e com imensa satisfação e alegria começou a chorar. Todos se precipitaram para felicitá-los. Kaab foi à mesquita no fim da oração e disse ao Profeta: «O Mensageiro de Deus. Deus salvou-me por eu ter falado a verdade, por isso prometo que enquanto estiver vivo nunca falarei mentira».

A campanha de Tabuk foi a última que o Profeta conduziu; permaneceu, em seguida, em Madinah, satisfeito com o apoio que Deus lhe deu. Após todos aqueles sacrifícios o nome e a palavra de Deus já se tinham tornado supremo em toda a península. As suas fronteiras também já estavam seguras e as pessoas já estavam ingressando em massa no Islam.

## MORTE DE ABDULLAH BIN UBAI

Abdullah Bin Ubai, o chefe dos hipócritas, não viveu muito após o regresso dos muçulmanos da campanha de Tabuk, adoecendo. Nesta situação, apesar do Profeta saber perfeitamente das astúcias que constantemente ele empregava contra a sua pessoa, visitou-o várias vezes, assistindo-o na hora da morte, que foi no mês de Dhu Al-Qi'da. Acompanhou-lhe o corpo até ao sepulcro, apesar da objeção de Omar. O Profeta orou por ele (Salatul-Janaza) e enterrou-o com as próprias mãos. Isto impressionou muito os restantes hipócritas e a partir daí a maior parte deles permaneceu em Madinah, aperfeiçoando o seu Islam e devotando-se totalmente ao Profeta. Mais tarde o Profeta foi proibido por Deus, através da revelação, de orar pelos hipócritas, assim como diz o Alcorão:

*“Se morrer algum deles, não ores jamais em sua intenção, nem te detenhas ante sua tumba. Eles renegaram Deus e o seu Mensageiro e morreram na depravação.” (9:84)*

## PROFETA NOMEIA ABU BAKR COMO SEU DEPUTADO PARA (SER AMIR) CHEFIAR O HAJJ

Desde que o Profeta emigrou de Makkah ainda não tinha cumprido o Hajj (peregrinação) e até aquela data o Hajj (peregrinação) – que era uma tradição desde o tempo de Abraão - continuava a ser cumprida pelos árabes, mas de forma deturpada. Portanto, o Profeta não podia ir a Makkah para o Hajj, misturar-se com os pagãos, daí a necessidade de primeiro purificar esses ritos da ignorância, depois de ele pessoalmente já ter purificado a Kaaba dos ídolos estacionados nela na altura da conquista. O Profeta nos finais do mês de Dhu Al-Qi'da, ano. 9 da Hégira, tendo noção da importância religiosa e política do Hajj, enviou Abu Bakr juntamente com trezentos muçulmanos a Makkah para ensinar às pessoas a maneira autêntica de cumprir o Hajj. Abu Bakr seguiu para Makkah, levando vinte e cinco camelos para sacrifício, vinte dos quais da parte do Profeta e cinco da sua parte. Após a partida de Abu Bakr, foi revelado ao Profeta o capítulo “At-Tawbah”, capítulo de grande importância no que respeita a peregrinação a Makkah. Esta surata proibiu todos aqueles que não eram muçulmanos de po-

rem os seus pés no território sagrado, a partir do ano seguinte. Esta proibição que mesmo hoje é aplicada rigorosamente, sendo os peregrinos no Islam salvaguardados contra espiões inimigos, e protegidos da indecente curiosidade dos estranhos (não muçulmanos). O Profeta enviou imediatamente Ali Bin Abu Talib num dos seus camelos a Makkah, para lá transmitir publicamente o revelado no dia de sacrifício. Este saiu e juntou-se à caravana de Abu Bakr, ainda no caminho em Zul-Hulaifa. Este perguntou-lhe: “Poste nomeado para chefiares?” Ali respondeu: “Não! Tu é que és o chefe, eu fui nomeado apenas para ler ao público a surata importante que foi revelada”.

Quando todos se juntaram em Mina no dia de sacrifício, Abu Bakr como deputado do Profeta no sermão explicou à multidão ali presente os ritos autênticos do Hajj. A seguir, Ali recitou para as pessoas quarenta versículos do capítulo “Al-Baraah” (At-Tawbahh) recém-revelado em que diz: “Daqui em diante nenhum idólatra - por estarem espiritualmente imundos - pode entrar na mesquita sagrada, que é o local puro, sem previamente renunciar à idolatria, sendo expressamente proibido circundar (Tawaf) a Kaaba nu, e são revogados todos os acordos com idólatras que não cumpriram e transgrediram os acordos, sendo-lhes concedido o prazo de quatro meses em que eles possam percorrer a terra e optarem por aquilo que acham. Foi anunciado o cumprimento do acordo da parte dos muçulmanos até o seu termo (prazo fixado) com os idólatras que não transgrediram o seu acordo e nem ajudaram a outros contra os muçulmanos, a libertação de Makkah e Ha] de todas as impurezas, obscenidades e todo o tipo de idolatria. Tabari, através de Sudi, narra que depois deste anúncio em geral os idólatras todos entraram no Islam livremente. Durante esta viagem de peregrinação, Abu Bakr é que servia de “Iman” e Ali fazia a oração atrás dele.

A partir desse dia, iniciou-se uma nova era na Arábia, e isto de fato foi um dos mais importantes eventos na história do Islam, Os muçulmanos conseguiram finalmente livrar-se da idolatria contra a qual já lutavam há muito tempo. Agora Makkah era centro de monoteísmo, e conseguiu-se reestabelecer a doutrina pura de Abraão, depois de muito sacrifício e guerras. Abu Bakr, Ali, Abu Huraira e outros muçulmanos regressaram a Madinah, que agora, além de ser capital do Islam era palco de concentração das delegações que chegavam, umas após outras, de todos os cantos da Arábia, para ingressarem no Islam com seu livre agrado, pois nenhum deles fora forçado a entrar no Islam.

Os árabes, que eram a raça mais atrasada da humanidade, além de serem indisciplinados, bárbaros, guerreiros, desunidos, nesta altura já se encontravam reunidos como irmãos, num só bloco, debaixo da bandeira islâmica e sob a orientação de Muhammad, inspirados por um só sentimento e fervor, tomando-se

como astros, que mais tarde (depois do falecimento do Profeta) cada um deles servia de guia e orientador para outros. Portanto o milagre surgiu.

Os inimigos do Islam que tentam manchar a personalidade elevada de Muhammad têm de saber que a vida pública e particular de Muhammad estava patente e exposta perante os seus amigos e inimigos. Se isso, o que agora os inimigos o acusam, fosse verdade, Muhammad nunca teria o êxito e sucesso que teve.

Os seus seguidores deram as suas vidas e suas riquezas para ele, punham a si próprios em perigo para salvá-lo, como foi o caso na batalha de Ohud e Hunain. Porque é que eles fizeram tudo isso? Até chegarem ao ponto máximo, de preferirem a ele acima dos seus próprios familiares próximos? Será que eles todos, aos milhares, eram ingênuos? Não! Eles fizeram isso porque sabiam que ele era verdadeiro, e por isso acreditavam nele absolutamente. De início, os que não o conheciam de perto foram guerreando contra ele, mas gradualmente se convenceram que ele era verdadeiro e afiliaram-se a ele até que chegou este dia.

Agora já havia segurança no país inteiro, mais oportunidade de comércio, daí o Zakat ser instituído nesse ano. O Profeta designava homens para irem receber o Zakat (At-Tabari), nomeando os seus representantes nas tribos para receberem o Zakat. Para os não muçulmanos foi definido o tributo (Jizya) anualmente.

A proibição de juro também veio neste ano e o Profeta tornou público isso na Hijjatul-Wida! (Na peregrinação da despedida).

O rei da Abissínia (atualmente Etiópia), abaixo do qual os muçulmanos viveram alguns anos em liberdade, morreu nesse ano, e o Profeta em Madinah juntou os crentes e orou por ele «Salatul-Janaza». Foi neste ano que faleceu Umm Kulthum, filha do Profeta e esposa de Uthman Bin Affan.

## **ANO DEZ** **- ANO DAS DELEGAÇÕES -**

Embora a vinda das delegações de todos os cantos da Arábia tenha tido início no ano nove, o ano dez é conhecido como o ano das deputações, deputações essas que se deslocavam em massa para entrarem livremente no Islam.

Devido à importância e aos ensinamentos que originavam estas deputações, vamos, em seguida, narrar acerca de algumas, as mais importantes.

## CONVERSAÇÃO DE URWAH BIN MASUD E A DELEGAÇÃO DE TAIIF

O leitor recorda que os homens de Taif eram os piores inimigos do Profeta. Mesmo antes de este emigrar, uma vez, quando se deslocou a Taif, foi muito mal acolhido, ‘apedrejado, até que os seus sapatos se encheram de sangue. Depois da emigração, após a batalha de Hunain, quando o Profeta cercou Taif, eles resistiram até ao fim; após o levantamento desse cerco, quando o Profeta voltou a Makkah e daí para Madinah, um dos chefes de Taif, chamado Urwah Bin Masúd, que estava no lêmen durante o cerco, regressando a Taif após o levantamento, quando soube do êxito alcançado pelo Profeta em Tabuk, veio diretamente a Madinah e encontrou-se com o Profeta. Antes de entrar em Madinah ainda no caminho abraçou o Islam e disse ao Profeta: “Permita-me que regresse e vá transmitir ao meu povo o Islam”. O Profeta respondeu-lhe: “O teu povo está a orgulhar-se que os muçulmanos não conseguiram conquistá-los, se tu os convidares ao Islam matar-te-ão, pois eles têm muito amor ao seu ídolo “Al-Lat”, o qual eles nunca aceitarão abandonar”. Urwah insistiu, dizendo: “Eu sou muito querido deles, e eles aceitam o que lhes digo. Espero que nunca me contrariarão”.

Por causa da insistência, o Profeta autorizou-o. Chegou a Taif e a partir dum local alto começou a convidar a sua gente para entrarem no islamismo. Os habitantes de Taif, ao ouvirem-no, começaram a chuva de setas contra ele, ferindo-o mortalmente. Quando ele estava a morrer, tendo a sua família em volta, disse-lhes: “Isto é uma honra que Deus me destinou e um martírio que Deus me fez provar da sua parte. Agora o meu único desejo é ser sepultado junto aos companheiros do Profeta, que se martirizaram durante o cerco de Taif”. Foi realizado o seu desejo.

Mas o sangue de Urwah não foi derramado em vão; a consciência dos habitantes de Taif já estava pesada, eles tinham noção de que mataram um chefe seu, inocente, e conforme a tradição têm de indenizar o sangue ou então enfrentarem a possível vingança da parte dos muçulmanos. Mas eles quando viram que o Profeta voltou de Tabuk com grande êxito, que até os romanos tiveram medo de enfrentá-lo, convenceram-se que não tinham força para guerrear Muhammad, Então, convocaram uma reunião e nela decidiram enviar um homem para conversar com o Profeta, nomeando para tal um chefe seu, Abul Yalil (este era um dos três irmãos que tinha desprezado a Muhammad quando foi a Taif antes da emigração para os convidar ao islamismo e tinha instigado a cidade toda contra ele).

Mas Abu Yalil recusou-se a ir sozinho com receio e disse que só o faria se

enviassem outros homens com ele. Então foram com ele cinco homens nobres, representantes de cada família. Quando chegaram perto de Madinah, Mughira Bin Chuba encontrou-se com eles e foi. Abu Bakr que levou as boas vindas deles para o Profeta. Como a deputação tinha a noção do mal que fizeram a Muhammad no passado e do assassinio de Urwa, não queriam ficar em casa de ninguém, com medo. O Profeta mandou colocar uma tenda especial para eles junto à mesquita, para aí eles ouvirem o Alcorão a ser recitado e observarem as pessoas a orarem.

Khalid Bin Said tomou o ato de negociar entre a delegação e o Profeta Muhammad. A delegação era tão cautelosa que, quando lhes era trazida a comida, não comiam, com receio, até o Khalid comer primeiro.

Os embaixadores concordaram entrar no Islam, mas argumentaram o perigo que haveria de chocar a população de Taif, se lhes pedisse de repente a renúncia à idolatria, sua velha religião. Em nome deles, pediram mais três anos para continuarem a adorar o grande ídolo deles, “Al-Laath». O Profeta negou esse pedido categoricamente. Pediram então ao menos um mês, para preparar o espírito do povo, o que foi igualmente recusado, uma vez que era incompatível a idolatria com a adoração de Deus único. Não há caminho intermediário entre acreditar em Deus e recusá-lo, isso é impossível.

Quando a delegação perdeu esperança de alcançar qualquer concessão nesse ponto, insistiram que, ao menos, os desculpassem da inobservância das orações diárias. O Profeta respondeu-lhes: «Não há virtude na fé sem oração». Enquanto eles vinham da sua tenda diariamente para negociar com o Profeta, deixavam Uthman Bin Abil-Aas, o mais novo de todos, na tenda. Quando os mais velhos membros da delegação regressavam após negociações, Uthman ia ter com o Profeta e aprendia o Alcorão. Às vezes quando este encontrava o Profeta a dormir ia ter com Abu Bakr, e continuou assim até que decorou muitas partes do Alcorão secretamente sem permitir aos seus companheiros saberem disso. Finalmente quando entraram no Islam incondicionalmente, pediram ao Profeta que nomeasse alguém para dirigir as orações para eles.

O Profeta nomeou a Uthman Bin Abil-Aas como seu líder, apesar de ele ser o mais jovem dentre todos eles, ao ver o seu interesse e vontade em aprender o Alcorão e o Islam. A delegação permaneceu em Madinah um mês, e nos últimos dias de Ramadan eles jejuaram com o Profeta. Quando a delegação estava de regresso o Profeta aconselhou a Uthman Ibn Abil-Aas: “Seja breve quando estiver dirigindo as orações, meça a sua duração conforme a força do mais fraco dentre eles, porque, fique sabendo que entre eles há velhos, jovens, fracos ou os que estão com pressa”.

A delegação regressou a Taif; o Profeta enviou Abu Sufiyan Bin Harb e Mu-ghirah Ibn Shu'ba com eles para destruírem o ídolo "Al-Laath". Os homens de Taif retificaram o acordo que a delegação deles fez com o Profeta. Abu Sufiyan e Mu-ghira Bin Choba, que eram antigos amigos de Banu Saqif, destruíram o ídolo, em seguida despojaram-no dos custosos vestido, ouro e pedras preciosas, de que o tinham coberto seus adoradores, tudo isto perante as mulheres Saqifitas que estavam a chorar e lamentar a sua destruição. Em seguida Al-Mughira tomou essas riquezas todas de "Al-Laath" e utilizou-as na amortização das dívidas de Urwah e Al-Aswad, Após a submissão dos Saqifitas de Taif - que são até hoje uma tribo poderosa de posse da mesma região fértil na vertente oriental da cordilheira de montanhas do Hijaz - todo o Hijaz estava sob o controle do Profeta, e doutras partes continuava a vinda das delegações para ingressarem no islamismo.

### **DELEGAÇÃO DE ADI, FILHO DE HATIM**

No mês de Rabiul-Awwal, ano nove da Hégira, o Profeta enviou Ali Bin Abi Talib numa expedição composta por cinquenta homens, para destruir o "Al-Fils", ídolo da tribo Taiy. Ali e os seus companheiros destruíram-no, queimando-o. Os seus adoradores prestaram resistência, combatendo contra. Ali, mas foram derrotados. Adi, príncipe da tribo de Taiy, quando viu as bandeiras islâmicas aproximarem-se da sua terra fugiu montado em camelo, juntamente com a sua esposa e filhos, para a Síria. Adi era filho de Hatim, este muito conhecido na Arábia por sua ilimitada generosidade, tanto que os árabes se tinham habituado a dizer "tão generoso quanto Hátim". Seu filho, Adi, era cristão e líder da sua tribo. Quando Ali regressou a Madinah com os cativos, estava também entre estes a irmã de Adi, cujo sobrenome era Saffana. Quando ela viu o Profeta disse-lhe: "Faz-me favor, ó Mensageiro de Deus?" O Profeta respondeu: "Sim, já te livre, mas não te precipites; quando houver alguma pessoa nobre e confiada enviar-te-ei com ela para a tua terra". Finalmente o Profeta enviou-a numa caravana que ia para a Síria, oferecendo-lhe roupa, provisão, camelo, etc. Ela agradeceu muito orando por ele; o bom tratamento que ela recebeu foi o motivo do seu irmão Adi Bin Hatim At-Taiy entrar no Islam. Quando a Saffana chegou à Síria, junto de seu irmão Adi, este perguntou à irmã sobre esse homem (Profeta). A irmã relatou com que generosidade foi tratada e elogiou muito o Profeta, dizendo: «Ele merece ser encontrado, ó irmão! A minha opinião é de rapidamente te juntares a ele». Ao ouvir isso, Adi e outros membros da sua tribo correram para Madinah em representação da sua gente. Chegou a Madinah e encontrou o Profeta na mesquita. O relato da entrevista que teve com o Profeta, apresenta impressionantemente o quadro das maneiras simples e do modo de vida do Profeta Muhammad, agora com tantas conquistas.

O Profeta perguntou-lhe o nome. Respondeu: «Adi». O Profeta convidou-o para sua casa; enquanto estavam a andar, no caminho, uma mulher velha e fraca fez parar o Profeta. Este parou e conversou com ela muito tempo. Pensei comigo: «Isto não é comportamento de um rei». Depois, continuaram até que chegaram a casa do Profeta e entraram. O Profeta ofereceu-lhe uma almofada de couro com folhas de palmeira, enquanto ele se sentava no chão nu. Ao ver isso Adi pensou no seu íntimo: Isto não é proceder principesco! (do Profeta).

A seguir disse-lhe três vezes: «Submete-te, terás paz e segurança!». Adi respondeu-lhe: «Tenho a minha religião». O Profeta disse-lhe: «Eu conheço mais a tua religião do que tu». Adi estranhando, perguntou: «Conheces mais a minha religião do que eu?» O Profeta respondeu: «Sim!», contando-lhe em seguida certas tradições árabes praticadas por eles que não tinham nada a ver com a religião de Cristo. Disse-lhe como exemplo: «Tu como príncipe tiras um quarto de saque do teu povo; é isto a doutrina cristã?»

A seguir disse-lhe: «O Adi, o que te impede a entrada no Islam? E o que vês: os muçulmanos são pobres e fracos: mas fique sabendo, por Deus, que em breve chegará o dia em que os crentes terão tanta riqueza que nem encontrarás alguém (dentre os crentes), que estará pronto a recebê-la».

Talvez te desanimes ao ver o reduzido número dos crentes em comparação com as hostes inimigas. Depois o Profeta perguntou-lhe: «Conheces Al-Hirah?» Adi respondeu: «Não vi esse local mas já ouvi a seu respeito». O Profeta então disse: «Por Deus! Ele aperfeiçoará esta religião até que verás uma muçulmana que viajará de Al-Hirah para a peregrinação a Makkah, sozinha, no seu camelo, sem temor!»

Talvez o que te impede de entrar no Islam é ao veres que os reis existem noutros povos. Por Deus, em breve escutarás que os castelos brancos da Babilônia foram conquistados por muçulmanos. Adi ficou muçulmano. Estava junto com ele Zaid, Al-Khail (Zaid dos cavalos). Depois de eles ficarem muçulmanos o Profeta mudou o nome dele e denominou-o Zaid Al-Khair (da virtude). O Profeta aconselhou-o e, finalmente, ele regressou para junto da sua gente. Viveu muito tempo e viu realizado tudo o que o Profeta lhe disse. (Portanto trata-se de mais um milagre do Profeta Muhammad).

## DELEGACAO DE NAJRAN

Najran é um local situado entre Makkah e Iêmen; era habitado por cristãos no tempo do Profeta Muhammad; havia lá uma igreja grande que consi-

deravam como a Kaaba deles, para onde peregrinavam. Quando o Profeta lhes enviou o convite de entrarem no Islam, eles enviaram os seus bispos e padres no total de sessenta, para conversarem com Muhammad. Chegaram a Madinah vestidos de copas (túnicas) e vestes de seda, usando anéis de ouro, trouxeram tapetes com figuras de seres vivos e vestes para oferecerem ao Profeta. Este aceitou as vestes mas recusou os tapetes. O Profeta acomodou-os na mesquita e permitiu-lhes que orassem nela à maneira deles. A hora da oração eles oraram à maneira deles dentro da mesquita, virados para Jerusalém. Tinham o seu bispo chamado Abu Harisa. Após a oração houve uma discussão franca entre o Profeta e a delegação. O Profeta convidou-os mais uma vez para entrarem no islamismo; eles recusaram dizendo: “Nós já somos submissos antes de vós”. O Profeta disse-lhes: “Três coisas impedem-vos de entrar no Islam”:

1 - A vossa adoração à cruz (amor máximo com a cruz);

2 - O vosso consumo de carne de porco;

3 - E a vossa fé que Deus tem filho.

Eles perguntaram a Muhammad quem é igual a Jesus que nasceu sem pai? Logo Deus revelou os seguintes versículos:

*“O exemplo de Jesus, ante Deus, é idêntico ao de Adão, que Ele criou do pó, então lhe disse: Seja! e foi. Esta é a verdade emanada do teu Senhor. Não sejas, pois, dos que (dela) duvidam.” (3:59 e 60)*

Como através da razão eles não ficaram convencidos, Deus para tornar patente para eles, provando que estavam em dúvida no caso de Jesus revelou o seguinte versículo:

*“Àqueles que discutem contigo a respeito dele, depois de te haver chegado o conhecimento, diz-lhes: Vinde! Convoquemos os nossos filhos e os vossos, e as nossas mulheres e as vossas, e nós mesmos; então, deprecaremos para que a maldição de Deus caia sobre os mentirosos. Esta é a puríssima verdade: não há mais divindade além de Deus e Deus é o Poderoso, o Prudentíssimo. Porém, se desdenharem, saibam que Deus bem conhece os corruptores. Diz-lhes: Ó adeptos do Livro, vinde, para chegarmos a um termo comum, entre nós e vós: Comprometamo-nos, formalmente, a não adorar senão a Deus, a não Lhe atribuir parceiros e a não nos tomarmos uns aos outros por senhores, em vez de Deus. Porém, caso se recusem, diz-lhes: Testemunhais que somos muçulmanos.” (3:61 até 64)*

Então o Profeta chamou-os para se juntarem e evocarem a maldição de Deus sobre os mentirosos (Mubalah). Inicialmente eles aceitaram, mas no dia seguinte quando o Profeta trouxe a sua família (Fátima, Hassan e Hussein) eles recusaram. Aceitaram pagar o tributo (Jiziyah) e foram honoravelmente despedidos no seu regresso para a terra. Antes da partida pediram ao Profeta para que enviasse com eles um homem confiado e honesto. O Profeta enviou a Abu Ubaidah Ibn Al-Jarrah, que depois foi conhecido por “Amin” desta comunidade.

### **DELEGAÇÃO DE BANU SAAD, CHEFIADA POR DHAMAM BIN SALABA**

Anas Bin Malik relata: Enquanto o Profeta estava sentado com os companheiros na mesquita, veio um nômade, parou o seu camelo junto à mesquita e, dirigindo-se para o local onde estavam todos sentados, perguntou: “Quem de vós é filho de Abdul Muttalib?” Indicaram-lhe e ele aproximou-se do Profeta, dizendo: “Vou-te perguntar certas coisas com rudeza, portanto não leves a mal (não te zanges)”. O Profeta disse-lhe: “Pergunta o que queres”. Ele disse: “Adjuro-te por Deus! Foi Deus quem te enviou como mensageiro para toda a humanidade?” O Profeta respondeu: “Sim!” Depois perguntou: “Adjuro-te por Deus, foi Deus quem te ordenou que nós orássemos cinco vezes obrigatoriamente em cada dia e noite?” “Sim!”, respondeu o Profeta. Ele prosseguiu: “Adjuro-te por Deus, foi Deus quem te ordenou para receberes a riqueza dos ricos dentre nós e a seguir dividi-la entre os pobres dentre nós?” “Sim!”, respondeu o Profeta. Ele continuou: “Adjuro-te por Deus, foi Deus quem te ordenou para jejuarmos um mês dentre os doze meses?” “Sim!”, respondeu o Profeta. Ele depois disse: “Adjuro-te por Deus, foi Deus quem te ordenou para que fosse à peregrinação à casa sagrada (Makkah) aquele que tem possibilidades de lá chegar?” “Sim!”, respondeu o Profeta. Por fim retorquiu: “Então eu creio e confirmo! Eu sou Dhamam Bin Salaba”. Quando regressou à sua gente, convidou a todos a entrarem no Islam e deixarem a idolatria. Todos aceitaram e tornaram-se muçulmanos.

### **DELEGAÇÃO DE KINDA**

A tribo Kinda vivia em Hadhramut, parte sul da Península Arábica. O seu líder era Ashas Bin Kaiss, muito respeitado e nobre entre a sua gente. Quando a delegação chegou perante o Profeta com oitenta cavaleiros, esconderam alguma coisa do Profeta e disseram: “Informa-nos o que é que nós escondemos de ti?” O Profeta disse: “Glorificado seja Deus! Isso é trabalho dos adivinhos e quem pratica essa profissão o seu lugar será o inferno. Eu fui enviado por Deus com a verdade, e Ele revelou-me o livro, que a falsidade não o pode atingir, venha

por diante dele ou por trás”. Eles disseram: “Faz-nos ouvir alguma parte dele”. O Profeta recitou os primeiros versículos do capítulo trigésimo sétimo. (As fileiras):

1 - Pelos (anjos) organizados em fileiras;

2 - Pelos que repelem violentamente;

3 - Pelos recitadores da mensagem (Alcorão);

4 - Na verdade o vosso Deus é único;

5 - O Senhor dos Céus e da Terra e do que existe entre ambos e é o Senhor dos levantados.

Depois do Profeta recitar estes versículos, calou-se. As lágrimas escorriam sob a sua barba. Os homens da delegação perguntaram: “Estamos a ver-te a chorar? Será que choras de medo daquele que te enviou?” O Profeta respondeu: “Sim! o medo que eu tenho por Ele faz com que eu chore. Ele enviou-me na senda reta como a ponta da espada e se me desviar arruinar-me-ei”. Depois recitou os seguintes versículos 87 do capítulo 17 (a viagem noturna):

*Se quiséssemos, poderíamos anular tudo quanto te temos inspirado, e não encontraríamos, então, defensor algum, ante Nós. Porém, (tal não foi anulado) por misericórdia de teu Senhor. Sua graça para contigo é imensa.*

A seguir o Profeta perguntou-lhes: “Ainda não vos submetestes?” Responderam: “Sim! já nos submetemos”. O Profeta perguntou-lhes: “Por quê então esta seda nos vossos pescoços?” (seda é proibida no Islam para o homem). Então eles tiraram, rasgaram e deitaram-na fora.

## DELEGAÇÃO DE BANU TAMIM

A história desta delegação mostra a importância da língua árabe na mente dos árabes. A delegação de Bani Tamim chegou a Madinah com os seus líderes, Atarad Bin Hajjib, Zuburqan Bin Badr, Amr Bin Ahtam e Uyaina Bin Hisn. Os leitores recordam que este último assaltou Madinah uma vez, levando o gado dos seus habitantes.

Depois de chegarem a Madinah esperaram pelo Profeta. Como o Profeta atrasou a sair da sua casa, gritavam com rudeza: “Ó Muhammad! Sai para fora, para competirmos na disputa verbal, porque o nosso louvor é belo, brilha ao louvado e a nossa censura (crítica) é má, mancha o criticado». O Profeta sentiu-se

incomodado com o grito deles, foi nessa altura que Deus revelou os versículos quatro e cinco do capítulo 49, Al-Hujurat (os Aposentos):

*Em verdade, a maioria daqueles que gritam (o teu nome), do lado de fora dos (teus) aposentos, é insensata. Mas, se aguardassem pacientemente, até que tu saíesses ao seu encontro, seria muito melhor para eles. Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.*

Era o meio-dia. Bilal fez o chamamento para a oração. O Profeta, quando chegou à mesquita para as orações, a delegação foi logo ter com ele, dizendo: “Somos homens da tribo Banu Tamim, viemos com os nossos poetas e oradores, para competirmos contigo na poesia e no discurso”. O Profeta respondeu-lhes no instante: “Não fui enviado com poemas e nem fui ordenado para orgulhar-me”. O Profeta fez a oração de Dhuhr (do meio dia) e a seguir a delegação de Banu Tamim sentou-se à volta dele. O orador deles, Atarad Bin Hajib começou a orgulhar-se falando deles e dos seus pais:

“Nós somos gratos a Deus, com o favor do qual somos possuidores da coroa, donos dos tesouros preciosos e (Deus) fez-nos ilustre entre as comunidades da parte oriental (*Sharq*) da Arábia. Hoje, quem é que nos pode rivalizar? Se existe algum reclamante, esse que conte méritos e qualidades iguais a que nós contamos para nós”.

O Profeta disse a Thabit Ibn Kais para responder; citamos alguma parte daquilo que ele disse:

“Todo o louvor pertence a Deus, quem criou os Céus e a Terra, deu-nos o reino, elegeu o melhor dentre a humanidade, o mais nobre de nascença, verdadeiro na palavra, excelente no procedimento e o escolhido dentre os mundos, por isso concedeu-lhe o livro (Alcorão). Os Muhajerin foram os primeiros a aceitar, a seguir fomos nós, os Ansar, a aceitar o chamamento”.

Enquanto eles só possuem coroas mundanas, Muhammad foi favorecido por Deus com a Sua revelação.

A seguir o poeta deles recitou alguns poemas; citamos parte deles:

*Nós somos os mais honoríficos dentre os nobres.*

*E não há tribo que possa rivalizar com a nossa grandeza.*

*Nascem entre nós os reis.*

*E nós somos os fundadores da igreja.*

O Profeta disse a Hassan, o poeta, para responder. Ele disse:

*Os nobres de Fihir (Quraysh)*

*E seus irmãos*

*Mostraram ao mundo o caminho*

*Em que todos andam.*

Hassan prova aqui que Quraysh é superior, porque até os homens de Banu Tamim foram forçados a vir a Madinah para seguirem os passos de Muhammad.

Finalmente eles convenceram-se, entraram no Islam e permaneceram algum tempo em Madinah a aprender o Alcorão e a religião, para depois ensinar à sua gente.

## **DELEGAÇÃO DE BANU ASAD**

Banu Asad eram aliados dos Qurayshitas contra o Profeta. Eles agora ficaram convencidos que a sua inimizade antiga contra Muhammad estava baseada na falsidade. Assim, de sua livre vontade, enviaram uma delegação para Madinah para confessar a sua fé perante o Profeta. Na delegação dentre outros estavam Dharar Bin Al-Azur e Tulayha Bin Aballah (que mais tarde reivindicou a profecia e foi eliminado). Estes quando entraram no Islam estavam a jactar-se, como se tivessem feito favor ao Profeta. Então Deus revelou o seguinte versículo:

*(Os beduínos) Dizem que te fizeram um favor por se terem tornado muçulmanos. Dize-lhes: não considereis a vossa conversão um favor para mim; outrossim, é a Deus que deveis o mérito de vos Ter encaminhado à fé, se sois verazes. (49:17)*

Depois o Profeta proibiu-lhes certas coisas que eles faziam na ignorância e permaneceram em Madinah aprendendo o Alcorão e os mandamentos do Islam, regressando em seguida para a sua zona.

## **DELEGAÇÃO DE ABDUL KAISS, DE BAHRAIN**

O Islam expandiu-se em Bahrain muito cedo, nos anos cinco da Hégira. Entretanto um dia o Profeta estava sentado na mesquita com os seus companheiros e predisse que daquele lado apareceria uma caravana para entrar no Is-

lam. Eles são os melhores dentre os orientais, ninguém os obrigou a entrarem no Islam e orou por eles. Entretanto apareceu a caravana de Abdul Kaiss. Quando eles viram o Profeta precipitaram-se todos ao seu encontro. O Profeta recebeu-os bem. Eles disseram ao Profeta: “Nós viemos de local distante (Golfo Pérsico) e entre nós e vós está situada a tribo Mudhar que é descrente. Portanto temos obstáculos em nos deslocarmos para aqui frequentemente. Só podemos vir nos meses sagrados em que a guerra é proibida. Ordenamos uma coisa decisiva». O Profeta disse-lhes: «Ordeno-vos a crença (fé) em Deus, sabeis o que é a crença (fé) em Deus? É testemunhardes que ninguém merece ser adorado exceto Deus e acreditardes que Muhammad é Mensageiro de Deus e estabelecerdes as orações diárias, dardes esmolas, jejuardes no mês de Ramadan e dardes a quinta parte do despojo». Esta gente estava habituada às bebidas alcoólicas. Os vasos em que eles costumavam beber chamavam de Dubba, Hantam, Naqir e Muzaflat. O Profeta disse para deixarem tudo isso; eles aceitaram e a seguir foram para a sua terra.

## DELEGAÇÃO DO BANU SAAD BIN HUDHAM

Numan, que fazia parte da delegação, relata: Nessa altura havia duas qualidades de pessoas na Arábia; uns tinham entrado no Islam de livre vontade e gosto, outros superficialmente. Chegamos à Madinah e fomos diretamente a mesquita. Vimos lá o Profeta a dirigir a oração de “Janaaza”, Ficamos de lado, não participando na oração, e pensamos depois da oração prestar a nossa submissão e juramento perante o Profeta. O Profeta quando olhou para nós chamou-nos e perguntou: “Quem sois vós?”

Respondemos: “Somos da tribo Saad Bin Hudhaim”. O Profeta perguntou: “Sois muçulmanos?”. Respondemos: “Sim!” O Profeta perguntou: “Por que é que vocês não oraram o “Janaaza” em favor do vosso irmão?” Respondemos: “Ó Mensageiro de Deus, nós julgamos que a oração não fosse válida até prestarmos juramento e submissão perante ti». O Profeta disse: «Onde quer que entreis no Islam, sois muçulmanos iguais aos outros» (não é condição para ser muçulmano ser perante o Profeta). A seguir, prestamos a nossa submissão e juramento perante o Profeta, e depois fomos para a nossa tenda (caravana). Tínhamos deixado na tenda um jovem, mais novo dentre nós todos, que nos servia. O Profeta quando soube dele disse: «Aquele que serve as pessoas é que é o líder deles». Orou pela bênção de Deus por ele. Numan diz que o efeito dessa oração do Profeta foi tal que esse jovem tornou-se no melhor dentre nós e o mais sábio na matéria do Alcorão. A seguir a delegação regressou para a sua terra.

## DELEGAÇÃO DE BANU KAAB

O Profeta tinha enviado a Khalid Bin Walid para Bani Abdul Madaan em Jajran (Iêmen) ensinar-lhes o Islam e o Alcorão. Todos eles entraram no Islam. Khalid permaneceu entre eles algum tempo e informou o Profeta sobre isso. Depois, os chefes dessa tribo, quando vieram a Madinah juntamente com algumas pessoas, o Profeta perguntou-lhes: “Qual era o segredo do vosso sucesso quando vós combatíeis os vossos inimigos na época da ignorância?” Eles responderam: “Nós combatíamos unidos, e não oprimíamos a ninguém”. O Profeta disse: “Isso é verdade (é o segredo do sucesso)”. A seguir o Profeta nomeou a Zaid Bin Hisn como líder deles.

## DELEGAÇÃO DE DAUS

Tufail Bin Amr, o chefe desta tribo (Daus) converteu-se em Makkah muito antes e depois foi pregar o Islam entre a sua gente. Todos eles converteram-se. No ano 7 depois da Hégira oitenta famílias desta tribo incluindo o famoso Abu Huraira emigraram para Madinah.

## DELEGAÇÃO DE TAJIB

Esta delegação de Tajib, clã da tribo Kinda, constituída por treze homens, vieram a Madinah encontrarem-se com o Profeta e trouxeram o Zakat obrigatório. O Profeta ficou muito satisfeito ao encontrar-se com eles e honrou-os. Disseram ao Profeta: “Nós trouxemos para junto de ti o Zakat que é devido às nossas riquezas”. O Profeta disse-lhes: “Levem-no de novo e o distribuam entre os pobres dentre vós”. Eles responderam: “Isto que trouxemos é o que restou depois de nós distribuímos entre os nossos pobres”. Abu Bakr que estava perto, disse: “O Mensageiro de Deus! Não nos chegou nenhuma delegação árabe igual a esta”. O Profeta disse: “A orientação está nas mãos de Deus, quando Ele desejar o bem para alguém, abre o peito dele, para a fé”.

A seguir eles perguntaram coisas sobre o Alcorão, o que aumentou o interesse do Profeta por eles. Depois, quando queriam regressar para junto das suas famílias, foi-lhes dito: “Por que essa pressa?” Responderam: “Para informá-los do encontro que tivemos com o Mensageiro de Deus”. Vieram e despediram-se do Profeta. Este autorizou-lhes o regresso oferecendo-lhes muitas coisas e perguntou-lhes: “Falta alguém pertencente à vossa caravana?”. Responderam: “Deixamos um jovem, que é mais novo dentre nós, na tenda”, O Profeta disse: “Mandem-no também para aqui”. Estes foram para as suas tendas e mandaram o jovem ir ter com o Profeta. O jovem veio e disse: “O Mensageiro de Deus, eu

pertenço ao grupo que agora esteve cá junto de ti, e tu realizaste os desejos deles. Realiza os meus desejos também”. O Profeta perguntou-lhe: “Qual é o teu desejo?” O rapaz respondeu: “Roga a Deus para perdoar os meus pecados, ter misericórdia de mim e criar a minha riqueza no meu coração”. O Profeta orou por ele a Deus, nomeadamente nas três coisas que ele desejava ter.

Além destas delegações mencionadas vieram muitas outras. Limitei-me a mencionar algumas delas para o leitor ter uma ideia mínima. O Profeta encontrava-se com todas essas delegações com. Cortesias e da melhor forma, honrando-as como era o seu hábito, embora houvesse de entre eles quem no passado fosse grande inimigo dele. Oferecia-lhes prendas, ensinava-lhes a fé e o Islam para depois ensinarem à sua gente, quando para lá regressassem.

Estas delegações serviam de ponte para expandir o Islam entre os nômades das aldeias.

## **O PROFETA MUHAMMAD TORNA-SE GOVERNADOR DA ARÁBIA POR CONSENSO UNIVERSAL**

Nunca houve na história do mundo alguém que tivesse sido aceito universalmente como governador dum país, tal como o foi Muhammad. Nesses dois anos, “nove e dez” da Hégira, Muhammad foi nomeado por Deus e aceito unanimemente por sua gente. Até os judeus e cristãos que, não quiseram converter-se ao islamismo, também estavam sob a proteção dele. Agora ele já tinha o poder supremo acima das vidas e riquezas da sua gente, contudo ele continuava a viver numa casa simples construída a partir de barro com esteira e pelo de cabrito como sua mobília, tâmara e cevada seca como seu alimento. Durante o dia, ele trabalhava duramente para o bem-estar da sua gente e durante a noite a orar prolongadamente a Deus até que os pés se inchavam; dava de comer aos seus hóspedes, mas ele próprio passava jejum. O que possuía dava aos pobres e não guardava nada em casa.

As guerras constantes contra ele, a preocupação do bem-estar dos seus seguidores, o temor de Deus, os choques da morte de seus filhos, tudo isso produziu efeitos na sua constituição e foi um grande desgaste. Contudo estava satisfeito ao ver a sua missão realizada, que dentro de alguns anos mudou o percurso da história. Há alguém no mundo que se pode comparar com Muhammad? É impossível! A tarefa do Profeta foi muito difícil. Além de preocupar-se dos assuntos do país, era general, juiz, assinava todos os documentos que saiam, as pessoas e delegações que vinham de fora, a hospedagem e todo o assunto res-

peitante a eles, investigações, reconciliação entre as pessoas, nomear escribas, governadores, enviar homens para receberem o Zakat, Jiziyah (tributo) e depois a sua distribuição, nomear juizes para fora, nomear homens para executarem as penas e sentenças, fazer acordos com outros povos, a reabilitação das novas terras, obrigações relacionadas com a educação, nomeação de professores, imames, envio de missionários, construção das mesquitas, escolas, distribuição de heranças à base do Alcorão e pôr em prática todo o sistema alcorânico. Além disso, tinha que unir várias tribos e estabelecer a segurança interna.

Sabe-se que os árabes estavam de tal maneira divididos que cada família tinha o seu ídolo (deus) da forma como tinha seu chefe. A Arábia estava dividida em pequenos territórios. Eram rivais uns dos outros, as guerras contínuas destruía-nos, como por exemplo entre Aus e Khazraj, em Madinah. Por outro lado, em Makkah, entre Banu Kaiss e Quraysh a guerra de «Fijar» e assim toda a Arábia tinha-se tornado num campo de batalha quente.

Nos montes e matos estavam os bandidos a assaltarem e pilharem os viajantes. Vinganças, sede de sangue que depois de matarem milhares de pessoas também não passavam. Era impossível as caravanas deslocarem-se de um lado para o outro.

Nessa situação o Profeta dava a boa nova a todos, que chegará o tempo em que uma mulher viajará sozinha de Sanaa para Makkah sem qualquer medo, com segurança total, e ninguém a tocará. Na Península Arábica toda, só no Haram havia paz, por isso o Alcorão diz:

*Que adorem o Senhor desta Casa, Que os provê contra a fome e os salvaguarda do temor! (106:3 e 4)*

*E não reparam em que lhes concedemos um santuário seguro, ao passo que, ao seu redor, as pessoas eram saqueadas? (29:67)*

Nesse ambiente tenso, os que entravam no Islam eram muito mais perseguidos. Uns fugiram para Abissínia, outros para Madinah, em busca de segurança. A vida dos crentes estavam em constante perigo. Tudo isto era o aspecto interno, externamente também o perigo era grande; havia duas superpotências na altura: A dos persas e a dos romanos. Os persas já ocupavam parte da Arábia e quando Muhammad proclamou a sua missão, Cosroe enviou ordem ao governador do Iêmen: “Prende esse escravo meu no Hijaz que reivindica ser Profeta e traze-o perante mim”.

Por outro lado, o perigo da parte dos bizantinos era enorme. Eles também faziam preparações para atacar Madinah. Os romanos no século dois após Cristo, quando ocuparam a Palestina e Síria, expulsaram os judeus que viviam lá. Estes fugiram, radicaram-se na Arábia, onde construíram fortalezas fortes e castelos e dominaram o comércio todo. Estes judeus também passavam a vida toda a instigar os árabes a guerream entre si para se enfraquecerem, com o objetivo de tomarem o poder político, assim como o fazem atualmente.

Portanto, a fraqueza do poder político dos árabes era precisamente a desunião, guerras entre eles. O motivo desta desunião estava de fato dos árabes pertencerem a várias tribos diferentes, tendo cada uma o seu chefe e até ídolo. Para os unir havia necessidade da existência de uma base comum, e essa foi a da fé islâmica, que os une, como diz o Alcorão.

*Sabe que os fiéis são irmãos uns dos outros; reconciliai, pois, os vossos irmãos, e temei a Deus, para vos mostrar misericórdia. (49:10)*

E esta nova base e relação provou ser superior à relação uterina, tribal, criando uma união muito forte.

Por isso o Alcorão considera isso um seu favor: *E apegai-vos, todos, ao vínculo com Deus e não vos dividais; recorda-vos das mercês de Deus para convosco, porquanto éreis adversários mútuos e Ele conciliou os vossos corações e, mercê de Sua graça, vos convertestes em verdadeiros irmãos; e quando estivesdes à beira do abismo infernal, (Deus) dele vos salvou. Assim, Deus vos elucidou os Seus versículos, para que vos ilumineis. (3:103)*. Deus diz ao Profeta: Nem tu tinhas poder de os unir.

*Ele foi Quem te secundou com o Seu socorro e com o dos fiéis e foi Quem conciliou os seus corações. E ainda que tivesses despendido tudo quanto há na terra, não terias conseguido conciliar os seus corações; porém, Deus o conseguiu, porque é Poderoso, Prudentíssimo. (8:62 e 63)*

O Profeta conseguiu unir os árabes sob a bandeira islâmica. Agora parecia que todos eles eram um único espírito e estabeleceu a segurança que a Arábia muito precisava e Deus instituiu punições duras para todos aqueles que quiseram tomar as leis na sua mão. O Profeta aplicou-as sem discriminações e justamente. Todos que externamente quiseram interferir nessa segurança foram eliminados. Qualquer bom reformador, rei ou estadista, quer que as pessoas vivam em paz, pratiquem boas obras, e que gostem para os outros o que gostam para si próprios. Tudo isso Muhammad não só pregou mas pôs em prática. Ele perdoou aos seus atormentadores.

Os árabes unidos na base do Islam, dentro de anos, tornam-se uma grande potência, dominando o mundo em todos os aspectos. Eram os mesmos bárbaros, selvagens, etc. Mas agora se transformaram numa nação mais civilizada, expandiram a sua civilização, ciência, tecnologia, para a Europa e todas as partes do mundo. Com isso, já se viu onde está o segredo do sucesso dos árabes e dos muçulmanos: Na união, na base comum, que é o Islam. Hoje os árabes e os muçulmanos deixaram essa base; portanto, a consequência é conhecida, dividiram-se em grupinhos e enfraqueceram-se. Se eles desejam retomar a liderança do mundo, a sua honra e prestígio, só há uma maneira para isso: A mesma que os seus antepassados aplicaram, quatorze séculos antes, e assim poderá surgir o mesmo milagre.

## **A PEREGRINAÇÃO DO ADEUS**

**- Ano dez, depois de Hégira, correspondente a janeiro-fevereiro de 633 -**

Agora já havia paz e segurança na Arábia. As pessoas de um canto e do outro vinham para Madinah para aprenderem o Islam. O Profeta estava extremamente ocupado em ensinar-lhes o Islam, enviando para fora missionários. Depois da Hégira ele tinha realizado a Umra duas vezes (Umratul-Qadha e a partir de Jairrana). Porém, ainda não tinha realizado o Hajj. Por isso, havia necessidade de ele ir a Makkah à peregrinação, para assim ensinar os muçulmanos, eternamente, como cumprir o Hajj, um dos mandamentos da religião prática do Islam. Muhammad já pressentia a aproximação do tempo de deixar este mundo depois da revelação do capítulo 110 onde Deus diz:

*Quando te chegar o socorro de Deus e o triunfo, E vires entrar a gente, em massa, na religião de Deus, Celebra, então, os louvores do teu Senhor, e implora o Seu perdão, porque Ele é Remissório.*

Por isso havia necessidade do Profeta ir à peregrinação (Hajj) e lá anunciar perante a multidão as bases da religião e moral islâmica.

No mês de Dhu Al-Oi'da foi anunciado que o Profeta pretende ir a Makkah à peregrinação (Hajj).

Foram enviados mensageiros para todas as partes informando-os desta decisão do Profeta para que se eles quisessem também acompanharem o Profeta nesta peregrinação. Ao fazer isso, o Profeta estava a cumprir a ordem dada a Abraão, patriarca dos Profetas, uns milhares de anos antes do nascimento do Profeta, quando Deus lhe disse:

*“E proclama a peregrinação às pessoas; elas virão a ti a pé, e montando toda espécie de camelos, de todo longínquo lugar, Para testemunhar os seus benefícios e invocar o nome de Deus, nos dias mencionados, sobre o gado com que Ele os agraciou (para o sacrifício). Comei, pois, dele, e alimentai o indigente e o pobre. “*  
**(22:27 e 28)**

Portanto, assim estava a. ser cumprida a oração de Abraão, em que ele tinha pedido a Deus para enviar um Profeta que recitasse os versículos de Deus, pondo-os em prática e purificando-os. A Ideia de quererem ver o Mensageiro de Deus e realizarem a peregrinação agitou o entusiasmo de toda a Arábia. As pessoas prontificaram-se logo. Foram colocadas tendas fora de Madinah para alojar todos os muçulmanos que acompanhariam o Profeta. Juntaram-se cerca de cento e quatorze mil pessoas de toda a Arábia, do norte a sul, de este a oeste. Eram os mesmos árabes que há pouco tempo andavam com sede de sangue de um ao outro, praticavam todo o tipo de maldade, fornicação, bebidas alcoólicas, jogos de azar, adultério; enterravam as filhas vivas e outras barbaridades.

Mas agora estavam a atuar como se todos eles tivessem só um espírito. Nessa grande multidão havia milhares e milhares de homens que combateram contra Muhammad, como inimigos. Agora eles eram seus amigos e seguidores devotos. Todos eles foram perdoados. Temos pena desses (inimigos) que não gostam de Muhammad ou abusam dele, porque com esse ódio contra um homem de Deus (mais virtuoso) não podem beneficiar a eles próprios nem à humanidade! É como tentar cuspir para a lua, e esse cuspe vem cair outra vez no rosto deles sem prejudicar a lua em nada; ela continua com o seu brilho.

Os que andavam à procura de defeitos dele eram os árabes que lutaram fortemente contra ele durante uns vinte anos. Através de uma experiência dura, finalmente viram que Muhammad era apenas louvado!

## **114.000 PEREGRINOS MARCHAM PARA MAKKAH**

No dia vinte e seis de Zul-Quida, um sábado, o Profeta preparou-se; tomou banho e após a oração de Dhuhr, saiu de Madinah, depois de nomear Abu Dujana Al-Ansari como govenador na sua ausência, levando junto todas as suas esposas, a fim de as mulheres também conhecerem os ritos da peregrinação. Este número constitui sempre uma grande multidão, e naquela altura era ainda mais. Os peregrinos levaram consigo todos os artigos de necessidades e provisões. Era grande também o número de camelos destinados ao sacrifício; só o Profeta levou consigo cem camelos para o sacrifício.

Quando chegaram a “Dhul-Hulaifa” que é “Miqat” (limite) para os habitantes de Madinah, à distância de uns dez quilômetros, o Profeta e os restantes muçulmanos acamparam, passando a noite no local. Cedou, na manhã seguinte, após a oração, tomou banho, e Aisha com as próprias mãos pôs perfume no corpo do Profeta, Ele envergou as vestes de peregrinos (Ihram). Os muçulmanos, seguindo o exemplo do Profeta também fizeram o mesmo (o ihram consiste em dois panos, tipo lençóis sem costura, de preferência brancos). Com estas vestes, todos os homens se apresentam iguais perante o seu Senhor, um rei não pode ser distinguindo do mendigo nem o nobre de um operário, nem o rico do pobre.

Aí estava a igualdade e fraternidade posta em prática, e não só pregada como teoria nos livros.

Agora com o corpo limpo, corações purificados, envergados nas vestes brancas dos anjos na forma humana, os muçulmanos seguiram os passos de seu líder que proclamou o “Talbyah” “Labbaika Allahumma Labbaik, Labbaik Laa Sharika Laka Labbaik, Inal-Hamda Wan-Nimata Laka Wal-Mulk, La Sharika Lak”. Tradução: “Eis-me aqui; presente ao Teu serviço, ó Deus, eis-me aqui; ó Deus, eis-me aqui (declaro que) não há sócio nenhum Teu, eis-me aqui ao Teu serviço, todo o louvor, graça e reino pertencem a Ti, não há sócio nenhum Teu”.

Todos com as mesmas vestes e todos a recitarem as mesmas palavras, comunicando com Deus diretamente sem qualquer intermediário ou intercessor. Isso faz sentir ao homem que realmente ele é livre e a sua alma toma a noção de grandeza, por saber que está perante Deus, comunicando diretamente com ele.

O Profeta montou o seu camelo (fêmea) “Al-Quswa” e iniciou a marcha. Os muçulmanos com a sua multidão marchavam numa extensão de quilômetros através de montes e vales e enchendo o deserto com suas vozes. Quando paravam para, em uníssono, entoarem suas preces e devoções, já não havia inimigos para molestá-los, porque nesse tempo reinava serenamente a fé no Islam sobre toda Arábia.

O Hajj é um símbolo de sacrifício em que a alma do homem sacrifica todos os confortos, luxos e prazeres para a satisfação do encontro com a alma universal de Deus; é como se fosse afundar-se no mar de amor de Deus.

Há muçulmanos que já cumpriram a peregrinação várias vezes; mesmo assim, ainda não estão satisfeitos e desejam fazê-la mais vezes. É uma viagem fascinante para um muçulmano verdadeiro.

Nós vemos que há muitos não muçulmanos que se disfarçam como tal para irem à peregrinação, ou mesmo muçulmanos fracos, não têm prazer nenhum na peregrinação, porque vão lá procurar prazeres e confortos. O verdadeiro muçulmano não vai com essa intenção, por isso nota-se que enquanto os verdadeiros crentes estão absorvidos, alma e corpo, na recordação de Deus, esses hipócritas estão a dar voltas fora, nas praças, a fazerem compras e ocuparem-se das coisas incompatíveis ao Hajj. Por isso um hipócrita nunca pode ter prazer no Hajj. Um poeta persa na sua copla diz: «Se o burro de Jesus fosse a Makkah continuaria burro mesmo após o regresso». Quer dizer, burro mesmo, pertencendo a um profeta como Jesus, acima do qual ele montava, não pode se beneficiar da visita à Makkah; se for voltará na mesma.

A marcha dos muçulmanos continuou. O Profeta tomou o mesmo percurso que tinha tomado anteriormente quando da conquista de Makkah. Nessa altura, nos locais onde o Profeta tinha feito oração, as pessoas já tinham construído mesquitas para recordação. O Profeta ia orando nessas mesquitas ao longo do caminho.

Quando se aproximou da Cidade Santa, num local chamado «Sarf», tomou banho e no dia seguinte, domingo, quatro de “Dhul-Hijja», da parte da manhã, entrou na cidade de Makkah, pela porta Bani Shayba, que até hoje existe. Quando o Profeta alcançou a Kaaba pela vista exclamou: «O Deus aumenta a glória, honra e o número dos visitantes desta casa (Kaaba)», Entrou no Haram da porta (Babus-Salaam) da salvação e cumpriu os sete circuitos (voltas) «Tawaf» a Kaaba. Após três voltas, beijou a pedra negra, enquanto os olhos estavam cheios de lágrimas; os muçulmanos iam seguindo o exemplo dele. Depois de acabar as sete voltas a Kaaba, dirigiu-se para o local de Abraão e fez a oração lá, duas genuflexões, e recitou este versículo do Alcorão: *“Adotai a Estância de Abraão por oratório.”* **(2:124)**

E depois bebeu a água do famoso poço de Zamzam. De seguida foi para o monte Safa para o “Say”, onde recitou o versículo n.º 158 do 2.º capítulo (Al-Baqarah): *As colinas de As-Safa e Al-Marwa fazem parte dos rituais de Deus e, quem peregrinar à Casa, ou cumprir a ‘umra, não cometerá pecado algum em percorrer a distância entre elas. Quem fizer espontaneamente além do que for obrigatório, saiba que Deus é Retribuidor, Sapientíssimo.*

Ele percorreu entre Safa e Marwa montado no seu camelo (fêmea). Depois de acabar o Say, o Profeta disse a todos aqueles que não trouxeram consigo a oferenda (animal de sacrifício) para cortarem seus cabelos e tirarem as vestes de peregrinação (Ihram), e assim ficarem livres das restrições do “Ihram”. Os

companheiros hesitaram em cumprir a ordem porque queriam seguir ao Profeta em tudo. O Profeta disse para eles: “Se eu não tivesse trazido a oferenda (os animais de sacrifício) eu faria o mesmo (que vos estou a ordenar)”. Poucos dias, depois da chegada do Profeta a Makkah, reuniu-se a ele Ali Bin Abi Talib, que tinha sido enviado numa missão ao Iêmen. Ele regressou apressadamente com a caravana de peregrinos do Iêmen para participarem com o Profeta neste ato solene e histórico, trazendo consigo numerosos camelos para sacrifício. Portanto, ele também continuou com o “Ihram”, e depois, no dia oito de Dhul-Hijja, o Profeta, juntamente com os muçulmanos, foi de Makkah para o vale de Mina, onde tinha a sua tenda montada, passou aí a noite e fez cinco orações, Dhuhr, ‘Asr, Maghrib, Isha e Fajr.

No dia seguinte, dia nove de Dhul-Hijja, ano 10 da Héigra, após a oração de Al-Fajr o Profeta montou o seu camelo (fêmea) “Al-Qaswa” rumo a Arafat. E aqui a tenda dele foi montada em Namira, na direção este de Arafat. Depois do meio-dia o Profeta montado no seu camelo (fêmea) “Al-Qaswa” foi para o vale Uranah, no centro de Arafat, para proferir o seu histórico sermão. Inumerável multidão já se tinham juntado nos declives rochosos do monte, assim como na planície e nas ravinas que o rodeiam. O Profeta proferiu o seu sermão montado acima do seu camelo (fêmea) e logo próximo dele, em baixo, estava Rabiyyah Bin Umayyah, colocado nesse local, para repetir o sermão do Profeta com a sua voz ressonante, durante a pausa feita para esse propósito, após a conclusão de cada frase. O Profeta Muhammad, neste seu sermão, ao ar livre, não se limitou só a inculcar-lhes doutrinas e cerimônias religiosas, como também normas de conduta para todos os momentos da vida, pública e doméstica. Os preceitos ministrados e reforçados nesta ocasião tiveram e têm até hoje vasta e duradoura influência na moral, nos costumes e nos hábitos de todo o mundo, onde chegou a influência dos muçulmanos. O Profeta iniciou o sermão invocando a Deus e prestando louvores a Deus, a seguir disse (transcrevemos algumas partes do texto):

*Ó gentes! Escutai-me atentamente, pois não sei se depois deste ano, voltarei a estar entre vós neste local, portanto escutai muito cuidadosamente o que vos digo e levai estas palavras aos que não puderam estar aqui presente hoje.*

*Ó gentes! Assim como considerais este mês, este dia, esta Cidade Sagrada, assim considerai uma incumbência sagrada a vida e os bens de cada muçulmano, devolvi aos seus verdadeiros donos os bens que vos foram confiados, não molesteis seja quem for, para que ninguém vos moleste, lembrai-vos que na verdade encontrareis o vosso Senhor, e que Ele na verdade reconhecerá os vossos atos. Deus proibiu-vos de praticar a usura (juros), portanto daqui em diante serão anuladas todas as dívidas de juros, as vinganças e indenizações de sangue da*

*época da ignorância (pré-islâmica) são anuladas, exceto a sacristia (da Kaaba) e dar de beber (água) aos peregrinos.*

*Ó gentes! Acautelai-vos do sataná, para segurança da vossa religião, ele perdeu todas as esperanças de vos desencaminhar nas coisas grandes, assim, cuidai de o não seguir nas coisas pequenas.*

*Ó gentes! O adiamento<sup>3</sup> de um mês sagrado é um excesso de descrença com que são desviados ainda mais os incrédulos. Legalizam-no num ano e proíbem-no em outro ano, para fazerem concordar o número de meses proibidos (sagrados) por Deus. E o tempo regirou para sua forma original, para o dia em que Deus criou os céus e a terra, e na verdade para Deus, são doze o número dos meses, conforme consta no Livro Divino, desde o dia em que Ele criou os céus e a terra, quatro deles são sagrados, três seguidos que são: Dhu Al-Qi'da, Dhul-Hijjah, Muharram e o quarto Rajab.*

*Ó gentes! É verdade que tendes certos direitos em relação às vossas mulheres, mas também elas têm direito sobre vós. É obrigação delas observarem a castidade (não cometer adultérios) e evitar imodéstia, e se elas forem culpadas, vos é permitido evitar relações sexuais com elas (por algum tempo) e bater-lhes sem causar ferimentos; se elas se arrependem e se sujeitarem ao vosso direito, então a elas pertence o direito de ser alimentadas e vestidas com benevolência. Tratai bem as vossas mulheres e sede bondosos para elas, pois elas são vossas companheiras e empenhadas ajudantes, e é o vosso direito que elas não façam amizade seja com quem for que vós não aproveis. E vós tomaste-as como depósito (amanah) de Deus, e elas foram feitas lícitas para vós pela palavra de Deus.*

*Ó gentes! Sabei que os crentes são irmãos uns dos outros, sois todos iguais, não cometeis injustiça para com os vossos irmãos e não é lícito para alguém tomar a riqueza (o bem) do seu irmão, sem o seu consentimento. O gentes! Escutai-me fervorosamente, louvai a Deus, praticai as vossas cinco orações diárias (Salat) jejuai o mês de Ramadan e dai o Zakat.*

*Ó gentes! O vosso Criador é Uno.*

*Vosso pai é um, todos vós sois descendentes do Adão e o Adão é da terra, o mais digno dentre vós perante Deus, é o que é mais virtuoso. O árabe não é su-3 - O combate nos meses sagrados era proibido, mas quando se tratava do interesse dos pagãos árabes eles adiantavam ou atrasavam tais períodos, para poderem combater e assim alcançarem seus objetivos.*

*perior ao não árabe, bem como um branco também não é superior a um homem de cor, senão pela virtude, bondade e piedade.*

*Lembra-vos: Um dia comparecereis perante Deus e respondereis pelas vossas ações. Portanto, acautelai-vos, não vos extravieis do caminho da virtude depois de eu partir, golpeando o pescoço um ao outro.*

*Ó gentes! Depois de mim não virá outro Profeta nem surgirá uma nova fé, portanto raciocinai bem e compreendei as palavras que vos transmiti. Deixo-vos duas coisas: O Alcorão e o meu exemplo (a Sunnah). Se os seguides nunca vos perdereis. Todos quantos me escutam transmitirão as minhas palavras a outro, e estes novamente a outros, e que os últimos compreendam as minhas palavras melhor do que aqueles que me escutam diretamente.*

Ao encerrar o sermão o Profeta disse:

*- Afirmas se já transmiti a mensagem?*

*Sim!* - Responderam os cento e quatorze mil crentes, todos em coro no acento da maior e mais ardente gratidão. O Profeta por seu turno clamou:

*- Ó Deus, sê testemunhal No fim, o Profeta despediu-se dos crentes.*

## **A PEREGRINAÇÃO DA FÉ**

Quando o Profeta acabou de proferir o seu histórico sermão, desceu do seu camelo (fêmea), fez a oração de Dhuhr e 'Asr juntamente, e depois Deus revelou ao Profeta este versículo:

*“Hoje, completei a religião para vós; tenho-vos agraciado generosamente.” (5:3)*

O Profeta de imediato recitou este versículo para os crentes presentes.

A maior parte dos crentes quando ouviram ficaram muito satisfeitos ao saber que a religião islâmica está completa. Agradeceram a Deus por este grande favor, mas havia alguns que tinham uma visão muito longa, e ao ouvirem este versículo começaram a chorar tristemente; foi o caso de Abu Bakr, que não conseguiu deter as lágrimas que encheram os olhos; E deduziu logo que a perfeição da religião significa o fim da missão do Profeta.

Em breve ele vai se encontrar com o seu Senhor, separando-se de nós.

Após algum tempo, outros milhares de crentes também chegaram a essa conclusão e logo os seus corações ficaram cheios de angústia e dor.

O Profeta saiu de Arafat ao anoitecer. Como a multidão era enorme, para não haver confusão e choques, o Profeta disse a todos: “Ó gentes andai com calma». Passaram a noite em Muzdalifa e praticaram as duas orações de “Maghrib e Isha” juntos. No dia seguinte depois da oração de “Fajr” montou o seu camelo (fêmea) dirigida por Bilal, e com o manto de “Usama” para proteger o Profeta do sol, seguiu para Mina e foi para Jamarah, para atirar sete pedrinhas ao pitar chamado “Jamarah”, Isto é em comemorações das pedrinhas atiradas por Abraão contra o Satã que tentou impedi-lo nesses locais de cumprir a ordem de Deus. Depois, como ele (o Profeta) trazia cem camelos para serem oferecidos em sacrifício, matou sessenta e três com as suas próprias mãos; os restantes 37, Ali matou por conta do Profeta, e ordenou que fosse distribuída toda essa carne e as peles para os pobres em caridade. A seguir, chamou Mamar Bin Abdallah, para raspar o seu cabelo todo da cabeça. Começou a raspar do lado direito e acabando no lado esquerdo. As madeixas assim cortadas, foram igualmente divididas entre os seus discípulos; que as entesouraram como sagradas relíquias. Khalid Bin Walid, usou a sua desde então no seu turbante e afirmava que ela lhe comunicava força sobrenatural nos combates. Assim, o Hajj estava completo. Depois, o Profeta veio a Makkah, fez o Tawaf (circundou a casa sete vezes), seguidamente, e pela última vez, bebeu água de Zamzam virado para a Qibla, de pé, num vaso que lhe foi oferecido por Abbas, seu tio, superintendente do poço de Zamzam. Depois regressou para Mina onde fez a oração do meio-dia (Dhuhr).

O Profeta permaneceu em Mina até dia doze de Dhul-Hijja (Ayyamut-Tashriq). Durante esses dias, ia diariamente atirar as pedrinhas nos três pilares (o grande, médio e pequeno). No dia doze de Dhul-Hijja depois do meio dia (zawal) proferiu um sermão, aqui em Mina, semelhante ao que proferiu em Arafat. No dia treze de Dhul Hijja, terça-feira, o Profeta partiu de Mina depois do meio-dia (zawal) e passou a noite no vale de Muhassab. No último terço da noite levantou-se e foi para Makkah, circundou lá sete vezes à volta da Kaaba (Tawaf) e fez a oração da manhã (Fajr), cumprindo assim todo o ritual e as cerimônias da peregrinação. Completada a exposição da fé o Profeta dirigiu o seu último adeus à cidade do seu berço, iniciando o regresso para Madinah: Assim foi a peregrinação do Profeta, que serve de modelo para muçulmanos de todos os tempos. Até hoje vão para Makkah milhares de muçulmanos de todos os cantos do mundo, africanos, árabes, indianos, europeus, chineses, enfim, todas as raças, homens e mulheres, que circundam juntamente a Kaaba, esquecendo lá todas as diferenças raciais, distinção de graus ou castas e todas as divergências políticas.

Em Makkah, precisamente em Arafat, o Islam demonstra a sua perfeita união e o seu entusiasmo primitivo. Que grande consolação! Que bálsamo para alguns dos seus ferimentos! Em Arafat o Islam não tem receio nenhum dos espiões dos inimigos. Lá pode recuperar as suas perdas e preparar o seu futuro; apesar dos seus desastres, ainda continua vivo como nunca, tal é a impressão deste dia inesquecível que cada um dos participantes leva consigo quando regressa para o seu país, assim como leva o título muito desejado: «Hajji» ou «Al-Hajji», que significa peregrino a Makkah. Portanto, é uma incumbência acima de todo Hajji de ensinar o Islam aos muçulmanos.

Em Makkah nada é adorado, exceto Deus, Único, e os peregrinos ao recordarem Abraão e Muhammad não fazem mais que reforçar o fervor da sua fé ao seguirem o modelo e exemplo desses Profetas. Eles não adoram nem oram a esses Profetas, assim como o fazem os cristãos, adorando os seus mantos; pelo contrário, o muçulmano ora a Deus para derramar bênçãos acima dos Profetas.

Esta peregrinação do Profeta foi conhecida por «peregrinação do adeus», porque foi a última do Profeta. Também é conhecida por «Peregrinação da Mensagem» porque o Profeta proferiu-a, dirigindo-se a toda a gente, e incumbiu os presentes para a transmitirem aos ausentes. Também é conhecida por «Peregrinação do Islam», porque o Islam foi declarado perfeito nesse dia, para sempre.

O Profeta, depois de permanecer ao todo dez dias em Makkah, regressou para Madinah; quando chegou a Dhul-Hulaifa, próximo de Madinah, passou a noite aí. No dia seguinte, de manhã, tomou o rumo de Madinah; ao vê-la de longe ergueu a voz e exclamou: “Deus é Grandioso, Deus é Grandioso, não há outra divindade exceto Deus, o Único. Ele não tem parceiro, o reino é d’Ele, só a Ele pertencem os louvores e Ele é Onipotente acima de todas as coisas. Voltemos para as nossas casas arrependemo-nos, adoremo-Lo, prostremos perante Ele, louvemo-Lo.” Deus cumpriu a Sua promessa, ajudou a Seu servo, esteve sempre ao lado do Seu servo e sozinho derrotou todos os inimigos aliados.

## **ANO ONZE (11) DA HÉGIRA**

Depois de terminar a peregrinação do adeus os milhares de peregrinos voltaram para as suas casas, levando consigo as memórias da peregrinação. Todos eles tinham a noção que o Profeta já cumpriu a sua missão. O Profeta e os seus companheiros regressaram para Madinah.

O Profeta também já pressentia que o tempo de ele deixar este mundo estava próximo, mas ele não era o homem de pensar que agora vou passar o

resto dos dias a descansar. Nessa altura reinava paz e segurança em toda a península, todas as faces estavam viradas para o vivo, o eterno Deus, portanto era natural agora que (os árabes já eram muçulmanos, unidos debaixo da bandeira islâmica) o Profeta se preocupasse com outros povos fora da Arábia, uma vez que ele foi enviado para toda a humanidade. Portanto, havia necessidade de esses povos também ouvirem a voz de Deus, por isso ele já tinha enviado cartas a reis e governadores para entrarem no Islam. A reação do governador da Síria, nomeado pelos romanos (bizantinos) foi negativa e logo ameaçou atacar Muhammad. Foi nesse contexto que houve a campanha de Mu'tah. No entanto, desde que houve a batalha de Mu'tah, em que três generais muçulmanos foram mortos, o Profeta sempre estava preocupado com a fronteira norte, quis fortificar esse flanco norte, para viverem tranquilamente na Arábia. O próprio Profeta já tinha liderado anteriormente uma tropa para o norte, até que chegou a Tabuk, mas os romanos, quando souberam da vinda do Profeta, recuaram para o interior. A preocupação do Profeta aumentava, havia receio dos romanos invadirem a Arábia por verem que o islamismo já se tinha expandido em zonas anteriormente controladas por eles. Por exemplo, Najran, que agora já estava sob o controle dos muçulmanos, cujos habitantes pagavam tributos aos muçulmanos. O Profeta para não ser surpreendido e não permitir que o território islâmico se transformasse no campo de batalha para os romanos e para os deter no interior das suas fronteiras, e se houvesse guerra, seria assim disputada no território deles. Por esse motivo o Profeta, logo depois de voltar da peregrinação do adeus, mobilizou uma grande expedição, incluindo nela os seus companheiros idôneos como Abu Bakr, Omar e outros, sob a liderança de Usama, filho de Zaid Bin Haris, um dos generais mortos na campanha de Mu'tah. A morte destes três generais pelos romanos era um desafio para os muçulmanos e o Profeta prontificou-se em enfrentar esse desafio. Enquanto as preparações continuavam, surgiu outro problema na Arábia, o aparecimento dos falsos profetas.

## **OS FALSOS PROFETAS**

Na Arábia sempre houve rivalidade tribal, cada tribo queria a virtude para si. Depois deste grande êxito de Muhammad, que é considerado uma grande honra para a sua tribo Qurayshita, também outros líderes tribais pensavam que ao reivindicarem a profecia também terem o mesmo sucesso que Muhammad teve, e a sua tribo seria honrada da mesma forma. Mas Deus mais uma vez provou estar ao lado do Seu 'verdadeiro Mensageiro, Muhammad, eliminou e humilhou esses "imitadores", falsos profetas, que eram na verdade macacos de imitação. Dentre esses imitadores, falsos profetas, encontravam-se o Musaylimah, Tulayha e Aswad.

Quando surgiram estes falsos profetas, o Profeta Muhammad estava doente. Dentre esses falsos profetas, Musaylimah tornou-se popular em Yamamah e Aswad Ansi no Iêmen, porque o povo deles vivia muito longe do centro do Islam, e não tendo absorvido inteiramente a religião islâmica, foram desviados com muita facilidade, enquanto outros imitadores não conseguiram desviar a sua gente, pois já tinham saboreado o verdadeiro valor do Islam e ouvido o Alcorão. Al-Aswad, um homem muito esperto, dotado de eloquência persuasiva, foi originalmente idólatra, depois converteu-se ao islamismo, e quis imitar Muhammad, pretendendo receber do céu as suas revelações por intermédio dos anjos. Versado na prestidigitação e na magia, deixava atônitas e confundidas as multidões com as suas ilusões espetaculares, que ele fazia passar por milagres. Já tinha um bom número de adeptos; expulsou os enviados do Profeta Muhammad do Iêmen, matando alguns e prendendo outros; isto depois da morte de Badhan “o Persa”, governador do Iêmen.

Al-Aswad, à frente de numerosos sectários, avançou para Najran e assassinou Ibn Badhan, o sucessor do seu pai Badhan. Casou com a viúva de Ibn Badhan e colocou a área toda sob o seu domínio. Mas estas coisas não preocuparam o Profeta Muhammad. O próprio povo do Iêmen **pôs fim ao seu regime e a própria mulher matou-o para se** vingar da morte do seu primeiro marido, Ibn Badhan e assim o povo do Iêmen livrou-se do falso profeta.

Musaylimah, o outro impostor, foi mais atrevido. Era um árabe da tribo de Hunaifa; recebeu o cognome, bem merecido, dos fiéis, de «o mentiroso», Governava a província de Yamamah, situada entre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico. No décimo ano da Hégira, veio a Madinah, chefiando uma embaixada da sua tribo, e entraram no Islam. Mais tarde quis imitar Muhammad, proclamando a profecia, reivindicando ter sido Deus que o nomeou para auxiliar Muhammad na conversão da raça humana, e reivindicou também receber revelações iguais às do Alcorão. Homem de influência e afável não tardou a conseguir muitos adeptos entre a sua tribo. Confiante nos primeiros **êxitos**, escreveu uma carta ao Profeta Muhammad, com o seguinte conteúdo:

*De Musaylimah, profeta de Deus, a Muhammad, Profeta de Deus. Eu sou teu associado, que a autoridade seja dividida entre nós dois, a nós pertence a metade do mundo e a Quraysh pertence outra metade. Mas os Qurayshitas são gananciosos, não estão satisfeito com a divisão justa.*

O Profeta Muhammad, em resposta da carta de Musaylimah, escreveu o seguinte:

*De Muhammad, Profeta de Deus, a Musaylimah “o mentiroso”: O mundo pertence a Deus, e Ele o dá como herança a quem Ele escolhe dentre os Seus servos virtuosos e justos. Que a paz esteja com aquele que segue a retidão”,*

Depois, mais tarde, na época do Califado de Abu Bakr – sucessor do Profeta Muhammad, - Musaylimah foi eliminado por Wahshi. (O homem que tinha morto Hamza, o tio do Profeta Muhammad). Este Wahshi costumava dizer: “Antes de eu entrar no Islam, matei um dos melhores homens (Hamza) e agora depois de ser muçulmano, matei o pior dos homens (o Musaylimah, o mentiroso)”.

Tulayha o outro falso Profeta e imitador era o líder de Banu Assad. Foi um dos grandes heróis, Dizia que a sua profetizarão do local da água, quando a sua gente estava perdida no deserto e quase morriam de sede, era aprova da sua profecia. Mas este Tulayha tinha medo de Muhammad. Esperou proclamar e declarar-se a si próprio perante o público até à morte do Profeta Muhammad (ele só se rebelou depois do falecimento do Profeta Muhammad). Foi dominado por uma tropa muçulmana comandada por Khalid Ibn Al-Walid. Tulayha rendeu-se e entrou no Islam, e a partir daí passou a viver virtuosamente.

## **O PROFETA MUHAMMAD PREPARA O EXÉRCITO PARA O ENCONTRO COM OS ROMANOS**

As confusões dos falsos profetas de Yamamah e lêmén atraíram as atenções dos romanos para a Arábia (e eles já estavam observando os muçulmanos com mau olhar). O Profeta, baseando-se na experiência passada da batalha de Mu'tah e da campanha de Tabuk, pressentia que um embate entre os muçulmanos e os romanos, cedo ou tarde era inevitável, até porque os romanos, se não tivessem notado a valentia e espírito dos muçulmanos em alcançar o martírio, já teriam atacado Madinah há muito tempo.

O Profeta, para não ser surpreendido, preparou um poderoso exército sob o comando de Usama, filho de Zaid Bin Hâris (o escravo liberto por Muhammad). Vejam como o Islam valoriza o virtuoso, seja qual for o seu estatuto social e origem: O Profeta fez de Zaid chefe do exército, em que estavam presentes os seus concidadãos árabes e íntimos companheiros na batalha de Mu'tah, e agora fez o mesmo com o seu filho Usama, que só tinha vinte anos de idade. São vários os motivos para o Profeta nomear a um jovem como Usama como general, acima dos seus companheiros veteranos (Muhajerin e Ansar). Pode-se considerar isso como uma contribuição a memória do seu pai, ao dar ao filho uma oportunidade de vingar a morte (uma vez que foi o mesmo povo que tinha morto o seu pai) e

também para incentivar os jovens à determinação e valentia, e a maior resolução, para servir de exemplo para os jovens muçulmanos em assumir o fardo de grande responsabilidade.

Mas esta escolha do Profeta causou decepção e houve murmúrios entre os muçulmanos. Se não fosse a verdadeira e genuína fé que eles tinham no julgamento e no raciocínio do Profeta, decerto que esta escolha causaria agitação entre eles. Os que hesitaram, pensavam que ele era muito jovem, com falta de experiência, indispensável para o sucesso. O Profeta, quando soube desses murmúrios e para acabar com todas as disputas pela raiz, levantou-se e exclamou:

*Vós criticais a minha escolha de Usama assim como cavilastes no passado a minha escolha de Zaid, seu pai. Escutai: Eu juro por Deus perante vós que Zaid era verdadeiramente digno do posto de Comandante que eu lhe tinha confiado; eu acarinhei-o acima de todos os homens e depois dele o seu filho é o homem que eu prefiro. Ide, cumprí as minhas ordens e tende confiança.*

Estas palavras simples, proferidas num tom de convicção inspirada, acabaram com toda a hesitação. Agora os mais nobres e mais conhecidos comandantes, juntamente com os soldados humildes, prontificaram-se entusiasticamente em cumprir com as ordens do jovem comandante (Usama). No dia 28 de Safar do ano 11 da Hégira, o Profeta sentiu fortemente os efeitos da doença, e foi nesse estado de doença que ele próprio colocou a bandeira nas mãos do jovem general e mandou-o combater heroicamente pela fé. Ordenou à tropa para chegar aos recintos de Mu'tah, local onde o seu pai foi morto, perto de Balqa e Darun, na Palestina, a fim de surpreenderem o inimigo. Predisse-lhes que teriam a vitória, e depois de alcançardes o vosso objetivo, regressai urgentemente a Madinah e não prorroguéis a vossa estadia lá.

O Profeta ordenou a todos os seus discípulos idôneos para participarem no exército comandado pelo jovem Usama, Abu Bakr, Abbas, Uthman, Ali e muitos outros, Por causa da sua doença, o Profeta com a autorização de Usama, disse à Ali e Abbas para ficarem em Madinah, perto dele, para cuidarem dele. Os restantes discípulos participaram no exército e quando a expedição marchou para o corredor da despedida o Profeta ficou profundamente enternecido ao ver a sua tropa a desaparecer ida sua visão. A fé super-humana que animava os combatentes na hora da partida, provou para ele que não há obstáculo que trave o caminho para a vitória, e que a irresistível corrente do Islam está quase a inundar o mundo e produzir a sua nova civilização.

A tropa islâmica escolheu um local fora de Madinah para servir de quar-

tel-general, para concentração dos homens do seu exército, chamado “Jurf”, nos subúrbios de Madinah. Aí começaram a preparação para a longa marcha, rumo à Palestina. Enquanto faziam os preparativos nesse local, receberam notícias do agravamento da doença do Profeta. As pessoas já não sabiam o que haviam de fazer, e assim o exército permaneceu em «Jurf», esperando a mudança no evento. Não era fácil para os muçulmanos, tendo em consideração o amor máximo que eles tinham para com o Profeta, deixar Madinah e irem para longe em viagem de vários dias, sabendo que o Profeta estava gravemente doente, pois antes o Profeta nunca tinha adoecido tão gravemente.

Era natural os seus discípulos e companheiros preocuparem-se; o Profeta tendo noção disso, não lhes ordenou o prosseguimento da marcha.

## **A DOENÇA E O FALECIMENTO DE PROFETA MUHAMMAD**

**- Segunda-feira, 11 de Rabiul-Awal, Ano 11 da Hégira -**

**- (Maio-Junho de 632 d.C.) -**

O Alcorão diz: “É bem verdade que tu (Muhammad) morrerás e eles morrerão.” **(39:30)**”

Depois de cumprida a sua missão, quando em Arafat foi revelado o versículo, “Hoje aperfeiçoei para vós a vossa religião, e completei acima de vós os meus favores”, e mesmo quando foi revelado o capítulo número 110 An-Nasr (A Ajuda), em que Deus ordenava ao Profeta, para cantar os louvores e para implorar o perdão do Senhor, o Profeta já tinha indicações de que o seu tempo de deixar este mundo estava próximo. Por isso, passava a maior parte do seu tempo a glorificar e implorar o perdão de Deus.

Era hábito do Profeta, todos os anos, passar os últimos dez dias do mês de Ramadan em retiro (Itikaaf) na mesquita, mas este último ano (dez da Hégira) passou vinte dias em retiro. Todos os anos fazia uma revisão do Alcorão com o Anjo Gabriel, mas neste último ano fez duas vezes. Na “Peregrinação do Adeus” ele disse publicamente: “Eu não espero estar convosco no próximo ano” e despediu-se de todos. A doença começou no mês de Safar, ano 11 (2º mês lunar).

No início da doença ele sofria de febres e dores de cabeça, contudo continuava com as funções diárias; dirigir as orações na Mesquita e outros assuntos do bem-estar do povo.

Os dias eram longos e extremamente quentes, as noites curtas e fres-

cas. O efeito do veneno ainda continuava nele; faltava-lhe o sono à noite. Numa dessas noites ele despertou-se e atravessou a cidade escura e silenciosa, onde todos dormiam profundamente, acompanhado pelo seu servente Abu Muawiya. Foi para o sepulcro dos muçulmanos em «Baqi Al Gharqad», para os visitar pela última vez, e disse: «Fui ordenado a orar pelos moradores destes sepulcros». Orou com estas palavras: «Que a paz esteja convosco, ó vós que estais nestes sepulcros, abençoados sois vós no vosso estado presente em que emergiste do estado em que as pessoas vivem no mundo. Livrou-vos Deus dos temporais que os ameaçam e que se sucederão indefinitivamente como as horas de uma noite tormentosa, cada hora mais negra que a precedente». O Profeta nunca se esqueceu dos seus companheiros, especialmente os que passaram com ele os momentos difíceis. Logo que acabou de orar, o corpo inteiro foi abalado com a paralisia da febre. Regressou a casa com dificuldades, sofrendo fortes dores de cabeça, conhecidas por «Suda». Nessa noite o Profeta estava em casa da sua esposa, Maymuna, era uma quarta-feira, e mesmo com essa enfermidade continuou com as suas atividades normais. No dia seguinte foi a casa de Aisha para visitá-la. Ela estava sofrendo de uma dor de cabeça forte. Queixou-se disso ao Profeta. O Profeta respondeu: «Eu é que me devo queixar de dores de cabeça e não tu»; e prosseguiu, gracejando: «Não é melhor para ti, morreres enquanto ainda estou vivo. para eu implorar a misericórdia de Deus a teu favor e com as minhas próprias mãos envolver-te no teu lençol, orar para ti e colocar-te na tua campa?». Aisha respondeu: «Decerto que é uma grande honra para eu informar-me que vais fazer a meu favor, mas receio que depois de eu ser enterrada, a tua única consolação será a de trazeres contigo, para o meu quarto, alguma dentre as tuas outras esposas». Nesta saída, o sorriso voltou à cara do Profeta, e por alguns momentos ele esqueceu as suas dores.

Assim que o tempo ia passando, a sua enfermidade não deixou nenhum descanso, mesmo assim não deixou as suas funções. Chegaram alturas em que ele ficou tão fraco, que para se movimentar, fazia-o com grande e doloroso esforço. Era hábito dele passar as noites por turno, imparcialmente rias residências de cada uma das suas esposas. Quando a doença piorou, ele estava em casa de Maymuna. Mandou chamar todas as suas esposas, para lhes perguntar na residência de quem ele deveria de passar os seus dias de doença. Todas elas consentiram que ele passasse na residência de Aisha e que todas iriam tratá-lo.

Então, apoiado por Ali Ibn Abi Talib e seu tio Abbas, ele mudou para a residência de Aicha. Uma ligadura encontrava-se amarrada, fortemente, à volta da sua cabeça (para aliviar-lhe as dores). A sua fraqueza era tão, grande que, logo que pôs o seu pé no quarto de Aisha, desmaiou.

Quando tomou sentido, dores lancinantes torturavam-no. Esperando acalmar as dores, ele pediu às suas esposas para deitarem acima dele sete cantis (na Arábia, costumava-se utilizar peles curtidas de ovelhas, cabritos, para nelas encherem água), feitos de peles, cheios de água fria, para lhe acalmar as febres. Elas deitaram-lhe a água, e quando se sentiu refrescado. Tez o gesto com a sua mão para pararem, dizendo: «Chega». Momentaneamente ficou aliviado e, apoiado por Alie Abbas, saiu para a mesquita. Sentiu grandes dificuldades para subir ao púlpito (minbar) de onde proferiu a seguinte declaração para os crentes ali presentes:

*Ó crentes! Se entre vós há alguém cuja costa eu bati, (maltratei-o) eis aqui a minha costa para ele próprio fazer a justiça; se há alguém cuja honra eu feri (ofendi) eis aqui a minha honra, ele que se vingue; se há alguém cuja propriedade eu apreendi (sequestrei) eis aqui a minha propriedade, ele que satisfaça a sua reivindicação (reclamação). Que ninguém hesite com receio do meu ressentimento, porque o ressentimento não forma parte nenhuma da minha disposição.*

A seguir desceu do Minbar (púlpito) e dirigiu a oração do meio dia (Dhuhr) depois se dirigiu novamente ao púlpito e repetiu a mesma declaração. Então, levantou-se um senhor e reclamou o pagamento duma dívida de três dinares de prata. O Profeta imediatamente o reembolsou, dizendo: “É mais fácil, mesmo com vergonha, entregar neste mundo do que no outro”.

Depois evocou a recordação dos mártires de Ohud, ao ir lá, à campa deles, e orou por eles fervorosamente e pelos fiéis vitimados ao seu lado em prol da fé noutras batalhas, intercedendo a favor deles. Despediu-se deles como se despede alguém que esteja morrendo dos seus familiares vivos. Depois regressou à mesquita onde subiu de novo ao púlpito e disse as seguintes palavras:

“Há um servo de Deus a quem Deus deu a opção entre as riquezas deste mundo e aquilo que está junto d’Ele. Esse servo escolheu aquilo que está junto d’Ele (de Deus)”. Depois calou-se. As pessoas ficaram confusas a pensar de quem se tratava. Mas Abu Bakr percebeu logo que a pessoa (servo) referida era uma alusão ao próprio Muhammad. Ele não se controlou mais, e começou a dizer, chorando: «Nós oferecemos as nossas vidas e a dos nossos pais e mães como resgate para a tua».

O Profeta temendo que a afeição de Abu Bakr contagiasse os outros, fez um gesto no sentido de se acalmar e em seguida disse: «Chegou aos meus ouvidos que vós receais a morte do vosso Profeta, mas antes de mim, nenhum Profeta foi imortal depois de cumprir a sua missão, como posso então residir

eternamente entre vós? Todas as almas estão destinadas a morrer. Eu tenho que regressar para junto de Deus, assim como vós regressareis a Ele. Todas as portas do Mesquita que sejam encerradas, exceto a que vai dar à casa de Abu Bakr». E prosseguindo disse: «Eu não conheço alguém melhor companheiro, para mim, do que Abu Bakr. Se eu tivesse que tomar alguém como Khalil (o mais íntimo amigo) eu tomaria Abu Bakr, mas a sua companhia e irmandade na fé é suficiente, até ao dia em que Deus nos reunirá junto d'Ele; antes de vós as pessoas tomaram os túmulos dos seus Profetas como locais de adoração, eu proíbo-vos de fazerem isso com o meu túmulo».

Nessa altura quis regressar a casa de Aisha, mas parou. Nos dias de enfermidade do Profeta os Ansar recordavam os seus convívios com o Profeta e choravam. Abu Bakr e Abbas, ao verem isso, informaram o Profeta; ele disse:

*Ó Muhajerin, tratai bem os Ansar, porque os muçulmanos irão aumentando (com o passar do tempo), mas o número dos Ansar irá diminuindo. Eles acolheram-me, retribui o bem deles por bem, recompensai os piedosos dentre eles e perdoai-lhes as falhas.*

A seguir, o Profeta foi a casa de Aisha, mas o discurso dele cujos extractos acabamos de ditar (fê-lo com grande esforço) afetou o seu sistema nervoso, estado de febres altas, contra a qual usara água fria para se refrescar. O Profeta resistia com grande esforço, ia à Mesquita dirigir as orações e a última oração por ele dirigida foi a de Maghrib, na qual recitou o capítulo 77 (Al-Mursalaat) (Os Enviados).

Quando chegou a hora da oração de Isha (última da noite) perguntou: «Já acabou a oração?». As pessoas responderam: «Ó Mensageiro de Deus, todos estão à tua espera». Então ele mandou encher um balde de água e tomou banho para se refrescar e quando quis levantar-se para ir à mesquita caiu, desmaiado. Quando recuperou os sentidos, perguntou! se já tinham feito a oração, mas responderam-lhe a mesma coisa, (estavam à sua espera); voltou a tomar banho de novo, quando quis se levantar caiu, desmaiado. Assim aconteceu por três vezes, razão pela qual ordenou a Abu Bakr para dirigir a oração em seu lugar.

Isto e o sermão dele em que mandou fechar as portas de todos, exceto as de Abu Bakr, eram uma indicação clara da parte dele em como queria que Abu! Bakr fosse o líder dos muçulmanos após a sua morte.

No Bukhari e Muslim, consta que o Profeta disse a Aisha: «Chama o teu pai e irmão para eu fazer o testamento na qual direi que Abu Bakr seria meu su-

cessor (Califa)». Mas, depois, disse que não havia necessidade para tal, porque os muçulmanos também não escolheriam outro líder sucessor fora de Abu Bakr, e Deus também desejava isso.

Mas Aisha, que estava impaciente em ver o Profeta saudável, dirigindo as orações, pensou que nada podia aliviar o receio das pessoas até verem o Profeta retomar as suas funções diárias. Por isso ela pediu três vezes ao Profeta para dispensar o seu pai Abu Bakr, justificando que a voz dele era muito branda e que ele era muito sensível (compassivo), de tal forma que sempre que recitava o Alcorão chorava e assim não conseguiria dirigir a oração. Quando Aisha insistiu na sua objeção o Profeta repetiu sua ordem três vezes, para Abu Bakr dirigir as orações e no fim o Profeta num tom irritado disse a Aisha:

«Quão obsessivas são as mulheres! Ordena a Abu Bakr para dirigir as orações de imediato». Abu Bakr começou a dirigir as orações no lugar do Profeta, tomando-se assim seu deputado ainda durante a vida (do Profeta). Abu Bakr continuou a dirigir as orações por vários dias. Quando o Profeta sentiu um melhoramento relativo, foi para a mesquita. Enquanto os muçulmanos estavam ocupados na oração sob a liderança de Abu Bakr. Este, ao ver a vinda do Profeta; quis afastar-se deixando o lugar de liderança para o Profeta. O Profeta agarrou-lhe os ombros mantendo-o na liderança. O Profeta fez a oração sob a liderança de Abu Bakr. Num dos dias em que este estava ausente, o Bilal depois de fazer o chamamento convidou a Omar para dirigir as orações. Omar tinha uma voz muito alta que chegou aos ouvidos do Profeta. O Profeta reconheceu-a perguntou: «Onde está Abu Bakr? Deus e os crentes não aceitam (consentem) que Abu Bakr não seja o líder». Com esta observação os muçulmanos perceberam logo que o Profeta queria que Abu Bakr fosse seu Califa (sucessor), pois a sucessão nas orações era muito mais importante perante o Profeta do que nos assuntos mundanos.

Depois disso, o estado de saúde do Profeta não melhorou, pelo contrário foi piorando. A febre era tão alta que as suas esposas e serventes podiam sentir ao tocar o manto com que lhe cobriam. A sua única filha viva, Fátima, a quem ele amava muito, visitava-o todos os dias. Sempre que Fátima chegava, o Profeta chorava ao vê-la, beijava-a e dava o seu lugar para se sentar. Aisha costumava dizer que nunca viu alguém que tanto se assemelhasse ao Profeta, na doçura do seu temperamento, como esta sua filha. Ele tratava-a sempre com ternura e respeitosa.

Num destes dias quando o Profeta estava gravemente doente, chegou Fátima. Vendo-a o Profeta disse:

«Seja bem-vinda, minha filha» e mandou-a sentar ao seu lado. Ela beijou-o e o Profeta sussurrou-lhe algo ao ouvido, o que a faz chorar. Apercebendo-lhe a aflição, sussurrou-lhe novas palavras, e a fisionomia dela irradiou de contentamento. Aisha ao ver isso perguntou a Fátima: «Que significa isso? O Profeta honra-te com uma palavra de confiança jamais concedida a qualquer das suas esposas». Mas Fátima recusou-se em revelar o que ela tomou em segredo. Todavia, depois do falecimento do Profeta, ela divulgou o que o Profeta lhe tinha dito e o que lhe fez chorar e rir, dizendo que pela primeira vez quando o Profeta lhe sussurrou, disse que ele morreria com essa mesma doença, o que a fez chorar; e a seguir quando sussurrou, disse-lhe que, dentre os membros da sua família, ela seria a primeira a juntar-se a ele, depois da sua morte, por isso a sua satisfação foi grande, causou-lhe contentamento. De fato Fátima foi a primeira dentre os familiares do Profeta a morrer depois da morte do Profeta. Ela morreu cerca de seis meses após o falecimento do Profeta (mais um milagre do Profeta).

A febre do Profeta estava muito alta. Para a aliviar mergulhava a sua mão num recipiente de água fria colocado junto à sua cama, e ia molhando a sua face para manter a temperatura da febre baixa. Nessas condições, Fátima ao ver o seu pai sofrendo com dores e febres altas, exclamou com muita tristeza: «Que terríveis dores, o meu pai está sofrendo». O Profeta ouviu-a e disse: «O teu pai depois deste dia não sofrerá mais dores». Era uma indicação que ele iria encontrar o seu Senhor antes do dia acabar.

Numa quinta-feira, quatro dias antes da sua morte, naquelas condições graves, quando os seus companheiros foram visitá-lo, sentados à volta da sua cama, o profeta disse-lhes: “Trazei pergaminho, tinta e caneta! Eu ditar-vos-ei alguns conselhos benéficos, se vós os seguides nunca vos desviareis». Alguns dos crentes aí presentes pensaram que uma vez que o Profeta estava gravemente doente não havia necessidade de incomodá-lo, porque tinham o Alcorão consigo, que é um guia suficiente, e Deus! diz a respeito do Alcorão: *“Não deixamos nada fora deste livro.”*

Portanto, além disso, tudo é supérfluo. Outros que achavam que se devia cumprir a ordem do Profeta, trazendo o material de escrever para se registrar o que o Profeta queria ditar, e ainda outros que tinham Ideias de pedir esclarecimento ao Profeta. Nessa divergência de opiniões, agitaram-se na presença do Profeta, incomodando-o, por isso, ele pediu-lhes para saírem todos dali, dizendo: “Não é decente discordar dessa maneira perante o Profeta». Depois quando se sentiu mais aliviado, chamou-os e ditou-lhes algumas ordens entre as quais se destaca: Honrar as delegações que vêm de fora, enviar o exército de Usama e conceder aos prosélitos os mesmos direitos que eles usufruíam.

A tropa de Usama que tinha montado o seu quartel-general em Jurf, quando soube do agravamento da saúde do Profeta, voltou a Madinah. Usama foi visitar o Profeta. Este quando o viu levantou as suas mãos para o céu e orou por ele, a seguir colocou as suas mãos na cabeça de Usama, sinal de oração a seu favor e aprovação dele.

O Profeta nesse estado crítico continuava a molhar de instante em instante a sua mão num vaso com água, e delicadamente refrescava a face.

Entretanto, os seus familiares julgavam que ele sofria de pneumonia e prepararam-lhe medicamento, mas ele recusou a tomá-lo. Quando ele desmaiou, eles inseriram o remédio na sua boca, mas quando recuperou os sentidos perguntou a todos da casa, quem tinha introduzido o medicamento na sua boca, mas seu tio Abbas explicou-lhe porque é que eles tinham inserido o medicamento na boca dele. Mesmo assim, ele ordenou a todos para tomarem o mesmo remédio, como castigo, por terem desobedecido as suas ordens, com a exceção do seu tio Abbas.

No início da sua doença o Profeta tinha na sua casa sete dinares (moeda árabe) e com o receio de morrer enquanto tivesse esse dinheiro, mandou de imediato aos seus familiares distribuírem-nos aos pobres. Porém, estes com a preocupação da sua doença, esqueceram-se de executar aquela ordem. O Profeta lembrou-os e eles distribuíram-nos logo, isto porque não queria encontrar-se com o seu Senhor enquanto deixava atrás alguma riqueza.

## **A RECUPERAÇÃO CURTA DO PROFETA**

Noite de domingo, dia 11 de Rabyul-Awwal, ano 11 da Hégira. Foi a última da vida do Profeta. Ele passou-a relativamente calmo e a febre tinha baixado, como se o medicamento que os familiares lhe fizeram beber quando ele estava em coma tivesse contribuído para aliviar a febre. No dia seguinte de manhã, ele até conseguiu ir a Mesquita, com o auxílio de Ali e Abbas, para fazer a oração (Al-Fajr) com a ligadura amarrada na cabeça. Abu Bakr dirigia a oração.

Quando a porta do quarto dê Aisha que dá acesso a Mesquita se abriu totalmente, os muçulmanos viram o Profeta entrar, ficaram consolados 'com esperança e uma onda de emoção estimulou-os a todos. Estavam tão satisfeitos pela recuperação do Profeta que quase interrompiam a oração. Quando o Profeta chegou perto para se juntar aos crentes na oração, Abu Bakr apercebeu-se disso e quis afastar-se, dando-lhe o lugar de Imam (líder) e juntar-se às fileiras dos crentes na retaguarda, mas o Profeta tocou-lhe as costas como sinal para conti-

nuar como Imam, dizendo-lhe: “Continua a dirigir a oração”. O Profeta sentou-se do lado direito de Abu Bakr, debaixo do Minbar (púlpito), fazendo a oração, sentado, enquanto Abu Bakr dirigia a oração. A face do Profeta brilhou com a satisfação ao ver a devoção da congregação.

Abu Bakr dirigiu treze (13) orações durante a doença do Profeta. Depois da oração o Profeta dirigiu-se ao Jamat (congregação) dos crentes, num tom firme, suficiente para ser ouvido fora da Mesquita, dizendo:

*Ó gentes! O fogo (do inferno) está ardendo e perseguições na fé estão avançando (vindo) como ondas de escuridão; digo-vos por Deus, não me atribuí qualquer coisa cuja autoridade não me pertence. Por Deus, decerto, eu não declarei nenhuma coisa lícita que o Alcorão não a tenha declarado lícito, nem declarei qualquer coisa ilícita que o Alcorão não a tenha declarado ilícito* <sup>4</sup>.

*A recompensa e a punição do ser humano estão baseadas na sua própria obra. A maldição de Deus que caia sobre aqueles que tomam seus túmulos como mesquitas.*

Neste sermão pregado pelo Profeta, ele predisse sobre ordálios<sup>5</sup> terríveis, a maneira de cuidar-se deles e a rigorosa observação dos princípios do Alcorão, porque esse será o único caminho que dirigirá à salvação.

Encostado a uma coluna de tronco de tamareira conversou familiarmente com alguns dos seus companheiros.

## **A SATISFAÇÃO DOS CRENTES PELA APARENTE RECUPERAÇÃO DO PROFETA**

Os muçulmanos, ao notarem a melhoria, ficaram muito satisfeitos. Abu Bakr felicitou o Profeta dizendo: “Vejo-te ó Mensageiro de Deus, numa boa saúde, pela graça de Deus e Sua bênção, assim como nós desejávamos e orávamos”. Depois pediu-lhe permissão para se deslocar para fora de Madinah e passar com a sua família em As-Sunh onde residia a sua esposa, o Profeta autorizou-o, acon-  
4 - Esta é a diferença entre o islamismo e outras religiões. No islamismo, a autoridade de tornar qualquer coisa lícita pertence somente a Deus. O Profeta transmite-o apenas (pondo em prática).

5 - Ordálio: *Sociol.* Processo judicial, usado na Idade Média, que consistia em testes de resistência (combate, fogueira, água fervente) a fim de provar-se a inocência ou a culpa do acusado; também se chamava *juízo de Deus*.

selhando o mesmo a Ali, Omar e outros que constantemente o rodeavam. Saíram para cuidarem dos seus interesses.

Os muçulmanos tinham enchido a Mesquita, ansiosos por ouvir algo sobre a saúde do Profeta. Dispersaram-se bem felizes (depois do desespero em que se encontravam pela doença do Profeta) ao saberem da melhoria da saúde do Profeta. Ele voltou da Mesquita para a casa de Aisha. Mas a melhoria era ilusória. O Profeta quando regressou da Mesquita já se sentia muito fraco, e o estado de saúde piorava constantemente. Ele passou os últimos momentos da sua vida louvando a Deus, glorificando-o e pedindo perdão e não mencionando os seus êxitos militares, dificuldades sofridas, etc.

O Profeta tinha a sua cabeça recostada no regaço de Aisha, e tinha um recipiente de água a seu lado em que instante a instante molhava a sua mão e delicadamente refrescava a sua face. Só estava com ele Aisha. No entanto chegou Abdul-Rahman (filho de Abu Bakr) ao quarto levando na sua mão «miswak» (escova de dente). O Profeta olhou para ele deixando entender o seu desejo de obter o miswak. Então, a sua esposa Aisha, apercebendo-se disso, levou o miswak da mão do seu irmão, cortou-o de lado, preparou-o e deu ao Profeta que de imediato utilizou-o limpando os seus dentes, e disse: «Ó Deus! Ajuda-me na agonia da morte».

O Profeta antes de morrer já tinha feito o testamento em que tinha ordenado que os seus parentes próximos é que deveriam transportá-lo após a sua morte. Aisha conta: «Eu sentia a cabeça do Profeta a tornar-se pesada. Eu olhava para a cara dele constantemente. Vi que de repente os seus olhos estavam erguidos (fitando) imóveis no espaço. Eu ouvi-o dizer três vezes:

*Não, (eu escolho) estar entre os companheiros gloriosos no Céu (no Paraíso). Eu juro por aquele que vos enviou com a verdade, que eu já optei pela companhia gloriosa no Paraíso.*

Esta era uma conversação entre o Profeta e os anjos da morte. Foi dada a opção ao Profeta de escolher entre a recuperação e o encontro com o seu Senhor, mas ele preferiu o encontro com o seu Senhor e a existência Superior.

Com isso, Aisha soube que se aproximava o seu derradeiro momento. A escolha da sua residência eterna, e que a sua nobre alma tinha acabado de ser colhida pelo anjo da morte. “Eu pousei a cabeça dele na almofada, e pronunciei grande choro de angústia. As suas outras esposas vieram imediatamente e de repente começaram a chorar em voz alta”.

A opção do Profeta foi aceite por Deus, e eis aí o louvado (Muhammad) já estava com aquele que é sempre louvado (Deus).

Que Deus derrame muitas bênçãos e paz sobre Muhammad, seus companheiros, familiares e seus seguidores. E todo o louvor pertence a Deus, o Senhor dos mundos.

O Profeta Muhammad faleceu antes do meio-dia de segunda-feira, dia doze de Rabiul-Awal, terceiro mês do calendário lunar, que é também o seu dia de nascimento, foi no ano 11 da Hégira, 632 da era cristã. Viveu sessenta e três anos lunares e mais três dias, e conforme o calendário solar, ele viveu sessenta e um anos e mais oitenta e quatro dias.

Na altura do falecimento do Profeta, Abu Bakr estava ausente de Madinah, em visita aos seus familiares em As-Sunh, onde morava a sua esposa Habi-bah Bin Karjiyah.

Ao ouvirem o choro das esposas do Profeta, os crentes ficaram despertados, porque da última vez que o viram encontrava-se saudável. Logo dirigiram-se para a mesquita que, em poucos momentos, se encheu. Nenhum deles estava pronto para acreditar que o Profeta estava morto. Parecia uma impossibilidade o desaparecimento do homem que os dirigiu em todos os momentos. “Como pode ele ter morrido?”, exclamaram. “Não é ele a nossa testemunha no dia da ressurreição perante Deus? Como pode então ter morrido? impossível! Ele está sendo levado para o céu como Issa (Jesus).” A multidão aumentava em redor da casa, bradando apaixonadamente que o corpo não devia ser enterrado.

## **A CHEGADA DE OMAR**

Quando a notícia se espalhou, chegando aos ouvidos de Omar, este nem quis acreditar. Veio apressadamente para o quarto de Aisha, junto a cama do Profeta, destapou a face do Profeta e continuou a olhar para a sua face por algum tempo, ao ver a cara do Profeta sem movimento, julgou que se encontrava em coma e que, emergiria em breve. Al-Muguirah tentou convencer a Omar do fato do falecimento do Profeta, mas em vão, pois ele continuava a insistir que o Profeta não tinha morrido. Foi para a mesquita, onde estavam os crentes, dessembainhou sua cimitarra, rompeu a turba e exclamou:

“Alguns hipócritas estão reclamando que o Profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) morreu, eu juro por Deus que ele não está morto, ele apenas partiu temporariamente ao encontro do Senhor, como o Profeta

Mussa (Moisés) filho de Imran, que durante quarenta dias se ocultou na montanha e, corpo ele, reaparecerá ao nosso encontro, qualquer pessoa que se atreva em perpetrar o falso boato da morte do Profeta é traidor à causa islâmica, e esse terá as suas mãos e pés cortados com esta mão (alusão da mão dele). Os muçulmanos ouviam as palavras de Omar, e ficavam confusos. Por um lado ouviam as mulheres a chorarem com voz alta, por outro, Omar a afirmar que ele não tinha morrido. Era de fato uma grande confusão.

Entretanto, apareceu Abu Bakr, espreitou para a mesquita e viu que Omar dirigia a palavra a grande multidão ali reunida. Foi diretamente para o quarto de Aisha sem falar com alguém. Pediu permissão para entrar; entrou e viu que o Profeta estava deitado num canto, coberto com um pano listrado. Aproximou-se, descobriu a face e beijou-o, chorou dizendo com grande angústia: «Que salúfero és tu, quer vivo ou morto!» E depois tomou a cabeça do Profeta nas suas mãos e olhou profundamente para a face, que não patenteava nenhum sinal de morte. Repousando outra vez a cabeça no local disse: «Os meus pais que sejam sacrificados por ti, sem dúvida és doce até na morte e exalas o odor dos vivos; decerto que já provaste a morte que Deus decretou para ti, como para qualquer outra pessoa, viverás agora em eterna bênção, pois Deus não te submeterá a uma segunda morte». Tapou de novo a cabeça com o pano e saiu recitando parte dum versículo do Alcorão: *“Somos de Deus e a Ele retornaremos.”* (2:156)

E foi diretamente para a mesquita, onde Ornar ainda continuava a proclamar que o Profeta não morreu. Abu Bakr aproximou-se de Omar e disse-lhe: “Acalma-te Ornar”. Disse-lhe para se silenciar, mas Omar não se calou, continuando a repetir as mesmas afirmações. Abu Bakr levantou-se e fez sinal para as pessoas, indicando que ele queria dirigir-lhes algumas palavras. As pessoas que já conheciam Abu Bakr como o companheiro mais confiado do Profeta, juntaram-se logo à sua volta. Abu Bakr depois de prestar os devidos louvores a Deus, proferiu este pequeno discurso, que é considerado o “Discurso Histórico” e o mais importante na história das religiões. Disse:

“Ó gentes! Se vós adorais a Muhammad, sabei que Muhammad já morreu, mas se é a Deus que adorais, então sabei que Deus está vivo, nunca pode morrer».

A seguir recitou o seguinte versículo do Alcorão: *“Mohammad não é senão um Mensageiro, a quem outros mensageiros precederam. Porventura, se morresse ou fosse morto, voltaríeis à incredulidade? Mas quem voltar a ela em nada prejudicará Deus; e Deus recompensará os agradecidos.”* (3:144)

Mal ouviu este versículo, a multidão toda voltou-se para Abu Bakr entre lágrimas e soluços e enquanto o ouviam abrandava-se-lhe o desespero. O próprio Omar conta:

“No início não prestei ouvidos aquilo que Abu Bakr dizia, mas quando o ouvi a recitar este versículo senti como se tivesse sido revelado nesse instante. Com medo, os meus pés começaram a tremer; parecia que eu ia cair e conclui logo que realmente o Profeta morreu”.

Ele logo deplorou o falecimento de Muhammad, de quem se lembrara como amigo e comandante. As palavras de Abu Bakr dissiparam todas as dúvidas e incertezas.

Omar, não quis acreditar que Muhammad estava de fato morto, pensando de outra forma: Muhammad não está morto nem morrerá, o nome dele está nos lábios de milhões de homens, há quatorze séculos os corações de milhões palpitam com profunda emoção ao pronunciarem o seu nome, e continuará assim até Deus quiser. Todos os dias logo que a escuridão desaparece na aurora, a primeira coisa que o muçulmano faz em todos os cantos do mundo é o chamamento à oração em que depois do nome de Deus recordam o nome de Muhammad, e assim cinco vezes por dia com voz alta, em cada ocasião dessas, os muçulmanos recordam a Muhammad assim como nas orações. Em todo o momento Muhammad está a ser recordado pelos muçulmanos, pois a hora da oração de cada país, difere, por haver diferenças do fuso horário. Dessa forma, Muhammad continua vivo, e recordado a todo o momento.

## **A CORTE DE BANU SAIDAH**

Depois de ouvirem Abu Bakr as pessoas convenceram-se que o Profeta morreu. Dispersaram-se todas, mas era urgente, antes de sepultar o Profeta, prevenir-se contra os perigos constantes que ameaçavam o Islam. Quebrado totalmente pela perda do seu líder inspirado, o homem que teve êxito em unir a todos numa só família em fraternidade religiosa, esses que séculos após séculos passaram nas guerras e discórdias, o que será agora dessa irmandade? Havia necessidade de nomear imediatamente o sucessor do Profeta para continuar com a sua tarefa. Só isso evitaria irrecuperável desintegração. Esta necessidade urgente agitou tumultuosamente as tribos. Estava iminente um conflito entre os Muhajerin e Ansar. Os Muhajerin na maioria deles encontravam-se reunidos na mesquita, ainda na angústia do falecimento do Profeta. Uma corte de Banu Saidah estavam reunidos a maioria dos Ansar, sob a liderança de Saad Bin Ubadah, a discutir o assunto do sucessor do Profeta. Tinham planos de nomearem Saad

Bin Ubadah, chefe de Khazraj, como sucessor do Profeta, mas havia divergência e ideias diferentes. Quando Saad Bin Ubadah quis provar que a sucessão era o direito dos Ansar, um homem dentre os Ansar interrogou: Como é que os Muhajerin reconhecerão o direito da sucessão dos Ansar? Então um outro dentre eles respondeu: Se eles não reconhecerem, a solução será de nomear um Amir de entre nós e outro de entre eles (haver dois Amir's). Saad Bin Ubadah não gostou dessa ideia e outro de entre os Ansar disse: Se eles não reconhecerem o Amir (sucessor) designado por nós, expulsá-los-emos de Madinah. Houve uma grande confusão nessa congregação. Ao ver essa imagem perigosa Mughirah Ibn Shu'ba saiu daí, foi para a mesquita e disse a Abu Bakr e a Omar para irem de imediato ter com os Ansar e reorganizarem a liderança islâmica antes da divisão da Comunidade Muçulmana piorar. Ao ouvirem esta notícia, Abu Bakr; Omar e Abu Ubaidah foram para a corte de Banu Saidah, deixando atrás Ali e outros parentes e alguns dos mais diretos discípulos a tratarem do corpo do Profeta para a sepultura, cumprindo assim o testamento do Profeta. Quando estes três chegaram lá depararam com grande confusão. No entanto, levantou-se um homem de entre os Ansar e proferiu as seguintes palavras aos Ansar ali presentes.

Primeiro prestou devidos louvores a Deus e a seguir disse: “Somos Ansar (ajudantes de Deus e da tropa do Islam)”, vós Muhajerin, apenas uma brigada na tropa. Todavia um grupo vosso foi ao extremo ao querer privar-nos da liderança natural e recusar os nossos direitos”. Omar ao ouvir isso, quis levantar-se e dirigir algumas palavras em resposta, mas Abu Bakr tendo noção da natureza dura dele, ao ponto de ainda há momentos chegar a dizer “quem afirmar que o Profeta está morto, vou cortar-lhe as mãos e pés”, recebeu que se o deixasse falar, na emoção, era capaz de dizer algo que só iria agravar a delicada situação.

Portanto, Abu Bakr proibiu Omar de usar a palavra e ele próprio se levantou e usou da palavra dizendo:

*Ó gentes! Nós, os Muhajerin, fomos os primeiros a entrar no Islam, temos a melhor linhagem e ascendência, somos os mais honrados e os mais estimados, assim como somos os mais numerosos, comparando qualquer grupo da Arábia. Ainda mais, somos parentes próximos do Profeta. O próprio Alcorão deu-nos preferência. Deus diz: Primeiro são os Muhajerin e a seguir são os Ansar e depois são os que seguem a estes grupos na virtude e na retidão. (Cap.59,8 até 10). Nós fomos os primeiros a emigrar pela causa de Deus e vós sois Ansar (ajudantes da causa de Deus).*

*Todavia vós sois os nossos irmãos na fé, nossos parceiros na fortuna da guerra e nossos ajudantes contra o inimigo. Todo o bem que reclamastes pertence verda-*

*deiramente a vós; sois os mais dignos (respeitáveis) de entre a humanidade, mas os árabes não reconhecem e nem reconhecerão qualquer soberania a não ser que isso pertença a Quraysh. Portanto o Amir (chefe) será de entre os Quraysh e o Vizir (ministro) será de entre os Ansar.*

Logo depois de Abu Bakr acabar de usar a palavra a reação dos Ansar foi de grande confusão. Habbad Bin Al-Mundhir de entre os Ansar disse: “A solução é haver um chefe escolhido de entre nós (Ansar) e outro escolhido de entre vós (Muhajerin). Mas Abu Bakr insistiu no seu ponto: Que os chefes serão escolhidos de entre os Qurayshitas e os ministros de entre os Ansar; no entanto Bashir Bin Numan um membro de entre os Ansar levantou-se e proferiu as seguintes palavras:

«Sem dúvida, o Profeta Muhammad pertencia à tribo Quraysh; por isso a sua gente merece mais serem sucessores. Na verdade nós ajudamos a religião islâmica e convertemo-nos ao Islam, mas a nossa conversão e a nossa ajuda ao Profeta de Deus foi apenas para agradar a Deus. Não queremos a Sua recompensa aqui no mundo e nem queremos criar disputas com os Muhajerin a respeito da liderança e sucessão.»

Muitos dentre os Ansar concordaram com esta posição tomada por Bashir Bin Numan, reconhecendo o direito de sucessão e a liderança dos Qurayshitas. De repente a multidão foi coberta por um manto de silêncio e acabou a disputa entre os Muhajerin e Ansar a respeito da liderança.

Abu Bakr disse aos presentes: «Eis aqui Omar e Abu Ubaidah presentes, escolhei um de entre esses dois para ser sucessor do Profeta».

Abu Ubaidah e Omar disseram: «Não! Abu Bakr é o mais nobre entre os Muhajerin, Ele foi o companheiro do Profeta na gruta (quando estavam a emigrar para Madinah). O Profeta nomeou-o para Imam, para liderar as orações no seu lugar, e sem dúvida o Profeta o teria escolhido para seu sucessor (Califa). Portanto, na presença de Abu Bakr, ninguém pode ser escolhido acima dele como Califa». Omar disse a Abu Bakr: «Estende a tua mão para eu prestar o meu juramento de fidelidade, ao elegermos-te estamos a eleger o melhor de entre todos aqueles que o Profeta amava e confiava». As palavras tocaram nos corações dos muçulmanos ali presentes. Todos tinham testemunhado quando o Profeta insistiu para Abu Bakr liderar as orações, mesmo na presença dele, e, assim, a diferença e disputa entre os Muhajerin e Ansar foi dissolvida. Todos começaram a prestar unanimemente o juramento de fidelidade a Abu Bakr. Quando a notícia-expandiu os outros vieram também a correr para fazerem o mesmo.

No dia seguinte houve uma sessão de prestação de fidelidade em público na mesquita. Abu Bakr dirigiu as seguintes palavras aos muçulmanos. Primeiro, prestou louvores a Deus, a seguir disse:

*Ó gentes! Eu fui designado vosso líder, quando eu não sou o melhor de entre vós; portanto, se eu cumprir bem o meu trabalho, é vossa obrigação apoiar-me; e se eu errar é vossa obrigação corrigir-me. A exatidão é a fidelidade e mentira é a traição (deslealdade).*

*Os fracos serão fortes perante mim até eu restaurar os seus direitos perdidos, e os fortes serão fracos perante mim até eu restaurar deles os direitos dos pobres por eles arrancados. Quando um povo deixa de esforçar-se pela causa de Deus torna-se humilhado. O povo que pratica a lascívia, Deus envolve-o na miséria. Obedecei-me enquanto eu obedecer às ordens de Deus e do Seu Mensageiro, mas se eu desobedecer à ordem de Deus e do Seu Mensageiro não é vosso dever obedecer-me.*

Portanto, a questão importante já estava resolvida. Os crentes vieram para a casa do Profeta, para prepararem o funeral. Depois surgiu a disputa quanto ao lugar do sepultamento. Os Muhajerin indicavam Makkah, cidade onde ele nascera, e os Ansar defendiam o direito de Madinah, por ter sido a cidade onde ele se refugiara e vivera os dez últimos anos da sua vida. Um terceiro partido aconselhava deverem os restos mortais ser transportados para Jerusalém, por ser esta cidade onde se enterravam os Profetas. As propostas de ele ser enterrado em Makkah ou Jerusalém foram rejeitadas e os muçulmanos resolveram enterrá-lo em Madinah, a primeira cidade que ergueu a bandeira islâmica. Depois começaram a discutir acerca do local da sepultura em Madinah. Uns diziam que devia ser sepultado na mesquita. Esta opinião não foi aceita, porque Aisha relatou que o Profeta nos últimos dias amaldiçoava os judeus e cristãos que tomaram os sepulcros dos Profetas como mesquitas (local de adoração). Outros diziam que devia ser enterrado na sua casa, outros diziam que no cemitério geral. No entanto, Abu Bakr resolveu o problema quando disse:

“Eu ouvi o Profeta dizer que os Profetas são enterrados no lugar onde a sua alma é acolhida (local onde morre)”. Portanto aplicaram esta Ideia e foi sepultado no quarto de Aisha.

## **O CORPO É PREPARADO PARA O ENTERRO**

Antes do enterro o corpo do Profeta foi lavado pelos seus familiares mais próximos, tal como o Profeta tinha mencionado no testamento.

De início estavam embaraçados, não sabendo como iriam lavá-lo. Após muita discussão, o irresistível sono fechou as suas pálpebras. Adormeceram sentados. De repente uma voz procedente do quarto da morte foi ouvida. Eles despertaram com essa voz, que foi a resposta à preocupação deles: “Lavai o Profeta sem o despir”. Eles logo perceberam que essa foi a solução e sem demora puseram-na em prática. Abbas ergueu um tipo de tenda com tecido do lêmên para manter a multidão à parte do corpo, com sete botijas (peles) cheias de água trazida do poço Al-Ghars de Quba - era o poço preferido do Profeta. Ali, Uthman, Abbas e seus filhos Al-Ghadl, Qusam e Shukran, o escravo liberto, procederam ao ritual da lavagem. Uthman e Shukran borrifavam água e Ali limpava-o, sem o despir.

A primeira lavagem foi feita com água simples, a segunda foi com a infusão de flores de lódão e a terceira e última foi com água canforada. Abbas e Ali Bin Abi Talib perfumaram cada parte do corpo que entra em contato com a terra durante a cerimônia da prostração: A testa, nariz, palmas, pés e joelhos. Afir-mam os que o lavaram que “maravilhosa fragrância consoante o testemunho de suas mulheres e filhos que durante a vida dele emanava do seu corpo, continuou após a sua morte”.

“Que doce é o teu cheiro!” exclamou Ali, e todos maravilharam ao não encontrarem no corpo de Muhammad nenhum desses vestígios horríveis de decomposição, depois da separação da alma do corpo.

Depois do corpo ser lavado e perfumado foi envolvido em três cobertas, duas brancas e a terceira de tecido listado do lêmên, e tudo isso perfumado com âmbar, almíscar, aloés e ervas odoríferas. Depois expuseram-no ao público, para verem pela última vez o seu Profeta, o selo dos Profetas e para orarem por ele (a favor dele). O quarto estava praticamente cheio, em conformidade com a sua capacidade. Os muçulmanos (homens, mulheres e crianças) começaram a orar pelo Profeta sem líder (Iman). Abu Bakr concluiu a oração com estas palavras em voz alta: “Que a paz, misericórdia e bênção de Deus estejam contigo, ó Mensageiro de Deus; ó Deus, prestamos testemunho que o Mensageiro de Deus cumpriu a sua missão, transmitiu a mensagem incumbida a ele pelo seu Senhor, esforçou-se e combateu pela Sua causa até que Deus deu a vitória à Sua religião. Nós testemunhamos igualmente que ele nos ordenou não adorarmos a ninguém fora de Deus único, que não tem sócios. Ó Deus! Concede a paz a todos aqueles que dentre nós seguem sinceramente as ordens que tu revelaste a ele e apressa a nossa reunião com ele, Amin».

Ao fim de cada frase todos os muçulmanos diziam coletivamente «Amin».

## O ENTERRO DO PROFETA

Os árabes tinham dois modos de cavar a campa, consoante as terras (duras ou moles). Os de Makkah cavavam as campas de modo plano no fundo e os de Madinah cavavam-na encurvada no fundo.

Nessa altura havia dois homens experientes em Madinah no modo de escavação de campas. Abu Ubaidah à moda de Makkah, e Abutal-a à moda de Madinah. Surgiu uma pequena divergência- sobre qual o tipo de campa que devia ser feita para o Profeta. Omar sugeriu que não havia necessidade da divergência, a solução seria enviar homens para chamar estes dois escavadores; aquele que chegar primeiro, a maneira dele será aplicada. Abbas gostou desta Ideia e enviou dois homens para chamar esses senhores. Por coincidência, Abu Obaidah não estava presente em casa e veio Abutal-a para cavar à moda de Madinah.

A cama foi afastada e a campa foi cavada no local por Abutal-a (na terra onde costumava ficar à cama em que o Profeta morreu).

Depois de cavar, foi estendido na campa um manto vermelho que o Profeta utilizou como tapete em cima do camelo, durante as suas viagens. A seguir Ali Bin Abi Talib, Al-Fadhl e Ousam baixaram o corpo para o seu último local de repouso e Chukran encontrava-se na cova para endireitá-lo.

Al-Mugira Ibn Chuba afirma que ele foi o último homem que teve a sorte de contemplar a face do Profeta antes da campa ser coberta com areia. Relata: «Eu deixei cair o meu anel na campa, para que quando o fosse recuperar (anel) ser o último a dirigir a saudação de despedida ao Profeta (que a paz esteja com ele)».

Esta triste cerimônia concluiu-se à meia-noite de terça para quarta-feira. No dia seguinte, na aurora; quando Bilal, no seu chama, menta à oração, proclamou: «Não há divindade além de Deus e Muhammad é Mensageiro de Deus», ele só conseguiu gritar o nome de Muhammad, por estar a soluçar. Toda a cidade lhe respondeu com um eco, em longo choro de desespero que se elevou até ao céu, de cada porta e janela das casas.

O Profeta, antes do falecimento, tinha feito o testamento: Depois da lavagem do seu corpo e já pronto para o enterro todos deviam sair do quarto para os anjos pronunciarem a oração fúnebre para ele, o que também foi cumprido. O Profeta faleceu numa segunda-feira e só foi sepultado na meia-noite de terça. Os motivos da demora foram vários: Porque a oração fúnebre não foi feita em

congregação, mas cada um a fazia individualmente, sem Imam e a população era grande. S6 na expedição de Uthman havia milhares de homens, além da população de Madinah. Portanto, este processo levou muito tempo, até o dia seguinte.

E no primeiro dia o trabalho de preparação do corpo não começou imediatamente após a morte, porque as pessoas nem acreditavam na morte do Profeta, até que, conforme atrás relatado, chegou Abu Bakr e as acalmou, explicando a morte do Profeta. Nesse dia já era tarde, pois estava prestes a escurecer e não dava tempo para iniciar o trabalho.

Daí a razão do atraso. Não porque é costume oriental (como afirmam certos orientalistas) até porque o próprio Profeta ordenou aos muçulmanos que apressassem a preparação e enterro dos mortos. Pelo contrário é costume ocidental deixarem a urna na câmara ardente por alguns dias.

O Profeta morreu e não deixou riqueza nenhuma para ser distribuída aos seus herdeiros. O pouco que deixou foi entregue em caridade. Sim, o que ele deixou foi o livro de Deus, Alcorão, que a falsidade não pode vir nem da sua frente nem de trás e o seu modelo (tradição), se os muçulmanos o seguirem, nunca se desviarão.

De fato não nasceu no mundo, nem antes nem depois, homem mais qualificado do que o Profeta Muhammad. Ele ocupava uma posição única, sendo líder e último Profeta. A corrente da profecia que se iniciou com Adão terminou com Muhammad. A carreira inteira dele é uma testemunha viva da veracidade do Islam. A vida inicial dele de boa moralidade, a seguir os seus treze anos em Makkah de sofrimentos pela causa do seu povo e depois o triunfo, últimos dez anos, contra grandes resistências, tudo isto prova que de fato ele era um grande homem, o maior benfeitor da humanidade.

Mostrou-nos o verdadeiro caminho que dirige o homem à salvação; mostrou-nos como devemos comportar-nos com o próximo, com a família, parentes, vizinhos, com o pobre e com o rico. Mostrou aos ricos como deviam utilizar as suas riquezas. Ele disse-nos como judeus e cristãos se desviaram; acima de tudo ele deu-nos o Alcorão, nosso guia em todos os assuntos, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou inter-raciais, etc. Na realidade a religião islâmica não é uma nova religião, é a mesma religião do único Deus, a mesma que foi pregada pelos Profetas Abraão, Moisés, Noé, David, Salomão, Jesus e outros. O Islam envolve a nossa vida toda e é o código de vida de toda a humanidade se todos nele acreditassem e o seguissem. Que Deus acelere a tocha acesa pelo nobre Profeta Muhammad (que a paz esteja com ele) no vale árido de Makkah, para todas as

partes do mundo. Deus que dê paz à alma de Muhammad e nos dê coragem de seguir o seu modelo. Na verdade todos nós pertencemos a Ele e para Ele regressaremos.

## FISIONOMIA DO PROFETA MUHAMMAD

Está fora do alcance do ser humano traçar o retrato da fisionomia do nobre Profeta (que a paz esteja com ele). Contudo os seus nobres companheiros, dentro das suas capacidades, tentaram descrever a sua feição para nos darem um relance dele e termos uma ideia mínima.

O grande teólogo Al-Qurtubi (de Córdoba) afirma que toda a formosura do Profeta não foi manifestada porque os homens não poderiam lançar um olhar para ele.

Um poeta persa fez uma verdadeira observação, segundo o qual toda a formosidade que foi possuída por Profetas antecedentes ao Profeta Muhammad, foi encontrada perfeita no Profeta Muhammad, Enquanto a beleza de José não estava cortinada, mas sim patente, a do Profeta Muhammad estava cortinada.

De fato foi um grande favor dos nobres companheiros, para com os crentes, pois não se limitaram a registrar e transmitir as ciências e prudências do Profeta Muhammad mas também fizeram o esforço de descreverem a sua feição física e, até, de um certo modo, tiveram êxito.

Numa narração, Ali Bin Abi Talib diz que o elogiador do Profeta dirá de certo que nunca viu alguém mais belo. Hind, um dos discípulos, diz que a auspiciosa face do Profeta brilhava como a lua cheia.

Noutra narração de Ali Bin Abi Talib, divulgada por At-Tirmidhi, consta: “O Profeta não era muito alto nem muito baixo, mas médio, o seu cabelo não era totalmente desempenado (estreito) nem acarapinhado, embora ligeiramente estreito, também era um pouco ondulante. O corpo não era espesso, assim como a face não era redonda mas sim oval”.

A tez (cor de pele, especialmente do rosto) do Profeta era ligeiramente clara. Os olhos eram negros e as sobrancelhas finas, longas e separadas (não ligadas). O nariz parecia alto, brilhante, a sua barba era luxuriosa, os ossos das articulações no corpo eram espessos e fortes (pulso, cotovelo, joelho) - é sinal de força - e o espaço entre os ombros era carnal (cheio de carne). O nobre corpo não era peludo (exceto as partes particulares do corpo que costumam ter pelo),

contudo havia uma linha de pelos do peito até ao umbigo. As auspiciosas mãos e pés eram fortes (cheias de carne). Quando o Profeta andava punha o pé para frente firmemente, parecendo caminhar num declive (inclinava-se para frente) provindo dum local alto para baixo, pondo o pé levemente no chão, com passos longos. Quando atendia alguém, fazia isso com o seu corpo inteiro (não fazia como fazem os orgulhosos que atendem desleixadamente ou só de esguelha, ele rodava o seu corpo todo e voltava a sua lustrosa face para o lado da pessoa, para atendê-lo). Tinha entre as omoplatas o selo da profecia. Foi o último Profeta. Era o mais magnânimo de entre todas as criaturas, ornais verdadeiro na conversa e o mais compassivo de todos. Pertencia à mais nobre de entre todas famílias.

O cabelo era longo, chegava até ao lóbulo das orelhas, penteava do meio da cabeça. Às vezes os cabelos chegavam até aos ombros, outras vezes acima do lóbulo das orelhas. A testa era longa, as suas bochechas estavam niveladas (não estavam afundadas), a boca era moderadamente larga (e não estreita, apertada), os dentes eram pequenos (não largos) e brilhantes. Havia algum afastamento entre os dentes da frente. O pescoço era fino com boa aparência, como ferro bem cinzelado, e na cor era claro e atrativo como prata. O abdômen e o tórax estavam nivelados. O peito era largo; o Profeta em geral olhava mais para o chão do que para o céu. Ele era o primeiro a cumprimentar a quem encontrasse no caminho; quando andava caminhava à retaguarda de quem o acompanhava, deixando os seus companheiros andarem à frente. Usava um anel na mão direita.

Em geral apenas sorria (não gargalhava). Os cabelos eram pretos na altura do seu falecimento. Os poucos cabelos brancos que possuía eram facilmente contáveis. Usava óleo nos cabelos, utilizava nos olhos (surma) antimônio reduzido a pó fino. Tinha doçura na língua, era bravo, eloquente, nunca rejeitava o pedido justo de alguém. Era generoso, sempre fazia o seu trabalho com as suas próprias mãos e quando falava parecia que o brilho da luz saia dentre os seus dentes. O seu corpo tinha sempre um odor distinto; quando passava em qualquer caminho as pessoas descobriam a passagem dele pelo odor. Mantinha-se sempre calado, não falava sem necessidade, nunca desejava mal para ninguém, retribui a o mal por bem, usava turbante com chapéu pegado ao cabelo. Usava túnica, gostava da cor branca e verde, detestava a cor vermelha, usava sempre perfume, gostava de estar sempre limpo e puro e detestava a sujidade e de ver os outros sujos, até chegou ao ponto de dizer: «Se eu não tivesse receio de pôr a minha gente em dificuldade, ordenava-lhes para limparem (escovarem) os dentes cinco vezes por dia». *Alí está o Islam, religião de higiene.*

E disse: «A pureza é metade da fé». Gostava muito de cavalos (a sua criação e conservação da sua raça, a raça pura árabe que até hoje é conhecida

no mundo) e montá-los. Fazia corridas, costumava dizer: “O bravo (forte) não é aquele que deita abaixo o seu rival, mas sim aquele que controla a sua ira.” O Profeta passava as suas noites na oração a Deus até as pernas ficarem inchadas e habitualmente dizia a outros: «Por Deus se soubésseis o que eu sei, haveríeis de rir pouco e chorar muito». Ali Bin Abi Talib perguntou ao Profeta sobre a sua tradição e o Profeta respondeu: «A sabedoria é o meu capital, a razão (juízo) é a raiz da minha fé, o amor é a minha fundação, o entusiasmo é a minha montada, a recordação (lembança) de Deus é minha companhia, a firmeza é o meu tesouro, a tristeza (dor) é a minha companheira, a Ciência é a minha arma, a paciência é o meu manto, o contentamento é o meu despojo, a pobreza é o meu orgulho, a devoção é a minha arte, a convicção é o meu poder, a verdade é o meu redentor, a obediência é a minha suficiência, o esforço (na causa de Deus) é a minha maneira, a frescura dos meus olhos (o meu prazer) está na minha oração, o fruto do meu coração está na recordação d’Ele e a minha ânsia é para o meu Senhor (para ir ter com Ele)».

## **O QUE É O ISLAM? (uma Ideia geral)** **- UNICIDADE DE DEUS -**

O Islam acredita firmemente no monoteísmo, unidade de Deus, na Sua Pessoa e nos Seus atributos, O Alcorão, no cap. 112, diz: *Dize: Ele é Deus, o Único! Deus! O Absoluto! Jamais gerou ou foi gerado! E ninguém é comparável a Ele!* Portanto, nem triteísmo herético, nem trindade cristã. É único, não tem associados, como lhe atribuíram os pagãos de Makkah, e os cristãos, que afirmam: “Jesus é o filho de Deus e o próprio Deus”. Este é o ponto fundamental da religião islâmica, e o Alcorão considera todos os pecados perdoáveis, exceto associar qualquer coisa (seja ele santo ou Profeta) com Deus, na Sua pessoa ou nos Seus atributos. Esse é o Deus, o Criador, o Vivo, o Misericordioso, o Mantenedor do Universo e de tudo o que nele existe. Ele é Único, não tem filhos, nem pais, e não há ninguém que O iguale, é o Deus de todas as criaturas, todas as raças dos homens, não só duma religião, não só dos crentes, mas de todos, das bicharadas, dos selvagens, etc. É o mesmo Deus, a quem os muçulmanos chamam Allah, o antigo nome semítico do ser Supremo que revelou a Adão e a, todos os Profetas, assim como os ingleses O chamam de “God”, os italianos e o espanhóis de “Dios”, os franceses “Dieu”, “Elohim” ou “Javé” em hebreu, “Khuda” ou “Yasdan” em persa, “Tanri” em turco, etc., e assim cada língua usa um nome diferente. Mas essa variação de nomes não significa a variedade da divindade, mas sim um modo de expressão pela realidade que vive no íntimo de cada um. Deus ordena aos muçulmanos para exclamarem para os descrentes:

*“Nosso Deus e o vosso são Um e a Ele nos submetemos.” (29:46)*

O Deus de todo o mundo é o mesmo, o primeiro versículo do Alcorão inicia-se assim:

*“Louvado seja Deus, o Senhor do Universo.” (1:2)*

E no último capítulo do Alcorão, no seu primeiro versículo, consta:

*“Dize: Amparo-me no Senhor dos humanos, o Rei dos humanos, o Deus dos humanos.” (114:1 até 3)*

Esta é a primeira base fundamental do Islam, um Deus em Si e Único para todos.

A fórmula cristã «em nome do Pai, Filho e Espírito Santo», nem mencionam o nome de Deus. A maneira islâmica é totalmente diferente. «Em nome de Deus, o Clemente e Misericordioso - BissmilLahir-Rahmaanir-Rahiyim.”

Nós muçulmanos não admitimos pluralidade de pessoas na Divindade. Para nós Deus não é pai dum filho nem filho dum pai, Ele não tem mãe; acreditar no Deus pai, no Deus filho e Deus Espírito Santo é uma flagrante recusa em acreditar na unicidade de Deus e é reconhecer três seres imperfeitos, que unidos ou separados não podem ser o verdadeiro Deus.

A matemática, como ciência positiva, ensina-nos que uma unidade não é mais nem menos do que um e esse um não pode ser igual a um, mais um, mais um. Noutras palavras, um não pode ser igual a três, porque um não é um terço de três, da mesma forma que Um não é igual a um terço e vice-versa, Três não são iguais a um, nem um terço pode ser igual a uma unidade. A unidade é a base de todos os números, de fato todos os números são agregados da unidade 1 (um).

Os que mantêm a unidade de Deus na trindade de pessoas, dizem que cada um deles é onipotente, onipresente, eterno e um Deus perfeito, mesmo assim não são três onipotentes, três onipresentes, três eternos e perfeitos deuses. Mas só é um onipotente, onipresente, Deus. De fato isto é um grande mistério apresentado pela igreja; 1 Deus = 1 Deus + 1 Deus + 1 Deus; portanto 1 Deus = 3 Deuses.

Em primeiro lugar, um Deus não pode ser igual a três Deuses, mas só a

um deles, depois, uma vez que os cristãos aceitam que cada um dos três é um perfeito Deus, como os seus dois associados, a conclusão deles:  $1 + 1 + 1 = 1$ , não é matemática, mas sim absurda.

Ou são arrogantes de mais, quando tentam provar que três unidades são iguais a uma unidade, ou muito medrosos (covardes) em confessar que três unidades são iguais a três unidades. No primeiro caso, eles nunca podem provar uma solução errada dum problema por um processo falso, e no segundo caso não têm coragem de confessar a crença deles em três deuses. E depois, os cristãos afirmam que cada pessoa da trindade tem certos atributos, um deles é o da prioridade.

O pai é sempre o primeiro e depois é o filho, sendo o Espírito Santo posterior e inferior aos dois. Se alguém alterar essa ordem é considerado pecado de heresia. Por exemplo, se alguém disser «em nome do Espírito Santo, do Filho e do Pai». Portanto se eles fossem absolutamente iguais e coesos, não havia necessidade de observar a ordem.

E quando eles dizem em nome do pai, têm imagem do pai na mente diferente à do filho e quando mencionam o filho têm imagem do filho diferente à do pai e do espírito santo, portanto mais uma prova de eles acreditarem em três divindades diferentes.

O pai gerou e não foi gerado, o filho foi gerado e não o pai, o espírito santo é o resultado de outras duas pessoas. A primeira pessoa é descrita como criador e destruidor, a segunda como redentor e a terceira como outorgador de vida. E dizem também que a segunda pessoa é a palavra da primeira pessoa, tornou-se um homem e foi crucificado na cruz para satisfazer a justiça do pai. A sua encarnação e ressurreição são realizadas pela terceira pessoa.

Conclusão: O monoteísmo puro só existe no Islam. Os cristãos se não acreditarem da mesma forma e não renunciarem à manobra da trindade, serão considerados descrentes no verdadeiro Deus e politeístas. O Alcorão, assim como o Antigo Testamento, condenam a doutrina da trindade; o Novo Testamento é que é confuso e silencioso na matéria, e mesmo que tivesse qualquer coisa que indicasse isso, não seria prova, pois não foi visto nem escrito pelo próprio Jesus, nem na língua de Jesus e nem existia na forma presente, relativamente ao conteúdo, nos primeiros dois séculos após Jesus. Desenvolvi um pouco este tópico por ser o único que nos separa dos cristãos.

## UNIDADE DE PROFECIA

Apesar de outros povos acreditarem em alguns profetas e rejeitarem outros, que também são mensageiros do mesmo Senhor, se consideram crentes, como é o caso dos judeus, que acreditam em alguns profetas e rejeitam outros (a Jesus, Muhammad, etc.). Os cristãos que, ao só acreditarem em Cristo, rejeitando outros Profetas (Muhammad), consideram-se únicos filhos de Deus e crentes. O caso do Islam é diferente. Uma vez que o Senhor é o mesmo que enviou todos os Profetas, por conseguinte para ser crente é obrigatório acreditar em todos os Profetas enviados por Deus. O Alcorão diz:

*“Nós não fazemos distinção entre os Seus mensageiros.”. (2:285)*

## UNIDADE DOS LIVROS

Enquanto outras religiões acreditam em alguns livros enviados por Deus e rejeitam outros e mesmo assim os seus professantes consideram-se crentes. Tal como os judeus, que só acreditam no Antigo Testamento (Torá) e rejeitam o Evangelho, os cristãos que se baseiam no Evangelho, rejeitam o Alcorão. O Islam ensina-nos que para se ser crente tem que se acreditar em todos os livros enviados por Deus. Assim como o muçulmano acredita no Alcorão é-lhe obrigatório acreditar no “Torá”, “Evangelhos”, “Salmos”, etc. Assim como diz o Alcorão:

*Dize: Cremos em Deus, no que nos foi revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos, e no que, de seu Senhor, foi concedido a Moisés, a Jesus e aos profetas; não fazemos distinção alguma entre eles, porque somos, para Ele, muçulmanos. (3:84)*

Portanto, o Islam ensina-nos que Deus é um, por isso o caminho da salvação também é um só, e todos os Profetas desde Adão até Muhammad transmitiram a mensagem do mesmo Senhor. A base dos ensinamentos de todos foi a mesma, com diferença apenas nos pormenores.

## UNIDADE NA RELIGIÃO

Muitos homens pensam que há várias religiões no mundo, todas elas diferentes umas das outras. Contudo, o Islam diz-nos que a base da religião verdadeira é só uma. Uma vez que Deus é um só, o caminho para chegar até Ele também é só um. Pode haver pequenas diferenças nos pormenores, mas a base, isto é, a unidade de Deus, Seus atributos, adoração a um só Deus, direitos humanos, moral, dia do juízo final, etc., é a mesma. “Mas alguns por capricho deturpam a

verdade. As divergências que hoje existem entre as religiões são fruto das deturpações dos homens”.

Com a fé na unidade em Deus, na profecia, nos livros sagrados e nas religiões, o Islam quis fundar a base da unidade da humanidade. Para o Islam todos os homens são iguais. Não há distinção nem discriminação entre os homens, porque todos são criaturas do mesmo e único Deus. Assim diz o Alcorão:

*«Ó humanos, em verdade, Nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos, para reconhecerdes uns aos outros. Sabei que o mais honrado, dentre vós, ante Deus, é o mais temente. Sabei que Deus é Sapientíssimo e está bem inteirado.» (49:13)*

Esta é a base da igualdade no Islam. Todos são filhos de Adão e Adão é da terra.

Muhammad veio e acabou com o temor que residia no coração do ser humano, em relação a várias coisas, e disse que só Deus deve ser temido. Acabou com a distinção, opressão e declarou a todos irmãos, iguais nos direitos; o Alcorão diz-nos que tudo o que Deus criou (sol, lua, astros, montanhas, animais, fogo, árvores, etc.) foi para o benefício do ser humano. Por isso, este não deve prostrar-se perante nenhuma das criaturas, mas sim perante o Criador dessas coisas, que é o único Deus. Ó Islam ensina-nos que o ser humano é superior a qualquer outra criatura de Deus e veio ao mundo para ser herdeiro de Deus na terra. Se ele é superior como pode ser lógico ele prostrar-se perante outras criaturas que lhe são inferiores?

O Islam ordena a todos nós obedecermos a um único Deus, amarmos os nossos irmãos, sermos justos e’ afastarmo-nos de todo o tipo de imoralidade, sermos puros, mental e fisicamente, amarmos os nossos pais e servimo-los.

O Islam considera servir e obedecer aos pais uma obrigação, após a obrigação para com Deus, sermos generosos para com os nossos familiares, não cortar as relações uterinas, alimentarmos o pobre, o viajante, o órfão, o aflito, desejarmos para o próximo aquilo que gostamos para nós mesmos.

Cada um é responsável pelas suas ações; ninguém pagará por outro e não há intermediário entre o homem e o seu Criador. Quem tiver feito o bem correspondente ao peso de um átomo vê-lo-á e quem tiver feito o mal correspondente ao peso de um átomo vê-lo-á também no dia do juízo final. O Islam ensina também a não invejar o próximo, não odiar o semelhante, não fazer intrigas,

não mentir, não caluniar, vivendo todos como irmãos, não maltratar as pessoas nem os animais, não matar os filhos, nem a outros, exceto em caso de retaliação. O Islam considera aquele que mata uma pessoa inocente como se tivesse matado toda a humanidade, ti quem salva Uma vida humana é como se tivesse salvo toda a humanidade da desgraça. Não excedermos na vingança dentro dos limites prescritos, sermos moderados nas despesas (não avarentos nem esbanjadores).

São igualmente princípios do Islam cumprimos as nossas promessas, sermos humildes e não arrogantes, controlar a ira quando estivermos zangados, respeitarmos os direitos das mulheres e trata-las com amor e justiça. Os muçulmanos não adoram a Muhammad assim como os cristãos adoram a Cristo ou os budistas a Buda. Por isso, não é correto chamar-nos maometanos, porque não adoramos Muhammad, porque ele para nós foi um simples mensageiro e o último dos profetas que cumpriu a sua missão e foi para junto de Deus assim como foram outros profetas. Deus é que perdoa os pecados de todos, e ninguém fora d>Ele tem essa autoridade. Qualquer pecador quando se arrepende deve dirigir-se a Deus. O Islam é a religião da paz.

A própria palavra Islam em árabe é sinónimo de «paz». Abraçando o Islam a humanidade terá paz, tanto neste mundo como noutro.

*Pelos seus frutos conhecê-los-eis. (S. Mateus, 7:16 ou 20)*

## OS MILAGRES DO PROFETA

O Profeta Muhammad (que a paz esteja com ele) teve vários milagres, muitos dos quais foram mencionados neste livro. Mas o maior milagre vivo até hoje é o Alcorão. Temos várias provas que indicam que o Alcorão é Livro de Deus e que não está ao alcance do ser humano produzir um livro igual. O Alcorão têm informações dos povos passados e tem notícias do futuro, etc. Os inimigos têm o hábito de fazerem uma observação a respeito do Alcorão, dizendo que Muhammad copiou a Bíblia e tentou apresentar o resumo bíblico em árabe, isto para negarem a divindade do Alcorão e tirem-lhe a classe de Mensageiro de Deus. Temos várias respostas para repudiar esta acusação falsa; aqui apresento algumas:

1º - Quando se copia algo, a cópia e o original são idênticos, no caso contrário não podemos chamar a isso uma cópia. Mas, no caso do Alcorão e da Bíblia, ao fazermos uma comparação, chegamos a conclusão diferente: Primeiro, porque o Profeta Muhammad é conhecido historicamente e unanimemente

como iletrado; não sabia ler nem escrever, assim como diz o Alcorão:

*E nunca recitaste livro algum antes deste, nem o transcreveste com a tua mão direita; caso contrário, os difamadores teria duvidado. (29:48)*

Então ele não sabia ler nem escrever, como podia copiar? E se tiram a hipótese que alguém o ensinava, então esse tal, se é árabe, porque não deixou esta tão grande honra para si próprio e preferiu deixar passar para Muhammad? E se esse tal não é árabe, está clara a falsidade da acusação, porque se o Profeta não sabia outra língua fora do árabe, como se comunicava com outro não árabe?

2° - A Bíblia, no Antigo Testamento, difama os Profetas quase todos. Por exemplo, diz a respeito de Noé que ele era um bêbado; Lot era adúltero e bêbado, cometeu adultério com suas próprias filhas; David, Salomão, Judas e muitos outros são difamados. Em geral fala mal de todos. O Novo Testamento diz que todos os Profetas eram ladrões (vers. S. João, 10, 7-8). O Alcorão já não é assim; defende a honra dos Mensageiros e Profetas de Deus, desde Adão até Muhammad, uma vez que eles são enviados de Deus, que nos trouxeram a mensagem da salvação. A vida deles serve de modelo para nós: como podiam ser bêbados, adúlteros e ladrões? Essas são qualidades que um homem vulgar não aceita para si, nem os religiosos cristãos gostam de ser chamados por esses nomes. Será que estes são superiores aos Mensageiros de Deus? Quando ainda estes reivindicam representar a eles e seus sucessores.

Se o Alcorão fosse cópia, condenaria da mesma forma os Profetas e Mensageiros de Deus. O Alcorão defende a honra e prestígio deles. Então perguntamos que tipo de cópia é esta?

3° - Os cristãos pregam a Santíssima Trindade, alegando basearem-se na Bíblia, enquanto que o Alcorão prega o monoteísmo puro e defende a unidade de Deus na Sua pessoa e nos Seus atributos, e considera esta crença a base fundamental do Islam. Enquanto a Bíblia diz que Jesus é filho único de Deus, o Alcorão diz: Deus não tem filho, não gerou nem foi gerado, não há ninguém igual a Ele. Como então pode ser considerado cópia da Bíblia.

O fato de ter passagens semelhantes não é por ser cópia mas sim, como o próprio Alcorão diz:

*Em verdade, revelamos-te o Livro corroborante e preservador dos anteriores. (5:48)*

Portanto, se há semelhança é porque a fonte é a mesma, não porque é cópia. Hoje, se a Bíblia e o Alcorão apresentam versões diferentes do mesmo evento, é porque a Bíblia já está deturpada e temos provas disso. Se nós dissermos que Jesus enganou os seus contemporâneos ao introduzir as inspirações do Antigo Testamento durante a sua pregação - porque o Evangelho de S. Mateus está baseado na continuação do Antigo Testamento -, será que os teólogos cristãos concordarão de privar a Jesus a sua categoria de enviado de Deus por este motivo?

Graças à sua indiscutível autenticidade, o texto do Alcorão ocupa um lugar único entre os Livros revelados, nem o Antigo ou Novo Testamento partilham esse lugar.

A Bíblia já sofreu várias alterações, mas o Alcorão já não, por uma simples razão: O Alcorão foi escrito logo no tempo do Profeta, os Evangelhos foram escritos muito mais tarde e os seus autores nem presenciaram a época da revelação; o Alcorão, além de ter sido escrito logo na vida do Profeta, foi também decorado (memorizado) pelos crentes, por milhares. Hoje ainda existem milhares de crentes denominados «Hafiz» (o que memorizou o Alcorão). Portanto, dois elementos da autenticidade que a Bíblia não possui. Esses processos continuam até hoje. O Profeta, durante a sua vida, recitava todo o Alcorão revelado, fazendo revisão com o Anjo Gabriel.

E no último mês de Ramadan da sua vida recitou-o perante o Anjo duas vezes, e os muçulmanos desde o tempo do Profeta até os dias de hoje fazem a vigília durante as noites de Ramadan, recitando o Alcorão todo em adição às orações diárias.

No tempo do Profeta foram utilizados vários materiais para escrever o Alcorão: Couro, madeira, pedras, pergaminhos, etc. Na realidade, as escrituras principais reveladas antes do Alcorão, como a do Antigo e Novo Testamento, apareceram na forma de um livro muito depois dos Profetas e isso também em tradução, pois os partidários de Moisés e Jesus não efetuaram nenhum esforço considerável para preservarem estas revelações durante a vida dos seus Profetas; melhor, elas foram escritas muito depois da morte deles, na forma de traduções individuais das revelações originais e contêm adições e eliminações feitas pelos seguidores dos ditos Profetas. Pelo contrário, o Alcorão é existente na forma original. Deus garantiu a sua preservação para ser o Livro de orientação para toda a humanidade e em todas as eras; por isso mesmo não é dirigido apenas aos árabes, em cuja língua foi revelado, mas sim a toda a humanidade:

*Ó humano, o que te fez negligente em relação ao teu Senhor, o Munificentíssimo.*  
**(82:6)**

Em seguida, na época do Califado de Abu Bakr, foi escrito a compilado num só volume, que se encontrava com Abu Bakr até a sua morte, passando para o Califa Omar e depois para Hafsa, a filha de Omar e esposa do Profeta. Foi através dessa cópia original que o terceiro Califa Uthman preparou várias outras cópias e as enviou para as principais cidades islâmicas.

A prudência alcorânica é convincente: O Alcorão não condena, nem tortura a carne (corpo) e nem negligência a alma. Não humaniza Deus, nem diviniza o homem; tudo está colocado cuidadosamente no seu devido lugar e no sistema total de criação.

De fato, os inimigos que alegam que Muhammad foi o autor do Alcorão, reivindicam uma coisa que é humanamente impossível: Alguém pode proferir realidades científicas como contém no Alcorão no século VI da era cristã? Pode ele descrever a evolução do embrião no útero tão perfeitamente como nos revela a ciência?

Será que é lógico acreditar que Muhammad até aos 40 anos de idade foi caracterizado somente devido à sua honestidade e integridade e começou de repente com a autoria do livro inigualável em termos literários, o equivalente ao que a inteira legião de poetas e oradores árabes do grau mais alto não conseguiram produzir? E será que é lógico Muhammad, conhecido por Al-Amin (o Fiel), na sua sociedade, e que é ainda admirado por eruditos não muçulmanos, devido à sua honestidade, aparecer com uma reivindicação falsa e sobre essa falsidade poder treinar milhares de homens de caráter, integridade e honestidade que foram capazes de instaurar a melhor sociedade humana sobre a face da terra?

Certamente que qualquer investigador imparcial e sincero acreditará que o Alcorão é o Livro revelado de Deus, e que nunca podia ser escrito por um ser humano.

Apresento aqui opiniões de alguns eruditos conhecidos, não muçulmanos, sobre o Alcorão, sem necessariamente concordar com tudo o que eles dizem:

*Contudo, várias vezes viramo-nos para ele (Alcorão), primeiro desagradamos, por vezes refresca-nos, de repente atrai-nos e confunde-nos' e no fim obriga-nos ao nosso maior respeito; é o seu estilo, em conformidade com o seu prefácio e*

*o seu objetivo, é extenso, terrível e verdadeiramente sublime; assim este Livro continuará a existir para todas as gerações.*

*Goethe, o grande poeta alemão.*

(citado no “T. P. Hugges Dictionary of Islam”, p. 526)

*O Alcorão ocupa reconhecidamente uma posição importante entre os grandes Livros religiosos no mundo, se bem que os trabalhos da época atual, pertencentes a esta classe de literatura quase não produzam efeito algum relativamente ao que o Alcorão produziu sobre as massas. Criou uma nova fase do pensamento humano e uma nova forma de caráter, Primeiro, transformou um número de tribos heterogêneas do deserto da Península Arábica numa nação de heróis; posteriormente, continuou a criar as vastas organizações políticas e religiosas do mundo muçulmano, que são uma das maiores potências que a Europa e o oriente hoje respeitam.*

*David Samuel Margoliouth*

(Introdução de J. Ma Rodwell’s “The Koran New York”, every mans library, 1977, P. VII)

*Por isso não tem havido oportunidades para qualquer falsificação ou fraude no Alcorão, o que o distingue de quase todas as outras obras religiosas importantes da antiguidade. É extremamente estranho que este homem iletrado tivesse composto o melhor livro da língua.*

*Basanta Coomar Bose*

(“Mahommedanism”, Calcutta, 1931, p. 4)

A observação acima mencionada faz com que a hipótese insustentável avance para aqueles que consideram Muhammad como o autor do Alcorão.

*Como é possível um homem iletrado tornar-se no autor mais importante em termos de mérito literário em toda a literatura árabe? Como pode ele pronunciar da natureza científica que nenhum outro ser podia produzir naquela altura, e tudo sem um único engano?*

*Maurice Bucaille.*

(“The Bible, the Quran and Sience”, 1978, p. 125)

*Aqui, portanto, os seus méritos como produção literária não devem ser medidos pela soma máxima do subjetivo preconcebido e gosto estético, mas sim pelo efeito que ele produziu nos contemporâneos de Muhammad e seus partidários. Se ele falou tão poderosa e convincentemente para os corações dos seus ouvintes a fim de consolidar até agora os elementos centrífugos e antagônicas num só compacto e um corpo organizado, inspirado por Ideias, longe daqueles que tinham até agora governado a mente árabe, então a sua eloquência era perfeita, simplesmente porque criou uma nação civilizada duma tribo selvagem e ofereceu um exemplo para a história.*

Dr. Steingass

(citado no “Hughes Dictionary of Islam, p. 526)

*Ao efetuar o seguinte esforço para melhorar a execução dos meus antecessores e produzir alguma coisa que possa ser aceite “eco” de qualquer forma débil ao retórico sublime do Alcorão árabe, sacrifiquei imenso em estudar os intrigados e amplamente variados rítmicos que além da mensagem em si, constituem em inegável reivindicação para enfileirar entre as maiores obras-primas literárias do homem. Esta feição característica – essa sinfonia inimitável como Pickthall no seu Livro Sagrado:*

*“O tal som que induz no homem as lágrimas e arrebatamento” foi quase ignorado por tradutores anteriores; e por isso aqui que escreveram é absurdo em relação ao original.*

Arthur J. Arberry

(“The Koran Interpreted” - London Oxford University Press, 1964)

*Um exame do mesmo (Alcorão), totalmente objetivo, a luz do conhecimento moderno, guia-nos para o reconhecimento do acordo dos dois como já foi notado em repetidas ocasiões. Ele faz com que nós duvidemos de como foi possível um homem da era de Muhammad ter sido o autor de tais afirmações, devido ao estado de conhecimentos da época. Tais considerações são partes daquilo que concede às revelações alcorânicas o lugar incomparável e obriga o cientista imparcial a admitir a sua incompetência e incapacidade de fornecer uma explicação que só depende do raciocínio materialista.*

Maurice Bucaille

(“The Quran and Modern Science”, 198, p. 18)

Os leitores podem facilmente ver como é que o mundo moderno está aproximando-se da realidade no que diz respeito ao Alcorão. O Alcorão foi revelado em língua árabe. O árabe é uma língua rica e poderosa, profundamente concisa. Nenhuma tradução, por muito fiel que possa ser, foi completamente conseguida, e o árabe do Alcorão é, ora cortante, ora exaltante, cheio de imagens, violento, terno. O Prof. Gibb, assim o disse: Ninguém, jamais, em mil e cinquenta anos, utilizou este instrumento sonoro com tanto poder, tanta audácia e com uma tal gama de efeitos emocionais. As suas imagens fulgurantes e o seu ritmo inexorável, vão diretos ao cérebro e arrebatam-no. Não é de admirar, portanto, que um hábil recitador do Alcorão possa levar um auditório que perceba árabe a derramar lágrimas. Estas são as qualidades que nenhum outro livro do mundo possui. O Alcorão desafiou todos os árabes eloquentes conjuntamente, para produzirem um único capítulo semelhante ao do Alcorão, mas ninguém o conseguiu e nem conseguirá. Diz:

*Mesmo que os humanos e os gênios se tivessem reunido para produzir coisa similar a este Alcorão, jamais teriam feito algo semelhante, ainda que se ajudassem mutuamente. (17:88)*

Goethe, o grande poeta alemão diz:

*Através deste livro (Alcorão), os árabes conquistaram um mundo maior do que o de Alexandre e um império muito mais vasto do que o de Roma, e o tempo que o Império Romano necessitou para as suas conquistas os árabes não o necessitaram, nem um décimo.*

Immanuel Dosh, orientalista alemão, diz:

*Dentre todos os povos semitas, só os árabes com a ajuda do Alcorão, entraram vitoriosamente na Europa. Quando os fenícios entraram como comerciantes, os judeus como refugiados e prisioneiros, esses árabes mostraram a luz à humanidade, enquanto todos os cantos do mundo encontravam-se envolvidos em trevas. Esses árabes reavivaram a sabedoria e prudência da Grécia, ensinaram filosofia do oriente e do ocidente, medicina, astronomia, assim contribuindo para a origem da ciência atual (moderna). Nós sempre faremos luto no dia em que Granada caiu das mãos dos árabes.*

O conhecido tradutor do Alcorão, George Sail, escreve: *A caneta humana é impotente em escrever um livro milagroso como o Alcorão; é um milagre absoluto. Muito superior ao milagre de ressuscitar os mortos.*

*A consciência da justiça é uma das mais extraordinárias imagens do Islam, porque quando leio o Alcorão encontro princípios dinâmicos de vida, não mistérios, mas sim éticas, práticas para a conduta da vida diária, precisamente para todo o mundo.*

*Sarojini Naidu*

(Lições sobre “Os ideais do Islam”)

O Rev. R. Bosworth Smith, no seu livro “Muhammad and Muhammada-nism”, diz sobre o Alcorão:

*Um milagre de pureza e estilo, de prudência e de verdade.*

Estes eram alguns dos tributos não solicitados, prestados pelos inimigos declarados do Islam, a respeito do Alcorão, sobre a natureza milagrosa. Hoje, passados 1.400 anos, ninguém foi capaz de alterá-lo numa simples frase ou produzir uma coisa semelhante e nem está dentro da capacidade de alguém fazer isso, assim como diz o Alcorão (Cap. 17, verso 88).

É porque Deus se incumbiu de preservá-lo, assim como Ele diz no Alcorão, 15:9:

*Nós revelamos a Mensagem e somos o Seu Preservador.*

E de acordo com os ditos do Profeta Muhammad:

*Antes de mim, a cada Profeta foi atribuído o milagre, eles praticaram-no durante o tempo da sua vida. Jesus utilizou-o para a cura dos doentes e ressuscitou os mortos, etc.. Moisés teve o cajado, etc. E a mim (Muhammad) foi-me dado um milagre permanente: O Alcorão. Assim desejo que os meus seguidores sejam mais numerosos que os Apóstolos dos outros, como o meu milagre permanecerá até ao dia da Ressurreição e é um Livro Glorioso; quando alguém o recita, mesmo que seja descrente, fica convencido que o Alcorão não foi escrito por um ser humano ou qualquer outra criatura (anjo, gênio, etc.), mas provém do Criador dos céus e da terra.*

É o livro mais lido no mundo; aproximadamente um bilhão de muçulmanos recitam longas seções do Alcorão cinco vezes por dia, todos os dias da sua vida, desde o momento que começaram a falar.

## **O QUE OS NAO MUÇULMANOS DIZEM A RESPEITO DE MUHAMMAD E O ISLAM**

George Bernard Shaw, inglês, filósofo, no “Islam genuíno”, diz: “Sempre respeitei a religião de Muhammad com alta estima devido à sua extraordinária vitalidade; é a única religião que me parece possuir capacidade assimilativa para a mudança da face da existência que pode atrair qualquer era. Os eclesiásticos medievais, ou por ignorância ou por fanatismo, pintaram o Muhammadanismo (Islam) com as mais negras cores. Eles foram de fato instruídos para odiarem tanto Muhammad como homem, como a sua religião.

Para eles, Muhammad era anticristo: eu estudei a esse homem extraordinário e, em minha opinião, longe de ser um anticristo ele deve ser chamado “o Salvador da Humanidade”. Eu acredito que se um homem como ele assumisse o poder do mundo moderno teria sucesso em resolver os problemas dum mundo que teria a tão ambicionada paz e felicidade. Eu profetizei acerca da fé de Muhammad, que será aceitável para a Europa de amanhã como está sendo iniciada a sua aceitação para a Europa de hoje”.

### **UM OUTRO ESCRITOR INGLÊS ESCRIVE:**

*Durante o domínio muçulmano não havia uma única tentativa organizada para forçar a aceitação do islamismo para com as populações não muçulmanas e nem houve perseguições sistemáticas com o fim de extinguir a religião cristã. Se os califas tivessem escolhido quaisquer desses meios de ação teriam varrido o cristianismo tão facilmente como Fernando e Isabel varreram o Islam da Espanha ou Luís XIV tornou o protestantismo penal em França ou como os judeus foram mantidos fora da Inglaterra durante 350 anos. O simples fato da sobrevivência das igrejas cristãs na Ásia, até aos nossos dias, é uma forte prova da atitude geralmente tolerante dos governos muçulmanos em relação aos súditos não muçulmanos.*

*Nunca algum povo foi dirigido tão rapidamente à civilização como o foram os árabes através do Islam. (New Researchs by Hirshfeld)*

*A mais desunida gente é difícil encontrar até que, de repente, surgiu o milagre. Apareceu um homem que através da sua personalidade e pela reivindicação direta da orientação divina, sem dúvida, fez o impossível: A união de todas essas facções guerreiras. (Ins and outs of Mesopot)*

*Assim era, muito resumidamente, o estado social e religioso dos árabes quando, para utilizar a expressão de Voltaire... a mudança da Arábia chegou quando o momento mais exato surgiu. Foi a mais repentina e extraordinária revolução que surgiu em qualquer nação acima da terra. (Bosworth Smith).*

*Desde os tempos conhecidos, Makkah e a Península Arábica tinham caminhado o torpor espiritual, a leve e momentânea influência do judaísmo, cristianismo ou a investigação filosófica foi para a mente árabe como uma perturbação da superfície dum lago sem movimento. Todos se mantiveram imóveis, baixos e serenos. As pessoas estavam afogadas na superstição, crueldade e vícios... A religião deles era idólatra, densa; a fé deles era a obscura superstição, medo de coisas ocultas... Treze anos antes da Hégira, Makkah estava colocada sem vida nesse estado degradado; que mudança esses treze anos produziram agora! A veracidade judaica já há muito tempo tinha soado nos ouvidos dos homens de Madinah, mas enquanto não tinham ouvido o esforço excitante do Profeta da Arábia, que os despertou do sono; de repente deram um salto para uma nova e fervorosa vida. (Muir)*

*E mesmo assim, nós podemos verdadeiramente dizer que nenhuma história pode orgulhar-se dos eventos que produzem a imaginação da maneira mais viva ou que pode ser mais surpreendente em si próprio, do que aqueles que nós encontramos na vida dos primeiros muçulmanos, quer consideremos o grande chefe ou os seus ministros mais ilustres de entre os homens, quer tomemos em conta a maneira de vários países por eles conquistados, ou ainda observarmos a coragem, virtude e sentimentos que igualmente prevaleciam (dominavam) entre os seus generais e soldados. (Life of Mahomet by count of Boulainvilliers)*

*De todas as personalidades religiosas do mundo, Muhammad foi o que teve o maior êxito. (Enciclopédia Britânica, 11.º art., "Koran").*

A revista semanal de notícias "Time", datada de 15/7/74, traz uma seleção de opiniões de vários historiadores, militares, homens de negócios e outros, sobre o assunto: Quem foram os grandes chefes da história?

Alguns disseram que foi Hitler, outros disseram Ghandi, Buda, Lincoln e semelhantes, mas Jules Masserman, psicanalista dos Estados Unidos da América, arranjou os padrões, sem rodeios, dando o critério correto de como julgar. Ele disse:

*Os chefes devem satisfazer três funções:*

*1 - Providenciar o bem-estar a favor do governado;*

*2 - Proporcionar uma organização social na qual o povo se sinta relativamente seguro;*

*3 - Provê-los com uma coleção de crenças.*

Munido dos três critérios acima indicados, ele investiga a história e analisa: “Hitler, Pasteur e Salk são chefes da primeira categoria. As pessoas semelhantes a Ghandi e Confúcio, por um lado, e a Alexandre, César e Hitler, por outro, são chefes da segunda e talvez da terceira. Jesus e Buda pertencem à terceira categoria, sozinhos. Talvez o maior chefe de todos os tempos tenha sido Muhammad, em quem se combinam, simultaneamente, as três funções. Em menor grau, Moisés fez o mesmo”.

De acordo com os padrões imparciais estabelecidos pelo professor da universidade de Chicago, quem eu creio, até, ser judeu, Jesus e Buda estão longe do quadro dos “grandes chefes da humanidade”; mas, por uma estranha coincidência, agrupa Moisés e Muhammad juntos e, por conseguinte, acrescenta mais peso ao argumento de que “Jesus não é semelhante a Moisés mas Muhammad é semelhante a Moisés. Deut. 18-18: “Semelhante a Ti”, como Moisés.

O conhecido jornal londrino “Near East”, numa das suas edições escreve:

*Se não reconhecemos o valor, a grandeza e virtude dos ensinamentos e orientação de Muhammad, na realidade estamos alheios da prudência e da sabedoria.*

*A história esclareceu, contudo, que a lenda dos muçulmanos fanáticos arrastando o mundo e forçando o Islam à ponta da espada sobre os povos conquistados é um dos mais fanáticos e absurdos mitos que os historiadores constantemente mencionam. (De Lacy O’leary Islam at the Crossroad’s, London 1923, 9-8)*

*Não há outra religião na história que se expandiu tão rapidamente como o Islam; o ocidente pensou que esta onda de religião foi possível através da espada, mas nenhum sábio moderno aceita essa ideia. O Alcorão está explícito no apoio à liberdade de consciência. James A. Michener, “Islam, the Misunderstood Religion”, “Reader’s Digest” (American edition - may 1955).*

*A ideia original de Muhammad que as religiões antecedentes foram fundadas pela permissão e através da revelação divina, levou ele e seus sucessores a faze-*

*rem concessões importantes; os aderentes doutras crenças não foram forçados a adotarem o Islam. Talvez pareça paradoxo afirmar que foi a influência cristã que primeiro agitou o Islam à animosidade religiosa e armou-o com a espada contra o cristianismo. Mas as hipóteses tornam-se altamente prováveis depois de compreendermos o indiferentismo dos conquistadores Maometanos... Os cristãos tiveram acesso aos mais altos cargos do Estado, até ao posto de vizir (ministro), sem serem forçados a renunciarem à sua fé, mesmo durante o período das cruzadas, quando a oposição religiosa foi intensificada grandiosamente. Também através da política cristã... a teoria de que 'Os conquistadores Maometanos e seus sucessores foram inspirados por um ódio fanático contra o cristianismo, é uma ficção inventada pelos cristãos. (C. H. Beeker, "Christianity and Islam", London 1909, pp. 28-33).*

*Não sou muçulmano no sentido habitual, mas sou Muslim no sentido literal que é submeter-se perante Deus, acredito que tudo que está no Alcorão e outras expressões de visão islâmica são reservas vastas de realidades divinas, das quais eu e outros ocidentais temos muito que aprender. O Islam é certamente forte sustentáculo para o fornecimento de armação básica da única religião do futuro. (W.*

Montgomery Watt, "Islam and Cristianity Today", London, 1983).

*Que as suas (de Muhammad) reformas realçaram o estatuto da mulher, na generalidade, é um fato universalmente admitido. (M. A. R. Gibb, "Muhammadianism", London, 1953, p. 33).*

*A evolução do Islam é provavelmente o mais extraordinário acontecimento da história humana surgindo de uma terra e pessoas previamente desconhecidas, o Islam espalhou-se em um século sobre metade do mundo, despedaçando grandes imperadores, derrubando religiões estabelecidas há anos, modificando as almas raciais e construindo um novo mundo, o islâmico.*

*Quanto mais profundamente examinamos este acontecimento, mais extraordinário se torna. Outras grandes religiões que se expandiram lentamente através de lutas dolorosas, triunfaram com a ajuda de grandes e poderosos monarcas que se converteram para a nova fé. O cristianismo tinha o seu Constantino, o budismo o seu Asoka e o zoroastrismo o seu Ciro. Cada um dedicava-se ao seu culto escolhido como poderosa força de autoridade secular, excetuando o Islam que, nascendo num deserto escassamente habitado pela raça nômade, cuja raça não tinha nenhum realce nos anais humanos. O Islam começou .as atividades na sua grande aventura com um reduzido apoio humano, contra inimigos ma-*

*terialistas. Mesmo assim, o Islam triunfou, com uma milagrosa tranquilidade. Algumas gerações viram o crescente ardente a nascer vitorioso dos Pirineus para os Himalaias e do deserto da Ásia Central para os desertos da África Central. A. M. L. Stoddard.*

*A religião que conheço e da qual sempre disse que é ciente dos segredos da criação e da realidade das coisas, ao mesmo tempo coextensiva com a civilização é a religião do Islam e só o Islam. (Wells)*

Isto foi um relance do islamismo.

As suas virtudes são reconhecidas mesmo pelos eruditos justos, não muçulmanos.

*Apesar do Islam ter começado na Arábia, agora já se expandiu através do Globo para tornar-se a mais jovem fé universal do mundo.*

*Na Inglaterra havia há pouco tempo um milhão e meio de muçulmanos (atualmente ascende a dois milhões); centenas de escolas islâmicas e várias dezenas de mesquitas propositadamente construídas; a maior delas é a que está à vista de Regent's Park em Londres... o que é que as nações não muçulmanas deveriam fazer face o renascimento islâmico? Adaptar-se a isso e, esperançosamente, aprender uma lição: Que mesmo nesta era científica, uma religião que nasceu no deserto há séculos, pode provar ser capaz de deitar abaixo os mais fortes monarcas (o recente caso foi o do Irã). (Walliam Grif-Fith, "Islam on the March", "Reader's Digest", julho 1979)*

Numa comparação entre o islamismo e o cristianismo, segundo o UNA, London FEB 19, 1980: "O Islam é sem dúvida a religião que se está expandindo com maior rapidez".

Na Inglaterra, segundo o "Daily Telegraph", nos últimos vinte anos, foram fundadas entre 300 e 400 mesquitas, enquanto no mesmo período 650 igrejas Anglicanas foram declaradas redundantes. Algumas mesquitas são do tamanho de catedrais. Nos anos recentes há um aumento significativo de jovens a abraçarem o Islam.

*Noutras partes da Europa também o Islam está em constante crescimento. Na França, já se tornou na segunda maior religião, que hoje atrai 6.000 muçulmanos às sextas-feiras à Mesquita de Paris, enquanto por outro lado os assentos estão vazios aos domingos nas igrejas católicas. (June South Worth, "Daily Mail")*

*O Vaticano também vai ter um grandioso Centro Islâmico, constituído por mesquita e escola islâmica, etc. Os minaretes estão surgindo contra os arranha-céus, em várias cidades europeias, os cemitérios, os matadouros para degolarem o animal conforme o ritual islâmico também já existem. Vários países europeus reconhecem o Islam como religião oficial, como é o caso da Bélgica, Áustria e outros. (John Lawton, "Washington Post")*

*Anualmente há 700 conversões ao islamismo na mesquita de Paris, envolvendo na sua maior parte os intelectuais e jovens estudantes. Entre os convertidos a maioria são católicos, a seguir os protestantes e depois os judeus. (PP, London, 4 de maio de 1980)*

*Atualmente na Alemanha há mais de dois milhões de muçulmanos e nos Estados Unidos o Islam constitui o terceiro maior grupo religioso, depois dos cristãos e judeus e isto (na América) só dentro dos últimos 20 anos, enquanto o judaísmo já está lá a uns 400 anos. (UPP, maio 27, 1979)*

Infelizmente, alguns dos cristãos ocidentais consideram o Islam como religião rival em vez de procurarem compreender o sucesso fenomenal que obteve durante os seus primeiros tempos. Durante os séculos dos cruzados esta tendência ganhou mais força e ímpeto e enorme literatura foi produzida para deslustrar a imagem do Islam. O Islam começou a abrir as suas autenticidades aos sábios ocidentais contemporâneos, que possuíam pontos de vista enganadores, fornecidos por ocidentalistas imparciais.

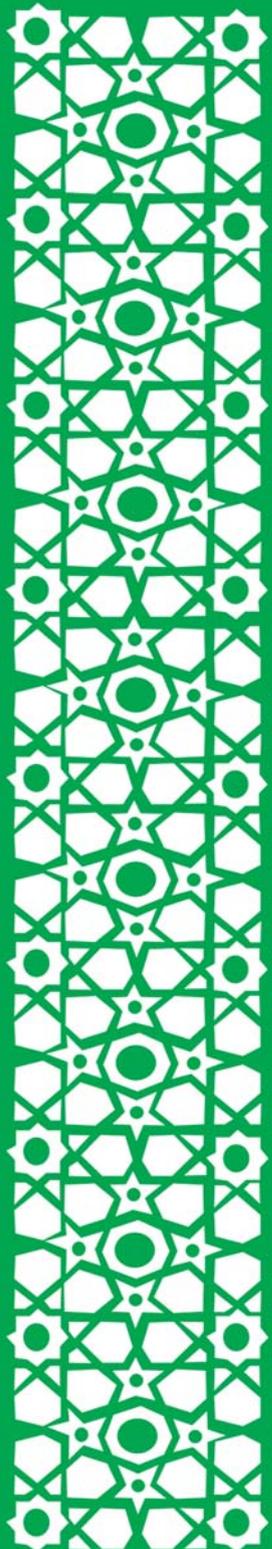
Eis Muhammad, o selo dos profetas, em quem terminou a corrente da profecia iniciada com Adão, isto porque a humanidade atingiu a sua maturidade em todos os aspectos. Por isso, Deus enviou através dele um livro (Alcorão) perfeito, sempre vivo, aplicável em todas as eras, locais e gerações e garantindo a sua preservação contra qualquer alteração ou deturpação. Não restando assim necessidade da vinda de outro profeta, excetuando Jesus, que, enquadrado na missão do Islam, virá completar a sua missão deixada incompleta.

Termino assim como inicie, em nome de Deus, rogando que nos desperte antes de ser tarde e que nos dê força e coragem, tornando-nos em dianteiros sinceros no serviço do Islam, pondo em prática as suas ordens na íntegra, pois isso é suficiente para alcançarmos a honra e sucesso neste e noutro mundo. A paz que esteja com os enviados de Deus, e louvado seja Deus o Senhor do Universo.









**CDIAL**